PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

A VOCAÇÃO MEMORIALÍSTICA DE ISAÍAS ALVES: VARIANTES (AUTO)BIOGRÁFICAS

CARLA DE QUADROS

PORTO ALEGRE (RS)
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

CARLA DE QUADROS

A VOCAÇÃO MEMORIALÍSTICA DE ISAÍAS ALVES: VARIANTES (AUTO)BIOGRÁFICAS

Porto Alegre (RS)
2014

CARLA DE QUADROS

A VOCAÇÃO MEMORIALÍSTICA DE ISAÍAS ALVES: VARIANTES (AUTO)BIOGRÁFICAS

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Orientador : ANTÔNIO CARLOS HOHLFELDT

Porto Alegre
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1v Quadros, Carla

A vocação memorialística de Isaías Alves : variantes (auto)biográficas / Carla Quadros. - Porto Alegre, 2014.
209 f. : il.

Tese (Doutorado em Teorias da Literatura) – Faculdade de Letras, PUCRS em convênio com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) através do Programa de Doutorado Interinstitucional (Dinter).

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt.

1. Literatura Brasileira – História e Crítica. 2. Biografias – Crítica Literária. 3. Alves, Isaías – Crítica e Interpretação. 4. Memorialismo. I. Hohlfeldt, Antônio Carlos. II. Título.

CDD 869.909

.

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

CARLA DE QUADROS

A VOCAÇÃO MEMORIALÍSTICA DE ISAÍAS ALVES: VARIANTES (AUTO)BIOGRÁFICAS

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Aprovada em 22 de agosto de 2014

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt - PUCRS

Prof. Dr. Charles d'Almeia Santana- UNEB

Profa. Dra. Maria Helena da Rocha Besnosik - UEFS

Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti - PUCRS

Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo – PUCRS

Porto Alegre

2014

A Jorge de Souza Araujo, para quem vão meus pedaços quando me desfaço dos meus *eus*. A Mel, filha que me educa. A Sinéia Silveira, amiga, que me sustentou com afeto, orações e cafés.

PENHORAS AFETIVAS

Durante todo o percurso desta tese considerava o projeto da escrita uma atividade árdua, crendo que o espaço destinado aos agradecimentos seria mais ameno. Agora me deparo com a certeza de que construir um projeto de tese se confunde com a nossa trajetória humana e, por isso mesmo, agradecer,significa fazer recortes, a justar fibras ao que está presente na nossa memória mais perene. Dessa forma, reconheço os esforços de muitos que aqui não estão citados, mas contribuíram para a construção do meu projeto humano, o que faz desses registros a convocação de sentimentos diversos. Dentre eles, expresso sobretudo a gratidão, sentimento que não permite, segundo as sábias lições de minha mãe, gradações, ou seja, não se é mais ou menos grato, apenas se é grato. E nessa travessia diversas pessoas contribuíram para que este projeto de tese alcançasse o formato que ele alcançou. A essas pessoas só resta a minha eterna penhora afetiva. O termo é tomado de empréstimo ao campo jurídico e imprime o conceito de penhora: ato pelo qual se dá, em garantia de uma dívida, um bem de igual ou maior valor até o cumprimento da obrigação. Eis que se finda a obrigação.Só não sei se o bem com o qual lhes retribuo é de igual valor. Assim, penhoradamente, agradeço a:

A Antonio Carlos Hohlfeldt, **Orientador**, que acreditou quando o tempo e a distância diziam não, compreendendo as diferenças da escrita e demonstrando sempre um imenso saber sem nenhum exercício de poder, aprendendo a “ me ler”. Exemplo de intelectual e de ser humano.

A Carlos Vagner, amigo em tempo integral, fazendo-me sempre acreditar de que eu sou capaz.

A Charles D’ Almeida Santana, por compreender e contribuir sempre, com ética, coerência e lucidez.

A Deije, por organizar bachelarmente, falando a casa para nos receber.

Ao professor Jorge de Souza Araujo, que, de forma desprendida, contribuiu decisivamente para que o projeto chegasse ao fim, mesmo quando nem eu mesma mais acreditava ser possível.

À minha mãe, mulher sábia, que vive duelando com a memória e reclamando meus afetos para com ela.

A Nadja Amado, que manteve as portas de sua casa e do seu coração abertos para as minhas constantes “viagens”.

A Maria José Duip, representando, aqui, o Arquivo Público da Faculdade de Filosofia da Bahia, pela generosidade e coerência sempre presente ao tratar do acesso a informações importantíssimas.

A Lílian, amiga gentil, que muito me ensinou sobre o SER.

A Viviane Café, Marina Café, Dalete Gomes e Franciele Gomes, comadres e afilhadas, que aprenderam durante um período o verdadeiro significado do esquecimento.

Aos “baianos” que comigo fizeram uma travessia singular por outras terras frias...

Aos companheiros da DIREC, agilizando processos para que eu cumprisse essa etapa.

À professora Maria da Glória Corrêa di Fanti, pela singeleza em tratar de assuntos densos e embaraçosos.

A Roque Lyrio, amigo desde sempre, a quem amarei mesmo quando não houver mais amor.

E, por fim, à força divina, que reescreveu uma nova versão da vida para mim.

RESUMO

A escrita memorialística de Isaías Alves em **Vida e obra do Barão de Macahubas** (1942), **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo** (1967), contribui decisivamente para a discussão de fronteiras estilísticas e para analisar as retóricas narrativas por ele utilizadas, na condição de narrador *memorioso*, com o intuito de relacionar o relato memorialístico e a escrita da história, observamos os detalhes impressionistas desse narrador exatamente na tentativa de compreender de que forma Isaías Alves articula a sua produção narrativa, considerada memorialística, dialogando com diferentes formatos textuais - biografia, autobiografia e memória - mas sempre priorizando a inscrição de si. Este estudo investiu seus esforços no mapeando de fronteiras estilísticas entre Literatura, História Social, Memória Social e Coletiva, presentes em textos, considerados híbridos, revisitando a história, a teoria da literatura e conceitos empregados para gêneros como a *(auto)biografia*, a memória e outras ciências a fim de reconsiderar caminhos que assegurassem a afirmação de que a presença do memorialismo em Isaías Alves e suas variantes *(auto/memo)biográficas* ajustam-se num diálogo interdisciplinar que, embora demonstre um viés saudosista, cantor de si, também assume compromisso com a historiografia, ao tempo em que firma um pacto consigo, o que supõe um engajamento íntimo demarcado pela função e pelo lugar do autor/narrador. Observa-se, aqui em Isaías Alves um intelectual orgânico, considerado por alguns críticos, como positivista, que desempenhou diversas funções públicas, sem ter alcançado a representatividade que outros tiveram, e que ele, muito acertadamente, julgava merecer, ao estabelecer relações importantes entre história e memória mediante o relato biográfico e autobiográfico. Defendemos, portanto, a iniciativa de, primeiro, situar as obras aqui elencadas no contexto da literatura brasileira, retirando-lhes os invólucros de classificação postos por estudiosos, bem como rever o percurso de um intelectual esquecido ou silenciado, em virtude da escolha política por ele assumida, mas reconhecidamente um narrador memorialista que, mapeando suas impressões sentimentais pôde rever o percurso histórico da educação, num tom que nos lembra o das narrativas épicas, somados à preocupação do autor em organizar arquivos, o que o eleva à condição de guardião de suas e das memórias do Recôncavo Sul Baiano. Para estabelecermos o diálogo analítico convocamos teóricos como: Philipe Lejeune (2008) Leonor Arfuch (2010), Francoise Dosse (2009), Diana Klinger (2012), Roland Barthes (1984), Luiz Costa Lima (1991) e Daniel Pécaut (1990) dentre outros também convidados.

Palavras-chaves: Memorialismo. (Auto)Biografia. Narrador. Autor.

RESUMEN

Las memorias escritas en Isaías Alves **Vida y obra del Barón Macahubas** (1942), **La vocación pedagógica Rui Barbosa** (1959) y **Matas do certão** (1967), contribuye de manera significativa a la discusión de los límites estilísticos y analizar narrativas retóricas utilizadas siempre por él, narrador memorioso, Con el fin de relacionar el relato memorístico y de la historia escrita, se observa que los detalles impresionistas de estenarrador al tratar de entender exactamente cómo Isaías Alves articula su producción narrativa, consideradas memorias, dialogando con los diferentes formatos textuales - la biografía, autobiografía y memoria - pero siempre priorizando el registro en sí mismo. Este estudio ha invertido sus esfuerzos en la cartografía de las fronteras estilísticas entre Literatura, Historia Social, Memoria Social y Colectiva en textos considerados híbridos, revisitando la historia, la teoría y los conceptos utilizados para géneros como la *(auto)biografía*, la memoria literaria y otras ciencias con el fin de reconsiderar los medios para lograr la afirmación de que la presencia de memorialismo en Isaías Alves y sus variantes *(auto)biográfica* establece un diálogo interdisciplinario que, aunque ha demostrado un sesgo nostálgico, propio cantante, requiere compromiso con la historiografía, al tiempo en que firma un pacto con ustedes, lo que supone un compromiso íntimo demarcada por la función y el lugar del autor/narrador. Se observa aquí en Isaías Alves positivista y un intelectual orgánico que ocupó diversas funciones públicas, sin haber llegado a la representatividad que otros tuvieron, y con toda la razón más digno, para establecer importantes relaciones entre la historia y la memoria a través de la historia biográfica y autobiográfica. Por lo tanto, abogamos por la defensa de la iniciativa, en primer lugar, situar las obras enumeradas aquí en el contexto de la literatura brasileña privándo los envoltorios, clasificación erróneamente colocada por los estudiosos, y, revisar el itinerario intelectual de un olvidado o silenciado, en virtud de una decisión política asumida por el mismo, pero la verdad es un narrador cronista, mapeo de sus impresiones sentimentales podría revisar el desarrollo histórico de la educación en un tono que nos recuerda los relatos épicos, junto con la preocupación del autor en la organización de archivos, lo que eleva el estado de tutor de sus memorias del Reconcavo Sur Baiano. Para establecer el diálogo analítico convocamos Teóricos: Philippe Lejeune (2008) Leonor Arfuch (2010), Francoise Dosse (2009), Diana Klinger (2012), de Roland Barthes (1984), Luiz Costa Lima (1991) y Daniel Pécaut (1990) entre otros, también convocado.

Palabras clave: Memorialismo.(Auto)Biografia.Narrador. Autor

ABSTRACT

The memorialistic writing by Isaías Alves in **Vida e obra do Barão de Macahubas** (1942), **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) and **Matas do Sertão de Baixo** (1967) has made a significant contribution to the discussion of stylistic boundaries, as well as to the analysis of rhetorical narrative of which he has made use, in a state of *memorious* narrator, intending to relate the memory report and the story writing. It is possible to observe the impressionist details of the narrator in his attempt to understand how Isaías Alves articulates his narrative production, considered memorialistic, reaching out to different text formats – biography, autobiography, and memoir – but always giving priority to the inscription of the self. This study has tried to map the stylistic boundaries among Literature, Social History, Social and Collective Memory, present in texts, considered hybrid, revisiting History, Literary Theory and concepts employed in genres such as *(auto) biography*, *memoir* and others in order to reconsider the paths which confirm the assertion that the presence of memory in Isaías Alves and his (auto) biographical variations adjust to an interdisciplinary dialogue that, although displaying a nostalgic slant, also commits to historiography, while signing a pact with himself. This suggests an intimate engagement marked by the place and position of the author/narrator. It is possible to observe in Isaías Alves an organic and positivist intellectual, who performed several public functions, without reaching the representativeness that others did, and which he rightly thought he deserved, in establishing relevant relations between history and memory through biographical and autobiographical reports. We defend, firstly, the initiative of placing the works mentioned here in the context of Brazilian literature, removing the classification wrappings mistakenly placed by scholars; reviewing the journey of a forgotten, or silenced, intellectual by virtue of his political choices, but admittedly a memorialist narrator who, mapping his sentimental impressions, could review the historic path of education in a tone which reminds us of the epics, in addition to the author's concerns about organizing files – raising him to the category of guardian the memories of Recôncavo Sul Baiano and his own. To establish the analytical dialogue, theoreticians such as Philipe Lejeune (2008) Leonor Arfuch (2010), Francoise Dosse (2009), Diana Klinger (2012), Roland Barthes (1984), Luiz Costa Lima (1991) and Daniel Pécaut (1990), among others, have been examined.

Key words: Memory. (Auto) Biography. Narrator. Author

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Fotografia encontrada entre os documentos pessoais de Ísaias Alves. Fonte: Arquivo Pessoal de Isaías Alves, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 61

Foto 2 - Cópia da reportagem sobre a pesquisa e construção da árvore (genealógica) das famílias do Recôncavo Baiano. Fonte: APIA: FFCH 67

Foto 3 - Documento oficial comprobatório da condição de representante dos estudantes de Direito (fato reiterado nas três obras de Isaías Alves, em análise). Fonte: APIA: FFCH 68

Foto 4 - Cópia do currículo entregue por Isaías Alves para publicação no Diário Oficial. Fonte: APIA: FFCH 70

Foto 5 - Entrevista em que Isaías Alves declara não ser mais integralista. Fonte: Arquivo Público da Bahia - Série Republicana 76

Foto 6 - Reportagem do Jornal O Globo sobre aplicação dos testes nas escolas públicas. Fonte: APIA-FFCH 79

Foto 7 – Explicação de Isaías Alves sobre o fato de, na fotografia, estar escrevendo com a mão direita. Fonte: APIA-FFCH 80

Foto 8 - Lista de doadores para a fundação da FFCH 85

Foto 9 - Reportagem sobre o falecimento de Isaías Alves. Fonte: APIA- FFCH 87

Foto 10 - Reportagem do Jornal Diário de Notícias em que Isaías Alves defende a gratuidade do ensino. Fonte: APIA- FFCH 90

Foto 11 - Correspondência enviada a Isaías Alves, informando-o sobre o lançamento de seu livro. Fonte: APIA- FFCH 95

Foto 12 - Compilação de notícias sobre Isaías Alves, por ele organizada. Fonte: APIA-FFCH 109

Foto 13 - Carta de Jorge Amado endereçada a Isaías Alves. Fonte: APIA 178

SUMÁRIO

1 COMEÇO DE VIAGEM 03

2 POR UM REPERTÓRIO (AUTO)BIOGRÁFICO 11

2. 1 TRILHAS PARA O GÊNERO MEMORIALÍSTICO 11

2. 1. 1 TRILHA I: UM RÁPIDO PERCURSO PELA *(AUTO)BIOGRAFIA* 16

2. 1. 2 TRILHA II: ESCRITA *(AUTO)BIOGRÁFICA:* MEMÓRIA E NARRATIVA 31

2. 1. 3 TRILHA III: ISAÍAS ALVES, O NARRADOR *MEMORIOSO* 43

2. 1. 4 TRILHA IV: ENCURTANDO CAMINHOS 53

3 ISAÍAS ALVES: DA VOCAÇÃO MEMORIALÍSTICA AO NARCISO ESTILHAÇADO 61

3. 1 BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS 65

3. 2 INTELECTUAL PELA PORTA DOS FUNDOS 78

3. 3 ISAÍAS ALVES E ANÍSIO TEIXEIRA: SIMETRIAS E DIVERGÊNCIAS 88

3. 4 O MEMORIALISTA FRONTEIRIÇO 101

3. 5 TRÊS VISÕES DE UMA INDIVIDUALIDADE 115

4 TRAVESSIAS DE UMA MEMÓRIA (AUTO) BIOGRÁFICA 130

4. 1 VARIANTES DE UM DUBLADOR DE SI 131

4. 2 VARIANTES DE UM NARRADOR MEMORIOSO 134

4. 3 ISAÍAS E BARÃO DE MACAÚBAS: DIÁLOGOS ENTRE EDUCADORES 149

4. 4 **VOCAÇÃO PEDAGÓGICA DE RUI BARBOSA** 162

4. 5 **MATAS DO SERTÃO DE BAIXO**: ODE, MEMÓRIA E HISTÓRIA SOCIAL 175

4. 6 E PARA FINALIZAR O CAPÍTULO 191

5 FINAL DE VIAGEM:ENCRUZILHADAS 194

REFERÊNCIAS 200

ANEXO A: FOTOCÓPIAS DE DOCUMENTOS

ANEXO B: CD CONTENDO FOTOCÓPIAS DOS LIVROS DE ISAÍAS ALVES:

VIDA E OBRA DO BARÃO DE MACAHUBAS (1942)

VOCAÇÃO PEDAGÓGICA DE RUI BARBOSA (1959)

MATAS DO SERTÃO DE BAIXO (1967)

1 COMEÇO DE VIAGEM

A todo momento a escrita desta tese, ganhava contornos emotivos face à necessidade de remissão ao passado a que o inconsciente sempre nos convoca, quando nos inquirimos acerca do motivo de nossa inclinação em pesquisar e, consequentemente, escrever sobre determinada perspectiva temática.

Primeiro, apresentamos uma justificativa para a escolha da proposta temática. Ou seja: escolhida como tema a escrita memorialística, restava-nos definir especificamente o campo de análise do autor e da obra. Conquanto nossa empreitada, desde a Especialização e o Mestrado, tenha se desdobrado em assuntos como *memória*, *memorialismo* ou *escritas de si*, em três autores baianos - Isaías Alves, Ana Ribeiro Goés de Bittencourt e Eurico Alves Boaventura - faltava-nos a definição por um deles. Escolhido Isaías Alves de Almeida, por ser dentre os três, o menos estudado e por apresentar uma proposta narrativa diferenciada em relação aos demais. Tudo nos fazia crer em coincidências, desde a definição dos títulos às possibilidades de desenhos produzidos para a escritura da tese, bem como os resultados de uma proposta de escrita que se pretendia diferente, mas tudo parecia jogado por terra, por encontrarmos algo similar a outras tantas, justamente por tratarmos das inscrições do *eu* e suas similitudes, evocando sempre elementos com certa proximidade na semântica do discurso.

Todo o percurso dos estudos e pesquisas aqui seguidos voltou-se para aspectos da nossa aldeia o que, de fato, fez-nos escolher o tema, as narrativas que se entrecruzam sob diferentes perspectivas em obras classificadas em rubricas catalográficas de História Social, Biografia e Memórias. Como objetivo geral, buscamos apontar e discutir a função e o lugar do narrador, e sua dimensão memorialística que percorre o universo complexo do Recôncavo Baiano e suas Matas. Tendo em vista o que Isaías Alves integra e descreve, considerando-lhe a escrita memorial assentada em uma tônica de escolha consciente, e levando em conta a frase comumente atribuída a Leon Tolstói, de que, para sermos universais, deveríamos primeiro narrar a nossa aldeia, priorizamos as narrativas descritoras principalmente de cenas ou personagens ligadas à Bahia.

Como num processo freudiano, retornamos à nossa infância no interior, deparando-nos com a cena em que irmãs mais velhas liam nosso diário em caderno de cor amendoada. Ali, frente às invasoras da intimidade, percebemos que elas transpuseram os umbrais do secreto e leram as nossas mais simplórias *confissões*. A cena pareceu-nos esquecida, mas foi a

ela que recorremos, independentemente dos teóricos ora lidos, para nos auxiliar no debate do tema. Enquanto as duas pequenas intrusas, de forma tirânica, riam das narrativas, um misto de raiva, decepção e felicidade clandestina nos acometia. Sabíamos e, no fundo, temíamos que o episódio pudesse acontecer e, por isso, selecionamos, como num grande quebra-cabeças, as peças que poderiam formar as imagens que, para elas, estavam prontas. Pois bem, as outras peças estavam em nossa posse e somente a nós cabia dispô-las numa tentativa singular de (re)construir uma imagem completa através de uma narrativa pessoal. Secretamente era isso que nos deixava felizes. Por mais que elas organizassem as peças, as narrativas obtidas seriam sempre um simulacro do real. Apenas nós teríamos as outras peças, que emprestariam ao jogo uma possibilidade de (in)finitudes. Todavia, com o passar dos anos, percebemos que, mesmo as peças por nós guardadas, diferentemente das dispostas pelas irmãs, em um outro momento, não reconstruiriam a realidade do vivido naquele tempo. Sempre precisaríamos revisitar as emoções, ressignificar os quadros esgarçados pela passagem do tempo, para melhor fruí-lo ou resguardá-lo.

Reiteramos que a escolha pelo autor, ainda na época do Mestrado, deu-se de forma enviesada. Procurávamos um poeta: Silvestre Evangelista, envolvido em um processo brutal de silenciamento. Informaram-nos de que, em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), encontraríamos alguns informes sobre o referido poeta. Partimos em busca desse livro e, quando estávamos de posse dele, e ao final de sua leitura, o real se desviou na travessia. Deparamo-nos com uma narrativa sedutora, com marcas de *inscrição de si* e desenhos estéticos valiosos, projetando um memorialismo próximo do que fariam grandes escritores da literatura brasileira, a exemplo de José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Gilberto Amado, Pedro Nava etc. A diferença entre eles estava no reconhecimento. Incursionamos pela pesquisa e descobrimos em Isaías Alves uma referência da pedagogia, marcada por tons memorialísticos, que invadiam toda a sua produção intelectual. Quando percebemos, já estávamos num envolvimento marcado por mais de uma dezena de livros, diversas conferências educacionais, decretos, atas, crônicas e muitos mais textos do autor que encontravam no narrador a marca autoral através de uma identidade pedagógica estilhaçada em fragmentos autobiográficos nessas mais variadas formas textuais.

Foi exatamente na tentativa de compreender a problemática, de que forma Isaías Alves articulava a sua produção narrativa, por nós considerada memorialística, dialogando com diferentes formatos textuais, mas sempre priorizando a inscrição de si, que este estudo se investiu de esforços para demarcar as fronteiras estilísticas entre Literatura, História Social, Memória Social e Coletiva, presentes nos textos, híbridos aqui considerados. Priorizamos a

(auto)biografia e a memória, observando-lhes os detalhes impressionistas na obra de um narrador investido em funções por ele assimiladas como essenciais para a ultrapassagem de seu ofício exclusivo de pedagogo.

Ao compreendermos a condição memorialística e autobiográfica inscrita nas obras, deparamo-nos com a hipótese de que Isaías Alves de Almeida, embora seja um narrador saudosista, cantor de si, também assume compromissos com a historiografia, ao tempo em que firma um pacto consigo e com o leitor o que se supõe pelo engajamento íntimo nas obras. Nesse sentido,é que aqui demarcamos com isso a função e o lugar do autor/narrador.

Por conseguinte o objetivo central desta tese consiste em discutir as fronteiras estilísticas na obra de Isaías Alves e analisar as retóricas narrativas utilizadas por ele,na condição de um narrador *memorioso.* No intuito de relacionar a narrativa (auto)biográfica e a escrita da história, observamos os detalhes impressionistas do narrador e investimos suas funções nos textos referidos.

No transcorrer das leituras para a construção do arcabouço teórico que sustente nossas conclusões, percebemos ser lugar - comum a afirmação de que, na última década, muito se publicou e se escreveu sobre a narrativa (auto)biográfica[1], conquanto seja certo também ainda nos faltar uma maior sistematização teórica dessa escrita. Na verdade, reconhecemos a infinidade de pesquisas e produções em um campo tão específico dos estudos. Atestando o que é bom ou ruim na biografia, se ela está mais para o campo da história, da literatura e/ou do jornalismo, contudo, deixam de lado aspectos significativos da narrativa *(auto)biográfica*, como a voz narrativa condutora do relato e da memória.

A escrita (auto)biográfica é comumente marca significativa de questionamentos. Ou seja: face a propostas com tal temática, caminhamos, de pronto, para dois lugares absolutamente comuns: os investimentos sobre a verdade ou o percurso histórico que acompanha toda e qualquer pesquisa sobre o gênero**,** e que se tornam, de fato, releituras históricas para um mesmo discurso narrativo.

Nessa tentativa de incursão, encaminhamo-nos para um diálogo já existente entre áreas consideráveis: a Literatura, a História e o Jornalismo. Assim sendo, nosso percurso ficou caracterizado como uma travessia transdisciplinar, predisposta a discutir as fronteiras do texto de escrita memorialística num autor baiano, o pedagogo Isaías Alves de Almeida. Inicialmente, o olhar se fixa numa decisão metodológica que, num primeiro momento, supera

[1] A palavra *autobiografia* aparecerá grafada *(auto)biografia*, pois o nosso estudo se pauta por uma análise de obras consideradas, pelo autor, como biográficas, embora a proposta desta tese considere que o recurso de escrita biográfica em Isaías Alves seja apenas um pretexto para o autor biografar-se recorrendo sempre a memória possibilitando uma variante denominada por nós como: *memo*/*auto*/*biografia*.

o debate em torno do mero autobiografismo e suas formas de representação. Nosso intuito, todavia, foi o de pensar a escrita (auto)biográfica na perspectiva também do leitor, não pretendendo desvelar a verdade da vida do (auto)biografado, nem do biógrafo, mas investigar, através de uma reorganização argumentativa, as varias formas de interpretar e representar a *(auto)biografia* através de uma escrita narrativa que assume, muitas vezes, características comuns à narrativa ficcional, o que se dá com as figuras do *narrador*, *personagem*, *tempo* e *linguagem*, embora reconheçamos que falte na literatura brasileira um suporte teórico consistente para a abordagem pretendida. Muitas vezes recorremos aos teóricos que estudam a prosa ficcional, buscando justamente uma aproximação com o nosso objeto, mas nos assentamos prioritariamente nos estudos de Philipe Lejeune (2008) Leonor Arfuch (2010) e Francoise Dosse (2009).

Partindo desses viés bibliográfico, elaboramos a hipótese de que o terreno sobre o qual se constrói a escrita (memo/auto)biográfica nas obras de Isaías Alves - **Vida e obra do Barão de Macahubas** (1942), **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo** (1967) - é o do memorialismo saudosista em obras orientadas a partir de tipos textuais diferenciados entre sí, mas vinculados à tônica da memória, em relatos produzidos por um narrador *memorioso*, que canta intermitentemente o passado, travestidos de uma missão recuperadora.

Suscitamos uma série de questões quanto ao gênero (auto)biográfico e suas naturezas identitárias. Dessa maneira, a metodologia de trabalho pautou-se em leituras das obras mencionadas, estabelecendo possíveis ligações com teóricos que reconhecem o entrecruzamento existente entre os discursos narrativos categorizados nas rubricas específicas de História ou de Literatura, confluindo, assim, para a análise comparada de obras em circuito problematizados dos tecidos aqui perfilados.

Dessa maneira, nossos objetivos secundários desdobram-se em revisitar Isaías Alves em sua condição de biógrafo-memorialista,compreedendo ser a fórmula testada, por ele, sua forma de inscrição em obras destinadas a estudar a vida de outros. Tais objetivos desdobraram-se em questionamentos norteadores da pesquisa: até que ponto poderíamos separar e definir gêneros para escrita de Isaías Alves sem incorrer em didatismos meramente reprodutores ? Como afirmar a inscrição da obra quando se biografismo ou memorialismo sem experimentarmos as lacunas conceituais que esse tipo de narrativa apresenta na Literatura Brasileira?

Recorremos às lições dos pactos formulados por Philippe Lejeune (2008) para nos auxiliar na verificação classificatória das obras em análise, se o formato por elas apresentado

assentam ou não nas propostas do teórico francês. No decorrer da análise, adotamos, como recurso, o termo assim grafado *(auto)biográfico*, já que interpretamos evidenciar que o escritor e pedagogo Isaías Alves recorreu à sua memória particular, mesmo quando se habilitou a escrever ensaios biográficos ou memórias de expoentes da educação e da cultura brasileiras.

No texto de Isaías Alves, encontramos um grau significativo de literariedade, o que põe em evidencia um narrador sagaz e com disfarces, a despeito da pessoa pronominal assumida no discurso. O narrador tornou-se, aqui, um elemento-guia através do qual o escritor consegue inserir a sua história de vida nos relatos a outros destinados, confirmando uma prosa com caracteres de verdade, ou verossimilhança transplantada a importantes elementos da memória. A constatação desses suportes, norteou a nossa tese, fortalecendo-a, ainda mais por percebermos que Isaías Alves se valeu da produção memorialística para reescrever a história da educação brasileira utilizando-se das narrativas biográficas.

Optamos então, nos conduzir ao lugar pretendido sem grandes sobressaltos. O fato é que houve dificuldades de encontrar caminhos e, consequentemente, a chegada. Mas, relendo o prosador Guimarães Rosa (1956), para quem o real se dá mesmo é na travessia, fomos sendo levados pelos fios do novelo de Ariadne, o qual nos permitirá a viagem certamente por estradas íngreme, convictos, entretanto, da reflexão valiosa de que mais valem os estudos imperfeitos do que nenhum estudo.

Convencidos de que todo discurso está marcado por outros que, clara ou veladamente, se transmigram, esboçamos nossa tese em cinco capítulos. Atendem estes a uma metodologia de independência, e, embora interligados movem-se por um novelo assistemático conforme configuração dos capítulos abaixo descritos.

Neste primeiro capítulo, apresentamos o modelo que achamos ideal para a construção da tese, referenciando os estudos vinculados à memória e à “nossa aldeia”, portanto à Literatura Baiana e à escolha do autor, aduzindo convergentes desdobramentos de uma pesquisa que não se pretende apenas remissiva a único ponto.

O segundo capítulo, “Por um repertório (auto)biográfico”, consiste na reabertura da discussão centrada na memória e na *(auto)biografia*, nos contextos teórico e histórico, em caminhos e conceitos elaborados para a escrita sem cair nas malhas de remontagens dos textos fundadores. Revisitamos o percurso da (auto)biografia e as categorias de memória *habitadas* e *inabitadas* postuladas por Assmann (2011). Buscamos identificar os modos encontrados pelo texto de Isaías Alves para se inserir nesse quadro; como se processam pactos referenciais em um narrador que dissimula vivências e dribla o leitor, inventariando histórias não somente do

suposto biografado, mas sobretudo suas. Salientamos, claro a incidência dessas definições e sua ressonância na obra de Isaías Alves.

Investigamos a maneira como o autor empírico se utiliza da memória, travestido em narrador que se autodramatiza, perseguindo o objetivo de constituir narrativas individuais ou correlatas. É obvio que o formato do capítulo não evitou os lugares-comuns de abordagem, considerada significa para a atualização de pressupostos teóricos sobre a narrativa que as marcas de si convocam, já que ela é fronteiriça. Também postulamos o termo *memorioso* para o narrador inscrito na produção de Isaías Alves, relacionando-a ao conto "Funes, o memorioso" do escritor argentino Jorge Luis Borges. Neste subcapítulo evocamos uma categoria diferenciada para o narrador, que exercita constantemente a memória num acúmulo exagerado de fatos que, muitas vezes, tornaram-se meramente dados aleatórios sem grandes significações de experiências, retringindo, por vezes, o trabalho da memória à mera técnica de armazenamento.

O trabalho com a memória antes convoca nomes clássicos para o do estudo sobre a sua escrita. Para atender a essa convocação, recorremos a teóricos cuja fortuna crítica considerada que a matéria tanto evoluiu a análise do discurso narrativo, hoje,exige o imbricamento de temas e fatalmente nos impele a exercícios revisores. Com o intutito de relativizar essa prática teórica, e para melhor estruturar a nossa análise, apoiamo-nos prioritariamente em Almeida Assmann (2011), Leonor Arfuch (2010), Michel Foucault (1992), François Dosse (2009), Philippe Lejeune (2008) e Diana Klinger (2012), entre outros. Reconhecemos serem releituras passíveis, de cotejo, mas necessárias como garantia de independência entre os contextos narrativos tão complexos quanto intrigantes.

No terceiro capítulo, "Isaías Alves: Da vocação memorialística no pedagogo ao Narciso estilhaçado", analisamos o escorço biográfico de Isaías Alves, levando em consideração alguns *biografemas*. Observando-lhe a trajetória através de pesquisa em documentos e arquivos, levantamos aspectos que indicadores de uma visão panorâmica na produção intelectual, contada pelo próprio autor. Nesse mapeamento de uma história pessoal, percorremos uma ordem, aliás, seguida na própria obra de Isaías Alves, embora não de forma tão óbvia, a que acrescentamos datas mais precisas, coletadas a partir de consulta à escassa fortuna crítica acerca desse autor, além de revisitar o lugar de sua *(auto)biografia* por meio de fotografias e objetos que julgamos pertinentes a um exame mais detido entre a vida e a obra. Estabelecemos também uma interlocução com o intelectual orgânico Isaías Alves, seu papel de estimulador de debates e suas contribuições para a história da educação brasileira e baiana. Reaproximamos Isaías Alves de Anisio Teixeira, num dialogo, com propósito de destacar a

importância de ambos no cenário nacional, conquanto o engajamento político, de certa forma, os tenha afastado, revelando em um o prestígio que ao outro tanto faltou. Asseguramos, com isso uma oportunidade de repor Isaías na condição de narrador imprescindível para a historiografia, pois ao reunir e relacionar *escritas de si*, na escrita sobre outros, Isaías Alves terminou por fornecer dados preciosos para fortalecer a história da nossa educação e da nossa cultura política. Buscando situá-lo como memorialista fronteiriço capaz de transgredir aspectos da narrativa tradicional para garanir relatos de vida que, de certa maneira, reinventam essa história da cultura brasileira, dialogamos, prioritariamente com Roland Barthes (1984), Luiz Costa Lima (1991), Daniel Pécaut (1990), além de outros autores e em outros contextos do conhecimento.

No capítulo quarto, o mais extenso e o mais denso dos três, intitulado “Travessias de uma memória (auto)biográfica”, centramo-nos em torno do exame das obras, em busca de respostas aos nossos questionamentos. Para tanto, recorremos, muitas vezes a exemplos das três obras, objetivando a legitimação de nossos argumentos no referente ao desempenho de um narrador que, além de cumprir importante papel ao narrar as histórias de expoentes da educação nacional, também confere substancia a relatos individuais que subsidiam, mais de uma vez, nossas investigações sobre as fronteiras do gênero. Trouxemos, ainda, outras narrativas biográficas existentes sobre os autores por ele escolhidos para biografar, a fim de estabelecer análises comparativas na construção do discurso genérico. Relacionamos teoricamente a (auto)biográfia às nossas análises verificando o modo como nosso objeto de estudo pode ser referencializado a partir do pacto estabelecido com o leitor. Em suma, examinamos o processo pelo qual Isaías Alves incorpora sua vida à obra destinada ao outro, considerada de caráter biográfico, condicionando a esta o imbricamento dos gêneros e as *variantes* encontradas pelo narrador para memoriar-se, independente do estilo adotado. Ttambém assinalamos a importância das três obras no que concerne ao trabalho com a memória, operando a descritividade de um cenário que margeiam quase dois séculos de história. Com o fim de cumprir integralmente essa descoberta, apoiamo-nos nos estudos de Clara Crabbe Rocha (1977), Luiz Costa Lima (1986), Philipe Lejeune (2008), Diana Klinger (2012), Wayne Booth (1980), Wander Melo Miranda (1992), Alba Olmi (2006), dentre outros.

O último capítulo, “Fim da Viagem: encruzilhadas” arregimenta o tom conclusivo de nosso trabalho,e nele apresentamos nossas impressões analíticas para as hipóteses delineadas. Ratificamos o objetivo de ascender Isaías Alves à condição de escritor memorialista, que elege a memória, como sua principal *variante*, através da construção do *narrador memorioso*

que não aceitava se afastar do passado, antes, estilhaçando-se em pequenos relatos que garantiram, por procuração a sobrevivência do discurso narrativo dublando a si mesmo.

Conforme enunciado inicialmente, esta tese assumiu um contorno ensaístico que julgamos o mais adequado para atender ao fundamento de nossas análises. O formato preferencial deveria contemplar a proposta antevista desde os primeiros objetivos: de que a escrita biográfica de Isaías Alves serviria como pretexto autobiográfico, desdobrando-se em tentativas memorialísticas e na narrativa intencional do reconhecimento de si e das próprias ideias intelectuais. Com exceção do primeiro capítulo - o mais teórico dos três -, mas não exclusivamente, decidimos mesclar teoria e análise, visando a um percurso de leitura mais confortável para o eventual leitor.

Sinalizamos, por fim, que esta tese é, antes de tudo um registro de leituras acumuladas ao longo de nossa trajetória humana, talvez porque haja tantas, marcas, tantos vezos e vieses que buscamos no afã de encontrar outros textos e autores que dialogassem com a nossa tentativa de imprimir uma interpretação a mais provável para o fazer (auto)biográfico do memorialista sempre fronteiriço Isaías Alves.

Com a tese, esperamos ontribuir para o estudo da narrativa como um todo, mas nada definitivo. Primeiro, pelo desenvolvimento de estudos teóricos, conceitos significativos acerca da narrativa *(auto)biográfica*, pondo em relevo que, cada vez mais, a cultura periférica, aqui representada pelo texto literário da inscrição de si, em autor desconhecido fora de seu imediato contexto acadêmico, vem conquistando um significativo espaço no cenário das manifestações do ser. Também cremos que nosso trabalho trará de volta o conceito de *retorno do autor*, também importante para incorporar algum dado novo aos raríssimos ou quase inexistentes estudos dedicados à obra de Isaías Alves, fato que, na literatura brasileira, deveria provocar um mais amplo arcabouço teórico, tão diverso do que hoje se verifica, lamentavelmente.

2 POR UM REPERTÓRIO (AUTO)BIOGRÁFICO

Reconhecidamente, a escrita de si diversifica nomenclaturas que se formam ou se renovam conforme seus diferentes estudiosos: biografia, hagiografia, psicobiografia, autobiografia, memória, memorialismo, autorretrato, literatura confessional, escrita autobiográfica, escrita memorialística, literatura de testemunho, escrita-testemunho, autorrepresentação, autoficção, bioficção, autobioficção, otobiografia, doxografia e fabulações de si são possíveis categorizações que avultam na tentativa de conceituar a escrita que documenta o entorno do indivíduo. Pretendemos, ao longo da construção dessa tese, trilhar caminhos que nos assegurem afirmar a presença do memorialismo em Isaías Alves e as variantes (auto)biográficas utilizadas por ele para a reunir biografia e história, num diálogo interdisciplinar.

2. 1 TRILHAS PARA O GÊNERO MEMORIALÍSTICO

No início do século XXI, a narrativa de caráter intimista experimenta certo crescimento entre os gêneros discursivos e surge como um grande sintoma midiático, seja através das constantes produções (auto)biográficas, seja pelos *realities shows*, auge em todo o mundo. Em outros termos, ela está presente nos mais diversos suportes textuais: nos impressos, nas transposições midiáticas feitas pelo cinema, pela televisão e pela internet e, por fim, nos espaços acadêmicos, que reorientaram sua atenção para as narrativas do eu, parcialmente desprestigiadas no referido cenário, sempre os últimos a reconhecerem as vozes periféricas - quando deveria ser o contrário.

Tais narrativas se expandiram consideravelmente nos espaços de saber das chamadas ciências sociais, com ênfase para a história, a antropologia, o jornalismo e a teoria literária, produzindo reflexões acerca da presença e do uso de relatos sobre ações e emoções dos sujeitos individuais. Se ainda há o que discutir e analisar quanto aos usos sociais alargados e às características intrínsecas de histórias de vida dos sujeitos, suas individualidades e representações, nas mais variadas formas de escrita pessoal - e certamente há - mais se adensam e complexificam-se os conceitos, principalmente no Brasil, num contexto em que emergem organizações, como, em 2013, a *Procure saber*, composta por expoentes da música

popular brasileira que discordam das interpretações do STF, o qual assegura a publicação de biografias não autorizadas, a fim de garantir a liberdade artística.

Se percebíamos um hiato, do ponto de vista organizacional, teórico e metodológico, quanto às variações da escrita de si, somemos ao fato as novas discussões jurídicas que se avolumarão frente ao novo ordenamento. É certo que, independentemente das celeumas que circundam esse tipo de inscrição, ela adquiriu um lugar reconhecido entre os mais diferentes meios culturais viabilizadores dos fenômenos estéticos. Muitos consideram que a linguagem em primeira pessoa torna a narrativa mais leve e com encadeamento subjetivo, resultado do poder que ela confere, pois a escrita de si nos aproxima da história de um sujeito, sensibilizando-nos e orientando-nos, como leitores, independentemente de nossa formação acadêmica. Isso fica evidente quando percebemos a quantidade de pessoas que, independente de nível de formação, afirmam ter lido – algum tipo de biografia.

É importante ressaltar que o fato de somente agora a escrita sobre si ostentar uma notável evidência não significa pensar que se trate de uma novidade. Muito pelo contrário, basta uma simples revisitação à história formal para percebermos, de maneira intensa, a busca de inscrição de si e de outros, nos mais diferentes formatos, durante toda a evolução histórica do indivíduo como nos assegura Tristão de Athayde:

> Existe, hoje em dia, uma verdadeira epidemia biográfica. E é bem do estado de espírito de nossa época, uma grande tendência à realidade.No bom e no mau sentido, quer como conceito quer como preconceito, a realidade exerce cada vez mais uma imensa sedução sobre os espíritos (ATHAYDE, 1931, p. 165).

No intuito de contribuir para as reflexões acerca da *(auto)biografia*, interessa-nos reinventariar um pouco a sua história, num diálogo conceitual com aqueles que assim o fizeram em momentos outros, empenhados que estavam em estabelecer, para as histórias de vida, um status particular entre gêneros familiares como a (auto)biografia e a memória, tendo como elementos principais para nossos estudos a “voz que narra, a mão que escreve” (TEZZA, 2008, p. 7) e o leitor que se cumplicia através do pacto referencial, por se tratar de uma escrita que circula entre a pressuposição da verdade formal e os elementos formadores da ficção, conforme nos assegura Verbena Maria Rocha Cordeiro:

> Nos estudos literários contemporâneos, as escritas biográficas e autobiográficas são tomadas em seu movimento de narrar o outro ou de narrar-se. Tais produções são tidas como narrativas ficcionais, por compreenderem processos de seleção e combinação de elementos da realidade de ordem psíquica, social ou histórica. Assim, ganham relevância as histórias de vida dos sujeitos, expandindo-se as possibilidades de compreensão dos seus processos criativos. As pesquisas sobre a

> produção autobiográfica de escritores, dos mais aos menos consagrados, têm fertilizado as contribuições teóricas que se produzem nesse campo, sobretudo quando se abrem a novas indagações e interpretações de suas diferentes expressões de subjetividades e alteridades (CORDEIRO, 2012, p. 27).

Há importantes afirmações teóricas, distintas da acima apresentada, adotando certa relativização, reconhecendo os traços formais que diferenciam a narração factual, que pode ser verificada e comprovada documentalmente, em relação àquela produzida pelo imaginário. No entanto, verifica-se um certo consenso de que, tanto a narrativa de caráter histórico, quanto a ficcional, são produções em maior ou menor grau de imaginário e, portanto, ambas estão suscetíveis aos processos de seleção de fingimento.[2] O que irá determinar o estatuto de ficção ou não é o pacto de leitura estabelecido antecipadamente entre autor e leitor, tal como se observa na interpretação de Leonor Arfuch:

> Há relativo consenso em assinalar que ambas compartilham os mesmos procedimentos de ficcionalização, mas se distinguem, seja pela natureza dos fatos envolvidos - *verdadeiramente acontecidos* ou produtos da invenção, seja pelo tratamento das fontes e do arquivo (ARFUCH, 2010, p. 117).

Seguindo essa intervenção de Arfuch (2010), a *inscrição de si* pode ser compreendida como uma voz narrativa que pode se presentificar em diversos gêneros literários. Esse caráter distintivo, entretanto, não deve ser considerado apenas para gerar reagrupamentos teórico-metodológicos em torno do uso, ou não, da primeira pessoa, como voz das ações narrativas. Uma vez que o debate em torno do *sujeito empírico* e do *sujeito enunciador* é polêmico, e tentar equacioná-lo significará reencaminhar para uma nova discussão a querela atributiva entre autor e narrador que, por mais que pensemos ter sido extinta, sempre provocará o surgimento de novas formas narrativas, principalmente naquelas com caráter biográfico ou autobiográfico, quando a voz narrativa assume a primeira pessoa ou a alterna, configurando o que nos assegura Arfuch:

> Entretanto, se essa proposta aponta para a definição de novos valores comunitários, também insiste na possibilidade de autocriação no mundo privado, a a partir desse reconhecimento maior da vida dos outros. Inverte-se, assim, o percurso habitual; é a partir do nós que se amplia a potencialidade do eu. A postura é interessante para o nosso tema, já que assinala um amplo território de vigência do espaço biográfico, a possibilidade de pensá-lo inclusive em termos filosófico-políticos (ARFUCH, 2010, p. 107).

[2] O conceito sobre *fingimento* tratado no decorrer desta tese está pautado nas discussões apresentadas por Wolfgang Iser no livro: **O fictício e o imaginário**, UERJ, 1996.

Face à dificuldade em equacionar um repertório que dê conta do nosso objeto de estudo, ou seja, uma produção que inicialmente se institua como ensaio biográfico, mas que se estilhaça em constructos que se aproximam da escrita autobiográfica, surgem-nos os mais variados problemas que vão desde nossa escolha de nomenclatura utilizada à determinação do gênero específico a que o autor está filiado. Decidimos, portanto, por reconhecer, através de mapeamentos teóricos diversos até aqui realizados, que, independentemente da forma apresentada - literatura de cunho intimista, literatura confessional, literatura testemunhal ou produção intimista -, todas essas formas usam como estratégia narrativa o *eu* da identidade, ratificando o que nos assegura Philippe Lejeune (2008) de que a identidade não se configura necessariamente em semelhança.

Ao apresentarmos tais termos, definindo-nos por um deles, estaremos também reconhecendo que, em certas circuntâncias, eles se dicotomizam. Em nossa proposta, pensamos ser a biografia inconscientemente adotada por Isaías Alves como um gênero de fronteira, e levando em conta que tudo que é literário não admite rubricas herméticas que o engesse ou o subordine a determinadas filiações rígidas, seria mais adequado pensarmos a biografia como um gênero que assume vozes narrativas plurais, que se desdobram em uma tentativa de registrar-se, ainda que a proposta inicial tenha sido a de narrar o outro. Conforme expressa Diana Klinger, “a partir dos estudos culturais e dos gêneros, a crítica cada vez mais tende a refletir sobre o próprio sujeito da escrita” (KLINGER, 2012, p. 13).

Costuma-se afirmar que uma das características da produção literária com marcas de inscrição de si, quanto à metodologia construtiva, é a forma final da narrativa, que aponta para o hibridismo. Este se manifestaria na junção de preocupações de referencialidade documental com uma linguagem específica para a elaboração de uma escritura que, ao tempo em que narra uma história individual, pode estar narrando uma coletividade. Tal concepção, entretanto, possui uma metodologia que se organiza em *topois*, e é esse o ponto que pretendemos situar no presente capítulo.Planejamos o registro de um repertório comum à produção biográfica, mapeando conceitos sobre *memória* e *(auto)biografia*, importantes para o compreensão do constructo narrativo por nós percebido na produção de Isaías Alves.

Por falta de respostas (de algumas editoras) ao nosso pedido de que indicassem os livros mais vendidos sob essas rubricas, não conseguimos concluir dados estatísticos comprobatórios de nossa observação quanto ao franco crescimento em torno das produções *bio* ou *auto* biográficas, no Brasil. Tais dados poderiam retratar mudanças no comportamento do público leitor que, de alguma forma, se sente contemplado por essas histórias que narram vidas mais ou menos semelhantes à sua, com fracassos e vitórias, ou porque o indivíduo

sempre estaria sujeito a experimentar a tendência *voyeur* proclamada pela psicanálise. Basta, porém, percorremos os olhos pelas listas dos livros mais vendidos segundo as revistas semanais para notarmos a preferência leitora por biografias principalmente de celebridades, autobiografias e memórias. Inúmeros estudos teóricos se avolumam na tentativa de justificar esse crescimento editorial. Valendo-nos do pensamento de Edgard Cavalheiro, a escolha se daria antes de tudo em razão do "valor documental e humano que obras como essas possuem" (CAVALHEIRO, 1943, p. 13).

Linda Hutcheon (1985) traça uma linha temporal que também tentaria dar conta de tal crescimento, propondo uma possível justificativa ao afirmar que o ressurgimento de produção e interesse por esse tipo de gênero é resultante da crescente subjetividade do Romantismo, pai do romance introspectivo, celebrando um tratamento literário específico tanto para o romance, quanto para o romancista, os quais se tornam objetos legítimos de produção subjetiva, enquanto o conteúdo pessoal invade o campo criativo, sendo ele ficcional ou não[3].

Arriscamos, então, a elaboração reflexiva de que a curiosidade natural do indivíduo, somada ao crescimento populacional proporcionam o reconhecimento do valor da intimidade do indivíduo naquilo que ele tem de singular. Tais fatos pertencem ao universo das principais causas responsáveis por nosso desejo de conhecer a vida alheia, fator este que movimenta o mercado editorial, colaborando para que livros de *memória* e *(auto)biográficos* – sobretudo aqueles que prometem um desnudamento total dos sujeitos envolvidos, embora seja impossível, eles são campeões de venda. Dessa maneira, a literatura confessional (e aqui, reconhecemos a biografia como também uma confissão do outro), seja biográfica ou autobiográfica, antes apartada da literatura canônica, agora é objeto de desejo dos mais variados públicos, apresentando-lhes diversas configurações, unindo-se às literaturas consideradas canônicas.

A problematização em torno dos gêneros e dos modos literários é ampla, antiga e controversa, como nos afiança François Dosse:

> Com mais frequência, porém, a pluralização é confrontada com um documento de características únicas: a autobiografia escrita pelo biografado. Importa então saber que lugar será conferido a essa escrita do eu, por muito tempo indiferenciada

[3] Revisitando as ideias propostas por Michel Foucault (1995), em **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas,** a teórica canadense (Linda Hutcheon) afirma que esse fenômeno de crescimento, característico do século XIX, pode ser resultado de uma modificação na concepção das relações entre as palavras e as coisas, ideias e objetos, em virtude de uma passagem gradual iniciada no século XVIII, quando os objetos se tornam autocentrados, procurando inteligibilidade em seu próprio desenvolvimento e abandonando o espaço convencional da representação.

> da escrita do outro - será preciso aguardar o século XVIII para distinguir esses dois gêneros com a publicação de Jean-Jacques Rousseau, certidão de nascimento da autobiografia (DOSSE, 2009, p. 68).

Reconhecemos não haver necessidade de se buscar uma explicação conceitual para as questões relacionadas a gênero, uma vez que já é possível estabelecer algumas distinções teóricas, ou simplesmente reconhecer que as fronteiras textuais nunca estiveram tão balizadas como agora. Isso também ocorre com os cânones estabelecidos no transcorrer do tempo: e o que víamos como subgênero transmuta-se para gênero e vice-versa, e, portanto, biografia, autobiografia, diário, memórias, enfim, literatura confessional são todas categorias que reafirmam a crise e o relativismo dos gêneros literários, sendo implausível hermetizar literariamente uma obra, pois não há parâmetros rígidos para determiná-la, como afirma Maria Luiza Ritzel Remédios:

> Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire configurações diversas. Os textos que a constituem são agrupados, segundo suas semelhanças, em conjuntos diferentes, os quais dão origem a um determinado gênero da literatura íntima. O limite entre um gênero e outro é bastante tênue, assim como o entrecruzamento desses gêneros é comum (REMÉDIOS, 1997, p. 9).

Nosso intuito, aqui, não se resume a uma proposta de categorização da literatura considerada confessional, intimista ou (auto)biográfica. Antes, objetivamos organizar um repertório narrativo para a produção de Isaías Alves, que recorre a tais gêneros, mas de fato encaminha-se para uma narrativa memorialística. Nesse sentido, procurando dar conta das análises empreendidas, buscamos traçar reflexões sobre esse tipo de construção narrativa, do autor estudado. Atentamos para elementos importantes, como *memória* e *narrador*, na construção de uma proposta *(auto)biográfica* e seus desdobramentos em escritos que assumiram rubricas apenas de memórias ou biografias.

2. 1. 1 TRILHA I: UM RÁPIDO PERCURSO PELA (AUTO) BIOGRAFIA

É preciso atestar que o percurso textual (auto)biográfico já foi escrito e reescrito várias vezes, o que, com certeza, trouxe marcas significativas tanto no passado quanto na contemporaneidade. Isso porque ele implica exatamente em elaborar um maior investimento teórico sobre a biografia e a autobiografia, gêneros de muito fascínio para a humanidade e a que se têm agregado elementos motivadores, a exemplo do aguçamento por parte das pessoas

e suas histórias de vida, sobretudo se tais histórias dizem respeito às ditas celebridades. Pensamos inicialmente em organizar este capítulo agenciando uma história individual para os gêneros biográfico e autobiográfico. A todo custo, queríamos compor um modelo próximo ao estabelecido por diversos estudos, que submetem ao instrumental teórico a gênese de textos e de autores, cada um remontando tal percurso de forma linear ou brilhante, sempre arregimentando as principais obras integradoras da biografia e da autobiografia e, secularmente, autores que se increveram na história fundacional dos gêneros.

Suetônio, Cornélio, Plutarco, Heródoto, Tito Lívio, Tucídies, Políbio, Salústio e Tácito. **Vidas paralelas**, **A vida dos doze Césares**, **Capitães ilustres**, **Vida de agrícolas** são autores e obras repetíveis numa cronologia linear dos estudos sobre o surgimento da biografia antes dos séculos XVIII e XIX, quando identificados expoentes como Thomas Carlyle, Ralph Waldo Emerson, Max Stirner, Thomas Babington Macaulay, Jules Michelet, imprimindo vitalidade à escrita, que ganha contornos imaginários, retóricos e históricos. Como afirma Mary Del Priore,

> O modelo grego inspirou profundamente os historiadores romanos: Tito Lívio, do seu lado, encheu seus textos com discursos imaginários para destacar a psicologia de personagens evocados. Da mesma forma, Tácito pintou os imperadores do primeiro século, tentando penetrar sua mentalidade. Todos esses historiadores pertencem à história das literaturas grega e latina. Por quê? Pois seu esforço de elucidação e interpretação dos fatos não obstruiu jamais o desenvolvimento da narrativa. O discurso, nesses casos, não tinha função de prova explicativa. Era, sim, um procedimento retórico ligado a um acontecimento histórico mais amplo (DEL PRIORE, 2009, p. 8).

Superada a fase das hagiografias, em que as narrativas, centradas na vida dos santos, repassavam vidas piedosas evitando narrar os defeitos, as imperfeições, enfim, as peculiaridades humanas, os fracassos e desastres psicológicos (a mudança é gradual e corresponde à transformação da sociedade), o que conferiria às biografias a permanência de um certo fascínio, até mesmo por parte dos críticos que tentaram e ainda tentam depreciá-las, mas renderam-se a elas, é o reconhecimento dos seus importantes contributos intrínsecos para a formação história da humanidade. Mary Del Priore (2009) justifica a absorção desses modelos justamente em consequência das lentas transformações que, no alvorecer do Renascimento, e com novas formas de percepção para o destino dos homens, iniciando sua liberação das *tutelas tradicionais* que pesavam sobre seus destinos e fazendo-os ousar dizer *eu*. Daí os modelos narrativos biográficos deixarem de ser historicamente amorfos para se transformarem em relatos sobre seres individualizados, com defeitos e virtudes.

Além da narrativa escrita, a pintura também apresentou modificações de comportamento artístico através dos retratos pintados por Van Eick, Roger van de Vries e Allex Dürer, os quais confirmaram a valorização de suas existências. Nesse sentido, como explicita Priore, “percebe-se que o mundo social mudou de núcleo de gravidade. Das leis superiores impostas por Deus, pelo Estado ou a família, tal centro voltou-se para o culto de si. O indivíduo tornou-se meta e norma de todas as coisas” (DEL PRIORE, 2009, p. 9).

Reiteramos nossa inapetência em percorrer, com originalidade, um caminho descritivo para o reconhecimento histórico dos roteiros inaugurais da biografia, antes coadunando com pensamento de Jonaedson Carino (1999), para quem não importa o que se diga, uma vez que poucos se quedam inertes diante das narrativas compostas para uma vida enquanto as mesmas estão em evidência sob diferentes formatos, por mais de dois mil anos, desde os tempos neoplatônicos. Damakios, no século V a. C, será aquele a quem comumente se atribui a cunhagem da palavra *biografia*, muito embora ela ainda não tivesse sido empregada com as representações de hoje (CARINO, 1999, p. 4).

Para Dosse (2009), na formação evolutiva da humanidade, a biografia precedeu à autobiografia, ou seja, primeiro escreve-se sobre o outro, seja a vida de santos, heróis ou políticos, para depois se escrever sobre nós mesmos. Fica evidente que essa assertiva leva em consideração a escrita e a publicação dessas obras, pois basta percorrermos a história fundacional da humanidade para observarmos que o homem, primeiro, foi mestre em imprimir desejos no interior das cavernas. Ou seja: a impressão do desejo, das necessidades humanas, revelava o início das *inscrições do eu* que, por seu turno, também exibe a percepção do outro. Em outros termos, por mais individual que seja uma escrita, por mais marcas idossincráticas que ela traga, fica sempre a lacuna para o advento do outro, tornando, aceitável a ideia de que tratamos anteriormente: quando escrevo sobre o outro, também reservo um lugar para o eu, já que o espaço destinado ao leitor é também o da complementaridade.

Para melhor compreensão, decidimos recorrer a Mikhail Bakhtin em **Questões de literatura e de estética** (1988), na tentativa de aproximar os gêneros, num imbricamento talvez possível, por entendermos que estabelecer individualmente sua origem seria voltar a uma discussão infrutífera sobre o surgimento da humanidade. Em estudo histórico sobre as escritas autobiográficas e biográficas, Bakhtin afirma que os textos escritos durante a época clássica são importantes fontes históricas pois, ao nrrar as suas vidas, ou de outrem, os indivíduos fortaleciam as narrativas coletivas, assegurando-nos que não se pode pensar o indivíduo sem pensar a sociedade.

As biografias e autobiografias tinham como formato inicial o registro da vida pública e, de certo, por incomodar ao revelar nuances particulares, começaram a "manifestar a consciência privada do indivíduo isolado e solitário e [revelar] as esferas privadas de sua vida" (BAKHTIN, 1988, p. 260). As narrativas de cunho biográfico, naquela época clássica, apesar de ressaltarem o caráter público do indivíduo, desencadearam um "processo de privatização do homem e da sua vida" (BAKHTIN, 1988, p. 260) ao se utilizarem de recursos narrativos que possibilitavam ao texto revelar dados de caráter privado. Fica claro que as formas narrativas antigas já indiciavam o traço intimista com que as biografias e as autobiografias seriam conhecidas na Europa, séculos depois.

Desde a época da antiguidade clássica, o debate em torno do que é individual ou privado marca os discursos biográfico e autobiográfico, voltados que são para o registro da vida pública ou de si. Tais formas discursivas agregam sempre discussões caras à sociedade, pois, se pensarmos numa narrativa que descreva o surgimento do indivíduo, se nele pensarmos e em suas relações sócio-históricas, chegaremos, untão, a uma equação de difícil solução, o que mais recentemente se evidenciou quando o cantor e compositor Roberto Carlos, ao ser perguntado sobre o porquê de não liberar uma biografia já composta e não autorizada sobre ele, afirmou: "Sou um homem público, um artista, mas tenho direito à minha privacidade"[4]. O cantor repõe uma discussão há muito existente: a tênue linha que separa o íntimo, o privado e o biográfico, conforme aponta ARFUCH (2010), para quem

> [...] efetivamente, se adotarmos a metáfora do *recinto* da interioridade, o íntimo seria talvez o mais recôndito do eu, aquilo que roça o incomunicável, o que se ajusta com naturalidade ao segredo. O privado, por sua vez, parece conter o íntimo, mas oferece um espaço menos restrito, mais suscetível de ser compartilhado, uma espécie de antessala ou reservado povoado por alguns outros. Finalmente, o biógrafo compreenderia ambos os espaços, modulados no arco das estações obrigatórias da vida, incluindo além disso, a vida pública. Mas essa viagem com escalas em direção ao coração da interioridade é só uma ilusão: a cada passo, os termos se interceptam e se transformam, o mais íntimo pede para ser falado ou cede a confidência, o privado se transforma em acérrimo segredo, o público se torna privado e vice versa... (ARFUCH, 2010, p. 133).

O pensamento acima concilia e indiretamente advoga o postulado por Bakhtin (1988) acerca do que se pensava na época clássica, de que o indivíduo passava por um processo de privatização dos comportamentos, fortalecendo a marca intimista que os gêneros e as narrativas assumiriam depois.

[4] Entrevista concedida ao programa "Fantástico", exibido na Rede Globo de Televisão, dia 27/10/2013.

Assegura Klinger (2013) que, nos séculos I e II d. C., a escrita do eu já se manifestava em duas formas que tinham outros objetivos, é verdade, mas ambas centrando-se no discurso de eu: os *hupomnêmata* e a *correspondência*. Para ela, os *hupomnêmata* eram uma espécie de registros feitos em cadernos, nos quais se "anotavam citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas, ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente" (KLINGER, 2013, p. 23-24). Embora Klinger advirta que os *hupomnêmata* intentam "reunir o que se pôde ouvir ou ler" (KLINGER, 2013, p. 24), logo, não tendo semelhança com o diário, em função do caráter intimista que este possui, nós, diferentemente da autora, assumimos que há, sim, uma aproximação entre os *hupomnêmata* e os *diários* não íntimos, aqueles considerados externos e não confessionais, e que não se desvenda a intimidade profunda, mas antes dão conta de comentários de leituras e anotações, como fez Lúcio Cardoso em seus **Diários** (2012), chamando sua obra de "diário–não íntimo".

Falamos anteriormente da dificuldade em traçar um caminho individual para os gêneros, visto que Bakhtin (1988) já representara como definitivos os traços autobiográficos de **A apologia de Sócrates,** de Platão, e o **Fédon,** assim como a **Súplica,** de Isócrates. Isso fica mais evidente quando percebemos que a nossa fala anterior repercute mais do que quando nós biografamos. Se a narrativa assume uma perspectiva quase inteiramente individual, de uma vida que quase se torna coletiva, já que o sujeito narrado faz parte de um determinado contexto social, o mesmo ocorre com o eu que decide se narrar. Este último experimenta contar a sua vida, mas uma vida não se realiza sozinha, fazendo logo serem convocados outros indivíduos que farão parte daquela história, evidenciado, assim, as transformações por que passa uma vida, por mais pessoal que ela se apresente. Pensamos nas *correspondências* como outra forma de inscrição do eu ou, como as define Michael Foucault (1995), aceitamos que, à semelhança da biografia, ainda que escrita para ou sobre outra pessoa, a marca do discurso pessoal sobrevive como uma estratégia que abre "caminho de um eu – e coextensivamente ao outro eu" (FOUCAULT, 1995, p. 37). Nesse sentido, diz Klinger:

> [...] Os *hupomnêmata* tratavam de constituir a si mesmos como objeto de ação racional pela apropriação, unificação e subjetivação de um já dito fragmentário e escolhido. [...] No caso do relato epistolar de si mesmo, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida (KLINGER, 2004, p. 162).

Consoante as considerações de Bakhtin, Klinger e Foucault, a visão do sujeito intimista já aparece na Antiguidade através de variadas formas de representação, ainda que de

maneira velada já que somente no século XIX é que, de forma evidente, a consciência do sujeito como entidade privada irá publicizar-se, aproveitando os aspectos introduzidos desde a antiguidade.

Na interpretação de Richard Sennett (1998), no século XIX, “a visão intimista é impulsionada na proporção em que o domínio público é abandonado, por estar esvaziado” (SENNET, 1998, p. 26). Desde o início do século XVIII, porém, a palavra *público* já abarcava seu sentido moderno, equivalendo ao entendimento de distância, exclusão ou afastamento do rol de familiares e dos poucos amigos, julgados íntimos, sendo considerado *público*, segundo o autor, tudo o que estivesse fora desse círculo familiar ou doméstico. É claro que, ao experimentar transformações, a sociedade cria novos mecanismos, novos *modus vivendi* dispostos a reconfigurar a noção de indivíduo e suas ações na vida pública e privada, por isso mesmo recriando formas discursivas diferentes para representá-las e, consequentemente, formas também variadas para registrar a história. Ou seja, o homem público teria uma voz discursiva diversa da do homem privado, conquanto nos pareça estranho separar o indivíduo político do indivíduo autor.

Peter Gay (1988) defende que a reorganização urbana - que permitiu, no século XIX, a distinção entre o público e o privado - conferiu um impulso à concepção de vida íntima, conduzindo a sociedade, em contrapartida, a um profundo interesse pela afloração dos sentimentos. Foram os românticos os que mais possibilitaram a experimentação e a interpretação dessa voz narrativa marcada pelo *eu*, “investigando-o em seus esconderijos mais secretos” (GAY, 1988, p. 54). Ao ser difundida essa poética romântica identificada com a proposta de máxima subjetivação, logo atraiu um tipo de público específico, a burguesia, que se incumbiria de desenvolver a introspecção. Ainda segundo Peter Gay, esse público está preparado para a leitura de biografias e autobiografias, porque ambas, cada uma à sua maneira, enfocam a vida íntima do sujeito, além de promover, através de uma narrativa memorialística, o retorno ao passado – uma proposta assumidamente romântica, tanto no plano individual quanto coletivo.

De acordo com essas considerações, a visão do sujeito intimista aparece na Antiguidade mediante as variadas formas de representação, ainda que de maneira disfarçada. Mas é mesmo no século XIX que, de forma evidente, a consciência do sujeito como entidade privada irá consolidar os aspectos introduzidos durante a Antiguidade, uma vez que, segundo Wilhem Dilthey,

> O conhecimento da natureza e o valor da individualidade foram se desenrolando pouco a pouco na humanidade europeia. Sócrates é o primeiro a tomar consciência do processo moral dentro de si mesmo, o que torna possível o desenvolvimento da pessoa unitária. *O conhece-te a ti mesmo* orienta-se, em primeiro lugar, ao uniforme da natureza humana, porém, desta, que nele oferecia validez universal e que elevou à luz do saber, teria de separar–se o poderoso, o insondável, que designava como *demônio*, e que, sem dúvida, pertencia à profundidade da subjetividade. A partir de então Sócrates converteu-se, para seus discípulos, para os estoicos, Montaigne etc. no tipo de reversão do pensamento às profundidades da pessoa (DILTHEY, 2010, p. 317).

Da mesma maneira que Peter Gay (1988) acredita no fortalecimento da leitura praticada pelo público oriundo da reorganização urbana pós-romântica, cremos também que o o enorme interesse despertado para a escrita biográfica, cuja principal característica é a marca da individualidade, traz à baila a particularidade filosófica de um gênero narrativo, pois, através da biografia e da autobiografia, flagramos retratos, ainda que nem sempre fieis, de homens, e das suas relações sociais, possibilitando ao gênero uma insuspeitada vocação para provocar-nos: afinal, quando narramos um sujeito, quantos elementos selecionamos e\ou silenciamos?

Periodicizar historicamente a evolução dessa escrita é problemático. Segundo Dosse (2009), é difícil explicá-la e, consequentemente, classificá-la numa forma organizada, "já que a pulverização entre tentações contraditórias como a vocação romanesca, a ânsia de erudição e a insistência num discurso moral" (DOSSE, 2009, p. 13) são característicos remanescentes da era vitoriana, possibilitando o reconhecimento de que a inscrição do eu, representado através das formas (bio) e autobiográfica, conquistara um grande número de leitores, ainda no século XIX.

Para Eurídice Figueredo (2013), as escritas biográficas e autobiográficas tiveram um crescimento exponencial na contemporaneidade, revelando diferentes variações para a escrita de si, determinando, assim que as formas comumente já reconhecidas, a exemplo dos diários, memórias, correspondências, dessem lugar às novas - entrevistas, performances e confissões, autorretratos e autoficções, o que confunde ainda mais os estudos destinados a resolver os problemas de definição para essas formas narrativas.

Os novos termos unem elementos que, por sua natureza, são dicotômicos, reorganizando-se e introduzindo características literárias fronteiriças. O certo é que escolher uma classificação específica, tentar uma uniformização e exigi-la são apenas paliativos para um problema considerado crônico, visto que gênero, forma, subgênero, espaço e voz narrativa transformaram-se de tal maneira que, agora, além da exigência de se relacionar com a História (seu parente próximo), o intimismo confessional serve também como matéria de análise para

outras áreas das ciências humanas como o Jornalismo, a Sociologia, a Psicologia, e a Psicanálise, revelando-se importante, quase imprescindível, o entrecruzamento desses gêneros.

O aumento das produções literárias intimistas ou confessionais, para Maria Luiza Ritzel Remédios, "dá-se pela crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências, recordações e fatos históricos" (REMÉDIOS, 1997, p. 9) oriundos da influência do individualismo que, a todo custo, quer ver inscrita no mundo a sua rápida e efêmera existência em uma sociedade cada vez mais desmemoriada. Todavia, hoje a expressão do eu configura-se definitivamente sob a forma intimista ou confessional, de tal modo que se transformou numa atitude narcísica diante do mundo social.

Isso não significa um mero efeito do moderno individualismo romântico mas, segundo Klinger (2012), é uma tradição ocidental muito antiga e bem estabelecida desde as **Confissões** de Santo Agostinho, quando se menciona o surgimento do autobiografismo como elemento ratificador no que se refere à escrita capaz de formar e transformar os sujeitos, conforme as justificativas de Klinger:

> A escrita como exercício pessoal, associada ao exercício do pensamento sobre si mesmo, constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*: a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. De maneira que a escrita opera a transformação de verdade em *ethos* (KLINGER, 2012, p. 23).

É imperioso pensar que, embora tenhamos traçado o caminho da biografia e da autobiografia de maneira quase uniforme, demonstrando sempre que não existe uma separação rígida, mas fronteiras tênues, Dosse (2009) lembra que, para além da oposição clássica os estudos teóricos tentam impor, que o narrador na biografia deve se ausentar da história que conta (método *heterodiegético).* Mas tanto a autobiografia (método *autodiegético*) quanto a biografia, não seriam escritas a partir de uma exterioridade total. Sabemos ser a biografia clássica construída na terceira pessoa. O fato de que o autor, também narrador, deva se distinguir da figura biografada, do ponto de vista da pessoa pronominal, levaria a biografia a se opor à autobiografia, ainda que ambas dependam contudo, de um mesmo pacto referencial.

Para Clara Crabbé Rocha (1977), a biografia, diferente do que apontam alguns estudiosos, não se afasta da autobiografia. Antes, dela se aproxima, por terem, ambas, como elemento propulsor, uma quantidade significativa de condições comuns ao universo biográfico. Isto é, assim como a biografia, a autobiografia narra a história individual de

alguém. Ambos os tipos de narrativa desenvolvem uma proposta sempre paradigmática, incluindo uma cronologia temporal, nascimento, crescimento, ida à escola etc. Mas é justamente com a figura do narrador que elas começam a se distanciar, visto que segundo a proposta teórica apresentada, a biografia deve priorizar o uso da terceira, e a autobiografia, da primeira pessoa do singular, conquanto consideremos esse aspecto extremamente limitado para definir um afastamento entre ambas, uma vez que apontamos, desde o início desta tese, como os gêneros se encontram cada vez menos fronteiriços, concordando aliás, com o que nos diz Rocha:

> Podemos desde já adiantar que o emprego da primeira pessoa gramatical constitui o processo mais comum, embora não exclusivo, de marcar a identidade narrador/personagem principal. A narração assume nesse caso – utilizando a terminologia proposta por Gérard Genette na sua classificação das vozes da narração – um caráter autodiegético. A não identidade narrador/personagem principal, pelo contrário, evidencia-se geralmente pela utilização da terceira pessoa gramatical. Mas generalizar apressadamente esta observação pode conduzir à convicção errônea de que a autobiografia depende do registro do discurso pessoal, e se distingue, por essa mesma razão, da biografia escrita na terceira pessoa. Alguns argumentos provam a inviabilidade do critério de pessoa gramatical na distinção das duas formas de escrita narrativa (ROCHA, 1977, p. 43-44).

Há, ainda, um outro elemento integrador entre os gêneros. O biográfico e o autobiográfico caminham para certa referencialidade, conforme assegura Cristovão Tezza (2008). Nos casos (auto)biográfico, "a intencionalidade da mão que escreve instala-se em cada palavra da voz que fala no texto" (TEZZA, 2008, p. 7). Essa intencionalidade ao se perder, pode nos conduzir para o equívoco total, ou para o mundo ficcional. Ora, se estamos lendo uma biografia ou autobiografia, queremos, de alguma forma, certificar-nos de que os fatos narrados trazem ao menos a pressuposição da verdade, reconhecendo, é claro, todas as limitações que a palavra *verdade* semanticamente carrega. Por isso dizemos que o leitor, para chegar a uma análise mais especializada, precisa assumir o pacto de referencialidade, proposto por Lejeune (2008), para essas formas, ou seja, o leitor deve comportar-se de forma diferente ante um texto ficcional, por mais descrições verdadeiras que ele traga. É simplesmente pela marca grafada na capa do livro - ficcional, não ficcional - que ele integrará a leitura do livro, assumindo, ou não, a proposta, conforme a promessa textual:

> Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos referenciais: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma *realidade* externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de verificação. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o *efeito do real*, mas a imagem do real. Todos esses textos referenciais comportam o que chamarei de pacto referencial,

> implícito ou explícito, no qual se incluem uma definição do campo real visado e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança aos quais o texto aspira (LEJEUNE, 2008, p. 36).

Recorremos ainda ao binômio proposto por Lejeune - *semelhança* e *identidade* - agora tomados como elementos opositivos da biografia à autobiografia, uma vez que, enquanto na biografia é a "semelhança que fundamenta a identidade", na autobiografia, é a "identidade que fundamenta a semelhança". Por conseguinte, a *identidade* é o ponto de partida real da autobiografia e a *semelhança* torna-se-á o impossível horizonte da biografia. Em outros termos, num texto biográfico sempre será possivel legitimar a verossimilhança, ou verdade formal, uma vez que os modelos se distinguem, conquanto se apresentem próximos, muitas vezes (LEJEUNE, 2008, p. 38). Sendo assim, elencamos outro elemento circunstancial que também condiciona certo afastamento entre os gêneros: o leitor, esse responsável direto pela recepção, pode criar expectativas frente a uma biografia, tendo em vista que ela pode ser verificável ou não. Em caso positivo, ele poderá considerá-la boa, pois as informações são incontestáveis. Por sua vez, a autobiografia, por mais que dela esperemos certa referencialidade verossímel, o que a fará boa (ou não), será a forma narrativa adotada para contar a vida do (auto)biografado.

Reafirmamos o quão difícil é a proposta de leitura estabelecida para Isaías Alves - autor que escolhemos para objeto de estudo. As dificuldades se presentificam nas obras sob análise, primeiro, porque vêm rubricadas sob o pacto da referencialidade que as condiciona como ensaio biográfico ou memória; segundo, porque o autor, o tempo inteiro, parece saber com qual leitor está falando, tratando-o como alguém *especializado*, *modelo*[5]. Embora os dois termos configurem, num primeiro momento, certo esnobismo, aqui os utilizamos como proposta teórica a fim de que o leitor saia de sua zona de conforto apenas fruitivo e siga por trilhas investigativas, conforme sugere LEJEUNE (2008):

> O prazer do leitor de autobiografia decorre em parte de sua própria atividade, que pode até mesmo se nutrir dos aparentes *defeitos* de um texto alusivo, mal composto, mal escrito, desagradável, desonesto. Existe em nós, além disso, uma escuta não literal que nos torna co-autores do texto, ainda mais que o incorporamos como elemento de uma espécie de afresco... (LEJEUNE, 2008, p. 217).

Por conseguinte, longa e espinhosa se revela a trajetória na busca pelo entendimento para as demarcações do eu, intensificadas pelo valor da individualidade que os tempos

[5] O termo foi utilizado objetivando as categorias propostas por Umberto Eco, em **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

modernos nos convocam, através das mais variadas formas de inscrição de si. Para não ficarmos no meio da trilha, sem nenhuma possibilidade aparente para a continuidade do caminho, retomamos o objetivo inicial deste subcapítulo: o de demonstrar a dificuldade em separar gêneros e formas. Estabelecemos para a nossa travessia o seguinte enfoque: trata-se de uma inscrição de si, em gênero confessional ou intimista, na forma biográfica ou autobiográfica, paralela à constatação do que nos assegura Lejeune (2008), de que biografia e autobiografia são "formas próximas demais para não serem confundidas" (LEJEUNE, 2008, p. 36), a começar pelo próprio termo – *autobiografia* - que traz no seu contexto a clara ideia de uma biografia feita acerca de si mesmo, o si mesmo do narrador. O que Lejeune propõe, buscando equacionar a questão quanto ao gênero, é que prontamente aceitemos o problema historicizante com o qual incidimos, isto é, reconhecermos que, clara ou veladamente, os textos se imbricam, reportando-nos sempre a novas formas que sugerem novas discussões e análises, como, aliás, nos propomos a fazer com a obra de Isaías Alves.

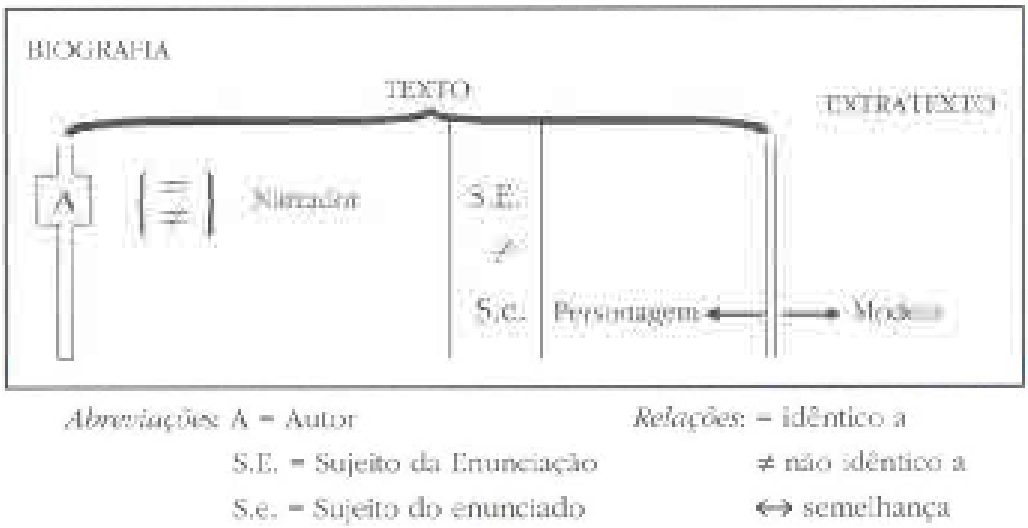
Concluímos, numa perspectiva, pela ineficácia do percurso histórico, assim como observamos a tentativa inválida de separar rigidamente os textos apenas obedecendo a um capricho de estudo, principalmente no nosso caso, em que as marcas deixadas, seja pela voz narrativa escolhida, seja pelo pacto de leitura, só ratificam o fato de precisarmos de um repertório narrativo aplicado ao estudo desse tipo de escrita no Brasil. Por mais que admitamos os recordes de vendas na recepção aos dois gêneros abordados, há igualmente uma falta de estruturação bibliográfica que escapa à perspectiva comum. Por exemplo, falta-nos, de forma mais expressiva, uma história da biografia brasileira, embora nomes oriundos do jornalismo sejam reconhecidos, a exemplo de Sérgio Vilas Boas (2002), Mozair Salomão Bruck (2008), que organizaram termos de uso mais adequados ao trato com o texto (auto) biográfico. As lacunas logo se farão nítidas: por que no gênero, o (auto)biografado é chamado de personagem? Existe a figura do narrador? Qual o papel do autor?

Comecemos pela proposta teórica estabelecida por Lejeune (2008). Na (auto)biografia, assim como na ficção, encontramos três termos em que a identidade textual se define: *autor*, *narrador* e *personagem*. Sendo narrador e personagem figuras às quais se ligam, no texto, o *sujeito da enunciação* e o *sujeito do enunciado*, por força do pacto autobiográfico, o autor fica à margem do texto, representado apenas através da assinatura do seu nome, quando, então, será o sujeito da enunciação. Para esse modelo de escrita, Lejeune ainda propõe um quarto termo paralelo ao enunciado: um referente denominado *modelo*, podendo, assim, constituir-se as estruturas dessas narrativas apresentadas sob os seguintes esquemas

a) biográfica

Apresenta um mundo textual, com um autor que pode ser igual ou diferente do narrador; sujeito da enunciação que difere do sujeito do enunciado, através de uma personagem que, no mundo extratextual, tem um modelo que pode ser semelhante, ou não, com a personagem.

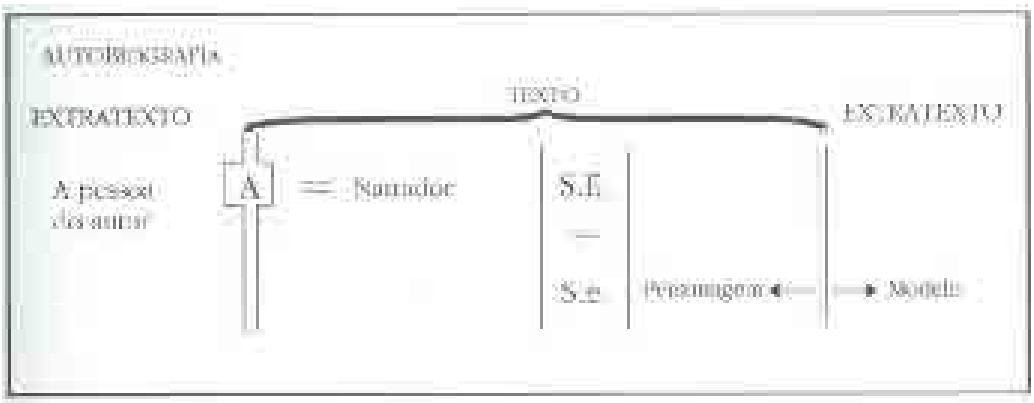
Esquema 01



b) autobiográfica

Propõe um mundo extratextual que contém a pessoa do autor e do seu modelo. No universo textual ficariam autor - semelhante ao narrador; o sujeito da enunciação também igual ao sujeito enunciado e a personagem - semelhante ao modelo.

Esquema 02



A estrutura proposta instiga, mais do que resolve. Primeiro, pelo uso de termos - semelhança e igualdade - que Lejeune emprega, matematicamente, conferindo-lhes algumas reflexões: para a matemática, só haverá iguldade entre dois números (2 = 2), logo, empregando esse sinal de igualdade na autobiografia, pensaríamos que autor, narrador e personagem serão sempre iguais. Mas uma pergunta não se cala: o sujeito adulto que narra o menino, será o mesmo? E, segundo, por que Lejeune propõe para a biografia a figura do autor, este existindo apenas no mundo textual? O que nos leva a crer que, no mundo extratextual, esteja o biógrafo representando a mesma entidade textual, ou seja, duas faces da mesma moeda. Resta-nos ainda outra pergunta: o narrador estaria, então, mais para o biógrafo - aquele que pesquisa, compila, confere tratamento interpretativo - ou para o autor que seleciona o material que chegará ao leitor através de uma voz narrativa? O significativo é que Lejeune propõe, para a autobiografia, no mundo extratextual, a pessoa do autor que também se presentifica no mundo do texto.

Para a problemática acima, não queremos estabelecer questões outras que nos direcionem para o terreno movediço do retorno, ou não, do autor, nos tempos recentes da literatura testemunhal. Isso, de certa forma, se não ressuscita o autor, pelo menos revisita a discussão proposta por Nietzsche, perpassando a desconstrução da categoria do sujeito cartesiano que, num primeiro momento, passa pela morte de Deus e do homem e, mais tarde, no século XX, pela “morte do autor”, proposta por Foucault.

Como a nossa análise, de certa maneira, traz à tona questões caras à literatura, envolvendo as figuras do narrador e do autor, optamos por seguir o pensamento de Beatriz Sarlo (2007), quando afirma que, independentemente da nossa atuação social, ainda nos interessamos pela figura dos autores. Se isso ocorre é porque ainda não ficamos convencidos o suficiente ante as diversas teorias de que o autor morreu. Assim, na tentativa de assimilarmos a proposta teórica, para melhor entender Isaías Alves, buscamos estudos que, de certa forma, possam ajudar a conceituar categorias apresentadas, a fim de construirmos um repertório teórico-metodológico que melhor se ajuste ao nosso estudo.

Elegemos o pensamento de Wayne Booth (1980),como aquele que melhor equaciona a conceituação envolvendo as figuras do narrador e do autor. No gênero de (auto)biografia, logo identificamos semelhanças conceituais às desenvolvidas por Booth, quando ele trata das mesmas questões identificadas na ficção. Percorrendo outros aspectos teóricos apresentados por outros autores, e visando a dar sentido a categorias textuais já existentes, identificamos na a maioria dos autores uma recorrência natural a Gerárd Genette, em grande parte aplicando, à sua teoria, o exame de obras ficcionais.

Booth (1980), porém, ignora a distinção de pessoa gramatical para caracterizar um narrador. Chega a propor categorias de narradores conducentes a papéis importantes, podendo solucionar os problemas sinalizados por Lejeune (2008). Booth ainda identifica, na construção narrativa, a figura do *autor implícito***,** o alter ego do autor empírico, inscrito em toda a obra, através do qual o leitor imagina um sujeito escrevendo a história e, de alguma maneira, encontra-se presente nos bastidores, manipulando as personagens e decidindo por impedir -- ou não -- um maior apagamento que venha a sofrer o narrador. Dessa forma, intentando completar o quadro teórico de Lejeune, poderíamos pensar que a ausência da figura do autor, no mundo extratextual da biografia, pode ser equacionada mediante o reconhecimento do mesmo através da figura do *autor implícito***.** A figura narrativa se faz contínua na biografia, mesmo quando o biógrafo sai de cena, pois, para Booth, enquanto a obra "não se referir directamente a este autor, não há distinção entre ele e o narrador" (BOOTH, 1980, p. 167). E o narrador, organizado para essa estrutura, pode ser compreendido como *não-dramatizado*, conforme Booth:

> As histórias não são normalmente, tão rigorosamente impessoais [...]. Na sua maior parte, são apresentadas passando pelo consciente de um contador, que pode ser – eu – ou – ele –. Mesmo em drama, grande parte do que nos é dado é narrado por alguém e, muitas vezes, sentimos tanto interesse no efeito sobre a mente e coração do narrador, como em vir a saber que mais o autor tem a contar-nos. [...] O leitor inexperiente poderá cair no erro de pensar que a história lhe chega sem mediação. Mas tal erro é impossível desde que o autor coloque explicitamente um narrador na história, mesmo que não lhe confira quaisquer características pessoais (BOOTH, 1988, p. 167).

Na tentativa de reforçar as propostas tóricas apresentadas , convocamos Clara Crabbe Rocha (1977) que revisita a proposta enunciada por Lejeune considerando-a a mais ajustada, por apresentar características supostamente, mais compreensíveis para a biografia, ao passo que, para a autobiografia, ele nos sugere uma colcha de relações, apostando na articulação da identidade em que o modelo extratextual se confunde com o autor, embora não tenhamos percebido essa relação no esquema que faz interagirem modelo e personagem. Rocha sugere ainda que, na biografia, a referência extratextual é bilateral, pois autor e modelo são categorias independentes e distintas. Reconhecemos que na proposta apresentada por Lejeune, para a biografia, o autor não aparece nem apresenta credenciais no campo extratextual, como dissemos anteriormente.

Cremos não se tratar de um equívoco por parte de Rocha (1977) as conclusões acima. Apenas coadunamos melhor com o pensamento contemporâneo de Mozahir Salomão Bruck (2009), para quem antes não se pensava o genêro biográfico como uma narrativa na

perspectiva literária. Por isso mesmo nos depararemos sempre com hiatos interpretativos e lacunas conceituais, sem contar o preconceito em relação ao gênero, permanentemente confundido como da cozinha, seja da História, ou da Literatura, quando não considerado um subgênero. O curioso é que a autobiografia, por alguns reputada como subgênero da biografia, tem modernamente agregado em torno de si uma gama considerável de estudos mais precisos, conforme verificamos na proposta apresentada por Lejeune.

Assim, no sentido de completarmos essa trilha, reconhecendo que o caminho foi íngreme, agregamos a seguinte intervenção: que caminhos novos serão apontados para pensarmos um repertório comum aos gêneros: o *pacto de leitura* pode ser referencial, a *voz narrativa*, *referencial* ou *autorreferencial*, o *narrador não dramatizado* e o *autor implícito*, mas a identidade, a semelhança, a personagem, os modelos de referências textuais cumprem, as mais das vezes algo próximo da expressão de uma verdade possível.

Tal qual Dosse (2009), reconhecemos o caráter híbrido do gênero em estudo, e a dificuldade que assumimos em classificá-lo numa disciplina organizada. Conforme pontuamos, é natural que surjam contradições, o que põe o gênero *confessional–intimista* sempre em *deficit* no que tange à reflexão meramente (auto)biográfica. Desprezado pelo meio acadêmico, e agora ressurgido, no momento em que as ditas celebridades querem ser biografadas ou se autobiografam, novamente se confere ao gênero o caminho da porta dos fundos.

Independente de época, o certo, porém, é que o gênero não deixa de usufruir de um sucesso de público, apesar das classificações canônicas muitas vezes preconceituosas, fazendo-nos refletir sobre os motivos que o tornaram tão desprestigiado pela academia e, mesmo assim, encontrando assento entre os mais diferentes leitores (pertencentes a distintos modelos ou comunidades interpretativas), no espectro secular das leituras (quase clandestinas) em circulação, no complexo circuito da cultura brasileira.

2. 1. 2 TRILHA II: ESCRITA *(AUTO)BIOGRÁFICA*: MEMÓRIA E NARRATIVA

Tecer relações entre memória e narrativa convoca-nos a travessias arriscadas e plurais, uma vez que, na contemporaneidade, defrontamo-nos com uma cerrada concorrência entre as diversas áreas que circunscrevem a narrativa como objeto exclusivo de seu campo de conhecimento. A narrativa biográfica é dupla filha da Literatura e da História. Herdeira direta, vem reclamando seus direitos de herança de forma produtiva, durante todos esses anos em que narra vidas ou histórias de vidas de um indivíduo ou de uma coletividade, tornando-se, ainda, segundo Mozair Salomão Bruck, relato de "referência de uma época/atividade" e até mesmo de comportamentos (BRUCK, 2009, p. 37).

Arfurch (2010) entende que o espaço destinado à narrativa biográfica, independentemente da área em que se assente, caracteriza-se pela multiplicidade de formas que a integram, mas todas elas oferecendo um traço em comum: o de contar, de maneiras distintas, uma história ou experiência de vida, inscrevendo a narrativa para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso. A ela estão sujeitos certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que mais remetem ao eixo da temporalidade: a memória e a História. Por isso, enquanto dimensão *configurativa* de toda a experiência, a narrativa confere "forma ao que é informe" (ARFURCH, 2010, p. 112), adquirindo relevância filosófica ao postular uma relação possível entre três dimensões temporais: o *tempo do mundo da vida*, o *tempo do relato* e o *tempo da leitura*, ou seja, o tão estudado e discutido universo dos três tempos da memória preconizados por Paul Ricoeur que, aliás, se ocupa em

> [...] recordar a definição [...], que eu chamava terceiro tempo por conta das necessidades de meu argumento. [...]. É essa constituição que importa agora relacionar com a mutação historiadora do tempo da memória. Em certo sentido, a datação, enquanto fenômeno de inscrição, não é desprovida de vínculos com uma capacidade para a datação, com uma databilidade originária, inerente à experiência viva e, singularmente, ao sentido de distanciamento do passado e à apreciação da profundidade temporal (RICOEUR, 2007, p. 163).

Se levarmos em consideração que o nosso estudo é fronteiriço, já que nos situamos entre memória, História e Literatura, é justo pensar na temporalidade que se divisa na narrativa memorialística de Isaías Alves, em relação ao ato de descrever o passado como algo conflituoso, pois o autor parece estar sempre negociando entre a memória e a História, uma construção narrativa que se pretende documental, mas que é também emocional. Isso nos leva a apreender o conceito proposto de que "a temporalidade assume uma modalidade ainda mais específica" (RICOUER, 1994, p. 435).

O formato narrativo de Isaías Alves não fica circunscrito ao discurso fenomenológico. Antes, reivindica a mediação do discurso indireto da ação narrativa. Assim, torna improvável a representação do tempo, em sua forma singular, sendo necessário ao relato operar, num papel de mediação, fazendo surgir, então, o terceiro tempo, resultante do diálogo possível entre História e memória, derivando dessa junção um relato que possui identidade narrativa, podendo revelar, tanto um indivíduo quanto uma comunidade.

Saliente-se que essa identidade narrativa temporal, segundo Ricoeur, nada mais é que uma categoria prática de referência e súmula de todos os acontecimentos relacionados a um acontecimento fundador, que define o eixo do tempo (RICOEUR, 2007, p. 163), o que corresponde, no tipo de narrativa em que estamos investindo, à suposição de resposta à pergunta: "A quem pode ser atribuída tal ação?" e "Quando a mesma foi feita?" Para Ricoeur, parece não haver outra resposta: somente a narrativa temporal consegue organizar um mundo que tem por característica o caos. Logo, "responder quem" (RICOEUR, 1994, p. 442) supõe contar a história de uma vida, situando-a num determinado contexto social. O filósofo, então, desfaz-se da *ilusão substancialista* de um sujeito *idêntico a si mesmo* (RICOEUR, 1994, p. 442), reconhecendo tal narrativa como um problema de inscrição da temporalidade no espaço *(auto)biográfico*: quem fala na instância atual do relato? Asseguramos isso ao pensarmos no *biógrafo*, que pesquisa, interpreta e ouve diversos sujeitos; e no *sujeito enunciador*: "Que vozes de outros tempos – de uma mesma voz - se inscrevem no decurso da memória?" "Quem são os sujeitos dessas histórias?" (ARFURCH, 2010, p. 116). Em outros termos, quais ou quem são os que narram num primeiro momento, ou os que ouvem e reelaboram tais narrativas? A nossa jornada analítica nos garante serem ambos sujeitos representativos na reelaboração narrativa que, muitas vezes, reproduzem a história oficial, mas também dela podem se distanciar.

Conforme Ricoeur (2007), a temporalidade do sujeito deve ser compreendida substituindo-se *o mesmo* (idem) por um *si mesmo* (*ipse*), sendo que a diferença entre *idem* e *ipse* será a existente entre uma identidade referencial, enquanto a identidade narrativa, sujeita ao jogo reflexivo, ao devir da peripécia, é aberta a mudanças, à mutabilidade, mas "sem perder de vista a coesão de uma vida" (ARFURCH, 2010, p. 116).

Dessa forma, encontrar o terceiro tempo, em nossa proposta, corresponde a convocarmos a memória, tanto em sua dimensão individual, como coletiva. No processo da escrita de memórias e, ou da (auto)biografia, misturam-se elementos constitutivos da narrativa histórica e memorial. Todavia, em se tratando de memórias relacionadas a experiências vividas, especialmente em casos de *(auto)biografia*, é indispensável observarmos a fronteira a

partir da qual a narrativa traz para si mesma elementos essenciais da memória. Ao procurar esboçar as memórias como marcas alternativas de um viver, para transmitir experiências de vida, o memorialista deve reconhecer a diferença essencial entre narrativas como afirmações *verdadeiras* a serviço da História, enquanto as construídas serão produto narrativo memorial, em parte, fruto da fantasia artística. Em consequência lógica desse processo distintivo, Arfuch reconhece que

> [...] há relativo consenso em assinalar que ambas compartilham os mesmos procedimentos de ficcionalização, mas se distinguem, seja pela natureza dos fatos envolvidos – *verdadeiramente acontecidos* ou *produtos de invenção* –, seja pelo tratamento das fontes de arquivo. Essa conclusão, que para a crítica literária não era inovadora, produziu, no entanto, grande impacto na historiografia tradicional, uma vez que deslocou o centro de atenção dos *fatos* históricos, e da concepção referencial de verdade, para a escrita da história, ou seja, para outro regime – discursivo – de veracidade (ARFUCH, 2010, p. 116-117).

Parece-nos, mais uma vez, que biografia e autobiografia terão que fazer um jogo duplo, tendo em vista se situarem na fronteira de diferentes áreas do conhecimento, apropriando-se de um discurso narrativo peculiar a cada uma delas, mas categorizadas como relatos de características próprias, narrando a vida de um indivíduo inserido num determinado contexto social, integrando-o através de um percurso narrativo que convoca a memória, mas que não pode ser tema exclusivo de nenhuma área específica, uma vez que atua no interior de uma mesma área, mas, por natureza, é "controverso e contraditório" (ASMANN, 2011, p. 20).

Muitas, diversas, semelhantes e/ou recorrentes serão as formas de tratamento da memória, em seus variados modos de apresentação e representação. Por tratarmos de escritas narrativas que julgamos memorialísticas, optamos pela concepção inicial proposta por Aleida Assman, em **Espaços da recordação**[6] (2011), com quem assentimos serem muitos os caminhos que nos conduzem à teoria sobre memória, não havendo apontamento possível de apenas uma como unificadora, devido ao seu implícito caráter contraditório, pois, quando tratamos de memória, trabalhamos com o diálogo entre passado e presente e a multiplicidade das interpretações. Muitas, também, serão as abordagens sobre as funções da memória e suas

[6] As abordagens sobre memória, propostas nesta tese, voltadas para o para o campo literário, estruturam-se levando em consideração conceitos platônicos e aristotélicos. Embora, tenhamos utilizado outros teóricos, reconhecemos que tais conceitos surgiram com os estudos da épica, principalmente, no que diz respeito à aporia temporal e aos *fenômenos mnemônicos*, tomando como base o princípio de que as primeiras reflexões sobre memória acontecem com a filosofia ocidental . Dessa maneira, ao empregarmos o termo *recordação*, não a tratamos como diferente da memória, mas como um desdobramento da mesma, já que os gregos valiam-se das expressões *mnemê* e *anamnésis* para explicarem os fenômenos da memória. A primeira expressão(*mnmê*) seria a memória na sua forma passiva, na qual a lembrança surge no espírito como afecção/percepção. Já o segundo (anamnésis), é a própria recordação, entendida como a parte mais ativa da memória, sempre disposta a exercícios que conduzam a memória a caminhos referenciais.

diferenciações - *recordar* e *acumular*/ *lembrar* e *esquecer, potência e arte* - numa teoria da literatura que também apresenta suas bifurcações.

Isaías Alves de Almeida, através de recordações (auto)biográficas, mapeia a memória individual e coletiva do Recôncavo Baiano.

> O desenvolvimento das matas foi lento e a ascensão de sua gente, custosa e demorada. A vida rural dos povos cultos permite que o poeta ache motivo e inspiração no pendoar do trigo,no florar das macieiras, no despontar dos botões, ao voltar a primavera.Nas terras novas, de clima inóspito, a vida reduz-se ao trabalho duro dos braços, a cuidar das roçasdo gado,das aves do terreiro além de vigiar as cobras ou vencer os mosquitos.As vilas e cidades dão lazer para os estudos, função normal futura dos letrados. Os Bitencourts tinham já representantes no governo, no comercio, no começo da cultura intelectual, pois haviam ficado em Nazaré. Os Almeidas ficaram nas roças, eram os tabareus da família, a despertar risos dos cidadãos (ALVES, 1967, p. 117).

Em vista do objeto aqui proposto, relemos Assmann (2011) no sentido de entender como os estudos literários, nos últimos anos, inclinaram-se para os desdobramentos da memória. Recorremos à técnica romana, ou mnemotécnica, invento atribuído ao poeta Simônides[7], que tem seu nome a ela ligado. Contam as lendas antigas que, afora os deuses, é ele tido como o primeiro poeta a ser recompensado financeiramente para homenagear os homens, através de cantos heroicos. Simônides acabou punido, vítima do desagrado do lutador Skopas, pois os mecenas não gostaram muito de sua performance. Resignado e ajudado pelos deuses, ele é convocado, para fora do recinto, por dois homens desconhecidos. Na saída do poeta, o telhado desaba, matando o anfitrião e seus convidados. Indicado para homenagear os mortos, Simônides fica impedido, pois, na Antiguidade, não se podia, por questões litúrgicas, memorar sem o reconhecimento dos corpos. Havendo memorizado os exatos lugares em que cada convidado estava sentado, o poeta torna possível reconstituí-los, identificando, por debaixo dos escombros, o anterior cenário. Dessa forma, o ritual fúnebre seria cumprido e as famílias poderiam chorar seus mortos devidamente identificados.

[7] Simônides é definido por Assmann (2011), como poeta que viveu aproximadadamente nos séculos 557-465 a.C. Heroi de uma história que Cícero estabeleceu omo lenda fundadora da mnemotécnica. Foi eleito como o primeiro poeta pago que, além de deuses e heróis, também homenageou, em canto, os homens mortais.Sua contribuição fica eternizada na lenda como o poder que a memória humana teria sobre a morte e a destruição. Sinaliza ainda a existência de uma outra lenda para o mesmo Simônides a de que ele teria, se deparado com um cadáver insepulto durante uma de suas andanças por terras estrangeiras. Conta-se que ele teria interrompido sua viagem e cuidado para que o morto desconhecido fosse dignamente sepultado. Na noite seguinte o fantasma desse morto teria aparecido para Simônides em sonho e o teria alertado sobre uma viagem de barco que estava planejada. Barco esse que ele deveria tomar, mas que não tomou graças ao fantasma que o alertou para não fazer tal viagem. Esse mesmo barco teria tido problemas no mar e naufragado, levando consigo todos os tripulantes (ASSMANN, 2011, p. 40).

Apoiados nessa lenda fundadora da mnemotécnica, podemos perceber o alcance da memória e suas conquistas para a *fama* (a construção dos poemas em louvor dos memorados) e para a morte. Com a identificação dos corpos, evidencia-se o tanto que a História tem discutido ante os silenciamentos da memória. Reler a lenda provocou-nos a reelaborar o pensamento de que Isaías Alves (ainda que inconscientemente) seria uma espécie de simulacro de Simônides. Ao reaver a técnica da memória, com sua possibilidade de *armazenamento*, o mais conhecido como pedagogo e obscuro escritor se retiraria da morte simbólica e do esquecimento social, mediante resgates da sua própria obra como memorialista.

Se pensarmos que, por uma decisão judicial, *mnemon* foi termo aplicado às pessoas que, na Grécia Antiga, guardavam a lembrança do passado, perceberemos de imediato uma operação instrumental técnica, valorizada de tal maneira semanticamente que transforma o termo, ampliando-o em deusa *Mnemosine*, que revelava "ao poeta os segredos do passado, introduzindo-o nos mistérios do além" (LE GOFF, 1996, p. 438). Independente da forma lendária ou da forma real que a queiramos iniciar, a importância da memória e sua relação com a narrativa memorialística inscrita nas (autos)biografias do autor que escolhemos analisar é um caminho integrador que, o tempo todo, buscamos negociar na presente tese, tentando conciliar *memória coletiva* e *memória individual*.

Ainda com Asmann (2011), reconhecendo a potencialidade de guardiã das memórias em que se assenta a obra de Isaías Alves, elaboramos o pensamento de que o autor baiano reconfigura a memória como *ars* (arte). No momento em que ele escreve, compõe o texto ou o memoriza, tal qual Simônides, metaforicamente pode reconhecer os corpos mutilados depois da queda de um telhado, pela ordem em que os convidados estavam sentados. Dessa forma, o procedimento utilizado por Simônides - a mnemotécnica - é agora transformado em técnica de aprendizado consciente, já que é preciso memorizar, obedecendo a uma certa ordem lógica que a visão empresta através da captação do real, apreendendo as imagens, escrevendo a memória e inscrevendo-se, conforme Simônides, que terá sempre um papel duplo: ele é humano mas, de forma misteriosa, sempre se distancia das tragédias.

Outro aprendizado relevante é que, com a lenda, percebemos o risco da detenção memorial. Cabia exclusivamente a Simônides o poder de reconstituir a tragédia. Apenas a sua voz seria ouvida. Assim que nos lembrarmos da importância do diálogo para as diversas áreas do conhecimento, deixaremos de ouvir apenas uma voz, - a oficial ou a dos vencedores -, e passaremos a dar lugar às literaturas periféricas, apreendendo-lhes o importante contributo oriundo de outras vozes narrativas, que também devem ser ouvidas ao falarem das catástrofes,

do terror, enfim, ante os holocaustos. Assim, a mnemotécnica romana foi aproveitada de diversas maneiras, objetivando–se um procedimento adquirível e aplicável a vários fins, os quais tinham como base sempre o armazenamento confiável e a recuperação idêntica das informações. O grande problema da mnemotécnica é que ela eliminava a dimensão temporal da experiência, ficando o tempo como um mero procedimento espacial.

Falamos inicialmente que o tema, no interior de uma mesma área do conhecimento, se bifurca. Podemos atender à proposta feita por Assmann (2011) com a qual concordamos, no que se refere a caminhos. Se propomos trilhas, elas, por seu turno, nos oferecem um caminho com duas placas - *ars* e *vis.* Não objetivamos separá-las rigidamente, mas evidenciar como o estudo da memória é traiçoeiro.

Demonstramos o poder da memória compreendida como *ars,* que acumula e armazena informações, sem que necessariamente o indivíduo que a narra tenha experenciado o que conta ou descreve. Vimos também o perigo da exclusividade da narrativa unilateral, mas, seguindo a outra placa – *vis* – teremos, segundo Assmann (2011), a oposição demarcadamente clara: enquanto *ars* está para *armazenamento, vis* estaria para a *recordação*. Cabe-nos esclarecer o ato de decorar, ligado à *ars,* como consciente, deliberado, enfim, contendo uma certa intencionalidade, enquanto o termo – *recordação,* de *recordare* - já nos indica um caminho que não sugere a deliberação, mas propõe uma experiência mais próxima ao que vai ser lembrado, além de nos tornar clara a dimensão temporal não cronológica. Recordamo-nos de algo vivido ou narrado por outrem, mas recordar ninguém ensina, como nos assegura a mesma autora:

> A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma revaloração e uma renovação do que foi lembrado até o momento de sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, intervalo de latência, e sim sujeita a um processo de transformação. A palavra potência indica nesse caso que a memória não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias. Essa energia pode dificultar a recuperação da informação - como no caso do esquecimento - ou bloqueá-la – como no caso da repressão (ASSMANN, 2011, p. 34).

Mais uma vez iremos encontrar a figura de Isaías Alves bem disposta entre *ars* e *vis,* uma vez que, como guardião das memórias do Recôncavo Baiano, ele compila e elabora árvores genealógicas das famílias, guardando literalmente um baú de documentos que podem ser relidos e reelaborados.

Logo, o ato de armazenar, para Isaías, é uma batalha que acontece contra o tempo, mas não contra o esquecimento. Dessa forma, armazenados com a ajuda de técnicas características de certas disciplinas (organização de museus, digitalização de documentos, arquivos públicos etc), os documentos (armazenados por ele) é uma tentativa de superar os efeitos devastadores promovidos pelo esquecimento acidental ou deliberado.

Nesse sentido, Isaías Alves, estabelece uma condição para o ato de armazenar: a rememoração que acontece dentro da relação temporal, exigindo constante revisitação, a fim de se evitar o esquecimento. Se levarmos em consideração a revisitação (ao armazenamento: museus, documentos, fotografia etc.) feita por um sobrevivente de holocausto, aos arquivos, e este encontrar, por exemplo, uma foto do local onde ocorreu o fato, haverá uma revisitação a memória, isso legitima a importância do armazenamento, mas não assegura que não haja o esquecimento, já que a memória é *funcional*[8] e pode nos livrar do horror das recordações, evitando que o sofrimento vivido pelo sobrevivente retorne através da contemplação. Sabemos que o sofrimento não estará mais presentificado na fotografia; ela apenas acionou a recordação, propiciando emoções que as técnicas de armazenamento, vinculadas somente à *memória cumulativa*, não serão capazes de alcançar.

Nesse estágio, convém salientar que este nosso trabalho parte do pressuposto, assegurado por Assmann (2011), de que é impossível pensarmos a memória enquanto possibilidade narrativa sem uma experiência própria, e estabelecer a memória, nessas perspectivas, é de pronto reconhecermos que elas são oriundas de diferentes tradições discursivas da Antiguidade, que aponta a memória como um de cinco passos procedimentais: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria*, *actio.* Concorrendo paralelamente com essa concepção, o discurso da psicologia que define a memória como potência, associada ao significado antropológico nuclear centrado num tripé: fantasia, razão e memória.

Na contemporaneidade, Márcio Seligmann-Silva (2003), no ensaio “Apresentação da questão”, também traz um conceito de memória que, somado aos aqui propostos, conduzem-nos a reflexões valiosas em torno dos guardados da memória que Isaías Alves queria, a todo tempo, nos fazer lembrar. Repassando-nos a ideia quase pueril de que podemos controlar a memória e, consequentemente, evitar o esquecimento através do registro de documentos e monumentos, esqueceu-se ele, Isaías, de que tais procedimentos podem ser manipulados e, embora lembrados, são frutos dos arquivos da memória meramente armazenativa, ainda que sempre convocando a releituras.

[8] Assmann (2001), define como funcional a capacidade que a memória tem para selecionar associar e constituir sentido para as experiências.

Por isso, a teoria da literatura, no âmbito dos gêneros fronteiriços, experimenta sempre a possibilidade de o exercício narrativo da memória também ser compreendido contendo marcas utilizadas na ficção, podendo ser simulada, encenada, representada, sem que ocorra uma autêntica rememoração por parte do sujeito que narra, conforme percebemos em Isaías Alves que, muitas vezes, estabelece um jogo prório da memória, o de esconder-se e o de mostrar-se em certos trechos, que recorre apenas a capacidade *cumulativa*[9] da memória para narrar.

> Os dias passavam rápidos e felizes. Alguns livros vieram da bagagem de Dastre e Garofalo até a margem da História de Euclides da Cunha. O forte vício de ler é invencível. Tomei notas, mas foram perdidas, numa viagem para o Rio; queimaram-se entre jornais velhos. **Mas o pensamento guardou-se** (ALVES, 1967, p. 1981) (grifo nosso).

Emerge, então, mais um questionamento: quem nos garante a fidedignidade desses guardados? Essa perspectiva de gênero memorialístico, para nós, se desdobra e se origina de um *narrador memorioso*[10], que recupera dados somente por ele guardados, mas que, uma vez evocados, pretende nos fazer partícipes dessa rememoração. A abordagem do estudo sobre as memórias, presente até mesmo nas obras consideradas (auto)biográficas, confluem para uma inscrição memorialística do autor pesquisado em nosso trabalho. A inserção da memória, como elemento primordial do discurso narrativo, não se dá apenas porque o autor guarda fatos para rememorá-los; mas sim porque convoca os leitores a participarem de uma viagem que ele afirma ser sentimental, mas verdadeira.

Como vimos, pensar a memória como importante contributo para a narrativa requer o reconhecimento do que discorremos anteriormente. *Memória* é termo que frequenta diversidades de uma mesma área, tão plural quanto suas acepções e recepções. As opções de uso tratam de reconhecer as infinitas possibilidades de indagações que nos conduzem para muito além das questões da memória concebida como escolhas, por técnicas e definições que a restrinjam a um mero arquivamento das informações do passado. Entrar e sair dessa zona conflituosa é considerar que as impressões passadas são trazidas para um tempo posterior por meio da recordação, comportando o aspecto indestrutível da experiência, conforme propõe Adauto Locatelli Taufer,

---

[9] Pode ser compreendida, ainda segunda Assmann(2011), como um depósito de provisões para as memórias funcionais futura, o que ratifica o que abordamos sobre o *armazenamento*.

[10] Este conceito é, por nós, elaborado para diferenciar o estilo de Isaías Alves bastante diverso do de outros praticantes do discurso memorialístico. A ele, dedicamos o subcapítulo, intitulado "Trilha III: Isaías Alves, o narrador memorioso".

> [...] Podemos considerar essa prática como característica da experiência singular, na medida em que está contida nas lembranças dos acontecimentos que compõem a vida interior do ser humano. Atentamos, entretanto para o fato, de que a experiência individual se desenvolve no convívio com um dado grupo social e que, muitas vezes, para construir a si próprio, o indivíduo precisa resgatá-lo. Com isso, ele penetra no campo da memória coletiva, ainda que permaneça devido ao seu próprio ponto de vista, no âmbito da consciência pessoal. É importante observarmos, ainda, que o vocábulo *experiência* abarca um conjunto de possibilidades, dentre as quais está o tempo (TAUFER, 2008, p. 2).

Não é de hoje, nem de ontem, que o imbricamento entre tempo e memória é abordado. Demonstra-o o volume das **Confissões,** de Santo Agostinho, para quem, talvez, fosse mais compreensível anotar o tempo em três dimensões distintas: "o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito" (AGOSTINHO, 2001, p. 227). Percebemos, dessa forma, que há, para o tempo, uma relação intensa com o presente, e isso talvez se aplique à consciência que Isaías Alves tinha ao narrar, o tempo inteiro, o passado, com uma certeza da finitude e do esquecimento que, para superá-los, investia na técnica do armazenamento e do exercício contínuo do recordar. Dessa maneira, escrevia e convocava os novos a uma reflexão sobre o passado, tentando lidar contra o esquecimento, inclusive de si mesmo.

> Minhas filhas recordam ainda a beleza do campo, a gentileza dos parentes,a tranquilidade da tarde. Extensa toalha na grama, robusto caldeirão de feijoada, tijelas de vários tipos de galinha, porco assado, que fizera roda na véspera e compotas soberbas de doçura,fizeram alegrar a tarde, num tranquilo repouso e bons jogos, histórias da roça, inocentes carreiros no descampado. São hoje quase todos de longes sítios, pais e mães em goias, na Guanabara,em Minas, Salvador e poucos na velha mata confortante. Os filhos já vão formados ou bem perto, dando-lhes netos. Mas a lembrança da tarde vive doce, com a da terra dos avós desconhecidos, **que revivo** (ALVES, 1967, p. 180) (grifo nosso).

Dessa maneira, memória e esquecimento não se separam nem se excluem mutuamente. Mas esses conceitos não podem ser vistos de forma antagônica e maniqueísta, pois convivem e entrelaçam-se. Nietzsche (2003) encara a força do esquecimento como a capacidade de o indivíduo se proteger das próprias lembranças resistentes e disseminadas, alegando que, às vezes, é natural esquecer, pois o ser humano, orientado por seus interesses em agir, jamais dispõe por completo da soma de suas lembranças. O acervo de recordações só ficará acessível em partes; e isso perfaz a limitação fundamental, conquanto coexistam também a versatilidade e a capacidade de apreender dos seres humanos. Mais uma vez, conforme o apontamento nietzscheano, o homem "esquece a maior parte das coisas, para fazer

uma só; ele é injusto com o que ficou para trás e só conhece um direito, o direito do que cabe acontecer agora" (NIETZSCHE, 2003, p. 254).

Ao estudar a memória, como uma variante narrativa, em Isaías Alves, parece-nos de significativa produtividade conferir um tratamento às formas já apresentadas, de manifestações e estratégias pelas quais essa memória se coloca nos textos em análise, sobretudo para a compreensão do constructo narrativo memorialístico pautado na recordação - forma expressiva de contar-se e contar a experiência humana. Desejando salvá-la do silêncio e do esquecimento e, para tanto, convocando a narrativa ao tempo de reconhecermos, parcialmente, a escrita como uma das grandes metáforas da memória, Isaías Alves parece nos invectivar, como no livro do Pentateuco: "Escreve isto para a memória e repete-o a Josué, e não te esqueces que riscarei do livro a família Ameleque" (Êxodo, 17:14).

Desde os primórdios, nas mais variadas formas de concepção, o exercício narrativo da memória sugere eventuais ausências ou, pelo menos, intervalos de não presença, pois não se pode recordar o que está presente, sendo necessário trazer a memória sempre à luz. Dessa maneira, a recordação não pressupõe nem ausência nem presença permanentes. Antes, invita alternâncias a que nem sempre apenas a escrita poderá atender de forma satisfatória. Por isso lemos expressões memorialísticas do que Isaías Alves "ouviu do negro da fazenda"; ou "me contou a negra Benvinda", evidenciando um narrador *memorioso,* que tudo quer recordar no formato de memória palimpséstica às avessas, em que o que está nos subescritos, nos subterrâneos da escrita, ganha contornos mais evidentes, visto que o narrador tenta, a todo custo, não permitir que novas camadas soterrem as precedentes, ainda que reconhecendo que elas nunca se apagam completamente.

Segundo Carla de Quadros (2009), é lugar comum a afirmação de que um estudo que se propõe a analisar as produções memorialísticas à luz das metodologias da ciência histórica deve apresentar, antes de qualquer coisa, considerações sobre as distinções entre História e Memória, principalmente pelo fato de que, na atualidade, muito se tem discutido sobre a relação existente entre ambas, em especial quanto às fronteiras que as ligam e as separam uma da outra. A pretensão, naturalmente, não é estabelecer uma longa e profunda discussão a respeito, visto não ser esse o nosso objetivo, mas apenas apresentar distinções consideradas necessárias ao entendimento da natureza da pesquisa e da forma pela qual nossa investigação foi desenvolvida.

Pensar numa convivência fácil entre duas perspectivas canônicas a propósito do passado - História e memória - tem sido desejo, não só de poetas e filósofos, mas também de sociólogos e historiadores já há muito tempo. Por certo, essas relações, tensas e instáveis,

próprias de uma relação de fronteiras, seja quanto aos limites de cada disciplina, seja quando às diversas concepções e visões de mundo entram em jogo, na conexão de ambos os fazeres. “História e memória, nesse caso, são determinadas pela limitação recíproca que impõe uma à outra”, diz Assmann (2011, p. 143), interpretando que uma é sempre o que a outra não é. Assim, tanto se descreveu o surgimento de uma historiografia crítica, emancipada em relação a uma memória oficial quanto se fizeram prevalecer os direitos da memória em face de uma ciência histórica poderosa demais, conforme lemos:

> A historiografia – ou seja, a história como narração, disciplina, ou gênero, possuindo as suas regras, suas instituições e os seus procedimentos – não pode [...] substituir-se à memória coletiva nem criar uma tradição alternativa que possa ser partilhada. Mas a dignidade essencial da vocação histórica permanece, e o seu imperativo moral parece-me ter hoje em dia mais urgência do que nunca. No mundo que é nosso não se trata mais de uma questão de decadência da memória coletiva e de declínio da consciência do passado, mas sim da violação brutal daquilo que a memória ainda pode conservar, da mentira deliberada pela deformação das fontes e dos arquivos, da invenção de passados recompostos e míticos a serviço de poderes tenebrosos. Contra eseses militantes do esquecimento, traficantes de documentos, os assassinos da memória, contra os revisores das enciclopédias e os conspiradores do silêncio, contra aqueles que, para retomar a imagem magnífica de Kundera, podem apagar um homem de uma fotografia para que não fique nada senão seu chapéu, o historiador, apenas o historiador, animado pela paixão austera dos fatos, das provas, dos testemunhos, que são o alimento da sua profissão, pode velar e montar a guarda (SILVA-SELIGMANN, 2003, p. 62-63).

Então, todo cuidado será pouco no caso de usarmos memória e História como sinônimos. É o que nos alerta Pierre Nora (1984), entendendo ser a memória a vida em sociedade e em constante evolução, dialeticamente ligada ao ato de lembrar e esquecer, podendo ser objeto de manipulações e apropriações sócio-históricas, enquanto que a História será tratada como uma produção, conforme se verifica na citação anterior, consciente, intelectualmente associada à análise e à crítica. Assim,

> [...] a história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacerelada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos nós e a ninguém, o que lhe dá uma vocação universal. A memória se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluçõpes e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1984, p. 9)

Logo, assentamo-nos no que se refere ao nosso interesse nesta tese: ingressarmos no universo da memória, entendendo-a como um comportamento narrativo que funciona como

um filtro propondo comunicar uma experiência que não se dá apenas no presente, através de narrativas que imprimem a marca da recordação e salvam do esquecimento episódios obscurecidos pela oficialismo da História. Interessa-nos pensar desse modo, por entendermos que ambas as etapas humanas - memória e História - se complementam, impondo um dinamismo às experiências do passado, como faz Isaías Alves, utilizando a memória como recurso narrativo nas construções presentificadas em relatos (auto)biográficos.

No caso das propostas desse exercício rememorativo, trazido à baila pelo narrador *memorioso* Isaías Alves, o que forçosamente ressalta é a lapidação dessa memória através da recordação composta em formato de retalhos, recapitulando tudo quanto compõe as memórias e as experiências individuais e coletivas que formam a colcha de guardados histórico-sociais no Recôncavo Baiano:

> Puxemos conversa para o passado, que era mais tranqüilo: "Depois do casamento conservei a Loja Popular e fiz o armazém para compra do café, na rua de Cima, hoje Rui Barbosa. Naquêle tempo, começava a cair o açúcar. A rua de cima era despovoada: vinha pouco além de minha loja, na rua dos Nazarenos, do tempo dos senhores de engenho. Agora começava a cidade a crescer. [...]. O povo passava na rua: "Não dizem que êsse homem está quebrado, como é que ele está construindo casa"? E foi minha salvação, porque eu pus os lucros na construção e, quando veio a queda, eu tinha base. Depois veio o fumo que deu outro surto. A construção do armazém perto do sobrado. Vendi a loja, conservei o Curral da Casinha e vocês foram para o Colégio e eu fiquei sozinho pouco a pouco" (ALVES, 1967, p. 184).

O autor ouve o pai, revê acontecimentos históricos e se cala, restringindo alguns assuntos à esfera do silêncio, circunscritos ao campo daquilo que não pode ser dito nem tocado, e que o autor, portanto, sente-se no direito de não revelar ao leitor, embora o insinue, através de uma artimanha narrativa já apontada, como é o caso do *autor implícito*. Sua escritura, nesse sentido, em vez de revelar grandes segredos, tão caros ao gênero memorialístico-(auto)biográfico, assenta-se num silenciamento por ele orquestrado, o qual só poderá ser transposto por um leitor atento às tramas narrativas propostas pelo autor-narrador-personagem:

> Afinal concluímos as viagens sentimentais na casa de um descendente de Manoel da Cunha Froés de Almeida, cuja ligação com o tetravô não se recobrou ainda. [...] Nossa tarefa parece terminada, outro a retome e preencha a lacuna que o tempo vencerá (ALVES, 1967, p. 196).

Ao ponderarmos sobre a posição do sujeito que narra e sua relação com a experiência memorial, imediatamente refletimos sobre os motivos que levaram Isaías Alves a pretender narrar essas experiências e a transmiti-las. Em função disso, cremos que a discussão inicial

remete a uma outra lenda, a de Mnemosine, mulher que, na representação da escultura, segura o queixo em atitude meditativa. Para os gregos antigos (conforme a bibliografia dedicada aos estudos mitológicos da Grécia), ela era a mãe das musas. Através de sua arte, o indivíduo criador tinha acesso à sua própria memória e à coletiva. Como na outra lenda, a de Simônides, aprendemos sobre a nautreza meditativa da arte de memoriar, tornando-se o artista aquele que pode estabelecer uma ponte, ou seja, um elo entre os indivíduos do passado, os do presente e os do futuro, graças a essa construção alegórica da deusa da memória, tão comum em estudos como o nosso, o que nos permite observar outro aspecto relevante no ato da representação da entidade mitológica: Mnemosine não é uma mocinha, ou uma menina; é uma mulher de idade avançada, pondo em relevo o fato de serem os velhos aqueles que mais fazem o exercício da recordação. Talvez, assim, possamos responder à indagação inicial do parágrafo que Isaías Alves, publica, em **Matas do Sertão de Baixo,** aos setenta anos de idade e já muito doente, reconstituindo instâncias que o autorizam a se pensar como um guardião de memórias, e a nós em classificá-lo, depois dessas distinções, como um *narrador memorioso*.

2. 1. 3 TRILHA III: ISAÍAS ALVES, O NARRADOR MEMORIOSO

Quando pensamos em utilizar o termo *memorioso* para considerar a figura do narrador presente nas obras de Isaías Alves, levávamos em consideração aspectos peculiares da narrativa, conceituada como memorialística ou, para usarmos a expressão de Marina Maluf, aquela "que recolhe dos tempos remotos fragmentos significativos e os apresentam como um pretérito interpretado" (MALUF, 1995, p.41). Além dessa contínua articulação entre passado e presente, consideramos também o fato de que Isaías Alves, subliminarmente escreve sobre si[11] mesmo, retratando o seu tempo histórico, muitas vezes, através, da lembrança que solicita a utilização de documentos, a exemplo de cartas, diários, recortes de jornal e depoimentos, formas convocadas para referenciar os dados oriundos da memoração, até que ela se transforme no que Ricoeur (2007) chama de *memória hábito*, isto é, remoração que encerra uma maneira de aprender, um ato ativo que requer exercício e aprendizado, já que

[11] Levamos em conta as perspectivas apresentadas por Angela de Castro Gomes de que há diferenças entre *autobiografia e escrita de si*, mesmo reconhecendo sempre a autobiografia como uma modalidade de memória que se constitui um estilo literário que assegura um pacto entre narrador, autor e protagonista. Por sua vez, a escrita de si insinua certa discrição, um arquivamento que não almeja a publicização dos elementos catalogados. Com Isaías Alves, julgamos encontrar a reunião dos dois conceitos, pois suas obras e a organização do seu arquivo pessoal evidenciam uma necessária *representação de si*.

a memória transforma a novidade que se fixa, tornando-a hábito através das funções *lembrar* e *recordar*.

Embora os termos apareçam como sinônimos, intuímos uma possibilidade de diferenciação entre eles. No que tange à narrativa de Isaías Alves, sabemos que pertence ao campo da memória, mas a circunscrevemos a uma função mais específica: a *recordação*. Ele não pretende apenas lembrar, mas recordar, trazer de volta, reviver um conjunto de atividades mais emocionais. Compreendemos, a partir dessas elaborações, que a memória é um rico campo de discussões e análises, atendendo às diferentes concepções teóricas, mas, no caso, entendemos que a lembrança se estabelece como uma das funções da memória mais dirigidas aos jovens, que têm a capacidade retentiva, mas não a força do sentimento suficientemente forte para evocar o passado. Recordar tem, assim, como objeto essencial, o sentimento de retorno ao passado. Ainda que o velho consiga armazenar poucas lembranças, ele será capaz de recordar e de refletir sobre elas, reavivando-as na memória imperecível.

No evoluir de nossa análise, percebemos uma singularidade na narrativa memorialística de Isaías Alves. Era, justamente, um exercício constante do ato de recordar pois, enquanto jovem, selecionou, compilou e escreveu, a ponto de tornar hábito, transformando a capacidade fabulosa de arquivar, seja fisicamente, com recortes, fotografias, objetos, seja com os relatos e depoimentos, numa pretensão de produzir fontes históricas que respaldassem seus relatos da recordação que canta o passado, refletindo-o.

Tomando como base essas considerações e conjecturas, o termo *memorioso* nos apareceu, inicialmente ao acaso, quando nosso objetivo era estabelecer uma diferença que pressentíamos entre Isaías Alves e os demais memorialistas, os quais, de uma maneira geral, assumem o presente como ponto de diálogo com os fatos passados, enquanto Isaías parece querer recuperar um passado idílico, para isso desenvolvendo uma memória hiperbólica, a tudo captando, por temer o esquecimento. Em outros termos, Isaías Alves exercita uma verdadeira compulsão pela memória retentiva, de modo a mantê-la presente nos acontecimentos de sua vida pessoal e como educador.

Seguimos, então, o percurso com a finalidade de desenvolver essa categoria de *memorioso* aplicada ao autor estudado, para isso tomando como base comparativa o conto “Funes, o memorioso”, do escritor argentino Jorge Luiz Borges, na tentativa de ajustar a temática no que nos incitava a leitura das obras alvesianas.

No conto, Ireneo Funes é um jovem que, aos dezenove anos, sofre um acidente e fica paralítico. Momentaneamente perde a memória, mas a recupera ainda melhor, capaz de se lembrar dos fatos mais antigos como se eles estivessem sendo vivenciados no exato momento

em que os lembra. Com um dado significativo: Funes perde a capacidade de esquecer e, por isso mesmo, tudo armazena, fazendo da memória uma imensa lixeira. O protagonista passa os dias rememorando e sendo capaz de citar objetos em ambientes que ninguém nota ou aos outros passam despercebidos. Funes passa os dias deitado, decorando grandes sistemas numéricos, aprendendo diferentes idiomas, mas não consegue pensar, pois, como nos assegura o narrador, "era incapaz de idéias gerais, platônicas", porque "pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes, não havia senão pormenores, quase imediatos" (BORGES, 1989, p. 97).

O cronométrico Funes é capaz de saber as horas, sem sequer olhar para o céu. Condenado a viver das lembranças, sozinho, não tem com quem intercambiar experiências, ocupado em exercitar detalhes do passado, num excesso de memória que o impossibilitava a recordação. Necessariamente, esse armazenamento de memórias, que nos lembra a mnemotécnica, não operacionaliza significados de experiências, pois é preciso o lapso da ausência para que possamos lembrar, recordar, enfim, exercitar os dados da memória, numa espécie de poética com o significante de um plural de vozes.

A figura do narrador, no conto, sinaliza para a importância do exercício da memória através da função de recordar, configurada em forma de relato. É o narrador que estabelece relações com Funes, o homem que não dormia, pois "dormir é distrair-se do mundo" (BORGES, 1989, p. 98). Com essa capacidade de escuta, o narrador possibilita que os fatos significativos do passado sejam revisitados através da recordação.

O narrador, no conto, torna-se elemento significativo para ratificar a nossa tentativa de distinguir a sutil diferença entre os atos de *lembrar* e *recordar*, pois é justamente ele que nos conta a história de Funes, ou seja, ainda que Funes seja o grande detentor das memórias, é o narrador quem exerce a intermediação dos relatos e quem, posteriormente movido por sentimentos, também recorda. Percebemos nitidamente o medo que o narrador sente da lembrança implacável de Funes. Depois dos três encontros que tiveram, ele conclui: "entorpece-me o temor de multiplicar trejeitos inúteis" (BORGES, 1989, p. 99), fazendo emergir a necessidade singular do esquecimento.

O processo cumulativo da memória é muito semelhante ao que ocorre na narrativa de Isaías Alves, um guardador de memórias que, quando novo, tudo recolhia, até mesmo os gestos mais inúteis. O jovem ressurge no velho solitário, que almeja dividir seus relatos, frutos de uma memória infalível, entendida inicialmente como mera capacidade aramazenativa, mas que se amplia num intenso e permanente exercício sentimental do ato de recordar. Ao aproximarmos Isaías Alves da personagem de Irineo Funes, pretendemos

restabelecer a necessária relação de contiguidade entre o ato de recordar e o exercício de narrar, reconhecendo, na figura do narrador, a intercessão da pluralidade dispersa no que tudo armazena, afirmando, como Borges: “minha memória, senhor, é como um depósito de lixo” (BORGES, 1989, p. 98). O narrador assume o papel de intérprete das memórias, justificando-as, enquanto armazenadas e dotadas de significados, sendo imprescindível propor vivências, experiências, recordações enfim, para que incidam necessidades de afastamento dos atos de esquecer. Ou seja, não recordamos apenas o que está presente, mas sobretudo o que se refugou no passado. Logo, o exercício da recordação solicita ausências, ainda que ocorram através de pequenos lapsos temporais, de forma a proporcionar que o material armazenado possa confluir para a pecepção e assim gerar a memória e sua poética da *recordação*.

O nosso narrador *memorioso* Isaías Alves faz uso de todos os elementos presentes no gênero memorialistíco: *memória*, *esquecimento*, *fingimento*, *silenciamento*, *lembrança* e *redordação*. Acumula a mais o saudosismo exacerbado que resiste ao presente, erguendo um brado ao passado, não como os demais memorialistas que, de tão reminiscentes, voltam ao passado no intuito de avivar lembranças. Isaías, por seu turno, intenta reconstruir materialmente o passado, remontá-lo numa sequência libertária do esquecimento. Almeja tudo reter. É, assim, uma variante a mais da memória, que optamos por *deslembrar*[12], entendendo-a como ato omissivo consciente, já que Isaías, como Funes, é um grande armazenador de recordações. O ato de esquecer, em Isaías Alves, quando ocorre, é consciente.

De imediato, poderíamos pensar nessa capacidade retentiva como elemento importante para os estudos da história. Verdadeira pretensão de Isaías Alves, o nada esquecer é um problema que reside no que Ricoeur (2007) chamou de *memória impedida*, aquela que caminha contrariamente ao exercício da recordação. Assim, quando é conveniente, o narrador apenas transcreve os dados do passado, sem os refletir nem problematizar, fazendo dos relatos apenas fontes para a história, estando os mesmos pautados pela capacidade cumulativa da memória, mas não nas impressões oriundas da recordação.

Passando da tentativa de diferenciação conceitual para as funções e desdobramentos da memória, e na expectativa de compreendê-las como importantes contributos teóricos para a narrativa memorialista, reconhecemos ser o narrador o elemento fundamental em nosso percurso analítico. Não queremos categorizá-lo rigidamente, mas reconhecê-lo como *memorioso*, para distingui-lo nos exercícios plurais que o exclusivizam dentre os demais. Isaías Alves é assim aproximado a *Funes*, pois melhor reflete sobre a maneira singular do

[12] Termo tomado de empréstimo do livro **Deslembrar,** de Luciano Pontes 2009, embora o conceito utilizado, pelo autor, não seja igual ao aqui empregado.

memorialismo por ele exercido, envolvendo o imbricamento de gêneros e disciplinas. Os aspectos narrativos saudosistas abastecem o fulcro da obra do escritor baiano.

Ante tal comportamento narrativo, que aproxima as funções das memórias a serviço do relato, fica difícil estabelecer oposições entre Memória e História. No discurso memorialista de Isaías Alves, essas funções nem sempre serão explícitas, tampouco fáceis de serem detectadas, uma vez que, na lógica do discurso memorialístico, a fronteira estabelecida para o binômio tende a se diluir de um modo sutil. Visto que a teoria da literatura, por meio de seus recursos, não emprega as categorizações de narrador ajustadas a esse tipo de produção, resta sempre destinada ao autor de memórias a sua categorização como narrador, conforme argumenta Marina Maluf:

> O gênero memorialístico guarda algumas formas de constituição e tratamento do enunciador ou sujeito da linguagem - o "eu" narrador - em torno do qual se dá a organização da narrativa da lembrança. A memória pode ser centrada no narrador em primeira pessoa como protagonista, cujo esforço de rememoração dos fatos significativos é quase que invariavelmente traçado pela perspectiva do autor (MALUF, 1995, p. 47).

Em nossa análise, aceitar somente essa opção tornou-se ainda mais problemática, restando-nos transitar da História para a Memória e, a partir daí, talvez conformar o espaço de uma narrativa que insista na abordagem dos tempos idos, constituídos individualmente, e revelados, sob a textura do coletivo, por um narrador a quem não caberia apenas a condição de memorialista. Primeiro, porque duas das obras de Isaías Alves, aqui estudadas (**Vida e obra do Barão de Macaúbas**, 1942, e **Vocação pedagógica de Rui Barbosa**, 1959) ultrapassam a classificação memorialística, conquanto o perfil narrativo seja mesmo o do professor e pedagogo Isaías Alves. Segundo, porque o tipo de narrador alvesiano se autoimplica nas obras, através de disfarces narrativos, a exemplo das conversas com o leitor, as notas de pé de página e a mudança de pessoa gramatical. Naquilo que está posto teoricamente - isto é, Isaías usa a terceira pessoa para narrar-se, quando pode assumir a primeira, fazendo o contrário nas biografias - os especialistas apontam como marca singular dessas narrativas uma das categorias defendidas por Wayne Booth (1980) em **A retórica da ficção** (1980), concernente ao desenvolvimento de reflexões atípicas, numa obra não-didática, nem ficcional.

Utilizando-se da arte da comunicação entre os leitores, bem como de recursos próprios de escritores em outos gêneros narrativos, Isaías Alves impõe um outro modelo de mundo não fictício ao leitor. Discorrendo sobre a intensidade da ilusão realista, Booth (1980)

reflete sobre o papel do autor na obra de arte, sobre a função do criador e seu comportamento ante a criação, ou seja, se o criador deve estar presente na obra, representado ou não pelo narrador, ou se deve ausentar-se por completo, para melhor descrever o mundo narrado. Tais hipóteses nos interessam, pois, se analisarmos a prosa memorialística de Isaías Alves a partir da teoria proposta por Booth (1980), particularmente no que tange à voz que fala em notas de rodapé, torna-se o narrador um autor implícito, eleito por Alves para tratar dos aspectos relacionados a dados que remetem à sua vida pessoal e ao transcurso de suas evocações. Pensamos nessa possibilidade por causa de, como já tratamos, não haver uma teoria específica que abarque essa multiplicidade de vozes que frequentemente se infiltram na narrativa biográfica. Isaías Alves parece querer presentificar-se, o tempo todo, para o leitor, e não apenas como escritor ou narrador. Em suas *(auto)biografias* ou nas suas memórias, ele se apresenta com a mesma identidade narrativa, ou seja, a de um autor implícito no pensador e pedagogo, inclusive repetindo episódios, repassados de um a outro livro.

Para se comunicarem através da arte, os autores precisam criar e assumir formas estilísticas diversas. A retórica da ficção proporciona formas ao criador para que este possa comunicar-se com seu leitor. São vários os mecanismos através dos quais o autor pode se expressar (o conto, o romance, a poesia, a crônica, dentre outros) e todos eles oferecem dificuldades para que o real se exprima, seja contando, seja demonstrando. De acordo com Booth,

> [...] a maior parte dos escritores que tentaram tornar os seus temas reais viu-se, mais tarde ou mais cedo, em busca também de uma estrutura ou evolução de acontecimentos realistas e em luta com a questão de como fazer dessa forma um reflexo provável das formas que a própria vida revela (BOOTH, 1980, p. 74).

Booth (1980) advoga que, ao escrever um romance, o autor deve assumir a retórica como condição indispensável ao desenvolvimento do livre arbítrio estilístico, de forma a escolher um determinado tipo de discurso e dele tirar proveito. São numerosos os elementos textuais que o autor pode compor e, através dos recursos discursivos, desenvolver modelos de acordo com as necessidades e escolhas primordiais que vier a fazer. Existem muitas formas narrativas esboçadas para tramar uma história, seja ela ficcional ou não.

Ao observarmos os vários procedimentos narrativos, adaptados aos mais diferentes relatos, voltamos a avaliar o quão inadequada é a classificação tradicional de pontos de vista em apenas três ou quatro tipos de narradores, não mais que variantes de pessoa e grau de onisciência. Dentre tais formas, talvez a mais solicitada seja a de pessoa, embora também a

consideremos frágil, no que se refere a uma proposta de análise. Mencionar que uma história é narrada em primeira ou terceira pessoa não nos basta e, no nosso caso, não resolve a problemática inicial de nossa tese: a de que Isaías Alves, narcisicamente, inscreve-se nas biografias de Rui Barbosa e do Barão de Macaúbas, a não ser que entremos em detalhes e "descrevamos o modo como qualidades e particularidades de cada narrador se relacionam com efeitos específicos" (BOOTH, 1980, p. 166). Somente assim poderíamos reconhecer e identificar o quanto a utilização da tradicional pessoa pronominal pode, sim, ser um dos disfarces do autor implícito, empregando-a como uma de suas artimanhas narrativas e também uma pista de sua retórica.

Tentando sair dessa aporia, cunhamos o termo *narrador memorioso* para o tipo de narrativa memorialística identificável na produção de Isaías Alves. Nas três obras aqui analisadas, por acreditarmos que ele aciona a memória para nelas inspirar o tom da escrita, na grande maioria das vezes, saudosista, e com olhos voltados para si mesmo, Isaías Alves é um contemplativo que repõe imageticamente apenas o que lhe é conveniente. Diferencia-se, assim, do narrador apenas memorialista, o qual, através de um método histórico alusivo, redefine limites entre História e memória e, nessa fronteira porosa, assegura o lugar possível da História, por meio de textos de constituição poética. Ao contrário disso, Isaías Alves pratica uma poética da memória que, ao mesmo tempo, e não contraditoriamente, imiscui-se no terreno da História e dele se distancia, por sua própria vontade, mais interessado por ritos de conformação do passado do que em sua interpretação, no momento em que faz relampejar os logos de suas evocações.

> **Mas voltemos ao passado de antes da abolição**- O velho Magalhães recebe o bilhete; "Mande-me trinta quilos de carne,não me mande gaz porque já tenho" Pergunta ao caixeirinho:"Quem foi que despachou para o senhor Ambrosio? Não mandou buscar gaz? Então debite,não mandou, mandasse" assim se engordavam as contas do fazendeiro e se disciplinavam os caixeirinhos. Apesar da nova lei,os caixeirinhos e os idosos continuavam escravos.Fizeram uma representação ao conselho Municipal e Antonio Batista, tomou-lhes a defesa vitoriosa,sendo-lhe feita grande manifestação da caixeirada.Depois do fechamento do comercio,era interessante ver, o grupo perambulando,de colarinho e gravata, com bengalas e chapéus de feltro ou de palhinha,procurando nomaorar as moças janeleiras.Alguns sentavam-se nos passeios das escadas e conversavam sobre as mulatas. Manoel Jovino contava coisas sobre uma mulata caloteira, que o obrigou a ir cobrar a conta toda a semana. Certo domingo um novato que vier da roça,diz que desejava comer um doce.Estava no passeio do armazém de Manoel Bastos, o mais famoso de sortimentos,e um colega recomenda,descrevendo um tipo de conserva, um frasco que a vassoura consegue adquirir. Aberto,êle reclama: " que doce azedo!" Assim a vida toda,ficou chamando até quase nonagenário de hoje (ALVES, 1967, p. 245).

Essa poética, que se define no apuro de uma linguagem adequada à fixação das referências passadas e na articulação entre temporalidades de que se compõe a memória, também é, na prática, um trabalho da memória, no sentido de estabelecer o margeamento da História, e de saber, para transpô-lo, o espaço mental entre passado e presente. Intercomunicando-os convincentemente e explorando os relatos históricos com coerência interpretativa, mas perigosa afinal, todo sujeito fala desde um lugar ideológico. Isaías Alves não seria diferente: mesmo conferindo uma performance narrativa que o narrador abre espaço às vozes periféricas, o autor baiano sentencia, com seus comentários, ou com seus silenciamentos, o que em princípio caberia ao leitor interpretar.

Na tentativa de, a todo custo, dirimir as materializações de um passado prestes a ser apagado, e que são compostas na tensão entre o individual e o coletivo, Isaías Alves aposta no resultado inevitavelmente coletivo, mesmo partindo, muitas vezes, de um projeto memorialista supostamente individual, como parece ser o seu caso. Se toda escrita memorialística se comporta como um entrecaminho, uma fronteira, ao mesmo tempo, por meio da qual pertence a um e a todos pertence, esse entrelugar se amplia, o que faz com que, ao ouvirmos histórias alheias, pareça que nos conhecemos melhor e nos sintamos parte de uma mesma existência, redesenhada por um projeto de memória que se recusa a ser meramente histórico, mas requer sempre uma pessoalização.

Nas obras em análise, o tempo e as experiências de Isaías Alves interpenetram-se e acumulam-se, formando um consistente arcabouço para a existência una e plural. A tentativa de estabelecer as possíveis relações entre o vivido e o narrado permite-nos afirmar que esse escritor, já numa idade avançada, continuava arrogando a si o ofício de arquivista, retirando dos acontecimentos anteriores os conteúdos para a feitura do texto. É o que subjaz na instigante observação feita por Maria Antônia Ramos Coutinho:

> A escrita memorilística forja-se na intersecção de dois planos: o histórico, onde geralmente se dá a incidência do tempo passado, evocando-se certa realidade dentro de uma configuração espaço-temporal, e o plano do eu pessoal, onde prevalece a subjetividade do *narrador*, que se diz a si mesmo enquanto sustenta uma conexão com o real, submetendo-se à injunção histórica (COUTINHO, 2012, p. 95)

Constituindo-se no relato de um momento específico da vida do autor-narrador-personagem, Isaías Alves, nas memórias, voluntárias, ou não, toma esse momento como o fio da meada para o balanço de uma vida inteira. As situações outrora vividas suscitam frequentes reflexões sobre elas. Por conseguinte, é uma escrita dele mesmo, gestada no pensamento do velho que se distancia dos fatos da juventude, e que se estende como um convite, ao longo da

narrativa, para o ingresso na avaliação sobre a organização educacional e suas formas de representação na Bahia, explicitamente abordadas pelo escritor que conhece profundamente o passado e que a ele sobreviveu, ao longo de noventa anos. Através das memórias de outrem, a própria memória rende-se à seleção das recordações e impõe a memória por procuração, a partir de artifícios narrativos. É como se Isaías Alves estivesse condenado a viver por procuração, "tornando-se arauto da glória alheia" (DOSSE, 2009, p. 115).

Nas três obras em análise, as experiências vitais do escritor Isaías Alves, ao longo do tempo, compõem o eixo sobre o qual o tecido narrativo se desenvolve, originando um tipo de escritura consciente e reflexiva sobre o passado vivido. Afirmamos que essa minúcia procede do fato de o escritor memorialista ter, como particularidade, na recordação da experiência passada, o conhecimento da história que conta. Nesse liame, ele parte do problema já resolvido na *memória habitada***,** que estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro, e está vinculada a um portador, de que nos fala Assman (2011). Essa *memória habitada* é constantemente acionada por Isaías Alves, que adota como marca de sua escrita um estilo de narrar *memorioso*, uma vez que ele, por questões que supomos (o fato de ser irmão do então interventor do Estado da Bahia, e ocupando cargo público), tem acesso a documentos históricos valiosos, até hoje guardados nos arquivos da Universidade Federal da Bahia.

> Nos inícios do século 19,causou a luta dos três rios, a ciração da freguesia de S. Miguel das Matas. O vigário da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré teve de dar informação ao plano de desdobramento,para criar-se a nova Freguesia,organizando um mapa que indica os atuais limites com Santo Antonio de Jesus, que era simples capela do Padre Mateus, respeitando-se os limitesda freguesia de Nossa Senhora de Nazaré, com a de S. Antonio do Jequiriça,a que pertencia a povoação de Lage,incluindo-se, tudo, na vila de Jaguaripe, cujo domínio,em 1819,era assim extenso. A representação do povo de Lage merece figurar,pelo seu falar altaneiro, em traçado coligrafico,de claro bastardo, que nos deu a cópia fotostática do Arquivo Nacional, sob a direção do Dr. Vilhena de Morais.O documento dos lajenses, de 1819 começa vivo (ALVES, 1967, p. 20).

Ao rememorar lugares, datas e nomes, enfim, alguns eventos significativos de sua vida – como a infância, marcada pelas mesas fartas do Reconcâvo, viagens, a passagem do cometa Halley e o prazer de escrever as memórias, quando cumpre, ainda mesmo muito doente, a entrega de **Matas do Sertão de Baixo** (1967) para publicação, já extremamente debilitado, por exemplo, é essa memória (habitada) que emerge e revela as significativas marcas que o autor carrega em relação a seu povo e sua gente. A lembrança dos mesmos fatos recorrentes, tanto nas memórias quanto na biografia, sugere que Isaías Alves se transmuda, de

forma implícita, num *narrador dramatizado*[13], revelando, de forma voluntária, memórias que, no momento em que narra o tempo vivido, evidencia uma habilidade fantástica para recordar, o que, para nós, é instante superior ao de simplesmente contar a História. Não que isso seja o mais importante, pois as recordações, postas em forma de experiência narrativa de vida, permitem, a nós e aos outros, entender o formato que assumimos, quem somos e quem gostaríamos de ser. Retomando as palavras de Jürgen Straub (2009), nosso eu, no fundo de sua dimensão temporal, deve ser entendido como uma identidade narrativa.

Por se tratar de experiências cruciais do autor, no tempo vivido, a *memória habitada* (frequentemente agilizada por Isaías Alves) se processa num constante ato de recordação, que se realiza num movimento retrospectivo, em direção ao passado, que o memorialista busca sempre atualizar, como forma de superação do esquecimento.

Muitas impressões ditadas e vividas por Isaías Alves parecem não habitar a consciência autoral, permanecendo armazenadas em suas camadas mais profundas, formando uma espécie de *memória inabitada*[14], menos evidente que em suas próprias memórias, assim evocadas:

> Das minhas recordações de meninice que tenho nítidas, a figura da avó não me ficou na memória, pois morreu antes dos meus quatro anos. Nem mesmo a cena em que minha mãe conseguiu ver a velha no esquife, à porta, em caminho do cemitério de Santo Antonio de Jesus, me lembro absolutamente (ALVES, 1967, p. 58).

Ao longo da narrativa alvesiana, podem ser identificadas dadas situações emocionais, especialmente nos momentos em que o narrador parece capitular, desabafando ao leitor que "como tantos outros teria sido grande professor, se as condições sociais do Brasil, nos primeiros decênios do século tivessem carreiras abertas às vocações" (ALVES, 1942, p. 296). Ou, por exemplo, no episódio em que o escritor rememora o despovoamento das Matas do Sertão de Baixo e as reformas promovidas pela República. Esse ato de memoriar faz com que ele se veja ancião, sofrendo com a possibilidade da perda da memória, sendo necessário voltar a experiências pretéritas, vivenciadas no Recôncavo, embora admita que "o simples aroma da bisteca de porco" traz à tona, involuntariamente, a vida da infância, fazendo refluir a evocação proustiana dos *biscoitos Madeleine*, no mesmo instante em que o escritor relembra a necessidade de os novos fazerem pesquisas e registros, evitando assim, a amnésia memorial.

---

[13] Booth define como *narrador dramatizado* aquele que se faz saber autor (BOOTH, 1980, p. 167).
[14] Para Assman (2011), a *memória inabitada* é desvinculada de um portador específico, pois separa radicalmente passado presente e futuro.

Reiteramos que a escrita memorialística exige o transcurso do tempo e o distanciamento dos fatos acontecidos. Logo, é necessário esquecer para poder retornar a lembrar, a fim de que, assim, a memória cumpra o seu papel, revivendo a experiência através das construções narrativas. Isaías Alves parece temer o esquecimento e nos impõe uma constante rememoração, mesmo em gêneros que, em princípio, dispensariam essas características, a exemplo dos livros teóricos sobre testes educacionais, em que o autor se rememoria, utilizando uma mescla de pessoa pronominal, valendo-se de um *ele-outro* para narrar vidas alheias quando, na verdade, é *ele próprio* que se narra, terminando por se mascarar em diversas personalidades, criando a ilusão da unidade. Alternando o uso do *eu* e do *ele***,** Isaías Alves acumula variantes do narrador memorialista/memorioso, pois o uso do *ele***,** substituindo o *eu***,** e vice versa, possibilita, como num jogo de espelhos, que tais vozes reflitam a identidade profunda em obras destinadas a outros, convocando o leitor sempre a perceber as semelhanças entre os biografados e ele mesmo. Como entende Arfuch (2009, p. 113), "escrever a vida, viver na escrita, assumir um eu de inúmeras facetas ou um ele, que pode ser eu mesmo convertido em ninguém", tudo isso põe a nu as dificuldades de classificação das vozes em gêneros de fronteira, como o que aqui analisamos. Marca-se, assim, a necessidade de ultrapassarmos os gêneros *(auto)biográficos* canônicos para, desse modo, abranger a multiplicidade das formas atualmente adotadas pela narrativa vivencial.

2. 1. 4 TRILHA IV: ENCURTANDO CAMINHOS

Traçar, com coerência e originalidade, uma releitura sobre a narrativa com inscrição de si, nas formas autobiográficas, é assumir riscos, especialmente quando, num momento agudo da vida das culturas, nunca se apostou tanto - seja nos Estados Unidos, na Europa, ou no Brasil - na publicação de gêneros ligados a essa forma de inscrição. Parece-nos ser a autobiografia hoje a forma de leitura mais celebrada, talvez porque a que mais cultue os aspectos da individualidade.

Lejeune (2008) assume a impossibilidade de classificar rigidamente o gênero autobiográfico numa categoria que dê conta das diversas relações estabelecidas pelos estudos clássicos. Ele sinaliza a relação muito próxima e indecidível entre biografia e autobiografia, como também é o primeiro a assumir que, quando se pretende ser claro, pode-se incorrer em dois erros fatais: imprecisão do vocabulário, que chamamos de repertório, ou gramática, e a repetição dos argumentos. Com o risco de incidirmos no mesmo erro, falamos, repetidas

vezes, da relação fronteiriça entre as formas, discorrendo sobre a dificuldade na rígida categorização dos gêneros. Nesse sentido, buscaremos cautela ao estabelecermos nossa finalidade em reavaliar nossas hipóteses, baseados em esquemas revisitados, ao tempo em que relíamos os teóricos para tentar equacionar o problema proposto.

A partir dessa releitura, percebemos que os problemas são diversos para tanta forma de leitura, sendo necessário também pensarmos na recepção crítica. As escritas como inscrição de si apresentam uma série de reivindicações. Dentre elas, a principal é fortalecer as produções apresentadas, justificando-as como criações de valor literário. No Brasil, ao contrário do que ocorre em outros países, tais gêneros, sob essa forma de escritura, sofrem certa desconsideração, em virtude de o senso acadêmico (ressalte-se: não o senso comum) observar que tais manifestações se reduzem a meros depoimentos pessoais, sem grandes elaborações estilísticas ou narrativas.

No cenário contemporâneo, o que se verifica é a fragmentação do ser e das ideias, tornando-se necessário, como fez Lejeune (2008), repor em circulação as propostas teóricas desenhadas em determinados contextos históricos e assumir a total quebra de unidade, seja na música, com a mistura/união de instrumentos que pareciam indissociáveis, seja no teatro, com a inserção de elementos característicos do cinema e vice-versa. A rígida categorização cartesiana, responsável por rotular, enquadrar ou rubricar os gêneros em narrativo, dramático ou poético, cederiam lugar às fronteiras que inovam, renovam ou ressignificam os gêneros tidos como clássicos.

É indispensável pontuar que, quando um gênero transitava de uma para outra área e tornava-se fronteiriço na obra, ela era vista como de má qualidade, considerada, pela crítica destituída de originalidade. A partir do século XX, a ausência de zonas-limites possibilitaram o surgimento de novas obras de boa qualidade teórica e histórica. No que tange à evolução de conceitos e repertórios teóricos para essas escritas, enquanto produções específicas no Brasil, eles teriam deixado lacunas. O mesmo teria ocorrido com outras muitas releituras e análises, tendo por base os mesmos teóricos, fazendo-se notar sempre algo a ser preenchido, conforme nos aponta Vilas Boas (2008). Não obstante, precisamos de uma história brasileira dessas escritas.

Pensar nessas questões envolve uma reflexão sobre a publicação das obras, seus autores, sobre quem são e porque são os leitores brasileiros de memória, biografia, autobiografia, cartas e diários. Devemos evoluir da citação de clássicos, como **Memórias do cárcere** (1936), de Graciliano Ramos, ou **A idade do serrote** (1968) de Murilo Mendes, o **Baú de ossos** (1972), de Pedro Nava: obviamente, essas obras constituem um patrimônio de

valor literário incontestável. Mas só haverá esses autores? Cabe-nos ainda fazer uma outra pergunta: teríamos condições de mapear essa produção literária em cada estado da federação?

É notável a existência, de uma enorme dificuldade no estabelecimento de critérios rígidos e definitivos para a delimitação do campo de atuação da autobiografia. A crítica, inclusive, diverge quanto a essa delimitação. Como os outros gêneros literários, a biografia e a autobiografia estariam sujeitas a uma contínua evolução. Tal aspecto, porém, faz com que as características que o gênero confessional possuía no passado já não se acomodem na contemporaneidade e vice-versa. De uma forma ou de outra, os moldes em que o gênero se enquadra estão numa relação direta com o papel que a autobiografia desempenha e com as funções a que está associada.

Uma das mais importantes considerações levantadas por Lejeune (2008) diz respeito ao *pacto autobiográfico*, ou seja, uma espécie de contrato entre o autor e o leitor, em que se estabelecem os limites entre a autobiografia e o texto ficcional. O valor desse *pacto* não consiste em tornar a autobiografia um gênero, ou em definir as semelhanças entre texto e autor, mas, sobretudo, deve-se à importância da leitura, no momento de definir-se um texto como sendo autobiográfico. Devido a isso, a necessidade de contextualizar temporalmente o texto autobiográfico tenta acompanhar o desenvolvimento histórico desse gênero.

Para Lejeune, seguindo a linha teórica de Gérard Genette (2009), a escrita autobiográfica pode ser compreendida como pertencente a um gênero definido, e esse texto é, para ele, um relato retrospectivo em prosa, escrito por alguém falando de sua vida particular e, essencialmente, da história de sua personalidade. Dessa abordagem, inferimos que Lejeune se orienta para a prosa, para os aspectos temporais do relato e, também, para os aspectos psicológicos e psicanalíticos. Ele salienta que as categorias *autobiografia* e *memória* não são fechadas e que, embora o assunto da autobiografia seja a vida individual, a crônica e a história política podem ter aí lugar.

No caso do corpus em análise, encontramos aspectos como os já referidos, sendo o principal a questão da ambiguidade presente na sua maioria, que têm muito de memorialismo, porque trabalha o universo das reminiscências, procurando resgatar o passado, classificando-se na categoria de ensaio biográfico, pelo menos em duas dessas obras. Mas têm também muito de autobiografia, pois representam o que Dilthey (1944, p. 224), em suas reflexões sobre o gênero, chamou de “conexão de uma vida”. Na obra de Isaías Alves, a velhice é o ponto de partida, a partir do qual o autor-personagem se revê. Parece que a história de vida do narrador se impõe em ser contada, mas quem irá ouvi-la? Que leitor se prestará a ler a vida de um educador/pensador/baiano e de passado integralista? Para angariar leitores, Isaías Alves

recorreu a um recurso incisivo: as memórias narradas não são a narrativa da vida individual do escritor, mas de todo o Recôncavo baiano e, por extensão, do Brasil provinciano, relatando fatos que viveu e que vão de sua infância até por volta dos setenta anos de idade, quando se efetiva a publicação de **Matas do Sertão de Baixo** (1967), verdadeiro condensador de ações e relatos com grande valor documental e histórico-literário.

Acreditamos que a significação literária das obras de Isaías Alves advém dessa ambiguidade, para além do tratamento histórico-estético conferido ao suposto biografismo. Não devemos nos esquecer, ainda, que o discurso biográfico constitui-se em texto literário e como tal deve ser lido. Ainda que se distinga do romance, a prosa discursiva da (auto)biografia deve ser vista em sua estrutura modelar, cujo principal suporte reside na tríplice identidade existente entre autor-narrador-personagem, aqui atribuída apenas ao fato de Isaías Alves se definir como autor-narrador.

A sintonia das palavras e seu caráter de literariedade decorrem da identificação dos três elementos conjugados ao processo de enunciação linguística. Por conta dessa identidade plural é que, em Isaías Alves, a intenção da escrita autobiográfica é a de produzir interpretações dos contextos da vida e da realidade, vistas por um público neófito, e quase sempre desprovidas de nexo para além do interesse do próprio autor. Desse modo, o sentido da obra alvesiana não precede à própria obra, mas incursiona pelos objetivos e finalidades da escrita e, o que é mais importante, pelos processos de leitura.

Ao avaliarmos os pontos de convergência e/ou divergência entre as linhas teóricas até aqui, vistas, é possível afirmarmos que os aspectos (auto)biográficos, presentes na obra de Isaías Alves, inserem-se fácil e paradoxalmente em quase todos os registros que até aqui fizemos. Com efeito, há um *pacto* estabelecido com o leitor e nele estão presentes os aspectos psicológicos e psicanalíticos postulados por Lejeune (2008). Quanto ao gênero, é impossível não concordar com a dificuldade no estabelecimento de limites entre memória, biografia e autobiografia. Dada a imponderabilidade de zonas de separação entre elas, o processo da transposição se torna ainda mais sutil ou trabalhoso. Guiando-nos por tais vieses, não se trata aqui de termos priorizado a memória, mas de sentirmos a necessidade de pôr em relevo um autor quase desconhecido, defendendo, desde a nossa primeira incursão, iniciada ainda no Mestrado, que o escritor Isaías Alves usa o gênero biográfico como pretexto narrativo e reflexivo para autobiografar-se.

Parecem ser da condição humana os impulsos expressionais do eu, ainda mais porque, desde os primitivos relatos sobre a nossa existência na terra, os indivíduos mapeiam suas necessidades de reproduzir desejos, vontades, angústias psicológicas, que vão da

representação do animal aprisionado na rocha aos resultados da conquista do caçador. Entendendo que, quando representamos, falamos de um eu especial, reconhecemos também a existência de um outro, que a nós se assemelha ou de nós se diferencia, gerando, assim, a inscrição das diferentes representações como forma de *armazenamento* da espécie. Demarcar uma cartografia precisa acerca da evolução da escrita *(auto)biográfica* é tarefa sempre complexa, exigindo retornar e buscar as origens que, como já dissemos, se confundem com a evolução do indivíduo enquanto ser social. Nessa travessia histórica e sociológica, a Grécia Antiga sempre será apontada como o ponto de partida. O problema com que nos deparamos parece se centrar na carência de material que documente a existência de textos de caráter biográfico empreendidos naquele período, pois, conforme nos assegura Mitidieri (2010),

> [...] apesar de quase nada ter sido preservado da produção oriunda do século V a. C, a data é evocada nos estudos de Arnaldo (1971) como marco seminal da biografia como gênero específico. Os relatos de trajetórias individuais, à época, encontraram a mais significativa expressão nos espaços de epigramas funerários e no âmbito da doxografia, entre outras formas indiretas de manifestação (MITIDIERI, 2010, p. 26).

Assim, ratificamos o nosso olhar inicial expresso na introdução desta tese. Desde o surgimento do primeiro homem, sempre houve uma necessidade de demarcação biográfica, seja nas artes literárias, seja nas joias, pinturas, cultura e religião. Isso pode ser percebido já no nascimento de cada um, com as impressões do registro individual, até nos rituais da morte, em que os discursos emitidos por religiosos ou parentes tratam de enaltecer os aspectos positivos da vida do defunto em obituário, ao tempo em que já se evidenciam os problemas envolvendo a biografia dos dias atuais, seja relacionada à sua produção ou à sua leitura. Afinal, quem ou o que vale a pena biografar? Quais os elementos necessários para registrar a vida do biografado? Como não se comprometer? Como provar (ou provocar) a verdade? Essas são indagações comuns aos trabalhos investigativos quanto à biografia, pondo em relevo o binômio que sempre marcou a curiosidade do leitor do gênero: comemoração e curiosidade, molas propulsoras que formularam as formas biográficas, do mundo clássico até os dias atuais, conforme explica Nigel Hamilton:

> Os motivos de representação da vida, em uma época de aquedutos, estradas, grande arquitetura, esportes competitivos, grandes retóricas e império, tornaram-se extremamente variados: expressar e responder a necessidades múltiplas, de documentação a entretenimento, e em uma infinidade de meios de comunicação, de bustos esculpidos a estrelas, de bibliotecas a pintura de murais, de sátiras a grandes monumentos. No entanto, o velho cabo de guerra entre idealização e interpretação crítica ainda caracterizava o empreendimento biográfico. Alguns romanos queriam louvar e adorar antepassados e figuras do passado, pois isso era o melhor para estabelecer ou reforçar suas próprias identidades. Outros descobriram que essa

> idealização poderia não se alinhar com a curiosidade de saber mais sobre a psicologia e as experiências da vida real de um individuo não idealizável, para melhor compreender as suas próprias vidas. Foi essa tensão que marcou a biografia desde o princípio e a marca até hoje (HAMILTON, 2008, p. 32) [15].

O que perseguimos, desde o início desta tese, é um formato de narrativa que possa tornar-se novo modelo de Ariadne, disposto a oferecer um fio condutor para que passemos pelos labirintos através de trilhas nem sempre fáceis, e possamos retornar com segurança. Entendemos que as trilhas apontadas sugerem uma aproximação, sem busca de filiação a gêneros pretéritos, apreendendo uma demarcação narrativa estabelecida como liga principal para os gêneros em estudo. Afinal,

> [...] gênero hibrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guinada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional (DOSSE, 2009, p. 55).

Não se constitui objetivo principal deste capítulo traçar uma gênese da biografia, aquela tradicional, que recorre a Plutarco, Suetônio e suas grandes construções formadas a partir de **Vidas paralelas.** Mas convém assinalarmos que a palavra *biografia* só foi reconhecida por volta do século XVII, aparecendo em francês e em outras línguas europeias, mas antes disso, sua prática já se constituía em relatos de vida. Certamente, por conta das lacunas conceituais, Daniel Madelénat (1984) diferencia três paradigmas sucessivos: a biografia clássica, que cobre o período da Antiguidade ao século XVII; a biografia romântica, entre o fim do século XVIII e o início do XX, que exprime uma necessidade nova de intimidade e de reconhecimento dos segredos da vida familiar; e, enfim, a biografia moderna, nascida do relativismo e das leituras ao mesmo tempo mais historicamente enquadradas, enriquecidas pelas contribuições, tanto da sociologia quanto da psicanálise.

Lejeune (2008) inclui as biografias numa categoria de semelhança, situada no nível da exatidão (que diz respeito à busca da informação exata, sem deformação, sem esquecimento e pouco provável, já que depende de uma série de condicionantes) e o da fidelidade (ligada à significação, à interpretação e, portanto, mais provável). Ou seja, no processo de transposição do real para o textual, face a uma série de condicionantes, não se pode entender o textual como o real propriamente dito, mas como uma versão deste. No

[15] Nossa tradução.

âmbito da construção de uma biografia, é prerrequisito um trabalho sério de pesquisa. Lejeune (2008) afirma que esse processo de recolhimento de material diz respeito aos meios de efetivação do pacto referencial. Dosse, por sua vez, afirma:

> A coleção atesta a fecundidade de uma certa abordagem: o gesto biográfico é duplo. Corresponde a uma ficção que o biógrafo elabora sobre um outro e é o autorretrato do próprio biógrafo alterado por seu encontro com esse outro. O tema se elabora, então, pela escrita segundo uma linha ficcional. Tomando a medida dos deslocamentos necessários a um ensino como o proporcionado pela psicanálise, a idéia de que estou no outro como o outro está em mim. Um é outro de uma maneira qualquer, em todo empreendimento biográfico (DOSSE, 2009, p. 50).

Todavia, não se deve esquecer que biografias são recortes, e o que está disponível, como já exposto anteriormente, não é a história de vida, mas a sua interpretação. Tudo passa por um processo de ressignificação que envolve a maneira como o biógrafo vê seu biografado. Assim, não se pode afirmar que determinado texto é *a biografia* e sim *uma biografia*, já que não se tem a visão definitiva da vida de alguém. O que comprova esse fato é que existem personalidades que foram alvo de vários biógrafos, enquanto outras caem no ostracismo absoluto, tornando-se o biógrafo o advogado de seu objeto, tentando formar ou fortalecer a curiosidade dos leitores.

No trabalho de pesquisa, seleção, interpretação e construção da narrativa, a biografia, de natureza híbrida, utiliza recursos de várias áreas do conhecimento, ainda mais hoje, notadamente complementando os objetos da história, da literatura e do jornalismo. Baseados nessa hibridez, muitos teóricos discutem o real lugar da biografia. Afinal, ela pertence a que categoria: à história, à literatura ou ao jornalismo? A verdade é que, por fundir as várias linguagens, não se pode estabelecer um lugar fixo para o discurso biográfico. Cada biografia é singular e uma possível classificação dependeria da análise das características individuais da obra. No caso das biografias escritas por jornalistas, por exemplo, a história empresta, basicamente, o seu instrumental de reconstituição do passado. O jornalismo reserva-se seu poder de seleção, investigação e clareza do texto. A literatura, suas técnicas de investimento narrativo.

Tradicionalmente, as biografias seguem uma ordem cronológica. Ou seja, a vida das personagens é organizada segundo uma sequência temporal. Para Pierre Bourdieu (1988), essa forma de organizar vidas difunde o que ele chama de *ilusão biográfica.* O sociólogo francês advoga que vidas não podem ser vistas como um todo coerente e organizado, como propagam os textos biográficos, nos quais os acontecimentos da vida dos indivíduos seguem uma linha reta. A biografia, no âmbito de tempo, causa e consequência, segue como se um

acontecimento (passado) implicasse sempre em outro (futuro), em uma lógica retrospectiva e prospectiva de causa e consequência. Bourdieu (1986) recorda que é comum as pessoas entrevistadas pelos biógrafos perderem *o fio do tempo* (o que nos lembra os vazios da memória, já discutidos). As pessoas tendem a querer reorganizar as coisas segundo relações inteligíveis. Além do mais, é revelador que o romance moderno tenha abandonado a estrutura linear, junto com a visão de uma vida dotada de significados. Segundo Bourdieu,

> [...] o advento do romance moderno está ligado precisamente a uma descoberta: o real é descontínuo formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório (BOURDIEU, 1986, p. 185).

Assim, os acontecimentos de uma vida também estarão sujeitos e esse caos, e nem sempre dotados de significação. Outra ideia criticada por Bourdieu (1986) e que, de imediato, enfraquece a biografia, é o fato de ela ser interpretada como noção totalizante de um indivíduo. O sociólogo lembra que os indivíduos representam papéis na sociedade e que sua personalidade se desloca de acordo com o lugar social em que eles se encontram. Assim, Bordieu enuncia a existência de um sujeito fracionado. Cabe ao leitor, portanto, o exercício absolutamente singular de pensar-se. Jamais conseguiremos narrar a nossa vida segundo experiências vividas de forma sequenciada, linear, sem esquecimentos. Estaremos sempre alinhavando experiências, conforme nos ensina Guimarães Rosa:

> A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto (ROSA, 1967, p. 77-78).

3 ISAÍAS ALVES: DA VOCAÇÃO MEMORIALÍSTICA AO NARCISO ESTILHAÇADO[16]

Já estou na idade das memórias, antes que a memória acabe. Aqui estou para vos dizer alguma coisa do que já sabeis. E não há nada melhor para se ouvir que aquilo que já se sabe. Quando já conhecemos o assunto, temos o prazer de ouvir, porque compreendemos mais facilmente os enganos do orador. Desta sorte cabe-me agora a provocação e a vós o julgamento. Vou falar a artistas, verdade é que também a professores e vou fazê-lo sem me preocupar com as possíveis interpretações errôneas e com as redundâncias daquilo que já conhecem os artistas (ALVES, 1938, p. 254).

Foto 1 - Fotografia encontrada entre os documentos pessoais de Ísaias Alves.
Fonte: Arquivo Pessoal de Isaías Alves, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. [17]

A questão sugerida no começo desta proposta de estudo é uma paráfrase barthesiana: *o que poderia* nos guiar na possibilidade construtiva de um capítulo, cuja classificação poderíamos assumir, já que uma tese requer a construção teórica de um corpus, sistêmico e organizado? Neófitos, arriscamo-nos inicialmente em assinalar a escolha de uma foto para abrir presente capítulo, revelando um indivíduo que escreve consciente de que está sendo retratado. Riscamos. De onde parte a certeza de que ele sabe que está sendo retratado? Retomamos. A consciência do fotografado fica evidente pela localização das mãos, sobre o papel, tanto da que segura a caneta, quanto da que descansa sobre o mesmo. Rasgamos. Termos consciência disso muda em quê a estrutura formal na construção do nosso corpus? Leiamos o que nos assegura Roland Barthes sobre reflexão fotográfica:

> Tal foto, com efeito, jamais se distingue do seu referente (do que ela representa), ou pelo menos não se distingue dele de imediato ou para todo mundo (o que é feito por qualquer outra imagem, sobrecarregada, desde o início é por estatuto, como o objeto é simulado); perceber o significante fotográfico não é impossível (isso é feito por profissionais), mas exige um ato segundo de saber ou de reflexão (BARTHES, 2012, p. 14-15).

[16] O uso da expressão Narciso Estilhaçado, embora muito utilizada, foi escolhida, por considerarmos a que melhor espelha a personalidade do autor estudado, detalhe que se impõe e implicita nas biografias alheias, feitas por Isaías Alves.

[17] Usaremos, a partir daqui, as siglas APIA, para designar Arquivo Pessoal de Isaías Alves e FFB, para Faculdade de Filosofia da Bahia.É importante destacarmos que os documentos estão organizados por pastas, porém muitas delas não possuem identificação.

Releiamos. A escolha da foto revela claramente o seu referente: o intelectual, o escritor, o professor Isaías Alves, sempre envolvido em temas caros à sociedade brasileira, isto é, a foto não se distingue do retratado seja, pelo que vemos, seja pelo que inferimos. Arrisquemos de novo, levando em consideração o que Barthes chama de *punctun*, ou seja, a marca do que nos punge, um detalhe que, para ele, se apresenta à base: " se revelarmos o *punctum* de certo modo nos entregamos" (BARTHES, 2012, p. 47). Voltemos a foto: um homem simula conferir uma assinatura e, ao fundo, uma fotografia revela dois homens. Esse é o *punctum*, para nós duplo, no que Isaías Alves se transforma, quando escreve. Uma espécie de simulação de uma escrita do outro, mas que, ao mesmo tempo, é sua, numa paráfrase de dublador de si mesmo.

O novelo prossegue emaranhando fios organizados numa ousadia possível, decodificada através de uma escrita memorialística que revela e descortina a compreensão humana. É assim, trilhando as análises de possíveis caminhos da narrativa confessional na obra de Isaías Alves, que pretendemos desenvolver este capítulo.

Os fragmentos de documentação, recolhidos e selecionados, da vida e obra de Isaías Alves, servem, neste contexto, como uma possibilidade constelar, pois ilustram a tentativa de ultrapassagem da mera descrição, embora intentando-a biográfica, passando para um possível esboço de representação do escritor memorialista vislumbrado nas anotações pessoais do pensador da Educação. Chamaremos de *traços biografemáticos*[18] do autor o estilo textual, as passagens e as enunciações escolhidas, com o objetivo de conduzir-nos à forma e ao tema recorrentes e nucleares na escrita/inscrição de Isaías Alves, especialmente em suas obras fronteiriças. Por meio da leitura desses trabalhos, mapearemos um roteiro-guia, com vistas ao conjunto da obra, verificando o que nela existe de claro predomínio do discurso memorialista, gênero híbrido que permite o cruzamento do *eu* com os outros discursos, dos dados íntimos e subjetivos com os fatos objetivos.

O memorialismo encontra a sua especificidade na reconstituição livre do passado, orientada por um critério pessoal do narrador. A meio caminho entre a História e a Literatura, o memorialismo, em Isaías Alves, acaba por ficar, de algum modo, ao lado da narrativa lírica, pelo espaço que concede à livre projeção do *eu* que, direta ou indiretamente, se oferece à

[18] Usamos o conceito *biografema* apresentado por Décio Pignatari (1996), entendendo-o como um processo de seleção para a montagem de uma *biodiagramação*. Ou seja, os *biografemas* são armados num bastidor biográfico, em função de um certo *design*, um interpretante-objeto a que chamaremos de *significado* da vida em questão, através dos *biodiogramas*. Portanto, as expressões *biodiogramação* e *biodiogramático* estão relacionadas ao conceito de *biografema* apresentado.

contemplação do leitor naquele “espaço onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura” (BARTHES, 1984, p. 64).

Nesta travessia, perpassamos uma investida crítica nova para nós. Primeiro, por direcionar-se a uma vida particular que, a nosso ver, apresenta nuances bastante controversas, ao tempo em que revela um indivíduo com muitos feitos significativos, do ponto de vista sócio-histórico, a ele destinado um legado: o anonimato de alguém fechado e esquecido em arquivos extremamente organizados e com uma infinidade de fontes primárias e secundárias que forneceriam a qualquer pesquisador um corpus interminável de pistas para estudos e análises. Evidencia-se, também, uma consciência do que Isaías Alves reservava o que para ele assumia uma considerável importância, arquivando suas anotações pessoais junto a aspectos importantes relacionados à educação brasileira sobre a qual se debruçava.

Situamo-nos num lugar intermediário, num discurso entre a feição biográfica propriamente dita, uma vez que o autor é completamente anônimo, e os aspectos, como já dito, *biografemáticos*, isto é, seus traços parciais serão recolhidos a fim de evidenciarmos um sujeito brilhante, mas aparentemente ressentido por não ter tido o reconhecimento que ele julgava que deveria ter de seus contemporâneos. Dizemos *ressentido,* tendo em vista o grau de envolvimento intimista plasmado nas opiniões e nos momentos literários de suas obras, sublimados às vezes por um matiz de surdos embates sugeridos contra seus pares. Em outros termos, Isaías Alves perseguia o mesmo reconhecimento que a quase totalidade dos juízos reservava para seu contenporâneo e êmulo, Anísio Teixeira, enquanto para ele, só se registrava a injustiça do olvido, sem qualquer bálsamo compensatório.

Espera-se de uma biografia o estatuto de ciência, com pesquisa e escrita de qualidade, arrogando para si os predicativos da arte, aproximando esta da verdade sensível, disposta na ficção e nas sábias construções da História. Ficamos no meio da trilha, sem saber como dosar esses vários aspectos: verdade, pesquisa, construção narrativa sedutora, acrescidas da reflexão crítica dessa nova concepção de biografia, que se pretende mais que mera condensação de fatos cronológicos. Seria indispensável recriar a época, ao lado da história pessoal de Isaías Alves e de seu percurso intelectual. No decorrer da narrativa, vão aparecendo, como um contraponto, referências ao contexto social. Foi preciso viabilizar a memória de outros autores, reconstruir uma ou mais personalidades, analisar e interpretar vidas, textos e contextos, a fim de ouvir a voz autobiográfica que surge no interior de uma narrativa plural. O presente texto foi se transformando passo a passo, um pouco como a primitiva concepção de que a crítica é uma constante procura, um tanto, *às cegas,* que só sabe o que procura no momento em que o encontra, enquanto objeto pesquisável.

Os diversos tons em que se desdobra a nossa escrita têm a ver com os diferentes humores que a inspiraram – a nossa e a do autor estudado. A relação entre os momentos existenciais de Isaías Alves e os episódios por ele relatados fez com que sentíssemos diferentemente cada situação descrita. O resultado é que o texto foi fabricando o seu próprio devir, de acordo com o modelo impressionista desenhado por Isaías Alves. Deixamos que uma espécie de intuição secreta guiasse a dicção textual, segundo os diferentes documentos utilizados. Incorporamos a biografia de Isaías Alves com as citações de seus escritos, sem medo de que as vozes deles emanadas tomassem conta da nossa. Misturamos a narrativa e o texto crítico às citações, tentando não cair na armadilha das antigas análises literobiográficas. Mencionamos trechos da obra, ao lado de fragmentos de cartas, artigos, crônicas, dedicatórias, rascunhos, fotos, recortes de jornais, lembranças de outras pessoas, num vaivém contínuo escritor-narrador. Numa expressão: biografemas.

É tarefa árdua assumir uma temática que se assenta no estudo de um gênero considerado de fundos. Aqui, referimo-nos a toda a produção considerada intimista, somada à perspectiva um tanto acrítica de um autor pouco conhecido fora do cenário baiano, e por isso mesmo merecedor de uma análise que ultrapasse a sequência exclusivista de seu pensamento, que o senso comum identifica sempre como pedagógico, desconhecendo as variáveis de seu percurso pessoal e intelectual. Entendendo, é claro, a importância da tentativa de nos desvencilhar das certezas e das verdades, procuramos proporcionar, a quem nos lê, outros elementos e escolhas de leituras que descortinem a ilusão biográfica[19].

Temíamos, desde o início de nossa tentativa de reconstituição biográfica de Isaías Alves, a acusação de ressuscitar o autor em tempos de sua trajetória fúnebre, evitando promover um ritual litúrgico, já que Barthes, em seu famoso ensaio, anunciava **A morte do autor** (1968) e Foucault o ratificava, num texto que questionava **O que é um autor** (1969). A fim de evitarmos a encruzilhada, o que nos parece ser muito perigoso em uma trilha, recorremos, não apenas como coadjuvante, ao leitor, este, agora, capaz de uma travessia individual, singular e muitas vezes solitária para, num pacto entre autor-narrador-leitor, compreendermos que

> [...] o caráter híbrido do gênero biográfico, a dificuldade de classificá-lo numa disciplina organizada, a pulverização entre tentações contraditórias - como a vocação romanesca, a ânsia de erudição, a insistência num discurso moral exemplar - fizeram dele um subgênero há muito sujeito ao opróbrio e a um déficit de reflexão.

[19] Para Pierre Bourdieu, acreditar na possibilidade de biografar é, antes de tudo, tomar como verdade o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como uma expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto (BORDIEU, 1986, p. 184).

> Desprezados pelo mundo sapiente das universidades, o gênero biográfico nem por isso deixou de fruir um sucesso público jamais desmentido, a atestar que ele responde a um desejo que ignora modismos. Sem dúvida, a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua própria finitude à da personagem biografada (DOSSE, 2009, p. 13).

Conseguir orquestrar uma dicção textual que dê conta do tratamento de aspectos biográficos de um autor, sem conferir demasiado peso à interpretação da mesma, permanece algo extremamente difícil. De imediato, algumas questões surgem: O que falar? Que aspectos priorizar? Como descrever, sem (ins)escrever? São questões comuns, que a simples tentativa de organizar uma narrativa de vida convoca. É como se estivéssemos prestes a ingressar, num parque de diversões, no castelo do terror, onde o espelho é presença confirmada e diante do qual estaria o autor, visto por nossos olhos, enxergado de mil formas diferentes. O assombro fica por conta da deformidade que o espelho projeta. Mas poderíamos questionar: deformidade a partir de qual forma? Certamente, pelo prisma creditado por quem a vê: aquele que ressignifica a criação de cada um. Mais aterrorizante, nessa projeção especular, será o tipo que apaga completamente a imagem, ou aquele que a divide em dois, ou multiplica infinitamente o número de uma mesma imagem, deixando-nos confusos em relação à imagem original. Afinal, seria possivel a fixação da imagem verdadeira? Reside, talvez, aí o desejo de fixar uma única imagem nesse espelho e, com isso, evitar o reflexo da multiplicação, risco constante na travessia de quem se arvora a produzir a inscrição de si.

3. 1 BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS

Intentamos reunir informações e reflexões acerca da existência e da produção de Isaías Alves. Em linhas gerais, objetivamos apresentar o autor no seu itinerário social e em suas múltiplas atuações profissionais. Optamos por assim proceder, por considerarmos tarefa importante a elaboração de algumas notas biográficas, tendo em vista o anonimato do autor em sua obra memorialística, o que decorre de um conhecimento público de Isaías exclusivamente como pedagogo. Nosso desejo, nestas reflexões, é o de mapear o que nos ajude a compreender o narrador memorialista no percurso das obras selecionadas, auxiliando também o leitor a melhor conhecer o autor/narrador dessas obras, assimilando-lhe aspectos relevantes de sua formação individual e de seu processo autoral.

A tentativa de encontrar uma face, dentre as diversas que se multiplicam no espelho, turva a dicção da escrita memorialística. No entanto, justifica-se, nesse primeiro momento,

por uma necessidade de seleção, a que chamaremos aqui de *cronologia biodiogramática*. Isso porque Isaías Alves de Almeida[20] é autor pouco conhecido até mesmo no Recôncavo Baiano, região que se dedicou a estudar. Embora disponha de uma produção bastante significativa no que se refere ao campo da Pedagogia, é totalmente desconhecido como memorialista e biógrafo, nosso presente objeto de estudo.

Então seguiremos nos traços bigrafemáticos, como já sinalizamos, aqueles aspectos que passam despercebidos por biógrafos de mão cheia, serão balizados tais traços numa narrativa que não se pretende linear, apenas acupamo-nos de lances da vida de Isaías Alves que de alguma maneira o reiventa. Utilizamos para tanto algumas fotografias e as consideramos, aqui, signos de escritura, não como elemento comprobatório, mas como detalhes que em algum momento contrubuirá para que vida e obra do autor se encontrem numa narrativa que nos auxiliará a compreender a proposta de inscrever-se nos relatos feitos para terceiros.

Começamos pelas perguntas que, segundo Pithon Pinto (ex-aluno, amigo, oficial de gabinete de Isaías Alves), marcaram os diálogos de quem se aproximava do velho mestre e dizia ser do Reconcâvo Baiano: “Onde nasceu”? “Filho de quem”? Isso porque ele elaborava uma imensa árvore genealógica, documento extremamente valioso, do ponto de vista antropológico, para remontar as origens familiares, mas que, em tempo, reconfigurava aspectos históricos importantes para a identidade do interlocutor.

Nascido em Santo Antonio de Jesus[21], na Bahia, em 29 de agosto de 1888[22], pentaneto de Úrsula Maria das Virgens (a quem ele registra como o início de tudo, na árvore genealógica), filho de Aprígio Alves de Almeida e Ana Augusta de Almeida, figuras recorrentes quando o autor deseja destacar os traços fortes de sua personalidade e definir as famílias do Recôncavo, avultadas em um espaço significativo (observe-se o canto direito da reportagem, ao lado reproduzida em que Isaías Alves sinaliza pontos na árvore genealógica, que não está pronta) além de servir para demonstrar que na *Bahia todos são primos entre si* [23].

[20] O autor faz a opção, em todas as suas obras, de não usar o Almeida, e aqui utilizaremos o mesmo princípio, adotando, a partir daqui, apenas Isaías Alves.

[21] Primitivamente, a cidade integrava a velha sesmaria de D. Álvaro da Costa, constituída de vários sítios. Um deles pertencia ao Padre Mateus Vieira de Azevedo, a quem se deve, por doação de suas terras, a criação, em 1777, de uma Capela com invocação a Santo Antonio de Jesus. Mais tarde, em 1852, o antigo povoado é elevado à categoria de freguesia, depois vila e, finalmente, cidade, em 1880 (informações retiradas da obra de Isaías Alves, **Matas do Sertão de Baixo,** 1967).

[22] Dados catalogados a partir de um esboço biográfico, feito por Isaías Alves e publicado no jornal A Tarde .

[23] Observamos que o título de reportagem, resultante de entrevista concedida ao jornal A Tarde, foi mais tarde expressão reelaborada e utilizada por Jorge Amado, no romance **Tenda dos milagres** (1969).

Quase todos
na Bahia são
primos entre si

Foto 2 - Cópia da reportagem sobre a pesquisa e construção da árvore (genealógica) das famílias do Recôncavo Baiano. Fonte: APIA: FFCH

Eis o depoimento memorial do autor sobre sua ancestralidade:

> Nesse decurso, surgiu a figura matriarcal de Úrsula Maria das Virgens, cujo túmulo parece descansar em Jaguaripe e cuja geração de Bitencourts, Souzas, Almeidas, Ribeiros, Coutos, Lemos, Santos, Fróes, Batistas, Sampaios, Cardosos, Venancios, Castros, Silvas, Bragas, Quadros, Sanches, Barretos [...] encheu o polígno que hoje constitui os municípios dos Rios Paraguaçu ao Jequiriçá em todo o decurso do Jaguaripe, que Gabriel Soares de Souza doz [sic] do tamanho do Douro (ALVES, 1967, p. 17).

Considerado por ele mesmo uma criança sempre atenta aos acontecimentos familiares e da cidade, Isaías Alves cresce e se muda para Salvador em 1903, aos quatorze anos de idade, a fim de cursar o secundário, no formato de internato.

> Meu pai havia pensado em mandar-me para a Capital, ao terminar meu curso primário e dois anos secundários, no modesto Colégio Santo Antonio de Viriato da Silva Lobo. Seu grande anseio e todo o esforço de minha mãe era dar aos filhos educação superior, pelo menos, preparação mais adiantada para a vida (ALVES, 1967, p. 58).

Em 1907, ingressa na Faculdade de Direito (que hoje integra a Universidade Federal da Bahia) e, em 1910, diploma-se bacharel em Direito, exercendo por pouco tempo a

advocacia. É importante salientar que, naquela época, eram reduzidíssimas as opções para a realização de estudos de nível superior, sobretudo no Nordeste. As instituições que ofereciam ensino deste nível estavam limitadas às Faculdades de Medicina da Bahia - a primeira criada no Brasil, no tempo de D. João VI - de Direito e de Engenharia. Reponta ainda aqui o que era comum aos filhos das camadas mais ricas da sociedade: serem mandados aos centros culturais de maior projeção na Europa, notadamente em Portugal e na França, em cujas universidades muitos brasileiros sedimentaram a sua formação intelectual, nem sempre condizente com a realidade brasileira da época.

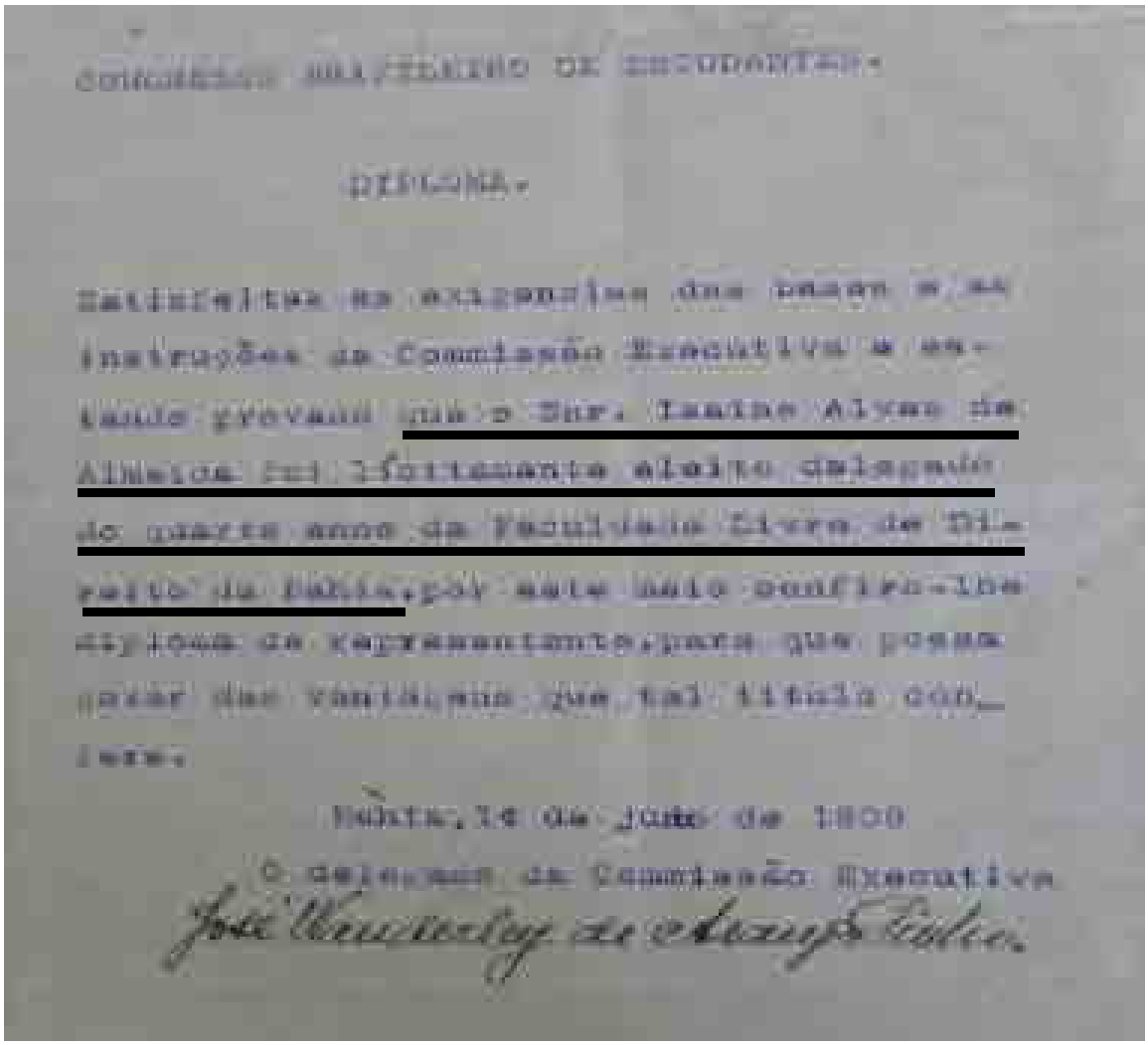
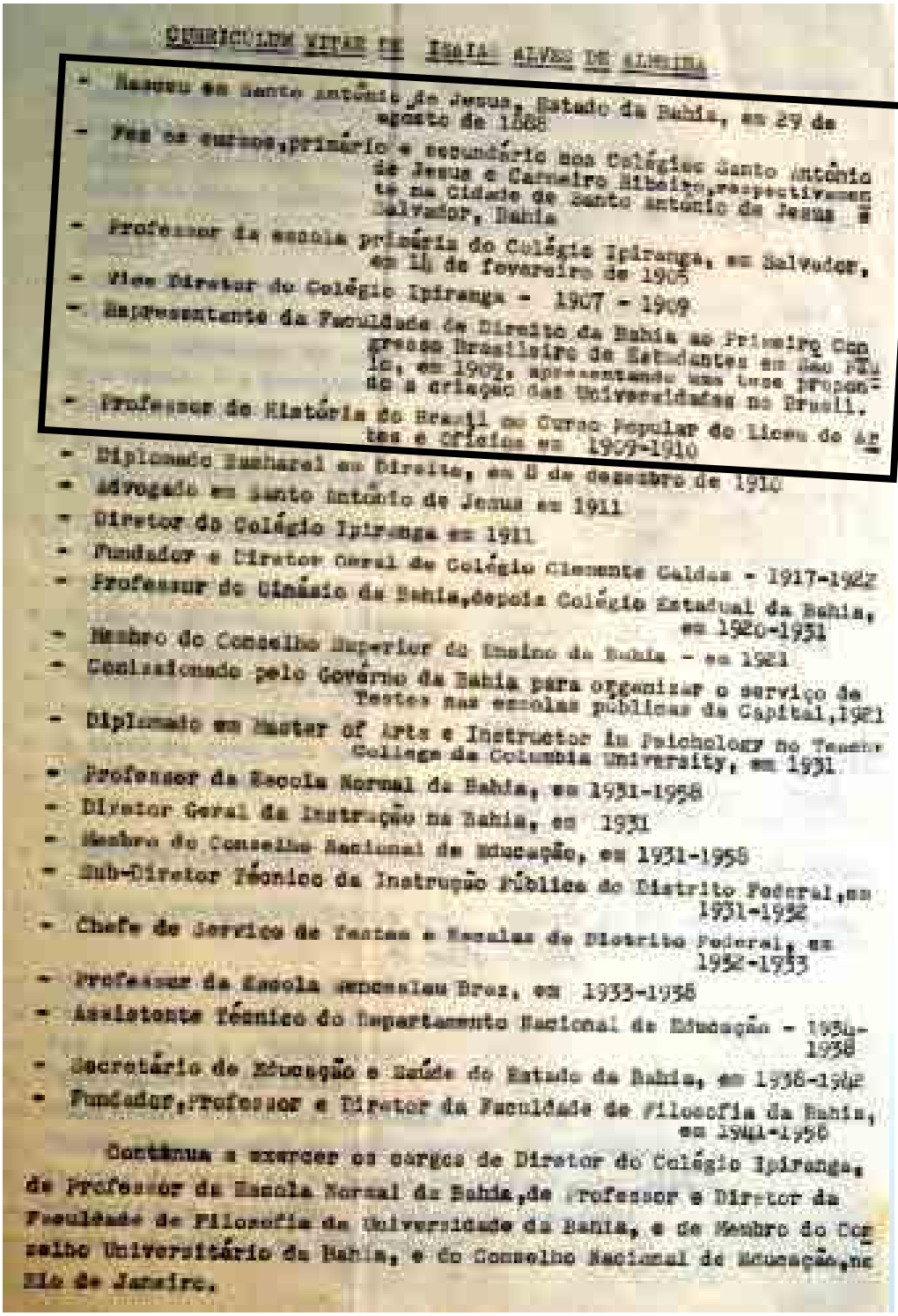


Foto 3 - Documento oficial comprobatório da condição de representante dos estudantes de Direito (fato reiterado nas três obras de Isaías Alves, em análise). Fonte: APIA: FFCH

Como estudante de Direito, já evidenciando o seu interesse pelas questões educacionais, ao representar a sua faculdade no 1º Congresso Brasileiro de Estudantes, em São Paulo, no ano de 1909, Isaías Alves apresenta uma tese, propondo a criação de

universidades no Brasil. Diploma-se Bacharel em Direito em 1910, mas o exercício da advocacia não duraria muito tempo. Claramente, outra vocação já se desenhava mais forte: a do magistério, iniciada desde a meninice, nos tempos do velho Colégio Carneiro Ribeiro, e perduraria por mais de sessenta anos. Sem dúvida, foi, dentre os intelectuais brasileiros, o que mais escreveu sobre testes de inteligência educacional. A saber, das suas mais de quarenta obras, ao menos vinte delas estão vinculadas à Pedagogia. Frequentemente, em suas *pregações*, deixava-se trair quanto ao seu maior e mais profundo desejo: ser educador. Escrevia aos jornais locais, defendendo a necessidade de criação de universidades no país, sobre os benefícios de uma educação em que a unidade, caracterizada pelas atitudes morais e pelo compromisso com a nação, pudesse ser garantida. Também aí sua preocupação básica fazia-se visível: o investimento no ensino elementar, para ele o caminho capaz de preparar os indivíduos para defenderem a cultura e as riquezas naturais do país,

> [...] sob a influência do prestígio do gramático antagonista de Rui, cujo famoso parecer enchia de entusiasmo o país inteiro ao findar o ano de 1902. Tomei o rumo do Colégio Carneiro, quando o grande mestre entrava no mais agudo da peleja. Meu entusiasmo dava-lhe a superioridade. Eu não sabia nem podia julgar. Mas a figura de Rui sofreu diminuição (ALVES, 1967, p. 37).



CURRICULUM VITAE DE ISAIAS ALVES DE ALMEIDA

- Nasceu em Santo antônio de Jesus, Estado da Bahia, em 29 de agosto de 1888
- Fez os cursos,primário e secundário nos Colégios Santo Antônio de Jesus e Carneiro Ribeiro,respectivamente na Cidade de Santo antonio de Jesus e Salvador, Bahia
- Professor da escola primária do Colégio Ipiranga, em Salvador, em 14 de fevereiro de 1905
- Vice Diretor do Colégio Ipiranga - 1907 - 1909
- Representante da Faculdade de Direito da Bahia ao Primeiro Congresso Brasileiro de Estudantes em São Paulo, em 1907, apresentando uma tese propondo a criação das Universidades no Brasil.
- Professor de História do Brasil no Curso Popular do Liceu de Artes e Ofícios em 1909-1910
- Diplomado Bacharel em Direito, em 8 de dezembro de 1910
- Advogado em Santo Antônio de Jesus em 1911
- Diretor do Colégio Ipiranga em 1911
- Fundador e Diretor Geral do Colégio Clemente Caldas - 1917-1927
- Professor do Ginásio da Bahia,depois Colégio Estadual da Bahia, em 1920-1931
- Membro do Conselho Superior do Ensino da Bahia - em 1921
- Comissionado pelo Govêrno da Bahia para organizar o serviço de Testes nas escolas publicas da Capital,1921
- Diplomado em Master of Arts e Instructor in Psichology no Teachers College da Columbia University, em 1931
- Professor da Escola Normal da Bahia, em 1931-1938
- Diretor Geral da Instrução na Bahia, em 1931
- Membro do Conselho Nacional de Educação, em 1931-1938
- Sub-Diretor Técnico da Instrução Públicas do Distrito Federal,em 1931-1932
- Chefe de Serviço de Testes e Escalas do Distrito Federal, em 1932-1933
- Professor da Escola Marechal Bruz, em 1933-1938
- Assistente Técnico do Departamento Nacional de Educação - 1934-1938
- Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, em 1938-1942
- Fundador,Professor e Diretor da Faculdade de Filosofia da Bahia, em 1941-1956

Continua a exercer os cargos de Diretor do Colégio Ipiranga, de Professor da Escola Normal da Bahia,de Professor e Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, e de Membro do Conselho Universitário da Bahia, e do Conselho Nacional de Educação,no Rio de Janeiro.

Foto 4 - Cópia do currículo entregue por Isaías Alves para publicação no Diário Oficial.
Fonte: APIA: FFCH

No arquivo pessoal de Isaías Alves sobrevivem muitos documentos oficiais comprovando que o rapaz de 17 anos já exercia a função de professor no curso primário do Colegio Ipiranga, mais tarde transformado em Centro de Pesquisas Psicopedagógicas, de propriedade de Isaías Alves. Em 1909, foi professor do curso popular do Liceu de Artes e

Ofícios, e em 1920 disputou o ingresso no Ginásio da Bahia, para a catédra de Inglês, ficando em segundo lugar. Contudo, o seu desempenho foi considerado plenamente satisfatório, o que levou os examinadores a dobrar as vagas na cadeira para que ele assumisse. Dessa seleção, resultou um importante livro em que o autor discute a fonética inglesa com contributos valiosos para a prática do ensino de inglês. Por lá, Isaías Alves permaneceu até 1931, quando foi transferido para a Escola Normal da Bahia, passando a ensinar Psicologia Educacional (cadeira que ele defendia com vigor) até 1958.

Como dissemos, não se trata, aqui da mera compilação documental, mas da reunião desses documentos que resultariam numa seleção, numa escolha, num recorte demonstrativo da natureza da cultura bibliográfica de Isaías Alves. Biografemas? Dentre esses documentos, escolhemos a cópia do currículo, que reproduz um outro, publicado no Diário Oficial, para que Isaías pudesse ir aos Estados Unidos. Parecia ser um protocolo formal do governo, junto aos que iriam fazer um curso de mestrado no exterior.

Uma pergunta então nos inquietou: por que não usamos para *comprovar* o que descrevemos os documentos oficiais mais pomposos e até com carimbos internacionais? Por que escolhemos justamente a descrição registrada por ele, em que privilegia a condição de professor, para figurar numa proposta biográfica? Exatamente porque, ao descrever a vida de um autor, os *biografemas* nos orientam de forma a selecionarmos somente aquilo que nos sensibiliza. Mais ainda, diante de uma proposta que é apresentar a identidade pedagógica do biógrafo que de tudo se utilizaria para marcar a sua condição autoral nas obras que publicou, nada mais coerente que apresentá-lo primeiramente como professor .

Isaías Alves elaborou, reproduziu e publicou três cópias do que constituía seu currículo, encontradas em seu Arquivo Pessoal [24], e que revelam uma sequência de suas obras, classificadas quanto às rubricas biblioteconômicas, com os respectivos graus de importância atribuídos ao que ele elencou, uma espécie de barema, nos moldes do que encontramos hoje. No entanto, o próprio Isaías, a 29 de agosto de 1953, numa outra síntese de currículo a ele solicitado pelo governo do Estado da Bahia, a fim de homenageá-lo, dentre os aspectos considerados mais relevantes, assim escolheu os traços profissionais que julgava destacáveis de sua biografia:

> Professor. Ainda jovem, adquiriu e passou a dirigir o Ginásio, hoje Colégio Ipiranga, que ocupa na capital baiana, à rua do Sodré, o prédio onde faleceu Castro Alves. Dedicou-se especialmente ao estudo de Línguas modernas, tornando-se

[24] A cópia integral do currículo, bem como a foto em que aparece o percurso textual, constarão deste trabalho, na forma de anexo.

> Professor, mediante concurso, da cadeira de Inglês no Ginásio, atualmente Colégio Estadual da Bahia. Obteve o diploma de Master of Arts and Instructor in Psychology no Teachers College da Columbia University. Foi membro efetivo do Conselho Nacional de Educação no período de 1931 a 1958. No mesmo período, foi Professor da Escola Normal da Bahia, que em sua homenagem, veio a receber-lhe o nome. Fundou e dirigiu a Faculdade de Filosofia da Bahia. Exerceu ainda outros cargos de destaque: Diretor Geral de Instrução e Secretário de Educação e Saúde, na Bahia;Sub- Diretor Técnico de Instrução Pública no antigo Distrito Federal e Assistente Técnico do Departamento Nacional de Educação (APIA)[25].

Pontuamos como significativo o fato de ele não se colocar como escritor, priorizando as atividades desempenhadas como professor e sequer lembrar a carreira jurídica, mais uma vez legitimando sua condição exclusiva de pedagogo, o que define toda a nossa discussão nas análises efetuadas no quarto capítulo desta tese.

Quanto às obras apresentadas no currículo, mas que não foram publicadas no Diário Oficial, percebemos, claramente, a seleção biblioteconômica adotada por Isaías Alves, que incluiu entre seus trabalhos [editados], as conferências, alocuções, discursos e saudações universitárias. Todavia, em razão de pesquisas mais detalhadas, podemos revisitar a produção alvesiana, de 1922 até 1959, pondo-a no seguinte formato:

Quadro 1 - Livros de Isaías Alves

Livros publicados	Classificação- Ano
Da fonética inglesa	Teoria Educaciona l- (1922; 2ª edição em 1942)
Vida e obra do Barão de Macahubas	Ensaio Biográfico - (1924; 3ª edição em 1942)
Teste individual de inteligência	Teoria Educacional - (1927; 3ª edição em 1934)
Os testes de reorganização escolar	Teoria Educacional - (1930; 2ª edição, em 1934)
Problemas da educação	Teoria Educacional - (1931)
Os testes no Distrito Federal	Teoria Educacional - (1932)
Testes coletivos de inteligência nas escolas públicas	Teoria Educacional - (1932)
Educação nos Estados Unidos	Relatório - (1933)
Estudos objetivos da educação	Teoria Educacional - (1936)
Técnica e política educacional	Teoria Educacional - (1937)
Educação e brasilidade	Teoria Educacional - (1939)

[25] Folha avulsa, escrita e assinada por Isaías Alves.

Cayru Educador	Ensaio Biográfico -1950
Cassiano da França Gomes	Ensaio Biográfico.- 1956
Vocação pedagógica de Rui Barbosa	Ensaio Biográfico - 1959
Pensamento e ação – Meio século de vida pedagógica	Teoria Educaional - 1960
Personalidade da criança aos dois anos	Psicologia -1944
Dante o Educador do milênio	Ensaio biográfico - 1964
Matas do Sertão de Baixo	Ensaio sociológico - 1967

Fica claro o perfil de intelectual produtivo que ele foi, pondo em relevo os grandes nomes da pedagogia e da filosofia nacionais, num período em que se doutrinavam valores de estudiosos da envergadura de Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Delgado Carvalho, Fernando de Azevedo, Sud Menucci, Sílvio Rabelo e tantos outros, acrescendo-se ao elenco, da Bahia, em linha de vanguarda nacional, o próprio Isaías Alves e o notável professor Anísio Teixeira, nomes esses da mais alta estirpe dentre os clássicos da pedagogia brasileira, muitos deles, hoje não mais sendo lidos ou até ignorados. A produção traduz também um intelectual engajado que, ao construir suas memórias educacionais, testemunha uma época, revelando o que Maurice Halbwachs considera significativo para confirmar ou recordar uma lembrança, ou seja, "para recordar é necessário indivíduos presentes sob uma forma material e sensível" (HALBWACHS, 2003, p. 31).

Isaías Alves é um dos primeiros intelectuais brasileiros a fazer um curso de Mestrado, iniciado em 1930, na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, embora, na época, pouco se cogitasse de cursos de aperfeiçoamento, muito menos de Mestrado ou Doutorado. Quando volta daquele país, já com o titulo de Master of Arts and Instructor in Psychology, ele confirma o interesse em tratar de temas educacionais, pois publica um livro-relatório intitulado **Da educação nos Estados Unidos** (1933), em que critica qualquer modelo educacional que não leve em conta os aspectos culturais locais. Além disso, comenta o conteúdo programático dos oito cursos que frequentou, fazendo duras críticas ao sistema educacional superior brasileiro e evidenciando as dificuldades por ele encontradas para ter reconhecidos os documentos comprobatórios de sua formação acadêmica:

> Vê-se como os dois extremos da organização influenciam no mau nome que creamos no estrangeiro. De um lado, a inexistência de Universidades, sómente agora em via de organização, de outro lado a deficiência de ensino primário que é

> extremamente rápido. Procurei mostrar às autoridades do "Teachers College" que a educação brasileira está francamente em via de reorganização, pelo constante esforço que estão fazendo alguns Estados, e pela corrente nova de opinião que já exige sistema de ensino. Não pude, porém afirmar-lhe que houvesse, em janeiro de 1921, uma Universidade no Rio de Janeiro, pelo menos no sentido que é tida uma universidade nos Estados Unidos, na Alemanha ou na Inglaterra. Minha matricula foi finalmente, concedida, sem precedente para outros candidatos brasileiros. Isso quer dizer que todos os brasileiros terão de oferecer condições profissionais, que suplementem a deficiência de organização nacional do ensino, além de mior número de cursos a fazer (ALVES, 1933, p. 4).

Pedagogo considerado mestre dos mestres, exerceu a direção do Colégio Ipiranga, responsável pela formação de nomes ilustres da Bahia, a exemplo de Jorge Amado, Adonias Filho e Wilson Lins, dentre outros, além de se tornar um Centro de Pesquisas Psicopedagógicas, funcionando como uma espécie de laboratório de estudos e pesquisas a serviço da educação dos jovens, notadamente no desenvolvimento das técnicas relacionadas com os testes mentais e de escolaridade, feitos que só realçam a biografia de Isaías Alves.

Em 1931, nomeado para exercer o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia[26] é, em seguida, convidado por Anísio Teixeira para assumir o cargo de Sub-diretor técnico do Distrito Federal. É durante os anos de 1938 a 1942, na atmosfera agitada do Estado Novo, que ele, de forma mais intensa, exerce o cargo de Secretário de Educação e Saúde, na Bahia, a convite do interventor Landulfo Alves de Almeida[27]. Salientamos que, durante todo o percurso de pesquisa e oitiva, observamos uma preocupação por parte de Isaías Alves: afastar a sua opção em ocupar cargos públicos, desvinculando-os da figura do irmão, ou seja, ressaltar o fato de que, quando convidado pelo interventor para ocupar o cargo político, já tinha um nome cristalizado no campo educacional.

Isaías Alves também integrou a Academia de Letras da Bahia. Seus escritos versam diferentes temáticas, conquanto o próprio autor assumisse que o melhor que sabia fazer era narrar sobre seu povo. É justamente na fronteira do intelectual conhecido nacionalmente pelos cargos políticos, ou pelos livros de caráter pedagógico/psicológico/biográfico, que iremos flagrar o memorialista Isaías Alves assumindo um projeto cujos contornos de memória social envolvem lembranças do Recôncavo Sul, do folclore, do homem simples, das linhagens familiares e, sobretudo, dos acontecimentos históricos.

Sérgio Villas Boas (2002) enfatiza o processo biográfico como uma questão de *transferência* e *contratransferência*. Dessa forma, podendo ter o nome que tiver, a empatia

[26] Seria, hoje, o equivalente ao Secretário de Educação do Estado.

[27] Landulfo Alves é irmão do escritor em estudo e foi interventor no Estado da Bahia, nos anos Vargas. É oportuno salientar que, mesmo antes da interventoria do irmão, Isaías Alves já participara ativamente, exercendo cargos no governo de Juracy Magalhães. Foi exatamente durante esse período que ele projetou e iniciou a construção do Instituto Cultural Isaías Alves, concluído em 1939, no exercício do mandato de seu irmão.

está por trás de todas as nossas ações ou reflexões. Consequentemente, recortes feitos, ao narrar a vida de uma pessoa, têm muito a ver com a forma com que gostaríamos de ver ou ouvir a nossa vida sendo narrada. E como toda vida intenta ser grande, sem lacunas ou, pelo menos, com espaços para a assunção de culpas, julgamos ser Isaías Alves um dos intelectuais brasileiros que mais sofreu em função do posicionamento político adotado:

> Estas considerações vêm a propósito do centenário de nascimento do Prof. Isaías Alves. Não foi só pela oportunidade com que desfrutou o poder político, pois quantos o fizeram de maneira estéril e perdulária. Não pode, por outro lado, seu compromisso ideológico com o Estado Novo, antecipado na Ação Integralista, anular as diversas medidas modernizadoras por ele implantadas, ao administrar a política educacional em nosso Estado, na interventoria de Landulpho Alves [28].

Sem dúvida, Isaías Alves era um homem que participava assumidamente da política nacional, sendo considerado por todos que o cercavam como

> uma personalidade contraditória, mas sempre exemplarmente autêntica. Antigo e moderno. Disciplinador e crítico. Duro e humano. Com aguda capacidade de analisar o jogo do poder, mas com temperamento inflexível e emocional que o inabilitava para a vida política (Caderno do IAT, vol. I, Salvador, dezembro de 1988, p. 12).

Até 1938, enquanto o Integralismo[29] tinha vida constitucional organizada, Isaías considerava-se integralista. Era um militante assíduo, um intelectual orgânico[30], positivista que priorizava tanto os títulos, pois, conforme sugere Daniel Pécaut (1989), para esses intelectuais era importante a posse de um saber sobre o social que os assentassem na legitimidade das discussões sociais. Ao romper com o Integralismo, pronunciando-se publicamente, como o fizeram diversos outros nomes, numa série de depoimentos assinados por intelectuais como Wilson Lins, Isaías Alves assinava não só sua ruptura com o movimento político, mas continuaria sob a diretriz do nacionalismo como vemos:

---

[28] Discurso proferido por Mariagusta Rocha (Secretária de Educação do Estado da Bahia), em homenagem ao centenário de Isaías Alves, em julho de 1988.

[29] O Integralismo foi um movimento político-ideológico defensor do autoritarismo, do nacionalismo, do antiliberalismo e do antissocialismo. Assemelhava-se muito ao movimento fascista europeu (italiano). Seus membros, nos setores mais intelectualizados, eram da alta classe média urbana. Em 1936, no Brasil, havia entre 600 a um mil filiados. O líder nacional do movimento foi, por décadas, Plínio Salgado. In: **100 anos de República:** Um retrato ilustrado da História do Brasil 1931 - 1940, v. IV. São Paulo: Nova Cultural, 1989, vol. IV.

[30] O debate em torno do termo intelectual agrega concepções diversas, logo, ao sinalizarmos Isaías Alves como intelectual orgânico , recorremos ao princípio gramsciano revisitado por Pécaut, que amplia o conceito de intelectual como aquele que participa, age e ajuda na formulação de uma nova hegemonia ou se engaja na manutenção da hegemonia existente. De um forma ou de outra, a organicidade vem do comprometimento, da participação, na formulação de ideias que ajudem na ação política, seja ela hegemônica ou contra hegemônica.

Foto 5 - Entrevista em que Isaías Alves declara não ser mais integralista.
Fonte: Arquivo Público da Bahia - Série Republicana

Mesmo com declarada ruptura, não é difícil reconhecer os princípios nacionalistas, fruto do discurso positivista, nos mais diversos pronunciamentos e ações, influenciando diretamente as reflexões pedagógicas que ele fazia, seja como pensador da educação, seja como o profissional que exerceu diversos cargos públicos.

Lendo alguns de seus textos, compreende-se melhor a representação identitária de Isaías Alves com respeito à educação. Ele acreditava que uma das formas de divulgar o nacionalismo era por intermédio da ação educacional e pedagógica. Em 1941, Isaías Alves escreve umas “Informações para o professorado”, referindo-se à necessidade de criação da Faculdade de Filosofia da Bahia, pautado justamente por esse contato da linguagem direta que ele tem com os professores e que fundamenta a sua análise influente. Naquele artigo de 1941, salientava o poder da instituição do ensino universal e universitário, junto com sua

contribuição para a divulgação das tradições culturais. Sobre isso, aliás, é importante ressaltar o que nos assegura Pécaut (1989):

> No Brasil do século 20, os projetos dos intelectuais eram inseparáveis da vontade de contribuir para fundamentar o cultural e o político de uma forma diferente. Tudo estava em jogo ao mesmo tempo. Instituição alguma escapou à necessidade de assumir uma nova legitimidade: tanto a igreja como o Exército, tanto o Estado como os estabelecimentos de ensino superior, a intervenção dos intelectuais inseriu-se em uma conjuntura de recriação institucional. em larga medida, o mesmo sucedeu nos anos 60 (PÉCAUT, 1989, p. 22).

Nos seus discursos, era constante a preocupação de Isaías Alves com os destinos da Pátria, defendendo uma formação que visasse a servi-la, num patriotismo que se revelava nas mínimas transmissões e preservação de práticas e concepções, possibilitando a reprodução das representações. É justamente na fronteira do escritor, conhecido nacionalmente pelos cargos políticos ou pelos livros de caráter pedagógico/psicológico, que flagramos o memorialista Isaías Alves, especialmente nos textos de **Vida e obra do Barão de Macahubas** (1942), **Vocação pedagógica de Rui** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo** (1967), assumindo um projeto com contornos de memória social, envolvendo lembranças do Recôncavo Sul, do folclore do homem simples, das linhagens familiares e, sobretudo, dos acontecimentos históricos.

Nas referidas obras, também há a recuperação de informações importantes quanto à política, à educação, às crendices, à farmacologia e aos abusões[31], *causos*, registros do cotidiano das mulheres e dos negros, bem como da escola, fontes que podem ser utilizadas em estudos sobre linguagem, costumes e medicina popular, economia e gastronomia. Ou seja, estamos diante de uma miscelânea de assuntos que traduzem a resolução de um narrador obstinado em descortinar a história a partir do seu lugar e de sua gente.

Tendo em vista a perspectiva pluralizante imprimida por essas obras de Isaías Alves, as reflexões de Bourdieu (1986) sobre as limitações do projeto biográfico, ajudam-nos a entender o quanto a produção memorialística, em especial a *(auto)biográfica*, pode, também pela estruturação, aproximar-se de uma percepção mais complexa da existência humana. Para o estudioso, a biografia referencial não abarca toda a complexidade da vida, porque a descreve como uma cronologia sequencial muito organizada, com começo, meio e fim, e sem espaços para as reflexões que o leitor pode e deve realizar no trancurso de uma leitura. O papel do biógrafo corresponderia a acompanhar, sim, a filosofia da história, interessado na

[31] Termo usado no Recôncavo Baiano e em todo o interior nordestino para designar uma espécie de causos fenomenológicos envolvendo crendice e supertições.

sequência dos acontecimentos. Como a vida não é assim tão coerente, explica Bourdieu, o projeto biográfico “talvez seja uma ilusão retórica”, uma “criação artificial de sentido”. Vista por esse ângulo, a biografia corre o risco de abrigar “processos sociais mal analisados e mal dominados” (BOURDIEU, 1986, p. 181). No entanto, como herança desse rico debate sobre as características e possibilidades de narrar histórias de sujeitos individuais, talvez o mais importante seja reafirmar o valor do prazer da leitura que *(auto)biografias* bem escritas podem proporcionar; e mais, parafraseando Virgínia Woolf (2003), ver nisso uma forma especialíssima de conhecer, ou reconhecer, as ilações inevitáveis e necessárias entre a vida de cada um e a vida do mundo em volta.

3. 2 INTELECTUAL PELA PORTA DOS FUNDOS?

Fizemos uma opção por tecer considerações eventualmente heterodoxas, as quais pressupõem caminhos, jornadas e viagens. O formato não se deu aleatoriamente, mas configurou-se através da proposta de leitura desenvolvida por Isaías Alves no livro **Matas do Sertão de Baixo** (1967), especialmente num capítulo classificado como “viagem sentimental”. Logo, façamos a viagem, agora acompanhados da figura do intelectual orgânico que foi Isaías Alves, entendendo que há uma estreita ligação que nos auxilia a decifrar os caminhos da história, ainda que, segundo propõe Antonio Torres Montenegro (2010), é impossível pensarmos a história do cotidiano dissociada da História Oficial. Em outras palavras, vida, cotidiano e narrativa estão interligadas, impondo percursos e impossibilidades, inclusive a indivíduos que podem viver sem narrar uma história. Não estamos falando da historia meramente acadêmica, canônica, senão aquela que faz parte do cotidiano simples, sem as sofisticações dos especialistas que, na maioria das vezes, valorizam a elaboração de forma complexa, mas pouco significativa.

Isaías Alves foi um professor respeitado, um escritor erudito, um administrador competente, e acima de tudo, um intelectual atuante, sobretudo no que se refere à fundação da Faculdade de Filosofia na Bahia (independente dos motivos, como já assinalamos), considerada sua maior contribuição no campo educacional. Entretanto, diferencia-se de outros muitos intelectuais de sua época, dos quais divergia, por exemplo, na seleção acerca da aquisição da inteligência pelas crianças. Curiosamente, mesmo sendo vítima de farpas contundentes que lhe foram atiradas, o intelectual Isaías Alves encarnava outra medida das coisas. Dessa forma, julgamos coerente, pelo menos, o conhecimento das suas obras para se

negar seu trabalho de monitoramento da inteligência infantil, sendo necessários leituras e debates com o próprio Isaías Alves que, durante muito tempo, buscou convencer autoridades educacionais justificando a importância dos testes de aferição da inteligência e aprimoramento constante destinados ao pleno desenvolvimento da Educação Brasileira.

Os testes nas escolas públicas

Foto 6 - Reportagem do Jornal O Globo sobre aplicação dos testes nas escolas públicas.
Fonte: APIA-FFCH

Essa tentativa de convencimento das autoridades, em relação a aceitação desses testes, ocorria justamente porque ele era estudioso, um exímio conhecedor da educação baiana e brasileira, não se deixando abater nem mesmo ante a superficialidade dos debates. Ao contrário, preocupava-se com o estudo profundo dos temas, esmiuçando-lhes os conteúdos, levantando hipóteses (encontramos mais de um teste de inteligência por ele aplicado, ao menos com dois de seus filhos), observando circunstâncias, comparando dados, dirimindo dúvidas, enfim, fazendo correções mínimas, a fim de solucionar equívocos posteriores, mesmo quando se tratasse de questões de natureza pessoal, como na situação documentada pela fotografia abaixo, em que o educador sinaliza o recurso utilizado pelo jornal em pô-lo

escrevendo com a mão direita, quando não era isso o que ocorria, pois devido a enfermidade que lhe dificultava os movimentos da mão direita, obstava-lhe a escrita conforme explicitado a seguir.

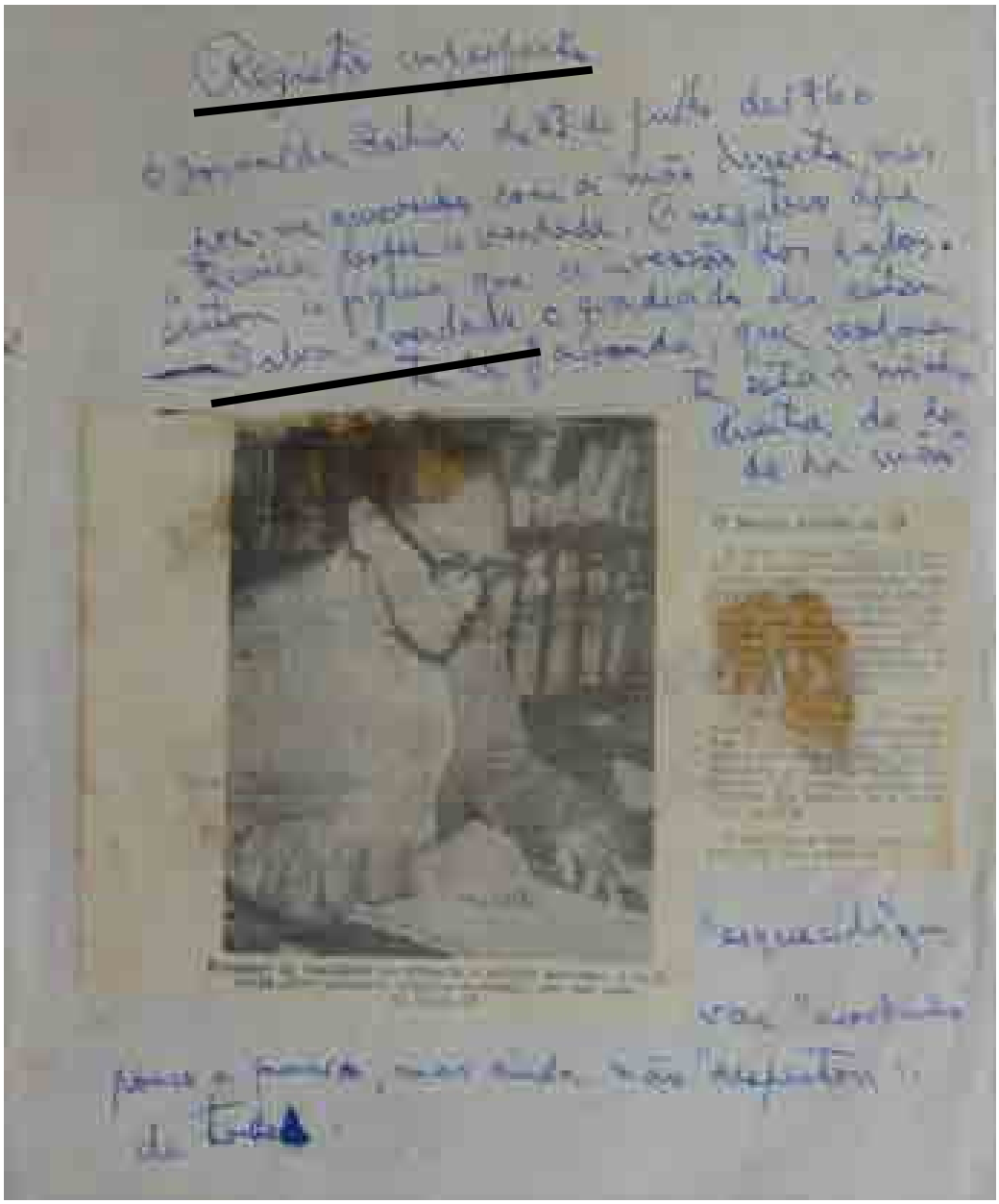


Foto 7 – Explicação de Isaías Alves sobre o fato de, na fotografia, estar escrevendo com a mão direita. Fonte: APIA-FFCH

A preocupação de Isaías em *salvar a verdade* é uma ação constante em sua escrita. O correto seria supor que ele perseguia primar, sim, por um lugar de reconhecimento na esfera dos grandes intelectuais brasileiros, mas também evidencia a seriedadade do caráter dele, rendendo-lhe a admiração de muitos. Era filho das oligarquias falidas e buscava, nas instituições governamentais, uma forma de se reorganizar no poder.

Reconhecido pelo compromisso intelectual e por uma linguagem marcada por muitos adjetivos, no que se refere à construção do trabalho científico, mesmo escrevendo sob o crivo da razão, cedia aos sentimentos e às convicções, deixando os pensamentos fluirem sem limitações, muitas vezes chegando a repetições discursivas pouco atrativas para o leitor, mas sempre perseguindo a informação clara e sem equívocos.

A produção de Isaías Alves, tanto no campo da Pedagogia quanto na prosa memorialística, fornece elementos de compreensão para além do presente. Carrega aquilo que, segundo Bloch (2005), encontra-se no passado e que, por sua vez, está contido no presente, ambos estabelecendo práticas sociais, políticas e culturais, as quais necessitam ser traduzidas para a construção de um novo presente, que logo será futuro, mas que antes foi passado, tríade temporal da dialética, em constante movimento e permanência.

Para Luis Costa Lima (1991), muitas características podem ser elencadas como negativas na construção do sistema intelectual brasileiro, o qual perfila os seus eleitos muitas vezes em função dos nichos intelectuais e geográficos de que fazem parte. Ressalte-se, ainda, o fato de o trabalho intelectual no Brasil ser fruto de uma cultura pautada na auditividade, o que provoca algumas anomalias: para ser respeitado, faz-se necessário, às vezes, forjar-se um perfil grandiloquente, ligando-o a nomes e a instituições. Só assim se tem um público e este reconhece o perfilado como intelectual. Lima (1991) explicita: “enquanto, por conseguinte, não se mudassem as bases sociais que empurravam o escritor para o jornal e para a tribuna, não poderia ser esperada uma mudança nesse perfil” (LIMA, 1991, p. 266).

Rémond (1994) adverte que entre o autor e o biografado pode se estabelecer uma espécie de troca de identidade, como a que ocorre algumas vezes entre uma obra e seu tradutor. Embora reconheçamos não ser nossa pretensão classificar este percurso como uma instância biográfica, em diversos momentos fomos flagrados por sentimentos que nos faziam concordar com o pensamento do autor. Consequentemente, preocupamo-nos em nortear o nosso olhar a partir de certos questionamentos: como descrever, contextualizar e entender o trabalho de Isaías Alves no cenário baiano? E, uma vez compreendido como intelectual, como se dá a sua participação de escritor/intelectual no processo social? Que fatores teriam impedido ou dificultado a inserção de Isaías Alves como intelectual?

Ao apostar em tais questões, através da análise da atuação intelectual de um dos mais importantes nomes da produção científica educacional baiana/brasileira, priorizando o enfoque dos textos pedagógicos e autobiográficos por ele produzidos (conferências, entrevistas, livros etc.), buscamos enfatizar a formação e a configuração do campo intelectual em nosso país, atentando sempre para o anonimato que Isaías Alves experimentou,

inicialmente por ser integralista e, depois, por ter figurado ao lado de Anísio Teixeira, certamente o nome mais emblemático no campo da Educação, e que se tornara fenômeno quase individual. Consequentemente, mais indispensável ainda se faz o objeto nuclear de nossa tese, qual seja o de mapear os momentos mais significativos do percurso do autor aqui estudado.

A proposta inicial teria sido geográfica e afetivamente mais bonita, mas, parafraseando o poeta João Cabral de Melo Neto, triste é ficar assim no extremo de si mesmo, através da escrita. O tempo corre e a pena não consegue escrever o que sente o coração. Dessa forma, nenhuma rima solucionaria o início da tentativa de viagem a ser estabelecida no trajeto de revelar integralmente nosso objeto de estudo. Numa época em que o cenário da cidade de Salvador era recortado por bondes, nossa viagem incursiona pelas diversas conferências educacionais proferidas pelo jovem educador Isaías Alves, por toda as Matas do Sertão de Baixo. Segue para Salvador ou a Bahia, como era conhecida, onde o esperam o Liceu de Artes e Oficíos e o Colégio Ipiranga - base do futuro projetado para a Faculdade de Filosofia, considerado por pesquisadores como o maior feito do professor Isaías Alves.

Se, como ficou dito anteriormente, Isaías Alves inscreve seu nome no cenário nacional a partir da proposta de implantação dos testes de inteligência como ferramenta de seleção escolar, seus discursos de afirmação ideológica, segundo a maioria dos analistas, diretamente ligados aos princípios norteadores do movimento integralista, granjeiam aspectos negativos, praticamente o alijamento da condição de intelectual respeitado.

Laís Ferreira (2006) faz uma estimativa de que seriam entre 500 e 800 mil o número de filiados à Ação Integralista Brasileira (AIB) em todo o país, nos anos de seu apogeu. Em relação à Bahia, “em meados de 1936 haveria aproximadamente 46 mil integralistas no Estado, distribuídos por mais de 300 núcleos municipais e distritais” (FERREIRA, 2006, p. 36). Isso evidencia que, seja na capital ou no interior, muitos intelectuais estavam em efetiva militância, refletindo os rumos que o Brasil assumia na era Vargas. A autora assegura que, na Bahia, a AIB consolidara-se nos meios estudantis, apontando os Colégios Carneiro Ribeiro e Ypiranga como núcleos da juventude integralista. alguns nomes nos soam familares e o primeiro lugar da formação é o do estudante Isaías Alves, mais tarde proprietário do segundo colégio, onde, aliás, militou em seu primeiro emprego.

Ana Cristina Matos Rocha (2009) aponta para as lacunas existentes quanto à participação de Isaías Alves no movimento integralista, assinalando ter encontrado apenas duas referências a essa participação. Entretanto, cioso colecionador sobre si mesmo e de forma organizada, Isaías Alves reuniu em arquivos farta documentação pessoal, revelando,

talvez inconscientemente, uma intensa vontade de ser biografado. Tudo isso teria facilitado a tarefa de pesquisadores, logo, a lacuna parece-nos deliberada, uma vez que, para alguém com o perfil de Isaías Alves, convocar a imprensa (o jornal O Imparcial**,** 15 de novembro de 1942), com o fim de confirmar a renúncia ao comprometimento integralista, é circunstância suficiente para justificarmos o envolvimento e a participação efetivos, preservando, embora, resquícios conservadores, a exemplo da crença na religião (conquanto se descreva ateu e atribua a mudança à experiência de fé, logo após ser curado de uma enfermidade) e na educação transformadora da juventude. A falta de inscrição sobre o tema em seu arquivo é clara demarcação de auto-silenciamento proposital, reiterando a disposição que tinha ao organizar os dados de seu percurso intelectual, ocultando algumas fontes.

Todavia, como relata Pinto (1988), o professor Isaías Alves, uma vez, no embalo da rede, concluiria nada mais haver a fazer numa Secretaria de Educação Básica, sem dinheiro para nada e, em doloroso eufemismo, compara a seção a um papel higiênico barato que todos querem por a mão. Em consequência, teria decidido fundar uma Faculdade de Filosofia no Estado da Bahia. Se esse fato, na visão de Pécaut (1989), apenas reflete um gesto isolado de voluntarismo intelectual, e se Isaías Alves se autoinvocava a condição de essencialista para a construção do pensamento nacional, ninguém mais que o próprio Isaías Alves fez jus a tal interpretação sobre a capacidade inata e orgânica do ser intelectual, ainda que de forma desordenada ou personalista.

Fruto, pois, de uma iniciativa do professor Isaías Alves de Almeida, no dia 13 de junho[32] de 1941 houve uma reunião de figuras importantes do empresariado baiano, na Associação Comercial da Bahia para aprovar os estatutos daquela que seria a nossa primeira Faculdade. No entendimento de Vanessa Magalhães da Silva (2010), o projeto arquitetado por Isaías Alves para a Faculdade de Filosofia da Bahia, na verdade, significava uma reelaboração do projeto do religioso Augusto Robert – irmão marista –, semelhante ao da Escola Normal da França. O referido projeto chegou às mãos de Isaías Alves por meio de Herbert Parentes Fortes – também integralista, e convidado para ser professor da FFB.

A Isaías Alves corresponderia sempre a ética de um homem cordial. Ligado às diversas redes que, de uma certa maneira, viabilizavam as articulações por ele propostas, reuniu os membros da Liga de Educação Cívica (LEC). Eleito diretor, reformulou os estatutos e agregou expressivos nomes de intelectuais para ajudar na montagem na FFB. Além de integralista e católico fervoroso, cultuava valores cívicos e patrióticos como marca dos

[32] Chama-nos a atenção que a data de fundação da Faculdade de Filosofia seja, coincidentemente, o dia do padroeiro da cidade natal do autor.

intelectuais positivistas. Contudo, é preciso ressaltar que, a despeito da importância do catolicismo em sua vida pessoal, nada o impediu de associar-se a nomes que professavam outras religiões, como é o caso de Peter Baker, missionário presbiteriano, fundador do Colégio 2 de Julho, em 1927, por ele convocado para ser professor da FFB. Isso sugere que, para além das relações pessoais e de amizade, Isaías Alves levava em consideração a relevância intelectual e o respaldo que muitos tinham em nível nacional ou internacional, associando-os a nomes de importância na sociedade baiana, homens ligados à educação e à política. Segundo o próprio Isaías, "a escolha dos professores em 1941 foi absolutamente liberta de quaisquer preferências pessoais"[33].

Desde o dia da reunião instituidora da Liga de Educação Cívica, em 1941, até 1958, quando foi aposentado de forma compulsória, por ter completado setenta anos, Isaías foi presidente da LEC e diretor da Faculdade de Filosofia da Bahia, dela cuidando detalhadamente. Da seleção de professores e funcionários de serviços gerais à responsável pela biblioteca, nada escapava ao controle do velho professor. Ele fazia questão de assinalar que nunca teve uma falta, exceto quando estava a serviço da própria unidade de ensino superior, ou por sérios problemas de saúde. A esse depoimento, juntou uma declaração de assiduidade, assinada pelo então reitor Edgard Santos, com quem teria alguns desentendimentos em relação ao formato de gestão, a que se juntava a queixa histórica sobre os recursos destinados à Faculdade de Filosofia, escassos e inferiores aos das faculdades de Direito e Medicina.

Traços como esses fizeram de Isaías Alves uma figura bastante respeitada, ampliando o rol de conhecidos, amigos e admiradores do seu trabalho social e intelectual, do qual fizeram parte, desde baianos até estrangeiros. Usando esse prestígio, ele conseguiu angariar recursos financeiros, extra os da dotação orçamentária da Universidade, conforme podemos ilustrar com o cartão, contendo nomes e quantias doadas.

[33] Isaías Alves. "Discurso de recepção ao prof. Dr. Manuel Peixoto". *Arquivos...*, op. cit., vol. V, 1957, p. 60.

Faculdade de Filosofia da Bahia.

Organização do Patrimonio

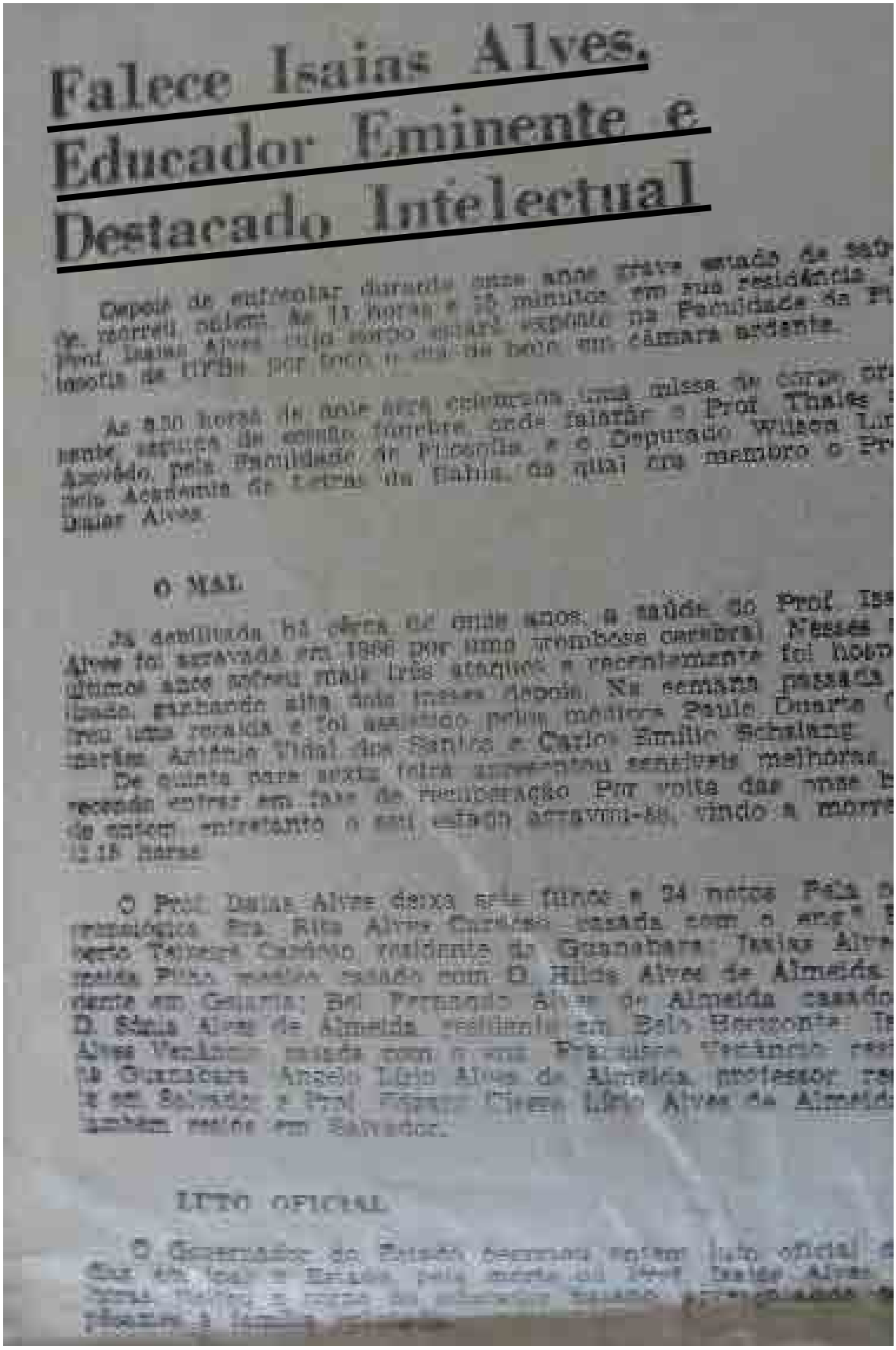
Fundo de Financiamento

Foto 8 - Lista de doadores para a fundação da FFCH

Ao perceber o grau de envolvimento representado pelas doações, Isaías Alves implementou uma memorável campanha financeira, captando novos e substanciais recursos oriundos de industriais e comerciantes, das prefeituras municipais, do público em geral e até das colônias estrangeiras. Foi um significativo exemplo de participação da comunidade baiana na cooperação para tal empreitada. Daí merecer elogio de Gilberto Freyre, nome expressivo da intelectualidade brasileira, conforme expressa em depoimento com o seguinte teor:

> O Sr.Isaías Alves está conseguindo na Bahia esta coisa extraordinária: interessar os particulares na criação de uma faculdade ou escola de altos estudos. Nós, no Brasil, não temos grandes fortunas particulares, do tamanho das da Pérsia,da Índia e dos Estados Unidos, é certo apenas uns ralos milionários de água doce. Destes, entretanto, são poucos os que se animam a gastar um ou outro conto de réis em donativos para instituições de cultura ou em iniciativas de interesse cientifico ou artístico.[...] recentemente pretendi animar em alguns amigos ricos e ao mesmo tempo inteligentes do Rio e de São Paulo a ideia de fundarem na capital de nosso país um instituto de pesquisas sociais e históricas que fosse uma combinação de esforços no sentido de melhor estudo das várias correntes de cultura e de sangue para a formação do Brasil: a portuguesa, em primeiro lugar, é claro; a ameríndia; a africana; a espanhola; a holandesa ou flamenga; a alemã; a italiana; a inglesa; a francesa. Encontrei simpatias vagas da parte de vários amigos. Mas interesse completo só de um estrangeiro ilustre- um belga aqui residente há anos. Quando despertarão os brasileiros de alguma fortuna para este dever que a posse do dinheiro lhes impõe: o dever de concorrerem para o desenvolvimento da cultura de qualidade da nossa gente? Os ricos da Bahia parecem que vão dar desta vez ao Brasil inteiro um exemplo magnífico de consciência de tal dever (FREYRE, 1941, p. 259).

Tais fatos revelam e ratificam o prestígio de que gozava Isaías Alves, chegando ao ponto de Pinto (1988) afirmar ter ouvido de muita gente boa: “dou meu dinheiro por se tratar de Isaías Alves que vai cometer a maluquice de criar na Bahia uma faculdade de formar filósofos” (PINTO, 1988, p. 64). Se não ouvimos, nem lemos, nas inúmeras reportagens da época o nome de Isaías Alves relacionado à intelectualidade, a ele se refeririam sempre como o grande educador, ou o professor Isaías Alves, mais amiúde, embora, quando do registro de seu falecimento, em 1968, ano também da morte de Manuel Bandeira, conforme ilustra a nota publicada no Diário de Notícias, de vinte de janeiro de 1968.



Falece Isaias Alves, Educador Eminente e Destacado Intelectual

Depois de enfrentar durante onze anos grave estado de saú
de, morreu ontem, às 11 horas e 15 minutos, em sua residência
Prof. Isaias Alves, cujo corpo estará exposto na Faculdade de Fi
losofia da UFBa, por todo o dia de hoje, em câmara ardente.

As 8.30 horas de onde será celebrada uma missa de corpo pre
sente, seguida de cortejo fúnebre, onde falarão o Prof. Thales
Azevêdo, pela Faculdade de Filosofia, e o Deputado Wilson Lu
pela Academia de Letras da Bahia, da qual era membro o Pr
Isaias Alves.

O MAL

Já debilitado há cêrca de onze anos, a saúde do Prof. Isa
Alves foi agravada em 1966 por uma trombose cerebral. Nesses
últimos anos sofreu mais três ataques e recentemente foi hosp
lizado, ganhando alta dois meses depois. Na semana passada
freu uma recaída e foi assistido pelos médicos Paulo Duarte
marães, Antônio Vidal dos Santos e Carlos Emílio Schalang.
De quinta para sexta feira apresentou sensíveis melhoras,
recendo entrar em fase de recuperação. Por volta das onze h
de ontem, entretanto, o seu estado agravou-se, vindo a morre
12.15 horas.

O Prof. Isaias Alves deixa sete filhos e 24 netos. Pela o
cronológica: Sra. Rita Alves Cardoso, casada com o eng.º
berto Teixeira Cardoso, residente de Guanabara; Isaias Alve
meida Filho, médico, casado com D. Hilda Alves de Almeida,
dente em Goiânia; Bel. Fernando Alves de Almeida, casado
D. Sônia Alves de Almeida, residente em Belo Horizonte; Is
Alves Venâncio, casada com o eng. Francisco Venâncio, resi
na Guanabara; Angelo Lírio Alves de Almeida, professor, re
te em Salvador e Prof. Edgard Cisera Lírio Alves de Almeida
também reside em Salvador.

LUTO OFICIAL

O Governador do Estado decretou ontem luto oficial d
dias em toda o Estado, pela morte do Prof. Isaias Alves.
horas, [illegible] o corpo do educador baiano, apresentando
pêsames à família [illegible].

Foto 9 - Reportagem sobre o falecimento de Isaías Alves. Fonte: APIA- FFCH

A despeito de todas as críticas e negações em razão de suas escolhas político-ideológicas, Isaías Alves merece ser reconhecido como o grande intelectual que foi. Revendo seu livro de registro[34] da biblioteca pessoal, em que ele elenca os livros de que dispunha, assim como os que doa à Faculdade de Filosofia da Bahia, distinguimos com nitidez que as obras refletem a formação e o interesse de seus possuídos, algumas recheadas de incursões filosóficas e históricas, feitas à mão e às margens dos livros, dando conta do compromisso do pedagogo, somente depois da morte alçado à condição de intelectual. Assim como pressupomos o seu desejo de ser lido e compreendido, intuímos que os mais de mil livros da biblioteca de Isaías Alves, entre nacionais e estrangeiros, históricos, pedagógicos e literários, acabam perfilando uma sugestão de história feita de desejos e silenciamentos, em parte devido à opção feita, por ele, no campo político, e que se refletiu negativamente na recepção à sua obra.

Por fim, o percurso intelectual de Isaías Alves acaba nos remetendo ao universo dos mitos de Narciso e Eco. Um, apaixonado pela própria imagem, tentando projetá-la a todo instante, enquanto o outro, por desafiar os deuses e falar sem permissão, ficaria condenado a ouvir a própria voz, eterna e intermitentemente. O pedagogo memorialista se incumbiria em estabelecer o equilíbrio entre ambos. É Narciso dissimulado, que se estilhaça na produção de obras, se trasmuda em Eco, condenado a permanentemente ouvir a própria voz.

3. 3 ISAÍAS ALVES E ANÍSIO TEIXEIRA: SIMETRIAS E DIVERGÊNCIAS

Todas as vezes que enunciávamos o objeto de nossa tese, era lugar comum, quase imediato, a pergunta: “Quem é Isaías Alves?” Daqueles que o conheciam, também imediatamente evoluia a sentença: “Ah! O que trabalhou ao lado de Anísio Teixeira!” Cremos aqui caber uma ressalva importante: Anísio, como dissemos, de fato convidou Isaías Alves para trabalhar com ele, no antigo Distrito Federal, embora o percurso intelectual de Isaías já estivesse bem definido devido à introdução dos testes de inteligência aplicados na Bahia, bem como sua vasta produção bibliográfica na área educacional.

A Faculdade de Filosofia da Bahia foi criação de Isaías Alves, com o fim de formar professores do Ensino Médio e Fundamental e gerar estímulos num ciclo de cursos de licenciatura, em virtude de não haver na Bahia escolas superiores com essa finalidade. Tanto

[34] Doação feita a nós - pelo sobrinho neto de Isaías Alves, após conferência realizada em Santo Antonio de Jesus, em homenagem ao centenário do autor.

os integralistas – Isaías Alves, por exemplo – quanto os pensadores, em sua maioria de esquerda – como Anísio Teixeira – defendiam a mesma causa. A necessidade de capacitar professores era experimentada por muitos intelectuais e educadores daquele período, pois essa era uma questão nacional, não apenas de âmbito regional. Somente os bacharelados estariam disponíveis nas poucas instituições de ensino superior, uma vez que os professores não possuíam ainda uma escola de nível superior voltada para a capacitação de profissionais destinados à atividade docente.

Anísio Teixeira defendia uma educação ampla, para todos, bem como uma pedagogia que levasse em conta a idade do estudante. A formação deveria ser integral, destinada a preparar o aluno de acordo com as necessidades do seu momento, do seu estágio de crescimento. Ao lado do sociólogo Fernando de Azevedo e outros intelectuais seus contemporâneos, Anísio lutava por um ensino público de qualidade e excelência comunitária e social. Isso era o que Isaías também defendia, variando, entre os educadores baianos, apenas os métodos e os programas, uma vez que os objetivos e propostas eram certamente comuns.

A foto da reportagem, a seguir, parece-nos revelar aquele ressentimento, por nós aludido, em outra seção desta tese. Isaías Alves abertamente diverge de Anísio Teixeira em relação a algumas temáticas em torno da educação. Inserida numa pasta (ou arquivo) intitulada “Recortes”, tematizando a gratuidade da educação, em que vários nomes são citados entre os que a defendem, Isaías não deixou passar uma incongruência equívoca além de injusta. O jornal A Tarde, de 1942, afirma ter sido o movimento de gratuidade encampado e liderado pelo pensamento de Anísio Teixeira. Isaías Alves, no entanto, recorta outra reportagem, realizada em data anterior à adesão de Anísio Teixeira, evidenciando mais um equívoco da imprensa para com ele, e reivindicando, para a posteridade, leitores capazes de discernir, segundo ele, a verdadeira liderança, observando literalmente as margens do texto, em, que ele, Isaías, faz questão de recortar observações nas bordas do jornal.

INSTRUIR A MOCIDADE
é augmentar o capital da Nação

Foto 10 - Reportagem do Jornal Diário de Notícias em que Isaías Alves defende a gratuidade do ensino.
Fonte: APIA- FFCH

Não queremos, de forma alguma, diminuir o trabalho de um e supervalorizar o do outro. Na abordagem de tais nuances, o que pretendemos é restabelecer a verdade (possível) e revelar que arquivos, ensaios e reportagens sobre alguém carregam, consigo, as marcas de

escolhas e seleções ou dos recortes pessoais, deixando lacunas que podem ou não ser preenchidas, ou simplemente ratificadas/retificadas, sem que se faça a devida revisitação. Afinal, trabalhar com alguém que não goza de certa simpatia política, nos nichos intetectuais, é um desafio a mais, que este trabalho de tese não se esquiva em testemunhar, em beneficio da história.

Desde o início deste trabalho, uma pergunta sempre nos fizemos: o que motivaria Anísio Teixeira, maior expoente da educação na Bahia, não se fazer presente na organização e fundação da Faculdade de Filosofia da Bahia, certamente o maior evento educacional naquela contemporaneidade? Ambos formados em Direito, Anísio, no Rio de Janeiro, e Isaías Alves, em Salvador, estudaram na mesma instituição nos Estados Unidos, o Teacher's College da Universidade de Colúmbia. O primeiro recebeu seu diploma de Master of Arts, em 1929, e Alves, em 1931. Ambos nativos do interior da Bahia - Teixeira, de Caetité, e Alves, de Santo Antônio de Jesus - ocuparam cargos estaduais e federais, e chegaram a atuar juntos no Rio de Janeiro, quando Isaías foi Subdiretor Técnico da Instrução Pública do Distrito Federal, e Anísio, Diretor Geral da Instrução do Distrito Federal[35]. Convidado por Anísio, que já conhecia de perto a forma com que Isaías concebia a educação, talvez as desavenças que Ana Cristina Santos Matos Rocha (2012) identifica entre os dois tenham começado justamente a partir daí. De fato, a análise do documento por ela sinalizado (e abaixo transcrito) que se encontra no arquivo de Anísio Teixeira, no Cpdoc (da Fundação Getúlio Vargas, no Rio), mas não no de Isaías Alves, fornece alguma pista sobre eventuais desentendimentos, algo normal entre figuras que concebiam a educação e a política de forma diversa, mas juntos atuavam com proficiência no cenário educacional brasileiro. O documento informa a data e o ano, assemelhando-se ao que parece ser uma conversa entre Isaías Alves e uma espécie de assessor de Anísio Teixeira, mas não poderíamos, num relance, afirmar que, de fato, haveria, uma desavença ou que o documento reserva uma certa litigância entre os dois educadores, a menos no que se refere a um ponto obscuro, que a matéria, se não esclarece de todo, ilustra ou sugere haver profunda discordância de interpretação:

> – Conversa com o dr. Isaías Alves, a 11 de março de 1933:
> – começou perguntando si já tivera nossa conversa com o dr. Anísio. Disse que não.
> – declarou, então, que ele precisava falar hoje, e em definitivo, com o dr. Anísio. Que até agora tem feito papel de besta, não procurando os seus amigos para agir. Que eu digo uma coisa, e o Anísio outra.

[35] Corremos o risco de certo anacronismo ao buscarmos uma correspondência entre os cargos de 1930 e os de hoje, mas poderíamos dizer que o cargo ocupado por Anísio Teixeira assemelha-se ao que hoje chamaríamos de Secretário Estadual de Educação e o cargo de Isaías corresponderia ao de um Diretor de ensino.

> – que faz questão absoluta de ser professor-chefe de materias de ensino. Que do Instituto ninguem o tira. Que, tal seja o resultado da conversa com Anísio, reunirá os seus amigos para expor as condições do Instituto, e tornar públicos os defeitos de organização e incapacidade de certos professores.
>
> – que o Instituto não é propriedade do Dr. Anísio Teixeira, mas é do povo, e, portanto, também dele Isaías e de seus amigos.
>
> – que não há ninguem aqui com a competencia dele, Isaías, para ensinar psicologia das materias.
>
> – que o que se teme dele é que intervenha no pensamento do professorado, mas que ele agora vae intervir, fazendo um curso de conferencias e reuniões com professores e inspectores.
>
> – que as professoras primarias que... [36]

Durante um tempo, ficamos tentados a retirar esse ponto e, consequentemente, esse trecho discursivo. Vencemos esse titubear, levando em consideração que as lacunas também são significativas para o exercício interpretativo. Desse modo, o fato de não termos uma assinatura, no final do documento, em nada inviabiliza uma análise, não de valor conclusivo, mas sugestiva de outras leituras asseguradas por um fio norteador coerente. O papel tem o timbre do gabinete do Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, e se encontra no arquivo de Anísio Teixeira. No entanto, lamentavelmente, o documento não apresenta nenhuma assinatura.

Percebemos que o relator interrompe a escrita, sem estabelecer um encaminhamento para os pontos elencados, e que a mesma tem fortes marcas de oralidade. Notamos um acirramento de ânimo, um indicativo de irritação na conversa que Isaías manteve com seu interlocutor, como também a evidência de que Isaías Alves vinha tentando estabelecer um diálogo com Anísio Teixeira, mas que não era atendido no seu pleito. Para nós, não fica claro ainda, como sugere Rocha, (2012), a existência de um desentendimento entre os educadores baianos, levando em consideração apenas o teor do texto. O que fica claro é que Isaías não tinha livre acesso à figura de Anísio, embora trabalhassem juntos. Levando em consideração o conteúdo do documento, bem como suas marcas discursivas, já haviam ocorrido outras tentativas de conversas com o interlocutor, todas sem êxito, fora aquelas estabelecidas entre o próprio Anísio Teixeira e Isaías Alves.

Para alguns, o teor do documento além de revelar o desentendimento entre os dois educadores baianos, demonstra certa presunção do professor Isaías Alves em querer assumir o ensino da referida disciplina. Porém, psicologia foi a especialidade de ensino que ele tanto defendera, e talvez, se sentisse legítimo representante dela. Poderia haver, naquele momento, uma disputa, mas não com Anísio, visto que Psicologia não era uma cadeira a ser assumida

[36] Pontos de uma conversa com Isaías Alves, com as críticas deste ao Instituto de Educação e a Anísio Teixeira. Sem assinatura. Arquivo Anísio Teixeira (AT). AT pi S. Ass. 1933. 03. 11. 1 (1 folha), rolo 2, fot. 855**.** FGV/CPDOC Rio de Janeiro (conforme documento anexo).

pelo mestre de Caetité. Existe outra possibilidade de leitura o ego acadêmico por parte de Isaías que se julgava digno da cadeira de psicologia (que ele, elaborou e defendeu, a ementa) e os interesses particulares de Anísio Teixeira de que seu amigo Gilberto Fryre assumisse. Esses objetivos divergentes podem ter sido motivo das querelas envolvendo os dois, já que ambos representavam a intelectualidade, mas com diferentes posicionamentos, além das perspectivas políticas divergentes, as quais favoreciam uma melhor aceitação crítica ao nome de Anísio Teixeira. Para nós, não fica evidente a existência de uma contenda, maior como chegam a afirmar alguns analistas. O que parece ficar reiterado é mais a preocupação de Isaías Alves em firmar-se como intelectual, defendendo posições e aplicando-se a mudanças através do ensino. O certo mesmo é que, conforme o documento, Isaías exercia influências junto a outros nomes, a exemplo de Gladstone Chaves de Melo e Carneiro Leão, já que fazia parte de um círculo nacional de conferências promovido pelo Ministério da Educação e Saúde.

Para a afirmação do pensamento acima, de que não havia um forte desentendimento entre os educadores, adotamos como base uma carta com teor inverso (ao do primeiro documento), enviada por Isaías Alves a Anísio Teixeira, em que dialoga a respeito de uns livros remetidos, neles encontrando possíveis defeitos, ratificando a confiança no tato diplomático de Anísio e se colocando à disposição para lutar e auxiliá-lo na construção da grande obra de Teixeira:

> Prezado Amigo Anísio Teixeira
>
> (...) Confio no seu tacto diplomático afim de [xxxx][37], caso já tenha entregue os folhetos.
>
> Aqui fico na luta: Conte com o meu esforço e sincero interesse de auxiliá-lo na grande obra do despertar o pensamento pedagógico em meio a nosso dormente povo.
>
> Adeus. Envio-lhe um abraço [xxxx] de [xxxxx] certo.
>
> Isaías Alves 17. 9. 1928[38]. (grifos nossos)

É incontestável que eles divergiam politicamente, tendo em vista as distintas formações ideológicas. De formação católica, Anísio Teixeira deixou a religião logo após retornar dos Estados Unidos. Um dos ideólogos da Escola Nova[39], tendo sido afastado da

[37] As palavras não estão legíveis no documento.

[38] Carta enviada por Isaías Alves a Anísio Teixeira. Arquivo Anísio Teixeira (AT). AT pi S. Ass. 1928. 09. 17. (2 folhas), rolo 2, fot. 845. FGV/CPDOC. Rio de Janeiro (conforme documento anexo).

[39] Escola Nova é um dos nomes conferido a um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. "Escola Ativa" ou "Escola Progressiva" são termos mais apropriados para descrever esse movimento que, apesar de muito criticado, ainda pode ter muitas ideias importantes a nos oferecer. Os primeiros grandes inspiradores da Escola Nova foram o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e os pedagogos Heinrich Pestalozzi (1746-1827) e Friedrich Fröebel (1782-1852). O grande nome do movimento, na América, foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). O

Secretaria de Educação do Distrito Federal por conta dos moldes democráticos em que a UDF estava sendo criada, seu isolamento ocorreu em 1935, como parte das reações varguistas ao Movimento Comunista. Isaías Alves era conservador, católico, um integralista que deixou a camisa verde para não *perder o bonde* do Estado Novo, mas que soube, cuidadosamente, elaborar um perfil sério, comprometido com o país, através da educação de bases nacionais. Este poderia ser um ponto de afastamento entre os dois educadores: a diversidade de orientação política. Parecem–nos muito marcantes as personalidades de ambos, o que os impediria de minimizar as diferenças.

Uma correspondência enviada a Isaías, dá conta dos acontecimentos que envolveram o lançamento do seu livro **Matas do Sertão de Baixo** (1967). Bastante debilitado e com sérias complicações de saúde, fica impossibilitado de comparecer ao lançamento de seu próprio livro, sendo representado por sua assistente. Além dessas sinalizações o documento demonstra o reconhecimento por parte de alguns nomes da sociedade politica e individual que prestigiaram o evento. Lá estava Anísio Teixeira. Isso colabora para fortalecer o nosso discurso de que não havia desavenças entre os educadores baianos na proporção que assinalam alguns pesquisadores. Conforme vemos sinalizado abaixo, o nome de Anísio Teixeira figura como o primeiro a ser registrado como presente e que adquriu o livro. A correspondência ainda revela que o lançamento de **Matas do Sertão de Baixo** (1967), no Rio de Janeiro, não contou coma divulgação da imprensa, e mesmo vendendo apenas oito exemplares foi considerado um grande sucesso, talvez por conta da representatividade de quem os tenha adquirido.

---

psicólogo Edouard Claparède (1873-1940) e o educador Adolphe Ferrière (1879-1960), entre muitos outros, foram expoentes na França. No Brasil, as ideias da Escola Nova foram introduzidas, já em 1882, por Rui Barbosa (1849-1923). No século XX, vários educadores se destacaram, especialmente após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. Podemos mencionar Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971), grandes humanistas e nomes importantes de nossa história pedagógica. www.educacional.com.br/glossariopedagogico/verbete. Acessado em :20/02/2012.

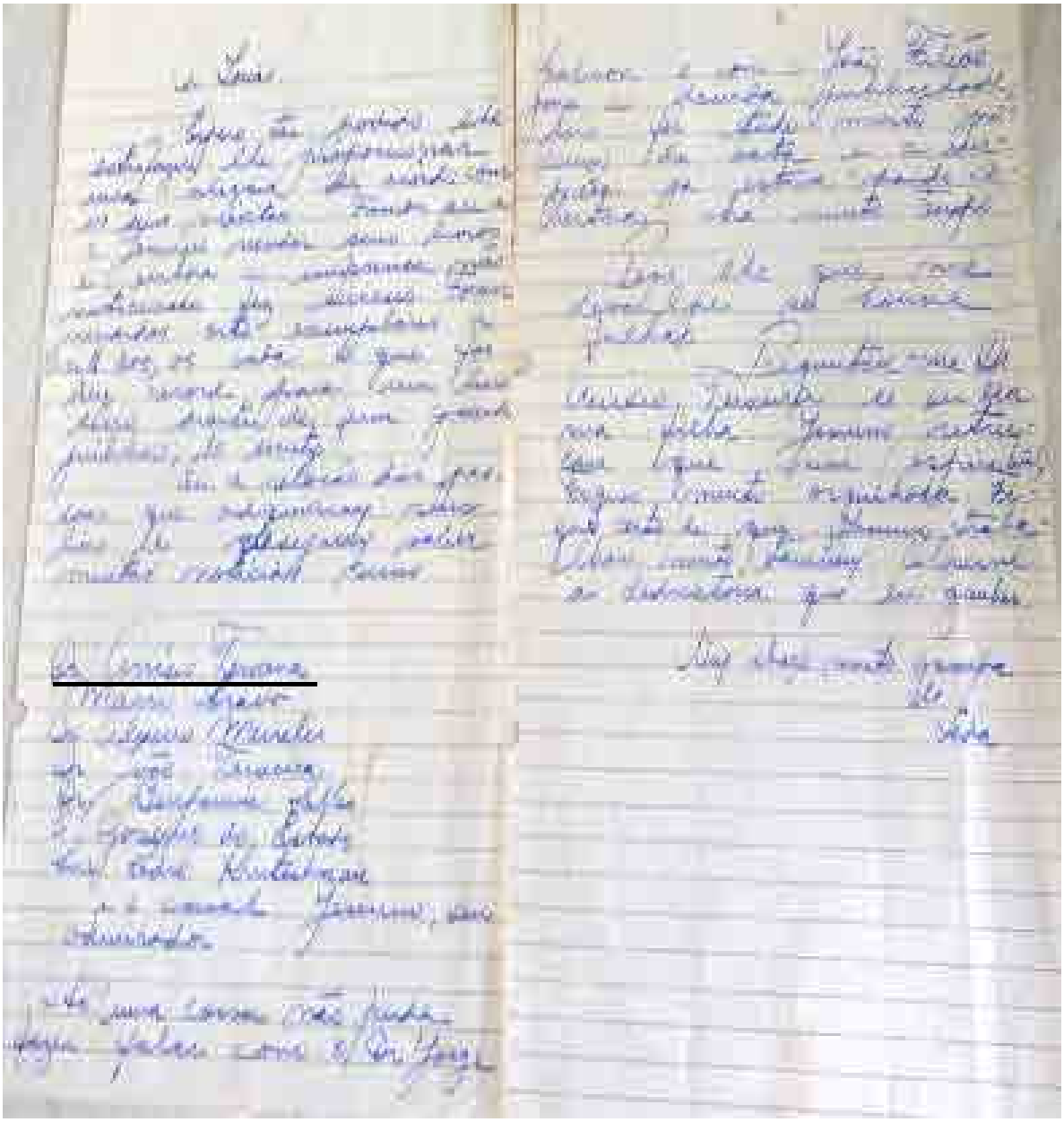


Foto 11 - Correspondência enviada a Isaías Alves, informando-o sobre o lançamento de seu livro.
Fonte: APIA- FFCH

Como bem afirma Luiz Costa Lima (1991), a atuação intelectual no Basil não se dissocia da atuação política e isso fica claro frente às personagens aqui tratadas. Para compreender a ação política de determinados grupos, é necessário, também, observar sua atividade intelectual e vice-versa. Diversas gerações de intelectuais sempre estiveram à frente das grandes mudanças culturais e políticas do Brasil, mas quando um movimento desses se extingue, com certeza seus representantes, revitalizados, difundem-lhes os conceitos. Afinal, somos frutos da formação de uma vida inteira, mas podemos reconhecer, também, que mudamos, reelaboramos e transitamos de um campo para outro, como uma marca efetiva da nossa condição humana.

Estudando a associação entre intelectualidade e política, Daniel Pécaut (1990) avalia que “a conivência entre o conhecimento e a ação significa que nada escapa ao plano político, e que a realidade é, já de início, totalmente política” (PÉCAUT, 1990, p. 97). Aprofundando ainda mais o pensamento, Pécaut chega à conclusão de que, tanto no Brasil quanto no restante da América Latina, os intelectuais não precisam renunciar a nada para atender a essa condição. Isso não funcionou muito com Isaías Alves, que renunciou aos ideais de um movimento político em que acreditava e, mesmo assim, a sua condição de intelectual não se destacou, o que, de certa maneira, nos convoca a uma análise mais detida sobre o papel e a importância do pedagogo e memorialista baiano. A negação dessa importância, em virtude de ter sido ou deixado de ser integralista, é fato que contribuiu para que ele fosse progressivamente sendo retirado do campo formal dos estudos. Ou, pior, quando inserido, sempre é associado a Anísio, fato que lhe diminuiu o percurso, extremamente significativo, no campo intelectual, educacional e histórico-literário. Isso nos remete, de novo, ao pensamento de Luís Costa Lima:

> É claro que não nos aponta Antonio Candido que, entre nós, o intelectual ganhou reconhecimento social por sua participação em acontecimentos cívicos como o processo de Independência, a abolição da escravatura e a guerra do Paraguai. Dessa forma, o intelectual brasileiro é assim reconhecido por um critério explicitamente político e na sociedade brasileira passa a exercer um papel ornamental.
>
> O intelectual se legitima por seus efeitos paralelos não menos meritocráticos: o testemunho de sua dignidade em sofrer perseguições em nossos constantes regimes fortes, em não se tornar conveniente aos poderosos do dia. Por sua participação em partidos políticos progressistas, por seu empenho em campanhas populares. O outro lado da questão seria o não reconhecimento das atividades especificas pelas quais ele às vezes não tem nenhum respaldo.
>
> Aponta como exemplo Chomsky: se ele fosse brasileiro, seria reconhecido pela sua atividade política e não pelo seu trabalho na Linguística geracional (LIMA, 1991, p. 274).

Acompanhar a trajetória de Isaías Alves como o principal representante dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia torna possível identificar suas posturas políticas e aproximá-las do seu comportamento intelectual, quando cultura e política passam a ser “componentes indissolúveis do mesmo processo”. Ângela de Castro Gomes (1999) nos adverte que os locais de sociabilidade intelectual de uma determinada geração “podem ser indicadores valiosos para análise de movimentos de produção e circulação de ideias” (GOMES, 1999, p. 103).

Identificamos como múltiplo o trânsito intelectual de Isaías Alves. Sua atuação era plural, circulando entre as instituições, não só as locais, mas também nacionais e estrangeiras, criando verdadeiros intercâmbios culturais entre distintos grupos. É díficil

perceber, de forma clara, os motivos e os interesses que mantinham diferentes intelectuais coesos. Sabemos que as escolhas quase sempre eram (e ainda são) feitas mediante afinidades, amizades e interesses comuns unindo diferentes grupos. É importante diagnosticar que o termo *união* não é uma sinalização indicativa de homogeneidade. Pelo contrário, esses grupos de convivência intelectual comum são mesmo heterogêneos, com marcantes disputas políticas e de egos.

É justamente na constituição desse cenário que Isaías Alves articula a criação da Faculdade de Filosofia da Bahia, surgindo como uma das marcas da modernidade que se construía na Bahia. Em torno da criação da nossa primeira escola superior, Isaías Alves articula a intelectualidade baiana, demarcando no cenário uma dimensão nova para a cultura local, acadêmica, científica e intelectual.Dessa forma, modifica o cenário da sociedade baiana, que passou, a partir daí, a edificar uma nova identidade, forjada no âmbito universitário.

O trânsito por instituições de saber, na Bahia da primeira metade do século XX, é característico da elite letrada local, que sempre se reinventa através dos diversos mecanismos mantendores do poder, nesse caso, a erudição, demonstrada através das revistas e jornais locais que traziam artigos, contos, poemas, crônicas e críticas estampados diariamente, contribuindo, assim, para definir o papel dos intelectuais e os grupos a que se filiavam, estruturando-se assim o perfil do intelectual positivista Isaías Alves.

Retomando as imagens do autor refletidas no espelho, cabe-nos fazer outra pergunta: estaria o autor aí refletido, ou estaríamos, como diz Décio Pignatari (1996), transformando a narrativa biográfica num *puzzle biodiagramático*, em que se podem observar enormes lacunas, quantitativas e qualitativas, transformando a biografia num arquipélago bizarro de biografemas que flutuam, mas não auxiliam a nossa análise?

O questionamento é importante para a confecção deste trabalho, na medida em que uma das hipóteses aqui levantadas se assenta justamente na impossibilidade de traçarmos cronologicamente, de forma coerente, uma vida organizada biograficamente, para ser narrada, a partir de recortes de jornais previamente selecionados pelo autor ou por lapsos memorialistas que surgem em toda a sua produção, intentando narrar-se, temendo o desaparecimento da imagem no jogo do espelho, ao tempo em que projeta de si uma imagem específica. Nossa intenção não é consagrar um mito, nem macular a imagem do autor. O que pretendemos é flagrar, no educador respeitado e no político menos consagrado, o grande narrador memorialista que Isaías Alves sem dúvida foi, revelado, também, na ambivalência do discurso sobre a marcha inexorável do progresso, apagando ou desfazendo as ilusões:

> Sim, meus amigos. Eu me vejo em vós ao começar, há meio século, a carreira do educador autodidata, quando a sociedade era tranquila, as leis eram liberais, os sonhos eram românticos, as ambições eram limitadas, o sentido da vida era artístico. Mas a humanidade mudou, o romance bucólico transmudou-se em tragédia da velocidade; o amor do próximo fez-se indiferença; lutas de indivíduos, ódios de classes no ininterrupto suceder de ilusões desfeitas de partidos, de legisladores, de governos. A nossa Bahia de 1909 vai desaparecendo. Procurai nas velhas plantas a antiga Igreja de São Pedro onde hoje encontrais a estátua do Barão do Rio Branco. Descobri os altos paredões da velha Sé, os pântanos da Barra, transmudados em avenidas de confortáveis residências, as chácaras de Brotas e do Rio Vermelho apinhadas de ruas populosas, como os velhos areais de Itapagipe (ALVES, 1967, p. 8-9).

Por que não falarmos da preocupação de Isaías com a situação econômica e social dos educadores e a falta de instrução das pessoas, como algo que parece incoerente com o modelo vigente, que exclui a sensibilidade, a afetividade e o conflito? Ele se sensibilizava, claro, não com a vida cotidiana do sujeito individual, mas com a pessoa, com o cidadão. Sua sensibilidade pode ser aferida como positivista, patriótica e integralista, mas não deixa de ser significativa sob a perspectiva humana. Ele é engajado politicamente e como nos assegura Adauto Novaes “o intelectual engajado opina e intervem em todos os acontecimentos a ele ligados é um estado de virgília permanente” (NOVAES, 2006, p. 25).

Diferente de algumas abordagens propostas em estudos sobre a educação na Bahia, a vida e a prática educacional de Isaías Alves foram totalmente coerentes com a opção política assumida, que consistia em acreditar no Estado Integral, onde os interesses sociais se impõem sobre os individuais, cuja finalidade apontava para que todas as forças estivessem articuladas em defesa de Deus, da Pátria e da Família, em síntese, da unidade nacional. Não há qualquer dúvida quanto aos interesses políticos e ideológicos de Isaías, mas há também que ressaltar, para além da importância dos projetos de que ele participou, alguns aqui já citados, algumas nuances consideradas pertinentes para o redesenhar do seu perfil, pois, embora defendesse o disciplinamento da liberdade, procedida a profunda análise de suas obras, não se verifica sua identidade com o cerceamento, e sim, com o como criar espaços para que as diferentes visões da educação pudessem ser conhecidas e experimentadas, conforme assinala:

> Não tem havido liberdade de estudo das questões educacionais; a apreciação dos problemas ficou adiada desde julho de 1934, estando a nação inteiramente alheia ao pensamento do governo ou das correntes do Poder Legislativo. Entretanto, existem, no país, fortes grupos comunistas e integralistas, muitos colégios católicos e várias dezenas de protestantes, educadores religiosos e livres pensadores, todos eles aguardando o momento de manifestarem-se e desejando ser ouvidos (ALVES, 1930, p. 21).

Se analisada isoladamente, essa postura de Isaías pode até parecer paradoxal, considerando-se sua visão de educação enquanto forma de padronização das atitudes, frente aos interesses nacionais. Entretanto, ele se abria a diferentes ideias, desde que pudessem representar benefícios ao bem comum, sem prejuízo para os interesses maiores do país. Inadmissível, para ele, seria o descompromisso, a indiferença, a falta de rumos, principalmente no serviço público que, para ele, representava a personificação do Estado.

Para o intelectual/educador Isaías Alves, no momento de crise por que passava o país, quando o mundo vivia uma guerra, a fome ceifava vidas, ilusões e esperanças, seria inconcebível que a educação ficasse insensível. A Nação precisava confiar em seus cidadãos, tanto no campo intelectual quanto no prático. E a educação deveria servir para desfazer as vaidades, disciplinar o contigente para o sacrifício, o compromisso, e a solidariedade. Segundo ele, tornava-se necessário estender a educação às camadas trabalhadoras, desenvolvendo a criticidade, a consciência política dos indivíduos e formação de líderes.

As críticas do educador aos dirigentes do país, em especial aos responsáveis pela má aplicação do dinheiro público e à falta de patriotismo pedagógico, fazendo com que as camadas trabalhadoras ficassem pouco tempo na escola (o que nos lembra as discussões modernas sobre a escola de tempo integral, modelo intentado por ele, Isaías Alves, e Anísio Teixeira, com a Escola Parque, em Salvador, e expandido por todo o país). Isaías indignava-se com a não aceitação da opinião de pessoas cultas e comprometidas com uma educação de qualidade. Denunciava, ainda, a falta de empenho das famílias na fiscalização e na cobrança de projetos educativos. Sintetizava, assim, toda a situação, vista por ele como deplorável, pela debilidade do tratamento dispensado:

> A educação popular deve contar com verbas avultadas, para a extensão e intensidade da escola elementar, enriquecidas pelos museus e bibliotecas, de programas de rádio, cinema, de discotecas escolhidas, para o início da educação técnica, estética e musical dos filhos dos operários e para o esclarecimento e elevação do próprio trabalhador adulto, homem ou mulher (ALVES, 1933, p. 9).

Escrevendo uma série de artigos intitulados “As universidades”, em que demonstrava as vantagens da unidade e as consequências do isolacionismo dos cursos independentes, Isaías Alves defendia, dentre outros valores, a interdisciplinaridade, a visão de conjunto, a formação do espírito público da juventude e uma base moral homogênea. Alguns dos seus artigos são elucidativos, como, por exemplo, no entrecho abaixo:

> As universidades não são grandes laboratórios de ciências, são também escolas de espírito público; elas transmitem à mocidade um ideal comum, inspiram-lhe coletivamente modos de pensar e de sentir que são ao mesmo tempo um laço e uma força (ALVES, 1930, p. 57).

Além de ver, na educação, a fonte de preparação dos indivíduos para o desenvolvimento da tecnologia necessária ao crescimento do país, Isaías Alves insistia na sua missão de educador da formação moral, capaz de proporcionar os elementos dos altos estudos, objetivos que entendemos como de base especulativa, e de caráter metafísico, necessários à configuração de um povo e de uma sociedade.

Considerando a educação, em especial a superior, como fonte de ideologização, capaz de transmitir aos indivíduos uma bagagem cultural necessária à configuração do país, não é por acaso que Isaías Alves criticava o ensino meramente científico e defendia a articulação da teoria com a prática: "A universidade é que faz a escola e isso é tanto mais verdadeiro quanto nenhum povo conseguiu perfeito ensino primário sem completo e profundo ensino superior" (ALVES, 1933, p. 78). Para justificar tal assertiva, exemplificava sua posição com as experiências da Alemanha e dos Estados Unidos, alegando que esses países possuíam excelente ensino primário porque mantiveram excelentes universidades, discussão que, a nosso ver, é bem atual.

Há, ainda, uma série de fatores elencados por Luiz Costa Lima (1986), e que já citamos num primeiro momento de nosso estudo, que contribuem e influenciam o anonimato ou equívoco por que passa Isaías Alves. Longe de querermos circunscrevê-lo à condição de intelectual, preferimos pontuar sua carreira como educador comprometido com a educação do país, em especial da Bahia, o que fica evidenciado na tentativa de diálogo que, felizmente, encontramos. Isaías Alves esquecera uma carta, dentro de um livro seu[40], enviada por um instrutor educacional de Minas Gerais. Nela, o instrutor aponta um erro matemático desenvolvido por Isaías Alves e vemos nitidamente, na página indicada, a correção intentada pelo autor e que é feita na segunda edição do livro.

Não seria esse diálogo uma marca significativa do papel do intelectual que transpõe a mera reprodução dos saberes intelectualizados, mas que antes pesquisa, ouve e revê um dado posto, talvez irrelevante, para o entendimento da obra? De fato, a legitimação de Isaías Alves não se efetivará em função de sua participação política, isso é certo. Cabe-nos, todavia, perceber sua legitimação através do reconhecimento das obras que podem ser consideradas

[40] A cópia da carta foi gentilmente cedida pela bibliotecária da Fundação Clemente Mariani, Graça Cantalino. Embora tivéssemos lido algo referente ao assunto no trabalho de Ana Rocha, o original confere-nos maior base quanto às ideias aqui expendidas.

inovadoras e comoventes, em alguns casos. Portanto, emocionamo-nos e seguimos tentando comover os que nos lêem para um olhar contemplativo sobre um intelectual que persistia em seu trabalho com testes de inteligência, tão criticados por pesquisadores que se esquecem de que o momento histórico considerava apenas as categorias étnicas como fatores de diferenciação da capacidade mental. Ou, ainda, ante um dos seus pensamentos, considerados modernos em relação ao processo avaliativo, segundo o qual “uma nota dada a uma prova de exame raramente corresponde ao seu mérito”, uma vez que “o elemento subjetivo influi poderosamente no julgamento, quase anulando a correlação entre as notas” (ALVES, 1934, p. 135).

Resta-nos, por conseguinte, seguir a advertência de Momigliano (1971), no que tange às relações complexas entre indivíduo e sociedade, ou seja, sujeito e história sempre podem suscitar discussões, pois nenhuma história, por mais inclinada que esteja a enfatizar as decisões coletivas, consegue “esquecer totalmente a incômoda presença dos indivíduos: eles estão ali simplesmente” (MOMIGLIANO, 1971, p. 46).

É justamente através dessa presença que o intelectual Isaías Alves integrou a Academia de Letras da Bahia, por seus escritos versarem sobre diferentes temáticas.Ou seja, o autor transitava ,na condição de escritor ,por diversas estruturas e temáticas, conquanto o próprio autor assuma que o melhor que sabia fazer era narrar sobre seu povo. É na fronteira do escritor conhecido nacionalmente pelos cargos políticos ou pelos livros de caráter pedagógico/psicológico que flagramos o memorialista Isaías Alves, assumindo um projeto, nas três obras analisadas, com contornos de memória social, envolvendo lembranças no Recôncavo Sul, do folclore, do homem simples, das linhagens familiares e, sobretudo, dos acontecimentos históricos.

3. 4 ISAÍAS ALVES: O MEMORIALISTA FRONTEIRIÇO

Coutinho (2012) assinala que é impossivel pensarmos em memorialismo e não o relacionamos à questão temporal, pois ele é o resultado das experiências de vida acumuladas no espaço da discursividade retrospectiva. Isso fica mais evidente quando nos apropriamos da proposta de Benedito Nunes (1988), para quem há, explicitamente, três modos temporais para que a ficção se realize. Aparentemente, tal pressuposto diverge da nossa proposta, já que não estamos estudando, em princípio, obras ficcionais. No entanto, resolvemos tomá-la de empréstimo: “o da história, do ponto de vista do conteúdo; o do discurso, do ponto de vista da

forma de expressão; e o da narração, do ponto de vista do ato de narrar" (NUNES, 1988, p. 27). Se trazido ao nosso campo, o discurso memorialista desdobra-se-ia nessas três possibilidades (História, discurso, narratividade), embora, neste estudo se realize mais plenamente com usos mais evidentes do plano cronológico, pois diretamente ligado ao transcurso do tempo, presente no ato de memoriar realizado por Isaías Alves.

Reconhecemos, assim como Figueredo (2013), que há ainda, que de forma tímida, um desenho singular para o memorialismo brasileiro no século XIX, consolidado, como já dissemos, no século XX. Em interpretação similar, Eliane Zagury (1982) enfatiza que os relatos voltados para as memórias de infância constituem "uma das maiores conquistas do modernismo para a criação de uma prosa lírica brasileira" (ZAGURY, 1982, p. 37).

Nesse liame, pode-se afirmar que essa literatura memorial, protagonizada pela criança, e narrada, a *posteriori,* sob o crivo do narrador adulto, extrapola os limites da *memória individual* para entrelaçar-se, como mostra Maurice Halbwachs (2003) à *memória coletiva* de um grupo. No caso de Isaías Alves, o núcleo senhorial a que ele pertenceu é revisitado pelo autor implícito, que se disfarça na voz narrativa da criança, simulando uma memória coletiva, sendo para nós impossível dissociar a unidade do sujeito, também múltiplo, conforme constata Lejeune, [41]

> [...] na verdade, não somos nunca causa da nossa vida, mas podemos ter a ilusão de nos tornarmos seu autor, escrevendo-a, com a condição de esquecermos que somos tão pouco causa da escrita quanto da nossa vida. A forma autobiográfica dá a cada um a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável. Mas basta descobrir-se dois no interior do mesmo *eu* para que a dúvida se manifeste e que as perspectivas se invertam. Nós somos talvez, enquanto sujeitos plenos, apenas personagens de um romance sem autor. A forma autobiográfica indubitavelmente não é o instrumento de expressão de um sujeito que lhe preexiste, nem mesmo um *papel*, mas antes o que determina a própria existência de *sujeitos* (LEJEUNE, 2008, p. 242).

Entao, com base em tais considerações, assentimos ser a memória um arquivo com potencialidades infinitas, ao mesmo tempo limitadas, plasmando todas as nossas experiências, lembranças e traumas, sendo impossível recordá-las de todo, sem lacunas. Por isso, reinventamos e inventamos momentos às vezes nunca vividos, sendo possível observar que "o passado é também ficção de presente (CERTEAU, 1982, p. 21). Este passado, presentificado através das narrativas memoriais, passa a ser nossa herança identitária de humanidade. Em suas **Confissões**, Santo Agostinho escreve:

[41] É importante destacar o nosso reconhecimento a outras publicações do autor, referentes à mesma temática.

> Chego aos campos e vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie… Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou… Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (AGOSTINHO, 2001, p. 98).

Constantemente somos convocados através do exercício do *lembrar* e do *esquecer*, ao difícil ingressos nessas trilhas da memória, ornamentadas por nossas recordações, englobando as mais diversas experiências vividas ou inventadas. Assim, o passado tornaria a fazer parte de um plano imaginário cuja ponte com o plano atual e, portanto, real, é a memória, pois ela é "um elemento de ligação entre a matéria (física) e a realidade imaterial" (BUENO, 2008, p. 91).

A todo momento, deparamo-nos com cenas de outrora que vêm à tona repentinamente, fazendo emergirem os dados do passado, distante ou não, suscitando reações diversas. Para Halbwachs (2003), a memória "não é apenas um conjunto de imagens fixas que devemos compreender ou transmitir, mas algo que retorna para repetir um caminho que nunca foi trilhado" (HALBWACHS, 2003, p. 92). Reafirmamos ser a memória a premissa da narrativa confessional, técnica que, segundo Milton Hermes Rodrigues, apresenta-se principalmente como discurso de retrospecção, discurso que podemos chamar de *memorial*, ou *memorialístico*, processado como tema e como técnica narrativa (RODRIGUES, 2009, p. 119).

Segundo Bosi (1994, p. 20), o ato de narrar "paga tributo a Chronos", algo como um ritual de adoração ao tempo. Na narrativa memorialística, graças à sua "perspectiva retrospectiva da narração" (LEJEUNE, 2008, p. 51), isto faz ainda mais sentido, pois nela o tempo parece ser personagem principal ou, ao menos, fator de enorme repercussão. O memorialismo promove uma verdadeira dança temporal na qual o leitor é surpreendido e desafiado por constantes idas ao passado e retornos ao presente, e até mesmo avanços para um tempo futuro. Esta técnica tende a proporcionar à trama um maior dinamismo, fazendo com que ela ganhe em agilidade, se comparada a uma trama temporalmente linear.

Conquanto Afrânio Coutinho afirma, n' **A l**i**teratura no Brasil** (1970), que não existe uma tradição de escrita memorialística no Brasil, do modo como esta tradição floresceu na Inglaterra ou na França, enquanto outros analistas julguem esse discurso superado, avultam expoentes de caráter memorialístico de grande expressão literária, a exemplo de Graça Aranha (**O meu próprio romance,** 1931); Paulo Setúbal (**Confiteor,** 1935**)**; Graciliano Ramos

(**Infância,** 1948, e, principalmente, **Memórias do cárcere,** 1954) e José Lins do Rego com (**Tempos idos e vividos,** 1981). O expressivo e insuperável Pedro Nava, com seu **Baú de ossos** (1972) completa o ciclo até a década de oitenta. No entanto, para Figueiredo (2013), um verdadeiro silêncio pessoal assinala-se em torno dos escritores brasileiros no que tange ao memorialismo. Sentenciando que em "relação às outras literaturas a brasileira é sovina", Figueiredo afirma desconhecer exatamente o motivo desse enclausuramento, se ocorre devido à dificuldade em expor o que é pessoal, ou se por medo da crítica, sempre muito severa e contumaz para esse tipo de produção literária (FIGUEIREDO, 2013, p. 38).

Desde o início da nossa pesquisa, a obra de Isaías Alves vem sendo aqui percorrida e considerada, tendo em vista predominantemente o viés memorialístico que, de certa maneira, a distingue. Mesmo pretextando teorizar na forma ensaística, Alves apresenta, de fato, laços estreitos com o memorialismo. É claro que essa assertiva não é lançada prematuramente, sendo, antes, resultado da leitura e consequente mapeamento das obras, prefácios e crônicas individuais, ou de autoria associada evidenciadoras de sensíveis reflexões projetadas sobre a memória individual e coletiva, além do saudosismo das evocações imprimidas pelo narrador, a ponto de o categorizamos como *memorioso*.

Em mais de um agudo momento da trajetória intelectual de Isaías Alves, localizamos um estreitamento de relações entre a escrita teórica e o memorialismo. No seu ensaísmo pedagógico, isso é facilmente perceptível, a exemplo de **Vida e obra do Barão de Macahubas** (na primeira edição, a obra era intitulada **Esboço da vida e obras do "amigo dos meninos"**, **Dr. Abílio César Borges, Barão de Macahubas).** A partir desse livro, lançado em 1924 e reeditado em 1942, o olhar de Isaías Alves sobre o mundo é, acima de tudo, autorreflexivo, reproduzindo suas análises em torno da educação no Brasil, balanceando-as com o próprio percurso intelectual, marcado por compromissos emblemáticos com a nação. A obra do pedagogo sempre esteve assinalada por tentativas de incursão biográfica, talvez como forma sutil (ou inconsciente) de narcisicamente se retratar. Trabalhos que, durante décadas, ficaram distantes do público – tais como **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) e **Dante, o educador do milênio (**1964), acedem à argumentação de seus pares quanto à importância documental dos textos, reconhecidos não apenas como demonstrações teóricas com fins educacionais, mas igualmente com efeitos e contributos importantes, enfeixando uma produção literária de expressivo teor testemunhal.

Não parece descabido anotar esse período da biografia de Isaías Alves como a de um narrador seduzido pelo memorialismo que, mesmo com uma obra flagrantemente de intenções memorialísticas (**Matas do Sertão de Baixo**, 1967), projetou-se em anos contemporâneos e

posteriores, manifestando-se a partir de citações em reconhecidos jornais da época, evidenciando um adensamento memorial do que vinha, há muito, marcando presença em sua tessitura ensaística.

Talvez emprestando uma nova inflexão à escrita, cada vez mais voltada para a memória, Isaías Alves acabou tornando explícita, mesmo ao olhar não muito atento, uma de suas características que poderiam ser classificadas como *matriciais*, apresentadas em livros do autor desde 1922, como no seu primeiro trabalho, **Da fonética inglesa** (1922), passando por **Problemas de educação** (1931) e alcançando as obras explicitamente memoriais. Tais escritos memorialísticos são – na sua maioria, mas não na sua totalidade – textos de circunstância, como os consideram o próprio autor e leitores da qualidade de Pedro Calmon, Guerreiro Ramos e Adonias Filho [42]. Tomados em conjunto, porém, além de constituírem uma parte expressiva da sua produção, esses escritos se prolongam no tempo e constituem um importante aspecto da ensaística alvesiana. Atentar para o memorialismo de Isaías Alves permite-nos sondar-lhe a cosmovisão e seu fazer literário, levando-nos ainda, a acompanhar relevos da trajetória intelectual do autor, tanto quanto da história cultural do país, no século XX.

Na verdade, como já dissemos, o motivo da memória se apresenta na escrita de Isaías Alves desde os seus textos iniciais, nos longínquos anos de 1920. De maneira discreta, tal motivação temática veio se insinuando, sutil e impositivamente, marcando a sua presença e emergindo, às vezes de modo surpreendente, em meio ao ensaísmo crítico, substituindo-o, quase que integralmente, como ocorre em relação à obra sobre Rui Barbosa. Mas não só. Tais *afloramentos* da memória, tão característicos em Isaías Alves, sugerem um fenômeno bem específico do seu modo de fazer ensaio e são, certamente, merecedores de um olhar mais criterioso. Talvez contemplar um fenômeno particular permita compreender mais amplamente o autor. A memória aflora no texto de Isaías Alves, modificando-o e revelando travejamentos ocultados pela escrita. Essas emergências memorialísticas não são sempre a mesma coisa; apresentam diferentes razões, objetivos e consequências, repercutindo de variadas formas nos diversos textos em que se localizam.

Os *afloramentos* no interior do ensaio crítico não são casuais nem gratuitos. Tomemos, por exemplo, o ensaio biográfico **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959), em que a memória opera duplamente sobre o texto. Primeiro, dá-lhe direção e sentido, pois o leitor sente que todo o ensaio crítico, num longo itinerário, torna-se, com essa presença, um

[42] Registro mediante a leitura de correspondências mantidas entre esses autores e Isaías Alves, encontradas em seu arquivo - APIA.

corpo construído para acalmá-la; secundariamente, introduz o próprio memorialista no universo do biografado para, em seguida, vinculá-lo ao próprio protagonista do ensaio biográfico, conforme apreendemos no seguinte trecho:

> Nessa conjuntura, aparece Rui como elemento decisivo na carreira do jovem, que iria encará-lo, mais tarde, como vítima da incapacidade pedagógica do país. A luta renhida em torno da linguagem do Código Civil criara para o velho Carneiro Ribeiro um halo que ainda mais deslouvava, na inteligência do colegial, as cores do herói nacional da cultura e do talento. Era fenômeno normal numa personalidade em formação, ao influxo do convívio com o mestre prestigioso cujo saber dominava grande parte da geração nova do Estado. [...] Tomei o rumo do Colégio Carneiro, quando o mestre entrava no mais agudo da peleja. Meu entusiasmo dava-lhe a superioridade. Eu não sabia nem podia julgar. Mas a figura de Rui sofria diminuição (ALVES, 1959, p. 9-10) (grifos nossos).

O trecho acima retrata a digressão com que Isaías recorta a própria infância. Para poder falar sobre a vida de Rui, ele tece a narrativa (auto)biográfica e, de algum modo, explicita-se, fundindo a sua imagem à do biografado. Sem dúvida, o tom pessoal do depoimento traz para mais próximo dos leitores a figura dele, Isaías, destacado no trecho citado, para além do propósito memorial, via empenho em obter uma vinculação direta da narrativa à vida, sem rebaixar a arte biográfica à condição de pura narrativa documental.

Certamente, o trecho é mais que suficiente para dissimular, mediante um suposto distanciamento do narrador, a intensa presença autoral que, segundo Wayne Booth, "está presente em todos os discursos de qualquer personagem a quem tenha sido conferido o emblema de credibilidade seja de que modo for" (BOOTH, 1980, p. 52). Isso, num texto que, ao leitor desavisado, apresentava-se como de interesse puramente biográfico, fruto da admiração que Isaías Alves nutria por um intelectual conterrâneo, afetivamente próximo a um reconhecimento literário e humano. No caso dos ensaios biográficos dedicados a Rui Barbosa e ao Barão de Macahubas, a ressignificação, por conta da intervenção autoral, em vários trechos memorialísticos, no corpo do texto que o personaliza, é alternaância interpretante que se processa para indicar outro texto, do mesmo Isaías, para explicar seu pensamento em confronto com o dos biografados.

Assim, o ensaísmo biográfico em Isaías Alves faz aflorar um memorialismo reorientado na perspectiva de seu autor, sugerindo, ao tempo em que o reconfigura, conferir-lhe o temperamento indagador característico do ensaio crítico. Ou seja, da mesma maneira que tais *afloramento*s operam sobre os contextos em que surgem, podemos imaginar que a memória caracteriza e reconfigura a totalidade do criticismo de Isaías Alves, a partir das marcas que o autor vai imprimindo. Tomemos como exemplo o que diz Guerreiro Ramos,

num prefácio: “recorrendo a inferências de toda ordem, inclusive às suas próprias memórias, [Isaías Alves] descreve o ambiente intelectual do século passado” (In: ALVES, 1959, p. 7). Essa citação torna evidente o quanto o trabalho intelectual de Isaías Alves está pautado nas rememorações, uma espécie de permanente gatilho evocativo. Todavia, o prefaciador esclarece que a recordação não é gratuita, mas apontando caminhos para a busca de “pontos de vista originais e amadurecidos sobre a matéria” (In: ALVES, 1959, p. 7), que não se esgotam, porém, na lembrança; esta é apenas um caminho para tentar expressá-los e adequadamente situar na história o movimento político (ou histórico, ou intelectual) a que se filiavam.

Montenegro (2010) nos informa que, graças a uma estreita ligação, somos auxiliados a decifrar os caminhos da história, sendo impossível pensarmos a história das vivências dissociadas da história que se conta. Em outros termos, vida e narrativa se intercambiam, tornando inimaginável a qualquer indivíduo viver sem narrar a história. Não uma história acadêmica, oficial, mas, como já dissemos, aquela que integra o nosso cotidiano, sem maiores sofisticações de especialistas e que se revela e renova no ofício do contar, ou contar-se. Ofício, afinal, que nem todos conseguem exercer, já que o ser e o estar no mundo exigem reflexão e fantasia. Narrar a história é organizá-la, definir seus possíveis sentidos ou a falta deles, representando, portanto, uma arte importante para a construção das diferentes práticas culturais.

É imperioso, ainda, lembrar que cada contador/narrador tem suas peculiaridades, seu estilo e sua linguagem, o que caracteriza a sintonia do ser com o momento vivido. O narrador tem a capacidade de antever ou de reviver instantes aparentemente esquecidos, flertando com a memória e, dialogando com os seus e os alheios sonhos e desejos. Mesmo voltado para um mundo particular, algo aproxima o narrador dos outros seres: ele quer ser entendido, pois pretende socializar suas vivências, transformando o que é particular em canto coletivo. Assim compreendida, nenhuma narrativa será neutra. Ela se constrói dialogando e estruturando concepções de mundo, enunciando significados, redefinindo desejos, buscando compreensões em elementos fundamentais para a continuidade da história. Narrador em trânsito, Isaías Alves, apresenta-se como um importante contributo para os estudos do Recôncavo, assim como já o fizeram, em outras regiões, Gilberto Freire, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo ou Ferreira Reis.

A leitura das memórias de Isaías Alves pode levar-nos à constatação de que elas representam testemunhos criativos do vivido, de um real/concreto que não se encontra totalmente expresso na história oficial, uma vez reconstituído no delineamento de rastros

históricos contornando memórias sociais, coletivizadas funcionalmente na literatura, através de um narrador *memorioso*. Sendo assim, ele transforma as muitas ausências e os silêncios de vozes periféricas em presenças brasileiras através de caminhos narrativos percorridos com esforço histórico – e, acrescente-se, com esforço também sociológico, além de memorial. Desse modo, num breve desvio de curso, deve-se creditar ao autor a narratividade de um grupo social cuja formação poderia ter se encaminhado para o comando do estado brasileiro nas três primeiras décadas do século XX, e que reivindicava para si compreender e explicitar a realidade do país, a fim de conduzir e organizar um destino para a nação. Diz Isaías Alves, em trecho significativo de **Matas do Sertão de Baixo:**

> A sociedade brasileira, ao iniciar-se a segunda metade do século XIX, sentia os primeiros abalos precursores da desorganização social, primeiros albores da nova era, movimentos ascendentes e descendentes que, intensificados, viriam, ao fechar-se o século, destruir o império, libertando negros; fundar a república descativando o pensamento; criar o progresso abrindo largas ensanchas à federação; desbravar as florestas, soerguer cidades, criar a sonhada grandeza da Pátria, que as mãos veneráveis de um monarca republicano guiavam seguras, entre os macaréus exteriores, na mais doce palidez de concórdia e trabalho, que não mais repetiu nos fastos de nossa história (ALVES, 1967, p. 47).

Para Walter Benjamin (1987), o *narrador* é sempre um aprendiz das experiências acumuladas no transcorrer das geracões, recorrendo aos saberes do passado, individual ou coletivo, bem como daqueles conhecimentos de que conseguiu se apropriar ao longo da vida, a fim de compor suas narrativas em um encontro consigo mesmo, nos tempo e espaço vividos e revividos, pois, para este autor, o fator preponderante para a narração é a memória, que se revela no encontro do eu com a história coletiva e sua humanidade, conforme acreditamos ter feito Isaías Alves. Ilustremos:

> Não me coube voltar a Amargosa, cujos aspectos ligados aos descendentes de Úrsula Maria das Virgens culminam na personalidade de Pedro Calmon, neto de Manoel Gonçalves Maia Bitencourt, membro da junta governativa de Cachoeira, na independência do Império, bisneto de Alexandre José de Souza Bitencourt, e trineto de Antônio de Souza Bitencourt, tetraneto de Úrsula Maria das Virgens e Félix Bitencourt. Era da mesma geração de Aprígio, que, em Santo Antonio de Jesus, lhe tinha grande admiração. Pedro Calmon era culminante no comercio de café da primeira década da republica. Sua casa era Paris na América (ALVES, 1967, p. 97-98).

Quadros (2008) aponta a memória compreendida à luz do pensamento aristotélico podendo ser definida como *técnica de armazenamento/acumulação,* ou *recordare*, retorno ao coração das lembranças e evocações, reservando-se a ela um sentido de complementaridade

do esquecer. Dessa maneira, Aristóteles entendia a memória com um papel nuclear na fisiologia dos sentidos internos (fantasia, razão e memória).

Ao estudar Proust, Walter Benjamin (1989) concebeu a memória mediante o desejo de resguardar o passado do fenômeno do esquecimento reconhecendo existirem, para além da consciência, dimensões inconscientes involuntárias na vida das recordações. Os conteúdos memoriais ultrapassariam a mera relação de armazenagem mnemotécnica, orientando-se ainda por sentidos privilegiados pelas impressões emocionais. A memória voluntária se depuraria por intermédio das expressões do conteúdo poético das coisas. A memória da inteligência é substituída pela involuntariedade, sem esforço de vontade e, sem apressar-se ou apressar os elementos da percepção sensorial e da vivência humana.

Surpreendemos, em Isaías Alves, a poética do esquecimento, confundida atemporalmente com a poética da lembrança. As ocorrências da memória transmutam a realidade via revolução do arcabouço do discurso poético. Narrar, passa, então, a recortar o tempo entre o sujeito e o objeto, extraindo conceitos entre imagem e percepção, lembrança e memória, sendo esta última o elo fundamental entre interior e exterioridade, concreto/abstrato, material e espiritual. A memória é continente e conteúdo, plasmando as lembranças que se tornam objetos. É a tentativa, cristalizada por Isaías Alves, através do arquivamento de informações, de escrever principalmente sobre ele mesmo. As memórias de si mapeadas nesses cadernos transcendem para suas suas narrativas.

Foto 12 - Compilação de notícias sobre Isaías Alves, por ele organizada.
Fonte: APIA- FFCH

Contar/contar-se é revisitar o passado, atualizando-o no campo do presente e na reflexão do futuro, tendo em vista a construção de uma identidade do individual para o coletivo. Literatura e escritura estão associadas no registro da memória em percurso e dispositivo de duração temporal. À memória se reservaria não só a capacidade de armazenar o discurso, senão como elo especial na arte retórica aristotélica, logo após a invenção, como a distribuição e a elocução, mas antes da ação. Esse fenômeno de *filtragem* não ocorre apenas no âmbito individual, mas também no plano coletivo, podendo-se afirmar que existe uma tênue linha a separar essas duas dimensões. Assim, é possível falar de memória no sentido da preservação do patrimônio cultural da sociedade como um todo. Diversas entidades públicas e privadas têm desenvolvido esforços nesse sentido. Contudo, o problema fundamental é determinar o que deve e o que não precisa ser preservado. Por enquanto, numa alusão a Gilberto Freire, temos observado a conservação de *casas grandes* em *detrimento das senzalas.*

Os distanciamentos ou antinomias entre memória e história, no discurso memorialista, nem sempre são explícitos, tampouco fáceis de serem detectados, uma vez que, na lógica do memorialismo, a fronteira entre ambas tende a se diluir de maneira sutil. No rico trato da história para a memória, talvez possamos configurar o espaço de uma poética na qual Isaías Alves insiste, abordando os tempos idos e recuperados, constituindo-os individualmente, mas revelando-os com a textura do coletivo, transferido pelo historiador ao memorioso/memorialista. Este não será apenas o *memorioso* saudosista, com o olhar perdido no horizonte, repondo imageticamente apenas o que lhe seja conveniente, mas um *memorioso* que, por meio de um método histórico alusivo, redefine limites entre história e ficção e, nessa fronteira porosa, assegura o lugar possível da memória, por meio de textos de constituição poética.

Desta forma, traduz-se numa poética da memória que, ao mesmo tempo, e não contraditoriamente, imiscui-se no terreno da história e dele se distancia, mais interessada nos ritos de conformação do passado do que em sua percepção no momento em que relampeja. A poética do memorialismo de Isaías Alves se define no apuro de uma linguagem adequada à fixação das referências passadas e na articulação entre temporalidades de que se compõe o aparato memorial. Essa poética, na prática, realiza um trabalho da memória, estabelecendo margeamentos da história, do saber formal para transpô-lo ao espaço mental fixado entre passado e presente, comunicando-os convincentemente e explorando os relatos históricos com coerência interpretativa.

Entretanto, se a memória é afeiçoada ao passado, desejosa de sua permanência e disposta a resgatá-lo[43], ela não residirá exclusivamente no texto. O encontro de vestígios memoriais na obra de Isaías Alves permite que a recuperação do passado possa ocorrer em outros lugares, contando com outras matrizes, para além das apenas textuais.

As materializações desse passado, assim prestes a ser exposto, sempre serão compostas na tensão entre o indivíduo e o grupo, com um resultado inevitavelmente coletivo, mesmo aparentando muitas vezes uma identidade de projeto memorialista supostamente individual. Disso podemos depreender que a memória se manifesta, em certo sentido, pela incapacidade de ser plenamente resgatada, de forma pura, ou com um caráter representacional aparentemente encenado. Logo, toda escrita memorialista se comporta como um entrecaminho, um limiar de fronteira. Ao mesmo tempo, por meio da memória coletiva, esse entrelugar se amplia, fazendo com que, ao ouvirmos histórias alheias, conheçamo-nos melhor, sintamo -nos parte de uma mesma existência redesenhada por um projeto de memória que se recusa a ser tão somente histórico.

Portanto, evocamos a memória afetiva que também pode ser um instrumento eficiente de revisitação ao passado através das narrativas de memória que, de maneira diferente, ressignifica o que foi perdido pela violência do poder. Ainda que nessa perspectiva se dê pouca atenção à exatidão da reminiscência e se objetive a narração da experiência, unida ao corpo e à voz, o relato memorial confere uma presença real do sujeito na cena do passado. Compreendemos que não há memória sem experiência, mas tampouco existe experiência sem narração. A linguagem narrativa liberta o aspecto mudo da experiência, redimindo-a do seu imediatismo ou de seu esquecimento, transformando-a no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade que, a cada repetição e a cada variante, torna a se atualizar através da memória.

Peter Burke (1992), no artigo “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”**,** assinala as mudanças na metodologia frente aos objetos da história, na medida em que o modo narrativo passa a ocupar o lugar do espaço analítico. Pela própria concepção da escrita como gênero marcado pela categoria temporal, a abordagem do historiador se modifica em favor dos acontecimentos que, antes, não tinham importância para a análise, reforçando a função do pesquisador que é a de sempre estar contando uma história. E, o que é mais importante: essa história está sujeita a interpretações parciais, pelo fato de o narrador utilizar

[43] Utilizamos o termo: *resgate da memória* na perspectiva proposta por Isaías Alves. Apesar de compreendermos que esta é uma tarefa impossível, podemos, sim, ressignificá-la.

um ponto de vista pessoal e estar ciente das múltiplas vozes que ingressam no seu processo criador. Inserindo num mesmo movimento narrador e ouvinte, tais narrativas criam um fluxo comum e vivo, sempre aberto às novas experiências e a um intercâmbio de papéis, o que transforma o relato memorialista num modo de ser e fazer conjuntamente.

Se levarmos em conta a etimologia da palavra *memória,* a expressão pode tanto levar a ações de recordação, lembranças, reminiscências, quanto ao ato de narrar, refletir, relatar, uma vez que a memória é registro das ações e reações, e também de seu avesso. Ela não é apenas a lembrança, a função psíquica do *recordare*, mas também a narrativa do que é rememorado. Assim percebida, a memória é a mais épica de todas as faculdades. Por ser matéria de excelência da lembrança, torna necessária a justaposição de experiências vivas em todos os níveis da sociedade. Daí que o memorialismo, ou a fonte de memória social, de que jorra a essência da cultura, estabelece a ponte que se conserva entre o passado e o presente, reorientando a interlocução entre o leitor dessas anotações do espírito e os momentos históricos que ultrapassam circunstâncias de brevidade e dilaceramento, e apostando na narrativa como forma de permanência.

Benjamin (1987) inscreve a narrativa em um tom melancólico, pois acredita na impossibilidade dessa prática nos tempos modernos. Diz ele, textualmente: “Já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo”, (BENJAMIN, 1987, p. 205). Consoante ao teórico alemão, concluímos que as antigas narrativas de experiências já não constituem uma cena comunicável. Não temos tempo para ouvir a experiência alheia, tampouco sabemos dar conselhos aos outros ou a nós mesmos. Não somos mais capazes de contar ou interagir com as histórias porque as ações da experiência já não despertam interesses. Não precisamos mais delas para viver. O ensaísta acredita que a narrativa esteja em vias de extinção, já que a figura do narrador, aquele que agia como conselheiro, desapareceu, legando-nos, portanto, o sono e o esquecimento.

Contudo, se entendermos a narrativa como uma condição essencialmente humana, saberemos também que ela se redimensiona, revitalizando os substratos do imaginário, extraindo símbolos e armazenando-os na memória individual e coletiva. A escritura, então, aciona os limites impossíveis e inapreensíveis da história do sujeito ou de sua comunidade, narrando uma aventura vivida ou imaginada.

Os aspectos figurados em tal projeto de memória, versados na produção intimista, podem contribuir para a própria teoria do memorialismo como gênero. Ora, o conceito de memória, como construção literária, remete o eu de volta ao passado, justo para

redimensionar o presente, este se reconstruindo após reconfigurado, o que desfigura as concepções fixas de passado, alterando-o com as vivências do presente. A cada momento em que tal passado for contemplado, analisado a partir das memórias, estas também se reformam, mediante os fatos esquecidos e novos significados ao passado atribuídos. Tais memórias serão formadas a partir de atos de lembrar e de esquecer, ou seja, voltamos ao pensamento bergsoniano da memória seletiva. Ao lado dessas duas instâncias - lembrar e esquecer - entra em cena o aspecto narrativo das memórias, em forma plural. Ou seja, o estudo das memórias será o estudo da forma narrativa especificamente escrita em primeira pessoa, de um eu que retorna ao passado a fim de compreender o presente, mas trazendo-nos o caráter plural que inviabiliza a tradicional imagem fixa do passado.

Por outro lado, as memórias também podem ser consideradas como um suporte da historiografia, já que ambas têm, como objetivo, como dissemos, trazer uma certa verdade para a instrução dos indivíduos. Isto significa que, por meio da narração de fatos, tanto a narrativa histórica quanto a memorialística buscam certo caráter de exemplaridade que supere o inevitável esquecimento que incidiria sobre os fatos comuns. Nesse entendimento, as memórias são uma busca de recordações, por parte do eu-narrador, com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos representativos para este eu-narrador e, muitas vezes, personagem que protagoniza o que escreve.

Ao estudar a memória, em suas diversas formas de manifestação, e as estratégias pelas quais ela se apresenta, também constatamos a sua possibilidade lírica e épica, como capacidade fundacional da discursividade, então manifestada, seja nos textos referenciais, comprometidos com os registros históricos factuais, seja nos literários, através de testemunhos, biografias e autobiografias, relatos de memória, confissões e diários.

A determinação em levantar todo esse substrato do vivido, de experiências individuais e coletivas, da vida pública, delega à memória a função de ponto de resistência face à incessante pulverização das identidades nos tempos atuais, marcados pela volatilidade das lembranças: o que nos aconteceu já passou, para dar lugar a um novo e fugaz evento. Ao indivíduo monitorado pelas máquinas de comunicação não é mais dado um tempo para recordar. Se, por um lado, os aparatos tecnológicos aceleram as interações virtuais, por outro, eles contribuem para tornar menos evidentes essas mesmas interações, sendo responsabilizados pela aceleração desenfreada da contemporaneidade, inimiga mortal da memória.

Mediante a intervenção memorial, no entanto, constrói-se a narrativa secreta de nossa vida, que se separa da narrativa oficial, quando não se opõe a ela, numa construção de signos

que tentamos legalizar, não só em relação ao mundo exterior, como também em relação ao nosso próprio mundo. A narrativa baseada num projeto memorialista é sempre inquietante, porque como afirma Maluf [...], “não há mensagem que seja irreversível, informação que não seja ambígua, porque não há uma única intepretação de qualquer objeto” (MALUF,1995, p. 28).

Levando tais aspectos em consideração Ritzel Remédios (1997, p. 9), afirma que o memorialismo pode assumir diferentes denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas, memórias ou romances autobiográficos, embora todas signifiquem a sobreposição da trilogia clássica mais conhecida: diário - memória - autobiografia. O que diferencia basicamente essas formas literárias serão as marcas da escritura do *eu* e o modo de inscrição de si mesmo nas narrativas, situando-nos no plano ideológico do autor.

O texto memorialístico, mesmo tendo as marcas impressivas e expressivas do eu, pode proporcionar o resgate de fatos, em alguns casos, obscuros ou mal interpretados. Ao mesmo tempo, pode iluminar as formas pelas quais se utilizam ou se podem empregar as suas outras denominações, tanto para representar ou compreender vidas individuais e particulares, quanto para testemunhar eventos históricos marcantes, estabelecendo uma corrente de interesses comuns, capaz de promover mudanças educativas, políticas e sociais, ou contribuir para a própria teoria do memorialismo como gênero, num momento em que se busca revitalizar literaturas consideradas marginais ou periféricas.

Objetivando nos aprofundar sobre as diferenças que circundam tal trilogia, nos capítulos a elas reservados, convém adiantarmos que as diferenças são bastante frágeis entre si. Para isso, tomamos por empréstimo o estudo de Philippe Lejeune (2008) sobre *o pacto autobiográfico,* no qual é selado um acordo tácito de cumplicidade entre quem escreve e quem lê. À medida em que o texto memorial avança, compartilha experiências do mundo privado e interno do autor. Às vezes, esse acordo é estabelecido por intermédio de outras estratégias narrativas. O escritor, nesse caso, além de narrar, autoriza-se a qualificar comportamentos, denunciar transgressões pessoais ou até mesmo estabelecer alguns padrões morais, dirigidos a possíveis interlocutores, que deverão previamente saber que todo relato, sob o crivo da memória contém desvios, intencionais ou não, pois o que alguém escreve sobre si é a última palavra e, quanto mais sincero se é, maior será a vulnerabilidade do que foi dito, às leituras de quem compartilha idênticas experiências de vida.

O diálogo entre o discurso memorialistíco e o literário é uma prática que se mantém vigente através dos séculos, impulsionada por motivos historicamente diversos, mas que foi convertida em moda, sobretudo por ser uma produção que conduz ao reconhecimento de si no

outro, nas diversas facetas do ser humano, ao enxergar o que está à sua volta, no entorno de sua gente, seu povo, suas histórias e mitos.

Finalmente, é cabível recusar essa mistura, definir com precisão o que se entende por História e o que se concebe como memória, identificando cuidadosamente esse movimento de constituição de referenciais passados, justificadores do presente, por meio da localização física ou imaginária, ou seja, aquilo chamado por Nora (1984) como os *lugares da memória*. São, de fato, muitas as opções. Múltiplos também os caminhos teóricos e epistemológicos que se dispõem em seguir, tipos de investigação que fazem, questões que nos propomos a analisar. Inevitavelmente, contudo, ao fazermos tais escolhas, estamos tratando com estratégias distintas que, sem exceções, lidam com um problema crucial: o peso do passado nas representações feitas em torno dele, seus usos, e suas conexões com o contexto. Mesmo que não se reconheçam diferenciações entre texto e contexto, suas projeções políticas, sociais e intelectuais também inevitavelmente duelam com os mecanismos de construção de um passado reconhecido na fundação da memória.

Pressentindo o que já dissemos, a divisão teorética custa muito ao historiador ou narrador, se entendermos que as fronteiras existentes são tênues. Pela memória, constituímos nosso passado, recoletamos cenas, reconformamos episódios, distinguimos o ontem do hoje, confirmamos os termos experimentados num dado do passado revisitado, fronteiras que as tradições ergueram, ignorando determinadas *vozes*.

3. 5 TRÊS VISÕES DE UMA INDIVIDUALIDADE

O filósofo Sêneca compreendia a narrativa inicialmente como uma prática que permite o conhecimento de si. Defendia a ato da escrita como elemento de transformação. Por essa vereda seguem os escritores memorialistas e (auto)biográficos, e é lugar-comum pensarmos em como tais escritores se apoderam das memórias e de experiência suas e de outros, reelaborando-as para transformá-las em requisitos indispensáveis à produção de suas obras. Naverdade, essa reelaboração consiste numa lógica de afastamento, porque muitos deles contribuíram para perpetuar a ideia de que seria preciso afastar-se de suas obras para melhor refletir sobre o conteúdo delas. No entanto, este retirar-se, ao contrário do que vulgarmente se diz e/ou se entende, pode significar a construção de uma individualidade capaz de interagir de modo potente com relação ao outro. Trata-se do *retratar*, do olhar para

si consciente de suas emendas ou faltas, no caminho da constituição de uma subjetividade, que possa encenar o desconhecido que nos habita.

Há os que defendem que toda escrita é autobiográfica, como Paul De Man (1984), para quem a narrativa da própria experiência é também um investimento na convergência entre a Estética e a História. Já Philippe Lejeune (2008), frequentemente citado quando o assunto é autobiografia, pensa esse tipo de discurso como diferente da ficção, ligado a pactos referenciais, o que será rejeitado por De Man, que vê nisso um modo de sustentar a noção de autoridade transcendente do autor, destacando a alegoria e a metáfora como próprias da construção autobiográfica, relacionando esta a um movimento de *desfiguração.*

Costa Lima (1986) enxerga o estatuto da autobiografia como gênero que "depende do destino da individualidade. Assim, à medida que esse destino não é questionado, as definições da autobiografia tendem a apresentá-la como um tipo dotado de incidência quase infinita" (LIMA, 1986, p. 246). Tal oscilação é observada por Leonor Arfuch (2010), que apresenta a autobiografia como um espaço figurativo sempre ambíguo, denominando-a como uma *oscilação entre mímesis e memória*, "entre uma lógica representativa dos feitos e o fluxo de recordação, ainda que reconhecidamente arbitrário e distorcido" (ARFUCH, 2010, p. 57).

Desta digressão sucinta sobre autobiografia, já tratada em capítulo anterior, o que nos interessa agora é retomar o debate a partir de três princípios propostos por Lejeune (2008): a) o caráter ambíguo, de oscilação entre mímesis e memória; b) a alegoria e a metáfora como próprios da construção autobiográfica, e com esta última vinculando-se a um movimento de desfiguração; e c) a escrita de si como formação do sujeito.

Embora tenhamos até aqui paresentado um painel em que biografia e autobiografia em Isaías Alves se aproxime muito. Sabemos que elas tem características formais de diferenças e não são tomadas como sinônimas. Pelo contrário são distintas e ele reconhece na figura do narrador a possibilitade de travestir a forma biográfica, que se apresenta num terreno movedição e fronteiriço. Consideramos bastante singulares as duas formas narrativas e, a partir dessas ideias, começamos a construir nossa reflexão sobre uma possível narrativa *(auto)biográfica* diferenciada, seguindo, como já dissemos, o modelo de um *puzzle*, ou seja, um grande jogo em que o narrador escolhe, em suas primeiras obras, um *Outro* para retratar-se e, narcisicamente estilhaçando-se em pequenas narrativas pessoais, fará caber ao leitor a função de *decifrar ou ser devorado*.

Já indicamos perceber, na escrita de Isaías Alves, uma tendência quase sempre (auto)biográfica, predominantemente memorialística, percorrendo caminhos da evocação pessoal através de incursões pela infância, vasculhando gavetas e armários íntimos, numa

narrativa que se assemelha a uma colcha de retalhos na qual os diversos pedaços, devidamente organizados, formam um todo que nada mais é que um conjunto de ecos individuais. Nesse sentido, faz-se necessário o leitor perceber que a beleza do todo só se fará com a junção da diversidade, donde se conclui não haver parte mais importante, ou mais significativa, uma vez que a construção das narrativas alvesianas se faz exatamente dos pequenos fragmentos constituídos por retalhos de vida, e memória, quadros abandonados, esquecidos, repintados, formando um amálgama de relembranças sociais, psicológicas e afetivas. Diz-nos Halbwachs sobre a lembrança social:

> Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.
>
> Aliás, eles não seriam suficientes. Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2003, p. 31).

Dessa forma, o que é apreensível em nós, além do desconhecido – que a literatura é capaz de *encenar* – são os fragmentos de memórias. Pelo processo do artesanato literário, o narrador os recompõe, tecendo-os meticulosamente e juntando, às lacunas, outros vazios, e rasgos do processo de recordar e resguardar. Esses vazios e lacunas, tão comentados na teoria de Wolfgang Iser (1996), por onde seria possível fazer circular a imaginação do leitor, poderiam ser pensados também a partir do que Didi-Huberman (1988) chamou de uma *imagem-rasgada*. Nesse sentido, poderíamos associar a concepção de autobiografia de Paul De Man, como *dèfacement*, para refletir a relação entre recolhimento, memória, lacunas e o movimento de desfiguração, como devir a que o escritor necessita se lançar para empreender sua obra. Exemplo disso encontramos num trecho da obra de Isaías Alves, **Vocação pedagógica de Rui Barbosa:**

> Como é natural, para esta antologia, escolheremos de sua ciclópica produção, os trechos de caráter educativo, quer diretamente ligados ao ensino e sua organização, quer destinados à condução moral e política das classes sociais. Outros já se acham em capítulos anteriores e muitos ficarão esquecidos, para não exceder os limites razoáveis dêste ensaio. Não atenderemos à sucessão cronológica; buscaremos apenas o nexo dos esforços disciplinadores que o mestre desenvolveu (ALVES, 1959, p. 228).

Retratar a si é uma constante na produção de Isaías Alves. Começando por **Vida e obra do Barão de Macahubas** e, especialmente, numa conferência proferida no Instituto

Geográfico e Histórico da Bahia, em setembro de 1924, e mandada ampliar, para ser impressa pela Inspetoria Geral de Ensino. Trata-se de uma tentativa de ensaio biográfico, cujas páginas são condensações de episódios e observações que nos levam a conhecer mais de perto a vida e até então obra paradigma do educador nacional que foi Abílio César Borges. Dizemos *tentativa*, pois levamos em consideração o princípio teórico desenvolvido por Dosse (2009) a propósito do que seria uma *vidobra:*

> Malgrado essas reticências, a biografia se impõe com curtas informações anedóticas que precedem os excertos da obra, conforme o método Sainte-Beuve. O gênero biográfico se funde então com a obra e podemos mesmo falar, com Antoine Compagnon, de vidobra quando o relato da vida se apresenta como explicação da obra. Os relatos biográficos, nesse caso, às vezes não passam de reprodução de textos. Essas apresentações de escritores, de fato, não raro são meros pastiches (DOSSE, 2009, p. 81).

A homenagem a Macahubas se estende ao investimento psicoautobiográfico projetado sobre a **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959), livro que resulta duma exaustiva pesquisa de Isaías Alves sobre a personalidade de Rui e de seu pai, João Barbosa[44], principalmente quanto à importância do educador na sociedade brasileira. Nessa obra, Isaías Alves tem a coragem da apreciação que muitos admiradores e biógrafos de Rui considerariam irreverente. Alves propõe uma leitura crítica, marcadamente de conversa com o leitor, insinuando a ilusão biográfica tratada por Bourdieu (1986), quando afirma que os dados apresentados são fragmentos, que muitos elementos ficarão de fora do ensaio por falta de tempo, antecipando o que Sérgio Vilas Boas (2008) chama de *metabiografia*, ou seja, um modo de narração biográfica que dá atenção também aos exames e autoexames do biógrafo sobre o biografar, o biografado e sobre si mesmo. O estilo de Isaías Alves parece não se inclinar a contemporizações:

> Entre outros aspectos do longo e variado trecho, **que transcrevemos por extenso para fixar, mais uma vez**[45], a semelhança da orientação dos dois Barbosas, vemos que em 1865 se começou a ensinar, muito elementarmente, geografia e história, na Escola Normal onde se ensinava, conforme o velho, a alta gramática. [...] Não nos lembraremos de que Rui defendeu um deputado adversário, e recusou um ministério que foi convidado insistentemente, que desprezou a amizade de Floriano, na hora grave da consolidação da República (ALVES, 1959, p. 67).

Nessas obras, o que vemos instaurada é uma típica projeção do eu autobiográfico, contrariando o que nos assegura Vilas Boas (2008), de que, numa biografia, autor e narrador

[44] Em consulta ao Arquivo Pessoal de Isaías Alves, encontramos a tese de João Barbosa (original), com indicativos de uma detalhada leitura.
[45] Grifo nosso.

não podem ser a mesma pessoa. Contudo, observamos que a forma estabelecida, nas duas obras consideradas *biográficas*, de Isaías Alves, evidencia-se como proposta de escrita inovadora, porquanto surpreendemos seus elementos diferenciadores, a exemplo da busca constante de interlocução com o leitor, as notas de pé-de-página, as referências que o autor faz a si mesmo, apresentando relações de proximidade entre ele e o biografado, os grifos na *vidobra* dos biografados, marcados e comentados pelo narrador, também em nota de pé-de-página, características pouco comuns nos textos da época. Além da evidente extrapolação dos objetivos propostos por Luís Viana Filho em 1945 (*objetivo informativo*, *objetivo interpretativo*, *objetivo crítico)*, para o gênero biográfico, Isaías Alves insere um outro, o *objetivo de memoriar-se*, reassumindo os mitos aqui já abordados, a saber: o de Narciso e o de Eco.

> Entre 1899 e 1902, as manhãs de domingo, quarta-feira e sexta-feira eram esperadas pelo pré-adolescente, com alto interêse por causa dos jornais que chegavam da Bahia ou do Rio. Do Jornal de Notícias a coluna em versos de Lulu Parola era o primeiro contacto com a inteligência da Capital. Havia na imprensa da época uma atitude didática em que, no artigo de fundo ou na coluna humorística, o cidadão do interior bebia o vinho comunicante do seu credo. E por todas as esquinas onde, em caixões de fazendas ou caixas de querosene, e raramente em bancos envernizados, formavam-se grupos de conversa política, depois que a freguesia descansava os lojistas, os vendeiros e os armazéns de secos e molhados, o noticiário e a coluna doutrinária eram motivos de intermináveis palestras, mais ou menos inflamadas sobre os destinos da República, a queda constante do câmbio, os desmandos e desacertos, e, às vezes, redimido por algum entusiasta (ALVES, 1959, p. 09).

E mais:

> Parece que Abílio tem alguma razão nesse pensamento de educador e sociólogo, mas a sociedade brasileira não se guiou jamais por um principio pedagógico, moral ou político. O interesse e os impulsos desordenados do coração dirigem-lhe a existência: o interesse quando se trata de algum resultado pessoal, próximo ou remoto, certo ou possível; os impulsos desordenados do coração quando é a nação inteira que vai sofrer a irreflexão da liberalidade do falso patriotismo. Ainda a razão não governou o Brasil, que terá dias funestos na luta da concorrência dos povos. (ALVES, 1942, p. 71).

No projeto delineado em **Matas do Sertão de Baixo** (1967)[46], a voz narrativa continua a ter uma identidade com a personalidade de Isaías Alves, escamoteada por trás daquilo que, nesta tese, chamamos de *autor implícito*, termo aqui transposto da teoria literária de Booth (1980). Oscilando entre um projeto de cunho histórico-literário, a genealogia e a

[46] **Matas do Sertão de Baixo** (1967), junto a **Dante, o educador do milênio** (1963), rendeu ao autor prêmios e comentários em jornais nacionais e internacionais.

tradição lendária de sua região, sempre primando por um discernimento e uma filiação aos ideais positivistas, obnubilados, em parte, pela narrativa com sentimento nativista e complementar, o autor em estudo não obedece a esquemas rígidos. Inicialmente, elabora a análise parecendo objetivar uma cronologia, mas logo somos surpreendidos por análises do século XVII, numa seção que, segundo ele, estaria destinada a outro século. Isso em nada tira o mérito da obra, mas é uma peculiaridade estrutural da narrativa, que julgamos oportuno assinalar**. Matas do Sertão de Baixo** (1967) alterna os projetos histórico e literário, mesclando um mote interdialógico entre a filosofia e a literatura, caso, especialmente, de um discurso narrativo em primeira pessoa, ressaltado pela disposição de resgate impressionista, de imagens apreendidas por um ***autor implícito***[47]**,** que assume a voz narrativa dos relatos:

> Das minhas recordações de meninice que tenho nítidas, a figura da avó não me ficou memória, pois morreu antes dos meus quatro anos. Nem mesmo a cena em que minha mãe conseguiu ver a velha no esquife, à porta, em caminho do cemitério de Santo Antonio de Jesus, me lembro absolutamente (ALVES, 1967, p. 58).

A memória, descortinada em livro, desenrola-se no Recôncavo Sul e destaca a figura do narrador, que é, a um só tempo, autor-narrador-personagem de episódios da vida sociológica e cultural baiana. Os fatos são apresentados de forma bem próxima à oralidade, como uma conversa em fim de tarde. A forma de narrar de Isaías Alves, aliás, aproxima-se muito das utilizadas pelos grandes memorialistas, misturando fatos dispersos num mesmo tecido, e acrescentando às histórias novos ingredientes, fundindo realidade e fantasia através do relato memorial:

> O serão depois da ceia fora longe. Os vapores da noite iam crescendo; os velhos recordavam as onças da mata que enfestavam os morros. Nestes cantos da serra da Jibóia, a Guarirú das Cartas Régias, ainda dominavam esse pavor. Cada um foi procurando o leito depois de ver se estavam bem fechadas as trancas das portas e janelas e de olhar sob a cama lembrando os ladrões que se escondiam, na lenda ou na realidade. Uma coruja pia perto e uma preta velha diz: "Cruz" e se benze. O silêncio da fazenda dá mais vida à luz mística das estrelas, mas a noite estava enluarada no fim de janeiro, fazendo recordar: Lua de janeiro não tem companheiro; só lua de agôsto, que lhe dá no rosto (ALVES, 1967, p. 54).

Aqui, a função do narrador é nitidamente benjaminiana, transformando o vivido em experiência e intercambiando-a com seus ouvintes/leitores. Esse intercâmbio realiza-se na forma de um saber prático, que pode ser um conselho implícito nas inúmeras histórias e

[47] São perceptíveis os traços correspondentes a dados biográficos do autor real. Contudo, ele descumpre o pacto de referencialidade, pois propõe um ensaio biográfico e, na verdade, o que faz é aubiografar-se.Devido a isso, optamos pela terminologia *autor implícito*.

lendas que conta aos que são classificados, por ele, como leitores/pesquisadores, face às constantes recomendações para que realizem pesquisas, além das sugestões sobre as informações e/ou documentos que podem ser encontrados:

> Ao lado do *ensaio sobre educação* acham-se no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia milhares de páginas manuscritas sôbre diferentes ciências, sobre metodologias geral e especial, sôbre indústrias, sôbre moral e política, sôbre filosofia e filologia, abraçando os vários ramos do conhecimento no século passado. Êsse vasto repositório deve merecer dos governos e das instituições e dos leitores o exame e a classificação merecida, de que provirá sem dúvida a fixação de um momento histórico das cogitações intelectuais da Bahia. Tanto quanto nos couber, devemos tentar focalizar o pensamento do homem que foi talvez o nosso maior filósofo (ALVES, 1959, p. 52).

Nesse sentido, a cada nova história, o narrador aborda outra, relacionando fatos dispersos, numa cadeia infinita, que se transforma na própria história do Recôncavo baiano e também na história do Brasil. A partir daí, podemos dizer que *a musa* narrativa, evocada por ele, é *a memória*, pois sua função é *tecer* uma rede, comprovando que, em última instância, todas as histórias constituem entre si um grande mosaico, evidenciando o *eu* autobiográfico, multifacetado em propostas de narrativas biográficas, que muito mais revelam de *si* do que do *outro*, já que os personagens a serem biografados são também educadores.

Os títulos **Vida e obra do Barão de Machaubas** (1942), **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo** (1967) trazem propostas diferentes entre si. As duas primeiras se propõem a biografar intelectualmente dois educadores brasileiros, enquanto a última, segundo o próprio autor, é uma narrativa de natureza sociológica. Mas o que reconhecemos, em todos eles, é um perfilar memorialístico através de relatos e evocações, lembrança e esquecimento, forjando a história de personalidades, lugares e impressões. O dualismo vida e história representa a busca empreendida pelo sujeito que rememora o passado, procurando iluminá-lo por meio da recordação. Todavia, de acordo com o narrador, a memória em si, aquela que Henri Bergson (1999) classifica de *pura*, não pode ser acionada pela consciência, nem pelo simples desejo de recordar:

> Concluídas as notas do precioso ditado, em que se reúne a saudade de duas almas boas, gratas ao coração do autor, falta lembrar que a fazenda se começou para milhões de cafeeiros, mas afundou na mataria, por efeito da política nova. Logo após, poderosa corrente imigratória aproveitou os sacrifícios e várias cidades do Paraná surgiram na região (ALVES, 1967, p. 305).

Dessa maneira, juntar os fragmentos dispersos da memória não se revela uma tarefa simples. O esforço consciente de recordar nem sempre corresponde ao desejo do sujeito que

recorda. Portanto, é inevitável existirem falhas, lapsos incompreensíveis, como também será necessário, por vezes, preencher lacunas. Nesse processo, importa destacar a função da *memória involuntária* na narrativa memorialística de Isaías Alves. O conceito inicialmente proposto por Marcel Proust (1983), a partir da distinção configurada por Bergson (1999), estabelece que a memória feita hábito é ligada a mecanismos motores, enquanto as imagens-lembranças se relacionam com o espírito. A primeira é chamada por Proust de *memória voluntária*, pois pode ser acionada conscientemente pelo indivíduo; a segunda, de *memória involuntária*, pois depende do acaso para emergir. Essa relação está presente em nosso trabalho com Isaías Alves, desde quando assumimos o discurso de Assmann (2011) e fizemos a opção pelo uso dos termos memória *habita* e da *inabitada* os quais se correrlacionam.

Conforme Walter Benjamin (1989), é por meio do aflorar dessa *memória involuntária* que se poderia reencontrar novamente a *verdadeira* experiência, aquela que ainda pode suceder ao indivíduo, enquanto vivência. Isso ocorre porque a memória involuntária está mais próxima do esquecimento do que da lembrança. Desse modo, tal procedimento torna possível recuperar, no presente, inesperadamente, um ato há muito perdido na escuridão do passado, segundo podemos verificar no fragmento abaixo:

> Do velho manuscrito de Landulfinho, Capitão da Aeronáutica, tragicamente, perdido em exercício, em São Paulo, ficou um ditado do pai, entre os tempos da Interventoria na Bahia e o começo de suas Campanhas para o Senado da República. Dele tiraremos elementos para caracterizar a bela aventura, dando-lhe o tom que a saudade de ambos nos cria ao coração (ALVES, 1967, p. 300).

Na narrativa biográfica alvesiana, alterna-se o relato biográfico com pequenos trechos de histórias de vida, apresentando-se predominantemente na terceira pessoa, mudando em determinados momentos para a primeira pessoa do plural, embora fique evidente a particularização das ações que foram, de fato, por ele (Isaías) vividas.Consideramos pertinente inserir, entre as notas biográficas, alguns documentos factuais, intentando revelar que a seleção feita pelo autor, em sua proposta de obras com caráter biográfico, são, na verdade, escolhas intencionais (ou inconscientes) para autobiografar-se.

A escolha por essa forma de narrar, a princípio causou-nos inquietação, posto que as obras referidas, a despeito de figurarem no gênero biográfico (aspecto que aprofundaremos no próximo capítulo, destinado à análise individual das mesmas), impõem uma investigação sobre o porquê das escolhas do narrador em primeira pessoa, disposto a descrever histórias de vida de terceiros, ao passo que, nas obras consideradas de memórias, e até nas autobiográficas, ele faz a opção por um suposto distanciamento, o que gera, no leitor

desavisado, a impressão de narrativas imparciais. Assim, mesmo sabendo que as escolhas entre primeira ou terceira pessoas do discurso prosódico não condicionam o conhecimento detido pelo autor/narrador sobre os fatos narrados, interessa-nos perceber suas possibilidades e limitações, a forma como se expõe, ou não, na história narrada, as marcas por ele deixadas no relato e sua proximidade ou distância em relação aos fatos de sua opção (ou não) em eleger variantes ou disfarces que aqui nomeamos implícitos, bem como a nós interpretar sobre o que tudo isso representa na narrativa.

Além disso, importa também destacar que as três obras em análise não são organizadas nos moldes de uma *biografia* tradicionalmente teorizada, isso porque temos, numa escrita de caráter biográfico, a presença determinante do autor como personagem tão importante quanto os que escolheu para biografar. Ou seja, o *narrador-biógrafo* assemelha-se ao biografado, possibilitando, assim, uma nova categoria de estudos destinados à essas análises narrativas. Isaías Alves, conforme iremos perceber, a partir da percepção intríseca de suas obras, insere-se na matéria da narrativa biográfica, apresentando-se, em determinados momentos, em ângulo subjetivo, próximo, e não apenas de maneira objetiva, como a forma pronominal e o modelo genérico sugerem. Na verdade, o distanciamento decorrente dessa forma de narrar parece ser mais uma estratégia, um modelo de escrita produzida para melhor se deixar conhecer ou revelar. Nesse caso, ao identificarmos a seleção do *punctum*[48] da vida do biografado, estamos, na verdade, diante do "espelho do autor que busca um outro, para encontrar no outro um pouco de si"[49].

Em Isaías Alves, o narrador reflete bem essa situação paradoxal. Ele está simultaneamente envolvido e distanciado, deslocado enquanto mediador do próprio discurso, não se excluindo totalmente da história, ou das falas alheias. Nesse sentido, ele cria para si um lugar privilegiado em relação aos fatos enunciados, organizando as diferentes vozes enunciativas, às vezes, distante; outras vezes, próximo. Sua função é reunir os cacos, os resquícios, tanto das falas de outrem, como de parte do passado, vista a impossibilidade, nos tempos modernos, de narrar a experiência de modo pleno.

Em Isaías Alves, o emaranhado textual se reflete na dificuldade em delimitar sua forma narrativa. Seja na proposta (auto)biográfica, seja nas memórias, esses gêneros já são por si só de fronteira, equacionando aí uma situação narrativa de bifurcar-se, deixando, ao leitor, um papel complementar. Tais elementos de categorização teórica, quanto à narrativa

[48] Termo utilizado por Roland Barthes em **A câmara clara:** Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
[49] Expressão utilizada por João Cabral de Melo Neto, em **Poesia e composição**: A inspiração e o trabalho de arte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

alvesiana, começaram a ser delineados a partir das *definições* propostas pelo autor na obra sobre Rui Barbosa:

> Seria alongar em excesso este **ensaio,** estudar a vida de alguns homens vindos das Universidades européias, no começo do século passado. Antonio Ferrão Moniz, a quem nos referiremos mais tarde, daria assunto a profundo inquérito, mas Antônio Ferreira França, filósofo incontestável, nos obriga a perguntar que faria a sua cultura se encontrasse onde ensinar alguma coisa mais que a geografia (ALVES, 1959, p. 15) (grifo nosso).

Atentemos para o fato de estarmos estudando a vida de Rui Barbosa em um ensaio, que pretensamente organiza, em bases cronológicas, a vida do biografado. Se fica evidente a classificação do texto como *ensaio*, nele também se revelam características de biografia, assinaladas por Villas Boas (2008): *descendência*, *fatalismo*, *extraordinariedade*, propostas de verdade documental (visto que Isaías Alves se ocupa de análises factuais), *transparência* e *tempo*. Logo, num primeiro momento poderíamos denominar tal narrativa como *biográfica*. Porém, seguindo os recursos das definições conceituais e os próprios termos de Isaías Alves, em **Matas do Sertão de Baixo,** temos como conclusivo o seguinte depoimento:

> Nosso trabalho não é de ficção. Descrevemos, criticamos, comparamos e salientamos o grande esforço criador das gerações de 1750 a 1850 aproximadamente, tirando à mata bravia a riqueza agrícola, que ainda hoje vigora em alguns centros, em meio à transformação dos hábitos, dos costumes, da mentalidade de quase toda a vida rural do Estado. Quase nada diremos de hoje. Nossa experiência se fez até 1929 a 1930, com poucas visitas em 1938 a 1941, quando a função do governo prejudicava a função da vida social (ALVES, 1967, p. 145).

A obra pode ser considerada um documento sociológico, como pretende o autor, já que apresenta a saga de uma família (a dele) cumprindo um conceito diferente da afirmação paratextual. O prefácio de Pedro Calmon considera **Matas do Sertão de Baixo** (1967) um "livro sobre a sua região, as reminiscências e as impressões da infância e da mocidade" (ALVES, 1967, p. 09). Tudo isso dificulta, um pouco mais, uma rígida classificação. A obra alvesiana constitui-se, assim, numa construção de narrativa híbrida, deslizando por diferentes gêneros narrativos: autobiografia, memórias e biografia. Nesse sentido, uma das problemáticas encontradas na narrativa refere-se ao gênero textual. Intentamos analisar o caráter híbrido dessa narrativa, relacionando-a com diferentes teorias, numa tentativa não hermética de categorização, apenas apresentando o significado da obra de Isaías Alves na construção memorialística baiana, assim reconhecido por Jorge Amado, Adonias Filho,

Guerreiro Ramos, Pedro Calmon, Xavier Marques e Gilberto Freyre, dentre outros expoentes da história e da literatura brasileiras.

Neste capítulo, o que mais nos pareceu sensato foi retomarmos aos estudos teóricos propostos por Lejeune acerca do "critério da pessoa gramatical e o da identidade dos indivíduos aos quais remetem os aspectos da pessoa gramatical" (LEJEUNE, 2008, p.17). Conforme Lejeune, esses são critérios distintos, uma vez que o uso do pronome pessoal se refere apenas a uma questão gramatical, podendo a identidade entre autor-narrador-personagem ser estabelecida de outras formas como, de fato, vemos praticado por Isaías Alves em suas obras, e com elas o *autor implícito* que se confunde com o narrador nas biografias. É exemplo dessa assertiva o parágrafo abaixo:

> Um quarto de século transcorreu por sobre a lousa e o primeiro centenário sobre o berço do homem legenda de minha geração. Escutei-lhe o nome em tôdas as bocas, amigos e adversários, como de um gênio que excedia a capacidade social, política e cultural do seu país. A mocidade e os velhos de minha cidade natal, em que a mais larga e mais extensa, a mais aprazível das ruas tinha-lhe o nome insculpido, julgaram-no sempre um luzeiro que iluminava demais, para que pudesse descer aos esconderijos da política ou à planície alagada da existência da vida comezinha do governo. Nasci quando seu vulto assomava decisivo no cenário da monarquia combalida, ao golpe da liberdade dos escravos. Cresci e me entendi aos ecos de suas orações apostolares, a que se juntavam as façanhas do Aquidabã, a auréola da glória efêmera de Custódio de Melo, o heroísmo malogrado de Saldanha da Gama, a inflexibilidade de Floriano Peixoto, a história melancólica do desterro e morte de Pedro II, sempre vivo nos meios rurais que visitei. Não tive idade para tomar parte nos conflitos de meninos e rapazes de minha terra, armados de pau à influencia das revoltas do início da República. Partindo das ruas extremas - Rua de Cima ou Rui Barbosa e Rua de Baixo ou Sete de Setembro - os jovens formavam colunas, devidamente comandados, que vinham chocar-se nalgum ponto da rua da Paz ou Silva Jardim, ou da Rua Direita, da Matriz ou 15 de novembro, ou ainda, na Praça da Matriz, sómente muito depois Luis Viana (ALVES, 1967, p. 9).

Para esclarecer os problemas que podem advir da confusão entre pessoa gramatical e identidade, Lejeune (2008) propõe o seguinte quadro:

Pessoa Gramatical → / Identidade ↓	EU	TU	ELE
Narrador = Personagem principal	Autobiografia Clássica [autodiegética]	Autobiografia em segunda pessoa	Autobiografia em Terceira pessoa
Narrador ≠ personagem principal	Biografia em primeira Pessoa. (narrativa de uma testemunha) [homodiegética]	Biografia endereçada ao modelo	Biografia clássica [heterodiegética]

Quadro 2 - Relação Pessoa Gramatical e Identidade entre narrador e personagem principal

Lejeune, apoiado nas análises linguísticas de Emile Benveniste (2005), adverte que "os pronomes pessoais (eu/tu) só possuem referência atual dentro do discurso", pois não remetem a nenhum conceito, exercendo, apenas, a função de aludir a um nome (BENVENISTE, 2005, p. 65). Sendo assim, é "no nome próprio que pessoa e discurso se articulam, antes de se articularem na primeira pessoa". Se, no nome próprio, articulam-se pessoa e discurso, é em relação a ele que os problemas da autobiografia devem ser situados. Assim, a identidade "entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala" pode ser estabelecida de outras formas, que não o emprego da primeira pessoa (eu), assim acreditamos.Tentando equacionar o problema, Lejeune apresenta dois modos de instaurar essa identidade: implicitamente, por meio de títulos ou de uma seção inicial; e explicitamente, no que se refere à igualdade de nomes entre narrador-personagem e autor (LEJEUNE, 2008, p. 18).

No prólogo de **Vida e obra do Barão de Macahubas** (1942)**,** o autor Isaías Alves, sem assinar, afirma:

> Grande foi a surpresa quando apresentamos as obras originais de Macahubas em 1882 e 1883, acerca da "Lei Nova do ensino infantil e do ensino da aritmética. [...] Daí surgiu a ideia da edição definitiva e atualizada deste trabalho, elaborado há vários anos (ALVES, 1942, p. 6).

Reconhecemos que se trata dele, idependente de estar na primeira pessoa do plural, a seção intitulada palavras do autor, nos confere suporte para ultrapassarmos as questões relacionadas a pessoa pronominal. Embora pareça uma questão equacionada em outros campos da linguagem, ainda é mutio utilizada para as referências quando tratamos de narrativas com caráter confessional.

Somemos a esse exemplo um outro presente no capítulo introdutório do livro **Vocação pedagógica em Rui Barbosa** (1959), em que Alves usa a primeira pessoa para narrar o próprio nascimento e contar a sua história, antes mesmo de narrar a de Rui. E em uma obra confessadamente de memória, **Matas do Sertão de Baixo** (1967), Isaías concretiza, de forma explícita, a ocasião de pessoalizar-se, usando a primeira pessoa, só recorrendo à impessoalização, no referente gramatical, quando se distancia de fatos e personagens, os quais só podem ser notados por um leitor que conheça dados da biografia do autor:

> José Firmino morreu em outubro de 1893; **seu filho**, de dez anos, pôs numa caixa de flandres, as **Horas Marianas** do pai, um **Ciência do Bom Ricardo**, o primeiro e o segundo livro de leitura de Abílio Cesar Borges e talvez o terceiro, para o acompanharem. A caixa ficou esquecida, mas as ideias dos livros perduram até

> septuagenário, quando recorda trechos lendo **Vida e Obra do Barão de Macahubas** e **Vocação Pedagógica de Rui Barbosa** (ALVES, 1967, p. 183).

Como saber que ele é o filho de dez anos e o septuagenário? O traço significativo dessas confissões é que, nas duas obras consideradas narrativas biográficas, Isaías não revela qualquer pudor em explicitar-se como autor. Já em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), supostamente aberta para a identificação, ele recua, deixando uma lacuna, o que justifica o pensamento de Lejeune (2008), partindo do princípio de que, nesse gênero anfíbio, de fronteira, pode haver outras formas possíveis de representação narrativa. Desse modo, esquematizando outro quadro, agora relacionado à categoria do nome próprio (autor e personagem) com o pacto estabelecido, ao invés de associar a pessoa gramatical com a identidade entre narrador e personagem, Lejeune redesenha:

Nome do personagem → Pacto↓	≠ nome do autor	= 0	= nome do autor
Romanesco	1a romance	2a romance	
= 0	1b romance	2b indeterminado	3a autobiografia
Autobiográfico		2c autobiografia	3b autobiografia

Quadro 3 - Relação Nome do personagem Pacto estabelecido

Na primeira linha horizontal, é possível visualizarmos três situações previstas: a personagem 1) tem o nome diferente do autor; 2) não tem nome; ou 3) tem o mesmo nome do autor. E, na primeira linha vertical, o pacto pode ser: 1) romanesco; 2) ausente; ou 3) autobiográfico. Todos esses critérios, ao serem articulados, geram diferentes combinações, excluindo-se as *casas* em cinza, as quais podem indicar inexistência ou incompatibilidade entre os elementos, como acontece na narrativa alvesiana.

Quando o nome da personagem é diferente do nome do autor, duas combinações são possíveis: 1a romance e 1b romance. Em ambos os casos, exclui-se a possibilidade de autobiografia, pois não há identidade entre autor-narrador-personagem. Quando o nome da personagem não é referido, são possíveis todas as combinações: 2a romance, 2b indeterminado e 2c autobiografia. Segundo Lejeune, esse é o caso mais complexo, pois tudo depende do pacto feito pelo autor. No primeiro – 2a romance – a natureza fictícia do livro é indicada na capa ou na página de rosto; no segundo – 2b indeterminado – a indeterminação é total, pois a personagem não tem nome e o autor não firma pacto algum com o leitor; no

último caso – 2c autobiográfico – a personagem não tem nome, mas o autor declara-se explicitamente idêntico ao narrador e, logo, à personagem.

Por fim, quando o nome da personagem é idêntico ao nome do autor, exclui-se a possibilidade de um pacto romanesco. No caso 3a autobiografia, o autor não estabelece nenhum pacto explícito com o leitor, mas se pode constatar a identidade autor-narrador-personagem através de outros meios, como o título; já na combinação 3b autobiográfico, que é a mais comum, não há dificuldade alguma em estabelecer o gênero, sendo o nome da personagem igual ao do autor e ao estabelecido no pacto autobiográfico.

Parece-nos que a narrativa alvesiana ocupa muito bem as *casas vazias* deixadas por Lejeune, reconhecendo-se a possibilidade de um gênero textual fronteiriço que ocupa tal espaço, a exemplo do que fez Silviano Santiago no romance **Em liberdade** (1981), em que ele alia o nome do autor ao nome da personagem principal, numa história ficcional.

Observamos que os dois quadros propostos por Lejeune (2008) são bastante expressivos no que se refere à autobiografia e à memória, mas apenas o primeiro aponta a biografia e suas possibilidades estruturais. Assim, evidenciamos o que Bruck (2008) chama de *lacunas conceituais* e, muitas vezes, preconceitos em relação ao tema, recebendo das ciências sociais e humanas um olhar de soslaio, preocupante e desconfiado; e daqueles que apreciam a obra literária, reservando discrição receptiva à biografia, avaliação como a de um subgênero. Todavia, quanto ao valor estético/narrativo, não podemos nos desaperceber que a biografia o apresenta, exatamente por dialogar com as diferentes áreas do conhecimento humano, estando a merecer, portanto, um estudo teórico mais detido no Brasil.

Podemos inferir que temos, com Isaías Alves, independente do gênero adotado, uma narrativa memorialística, sendo nela perceptível a expressão de um *eu,* ao mesmo tempo individual e coletivo, pois, aliado à experiência pessoal, filtro de tudo, o que se ouve é a voz do outro. Todavia, trata-se de um *eu* reinventado, recriado, enfim, autobiografado, ao qual se incorporam fragmentos pessoais, principalmente os vinculados à educação. Assim, a escrita de Isaías realiza um movimento análogo ao do narrador que se aproxima e se afasta do que relata, movendo-se por diferentes gêneros e artifícios literários, que vão da presentificação do autor, na narrativa biográfica, à tentativa de impessoalização, no livro de memórias ou nas conversas com o leitor. Essa travessia também é a expressão da movência entre dois mundos distintos, do autor e do leitor, assaltados simultaneamente por diferentes perspectivas e por diversos operadores narrativos que o envolvem, em um intenso movimento que promove, vez ou outra, o encontro dessas narrativas, visto que elas têm o mesmo autor-narrador-

personagem, desdobrados num pacto narrativo, escamoteado em diferentes *máscaras*, na acepção de Booth (1980).

Esse jogo, envolvendo a alternância de trechos narrativos de diferentes titulares, ou seja, ora o *autor implícito*, ora o narrador, demonstram, no conjunto, que a compreensão do presente é importante, mas compreender o futuro implica conhecer fatos pretéritos, reforçando a perspectiva memorialística das narrativas. Esse procedimento intensifica-se, tornando-se mais complexo quando, aproximando o olhar, atentamos para certas relações, reiterações de conversas com o leitor e constantes notas de pé-de-página, dando conta da produção de estratégias que nos permitem supor, na dinâmica narrativa, uma tentativa (pelo menos) de construção de uma experiência autobiográfica um tanto anárquica, intercambiando *o pacto de referencialidade* (LEJEUNE, 2008, p. 36).

4 TRAVESSIAS DE UMA MEMÓRIA (AUTO) BIOGRÁFICA

> Talvez minhas biografias sejam apenas autobiografias de substituição, um jogo de papéis camuflados (LACOUTURE, 2003, p. 33).

Ao longo desta tese, vimos explorando conceitos teóricos sobre o memorialismo literário e seus desdobramentos *(auto)biográficos* na construção narrativa de Isaías Alves. Argumentamos sobre a impossibilidade de apontar o gênero memorialístico como sendo exclusividade do autor, assinalando suas características como intransponíveis, por reconhecermos, nos capítulos precedentes, que a escrita de Isaías Alves se desenvolve num formato palimpséstico, avançando gradativamente para um lugar inovador. Seja do ponto de vista da literatura, seja da historiografia, ao tempo em que essa escrita sinaliza importantes contributos com a voz narrativa, revelando formatos, até então, pouco explorados na construção das biografias brasileiras, seu percurso acaba assumindo recursos estilísticos apurados, condicionando-se por frequente conversa com o leitor, quando não evidenciando um pacto de referencialidade, não como proposta de exatidão da verdade, o que era muito comum nas características das grandes biografias construídas, mas para provar que o biógrafo estruturava-se dizendo a verdade possível.

O presente capítulo seguirá a trilha analítica das três obras alvesianas já identificadas, demarcando a importância de seus aspectos coincidentes, sobretudo por se tratar de um autor não (re)conhecido canonicamente e que nem se encontra filiado a qualquer contexto do panorama literário brasileiro. Num primeiro momento, pretendemos analisar as propostas textuais desse autor, pondo em relevo aspectos importantes de constituição das obras, falar de suas características estilístico-narrativas e formais, como se organizam as suas temáticas e suas abordagens mais significativas. Em seguida, estabeleceremos um diálogo em que as três obras serão convocadas a nos orientar, na categorização de um trabalho que impõe mudanças no nosso olhar sobre uma produção em que duas daquelas produções se assentam, na rubrica biográfica e uma terceira no memorialismo social e psicológico. Nossa proposta de análise das obras as propõe como uma importante contribuição memorialística que assume variações narrativas, mas que, acima de tudo, pretende narrar o seu povo, a sua gente e a pessoalidade autoral.

4. 1 VARIANTES DE UM DUBLADOR DE SI

Isaías Alves transita por um universo complexo, mostrando que a construção biográfica pode ser fruto de pesquisas, e leituras, mas também de análise e interpretação, reconceituando a importância do biógrafo num contexto em que o que mais importava era a vida do biografado. O autor consegue, numa só proposta, narrar a vida do biografado, narrando-se a si e a outros, para recompor dados históricos que considera valiosos. Antecipa a exposição da história oral, na Bahia pois, usando constantemente fontes as mais diversas, projeta um desenho estético biográfico, ao mesmo tempo em que apresenta um formato narrativo próximo do alcançado por grandes memorialistas. Recorrendo à poeticidade que tem na memória sua forma perene de resistência, fincada entre o *lembrar* e o *deslembrar* - tarefa sempre evocada por Isaías Alves em suas propostas, seja *(auto)biográficas,* seja memorialísticas - fica sempre num ir e vir de perfil saudosista, cuja tônica presentifica o passado de tal forma que o confundimos com o corrente e o atual. Fizemos a opção pelo termo *deslembrar*, por considerarmos mais ajustado à categoria de *narrador memorioso* que para Isaías Alves aplicamos, e por não querermos retomar postulações teóricas, já definidas em estudos significativos e já citadas em capítulos anteriores. O que Isaías propõe, materializando o passado como um mecanismo de perpetuação de si, é um projeto consciente, um verdadeiro entoo à recordação, essa sim, capaz de redimi-lo do *deslembramento* e do incômodo presente que não o legitima como figura importante. Ele evoca a força da lembrança de fatos coletivos, mantendo-se assim uma forte ligação entre o passado e o presente das gentes do Recôncavo baiano:

> **Não nos desaparece aquela recordação**, ainda hoje, a sessenta anos de distância. [...] Depois da abolição, brancos e pretos fraudavam na produção, deitavam pedra no laço da manoca do fumo, molhavam as folhas e as passavam num monte de areia, tornando rendada a finíssima estrutura, como depois falsificaram a tapioca e danificaram a borracha...Vivos os começos dessa ruína moral, que desfez a confiança no agricultor brasileiro. Da incultura com a liberdade política, que a República instituiu e que a demagogia do voto comprado consolidou no país. Desde menino, acompanhou-nos o duende da falta de segurança política, econômica, religiosa, que são base da verdadeira autonomia individual e da duradoura soberania nacional. **Por isso, nunca tiramos do pensamento** o cheiro de mel da cana de fumo do meu tio (ALVES, 1967, p. 148) (grifos nosos).

Situada em uma zona de conforto, a variação narrativa seguida por Isaías Alves representou um subterfúgio para a sua afirmação como intelectual, trazendo ao pedagogo uma marca textual diversa da sua vasta produção muito mais reconhecida como contributo aos estudos da Pedagogia, mas que também devesse ser vista como um *épos* acrescentado à

história pessoal e a trajetória do educador. É certo que o tom saudosista assumido por Isaías Alves está intrinsecamente vinculado à necessidade que ele tinha de difundir uma visão do passado, pelo menos, no tocante à história da educação na Bahia, e com isso, consolidar sua identidade, não só de pedagogo, mas também de escritor e de intelectual que, afinal, o foi. É evidente, e causa-nos certa compassividade, observar o profundo desejo e quase obsessão que ele tinha em deixar fixados os pilares de sua imagem como grande memorialista. Escritor de memórias individuais desdobradas em memória coletiva, que ganha contornos nacionais, Isaías Alves faz do modelo um cântico a si, a la Simonides[50], como dissemos, assumindo-se guardião das memórias coletivas do Recôncavo, a ponto de lutar para salvá-las (e salvar-se) do esquecimento, nem que para isso tenha se transformado em narrador industrioso que, a todo custo, nos quer fazer lembrar a sua presença, permanecendo vivo através de seus escritos, autopretendidos como mosaico da história memorial do Recôncavo.

Por intentarmos um necessário didatismo, iniciamos nossa análise percorrendo cronologicamente a trilogia memorialística por nós recortada para esta tese - **Vida e obra do Barão de Macahubas** ([1922]1942), **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo** (1967) – organizando nossas conclusões em torno do seu exame, a partir da reflexão teórica sobre o gênero memorialístico, desdobrado numa proposta narrativa *(auto)biográfica*. Após nossas análises, pretendemos verificar o modo como o nosso objeto de estudo se virtualiza, levando em conta o pacto estabelecido com o leitor. Em suma, descrevemos o processo pelo qual Isaías Alves incorpora sua vida pessoal à obra que destina ao público. Mesmo naquele trabalho considerado de caráter mais biográfico, evidencia-se o imbricamento de gêneros, enquanto os disfarces assimilados pelo narrador, para biografar ou para autobiografar-se, independem do gênero narrativo formalmente adotado.

Conforme antecipamos no capítulo anterior, as três obras acima apresentam distintos traços de singularidade. Por vezes assumem a voz narrativa da memória, com tom saudosista, evocando um passado quase sempre aurático, ou seja, um passado sempre melhor que o presente, e cujo valor deve ser enaltecido e fixado, pois servirá como lição para o futuro. As temáticas educacionais ou memoriais da educação brasileira obedecem a tal perfilhamento, perpassadas pelo mesmo tom saudosista que se recusa a se ausentar dos fatos narrados, mesmo que eles se destinem a contar a vida de outrem. Duas obras se inscrevem na rubrica de ensaio biográfico, ao passo que **Matas do Sertão de Baixo** (1967) se perfila numa linha de memórias que não se pretendem individuais, antes coletivas, conquanto diversas vezes

[50] Conforme definição apresentada na página 35, na 7ª referêcia.

encontremos o narrador dissimulando-se nas recordações de seu tempo juvenil, para isso recorrendo sempre a imagens pretéritas, por ele acumuladas e recuperadas na senectude.

Segundo Afrânio Coutinho (1970), o gênero memorialístico, no Brasil, parece ter permanecido associado a uma calculada marginalização. Segundo uma faixa da crítica, alguns escritores teriam evitado assentar-se no incômodo genérico, a fim de permanecer no cânone literário vigente. Entendia-se que o memorialismo não se adequava aos contextos do canonicamente consagrado, em consequência refluíam seus desdobramentos, a exemplo da biografia e da autobiografia, considerados gêneros extensivamente impuros e pouco aceitos pela convenção do sistema literário. Desse modo, autores considerados canônicos não se permitiram escrever *(auto)biografias* e não gostavam de ser biografados, embora fossem ou pudessem sê-lo. Pensemos, então, num escritor não canônico, aquele que, em tese, nunca seria escolhido para ser biografado, o que lhe restaria? Provavelmente, as memórias individuais e/ou coletivas, transmutadas em monumentos de si nos textos e contextos que sobrelevem a memória e a recordação do que não desejaria ver perecido.

Importa destacar, ainda, que muitos autores de memórias, no uso estrito do termo, não seriam considerados *escritores*, sendo vistos mais como indicadores individuais que, tomados por um sentimento de pertença do regional e do universal, e absorvidos pelas experiências individuais que os representam, poderiam registrar fatos significativos do seu passado, pretendendo manter um quadro representativo dos contextos histórico-sociais em que eles estavam inseridos, como parece ser o caso de Isaías Alves.

Para nós, a aproximação e a análise das três obras aqui selecionadas, quanto à escolha temática e à voz narrativa, sinaliza para a construção de uma escrita memorialística que se reconfigura num *narrador memorioso,* aplicado a tudo o que escreve e inscreve. Esse narrador está presente em Isaías Alves e assume um caráter valioso, não apenas para a literatura memorialística, pois fortalece a possibilidade de, mesmo numa obra que se transfigura pelo pacto da autorreferencialidade, vislumbrar múltiplas formas de subverter a ordem canônica estabelecida, problematizando as questões relacionadas à figura do autor, sua presentificação ou o seu retorno robustecido pela *escrita do eu.*

Não estamos tratando da figura sacralizada do autor, sustentada por um projeto autobiográfico tradicional, mas de um autor empírico, embutido em toda a ação narrativa e que, de alguma forma, esperamos encontar para solicitar uma entrevista. Embora reconhecidamente importante no cenário da teoria literária, ninguém se ofereceu para abrir essa caixa de pandora, talvez por medo de sortilégios ou por conta apenas da insegurança em

reconhecermos que problematizar o retorno da figura do autor é também problematizar as relações entre o real e o ficcional.

É preciso considerar que a noção de autor foi (re) construída ao longo do tempo, sendo, portanto, fruto de uma cultura, logo, mutável. As três obras conseguem antecipar discussões da modernidade quanto ao lugar do autor no trabalho não ficcional, em contraponto à ficcionalidade e à imensa proliferação, na textualística do último século, da escrita em primeira pessoa. O papel desse autor que ressurge, inscrevendo-se nas narrativas suas ou de outros, como bem antecipara o próprio Isaías Alves, é semelhante ao que testemunhamos na autoficção contemporânea, conforme no modelo de Foucault (1992), que impõe ao vazio deixado pela *morte do autor*, sua substituição pela categoria *função de autor*, a qual se organiza num constante diálogo com a obra seguindo uma diretiva unitária da escritura.

4. 2 VARIANTES DE UM NARRADOR MEMORIOSO

Encorpado por um modelo esfíngico e capcioso de narrador, o relato biográfico e memorial de Isaías Alves exige uma constante atenção. Para não sermos *devorados*, arregimentamos uma recapitulação do seu percurso, tratando aqui do *narrador memorioso* e de suas *variantes narrativas.* Na construção memorialística alvesiana, desdobrada em biografias ou em memórias, entendemos ser uma opção do autor o pretextual disfarce autobiográfico compreendido como método de escrita para gerar e gerir uma formação que encontra, na narrativa, uma importante aliada, possibilitando ao indivíduo narrar-se e inserir-se na sociedade, documentando experiências passadas, revisitadas no presente. Retornamos à análise das obras e suas nuances mais específicas, para melhor identificar o narrador especialista em disfarces relatoriais que, muitas vezes, surpreende o leitor, tal como nos indicam o comentário de Wander Melo Miranda:

> A indagação a respeito de quem fala - se é o autor, o narrador ou o personagem - e a representação do lugar de onde se origina o falar mascarado, isso o texto não se preocupa em responder e busca propositalmente reforçar. Em todo o caso, o eu empírico assim ficcionalizado, literalizado como narrador e/ou personagem, vê-se, na retrospecção deflagrada e no presente narrativo, como outro(s), segunda realidade, objeto de crítica e reflexão distanciado que se confunde com os objetos expostos no museu. Ao colocar-se a si mesmo e a seu produtor como referente e objeto literário de reflexão, o texto libera-se de possíveis significações preestabelecidas e esperadas pelo leitor. Desse modo, passa a funcionar como as esculturas de Calder, que, ao serem desprendidas do chão, podem movimentar-se ou

> serem movimentadas por outrem. Livres da dependência de um centro fixo e de um produtor único, o texto e os móbiles apelam para a participação inovadora do receptor, ao qual também é dada, em virtude do desnudamento do processo construtivo, a possibilidade de produção (MIRANDA, 1992, p. 63).

Assim,independente da classificação que queiramos conferir aos contornos da escrita narrativa assumida por Isaías Alves, reafirmamos que o formato escolhido possibilita nosso conhecimento sobre a história do Recôncavo baiano, o caráter de personalidades brasileiras. E ainda que tenhamos contato com o testemunho, dores e alegrias sugeridas pelo autor enxergamos as obras em análise como contributos valiosos para historiadores, sociólogos, ficcionistas e poetas, mediando estudos através de documentos escritos e narrativas memoriais que ao serem analisados, permitem-nos revisitação aos contextos culturais de épocas passadas.

Em uma de suas mais instigantes postulações, Alba Olmi (2006) entende que durante o transcorrer de sua existência, por mais perene que esta seja, o indivíduo sente uma incontrolável necessidade de narrar-se, como se fosse uma convocação, uma espécie de dever ao qual não deseja se furtar. Assim será o universo memorial de Isaías Alves, que se traveste em pensamento narrativo capaz de recriar, através da linguagem, mundos diversos também comuns à ficção, mas possíveis e verossímeis nas narrativas em que ele, Isaías, aciona outros mundos.

Ao nosso ver, estas narrativas são quase exclusivamente autorreferenciais, e repetidas exaustivamente, para que não se perca da memória do narrador que, o tempo todo, deseja autobiografar-se. Entendemos que tal impulso emerge todas as vezes e que, ultrapassando o relato da vida do biografado, ele se aproxima da sua própria. Nesse sentido, cremos que, explorando acontecimentos que se revelam desencadeadores de um eu que se quer - reconhecido (mesmo que para isso resvale para a descontinuidade da biografia proposta), o autor recorre à memória de outrem para projetar-se em meio à descrição da vida do biografado. Isso ocorre quando ele atribuiu, ao Barão de Macaúbas, feitos ou projetos que são também dele, Isaías Alves. Em outros termos, ao dispor em relevo a grandiosidade do Barão, Isaías se presta ao modelo vivo de exemplaridade:

> Estas palavras eram pronunciadas, três anos após a inauguração de Ginásio Baíano, em 1861. A verdade é a mesma nos tempos de hoje. Há treze anos, mourejo na modéstia de uma casa de educação: só um pai, dentre os de milhares dos alunos que têem cursado o Ginásio Ipiranga, analisou o caráter de dois de seus filhos. Fê-lo com fidelidade, mas não surgiu outro. Quer isto dizer que é difícil aos pais estudar imparcialmente os filhos: olham-nos geralmente com excessiva bondade ou desarrazoado rigor. É regra quase sem exceção (ALVES, 1942, p. 137).

Para Vilas Boas (2007), o objeto principal da biografia é a matéria humana e o que a singulariza, ou seja, o que a caracteriza como gênero não é a coletividade, mas o que a liga a alguém especial, um ser distinto que a si mesmo se protagonize. É ele, Isaías Alves, este pai mencionado quem submete seus filhos aos testes educacionais por ele criados.Não satisfeito, divulga o fato, o feito e os resultados, ainda que sem mencionar-se explicitamente. Logo, todo o extraordinário da personalidade que confere ao Barão de Macaúbas será a ele, biógrafo, estendido. Partindo ainda do pressuposto de Vilas Boas (2007), para quem o biografismo e as práticas narrativas de seleção, descrição e análise de uma trajetória individual, envolvem enfoques e metodologias que permitem sua incorporação nas memórias pessoais, nas autobiografias e nos testemunhos, com Isaías Alves encontramos um roteiro de interesses nos relatos de memórias, nas narrativas sobre vidas individuais, que percorre diferentes modelos discursivos e que desperta amplas discussões sobre as possibilidades teóricas desde que obedecendo à legitimidade dos métodos autorais, suas ambições historiográficas e seus vínculos com os mais diferenciados suportes do automemorialismo ou da autobiografia intelectual.

Entendemos ainda, como Wander Melo Miranda (1992), que a temática privilegiada no memorialismo é mesmo o testemunho de uma comunidade ou as rememorações coletivas, enquanto que a narrativa biográfica deve priorizar a vida do biografado como seu objetivo primacial.Todavia, encontramos, em Isaías Alves, nuances que apontam para a ruptura com o modelo clássico de construção biográfica, contrariando o que era muito comum à época, ou seja, a convenção de enormes e indigestos volumes escritos com pretensões de enaltecer os grandes vultos. A proposta alvesiana cede lugar a um discurso narrativo que transcende as tradições e os modelos canônicos legitimando o biógrafo como sujeito ativo no processo, não apenas de pesquisa, mas de escrita, podendo ainda servir como alternativa genérica para narrar vidas de figuras humanas.

As biografias clássicas recorriam à descrição do contexto histórico em que o biografado ou seus ascendentes estavam inseridos. Isaías, até mesmo pela experiência em escrita biográfica, também começaria operando o modelo segundo elementos clássicos. No entanto, ao invés de narrar o contexto social da vida dos seus biografados, subverteria o gênero, optando pelo canto nostálgico e narcísico ao falar do seu próprio nascimento. Seguindo um viés comparativo, no curso de outras obras, que o autor demonstra a intencionalidade de, ao escrever as biografias, constitui-las em importante relação com a história e a literatura, também refletindo, para além dos traços das figuras biografadas, as

marcas fundamentais da personalidade do biógrafo, o que seria uma marca estilística inalienável do caráter de Isaías Alves de Almeida.

Um ano, após, a Isaías Alves escrever a sua primeira biografia, observemos como Luiz Viana Filho (1943) descreve o contexto do nascimento da personagem biografada, no caso, Rui Barbosa:

> Em 1755, no dia de Todos os Santos, Lisbôa foi destruída por um terremoto. A catástrofe pareceu irreparável. Mas, já descobertas as minas do Brasil, o império Português estava no apogeu e seria possível reconstruir a cidade arrasada. Portugal nadava em ouro. Em 1730, por exemplo, correndo rumores, em Madrid, de se encontrarem vazias as arcas de Lisbôa, D. João V, para desmentir a noticia, apressara-se a mandar à filha, a Princesa das Astúrias, sessenta mil cruzados em barra de ouro. Era ouro do Brasil. Com êle sobrava para edificações monumentais, que inflamavam a imaginação do povo fascinado por esse paraíso distante, donde as embarcações voltavam carregadas do valioso metal, diamantes e açúcar. Desse país longínquo contavam-se cousas maravilhosas, e os portugueses, já menos propensos às conquistas da África e da Índia, emigraram aos milhares para a colônia americana (VIANA FILHO, 1943, p. 2).

Comparemos o pensamento de Viana Filho (1943) com a proposta de Isaías Alves, descrevendo semelhante contexto:

> Um quarto de século transcorreu por sobre a lousa e o primeiro centenário sobre o berço do homem legenda de minha geração. Escutei-lhe o nome em tôdas as bocas, amigos e adversários, como de um gênio que excedia a capacidade social, política e cultural do seu país. A mocidade e os velhos de minha cidade natal, em que a mais larga e mais extensa, a mais aprazível das ruas tinha-lhe o nome insculpido, julgaram-no sempre um luzeiro que iluminava demais, para que pudesse descer aos esconderijos da política ou à planície alagada da existência da vida comezinha do governo. Nasci quando seu vulto assomava decisivo no cenário da monarquia combalida, ao golpe da liberdade dos escravos. Cresci e me entendi aos ecos de suas orações apostolares, a que se juntavam as façanhas do Aquidabã, a auréola da glória efêmera de Custódio de Melo, o heroísmo malogrado de Saldanha da Gama, a inflexibilidade de Floriano Peixoto, a história melancólica do desterro e morte de Pedro II, sempre vivo nos meios rurais que visitei.
>
> Não tive idade para tomar parte nos conflitos de meninos e rapazes de minha terra, armados de pau à influência das revoltas do início da República. Partindo das ruas extremas - Rua de Cima ou Rui Barbosa e Rua de Baixo ou Sete de Setembro - os jovens formavam colunas, devidamente comandados, que vinham chocar-se nalgum ponto da rua da Paz ou Silva Jardim, ou da Rua Direita da Matriz ou 15 de novembro, ou ainda na Praça da Matriz, somente muito depois Luis Viana. Não era, portanto tranquila a figura de Rui no caleidoscópio que se formava na minha inteligência de menino. Ao gênio era sempre unida a ideia de pequena capacidade prática, senão elevado desinteresse pelo bem-estar da comunhão, ou rumos de visionário. Seus imensos discursos embasbacavam, mas por longos em excesso e de linguagem muito elevada não agradavam (ALVES, 1959, p. 09).

Como Rui Barbosa é personalidade muito biografada na história brasileira, é importante registrar que, as variações estilísticas serão comuns. Sabemos que as biografias

não trazem consigo a perfeita exatidão de fatos e nem pretendemos aqui a falível classificação sobre quem a constrói melhor. Melhor demonstrarmos o desempenho de Isaías Alves em tal campo, lançando-se numa proposta analítica que foge aos paradigmas já postos em sua época. Normalmente, os biografados eram delineados tomando como base a sua herança consanguínea, ou seja, a maioria herdava a inteligência do pai, a generosidade da mãe, e com isso víamos definida a importante relação consanguínea a que os biógrafos recorriam para tentar explicar temperamentos, compulsões e até os fracassos do biografado, normalmente visto como gênio ou herói.

O exercício comparativo, logrado nas duas biografias elaboradas por Isaías Alves, auxiliou-nos na percepção de que ele tinha um considerável conhecimento teórico sobre o fazer biográfico. Portanto, se deixava de seguir os modelos propostos, fazia-o com intencionalidade, agindo de forma que lhe parecia conveniente. É fato que tinha uma intensa admiração pelo Barão de Macaúbas - e biografá-lo seria equivalente a construir a sua própria identidade narrativa, uma vez que ambos tinham uma imagem pública paralelamente prejudicada por suas escolhas políticas ou ideológicas: um, por ser o pedagogo da Monarquia, o outro, por ter sido integralista e assimilar em suas obras claras marcas temáticas do pensamento integralista. Nada disso ocorreria com Rui Barbosa, personalidade aceita e admirada nos quatro cantos do Brasil, fato que Isaías Alves tratou, sem sucesso, de desmitificar.

A obra de Isaías Alves tem, assim, uma estreita relação com a História, mas inicialmente, uma história didática sistematizada. No evoluir do contexto social, esta obra estabelece um diálogo interhistoriográfico, fundadas as suas bases na nova história francesa e, com isso, encontrando a libertação para personagens biografáveis, os quais ficaram alienados entre a história coletiva e os indivíduos. Dessa maneira, as personalidades históricas, biografadas ou biografáveis, exprimem, em termos de temperamento e modelo, as aspirações que o biógrafo considera importantes para o povo, somadas ao cotidiano simples do indivíduo validado como importante contributo histórico-narrativo, podendo recorrer, tanto ao documento oficial, quanto aos registros diversos, na tentativa de narrar uma vida. Com isso, compreendemos que Isaías Alves reajusta uma linearidade que se diferencia das propostas biográficas existentes, inovando no desempenho narrativo que desempenha, inclusive, por uma relativa aproximação com o projeto ficcional.

Todavia, não havendo uma brusca ruptura com o formato clássico da biografia, ele a redimensiona, reinventando a análise da *persona*, transformando o relato e os feitos narrados em ações humanamente possíveis de serem alcançadas, delas extraindo, ou melhor, subtraindo

o invólucro de heroicidade antes conferido aos biografados. Também não trata, essa escrita, de uma *antibiografia*, pois o autor reconhece a significação do biografado, cujo latejamento reside justamente no fato de confirmar o biografado em seu espaço de importância, bem como constituir outras narrativas biográficas, no mesmo texto, pondo em evidência *multibiografias* e revelando um mosaico de experiências vivenciais coincidentes nas histórias do biografado e do biógrafo. Eis o que documenta em **Vocação pedagógica de Rui Barbosa:**

> A análise de Swift traz-nos períodos que são perfeitamente adaptados a Rui, que estuda o autor das viagens de Gulliver, aos 38 anos de idade. Já era uma expressão nacional, politica, pedagógica e literária no Brasil, e não sabemos quando começou pelo britânico a admiração e o culto do brasileiro, quiçá desde a infância. Seu ensaio é, todavia, tão profundo que a apresentação das semelhanças e diferenças das duas vidas será útil ao juízo da mocidade e à interpretação dos rumos de Rui (ALVES, 1959, p. 64).

Destacadas personalidades do mundo político, jurídico e sociocultural são solicitadas por Isaías Alves para que o autor cumpra sua proposta ensaística de biografar Rui Barbosa.Por parte do autor,existe mesmo, um reconhecimento implícito de que ele se alonga em ensaios sobre outras personalidades, ao reconhecer a intencionalidade do voluntarismo, “deixando ao leitor o interesse pela vida particular de Swift...” (ALVES, 1959, p. 64), assim como, depois de tratar, em longos parágrafos, sobre a vida de James Mil, concluir: “já o vimos e já o comparamos com João Barbosa” (ALVES, 1959,72). Descrições didáticas e valiosas, sobre diversos autores, deliberadamente recorrentes o mais curioso é que, dessa sequência de vidas emparelhadas, parece-nos fazer com que Rui Barbosa se torne um mero pano de fundo, conforme o final do parágrafo em que sentencia: “Outro homem que sabia e fazia. Era Abílio César Borges” (ALVES 1959, p. 72), em uma biografia destinada a Rui Barbosa... Essas multibiografias, somadas à deliberada inscrição narrativo-pedagógica, constituem uma espécie de nítido reconhecimento do pensamento narrativo em que o *narrador memorioso* implícito em Isaías Alves se coaduna com o que nos assegura Olmi, “contar histórias, a respeito de si ou de outros é com certeza uma maneira natural e precoce de organizar a experiência e o conhecimento” (OLMI 2006, p. 31).

Sem sombra de dúvida, tal disposição narrativa presentificada em Isaías Alves é, um compósito de elementos recorrentes também na ficção, constituindo-se como o mais apurado esforço com a linguagem, com as imagens e com as (re)*invenções do cotidiano.* De forma muito especial, com a memória autobiográfica. É a ela que o *narrador memorioso* recorre para tecer os fios simbólicos de um relato que se imbrica e organiza microcosmicamente, numa espécie de refino de criação e de crítica. Assim, representa-se assim uma das formas de

impossibilidade do ato de (auto)biografar, já que as histórias se submetem ao olhar de quem interpreta, escreve e se inscreve nos diversos momentos em que a escrita alvesiana se reconhece, apurando os limites (auto)biográficos, trabalho que envolve tambéma memória e a ela agrega tudo, em importância complementar, com o passado e com a nossa capacidade de recriar histórias, tornando os mundos possíveis e revelando também os seus artifícios. O próprio Isaías quem assim se dissimula[51]:

> **Seria imperdoável esquecer** entre os mais eminentes colaboradores de Abílio os dois ilustres e virtuosos Arcebispos desta Arquidiocese, D.Romualdo Antonio de Seixas, Marquez de Santa Cruz, e D. Antonio Macedo Costa, que o foi [sic]ainda ver - nos últimos anos de sua vida no remanso de Barbacena (ALVES, 1942, p. 121) (grifo nosso).

Ou assim:

> **Não nos lembraremos** aí que Rui defendeu um deputado adversário, e recusou um ministério para que foi convidado insistentemente, que desprezou a amizade de Floriano, na hora grave da consolidação da República, que fugiu de Afonso Pena, de Campos Sales, de Prudente de Morais, e não procurou conservar a velha amizade do Marechal Hermes, para ficar sempre ao lado dos princípios, confessadamente recebidos de seu pai? (ALVES: 1959, p. 67) (grifo nosso).

Ou ainda:

> Da tragédia, **silenciava meu pai de conversar**, mas, quase nonagenário, fêz-me uma revelação sobre o pai: "Manoel Firmino, o velho, dizem que era um homem que fazia figura. Dizem que foi o concunhado que mandou matar. [...] Quando me viram, pararam. O vaqueiro do Campo Grande pilheriou comigo sobre o falado casamento meu com uma das primas. Suprimimos três nomes que o ancião pronunciou (ALVES, 1967, 142) (grifo nosso).

Os nossos grifos acompanham a narrativa memorialística de Isaías Alves apontando-lhes três artifícios da memória: *deslembrar*, *fingir* e *silenciar*. Isaías faz isso de forma quase anedótica, deixando clara sua intencionalidade de produzir um texto, explorando mais de uma provocação quanto à sua condição de autor, cujas marcas estão implícitas ou explicitas ao longo de cada texto. De quebra, aponta-nos para o perigo que é o esquecimento.

É assim que entendemos as constantes incursões autorais por uma memorialística que se desdobra em *(auto)biografia*, mas que, acima de tudo, pretende ser memória como possibilidade de(re)escritura do passado. Querendo salvar-se da morte simbólica, ou seja, do *deslembramento, s*eja ele intencional ou não, é essa a maneira pelo qual o escritor encontra

[51] Os trechos a seguir obedecem rigorosamente a grafia e a escrita originais.

para salvar-se: inscrever vidas, escrever sobre elas e, consequentemente, inscrever-se nelas a ponto de empenhar-se como antes fizera Proust, agarrando-se à memória como a única redenção do esquecimento. O narrador se disciplina, organizando fragmentos de vida e obra de seus biografados, ou dos relatos sobre o Recôncavo, onde se fez indivíduo e evocação, gerando frequentes ilações com temáticas caras à vida cotidiana de sua região, aqui e ali tecendo histórias ou reinventando-as:

> Santo Antonio de Jesus é um horizonte aberto e luminoso, sem morros empinados ou vales de covis de gente. Desde o subir a Caixa d'Agua, tudo se alegra, enquanto o fracasso do trem ecôa mais vivo, pelo arvoredo esbelto onde as palmeiras assomam esbeltas linheiras no alto plano do casario desperto. E não surge de repente. Não se esconde a cidade em mataria, para mostrar-se tímida aos visitantes. Sorri de longe ao viandante de carril ou a cavalo. À distância, tem-se luzinha guiadora, por sobre os vales de Jequitibá e do Sururú ou pelas baixadas do Mutum e Taitinga ou, bem perto, do Riacho ou da fonte Santo Antônio. É o Norte e o Sul da cidade aberta aos ventos frescos do Leste e aos úmidos e frios do Sul. Ela toda desdobrava-se no planalto e agora estende-se em ruas novas, construções modernas, no surto rodoviário que a engrandece. Os rapazes nasceram e cresceram, vendo o correr do trem e pensando na rapidez do telegrama, nos fios sempre à vista, nos postos onde punham o ouvido, para calcular a distância em que vinha o trem. Grande mocidade voou aos colégios da Bahia, desde o fim do século e começo do presente. E as almas criaram-se, sonhando com terras distantes, novos mundos agitados, sugeridos pela chegada viva do comboio e despedida saudosa do apito da tarde (ALVES, 1967, p. 292).

São essas variantes expressivas, num texto memorialístico, que assumem desdobramentos inovadores a cada tempo e obra. Comecemos pela proposta de escrita biográfica, na qual, invariavelmente se encerra um rico material de análise. Se levarmos em conta o emblemático ano de 1922 - anos da Semana de Arte Moderna, e em que Isaías Alves publica a primeira edição da **Vida e obra do Barão de Machaubas**, seu primeiro experimento de caráter biográfico - veremos que ele, de certa forma, já será moderno na assunção de um modelo de escrita que, mesmo não sendo de ruptura absoluta com a prática do gênero, veiculará mudanças sensíveis em sua concepção, traduzida num serviço à história, em busca de verdades comprovadas documentalmente, envolvendo a vida de determinados indivíduos.

O longo e sinuoso percurso da biografia é entendido por Madelenat (1984) como portador de estigmas que partem do modelo clássico ao romântico, atravessando dois séculos de evolução na forma de narrar vidas. Contudo, o mesmo Madelenat considera que a grande transformação, de fato, somente ocorrerá a partir dos anos setenta do século XX, quando os campos da história expressarão alteridades, mediante revalorização da análise qualitativa e a retomada das experiências individuais. Com isso, voltam à cena os relatos pessoais, os

depoimentos e as histórias de vida, fazendo a biografia ressurgir, numa dimensão mais relativizada, e ainda assim, acrescida da pressuposição de verdade, elemento que implica ligá-la à história.

É com essa proposta de criar o efeito do vivido que os recursos retóricos presentificados na narrativa biográfica trazem à tona figuras ilustres que têm suas vidas narradas em percursos ora muito próximos dos discursos históricos e seus métodos de validação, ora distanciados. Assim testemunhamos controvérsias entre escritas biográficas de uma mesma personalidade, o que motivou, durante muito tempo, querelas teóricas, conforme podemos perceber, quando confrontando as ideias do biógrafo Luiz Viana Filho no livro **A verdade na biografia,** de 1945, importante contributo para os estudos do gênero na bibliografia brasileira, a primeira parte destinada a conceituar os principais tipos de biografias existentes e a segunda parte disposta a discutir e a rebater as críticas feitas por Homero Pires ao seu estilo de biografar. Pires criticou a biografia feita por Luiz Viana Filho sobre Rui Barbosa, acusando-a de lacunosa e carente de comprovações documentais. Indignado com as acusações, Luiz Viana Filho devolve o arrazoado com o intuito de provar o quanto tinha conhecimento sobre o tipo de escrita. O tom assumido, na obra de Viana Filho (1945), é ríspido e beira o território das ofensas intelectuais.

Atentamos para as marcas temporais, inscritas na querela, embora tenhamos observado a ocorrência de grandes variações no gênero, variações atreladas a mudanças históricas. Percebe-se o quanto é difícil aceitá-las ou aplicá-las ao fazer biográfico, principalmente quanto às marcas individuais das escritas e suas respectivas interpolações às vidas narradas, conforme nos adverte Viana Filho (1945):

> E isso, sobretudo, para que nos nossos julgamentos, não incorramos no erro de exigir dos autores aquilo que não desejaram fazer, nem eram obrigados a realizar. No entanto, embora isso nos pareça exato, nada nos impede que procuremos saber dentre as modalidades do gênero biográfico, qual a mais capaz a mais apta a realizar as próprias finalidades desse gênero (VIANA FILHO, 1945, p. 15).

Retomamos aspectos já abordados no primeiro capítulo desta tese,concernente à classificação da biografia segundo parâmetros elencados por Luiz Viana Filho, os quais resumimos em quatro grandes grupos: a) a simples cronologia de fatos relativos a alguém; b) através da vida, o estudo de uma época; c) a descrição de uma existência e a apreciação crítica sobre uma vida previamente distinguida; e d) a narração biográfica constituindo o objetivo primacial de uma visão de mundo (VIANA FILHO, 1945, p. 13). Nesse aspecto, é importante salientar que a escrita de Isaías Alves assenta-se nos quatro grupos, ampliando-os um pouco

mais, pois presentificada no tempo e tecendo, a partir da narrativa sobre alguém, autoexplicitações que geram imagens e fatos em torno si. Mesmo cumprindo, como biógrafo, o princípio basilar dos estudos biográficos, sugerido por Vilas Boas (2002), naquele em que o biógrafo escolhe, para biografar, indivíduos, heróis ou bandidos, os quais lhe mereçam o respeito, Isaías Alves avança nos objetivos, inclusivamente representando-se na protagonização das ações e eventos narrados, deles se apropriando para emitir comentários e suscitar debates.

Se Isaías faz uma opção acertada não sabemos. O certo é que ele, muito consciente, escolhe educadores para biografar, aproximando as experiências narrativas para fazer ponte entre biógrafo e biografados, apostando num modelo de biografia que propõe o exame e o autoexame na construção do saber coletivo, realizando, na prática o que Vilas Boas (2006) configura como *metabiografia.* Extrapolando o simples relacionamento entre sujeito-sujeito e objeto, além de personificar o leitor como interlocutor e possível biógrafo, já que ele é convocado todo o tempo a participar, de forma ativa, do pacto de factualidade ou verossimilhança, Talvez pela primeira vez, na literatura brasileira, deparamo-nos com um formato de biografia, seja em **Memórias do Barão de Machaubas,** seja em **Vocação pedagógica de Rui Barbosa,** que problematiza, não só o ato de biografar, como o próprio sujeito biografado. Leiamos um trecho do primeiro:

> Abre-se-lhe a segunda fase da vida. **Infelizmente não conseguimos o segundo relatório de 1857, ao grande estadista liberal Cansanção de Sinimbú**. As ideias contidas no primeiro dão, todavia as justas proporções do entusiasmo e devotamento com que exerceu o novo diretor dos Estudos as altas funções do seu cargo. Das mais gerais às mais particulares, todas as questões ligadas ao ensino foram ventiladas e discutidas com o maior desassombro e elogiável franqueza, quase todas com perfeito senso pedagógico (ALVES, 1942, p. 23) (grifo nosso).

Agora, do segundo livro:

> **Seria alongar demais este trabalho reproduzir, em trechos épicos**, os exemplos de linguagem e de coragem cívica, quase temeridade, que encheram os últimos vinte anos de monarquia e trinta e quatro de república. Sua produção está em antologias e na bibliografia que a "Casa de Rui Barbosa" coordena e publica, num trabalho monumental digno da vida do seu imortal patrono (ALVES, 1959, p. 235-36) (grifo nosso).

Nas duas citações, impõe-se a presença de um elemento muito importante na produção alvesiana: a consciência de que a biografia deixa de ser uma mera apologia dos indivíduos, ou narrativas monótonas que tratam de meros episódios descritivos sobre a vida

de alguém considerado importante, passando a aventar possibilidades intencionais, também demarcando lugares para o autor e também para o leitor. Isaías Alves não se esquiva a análises nem a circunstâncias eventualmente embaraçosas às conclusões que seriam seu objeto. No primeiro trecho, ele confessa não ter encontrado um dos volumes, que mostraria parte da ação do Barão de Macaúbas. No segundo, lamenta a lacuna proposital de trechos importantes da vida de Rui Barbosa, justificando que foram suprimidos para não alongar o ensaio. Mais do que uma simples confissão de falha, relativiza que aceitemos, ou não, o retrato traçado pelo biógrafo, ele próprio acusando-se de deliberada omissão. E por mais convincente que nos pareça, ao apresentar-nos as personagens biografadas como retratos aceitáveis, investe numa honesta disposição, franqueando-nos a possibilidade reflexiva, mesmo através de claras lacunas biográficas. Tudo isso é bem orquestrado e, não sendo fácil de ser percebido, abre clareiras na tentativa de que aceitemos o biografado, pois, afinal, não o aceitar corresponde à rejeição do biógrafo, uma vez que, conforme adverte Edgard Cavalheiro,

> O condicional é nosso, pois Ludwig é categórico e conclui que o biógrafo não é mais do que um intermediário que toma pela mão direita o herói e pela esquerda o leitor, fazendo passar por seu próprio corpo, ao deste, as correntes elétricas que se irradiam daquele (CAVALHEIRO, 1946 p. 47).

Embora tenhamos, até aqui, nos detido nas obras de Isaías Alves com características de escrita *(auto)biográfica*, seu trabalho de cunho memorialístico - **Matas do Sertão de Baixo** (1967) - é obra que arregimenta para si e seu autor a rubrica de valioso documento historiográfico e sociológico, tido por alguns como muitíssimo superior a todas as outras. A produção dessas memórias alvesianas não se limita à história individual, mas organiza-se em tônus que permite ao autor constituir-se identitariamente, bem como, revelar a identidade profunda de sua ambiência natal e da região conhecida como Recôncavo Baiano. Claro que as três obras representam verdadeiros mapeamentos, legados históricos e memoriais realocados pelo conteúdo documental que nos instiga com sua estrutura estético-estilística inovadora, para um autor que ainda não se constituía como escritor e que nos surpreende com uma aprofundada restauração de memória social em obra cujo resultado final não se coloca como trabalho de amador. Isaías Alves junta, ao ato de lembrar, o reconhecimento social da importância do passado, a ele entoando loas e pondo-o sempre em relevo, no cada vez mais irrecuperável gesto de desconfinamento de narrativas sobre os outros e sobre si e seu entorno.

O empenho em cantar o passado exigiu do *narrador memorioso* um projeto engenhoso para convencer o leitor e com ele partir por viagens sentimentais, aproximando assim,a todos, afetivamente do passado, como emblema e matéria da experiência narrativa com o tempo, através das evocações e das lembranças. A esse prpósito, diz Isaías :

> A viagem sentimental é pela segunda metade do século XIX e primeiros decênios do XX, que avança célere pelo terceiro terço, tão cheio de transformação do mundo, como é possível prever. Cada século traz uma missão, entre lances de ciência e desvairamento de filosofia, com as dôres que sofrerão os povos. O passado, todo romântico das grandes cidades será para nós agreste, laborioso (ALVES, 1967, p. 42).

O trecho acima, encontramo-lo em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), mas repetem-se, nas três obras em análise, em estruturas bem elaboradas, com linguagem expressiva e características singulares da retórica memorial, agregada a uma dinâmica pedagógica que equilibra a verdade da história e o valor da técnica literária, além da já apregoada e dialógica *conversa com o leitor*. Vale salientar que mais de vinte fragmentos das três obras apresentam essa consciência de Isaías Alves em relação ao leitor – que, para ele, nunca será um leitor passivo e neutro, mas um interlocutor sensível e interessado, se não, pesquisador, certamente acessível ao encontro com o passado,através de documentos revisionais desse passado, em obras que os façam sempre prontos a embarcar numa viagem iniciada pelo autor, como peça sentimental, ao mesmo tempo em que assume o épico de testemunho de uma época. Isaías Alves não pretende deixar dúvidas sobre sua condição de autor, mas faz isso de forma a requestar também a consciência do leitor, assumindo a condição do diálogo e requerendo parceria e cumplicidade para o que demarca nas três obras onde se pode ler trechos,como os abaixo com a singularidade espaço-temporal e contextual em que cada um aparece:

> Ao finalizar esse primeiro esboço da vida do patriarca da educação nacional, fizemos adrede uma alteração em nosso plano e deixamos para aqui as referências ao "método Macahúbas" [...] Veja-se a Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia n.º 50-1925 (ALVES, 1942, p. 102).

> [...] É claro que a vida independentemente[sic], às vezes licenciosa, distraída de externato não é a que mais lhe convém. (Permita-se aqui chamemos a atenção do leitor para a frase virgulada de João Barbosa: indicará seu espírito dogmático?) (ALVES, 1959, p. 80).

> Afinal, concluímos as viagens sentimentais na casa de um descendente de Manoel da Cunha Fróes de Almeida, cuja ligação com o tetravô não se recobrou ainda. [...] Nossa tarefa parece terminada[sic] outro a retome e preencha as lacunas que o tempo vencerá (ALVES, 1967, p. 196).

As teorias até aqui inconclusivas, no que se refere à *(auto)biografia* ou a memória, atentam para a necessidade de uma sistematização da narrativa biográfica brasileira e alertam para o fato de os autores usarem elementos da ficção para transcreverem a história da vida real. O recurso retórico utilizado por Isaías Alves é a constante e sinuosa conversa com o leitor, um recurso de natureza dialógica, a que ele recorre no intuito de intermediar o projeto histórico e a construção plurissignificativa da narrativa memorialística.

Booth (1980) prioriza a conversa com leitor como um dos muitos recursos retóricos de que o autor lança mão para exercer um cuidadoso controle sobre o grau de envolvimento, ou não, do leitor, em relação ao material narrativo, de forma a assegurar certa cumplicidade entre o autor implícito e a personagem biografada. Isaías Alves quer que gostemos do Barão de Macaúbas, deseja muito que o aceitemos, ao tempo que nos incita a investigar criticamente a personalidade de Rui Barbosa, fora do campo educacional. Para isso, não mede esforços no compartilhamento com o leitor de certos trechos ambíguos, imiscuindo-se intensamente com as escolhas do leitor

Esse modelo de biografia interfere nas emoções e assim decide, pela consciência autoral ludicamente imposta ao leitor, investir em sua identidade de leitor-pesquisador atento e interessado na proposta de aventurar-se pelos acertos e errâncias da personalidade biografada. Sequencia, assim, um duplo torneio entre o *autor/empírico* x *autor dramatizado,* que se transmuta na figura do narrador. Este, por sua vez, estabelece uma teia retórica que ultrapassa a conversa com o leitor e avança para quadros e sumários que configuram a cena, tudo relacionado ao campo educacional. Em outros termos, a voz narrativa, presente nas obras, carrega implícitamente uma identidade pedagógica que se inscreve pluralizada nas personalidades do Rui educador e do Barão de Macaúbas, sob o crivo do narrador - professor ancião que, em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), transfere ao leitor as falas e sentimentos de um *autor dramatizado:*

> Dos elementos da fazenda de escravos, restam as senzalas, correr de casas no alinhamento da casa de farinha, uma sala de tronco e a sala da escola, em que aprenderam os filhos do fazendeiro. O professor era um leigo que, por alimentação, morada e alguns mil réis por mês, ensinava a ler, escrever e contar precariamente meninos e meninas. O tronco está hoje no Museu do Estado, oferta da família, **por nosso intermédio** (ALVES, 1967, p. 46) (grifo nosso).

As relaçõesações autor-leitor não se resumem nos diálogos e interferências autorais, com o biógrafo ou o memorialista indicando o percurso a ser seguido. O jogo é bem mais elaborado. Apresentados ao leitor dois tipos de diálogos, uns são montados em frequentes

notas de pé de página, ocasião em que o leitor fica informado sobre diversos aspectos extra os contidos no corpo do texto. Ou seja, o autor empírico indica seu lugar presumível restrito àquele espaço. Mas, a todo o tempo, somos surpreendidos pela dicção autoral, utilizando-se do mesmo recurso aplicado nas notas, só que no próprio discurso, encenando o lugar de autor-escritor numa (e pretextual) terceira pessoa, inaugurando uma espécie de *sessão inicial* prévia dirigida ao leitor, em que o narrador assume um compromisso de comportar-se coerentemente, a ponto de o leitor não duvidar que, independente da pessoa pronominal apresentada, o ele/nós do decorrer do texto é semelhante ao nome escrito na capa, conquanto esse nome não mais se repita nas folhas internas do livro. Eis uma amostra desse estilo de escrita em Isaías Alves:

> Em 1938, um malfeitor assaltou, numa manhã de sábado, a própria Mãe do Interventor no Estado, em pleno Estado Novo. O facínora penetrou cedo, subindo aos aposentos e arrastando a velha de setenta e dois anos escada abaixo, deixando-a como morta. Seu intuito era latrocínio, mas foi preso e condenado. A velha, trazida ao Sanatório Espanhol, no dia seguinte, convalesceu e ainda viveu oito anos, para morrer de edema pulmonar agudo, por demorar a chegada do socorro médico. Do criminoso não a defendeu a polícia, como não a salvou a ciência, oito anos mais velha (ALVES, 1967, p. 91).

O trecho citado não informa o que pelo extrínseco textual somos sabedores: Isaías Alves era irmão do “Interventor do Estado”. Logo, ele fala da mãe sob um ângulo de indeterminação tão neutro, quanto exasperador. Isso só nos faz ratificar a certeza de que a mudança de pessoa, a indeterminação ou a personalização, no corpo do texto, é um recurso retórico recorrente , já que ele, Isaías, poderia usar as notas para referendar a sua condição de autor. Esse jogo, conhecemo-lo da ficção - o estranhamento - ocorre, porque estamos lidando com recursos retóricos em obras e pactos de leitura que exigem certo comprometimento de fidelidade contratual, conforme nos assegura Lejeune (2008), de que a *biografia* e a *autobiografia* se propõem submeter-se à prova de verificação por parte dos leitores.

Assentar as três obras aqui estudadas como (auto) biográficas atenderia à convocação de Elizabete Bruss (1974), realizando o que ela denomina de *ato autobiográfico*. Bruss toma como medida a consciência do gênero por parte do autor, na medida em que ele percebe ter o público leitor compreendido a sua proposta de escrita, o que leva-o a reduzir os sinais externos designadores da especificidade de sua elocução. Isso nos faz convictos de que Isaías Alves, não vacila na sua proposta de escrita. Ele pretendia narrar sua gente e seu povo, mas desejava também - e de forma intensa e permanente - contar a sua história individual. Logo, nele estava, radical, a certeza da transgressão do gênero, o que fica evidente nas marcas

linguísticas textuais, seja pela escolha de pessoa, na voz do discurso, seja pelas impressões de memórias desenvolvidas em que ele se aproxima e se distancia dos fatos narrados. Assim prevenido, ele queria manter o pacto de referencialidade, embora se traindo e mostrando que muitos episódios narrados eram experiências individuais que, a todo custo, queria tornar públicas como uma forma de discreta epifania e perpetuação de si.

A estrutura narrativa presente em **Vida e obra do Barão de Machaúbas** (1942), **A vocação pedagógica em Rui Barbosa** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo,** (1967) é uma clara demonstração de que a história coletiva pode ser representada por um só indivíduo. Ao vermos reencenadas a vida do Barão, de Rui e do próprio Isaías Alves, cremos também revista a epopéia da educação brasileira. Escrita e desempenhada por quem narra uma vida, ao tempo em que canta uma nação. Para assumir esse compósito de escritas de vidas, Isaías Alves movimenta constantes relações entre o tom didático-histórico ao ficcional, narrando feitos que se dicotomizam pela dubiedade do relato ou pelo fato histórico devidamente comprovado e com uma referência histórica a ser consultada. A seleção dos fatos é muito bem desenhada, pois dialoga com o interesse do leitor em sua faina de redescobrir o Brasil, valorizando esse tipo de produção que reinventa a História por intermédio de outras modalidades narrativas. Logo, temos, assim, um fazer biográfico, que funcionava como um mecanismo capaz de instruir leitores na gramática normativa dos saberes específicos da nação, projeto estabelecido e assumido entre as décadas de 1920 a 1930.

Almejamos, até aqui, apresentar, em linhas gerais, aspectos da construção narrativa de Isaías Alves que o inscrevem como o memorialista que criou alternativas, através das suas evocações pessoais, a fim de reviver momentos históricos do seu tempo. Persuadindo o leitor a acreditar nessa proposta saudosista, que ressurgia de seus escritos, e para conseguir esse intento, combinando elementos narrativos diversificados, Isaías Alves priorizou certas temáticas, experimentando os mais distintos recursos retóricos, tudo mobilizado para que ele fosse percebido como o grande intelectual que foi, como também para promover o *deslembramento* de sua atuação como integralista - ironicamente o fato que mais o faz ser lembrado.

4. 3 ISAÍAS E BARÃO DE MACAÚBAS: DIÁLOGOS ENTRE EDUCADORES

Vida e obra do Barão de Macahubas, publicada inicialmente em 1924[52], com o título **Esboço da vida e obras do "Amigo dos meninos", Dr. Abílio César Borges, Barão de Macahubas:** é um mosaico sobre a vida do educador Abílio César Borges – o Barão de Macaúbas - ao tempo que reproduz o cenário da educação brasileira no período. A narrativa sobre a vida do Barão contém elementos muito próximos da trajetória de vida do próprio Isaías Alves, ambos apaixonados pela Pedagogia, ambos bacharéis que não exerceram plenamente as suas formações, devido ao verdadeiro sacerdócio a que se predestinaram. As concepções deles sobre educação se assemelham bastante, além de um estilo de relatórios tornar-se prática muito comum na atividade gestora de ambos. Outra coincidência de aproximação entre os dois é que Isaías Alves, em seu tempo, também possuiu um estabelecimento educacional, o famoso Colégio Ipiranga, responsável pela formação de expressivos nomes da intelectualidade baiana, a exemplo de Jorge Amado e Adonias Filho.

Através de Isaías Alves, conhecemos o modelo de educador que, ao ver do biógrafo, Abílio César Borges foi, alguém muito comprometido, construindo com intensa participação as melhores propostas pedagógicas do país. Isaías descreve-lhe os métodos e as ações, bem como, sua atuação efetiva, seja através de publicações, seja com propostas de leis nos diferentes conselhos governamentais de que fez parte, seja em viagens internacionais, para estabelecer bases comparativas da educação, ou nos exercícios de tradução de obras como **Os Lusíadas.** Ao reconhecermos tais características, logo nos fica a impressão de que tais qualidades estavam sendo atribuídas por Isaías Alves ao barão, mas vislumbrando-as como similitudes às suas próprias, uma vez que ambos buscaram ampliar a educação brasileira, adequando-a a reformas coerentes com a nossa realidade. O Barão procuraria adaptar suas ideias e seus métodos, as mudanças pedagógicas propostas, para tanto, empenhando-se, por mais de duas décadas, em lutas pelo ideal de ver a educação brasileira ser mais assistida pelo poder público.

Como afirma Isaías Alves, o Barão era considerado o pedagogo da Monarquia, tendo conseguido, junto ao Imperador, importantes apoios para suas teses. Articulado com o governo e com a imprensa, soube utilizá-los, não só em função dos objetivos pedagógicos, como também para difundir discretos princípios republicanos. Por ocasião da Guerra do

[52] Salienta-se que a primeira edição do livro ocorre da no centenário de nascimento do Barão de Macaúbas. Trataremos mais detalhadamente de Abílio Cesar Borges no capítulo seguinte.

Paraguai, Abílio César Borges, conclamaria o povo a lutar pela soberania brasileira. Segundo o biógrafo Isaías Alves o comprometimento patriótico do Barão seria tamanho que ele chegou a patrocinar, assim como o fizera com a distribuição dos livros, um batalhão partidário do Abolicionismo, fundando mais tarde uma associação denominada "Sociedade 7 de setembro", responsável pela publicação do jornal O Abolicionista, com indícios de seu empenho na luta pela formação de homens livres, num país também liberto da pecha do escravismo.

O espaço virtuoso que Isaías Alves impõe ao nome e do papel desempenhado pelo Barão de Macaúbas antecipa-nos, contudo que, mesmo assumindo uma postura laudatória na relação com o biografado, ele direciona o leitor para pensamentos do Barão dos quais discorda, ou então aponta fragilidades nas propostas pedagógicas apresentadas em relatórios, utilizando-se de expressões indicativas de divergência entre os conceitos seus e os de seu analisado, em sentenças como "nesse assunto ele foi superficial"; (ALVES, 1942, p. 101); "eis aí uma lacuna" (ALVES, 1942, p. 30) etc. Com isso, impôs independência e autonomia em sua identidade de exímio pesquisador da história da educação brasileira.

Composta por nove seções ou capítulos,a *vidobra* do Barão de Macaúbas propõe mapear aspectos significativos da vida do ilustre educador, desenhando-se em formato inovador. Podemos iniciar nossa leitura por qualquer seção da obra, sem que isso prejudique o entendimento, sobre a vida do biografado. Isso, é claro, não traduz nenhuma novidade, já que autores, a exemplo de Machado de Assis, elaboraram propostas renovadoras, contendo capítulos independentes ou rupturas cronológicas estilísticas, ideológicas, formais etc. Mas o fato de a obra de Isaías Alves pretender-se formalmente concebida segundo modelos canônicos, praticando um esboço de ensaio biográfico e em segunda edição, será lógico supor uma certeira e direta inovação, uma vez que a proposta metodológica para obras dessa natureza, além de exigir didatismos indispensáveis ao formalismo conceitual, não parece ter como objeto a primazia de qualquer signo de sedução ao leitor.

Como observa Vilas Boas (2006), descrever a ascendência/descendência torna-se aspecto extremamente significativo para iniciar uma biografia, pois a família é considerada como marco zero da origem da vida biografada, não apenas para fornecer registros informativos, mas para, de alguma forma, explicitar ou justificar temperamentos. Desse modo, as biografias consideradas clássicas devem, ao menos, obedecendo a criterioso rigor metodológico, devem ao menos, começar pelo nascimento do biografado e daí, seguir o sincronismo entre nascimento, vida e morte. No entanto, Isaías Alves rompe com essa perspectiva linear e, já no prólogo de sua obra, celebra a poética da memória revisitando o seu próprio tempo histórico (que não é o mesmo do Barão), apresentando-se como

educador/formador de professores e descrevendo o motivo que o fez decidir-se pela publicação da biografia de Abílio Cesar Borges:

> Certa vez, em um curso de aperfeiçoamento de professores do Distrito Federal, lemos algumas frases de Macahubas e pedimos às educadoras que nos indicassem o autor de cada pensamento. Surgiram os nomes de Dewey, Thorndike, Ferrière, Kilpatrick, e outros notáveis educadores modernos. Grande foi a surpresa quando apresentamos as obras originais de Machaubas em 1882 e 1883, acerca da "Lei nova do ensino infantil" e do ensino da aritmética. O brasileiro eminente era desconhecido. Os estrangeiros mais modernos dominavam, com as ideias que ele defendera e propagara, a atenção dos mestres da infância (ALVES, 1942, p. 6).

Situando-se memorialísticamente no contexto histórico da segunda metade do século XIX, Isaías analisa as influências europeias na educação brasileira, bem como critica as ideias educacionais por ele consideradas superadas. Poderíamos, então, entender, no interior uma estrutura de escrita biográfica, como algo normal contextualizar o século do biografado. Uma vez que o biógrafo se insinua como *autor empírico* dramatizado em narrador, não estamos mais falando de simulação de autobiografismos, mas de uma performance narrativa, elaborada através de um jogo linguístico discursivo que eventualmente traduz em personificação autoral -, tudo aquilo que apreende. Num subcapítulo intitulado **Universidades,** em que Isaías Alves declara ser "razoável um exemplo", (ALVES, 1942, p. 9) presentificando-se nesse exemplo a pessoalidade do narrador, deixa clara a sua incontornável carreira afeita a um destino histórico dotado de sentido e direção comum às grandes figuras portadoras de virtudes exemplares, ele mesmo, Isaías, então incluído:

> Quando, há quinze anos, a mocidade brasileira, em prova admirável de sua constância e tenacidade, congregou em São Paulo os seus representantes em todo país, os fanáticos do comtismo bateram-se corajosamente contra a creação das universidades, que eram para eles o baluarte da autocracia napoleônica do escravismo intelectual, nova Bastilha nas plagas da livre América. E' que a França havia temido ver mais uma vez suas Universidades nas mãos do poder como instrumento o governo (ALVES, p. 10-11)[53].

Um claro movimento de composição entre as personalidades de Isaías Alves e Abílio Cesar Borges, passa a constituir o objeto da obra biográfica, pondo em relevo as duas faces de uma mesma moeda, traços a ambos comuns e similitudes, nas ações de coragem, engajamento, generosidade e empenho patriótico - elementos fundamentais nas distintas trajetórias. A fim de legitimar tais aproximações e caracteres, Isaías Alves não se furta a

[53] Ele foi delegado/representante da turma de Direito,conforme documento apresentado no II capítulo p. 69.

elevar-se, junto com o biografado, como figura central de episódios, julgados por ele como valiosos para o cenário educacional brasileiro.

Valendo-se da memória impregnante da recordação, o biógrafo do Barão de Macaúbas participa ao leitor seu envolvimento pessoal em lutas sociais, a exemplo daquele em que solicita a implantação da faculdade de filosofia e filologia no Brasil e na Bahia. O jogo especular instiga o narrador, que não se contenta em ser apenas biógrafo. Ele se insinua e nos convence, com análises aprofundadas, acerca de temáticas propostas no curso da obra, apresentando-se também como educador, ao tempo em que reconfigura sua importância junto a fatos ligados à educação brasileira, retomando a cronologia biográfica do Macaúbas a partir de sua exposição como narrador confiável independente da voz camuflada em primeira pessoa do plural, que assim se pronúncia

> E **nós** ao terminar o primeiro quartel do século XX, ainda **temo**s um espectro de universidade, onde não há uma faculdade de filologia e Filosofia! Onde se formarem os guias do ensino secundário? (ALVES, 1942, p. 11) (grifos nossos).

O uso da primeira pessoa do plural é recurso usual na tipologia biográfica, conquanto não deva ser marca específica de pessoalização, nem se trate de uma arbitrária ou generosa escolha gramatical. Em se tratando da produção de Isaías Alves, podemos concluir ser tal escolha um recurso intencional, acrescido de um artifício de *autor dramatizado,* já que a atuação empírica do autor reconhece o recurso como passível de usar, desde quando queira se fazer presente na narrativa, donde as notas de rodapé, demarcadas pelo autor em toda a sua produção, para mais evidenciar sua notoriedade como escritor, ao lado de a elas recorrer para municiar o leitor com informações sobre si. Logo, quando nos deparamos com o uso da primeira pessoa do plural, no corpo do texto, notamos mais um artifício autoral, dramatizando-o como narrador. Não se trata de conjecturas superficiais, e isso fica evidente ao término de cada citação, sobretudo nas expostas com propósito deliberado, a exemplo daquela em que o narrador insere uma referência de pé de página e aproveita para justificar a necessidade da Faculdade de Filosofia na Bahia e todo o seu esforço pessoal para a implementação do ensino superior no estado.

Quanto menos segue o sincronismo proposto pelos cânones biográficos, mais Isaías Alves se empenha em descumprir a proposta teórica de linearidade do gênero. A suposta falta de cronologia parece ser mais um recurso utilizado como artifício de sedução ao leitor, justamente para convencê-lo da impossibilidade de narrar integralmente uma vida sem que sobreexistam lacunas, sejam elas intencionais ou não. Até mesmo quando retoma a narrativa

de vida do biografado, em Isaías Alves a ausência do autor se realinha através de vieses ora nítidos, ora nem tanto, ocupando todas as histórias de que ele possa lançar mão.

A inscrição da narrativa como ensaio biográfico é o que nos sugere Lejeune (2002). Esse tipo de escrita pede um contrato de parceria entre autor e leitor. Ao assumir tal modelo, o biógrafo instrui as partes sobre um acordo flexibilizado, podendo muito bem ser quebrado por uma das. Tanto o leitor pode assumir outros jeitos de leitura, quanto o autor pode misturar vários *eus* no plano narrativo, inserindo outras vozes, diferentes do projeto original, deixando outros espaços que se abram a ambiguidade. Podemos, então, perguntar: quem está sendo biografado? Afinal, ao biografar Abílio Cesar Borges, Isaías Alves mais parece reivindicar a sua própria voz, no corpo do texto, do que incidir em outras práticas narrativas.

O grande problema do biógrafo Isaías Alves parece ser intercambiar, entre tantos *eus*,o seu próprio, além daquele biografado, e de tantos outros que ele convoca para contribuir no processo fragmentário de narrar uma vida. Na produção de Isaías Alves, tais mutações formais do gênero evidenciam, uma novidade, no gênero biográfico tido como contemporâneo,levando-nos a reconhecer a que é mais uma variação entre tantas por que passou o gênero – certamente um dos mais antigos na tipologia literária do Ocidente.

Dissemos, inicialmente, que Isaías Alves não se apresenta com o rigor sincrônico próprio das biografias clássicas. Chegamos mesmo a afirmar que ele redimensiona a noção de *pacto* ou *contrato* de leitura. Esse combinado de situações na escrita aponta até para um sem - limite da apuração biográfica. Dadas as divergências nas pesquisas de que ele se utilizou,como fonte referencial da vida do biografado, no caso, Abílio César Borges, o narrador optou por trazer à baila as fragilidades de um contrato de leitura linear, demonstrando que a biografia parte de um referencial nada excludente. Assim, ela não será a única expressão da verdade de uma vida, exigindo, do leitor, pactos outros, e, do autor, o compromisso de referendar atitudes e o papel ativo de seu novo leitor, a partir e durante o seu processo de escrita e recepção.

Contrariar os limites do fazer biográfico é o que Dosse (2009) chama de *desafio,* algo que Isaías Alves parece ratificar. Não registramos, todavia, em sua escrita um reconhecimento tácito ou consciente da plena assunção de tal repto. O que percebemos são defesas veementes da utilização de documentos factuais para a escrita biográfica, conquanto o mesmo Isaías Alves reconheça com lucidez que tais documentos são passiveis de releituras, para tanto repassando suas impressões ao leitor. Aberta a possibilidade de revisão da escrita sobre o biografado, o narrador se assegura de uma marca definitiva em seu estilo: a transversalidade

de *uma biografia* possível, tangenciada muitas vezes pela subjetividade do biógrafo, presente em sucessivas incursões, variando de trecho a trecho:

> Nos vários parágrafos deste esboço estudamos alguns compêndios de Abílio. Enumerá-los-emos na ordem cronológica das edições. Todos eles lhe demonstram a clarividência do pedagogo. As bibliografias divergem, neste ponto, de uma indicação deixada por Abílio.[...]**Preferimos conservar** a ordem das bibliografias anteriores**, aguardando mais lazer para retificá-las, se preciso e possível** (ALVES, 1942, p. 09) (grifos nossos).

Para Isaías Alves, o campo da escrita biográfica está em constante movimento e transformação. Fornecendo-lhe mais elementos inovadores, como a consulta à própria memória, acaba estabelecendo significativo contraponto entre a exatidão dos documentos e os dados recolhidos pela lembrança ou pela evocação. Às memórias, ele acrescenta informações e factualidades, credibilizando ainda os depoimentos orais e instaurando novas relações dialógicas nesse gênero de narrativa. A junção desses elementos, até então díspares, parece-nos antecipar os relatos e as pesquisas com histórias de vida, em curso na perspectiva contemporânea.

Nosso narrador viajante intercambia, assim, experiências cíclicas, num modelo que retira da biografia a aura mítica, laudatória e elegíaca. Isaías Alves reconhece como valioso aquilo que sugere em seu fazer narrativo, ou seja, a diluição da biografia em outros e para outros gêneros. Assumir um texto como exclusivamente biográfico, autobiográfico ou memorialístico, é indício certo de equívoco. Reconheçemos, pois que a biografia pode se metamorfosear em autobiografia, e que essa é uma aposta/escolha narrativa a que podemos vincular qualquer obra com marcas estilísticas próprias do biografismo, contendo características do autor, presentes nas relações esporádicas apresentadas, coincidências quanto à naturalidade, profissão, estado civil etc. A *autobiografia* deve ser compreendida em seu estatuto autoral específico, aquele que assume se narrar, mesmo que para isso seja necessário recorrer a performances retóricas pouco classificáveis, Isaías fala de Abílio, mas pensa em si e na lastimável coincidência entre biografado e biógrafo:

> Não foi somente esta homenagem que mereceu o educador baiano; seu nome encimou a frontaria de uma escola em Buenos Aires. Em compensação, nem a Bahia cumpriu ainda tão indeclinável dever, pois nenhuma escola pública ou particular tem por título esse glorioso nome. Ele brilha, somente, ao que consta numa das salas de aula da Escola Normal e de um colégio particular (ALVES, 1942, p. 65).

O trecho acima é seguido de uma nota de rodapé em que o narrador corrige a informação dada no corpo do texto, confirmando que no Estado da Bahia, depois de

determinado tempo, dezenas de escolas passaram a homenagear o Barão de Macaúbas, pondo o nome do biografado, fato que coincide com o momento histórico em que Isaías Alves de Almeida é secretário de Instrução Pública na Bahia. Independente do conhecimento ministrado pelo autor empírico, o corpo do texto de **Vida e obra do Brarão de Machaubas** (1942) faz referência ao fato de o nome de Abílio César Borges brilhar em dois estabelecimentos educacionais a que Isaías estava vinculado – um como diretor, o outro como proprietário. Para incluir tal citação indireta a si mesmo, o narrador recorre a instâncias distintas de consciência retórica. Na condição de *autor empírico*, deveria se apresentar em notas finais de texto. Mas a voz autoral também aparece sob outro disfarce narrativo: o do *autor dramatizado em narrador*.

O certo é que Isaías Alves, ainda que escrevendo um ensaio biográfico, tematizando a outrem, o tempo todo se imiscui nele, narrando-se. Além de ocupar-se em reconstituir memorialísticamente o Brasil e a história da educação brasileira e, principalmente, da Bahia, ele se inscreve nas narrativas, conferindo tratamento destacado às suas experiências como pedagogo e, deliberadamente, aproximando-se do Barão de Macaúbas, sobrepondo os *eus*, promovendo, com isso, *variações* no campo da biografia. Existe quase que uma troca de lugar no eixo narrativo, e, em determinados momentos, intuímos ser o barão um mero pretexto, cumprindo uma curiosa protagonização, cedendo lugar a Isaías Alves para que este teça a sua história, promova incursões livres nos campos educacional e em outros e, enfim, se projete como autor de importância, divulgando uma imagem capaz de apagar de sua biografia os rastros de estigma do Integralismo. Ao tempo em que viabiliza essa sua programática inserção, o narrador se permite também novas interpretações de si e sobre suas ideias e proclamas:

> O ideal seria que as escolas fossem divididas segundo os tipos psicológicos. A uma criança visual que ame o desenho e aprenda gostosamente a escrever desde o primeiro dia de escola, não impressionarão sempre as lições cantadas compassadamente, que serão a delícia de um menino auditivo. Hoje encararíamos o problema pela classificação mediante os gráus de inteligência ou habilidade mental. Entraria em jogo o aproveitamento escolar. Sobre o assunto, o leitor consultará; "T**este individual de inteligência** e "**Os testes e a reorganização escolar**" (ALVES, 1942, p. 45-46) (grifo nosso).

Isso prova o empenho intelectual e o constante labor de Isaías Alves pela integralidade da educação. **Teste individual de inteligência** (1927) e **Os testes e a reorganização escolar** (1934) são livros do autor, que reinveste, no convite ao leitor, para situar-se ativamente no processo de recepção dos textos. Sua proposta dialógica tem, no leitor,

um sujeito de parceria e uma figura imprescindível ao pacto de referencialidade nas relações leitura/escritura, ou uma inovação no fazer biográfico, que, durante a década de trinta, no Brasil, tornar-se-ia o que Tristão de Athayde (1931, p.165) classificou de " epidemia biográfica". A essa febre se impunham renovações, sérias reavaliações e críticas por parte de intelectuais enfadados, testemunhas inertes acompanhando trajetos de personalidades traduzidas em heróis absolutos. Athayde defendia como indispensável, aos biógrafos brasileiros, o estabelecimento de novos diálogos, caso não quisessem repetir modelos flagrantemente desgastados.

Tais esforços de renovação ficam evidentes nos ensaios biográficos de Isaías Alves. Nosso autor parece ter aderido a novos fundamentos genéricos e, como estudioso comprometido, aceitaria o desafio de rever as suas técnicas de escrita biográfica, tomando de empréstimo elementos de outros gêneros, dispondo-se a encontrar consistência e variação no discurso, embora apresente ainda traços da convenção - *descendência*, *fatalismo*, *extraordinariedade*, *verdade, transparência, tempo linear, etc.* – introduzindo, em torno de si, elementos complexos, e narrando-se a si mesmo através da vida dos biografados, em jogo similar ao proposto pela ficção.

Assim, de fato, se por um lado Isaías Alves incursiona por uma proposta narrativa com inovações teóricas, no seu campo específico - a educação - embora mantendo os referenciais da tradição canônica, reinveste-se no experimento de narrador flagrantemente inovador no plano da escrita biográfica. É assim que nos apresenta o Barão de Macaúbas como uma espécie de protagonista que compartilha as cenas de seu trajeto existencial e profissional com seu próprio biógrafo. O recorte narrativo e o tratamento conferido à personalidade, alçada à condição de protagonista, assumem um tom épico, com Isaías Alves fazendo a opção do registro histórico da educação brasileira através da escritura biográfica de um dos seus principais reformadores, ao tempo em que insere modificações no campo em estudo. Conquanto essas particularidades não sejam os únicos instrumentos definidores das *variações biográficas* experimentadas por ele, o biógrafo não se contenta em apenas narrar ou descrever, mas também acrescenta e acrescenta-se no mundo narrado e descrito, com intervenções não raro teóricas e críticas, mas atualizadoras *in illo tempore* do objeto de sua principal preocupação como educador: o futuro do ensino e dos métodos de ensino no Brasil.

Outros indicativos dessas *variações biográficas*, experimentadas por Isaías Alves, vão além da escolha do gênero: as reformas educacionais e a ensaística narrativa. O simples fato de eleger o ensaio biográfico de um educador e intitulá-lo como tal, no corpo do texto, ratifica a variante por ele testada: presentificar-se identitáriamente como o professor e o

escritor Isaías Alves, logo no prólogo, que descreve, primeiro, a sua experiência como educador, ao tempo que justifica a escolha da obra do Barão de Macaúbas. Isso não só demarca um tipo diferenciado de escrita biográfica, mas também, convida a um distinto modo de leitura, diferente do proposto pelo *pacto de referencialidade*, legitimado por Lejeune (2008), já que somos informados, por Isaías Alves, do seu lugar ideológico no projeto de escrita. Com isso, acena, para o leitor, a possibilidade de que a sua proposta biográfica, mesmo tendo uma farta documentação comprobatória, possibilita, antes de tudo, diversos *contratos de escrita* e de *leitura*, indo além das convenções teóricas.

Se levarmos em consideração a definição proposta por Dosse (2009), para o que ele classifica como *vidobra*, claramente nos deparamos com o que se desdobra entre os dados factuais da vida e a ficcionalidade da obra. Com isso, singularizamos a difícil equação homem e obra numa terceira via, que já não será mais o simples relato cronológico, mas também não será o romance. Consideramos a escrita ensaística de Isaías Alves na perspectiva dessa *terceira via* em que o narrador se realiza na duplicação do *eu*. O projeto de ensaio biográfico se complexifica desde a escolha clássica do título - **Vida e obra do Barão de Macaúbas** - indicando possíveis formatos tradicionais, conforme o senso comum de expor a vida do autor numa sequência linear, enaltecendo caracteres em tons laudatórios, mas também transpondo uma série de reflexões sobre as ações realizadas pelo biografado e suas consequências.

Se o leitor embarcar nesse jogo, aparente e previsível, sem atentar para a transformação do autor em narrador, múltiplo e variado, a relação entre ele, o autor e a obra pode resultar opaca. Mas se o leitor-ativo orientar a condução de sua leitura num exercício contínuo de reflexão, ele se deparará com outra voz narrativa, que se amplifica como mais um recurso retórico escolhido pelo autor/narrador/biógrafo para esboçar, não somente a identificação com o biografado, mas a tradução de estágios de descobertas e reconhecimentos, utilizando-se de uma terceira pessoa, camuflada na primeira pessoa do plural, ou na indeterminação do sujeito que narra. Esta é mais uma variante narrativa de um biografismo que pretende ser reconhecido como plural e não imutável, para isso não se eximindo até mesmo de selecionar nuances da vida do biografado, muito próximas às da sua, ainda que situadas cronologicamente em momentos históricos e psicológicos tão diferentes.

Essas marcas de distinção genérica traduzem a produção biográfica de Isaías Alves em relatos muito especiais, particularmente no quanto agregam variantes narrativas, independente da conceituação que elas assumam para os estudos teóricos, porquanto configuram possibilidades de novos desdobramentos, sejam historiográficos, memorialísticos, autobiográficos, confessionais, intimistas, testemunhais, etc., carregando consigo a

representação da pluralidade em que se constitui o gênero literário ocupado em narrar o outro e a si mesmo, num só tempo.

Para narrar e descrever a vida e a obra do educador Abílio César Borges, Isaías Alves elabora uma revisão de conjunto dos acontecimentos, projetando, com a leitura, a reorientação crítica sobre o cenário da educação brasileira a partir de século XIX.Somos conclamados a pensar e repensar um projeto de nação, encerrado na proposta pedagógica bastante conhecida como método de estimulo-resposta. Biografar o Barão de Macaúbas ultrapassa os limites da individualidade do biografado pois, ao descrevê-lo, como também a Rui Barbosa, e a outros educadores, de que se ocupa, Isaías Alves refunde a identidade nacional, permeáveis a mudanças, sobretudo ao transferir aos educadores o signo de sujeitos legítimos representantes da nação.

Todo o trabalho de biógrafo é eivado de densidade documental, depoimentos, informações, transcrições de peças e papéis oficiais, indicação de livros, como uma prática didática de um professor que instrui o aluno (leitor) a descortinar detalhes da vida a ser biografada. Mas se engana quem pensa que esse biógrafo assume o tom professoral hipertrofiado em linguagem hermética, que poderia dificultar o entendimento. Na verdade, ele assim começa o ofício, muito comum, aliás, no Brasil na década de 1930, proferindo suas Conferências educacionais, segundo o fervor e o intuito patriótico de valorização e fortalecimento da identidade nacional. Mas logo o tom de suas obras se modifica.

Nossa tese inscreve o narrador alvesiano como *memorioso,* na linha de uma cosmovisão nostálgica, recuperadora dos valores do passado e com o autor empírico desconcertado frente ao progresso, sempre intentando sempre a permanência da memória desse passado, tornando pública a versão e a inscrição de si. O passado, para esse narrador, explicita-se invariavelmente como melhor que o presente. E quando esse passado traz uma recordação ruim, o narrador o transforma em incontestável ensinamento para as futuras gerações.

A notação de escrita memorialística em Isaías Alves, independente da rubrica que assuma, pois se fixa em intermediar a lembrança, e a evocação da aldeia, para evitar que ocorra o *deslembramento*. O empenho em garantir a permanência do tempo e do autor, obriga-nos a lembrar, o tempo todo, episódios que se repetem e se armazenam em zonas inativas da memória até mesmo por uma questão de sobrevivência. O narrador investe esforços nas suas constantes retomadas memoriais através de viagens afetivas que consolidam a memória como eixo central de sua escrita. O narrador se comporta como o camponês sedentário, preso à sua terra, conhecendo a vila e dando sentido ao passar do tempo.

Vida e obra do Barão de Macahubas (1922-1942) fica no eixo de um percurso, como uma encruzilhada teórica. E se não é um defeito de gênero, é antes um reconhecimento da personalidade literária autônoma, que se apresenta num estilo biográfico que sugere outros pactos de referencialidade, assumindo que a biografia tem zonas de opacidade que suscitam conflitos, deles gerando-se novas dúvidas e certezas sobre uma identidade plural, seja na vida, seja na obra.

Ao escolher inicialmente o título **Esboço da vida e da obra do Barão de Machaubas** (1922), Isaías Alves parece apresentar o antigo conceito vigente, aplicado ao ato de biografar. O **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa** (2005) define *esboço* como o primeiro traçado de um desenho onde se indica apenas o conjunto e as divisões principais de uma obra definitiva, o que indiretamente confirmamos com Arfuch, que amplia esses sentidos, sugerindo:

> [...] Falar sobre a vida é sempre abrir um assunto de discussão, não é nunca uma simples enumeração de acontecimentos, e nesse sentido a conversa cotidiana, que aporta seu tom à entrevista, é exemplar: o relato de alguém não só habilita, mas espera a ativa participação do interlocutor, seu comentário, com solo, sugestão ou admoestação. Aceitar a exposição pública do momento biográfico, oferecer esse dom da privacidade - mesmo estereotípico -, reduplica essa expectativa ao infinito... (ARFUCH, 2010, p. 185).

O valor desse modelo de escrita biográfica, primeiro pela escolha de educadores para biografar, segundo, pelo painel histórico traçado e posto em cotejo, conduz Isaías Alves a um patamar de importância dentre os autores relacionados ao gênero. Já em sua primeira incursão biográfica, Isaías Alves exibira variantes que nos ajudam a ratificar o pensamento de que “as boas biografias transcendem as tradições e aos discursos canônicos” (VILAS BOAS, 2002, p. 18), explorando a *inversão de expectativas*, e seguindo um curso de inovações formais que progressivamente faria avultar nas obras adiante publicadas.

Tendo a leitura como pacto consciente de *verificabilidade*, Isaías insere, na seriação biográfica, um sistema documental comprobatório, produzindo análises mesmo quando tinha algo que o incompatibilizava negativamente com a imagem do Barão de Macaúbas, a ponto de subestabelecer a expressão “erro do biógrafo” (ALVES, 1942, p. 187) para justificar eventual contraponto analítico de sua autoria. Ou seja: questiona as fontes, as mesmas que vinha utilizando como marca de *referencialidade*. Esse fazer biográfico sugere ao leitor uma proposta de revisão do contrato, reconhecendo que para estabelecer uma interpretação da narrativa de vida do biografado, o biógrafo terá que negociar consigo ou com os outros.

Vejamos um trecho em que ele recolhe impressões dramáticas do relatório do Barão de Macaúbas acerca de castigos corporais, e expostas numa seção intitulada **o medo**:

> O professor que frequentemente castiga seus discípulos, ao mesmo tempo que os rebaixa, ganha seu ódio e aversão e estes sentimentos dominam a escola, porque os meninos o considerarão seu terror e os companheiros, vítimas do martírio. E o que pode ser esperado de alunos que detestam os mestres e têm horror à escola? (ALVES, 1942, p. 59).

Predomina ainda aí *inversão de expectativas*, um dos pontos considerados mais negativos na personalidade do Barão, justamente os castigos físicos impostos aos alunos e praticados pelos professores nos seus colégios é tratado por Isaías Alves . Sob esse crivo de fundo moral, ficção e realidade se uniam para denunciar mazelas, a exemplo do que faz Raul Pompéia, no romance impressionista **O Ateneu**. Seria de esperar o silêncio de Isaías Alves sobre esse tema ou, ao menos, o grifo autoral com a citação acima. Mas o biógrafo incorpora mais uma variante, a *consciência do autor*, fazendo surgir, com a identidade pedagógica e biográfica, a omissão ao leitor de informações importantes, enunciadas três páginas depois:

> Neste ponto a **ação divergiu raramente da ideia**. Abílio empregou castigos físicos algumas vezes. Havia alunos terríveis e ele sentia o dever de não abandoná-los. Preferia às vezes contrariar suas opiniões a desistir da transformação de alunos mais revessos e quase invencíveis. Ele se gabava de ter conseguido verdadeiras vitórias, com o emprego de certa violência. Abílio perdoava ou dava castigos morais; mas também os empregou violentos, sobretudo na primeira fase de sua vida, no Ginásio Baiano. Nestes momentos de maior energia intervinha sua desvelada esposa, a Mamãe Chiquinha dos alunos de quem ela era o anjo protetor (ALVES, 1942, p. 63) (grifo nosso).

De imediato nos questionamos: o que teria levado o biógrafo a tecer tais considerações e fazer tal afirmativa? Decerto não seria a obra ficcional do Raul Pompéia porque, após narrar a morte do Barão e face a toda experiência biográfica, o narrador destina uma seção, sem título, para marcar com giz a leviandade do aluno que o Barão distinguira, por três vezes, com prêmios e títulos honoríficos. Não seria também uma alocução sem provas, pois essa não era a postura do autor no seu fazer biográfico e em seu comportamento pessoal. A resposta virá num fragmento aposto em estudo dedicado a Rui Barbosa.

> **Contou-nos** Joaquim Abílio Borges que chamado ao Palácio e censurado pelo chefe do Estado por ter tido conduta violenta com um aluno, faltou à consideração ao Imperador, em audiência pública, concluindo por declarar-se republicano, o que comunicou ao pai, diretor nominal do Colégio Abílio, da Côrte, sucessor do extinto Colégio Abílio de Barbacena. O então Barão Macaúbas empalideceu de furor e subiu ao primeiro andar, donde voltou com uma bengala. O filho, diplomado em Direito e diretor do Colégio Abílio do Rio de Janeiro teve a impressão de que ia

> sofrer uma violência. Mas o pai espaldeira desatinado os retratos da família imperial, ao fracasso dos vidros espatifados pelo chão. Ato contínuo escreve a Pedro II, exprobrando a conduta do filho e assinando-se como Ex-Barão de Macaúbas. O Mordomo do Paço Imperial vem logo de carro buscar o velho amigo do chefe do Estado, levando-o após demorada resistência do célebre educador, que só a custo reconsidera sua injustificada deliberação (ALVES, 1959, p. 45) (grifo nosso).

A citação acima vale muito mais pelo que suscita do que pelo que revela. O biógrafo relativiza fontes, indicando-nos as diversas possiblidades de se produzir o fazer biográfico. Implicita os castigos físicos como simulacro de determinação pedagógica oficial, praticado no colégio do Barão e com que o educador dissimuladamente coadunava, algum tempo depois narrados sob a forma de prosa na ficção.

São diversas e significativas as variantes (auto)biográficas que Isaías Alves impõe a seus textos, ao tempo que reconhece a importância da biografia para os estudos históricos, mesmo que o texto seja considerado lacunar, ou laudatório, e em cujo interdito textual se opera um *modo de leitura* tornando outras análises possíveis. De certa forma, Isaías Alves rompe com o pacto estabelecido, pois inicialmente analisa que, como fonte para traçar o esboço biográfico, levará em consideração recursos como correspondências, relatórios e obras do Barão de Macaúbas. Fica claro, porém, que o esforço analítico e interpretativo, ele o faz, e isso fica evidente, através de advertências, em tom firme no corpo do texto, no estilo ingênuo de "não se diga, ingênua o malevolamente, que Abílio era diretor do colégio em 1873" (ALVES, 1942, p. 41), além da convocação de Eduardo Ramos para, no final, redimir a imagem do Barão de Macaúbas, pretensamente maculada por Raul Pompéia.

Destacamos tais elementos sobretudo porque eles circunscrevem as variações biográficas por nós postuladas na obra de Isaías Alves. Os educadores conterrâneos são tomados como modelos de intelectuais que engrandecem a pátria e a constância da memória em fabuloso exercício interpretativo. Com isso, o narrador e o biógrafo associam definitivamente seu nome aos expoentes, fazendo com que o leitor os identifique nas ações biografadas.

4. 4 **VOCAÇÃO PEDAGÓGICA DE RUY BARBOSA**

Outro expoente do cenário baiano escolhido, por Isaías Alves, para ser biografado foi o grande civilista Rui Barbosa, talvez a personalidade brasileira com maior número de estudos biográficos a si dedicados. No entanto, as abordagens são muitos semelhantes, destacando sempre o jurista e o homem público, com longa e efetiva participação na vida política brasileira. Basta ver a trajetória política iniciada aos 21 anos, como deputado provincial pela Bahia, em 1878, membro do Partido Liberal, e seu mais fervoroso combatente até os anos 1886, deixando sua base, em discordância às propostas referentes ao pensamento e às questões relacionadas à Federação. Rompido com o Partido Liberal, e filiado ao Partido Republicano, Rui assume, aos 41 anos, o Ministério da Fazenda, no governo republicano, instaurado em 15 de novembro de 1889. Tomando por base os estudos apresentados por Isaías Alves, Rui Barbosa já se integrara à vida política baiana antes mesmo de assumir cargos. Na condição de jornalista e defensor do Partido Liberal, em 1877, seu ideário civilista já se assentara no republicanismo brasileiro, expresso a partir do Manifesto de 1870. Em síntese, o liberalismo ocupou os espaços políticos na Primeira República, mas Rui já se envolvera desde antes em embates no final do período imperial.

Conquanto, todos esses dados sejam significativos, Isaías Alves afirma que eles não se constituem como o mais importante da vida pública de Rui Barbosa. Em consequência, propõe-se, em livro, a descrever as ideias relacionadas à instrução pública, no Brasil, a partir das difundidas no século XIX por Rui Barbosa, considerado o homem do seu tempo, mas influenciado pelas discussões políticas e sociais. Empenhado num projeto de modernização do país, Rui seria um dos responsáveis pela criação de um sistema nacional de ensino apoiado em princípios de gratuidade e laicização, em todos os segmentos.

Para organizar e sistematizar uma proposta que priorizasse taisprincípios, o Rui aqui biografado estudou a criação das escolas públicas em outros países, e seus benefícios, estabelecendo comparações através das análises de livros, de métodos de ensino, enfim, de práticas pedagógicas. As concepções ruianas sobre a educação são descritas em três capítulos do livro de Isaías Alves, que dedica estudos pormenorizados aos pareceres educacionais de Rui, intercalando-os a comentários reflexivos. Esses pareceres versam sobre a reforma necessária aos três segmentos do ensino: primário, secundário e superior. E são debatidos por Isaías, a partir de uma análise detalhada do decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que reformava o ensino primário e secundário, com propostas revisoras de fundo e de forma. Rui Barbosa discorda de várias abordagens ali contidas, principalmente pela falta de dispositivos

legais que fixassem a obrigatoriedade da oferta de ensino público pela Corte. Rui encaminha um projeto substitutivo ao proposto pelo ministro Carlos Leôncio de Carvalho. O novo projeto estabelecia prioridades ao ensino primário e secundário e a necessidade imediata de uma legislação nacional específica, que desse tratamento à proposta do Ato Adicional de 1834, o qual deixava o ensino primário e secundário como responsabilidades das províncias, e apenas o ensino superior como competência do governo geral, mas sem legitimar qualquer critério para esse oferecimento, relegando-o à ausência de sustentação.

Para Isaías Alves, Rui Barbosa antevia uma problemática atual, pois considerava que o Ato apresentava soluções paliativas e pouco consistentes, com relação ao oferecimento do ensino e sua proposta pedagógica. Ou seja, era preciso garantir a oferta, e esta deveria ser efetivada com qualidade. Tendo em vista que só a divisão das responsabilidades entre os entes federativos não resolveria a precariedade da instrução educacional brasileira, Rui propõe a criação de um sistema nacional de educação,o que implicava numa reforma completa do sistema de ensino vigente, face à situação caótica da instrução brasileira. Tais conclusões não foram alcançadas apenas analisando a situação interna, mas sobretudo obedecendo a ideias gerais sobre a educação, obtidas a partir de estudos sobre as experiências desenvolvidas em países considerados desenvolvidos.

Conforme Isaías Alves, Rui Barbosa analisou atentamente os dados obtidos quanto ao estado da instrução educacional em diversos países tidos como desenvolvidos na área educacional, embora reconhecesse que sua principal fonte de comparação fossem os Estados Unidos da América, de onde extraiu estatisticamente conferições a partir dos dados que o Brasil apresentava. Feitas as comparações, ainda segundo Isaías, Rui Barbosa concluiu como inteiramente ineficazes as condições de instrução ofertadas ao alunado brasileiro, tornando urgente e indispensável uma reforma, inicialmente, da Educação Infantil, logo estendida aos demais segmentos. Não se eximindo em destacar, em seus pareceres sempre muito bem elaborados, a responsabilidade constitucional do Estado para a instrução pública e gratuita,(sabendo ele que deveria assumi-la cônscio de que seria necessário um vultoso investimento a fim de assegurar uma reforma ampla promovendo educação de qualidade a todos) a todo o tempo, Rui Barbosa reconhecia também sua responsabilidades e funções, exercidas, como jurista, jornalista, deputado, ministro e educador, pugnando pelas vantagens de se ter no país um Estado esclarecido.

Em linhas gerais, este pode ser o resumo da biografia de um Rui Barbosa educador, feita por um seu similar, Isaías Alves, que deixa claro ao leitor o que deseja priorizar da vida

do notável brasileiro. Essa biografia intelectual nada tem de inocente, sendo antes uma estratégia, de Isaías para aproximar a sua história de vida da do seu mais ilustre biografado.

Considerando que muitas variantes da construção biográfica destinada ao Barão de Macaúbas também estão presentes, em grande parte, na destinada a Rui Barbosa, buscamos aproximar, em diálogo analítico, três outras versões de Rui, considerando o princípio assegurado por Oliveira (2011), o de que uma vida jamais pode ser interpretada definitivamente, nem contada uma única vez. Para possíveis diálogos, recorremos, além da biografia feita por Isaías Alves, à de Rubem Nogueira (**Rui Barbosa combatente da legalidade,** 1999); de Cecília Meireles (**Rui: Pequena história de uma grande vida,** 1964); e a de Luiz Viana Filho **(A vida de Rui Barbosa,** 1943), que também se organizam em torno do grande intelectual, jurista e político, mas biografando-o, sem qualquer marca negativa, ao contrário das impressões de Isaías Alves acerca da personagem biografada.

Essa trilha se constituiu em verdadeiro caminho de pedras, especialmente em virtude da marca diferencial da escrita biográfica de Isaías Alves, em sua relação com as demais, já que ele não se exime de uma reflexão mais crítica a respeito de Rui. Sem estabelecer juízo de valor e sem cairmos no mero e infrutífero comparativismo, consideramos as demais formas biográficas pouco instigantes, face ao direto interesse de nossa tese, que consiste em mostrar *variantes* da escrita biográfica em Isaías Alves, que inicia definindo o porquê e o modelo escolhido para descrever a vida de Rui Barbosa:

> Como é natural para essa **antologia biográfica**, escolheremos de sua ciclópica produção os trechos de caráter educativo, quer diretamente ligados ao ensino e sua organização, quer destinados à condução moral e política das classes sociais. Outros já se acham em capítulos anteriores e muitos ficarão **esquecidos**, para não exceder os limites razoáveis deste ensaio. Não atenderemos à sucessão cronológica; buscaremos apenas o nexo dos esforços disciplinadores que o mestre desenvolveu (ALVES, 1959, p. 228) (grifos nossos).

Conscientes dessa *variante* (definir o fazer biográfico) conferida pelo autor, seguimos para a análise de forma um pouco mais confortável. Reconhecemos que essa definição ocorre numa altura já avançada do livro. Com isso, notamos que o texto de **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** invoca, em sucessivos momentos, a predileção autoral em elencar dados, relacionados aos do próprio narrador, numa atitude de prévia defesa de seu protagonismo. É fato ser a obra uma consciente antologia biográfica, pois assinala como o narrador irá aos relatos sobre as vocações de Rui. Isaías Alves organiza um desenho teórico através de oito seções, sendo que, em quatro delas, ele não subdivide os assuntos e sobre eles discorre no mesmo formato empregado em **Vida e obra do Barão de Machaubas** (1942). Ou

seja, expõe e descreve o contexto histórico brasileiro, da Monarquia ao início da República, chama-nos a atenção para a decisão autoral de apropriar-se da narrativa, não só como biógrafo, mas como personalidade ativa no desenvolvimento da história, além de desfiar longos parágrafos sobre o próprio nascimento e a própria adolescência.

A fórmula é assim reutilizada, em outra obra os mesmos recursos da anterior, com um único diferencial: imposição analítica e crítica adaptada à vida de cada biografado, desde o início justificando os sujeitos com base em suas propostas intelectuais, por ele. Aliás, muito bem analisadas, de alguma forma enunciando o pensamento de outrem anterior a ele, o biógrafo, mas que com ele se relacionaram.

Os indivíduos escolhidos por Isaías Alves para serem biografados apresentam traços e incômodos que muito se aproximam dos vivenciados por ele, em relação aos aspectos educacionais ou humanos. Em meio a esses incômodos ou apesar deles, Isaías sempre pautará suas atitudes guiado por instâncias patrióticas e de elevado sentido humanístico, mesmo não tendo suas ações postas em evidências como são as ligadas a outros expoentes da educação (o que causava muita indignação a Isaías Alves). Logo a fórmula de mix narrativo, empregada nas obras, parece então indicar um modo de leitura, em que as vidas biografadas se tornem formas narrativas plurais, encontradas pelo autor para fazer correções ou proceder a reorientações reflexivas na apreensão da História, particularmente em matéria de educação, como é exemplo o trecho abaixo:

> A Conferência sobre o ensino da aritmética, e a "Lei Nova do Ensino Infantil", a Conferência do Congresso de Buenos Aires são documentos que o devem ter esclarecido em muitas abordagens. Em 1882, Abílio já era Barão de Macaúbas, mas Rui não cita nem lhe aprecia os esforços, os descobrimentos que aquele orgulhosamente salienta na "Lei Nova do Ensino Infantil" e que Rui ignora (ALVES, 1959, p. 118).

Em diversos outros momentos, no ensaio dedicado a estudar as vocações pedagógicas do grande jurista baiano, há um tom de advertência a esse tipo de indiferença cometida por Rui Barbosa para com os trabalhos anteriores, no campo educacional. Isaías Alves aponta os contributos do pensamento de Abílio César Borges, presentes, mas deliberadamente ignorados nas propostas de Rui. Sinalizá-los talvez tenha sido seu secreto queixume, certo acerto de contas, ante as preteridas luzes projetadas sobre as reformas educacionais atribuídas, quase que exclusivamente a Anísio Teixeira.

Não há um aporte teórico que dê conta desse formato narrativo engendrado por Isaías Alves, o que nos leva a questionar quem realmente está sendo biografado na antologia ou,

pelo menos, quantos são os biografados. Como num jogo de esconde-esconde, o autor retoma a descrição biográfica de Rui Barbosa, seguindo, de forma exemplar, uma das características convencionais da biografia: a narrativa que se inicia pela ascendência, esboçando, detalhadamente, a vida do pai do biografado:

> Era uma reação da personalidade de que se sentia acima do meio. Tem-se talvez aí a chave do mistério do seu desastre no Concurso de 1846, no qual obteve 2 votos favoráveis e 9 contrários, que levaram vantagem a seu antagonista. Parece claro que a sua tese não é de Medicina Prática e sim de Filosofia Biológica. A idéia de "porque as artérias cerebrais não possuem o mesmo grau de elasticidade que as demais [...] E talvez fosse esse o fundo da repugnância de Rui Barbosa aos concursos, e de sua referência a polêmicas em que ficam comprometidos os professores, como se vê no do ensino primário (pág. 291). Aliás Rui Barbosa segue a boa doutrina combatendo os concursos, no Parecer sôbre Ensino secundário e Superior [...] Há que se estudar um fator. A que se pode ligar a vida turbulenta de João Barbosa, que vai à ruína financeira, depois de sucessivos contratempos políticos e estéreis esforços forenses, jornalísticos, educacionais, tentativas magisteriais, em busca do aperfeiçoamento social? (ALVES, 1959, p. 26-27).

Fica clara a intencionalidade sutil na tentativa de aproximar os Barbosa, pai e filho. Ora, se Rui herdou a repugnância aos concursos, devido ao fato de seu pai ter sido reprovado nas diversas tentativas de ingresso no serviço público, haveria também a mesma relação de causa efeito, extensiva a outros traços da personalidade herdados por Rui. Segundo Vilas Boas (2006), os biógrafos recorrem aos pais, avós e até bisavós para explicar ou justificar determinados comportamentos, sobretudo se forem negativos, embora alguns prefiram apenas cumprir um ritual e fornecer seus registros. Essa última opção é utilizada por Isaías Alves para descrever a ascendência do Barão de Macaúbas. No entanto, destina desnecessariamente a Rui Barbosa um fio de rosários negativos acerca de personalidade de João Barbosa, seu pai, preferindo conferir tratamento especial a certos aspectos da vida de Rui Barbosa, considerados os mais polêmicos. Logo, não havendo a necessidade de tal abordagem, tal recorrência determinística, ainda que aceitável na biografia, não explica, sob nenhuma hipótese, os motivos pouco esclarecedores ou não entendidos pelo biógrafo, o que culminaria em limitação argumentativa, que não parecia ser o caso de Isaías Alves. Apesar disso, parece-nos consciente esse fazer biográfico que, em alguns momentos, recorre a elementos clássicos do gênero literário, para indicar o importante lugar que se reservaria ao escritor que alcançou como pedagogo, relevo nas instituições ligadas aos campos das letras, da educação e da história.

Se escrever e interpretar vidas humanas exige recortes metodológicos, solicita também inovações, revisões de leituras que seduzam e despertem interesse e curiosidade do

leitor, como afirmam os especialistas nos estudos *(auto)biográficos.* A proposta desenhada por Isaías Alves, de narrar vidas através da construção de uma *antologia biográfica*, assenta-se na tentativa de aproximar os recortes dos fragmentos da vida de alguém, interpretá-los e reescrevê-los, relacionando-os a novas apreensões, em que as personalidades, demasiadamente biografadas são aproximadas, de outras que, de alguma forma relacionam-se. Valendo-se dessa *inovação* como *variante*, Isaías Alves, leva-nos a experimentar um curioso viés leitor, envolvendo-nos plenamente com os nomes expressivos da história da educação brasileira - Abílio Cesar Borges, Antônio Ferreira França, Cipriano Barata e Antônio José Alves (pai do poeta Castro Alves) - aproximando-os do consagrado autor das **Viagens de Gulliver**, Jonathan Swift que, por sua vez, é aproximado de Rui Barbosa, numa experiência biográfica diferenciada. Tudo isso, mediado pela voz autoral que provoca o interesse do leitor para as outras vidas que não a do biografado:

> **Deixando ao leitor** o interesse pela vida particular de Swift, daremos as **pinceladas de Rui** nos quadros da vida política do batalhador pelo surgimento da Irlanda, traçado que desenha muito das lutas do brasileiro (ALVES, 1959, p. 64) (grifos nossos).

Esse formato de escrita, em que outras vidas são convocadas para ajudar a compreensão da personalidade/modelo, é conceituado por Miguel Chaia (1996) como sendo *transbiografia*, fenômeno difundido de forma mais intensa, na década de 1970 que desnudando ilusões, e recriando personagens paradigmáticos, dispõe a revisões atualizadoras, repondo novos elementos de compreensão da vida e da história de seus personagens. Tal recurso passa a ser *leit- motiv* de toda a obra de Isaías Alves.

Passados os quatro capítulos da vida de Rui Barbosa, engana-se quem imagina que a convocação de outras personalidades esteja esgotada. Isaías memorialista não declina desse seu aparentemente único fazer, uma vez que promove constantes variações biográficas. Antes, assume novo e frontal comportamento: estabelece relações entre os feitos político-educacionais de Rui Barbosa e também dos seus afetos e desafetos, como se montasse diálogos, reunindo díspares mentalidades intelectuais em confronto.

Dada a importância conferida ao formato escolhido, na organização da biografia de Rui Barbosa, além de ilustrá-la sob um ângulo pouco examinado - o de educador - o narrador, expõe um panorama histórico, político e crítico, graças a um material importantíssimo para a história da educação brasileira, apresentando uma interpretação que foge às biografias convencionais feitas sobre Rui, o sempre enaltecido paladino das leis. Com **Vocação**

pedagógica de Rui Barbosa (1959), passamos a incorporar um legado a ser examinado e antes desconhecido ou silenciado pela historiografia. Considerando os dados biográficos que Isaías Alves levanta e reconhece como legítimos, para melhor se conhecer o importante educador teórico e realizador que foi Rui Barbosa, também melhor percebemos a proposta biográfica composta de apurada pesquisa e resultado de uma privilegiada memória do autor, que nos possibilitou uma gama de exposições críticas acerca da qualidade do trabalho desenvolvido por Rui Barbosa no campo educacional.

Vocação pedagógica de Rui Barbosa (1959) é claramente um trabalho de importância sociológica, pois evidencia pesquisa minuciosa para fundamentar os aspectos lembrados, evitando análises superficiais e infundadas, recorre a transcrições de trechos de documentos que elucidam as interpretações do narrador. A coragem moral de Isaías Alves ultrapassa suas apreciações sobre Rui Barbosa, sinalizando para o enfrentamento com os admiradores de Rui, que consideraram as abordagens críticas desnecessárias, e para a insatisfação dos biógrafos convencionais, acostumados a uma organização linear do discurso enaltecedor do grande jurista[54].

> Em 1918, quando seu jubileu literário encheu a nação de festas ao grande filho, fêz-se na Bahia, um Álbum, **em que deixamos um pensamento característico da pouca fé no valor politico da vida agitada de Rui.** Era uma visão de ponto específico. Analisado, à distância de trinta e um anos, parece encerrar um tanto de descrença, pois aproxima do brasileiro o espírito altamente teórico do pedagogo filósofo alemão. Além disso, vê-se como a figura de Rui foi ampliada para o plano internacional, apenas idealístico. Êsse pensamento deixa **ver as razões do voto do educador de trinta anos**, nas eleições presidenciais de 1919, em que Epitácio Pessoa alcançou a vitória. De qualquer modo, entretanto, só nos ficava de Rui a função pedagógica (ALVES, 1959, p. 12) (grifos nossos).

Perfilemos alguns trechos biográficos de autores, já citados, com o fim de estabelecermos comparações de estilos pouco discrepantes no louvor a Rui Barbosa, comecemos, em ordem cronológica, por Luiz Viana Filho (1943), que afirma:

> [...]Não lhe encontreis no fundo nem rancor, nem azedume, nem despeito. E era verdade. Nesse exame de consciência, verdadeira confissão duma vida farta em vicissitudes, Rui volta-se sem ódio para seus inimigos e sem queixas para as suas desventuras (VIANA FILHO, 1943, p. 287).

Assim o descreve Cecília Meireles, em modelo ditirâmbico:

[54] Essa insatisfação é indiciada por Guerreiro Ramos em prefácio ao livro de Isaías Alves. A indignação de admiradores de Rui Barbosa é revelada em correspondência, disponível no APIA, entre Isaías Alves e seu irmão, Landulpho Alves.

> Se alguém precisar de estímulo, de confiança, de conselho e de modelo para uma vida de sacrifício, de virtude, de fé, - sua sombra aparecerá. Porque ele quis sempre servir; alisar, como um apóstolo, os caminhos da terra, traçar estradas direitas, para que os homens não se extraviem pelos lugares do erro, da mentira, da perseguição (MEIRELLES, 1964, p. 123).

E Rubem Nogueira, o mais entusiástico dos biógrafos de Rui Barbosa, e ofensivo aos que dissessem ou escrevessem o contrário:

> Os estudos reunidos aqui tratam de um combatente obstinado e não igualado por nenhum outro homem público do seu e de outro tempo, na luta quase incessante em múltiplas frentes - parlamentar, forense e jornalista- pelos princípios, ideias e instituições que sonhou- e, em parte, conseguiu - ver implantados a beneficio do povo brasileiro. Um herói (NOGUEIRA, 1999, p. 9).

Por seu turno, Isaías Alves alinha outros rascunhos e rasuras da personalidade de Rui:

> Não era, portanto tranquila a figura de Rui no caleidoscópio que se formava na minha inteligência de menino. Ao gênio era sempre unida a ideia de pequena capacidade prática, senão elevado desinteresse pelo bem-estar da comunhão, ou rumos de visionário. Seus imensos discursos embasbacavam, mas por longos em excessos e de linguagem muito elevada não agradavam. [...] E Rui se perdia, como profeta bíblico, isolado e patético, mal seguido por um punhado de discípulos, assomando às montanhas de Minas ou descendo ao vale do Paraguaçu (ALVES, 1959, p. 8-11).

Os relevos acima fazem-nos refletir sobre os graus de importância de que se reveste o esforço desenvolvido por Isaías Alves ao tornar evidente a necessidade de olhares plurais projetados sobre uma mesma personalidade. Algumas correspondências encontradas no APIA – Arquivo Pessoal de Isaías Alves - revelam o quanto a biografia intelectual de Rui Barbosa foi criticada, porquanto não se aceitava imagem de Rui Barbosa que não fosse a da convenção enaltecedora. Isso fica evidente num capítulo da biografia publicada por Rubem Nogueira, em que ele considera levianas as firmações feitas por Carlos Drummond de Andrade, Capistrano de Abreu e Monteiro Lobato uma vez que emitem declarações sem documentação comprobatória. Nogueira chega a vociferar contra um depoimento de Drummond que ao ser perguntado se iria votar nas eleições gerais de 1986, respondeu desalentado:

> Não, não vou. Estou desencantado com isso. Tenho uma larga experiência de desencanto político. Em 1910 eu tinha sete anos de idade e o Marechal Hermes da Fonseca foi eleito presidente da República com 400 mil votos redondos. Nem um a mais nem um a menos. Por sua vez, **o chefe da campanha civilista** mandou

> telegramas para todos os diretórios civilistas nos Estados recomendando que aumentassem a votação nas notícias dos jornais. Houve grandes números dos dois lados (DRUMMOND, reproduzido A Tarde em 1986).

Tal afirmação - de que o chefe civilista (Rui Barbosa)- teria recomendado ao órgão competente o aumento do número de votos, para não levantar certo desprestígio, não só do Rui político, mas também do civilista que tanto se empenhou nas discussões sobre o processo eleitoral no Brasil - despertou tamanha ira no biógrafo, Rubem Nogueira, a ponto de empenhar-se em páginas inteiras do capítulo acima aludido só na defesa exclusiva da imputabilidade a Rui Barbosa. O curioso é que, para defendê-lo, o biógrafo acusa os escritores (Drummond, Capistrano e Lobato), de oportunistas, levianos, para tanto, elabora teses ratificadoras da fraqueza de caráter dos autores citados. Ou seja, a fraqueza moral, o oportunismo e a mudança de perspectiva, por conveniência, são possibilidades aceitas nas personalidades de Drummond, Lobato e Capistrano de Abreu, mas não passíveis em Rui Barbosa. Nogueira não percebe é que toda essa idolatria e o devotamento a Rui, exibindo-o no nicho de herói (isso em pleno século XX), desumaniza o biografado, distanciando-o do singular que toda existência tem.

Descrever o biografado mais humano, com fragilidades comuns aos indivíduos e longe da *extraordinariedade*, nunca foi a principal fonte de interesse do biógrafo. No caso específico de Rui Barbosa, tornou-se fator de afastamento dos leitores, pois quase tudo produzido à época sobre Rui era na verdade, uma *hagiografia*. O que Isaías Alves convoca da personalidade de Rui Barbosa é para nos apresentar o mais comovedor e convincente: um homem ilustre, um estudioso, um intelectual brilhante, mas com fragilidades,colocado na condição do humano, tornando a nova obra à acessibilidade do leitor, tornando-o próximo de uma vida que, de alguma maneira, pode se aproximar da sua, afinal,

> Aqui a alma de Rui transborda de mágoa dos longos meses perdidos em Plataforma, onde a sua incapacidade **era desesperadora**, no declínio econômico a que chegava o pai, e onde, na sede insaciável da inteligência, fêz o mais íntimo convívio com Shakespeare (ALVES, 1959, p. 118) (grifo nosso).

As análises do percurso intelectual de Rui Barbosa, procedidas por Capistrano de Abreu e Monteiro Lobato, são muito próximas às conclusões de Isaías Alves. Não são impropérios, ou ofensas, mas o reconhecimento da impressão sincera dos autores a partir de documentos por eles examinados. Aproximam-se justamente porque esses autores se permitiram observar a vida de Rui Barbosa, não apenas levando em conta os documentos oficiais, mas igualmente recorrendo a outras fontes escritas e testemunhos orais, os quais

traduzem diferentes imagens do Águia de Haia, revelando-se o princípio de que o biógrafo pode valer-se da documentação considerada íntima, a exemplo de cartas, diários, as escritas nas margens textuais e conversas (não oficiais). No entanto para esse fazer, o biógrafo precisa cruzar as fontes de informação e confrontá-las, processando-as com o intuito de aproximá-las, o máximo possível, da transparência, qualidade fundamental numa biografia, conforme nos propõe:

> A única maneira prática de dizer ao público o quanto sabemos é revelar o máximo possível sobre nossas fontes e métodos. Como sabemos o que sabemos? Quais são as nossas fontes? Que tanto sabem elas? Que preconceitos mostram? Existem relatos conflitantes? O que não sabemos? Chamamos isso de regra da transparência. Consideramos essa regra o mais importante elemento na criação de uma melhor disciplina de verificação. A mentira, ou o erro, está em pretender ser onisciente ou alardear mais conhecimento do que realmente temos. Trata-se do mesmo princípio que orienta o método cientifico: explicar como aprendemos uma coisa e por que nela acreditamos - de forma que o público possa fazer a mesma coisa (KOVAACH e ROSENTIEL, 2004, p. 126-7).

A assertiva acima nos deixa tranquilos quanto à qualidade de biógrafo que encontramos em Isaías Alves. A todo o momento, ele indica as suas fontes, revelando o que escolheu, o que deixou de fora e por quê, balizando as informações pelo mais significativo teor da verdade, e o mais importante: provocando o leitor à verificação dos dados expostos. Essa projeção factual e documental da personalidade biografada faz com que ela seja também vista sob prismas diferentes à ortodoxia, pois põe em circulação a *ilusão biográfica* teorizada por Bourdieu (1986). Isto é, já que a construção de uma biografia evoca muitas possibilidades de desvio, é conveniente manter certa distância do sujeito, principalmente se houver muita empatia entre o biógrafo e o biografado.

Nas análises, podemos perceber que Isaías Alves estabelece estudado distanciamento da figura de Rui Barbosa (o que não faz com o Barão de Macaúbas), possibilitando ao leitor o conhecimento de que escrever uma vida é edificar partes de um mosaico e, mesmo juntando as peças, não se revela uma imagem definitiva do personagem original. A possível imagem de um sujeito e sua contextualização histórica, ainda que evidenciando diferentes nuances de uma mesma história de vida, deverá ser montada pelo leitor, junto com o reconhecimento de que o que está posto na escrita biográfica é mais um espaço de questionamento sobre uma história que, imbricada à de outrem, pode ser também a do próprio narrador. É o que Isaías Alves faz em **Vocação pedagógica de Rui Barbosa**:

> É um capítulo mais extenso que o da administração, alargado por considerações politicas e sociais, que esclareceriam a muito espírito desorientado por fantasias.

> **Sua leitura será útil** e construtiva, transmitindo um sentido de oportunidade e adaptabilidade, que serviria grandemente ao Brasil contemporâneo, no grave problema dos Conselhos de Educação e, sobretudo ao dos Conselhos locais (ALVES, 1959, p. 213) (grifo nosso).

Os documentos a que Isaías recorre, para tratar de assuntos ligados aos biografados, dão conta também de sua, efetiva participação, nos Conselhos Educacionais estadual e nacional, mais uma maneira de o autor estilhaçar-se em relatos de um outro eu. Em todo o transcurso das obras amadurecidas e originais, suas reflexões e convocações ao leitor aprofundam o conhecimento teórico que ele tinha da história e, em especial sobre a história da educação baiana. Consideramos esses recortes documentais interpretativos e memoriais justapostos aos livros, como suportes descritivos do ambiente intelectual do século XIX e início do XX. Ao fazer uso delas, o biógrafo torna a sua uma das mais autorizadas obras ocupadas em tratar da personalidade de Rui Barbosa na sua vocação pedagógica, sem hesitações no apontamento de lacunas ou divergências que inscreve no texto, revelando fragilidades e merecimentos da persona escolhida para biografar, indicando ainda novas leituras para o cotejo crítico e fornecendo de pistas valiosas para a pesquisa e o indiciamento de novas narrativas:

> O que mais admira em Rui ao brasileiro era uma condição negativa: a atitude quase reflexa do seu pensamento. A cena de Haia, em que o professor sustentou o caráter político da Conferência, é o maior padrão para muitos. E é negativa na história, apesar de positiva em sua afirmação pessoal no momento. Aí estava o homem, mas estava nêle a Nação. Dir-se-á que a Nação brasileira é também quase medular: pouca reflexão, pouco estudo, e vários momentos de feliz desenvolvimento. Daí o abandono periódico de rumos: uma verdade nova que faz abandonar outra defendida anteriormente com ardor. É o professor que se refaz continuamente, ensinando com veemência de que ainda não está plenamente esclarecido. Tal é a condição no doutrinar sobre a influência moral da Igreja, em que foi o oposto do pai, para lhe ser depois fiel seguidor das idéias. É o que se vê nas "Palavras à Juventude," em que faz a apologia dos jesuítas, em 1903 (ALVES, 1959, p. 167).

Em seu currículo autoral, Isaías Alves de Almeida ainda concentraria outros estudos considerados biográficos. Trazê-los à baila, em outro momento, será significativo, pois ampliam e revelam a tendência do autor para biografar educadores. Dois outros ensaios sistematizam dados sobre a vida de Cassiano da França Gomes (1934) e **Cayru, o educador** (1935)**.** Tendo em vista que o primeiro esboço biográfico produzido por Isaías ocorreu em 1922, percebemos nitidamente a evolução qualitativa no tratamento das obras, o que é próprio da prática em que Isaías Alves se tornaria referência os estudos biográficos de educadores. A importância dessa representação pode ser aferida pela imagem e contextualizada das histórias

dos educadores, ou seja, a história individual e a coletiva de indivíduos comprometidos, misturando-se e estabelecendo novos nexos e diálogos. Em outros termos, ao conhecer a biografia intelectual de Rui Barbosa apropriamo-nos também nos apropriamos da história da educação brasileira e dos contextos históricos e sociais então perfilados.

Cronologicamente, **Vocações pedagógicas de Rui Barbosa** (1959) foi o último ensaio biográfico do educador, organizado por outro educador. Isso nos leva a pensar que a proposta ensaística de Isaías Alves é resultado de sua maturidade autoral, reunindo recursos retóricos mais conscientes e elaborados, deste modo, contribuindo para a concreticidade de um importante material de valor histórico, pelo conteúdo documental pesquisado, e pelas performances literárias que se (re)insinuam na c*onversa com o leitor*, tanto quanto, na *presença do autor dramatizado* e na *didatização da história*, tudo orquestrado pelo *narrador memorioso* que, inclusive, aproxima a prática historiográfica do elemento ficcional. Isso nada mais revela que a maturidade e a lucidez adquiridas pelo autor na instituição de um formato pedagógico à estrutura de narrativas biográficas, reunindo recursos retóricos conciliares: o discurso histórico, e a comprovação documental, a tudo legitimando através de um estilo e aparência ficcionais. A tais elementos, Isaías Alves acrescenta um tom emotivo, e sensibilizando o leitor para a dissolvência de relatos que passariam como meros arrazoados históricos, não fossem os recursos de que dispõe para nos fazer lembrar o *enigma biográfico.* Nesse viés, Isaías Alves permite que a porta permaneça aberta, possibilitando a eventual entrada e a intermediação leitora, no sentido de imprevisíveis revisitações em diferentes tempos do futuro.

O tom preventivo é assumido pelo biógrafo para nos apresentar um Rui Barbosa "impulsivo", "com pouca capacidade administrativa"; "sem formação teórica e filosófica", "tem-se a impressão que Rui recorreu a uma fuga" (ALVES, 1952, p. 172, 175, 167, 147, respectivamente). O biógrafo não nos afasta do biografado; pelo contrário, ele contribui para que sejamos cautelosos na leitura e possamos estabelecer comparações textuais diferentes das suas, sobretudo quanto ao que inicialmente pensávamos, que Isaías Alves promoveria um acerto de contas com Rui Barbosa. Ao descrever as ações consideradas, por ele, como incoerentes, sutilmente Isaías humaniza Rui Barbosa, fazendo com que aceitemos sem reservas, tanto o biógrafo, quanto o biografado, numa nova *inversão de expectativas*

Acentuadamente, a partir de 1930, as narrativas biográficas passaram a privilegiar as temáticas problematizadoras da questão nacional, o sentimento patriótico e o desejo de conhecimento da realidade brasileira. Conquanto as escolhas biográficas de Isaías Alves tenham incidido sobre dois educadores, em tempos importantes para o desenvolvimento da

nação – Monarquia e República – essas escolhas representam uma forma sensível de conhecimento dos cenários políticos e histórico-sociais, com suas respectivas contradições. O desenho adotado para abordar as questões e produzir os saberes sugeridos pelo esforço biográfico, configura-se de forma diferenciada nas duas obras. Observando os aspectos teórico-metodológicos mobilizados pelo autor, podemos dizer que o fazer biográfico dos anos 1930 trazia em seu tecido uma proposta de debate que, às vezes, relacionava-se de maneira crítica à historiografia instituída, tanto no que diz respeito à metodologia epistemológica do conhecimento histórico, quanto aos conteúdos deste mesmo saber. O que objetivamos aqui foi apresentar as obras biográficas de Isaías Alves, expondo, de cada uma, o modo como se desenvolveria uma narrativa específica para as distintas trajetórias, revendo suas fontes e as relações com a historiografia existente à época, e que seriam reajustadas pelo biógrafo, acima de tudo, pela consciência autoral que utiliza variantes do gênero biográfico e da retórica ficcional, num espaço de construção onde o culto ao passado seria o tempo escolhido para a rememoração do eu, independente do narrador e de sua proposta teórico-metodológica, claramente assumida ao longo do texto.

Nesse complexo percurso, os caminhos escolhidos por Isaías Alves documentam o desenvolvimento gradual de perspectivas analíticas e de formas de narrar. Ou seja, do primeiro esboço biográfico de Isaías Alves, datado de 1922, até a sua última produção, **Vocação pedagógica em Rui Barbosa**, de 1959, trinta e sete longos anos serviram para que o autor amadurecesse intelectualmente. De fato, **Vocação** é uma produção melhor delineada esteticamente, ajustando-se a um maior apuro formal, um dialogismo analítico pouco frequente em **Vida e obra do Barão de Machaúbas** (1942), embora este já insinuasse algumas mudanças antevistas a partir de 1930, quando a biografia foge dos modelos de construção vitoriana, laudatória, com pretensa ilusão de verdade absoluta. Isso é central para os estudos do gênero porque contribui para eliminar as limitações dos estudos biográficos, até então voltados a extensos relatos *comprováveis.* Ao escolher biografar personagens educadores, que se forjam nos fins da Monarquia e princípios da República, Isaías Alves renova. E também por reconhecer o lugar do leitor, propondo um modelo de escrita biográfica ensaística, que se une ao exercício da crítica e apreensão da história da educação brasileira, bem como de renovação dos estudos (auto)biográficos no Brasil .

4. 5 **MATAS DO SERTÃO DE BAIXO**: ODE, MEMÓRIA E HISTÓRIA SOCIAL

De certa maneira, falar de Isaías Alves e de seu projeto memorialístico é correr o risco de redundâncias já assinaladas no decorrer desta tese. Afinal, nossa proposta é reconhecê-lo como um grande narrador memorialista, aí incluídas as variantes (auto) biográficas que ele assumiu nas obras referidas, disposto ao empreendimento de também contar-se através dos relatos sobre outras vidas. No entanto, em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), o narrador atinge um grau de complexidade que ultrapassa a classificação biblioteconômica instável – o de História social do Recôncavo Sul, para ampliar o espectro bibliográfico em relato memorial, mas que não se acomodando com isso, embrenha-se ainda pela linha sinuosa entre a memória e a autobiografia através de alguns aspectos memorialísticos, não ligados diretamente ao narrador, enquanto que a autobiografia consiste em reconstituir a narrativa dos fatos vividos pelo narrador.

Há, no mínimo, duas nítidas propostas orgânicas na obra, **Matas do Sertão de Baixo** (1967). Numa delas Isaías Alves seja, descreve o Recôncavo Baiano e sua gente, marcando a imagem do escritor, pedagogo e indivíduo comprometido com a história de sua região de origem, encontrando, na enunciação memorialística, uma possibilidade concreta de tornar conhecida uma *versão de si.* É difícil definir a narrativa centrada no sujeito, independente de sua rubrica discursiva, ainda mais quando o discurso reage ao vezo linear da escrita, na organização textual de Isaías Alves,que assume, numa única e linear possibilidade. Assumimos, portanto o pensamento de que não há neutralidade na escrita memorialística de Isaías Alves: ele objetiva, claramente, alguns projetos, sendo o maior deles inscrever-se nos esboços biográficos a outros destinados e para isso, vale-se da fluidez que o gênero permite, embora saibamos, como nos informa Lejeune (2008), que as categorizações tradicionais propõem um pacto e este não pode ficar exclusivamente rendido o leitor, que definirá o texto em consequência de sua formação.

A fim de contornar tais embaraços, Philipe Lejeune (2008), dfende que o texto contém, na sua estrutura externa e interna, elementos que confirmam o caráter autobiográfico que deve assumir em determinados contextos. No caso de Isaías Alves, o autor empírico assume uma classificação intermediária para a sua produção, não o formulando enquanto trabalho sociológico, nem o confinando a qualquer outra categoria previamente definida:

> **Nosso trabalho não é de ficção**. Descrevemos, criticamos, comparamos e salientamos o grande esforço criador das gerações de 1750 a 1850 aproximadamente, tirando da mata bravia a riqueza agrícola, que ainda hoje vigora

> em alguns centros, em meio à transformação dos hábitos, dos costumes, da mentalidade de quase toda a vida rural do Estado. Quase nada diremos de hoje. Nossa experiência se fez até 1929 a 1930, com poucas visitas em 1938 a 1941, quando a função do governo prejudicava a função da vida social (ALVES, 1967, p. 145) (grifo nosso).

Por mais que formalize a intencionalidade objetiva de sua escrita,Isaías Alves insinua-se, claramente, em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), numa disposição memorial e autobiográfica que se associa a outros modelos já realizados pela literatura brasileira. Dessa maneira , o autor enfatiza que seu texto não é ficcional, podendo o fato narrado ser facilmente verificável, uma vez que indica as fontes, assumindo, em consequência, um pacto de veracidade. Embora rubricado pelo prefaciador e pelo autor como um livro indireto de *memórias,* **Matas do Sertão de Baixo** (1967) assume contornos de autobiografia, vistos através de quadros presentes ao longo da narrativa, a exemplo da origem familiar, o álbum de família, e até mesmo a árvore genealógica que mapeia todo o espectro familiar do Recôncavo Sul, com isso instaurando, para além da herança genética, a herança psicológica e cultural. Descrevendo tipos humanos valiosos e inesquecíveis para ele, e apontando *topois* especiais, caros à memória do lugar de origem, Isaías Alves relata as aventuras de menino, pelas ruas da cidade natal, ressaltando a importância da escola e de suas primeiras leituras (predominando os livros do Barão de Macaúbas); enfim, restabelece uma cronologia de vida, como normalmente pratica em outros textos deliberadamente de caráter biográfico.

Podemos facilmente indicar outros elementos que sustentam a nossa perspectiva de haver, em Isaías Alves, uma tendência para variantes em sua tessitura memorialística, retomando os movimentos típicos da pactuação autobiográfica proposta por Lejeune (2008). Nesse sentido, a *escritura* alvesiana possibilita a *metalinguagem,* através dos interstícios do enunciado. Em outras palavras, a propósito da composição e da relação entre o sujeito que produz o texto (autor) e o sujeito que o enuncia (narrador), eis como se manifesta o memorialista, próximo do relato fabuloso:

> Em pé, de Croisé, ouvia de minha mãe, queixas pelas rusgas domésticas. Junto estava, vindo da fazenda, rico cesto de laranjas-cravo, que quase eidéticamente, vejo como ao velho. A serena atitude de aconselhar paciência e conformação indica que a doença ainda não estava agindo. A morte deu-se em 5 de outubro. Acredito, pois, que a conversa cujo valor moral me impressionou, terá sido no começo do ano ou fins do anterior, aos meus cinco anos, quando se deram outros fatos que pude recordar aqui. Foi uma vantagem ouvir o velho avô com pensamento construtivo de conformação, na aurora de minha formação social (ALVES, 1967, p. 58).

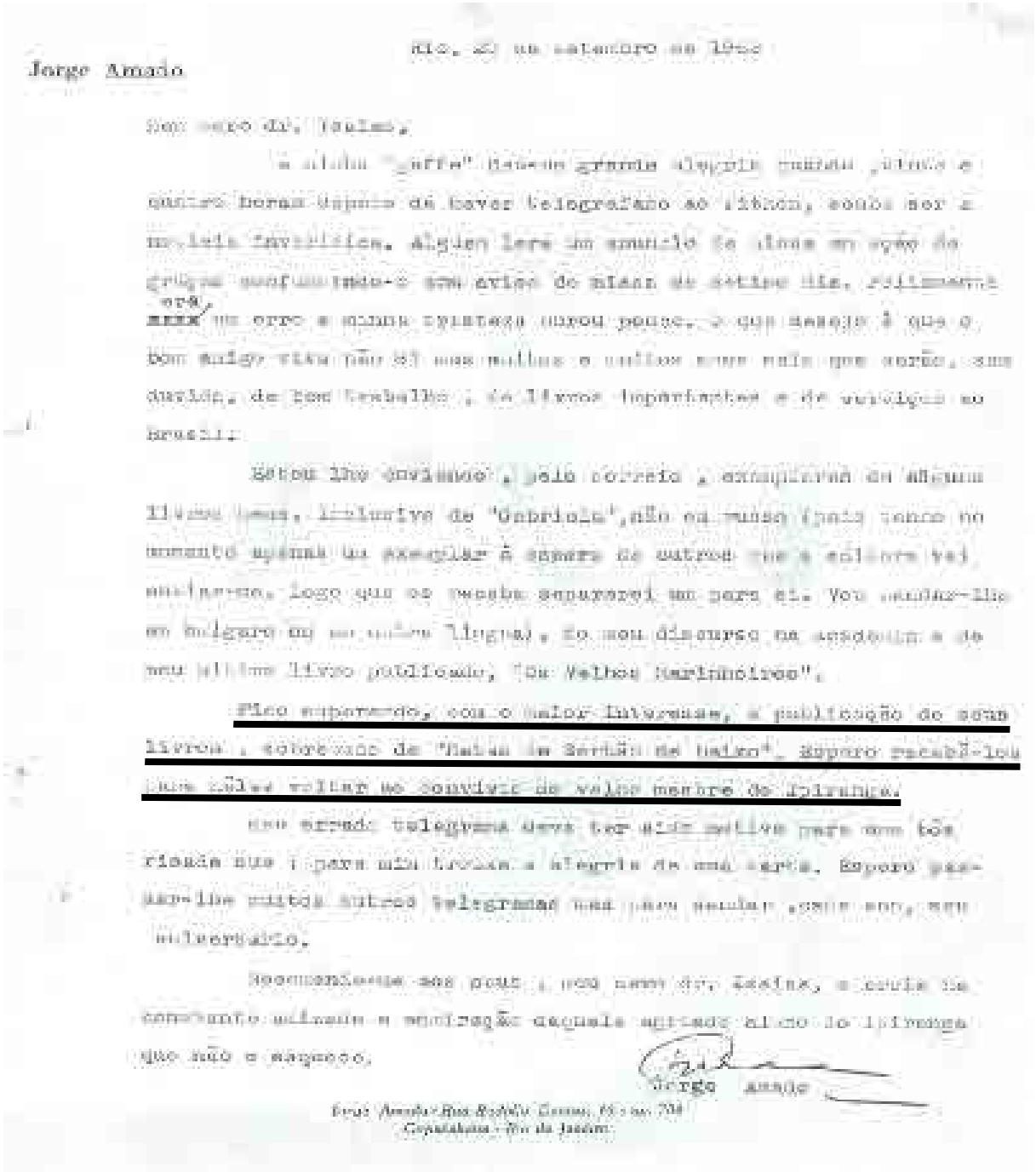
A escritura acusa e alterna planos temporais entre os sujeitos do discurso. Ou seja, coincide no que recorda a experiência do que narra, reescrevendo-a em todo o decorrer da obra. Assim como nas biografias convencionais, o autor empírico realça fatos e resultados provocados pelo biografado. Isaías Alves se utiliza do narrador dramatizado para conduzir os relatos que, no entanto, não obscurecem a pessoalidade intencional do autor em nenhum momento, nem mesmo nas tentativas que faz para aparentemente se distanciar dos enunciados.

O caráter memorialístico e autobiográfico, assumido em **Matas do Sertão de Baixo** (1967) insiste em atestar a veracidade do relato. Para alcançar esse estatuto de legitimidade, o narrador usa o seguinte expediente: deixa, na sombra, seu protagonismo, passando à condição de testemunha da realidade, colhendo depoimentos de ex-escravos, para justificar aos leitores a natureza de suas fontes. Com isso, objetiva obter a credibilidade do relato, mediante o arrolamento do falar em projeto de evocação pessoal. Dito de outro modo,o acervo de registros incontestáveis que fazem parte de sua memória:

> **Certa vez, lembrei-me, já velho**, quando acusava Ruy Barbosa que os Americanos tiveram numa guerra de quase cinco anos maior perda que os prejuízos dos fazendeiros do Brasil. Combinei, depois, quando vi os escandalosos reajustamentos que se têm sucedido na República. Entretanto fez-se a abolição e o governo conseguiu tal crédito, que a Libra Inglesa ficou abaixo do par (ALVES, 1967, p. 80) (grifo nosso).

Nesse entendimento, Isaías Alves muda sua condição de narrador-personagem para narrador-assistente, conquanto isso não seja suficiente para tornar evidente um pacto de referencialidade. O leitor tem conhecimento da ampliação que a narrativa possibilita, junto a suposta falta de verossimilança, referente à exatidão das propostas textuais, estas funcionando como elementos para fazer compreender as variadas formas com que as verdades construídas são utilizadas na fabricação de um relato único e oficial. Uma característica autobiográfica que registramos em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), Além da *escritura*, da *lembrança* e da *recordação*, a característica autobiográfica que registramos, em Matas do Sertão de Baixo (1967), é a *consciência da recepção*, demarcada ao longo das três obras através da voz autoral que dialoga com os leitores, sempre convocados a partícipes das histórias por ele tecidas. Isso revela que autor direcionava as suas pesquisas, quase sempre relacionando-as a história regional, na tentativa de estabelecer um permanente dialogismo com o leitor, marcadamente pesquisador. Dessa forma, ele demonstra *consciência da recepção*, ou seja, em suas obras, Isaías Alves deixava claro que escrevia para um leitor pesquisador. Talvez por isso, era

muito judicioso na elaboração dessa escrita, por reconhecer que tinha leitores criteriosos, a exemplo de Jorge Amado, como inferimos:



Jorge Amado

Foto 13 - Carta de Jorge Amado endereçada a Isaías Alves. Fonte: APIA

É importante enfatizar que a publicação de **Matas de Sertão de Baixo** (1967) foi muito esperada por estudiosos do nível de Jorge Amado, Luiz Viana Filho, Pedro Calmon, Adonias Filho, etc., de modo especial, por aqueles que se dedicavam aos estudos sobre a Bahia, alcançando notável repercussão, antes mesmo do seu lançamento. Parte dessa expectativa se deveu ao reconhecimento do grande esforço de pesquisa feito por Isaías Alves,

empenhando-se, durante quase vinte anos, na catalogação de documentos e transcrição das conversas obtidas em suas inúmeras viagens pelo interior da Bahia.

Devido a esses fatores muitos reconheceram em Isaías Alves era um intelectual comprometido com as causas nacionais. A despeito de seu passado integralista, ele agregava simpatias nos mais diferentes setores do pensamento brasileiro. Indiscutivelmente, era um homem desejoso de organizar a própria vida, e o seu projeto de escrita ambicionava, também, discutir as questões nacionais e seus desdobramentos. Em diferentes períodos do século XX, ele emitiu gestos para a reinvenção da pátria e de um sentimento de *brasilidade* que propunha redescobrimentos para o Brasil, numa linha, talvez, que remonta às ideias do conde Afonso Celso, no livro, **Porque me ufano do meu país** (1900), fonte de inspiração de amor à pátria, através de elementos simbólicos do nacionalismo. Esses seriam reintroduzidos pelos modernistas, postuladores de outros mecanismos de absorção patriótica, diversos do desenho que permeia todo o século XIX. Isaías Alves retoma ideias e ideais de pertencimento, em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), por considerar que os signos de nacionalidade mais legítimos figuravam no interior do Brasil, principalmente no Sertão, na época,compreendido como todo o território que não fosse o litoral, ou dele se distanciasse, para afastar-se das representações do cosmopolitismo enquanto que, ao interior, estariam preservados os símbolos autenticamente brasileiros.

Segundo Lúcia Lippi Oliveira (2007), além de intensificar o projeto de conhecer o Sertão, houve também, da parte de Isaías Alves, uma preocupação com seus habitantes, acreditando ser possível uma fórmula que desse conta dos grandes males que afligiam a população. Tal receita era já circular em seu pensamento: associar educação e higiene, numa espécie de cura sóciomoral, conforme prescrito pelo Barão de Macaúbas e por Rui Barbosa. Assumir tal vertente programática seria até fácil, para um autor que defendia temáticas nacionalistas, relacionadas diretamente com os proclamas integralistas. Para Oliveira (2007), esse interesse pelo interior do Brasil duraria até 1950, despertado por uma gama de escritos nos que avultavam a descrição do interior e suas peculiaridades geográficas, humanas e culturais, pondo, em relevo, as marcas emblemáticas de um passado colonial, cujo legado deixou profundas marcas no interior do Brasil.

Com base nesse projeto de interiorização do Brasil, verticalizado em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), Isaías Alves oscila entre desenvolver um projeto de cunho histórico e literário em sua obra ou ressaltar a genealogia familiar e a tradição lendária de sua região, sempre primando pelo discernimento e pela filiação aos ideais positivistas, obnubilados, em parte, pelo sentimento nativista. Sob qualquer prisma, todavia, o autor não obedece a

esquemas rígidos para conceber o que define como seu projeto de historiografia social. Inicialmente, elabora a análise parecendo objetivar um tratamento especial conferido ao século XX, narrando os fatos em sentido diacrônico. Mas logo somos surpreendidos por uma ruptura analítica e um recuo ao século XVII, numa seção que, segundo o autor, estaria reservada a outro século, mas que ele, por motivos não explicitados, advoga para um improvável presente da narração. Isso em nada tira o mérito da obra, mas é uma peculiaridade estrutural que aguçou nossa curiosidade e tornou-se um enigma para as conclusões de nosso estudo.

O estilo narrativo é claramente memorialístico, embora transite entre a historiografia social da geografia humana, mesclando motes dialógicos entre as ciências humanas e literárias.É um caso clássico, de discurso narrativo em primeira pessoa, ora alternando com a terceira e evidenciando certa indeterminação, ressaltada pela disposição, anímica, do resgate impressionista e das imagens apreendidas pelo narrador, autocaracterizado como observador participante:

> **Das minhas recordações** de meninice que tenho nítidas, a figura da avó não me ficou memória, pois morreu antes dos meus quatro anos. Nem mesmo a cena em que minha mãe conseguiu ver a velha no esquife, à porta, em caminho do cemitério de Santo Antonio de Jesus, **me lembro** absolutamente (ALVES, 1967, p. 58) (grifos nossos).

A recomposição da memória narrada em livro passa-se em Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Sul da Bahia e, mais uma vez, destaca o *narrador memorioso*, agora intensificado nos papeis de autor-narrador e personagem de episódios da história sócio-cultural baiana. Os acontecimentos são narrados de forma bem próxima à oralidade, como se estivéssemos numa conversa em fim de tarde, espécie de prosa muito comum no interior do Recôncavo, tomado como pano de fundo sobre o qual se assentam valores da comunidade, retratada, cabendo, ao autor-narrador o endosso às histórias e o relevo, não raro com certo gosto pitoresco:

> Foi um Amorzinho famoso da política, cercado de prestígio. Bastava um preso gritar: “Valha-me, seu amorzinho” e logo a polícia era forçada mesmo por violência a soltá-lo. Certa vez um barqueiro de Valença atraca-se com um outro chamado Portela, que não conhecia. Consegue subjuga-lo e o põe ao chão. Quando ia bater, diz-lhe e dominando: “Bate desgraçado... tu está batendo em Amado Portela[55]”. O barqueiro pula, ajoelha-se, põe as mãos e suplica: “Seu Amado, pelo amor de Deus, eu não pensei que era o senhor” (ALVES, 1967, p. 174).

[55] Segundo Isaías Alves, Amado Portela foi um importante coronel, dono de grandes propriedades de terras, situadas no Recôncavo Baiano e na Costa do Dendê.

Os relatos são assim marcados pela memória social e o comunitarismo planetário, maneira a qual Isaías Alves encontrou como alternativa para expressar seus sentimentos, sem assumir a escrita de um livro autobiográfico. Para dar conta de sua versão memorial, ele recorre a uma modalidade narrativa diferenciada, graças a um estilo literário dedicado, desde o título épico de **Matas do Sertão de Baixo** (1967), que traz em si uma conotação lírica seguida de divisões que o autor prefere chamar de *partes*. A obra possui três partes, que ele intitula : **1ª-Luta dos três rios**, **2ª-Viagem sentimental pelas fazendas**, **3ª-Lembranças da terra natal: Santo Antonio de Jesus**. Para as referidas divisões, os títulos escolhidos são de caráter reconhecidamente emocionais, primeiro pela personificação dos lugares, das pessoas e das coisas; segundo, pelas nítidas referências literárias, a saber: **Viagens na Minha Terra**, de Almeida Garrett, e o poema **Meus oito anos,** de Casimiro de Abreu.

Daí a defesa inicial, buscada por Isaías Alves, de que **Matas do Sertão de Baixo** (1967), tenha uma pretensa cientificidade fica logo fragilizada, diante dessas escolhas e das descrições sinestésicas capazes de despertar, em nós, o aroma e o gosto, num modelo similar ao percorrido por Marcel Proust, no seu **Em busca do tempo perdido** (1913), em que a memória é instrumento privilegiado da escrita, revisitando o tempo perdido e transformando-o em tempo redescoberto graças às constantes viagens memoriais, o que também fez Isaías Alves.

Na tentativa de materializar esses elementos, o narrador alvesiano permite que sensações provocadas por cenas, impressões, sentimentos e ressentimentos, cristalizados em memórias líricas ou dramáticas, aparentemente esquecidos, apresentem-se de forma intensa na na experiência narrativa memorialística de Isaías Alves . É relevante acompanharmos, aqui, a necessidade que o narrador revela em descrever uma paisagem revalorizada por seu olhar íntimo, já que projeta o seu especial investimento afetivo, imprimindo relevâncias retrospectivas, em especial quando descreve suas lembranças de viagem:

> O almoço fora suculento: era a riqueza que uma fazenda prodigalizava de sustância e de sobremesa, nessa alegria tranquila e repousante que a cidade desconhece. Mesmo em 1930, as influências do jornal e do telefone, dos ruídos das ruas contrastavam com a quietude de domingo do campo. Ao doce convívio, segue auspiciosa sesta. Às três horas, a orquestra da harmônica, clarineta e flauta e bandolim desperta a dança [...] O ar da meia noite vai chegando. Após um descanso, a orquestra desfere as notas da convocação, depois de novos doces e café. É uma hora, são duas, o Cruzeiro do Sul já quer marchar para o ocaso (ALVES, 1967, p. 178).

Aqui retomamos o conceito desenvolvido por Dosse (2009), de que os relatos de memória trazem consigo um misto instável de efabulação da experiência viva e uma constante recorrência a elementos da narrativa ficcional. Esse tratamento peculiar desperta-nos para a bizarra coincidência do que interpreta Miranda (1992) atribuindo ao título "Viagens" conferido ao primeiro capítulo do livro **Memórias do cárcere,** de Graciliano Ramos, um indicativo de ressonância entre o narrador do livro e a figura matricial do marinheiro, que viaja e tem sempre muito a contar. Isaías Alves restabelece também esse diálogo, e de forma muito especial, pois conecta entre si as duas imagens, a do marinheiro e a do camponês sedentário nas viagens sentimentalmente revisitadas, o que consagra na relação direta com o Walter Benjamin do texto de **O narrador** (1987).

Seguimos também a viagem sem volvermos à camada teórica empreendida desde o primeiro capítulo. É que, com certeza, perdemo-nos em caminhos diversos, ou então passamos despercebidos pelos já percorridos, e sem o devido registro que nos indica o já alcançado. Assim, reelaboremos as análises empenhadas na compreensão da memorialística de Isaías Alves. Sentimos inevitável necessidade de evocar a distinção entre o *memorialismo* e a *autobiografia.* Parar um melhor encaminhamento da nossa proposta de tese, ratificamos que os temas tratados por Isaías Alves, nos textos biográficos, não priorizam a vida individual, a história de uma personalidade, como ocorre nos demais caracteres específicos da biografia.

Nas memórias alvesianas, a narrativa de vidas parece assumir um plano secundário, fazendo sobressair aqueles relatos que o autor previamente seleciona. Essa distinção não se dá em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), ou melhor, não se define com tal nitidez, pois o narrador decide cantar sua gente e seu contexto sócio-historiográfico,utilizando-se de um recurso insólito: a focalização de um múltiplo seu *eu*, começando por Úrsula, sua pentavó, e terminando com o espectro de Fausta, sua bisavó. Os relatos sobre a ancestralidade de Isaías Alves nos acompanha desde a nossa primeira leitura, quando só pretendíamos encontrar pistas sobre o poeta que procurávamos. De encontro em encontro, com o arquivo do santantoniense, concluímos que suas escolhas não se deram aleatoriamente pois, para encontrar-se com a narrativa memorialística, os indícios estavam em sua biblioteca, no livro de Goethe, com significativos sinais de leitura e diversas marcações associadas às pesquisas do médico alemão Faust (1480-1540), sugestão onomástica para o aproveitamento do final do livro de Isaías Alves. Cedemos à nossa sensibilidade e fizemos uma ilação livre. O autor recorreu intencionalmente à ascendência alemã de sua bisavó, em singular aproximação com o *mito fáustico,* de caráter universal, para materializar o mítico caráter do homem moderno, aquele

que busca dar significado à sua vida, precisando tocar o eterno para compreender o misterioso. É assim que Fausta se encontra com Alice, convencendo-a a ir para o convento e tornar-se modelo de conduta humana.

Ainda sobre a feição estrutural de **Matas do Sertão de Baixo** (1967), o narrador procede da seguinte forma: se, na biografia, ele se escamoteia e se dissimula na biografia, sob uma aparência mais discreta, mas perceptível, nas memórias ele se permite uma maior liberdade narrativa, relacionando-se com o ficcional e se tecendo como um narciso estilhaçado, nos relatos de si e dos outros; particularizando ser autor, narrador ou personagem, com um constante comparecimento, repaginando a figura autoral, independente do estilo adotado.

Essa instabilidade quanto ao assentamento do que seja memória ou (auto) biografia é motivo de debate na literatura brasileira há bastante tempo, perquirindo-se, não apenas o lugar reservado ao autor, sujeito que lembra, como o daqueles que são lembrados e como são lembrados. O questionamento se antecipou desde Monteiro Lobato, com sua série de **Memórias**, de Emília, de Pedrinho, do Visconde de Sabugosa e até as dele próprio. De forma anedótica, Lobato afirma que todos têm o direito de escrever suas narrativas de vida. Sobre isso, Emília tem certeza, decidindo contar a sua, mas, com preguiça de escrevê-la, delega a função ao Visconde, que se empenha, como todo bom escritor memorialista, em escrever *a verdade* da vida de Emília. Esta considera a escrita do Visconde sem graça. Não que a vida dela seja sem graça, mas não lhe agrada a forma da narrativa adotada e acaba por contestá-la, sugerindo a reinvenção, não só do estilo, mas também da história, afirmando "que é nas memórias que os homens mentem mais" (LOBATO, 1994, p. 07). Relativizando afinal a tão discutida exatidão (auto)biográfica.

Os relatos servem a Isaías Alves para assimilar, em sua obra, um sentimento de orgulho, ao rememorar a saga do Recôncavo Sul. Numa narrativa que beira o épico e que desnuda a história oficial, o narrador ouve e representa outras vozes, diferindo da famosa crônica narrativa dos vencedores. Apesar de vários discursos se iniciarem em terceira pessoa, são marcantes os trechos em que predomina a primeira pessoa, como uma âncora que, impetuosamente, atrela a poeticidade da narrativa às experiências de vida do autor, ornando a épica com um estilo lírico, documental e memorialístico, hoje comum à literatura moderna:

> O ar da mata nos dá um sono profundo: os sonhos fugidios não fatigam; o despertar é fácil e alegre. O dia vai clareando ao orquestrar dos passarinhos e das cigarras que, de longe, parecem longos silvos da locomotiva. Ouço as cinco pancadas do relógio velho. À janela, a luz mal permite escrever estas linhas, mas a claridade aumenta, tingindo levemente de rosa o papel. A neblina é tênue e a estrada

> surge na curva. Agora o jardim é claro e as angélicas, em cachos, erguem-se por entre as margaridas e os malmequeres. As angélicas recordam de chofre a velha avó Maria Angélica. O perfil da coiteseira mística é perfeito e a madre-silva já se distingue completa. Vou ao canteiro da suave e dulcíssima violeta e, entre as flores que as primas cultivam numa infinidade de vasos, encontrei uma violeta ainda fechada, que deixei para o ciclo da natureza (ALVES, 1967, p. 55)

Com marcas de aliterações e evocações sinestésicas, o poético ajusta-se ao relato simples do cotidiano de uma comunidade do interior. Quando Isaías Alves implicita outras vozes e ecos existe também, na narrativa histórico/memorialista, um desejo autoral de selecionar imagens, um manifesto inconsciente afetivo, que distingue os moradores, separando apenas o tipo das boas lembranças. Ele acaba por refundir os mitos da felicidade inculpada, erigindo modelos segundo os quais a própria seleção dirige os destinos da operação do olhar. Afinal, era um representante da aristocracia rural, falando em linguagem de ode e ditirambo, ideologicamente disposto a recuperar a nobreza daquele lugar.

É exatamente na repetição desse modelo de história social que a obra de Isaías Alves ganha em legitimidade estilística. Ao ouvir outras vozes, todavia, na maior parte das vezes, esse narrador possibilita uma revisão da história modelar, já que centra seu relato em evicações sinceras, quase simplórias, e nem tão heroicas. Leremos sempre, na obra, expressões coloquiais como (“me foi contado pelo negro da fazenda” (ALVES, 1967, p. 47, ou “como me disse a escrava Benvinda” ALVES, 1967, p. 48) como oportunidades de fala recorrente, para garantia da exatidão das informações. Assim, a meta parece ser que o leitor participe do relato e possa criticar os mitos da história oficial, com isso se postando em lugar ambivalente, em que pode contribuir para a desconstrução do discurso histórico hegemônico, mas também pode ser portador de uma vontade de manter-se neutro numa posição hierarquicamente inferior ao autor-narrador-personagem modelar numa seletividade de lembranças apenas do que lhe seja conveniente e exercendo um penhor crítico, ainda que sutil, mordaz e ressentido:

> Concluídas as notas do precioso ditado, em que se reúne a saudade de duas almas boas, gratas ao coração do autor, **falta lembrar** que a fazenda se começou para milhões de cafeeiros, mas afundou na mataria, por efeito da política nova (ALVES, 1967, p. 304) (grifo nosso).

Fragmentos como esse transcrito ocorrem com muita frequência em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), que trata daquilo com que os teóricos dos estudos do gênero tanto se procupam: o poder conservador da memória, apontando o binômio *lembrar* e *esquecer* como fenômenos ativos e atinentes à memória, e não contrários a ela. O texto alvesiano é fronteiriço

e se organiza num condensado de fatos, de registros de acontecimentos históricos que vão dos séculos XVII ao XX, passados, especialmente, numa, Santo Antonio de Jesus que o autor empírico tenta (re)significar, uma espécie de *paraíso perdido* que ele investe para reencontrar e salvar da morte simbólica, já que da física ele se sente muito próximo. Isaías Alves encontra-se enormemente debilitado no ano em que a obra é concluída e publicada (1967), ainda que seu projeto tenha se delineado três décadas antes, recuado ao tempo em que o autor viajara por todo o interior da Bahia, compilando documentos e ouvindo as histórias que o fariam permanecer vivo.

Por todos esses aspectos, **Matas do Sertão de Baixo** (1967) representa importante fonte de dados empíricos, privilegiando um campo da história não factual. O autor não se apoia somente em documentos materiais, e se torna um dos pioneiros na busca de registros em fontes orais,bem como nas obras incógnitas de uma historiografia regional pouco visível, buscando uma interpretação da história social do Recôncavo Baiano, ou o que geográfica e economicamente entende por Recôncavo. A tentativa esbarra em conceitos subjetivos, já que arrola pessoas do Recôncavo ligadas a acontecimentos históricos de todas as regiões do Brasil, revelando, malgrado o desejo primitivo de Isaías, que não se pode pensar o país sem pensar o Recôncavo, e vice -versa.

Na obra, há um inegável esforço de unidade temática. O narrador inicia o relato tratando do século XVII, refletindo sobre a colonização da Bahia e a fundação da cidade de Salvador. Em seguida, de forma fragmentada, situa o Recôncavo como uma grande força econômica, dentre os vários ciclos econômicos do estado,como aquele que compreende as cidades situadas ao sul do estado. Atribui tal ciclo de desenvolvimento à coragem e à tenacidade dos portugueses que regeram a cultura e a riqueza da Colônia, operacionalizados por uma civilização mais dinâmica:

> Recobrada a soberania portuguesa, o Recôncavo baiano já era uma força econômica. Ampliava-se pelo sertão de Baixo e já fazia rebanhos e a incipiente mineração do de Cima, seguindo o rumo do Paraguassu, do São Francisco, Rio de Contas, do Itapicuru e, mais ao sul, os do escoadouro da Capitania de São Jorge dos Ilhéus e da de Porto Seguro. Em torno da Capital da Colônia, crescia uma grande civilização, com arte e riqueza, que faria prova nas refregas da Independência, mais um século e meio, igual período ao já vivido nos embates com os aborígines (ALVES, 1967, p. 12).

A fluência do livro segue a-crítica, logo, marcada pelo desenrolar de fatos de caráter pessoal, atrelados ou não aos fatos históricos, característica da variante memorialista imposta pelo narrador e por ele empregada. É como se, ao narrar a história, e para garantir o pacto de

referencialidade, o narrador buscasse situar o leitor nas suas histórias, justificando-nos como testemunha acima de quaisquer suspeitas. No caso de Isaías Alves, o leitor achar-se-á diante de um presumível reformador da historiografia nacional.Nesse caso, observará como o narrador sinaliza uma necessidade de remontar ao passado pioneiro do Recôncavo, ressaltando-lhe a coragem, como já fora dito dos portugueses, mas também evidenciando, de igual modo, a importância dos negros e dos índios que, com seus costumes, passariam a caracterizar o povo do Recôncavo:

> Muitos hábitos e gestos eram dos íncolas; muitíssimos de filhos e netos dos africanos, entre os quais se acomodavam, sem mesclar-se, os aldeiamentos provisórios de ciganos, que vinham equipados como pequenas hordas. O certo é que a influência negra dominou, havendo no polígono de nossas viagens haréns de escravos (ALVES, 1967, p. 112).

Em sua maioria, as danças, músicas e festas retratadas pelo autor são setecentistas, isto é, permanecem sob a tutela de influência do período colonial. Em nenhum momento se nota condenação ou visão moralista do autor sobre as manifestações culturais ou *modus vivendi*, independente da etnia ou da genética. No fundo, há, sim, a defesa das qualidades de miscigenação de negros e índios na formação do povo do Recôncavo:

> Do ambiente da fazenda, juntaremos alguns provérbios, ditados que eram constantes, ainda até o fim da vida dos filhos do fazendeiro. São hábitos mentais fortes, expressivos do orgulho, com largueza intelectual. A linguagem era relativamente boa, pois as críticas eram vivas. As cantigas, em que muito colaboravam as escravas, sofriam efeitos prosódicos. Destas e dos provérbios, daremos exemplos (ALVES, p. 60)

Entretanto, registra-se uma valorização das origens e a necessidade de demonstrar a prevalência de europeus na composição étnica do Recôncavo, tudo isso manifestado em referências feitas às famílias e à constituição genealógica em que o autor insiste, a fim de montar, na formação dos nomes das famílias, os referentes colonizadores do Recôncavo, que se expandem com relevância para todo o país, conforme podemos perceber:

> Montei por lá uma árvore dos antepassados e colhi muita informação do velho ambiente das matas. Na Barra, tive boa hora com o juiz Duarte Guimarães, bela cultura de jurista, que não se ancilosou em fórmulas jurídicas, e soube encarar problemas psicológicos e sociológicos da vida moderna. Na qualidade de Membro do Conselho Penitenciário, animou-me e prestigiou-me no trabalho de medidas da inteligência dos condenados, que constituíram úteis elementos dos meus trabalhos de testes (ALVES, 1967, p. 101)

Através da obra, Isaías Alves claramente manifesta sua tentação de encontrar uma maneira de informar ao leitor sobre a situação, não só histórica, como também dos traços da economia do recôncavo. Para fazer isso, ele recorre claramente a uma forma bastante didática, conforme observamos no trecho abaixo:

> Os preços dos gêneros darão a enorme distância entre hoje e aquela época. Museus e antiquários oferecem cinco mil cruzeiros por uma cadeira de jacarandá e palhinha. Uma fatura de outubro de 1887 indica 12 cadeiras por oitenta e cinco mil réis; um sofá por sessenta; uma cadeira de balanço por trinta e cinco; uma caixa de vinho do porto fino – vinte mil réis; dois frascos de conserva, mil e oitocentos réis: vinte e quatro garrafas de cervejas, onze mil reis; dois queijos flamengos, a três e novecentos; duas latas de azeite a seiscentos e quarenta reis. O leitor veja que o nome de mil réis antigo é hoje cruzeiro e verifique se uma garrafa de cerveja nacional de agora tem comparação com a importada. É uma fartura preciosa da instalação do bar de meus pais. Seu sentido econômico era perfeito até cinqüenta anos passados, começo da primeira guerra mundial. Nesta outra encosta do século, tudo é diferente, incompreensível (ALVES, 1967, p. 257)

Com isso, percebemos que o narrador parte do pressuposto de que a história não é exclusivamente fruto de atitudes individuais de políticos, de personalidades ou da vontade do Estado, mas resultado dos embates dos indivíduos em seu conjunto, a fim de (re)significar a memória social. De fato, os homens, têm consciência de sua existência a partir de sua vida real. Sem essa base real, é impossível haver essa consciência. Mas também sem essa consciência, é impossível a práxis. Ou seja, ao abordar questões regionais, o narrador está se referindo às ações humanas universais, num determinado lócus, isto é, numa determinada formação social capitalista. Todavia, o mesmo movimento universal que submete os seres humanos ao modo de produção capitalista, produziu formas peculiares ao se deparar com condicionamentos econômicos e culturais próprios de cada região. Portanto, essas formas assumem, portanto, a condição de modelos singulares de expressão do universal; elas não são reflexos imediatos do universal, pois nem sempre revelam seus contornos mais avançados, mas são aferidos em sua importância e contexto histórico.

Os teóricos que tratam do memorialismo caracterizam esse tipo de escrita como um gênero de fronteira, pois, ao tempo em que revela características do discurso literário, constitui-se em rica fonte de pesquisa histórica, embora mereça mais e melhores estudos, uma vez que as informações nos são dadas por um narrador que registra suas próprias impressões e a partir delas reflete os demais contextos e conjuntura. Isso não significa dizer que a verdade do autor deva escravizar o texto a regras que o tornem uniforme para todos os leitores. Ao contrário, o autor-narrador-personagem empresta ao texto características que vão desde a importância da sua experiência pessoal até a oportunidade de oferecê-la ao outro, para o

estabelecimento de uma relação pactual, num acordo tácito de um *eu* autorizado pelo próprio sujeito da enunciação, que toma para si as vivências passadas do indivíduo e da coletividade que representa e interpreta. Eis um cacoete exemplar do estilo de Isaías Alves ao escrever memórias:

> Os escravos não dormiam trancados, ocupando dois a mesma senzala. Uma noite, depois de alegre samba e jogo costumeiro, Sabino entrou em luta com vários escravos de Antonio da Fulô, cujo engenho funcionava à margem oposta do Jaguaripe, em frente ao pasto da Sapucaia. Deu bastante e apanhou ainda mais, porque os parceiros eram muitos contra ele. Mas Sabino não faltou ao trabalho e conservou-se até o primeiro quartel do século XX, como serviçal dedicado, sobretudo para viagens rápidas, a pé, vencendo os que cavalgam. Há quase sessenta anos conversei com Sabino: "No tempo da empidimia, eu estava assim (mostrava com a mão, altura de um metro); por aí meu siô carcule". Foi um tempo medonho; não se enterrava em cova; abria um valo. No outro dia táva um sentado na beira. O juiz passava carta e dizia: "Tu não conhece mais sinhô". O negro Sabino viveu bastante: só fazia viajar; rápido e pronto, fazia todos os mandados, menos roças e ocupações sedentárias (ALVES, 1967, p. 75).

Nas histórias narradas por Isaías Alves, verificamos ser possível encontrar tanto a voz de uma experiência individual, como a de um ser coletivo. E, por trás dessas múltiplas vozes, é possível reconstituir uma ou várias tradições. Por meio desses relatos, observamos, também que, temos acesso aos costumes de negros, índios, franceses, ingleses e outros grupos em contato e convivência com a tradição local ou regional

A memória em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), é também fruto de um imaginário coletivo que estando atrelado à realidade das vivências e acontecimentos no Recôncavo, pode ser tratada como elemento da história, seja legitimando como postulando uma versão contrária à história oficial. Tais contextos enfatizam a hipótese de que a memória funciona como produto histórico e como conjunto social, na tentativa de preservar os fatos históricos e as vivências de um passado distante e perdido. E simultaneamente, restaura lembranças e revitaliza dados desse passado, que não podem mais ser vividos. Sendo assim, a memória, em **Matas do Sertão de Baixo** (1967), obedece a um formato relatorial, um modo pelo qual o narrador reelabora sua experiência junto à alheia, e exprimindo um misto de história, memorialismo e autobiografia, fundidos experimentalmente.

De acordo com os fragmentos levantados na obra, inicialmente, Isaías Alves vê a memória, como capacidade retentiva, como um retorno ao passado de que ele não se pretende afastado. Por isso lhe rende louvores, apegando-se desesperadamente às lembranças e refugiando-se num pretérito idílico. Então, quando esses fatos retidos na memória individual não são rememorados, ou se contradizem, flagramos um memorialismo fragmentado e as

lacunas sendo preenchidas pela recordação. Assim, os jogos com o tempo e com as vozes, do presente/passado da narrativa, que em Isaías não se dicotomizam, reforçam tal leitura, permitindo diferentes versões dos fatos, acrescidos do vai-e-vem das experiências de tempo e espaço que um narrador assumidamente saudosista nos provoca.

Dessa forma, as lacunas da memória só se completarão por intermédio das vozes de outros, já que sua documentação far-se-á por vários meios narrativos, seja pela criação de um espaço mnemônico no âmbito do relato, seja pela convivência subjetiva do sujeito memorial com o outro e novamente consigo, já com o acesso a vozes que testemunharam uma época e um tempo sócio-histórico. É assim, que, nesse Recôncavo, de onde brotam as vozes díspares, filtradas pelo olhar e pela memória de Isaías, que encontramos o testemunho de um tempo histórico a partir do discurso do outro, e essas vozes, ressurgidas da memória coletiva, contribuem para desenhar um rosto legitimado pela história. Também encontramos um Recôncavo enquanto espaço de tensão e intercâmbio dos valores culturais, facilitando o ingresso na fronteira realidade-ficção, sob um novo prisma: o da pluralidade e da heterogenia:

> Na Bahia, espanhóis e holandeses também criaram, mas portuguesas foram as grandes fôrças, mesclando-se com índios e com negros da África misteriosa. Sim, holandeses, por aqui, também se internaram, muitos, mas dispersos, inclusive padres e frades [sic] que serviram por ver, em viva obediência aos ditames bíblicos do "crescei e multiplicai-vos". Os franceses tinham tido sua função, unidos aos aborígines, deixando aqui índios loiros em vários pontos (ALVES, 1967, p. 11) .

Daí se instaura uma pluralidade de combinações entre heranças culturais distintas, com a intenção de se estabelecer um elo entre essas comunidades diversificadas e a manutenção ou o estabelecimento de uma nova identidade étnico-cultural a partir desses imigrantes inscritos na diversidade. Isso favorece a formação plural e multicultural que encontramos na cultura baiana, e as cenas domésticas, aparentemente inexpressivas para a elucidação dos fatos históricos, passam a compor o quadro das pequenas narrativas, igualmente responsáveis pela construção do sentido subliminar da história. A literatura é convocada a servir de córpus analítico auxiliar ao discurso histórico, o que contribui para a diluição de fronteiras disciplinares, tanto quanto para a exploração de narrativas memoriais com valor enunciativo e como procedimento de escrita. O objeto literário deixa de ser privilégio da teoria e da crítica e se expande para outras áreas, numa demonstração de estar a literatura se libertando de um espaço exclusivo e único de atuação.

Como fato significativo, marcamos a maturidade da escrita com que Isaías Alves publica **Matas do Sertão de Baixo** (1967), mesmo sendo esta obra resultante de pesquisa de

uma vida inteira, e suscitando a curiosidade em expoentes da literatura, conforme sinalizamos. O autor está muito doente, com paralisia no lado direito do corpo e com mais de setenta anos de idade, o que coopera para a narrativa assumir o tom saudosista e intensamente memorial de que se reveste. Falamos aqui de memória na perspectiva arquivística, da retenção de fatos, episódios impressões e lembranças, sendo a escrita a única maneira encontrada pelo autor para salvaguardar suas evocações do passado e, por fim, compartilhando o seu testemunho com o de outros, numa proposta que, dadas as experiências de leitura das obras anteriores, o leitor consegue perceber como jogo de relações estabelecido na obra, de forma a apreender mais claramente as duas faces do autor: a do sujeito empírico, presentificado em notas de pé de página, ou a em terceira pessoa, transmutado em narrador que se dramatiza relatando experiências para um leitor tornado equação, numa aventura complexa e arriscada.

Somado à qualidade literária do texto, o livro **Matas do Sertão de Baixo** (1967) abarca uma experiência narrativa singular por um conjunto de feitos. A começar pelas marcas de enunciação inseridas pelo autor, derivadas não apenas dos graus de excelência em memórias, mas também pelos sentimentos provocados pela saudade que, em muitos momentos, motivará outras narrativas. Isso já era característico de grandes memorialistas, a exemplo de Pedro Nava, Gilberto Amado e Cyro dos Anjos, para mencionar apenas três dos mais conhecidos.

Infelizmente, a Bahia não registra grandes expoentes do memorialismo, fixando-se as suas principais características em eventuais publicações assistemáticas. Falta uma produção teórico–reflexiva, embora tenhamos algumas experiências memorialistas, ostentando nomes como Anna Ribeiro Góes de Bittencout, Pedro Calmon, Eugênio Gomes, Hermes Lima, Madureira de Pinho, José Silveira, Eurico Alves Boaventura, Zela Gattai, José Santana, Herberto Sales e alguns outros. Embora não haja um mapeamento mais específico desses memorialistas e de suas produções, bem como dos formatos narrativos, por eles assumidos .

Nessas circunstâncias, assumimos que Isaías Alves será aquele a exercitar, o memorialismo de modelo proustiano, de forma plena, para o seu e o nosso contexto. Tomando Proust como empréstimo, mas não como filiação - até mesmo porque a escrita **de Em busca do tempo perdido** é quase única e singular -, podemos dizer que Isaías Alves era, sim, leitor contumaz de Proust, não só pelas referências diretas e indiretas que faz em determinadas obras, como pelos registros de volumes dos livros de Proust na biblioteca particular do autor. Embora assumindo o formato de empréstimo, para elaborar uma escrita memorialística, percebemos ainda que, Isaías a redimensiona, cunhando um modelo memorialístico expressivamente calcado no tônus (auto)biográfico. Nos livros de teoria do gênero, aliás,

especula-se que tem matriz benjaminiana a presença constante da memória como instrumento da recordação que experimenta, em formato narrativo. É nesse perfil que Isaías Alves assenta seu papel de conselheiro e educador aquele que sabe narrar vidas começando pela inclusão da sua.

4. 6 E PARA FINALIZAR O CAPÍTULO...

O percurso empreendido para analisar as três obras aqui elencadas - **Vida e obra do Barão de Machaubas** (1942), **Vocação pedagógica de Rui Barbosa** (1959) e **Matas do Sertão de Baixo (**1967) - impõe-nos algumas constatações que surgiram ao longo do presente capítulo. Primeiro, apontamos para o fato de o caráter memorialístico por elas apresentado se, fundamentam em variações que as vertentes teóricas ratificam e coincidem no reconhecimento de inovações, a exemplo dos estudos de Zagury (1982). São assim os elementos característicos de uma boa obra memorialística, segundo Zagury: a) a *transitio,* entendida, desde a tradição antiga, como a expressão que serve para introduzir os episódios das histórias paralelas que se fundem na principal, na novela de cavalaria, assim como no romance do século XIX, para selar o conluio onisciente do autor com o leitor, ambos afastados da perspectiva mais limitada da personagem. Seu uso é também um recurso ficcional que conduz o leitor pela mão, de forma quase sonambúlica, aceitando o jogo de uma continuidade de enredos; b) a *proposição* - parte específica da narrativa em que o narrador se perfila como o adulto, normalmente o velho, narrando o menino; c) a *descrição* - que permeia todo relato, localizando as experiências individuais e coletivas e tendo sempre a *citação* erudita de um personagem histórico como ponto de comparação para o protagonista e o *aparecimento* do narrador como personagem, motivo idealizado para o sofrimento.

De modo recorrente, tais elementos estão presentes, nas três obras de Isaías Alves. Por conseguinte, evidenciam sua articulação com as temáticas, sendo o principal componente da prosa memorialística a tensão emocional entre o narrador das memórias e o seu *eu,* que, por seu turno, é matéria viva da memória afetiva, insubmissa a uma realidade passada e que se quer recontada. O movimento de eterno retorno ao passado, projetado pelo memorialista, traduz implicações que não pertencem exclusivamente a Isaías Alves, sendo comum a esse tipo de produção literária: o desejo de distanciar-se do fim. A consciência da passagem do tempo sinaliza a proximidade da morte, movimentando o desejo de volta, mas isso só será possível através das viagens sentimentais que ativam a memória.

As análises aqui buscadas se constituem na tentativa mesma de comprovação da nossa tese. A escrita de Isaías Alves contém uma manifesta vocação memorialística, cujo exercício tem desdobramentos aos quais chamaremos de *variantes (auto) biográficas*, pactos com o leitor, restabelecendo novos modos de leituras, condições que o autor incorpora nas três obras, em todas elas identificando-se, de forma a não deixar qualquer dúvida sobre a sua condição de autor-narrador-personagem. Com isso, ele exibe a irreversibilidade de um gênero textual para inscrever-se como único ou exclusivo. Ou seja, relativiza a matéria textual como um fenômeno que não se fragiliza em sua proposta original, mas pelo contrário, em um território humano, como o da literatura, cujo centro é o homem, assumir um discurso de univocidade é certeza de imprecisão. Como nos adverte Pedro Nava (1976, p. 406), todo memorialista pratica sua escrita em terreno híbrido, pois os discursos da história, quando expostos à memória, assumem nuances de ficção. Nesse entendimento, o memorialista será sempre uma forma anfíbia de narrador - ora historiador (quando tem que investigar a exatidão dos dados de seu relatos), ora interprete e exegeta (quando encara infinitas as possibilidades interpretativas face à ausência de documentos).

A nossa proposta também não é classificatória. Não intentamos circunscrever Isaías Alves a nenhum panteão, mas tão somente reconhecê-lo como grande memorialista e biógrafo, elaborando variações para a inscrição de si, que ele não queria trancada em arquivos, o que faz de forma sistêmica e organizada. Justamente numa série de quatro volumes de recortes de jornais, somados ao inconsciente textual, vem nos advertir de uma coincidência extraordinária: a de que “a roda da fortuna tem bilhetes em branco e que a derrota arruína alguns para dar sorte a outros” (ALVES, 1967, p. 209). Isaías marca sua obra com o timbre do ressentimento. Ao final do último livro, restando-lhe tão somente entoar um canto solitário ao passado, num sentimento nostálgico de eterno retorno, através de viagens sentimentais, transpõe os signos biográficos rígidos, introduzindo variantes, intuindo sobreviver à morte física, eternizando-se pelas obras e, sobretudo, pela lembrança, uma de suas principais motivações, de quem produz a escrita de si, mesmo que para isso sejam necessários artifícios retóricos que traduzam os outros, dissimulados em figuras pretextuais para mascarar a infinita solidão dos incompreendidos.

Isaías Alves certamente sabia que sua escolha em narrar a vida de Abílio César Borges e Rui Barbosa implicaria em rever estilisticamente a própria escrita. Primeiro, porque se tratava de figuras historicamente já biografadas, o que dificultava um projeto desdobrado em dois momentos: o esboço biográfico e uma antologia. Segundo, pela própria história de vida dos biografados, que impunha uma escrita diferente das já realizadas. Para tanto, sem

poupar esforços, Isaías consultou um imenso material que pudesse, de alguma forma, ajudá-lo a reconstituir a trajetória de vida deles, embora tenhamos nos deparado com a impossibilidade do que parecia ser a obsessão de Isaías Alves: um mapeamento de prioridades para narrar vidas e uma pretensa vontade de tudo narrar, esgotando detalhes que, ás vezes, assemelham-se com os intermináveis relatos de Xerazade.

A produção biográfica de Isaías Alves não se circunscreve apenas à historiografia. Uma *variante* de suas incursões memorialísticas nos estimula a redimensionar o modo de ler e reconstituir nosso objeto, em parte porque o biógrafo se inscreve nas biografias alheias e, dissimuladamente, se estabelece, alçando voo para a condição de um narrador que nos impõe a memória como grande *variante biográfica*. Dessa maneira, e como narrador memorioso, redimensiona projetos de escrita através dos quais pretende ser reconhecido.

Livramo-nos do vezo acadêmico de insistir em circunscrevê-lo apenas como um educador integralista, que muito contribuiu para os estudos da história da educação, principalmente na Bahia. Optamos por sua inserção no rol dos grandes memorialistas, cujos ramais investigativos ocasionam novos papeis. Seus contornos afetivos e saudosistas mapeiam a história do interior do Brasil através de relatos que se aproximam das prosas contadas em fins de tarde, ao aroma do café, nas matas do Sertões de Baixo.

5 FINAL DA VIAGEM: ENCRUZILHADAS

Nos capítulos elaborados com a finalidade de construir o córpus analítico de nosso trabalho, incursionamos por modelos teóricos envolvendo o gênero (auto)biográfico, com destaque para as variantes observadas na obra de Isaías Alves e sua condição de memo/auto/biográfico que, circunscrito ao século XX, empenhou-se no estudo de expoentes da educação do século XIX. O escritor baiano, pedagogo, intelectual e polígrafo transitou pelo universo jornalístico, escreveu crônicas e ensaios políticos, quase tudo vinculado às suas preocupações com o modelo educacional brasileiro.

Nessa perspectiva, ocupamo-nos em analisar como um intelectual positivista, desempenhando comprometidas funções públicas, sem ter alcançado a representatividade que outros tiveram e que ele, julgava merecer, conseguiu estabelecer relações entre a história e a biografia. O fato de ter assumido, obtido e renunciado a certa projeção de liderança, no Integralismo da Bahia, fez dele uma figura estigmatizada no quadro intelectual e partidário, tanto quanto no meio social. Mesmo após ter transigido e abandonado o credo integralista, seu nome ficaria predefinido e condenado ao ostracismo, o que revela claramente os condicionamentos que cercam o intelectual no Brasil.

De maneira geral, vislumbramos a importância sócio-histórica da obra de Isaías Alves, por seu significativo processo de aglutinação de atividades dispostas à remontagem da memória coletiva do Recôncavo Baiano. Nosso estudo pretendeu identificar os contributos de ordem narrativa de sua obra, balizando recortes expressivos para a teoria da literatura, inclinando-nos a descortinar uma prosa (auto)biográfica, que se estilhaça em fragmentos de memória narrativa, oscilando entre a primeira e a terceira pessoa. Tais aspectos não revelam muita coisa, mas, com eles identificados, Isaías Alves consegue narrar-se em terceira pessoa ou como um sujeito indeterminado, o que faz com que algumas teorias não se coadunem com a voz individual, que tenta desesperadamente se inscrever num percurso de evocações trazidas à luz, mesmo porque esse percurso se manifesta num claro formato autorreferencial, exclusivamente destinado a escapar do esquecimento.

O estilo de escrita de Isaías Alves é quase sempre ensaístico, característica de um perfil intelectual que, desejando sobretudo opinar, inscrevia-se nos relatos ao tempo em que revelava temas caros à educação brasileira, aproveitando a oportunidade para defender ideias nacionalistas. As obras em análise encenam e localizam as temáticas abordadas pelo autor

que, como um *flaneur,* caminha pelas Matas do Sertão de Baixo, envolvido em olhares investigativos, comovidos e sinalizadores de dados representativos da memória individual e coletiva da região do Recôncavo Sul.

Destacamos que um estudo desta natureza atrai, não apenas um estudioso da teoria ou da história da literatura. O mapeamento da vida de um indivíduo, através dos seus *biografemas* torna necessário, como no nosso caso, um maior esforço, justamente por se tratar de um autor cujo estágio de absoluto ostracismo carrega consigo sombras negativas de um passado ideológico excludente ante as discussões da pós- modernidade.

Com efeito, na obra de Isaías Alves, falta certo nexos, principalmente históricos, mas que em nada compromete a relação entre memória e biografia por ele desenvolvida. Por mais que os conceitos de *verdade* e *exatidão* nelas estejam resolvidos, quanto impossíveis de serem alcançados, principalmente em uma obra que se assina, para nós, sob uma variante *memo/ auto/biográfica,* assumindo junto ao leitor, a eventualidade de uma premência de verificação, ainda que para ser contestada. Justamente aí flagramos a importância dessas três obras. Além desses fatores, há um outro, que indica a importância de Isaías Alves, assim como, do nosso estudo: apostar numa experiência biográfica que trouxe à baila expoentes da intelectualidade da educação baiana.

Tudo isso, é determinante para reafirmarmos o seu valor, como também o conjunto de variantes narrativas utilizadas pelo *autor implícito*, que sugere ao leitor uma espécie de percepção que o convoque a participar da narrativa, através dos constantes convites feitos, (pelo autor) à verificação, deixando pistas para o leitor aventurar-se em outras pesquisas, e leituras que margeiem as abordagens possíveis, além das inerentes ao autor. Esse elemento é significativo, pois agrega a consciência do papel do leitor, num instante de revigoramento das teorias sobre a recepção. Em Isaías Alves, o leitor é provocado a verificar, nos livros e nos arquivos, o que não ficou retido pela memória.

Reafirmamos quanto à qualidade dessas obras, que pelo menos do ponto de vista histórico, podem ser vistas como importantes arcabouço sobre fatos nacionais e estrangeiros, condensados em formato novo, para a época, ampliando os sentidos da história oficial. Para a redação de **Matas do Sertão de Baixo** (1967), por exemplo, Isaías Alves ouve os negros da fazenda e, mesmo depois de consultar documentos históricos, ouvirá ex-donos de escravos, reconhecendo, assim, que a história não pode e nem deve ser escuta apenas sob a perspectiva e eco da crônica dos vencedores. Atendendo a imperativos de ressignificação histórica, Alves também ouvirá aqueles que, excluídos dos relatos oficiais, permanecerão com suas vozes sufocadas pelo silêncio da história e pela omissão de seus interpretes.

Reconhecendo a dificuldade de leitura dessas obras, sobretudo em tempos de veiculação sistemática das informações e por se tratar de pensador prolixo, (ele critica Rui Barbosa justamente por isso), optamos por transpor as sequências das narrativas alvesianas intercambiando-as com o contexto atual, apesar de requererem um leitor especializado, o qual, a todo o momento, é convocado pelo autor a rever os sentidos da escrita, verificando outras variáveis nos livros, nos arquivos específicos, evitando o que parecer lacunar. No entanto, até chegarmos aos interesses específicos de cada obra, somos surpreendidos por uma linguagem tensa, contendo diversas remissões a autores e fatos históricos, de um passado, analisado, às vezes, apenas pelo cretério subjetivo, o que exige de nós, leitores, uma posição quanto ao pacto referencial previamente assinado – o da verificação.

Com frequência, em Isaías Alves, reitera-se uma constante repetição de fatos, normalmente utilizados pelo autor para inscrever-se nas narrativas, como um narciso às avessas que enquanto olha o outro, se olha e se admira. Isso, de alguma forma nos constrange, pois ao desnudar-se, talvez, com temor de rejeição o autor metarmofoseia, principalmente quando trata do Barão de Machaubas, ou de Rui Barbosa, pagando tributo ao primeiro, o pedagogo que admira, a ponto de também adquirir um estabelecimento escolar e nele construir um modelo pedagógico semelhante aos internatos educacionais do *amigo dos meninos*, aquele mesmo criticado por Raul Pompéia e Graciliano Ramos. A Rui, que ele nem admirava tanto, quanto lhe rasurava atitudes, Isaías Alves não mediria esforços em aproximar-se, para superar,em pensamento e cissiparidade, os ideais de Rui, vivendo quase por procuração de uma antiprática de métodos e atribuições.

Por conseguinte, Isaías Alves é figura emblemática e, simultaneamente, controversa. Ele consegue agregar, em torno de si, a admiração e a repulsa de nomes expressivos da intelectualidade brasileira, situados em posições políticas antagônicas às suas, a exemplo de Jorge Amado e Anísio Teixeira, dentre outros. O fato é que muitos o admiravam exatamente por nele reconhecer a figura do bom e comprometido mestre, que sabia dialogar com os mais diferentes perfis.

No transcorrer desta tentativa de organização dos biografemas da vida e obra de Isaías Alves -, os quais montam um respectivo biodiograma da imagem por nós projetada -, cremos ser possível, aos poucos, atrair atenções para um autor que apresentava no seu curso de vida acadêmica e intelectual, apresentava distintas performances do biógrafo, do teórico e do memorialista, aquele que, para nós, mais se presentificou no tratamento autoral aqui conferido. Nesse caso, antes de reconhecermos o intelectual, o pedagogo e, acima de tudo, o homem sério, responsável e comprometido, seria equiparável legitimar que ele tudo faria para

implementar ações que pudessem contribuir significativamente para a educação de crianças e jovens, na expectariva do futuro, ainda que isso pudesse indicar vestígios de Integralismo.

Isaías Alves soube, como poucos, agir com verdadeiro espírito republicano, assumindo responsabilidades para com o interesse público. Muito são os registros em jornais que, reiterando a seriedade do professor, acolhiam-lhe o digno comportamento, respeitado até por aqueles que pensavam muito diferente dele. Lutando arduamente para ver garantidos os direitos dos professores, sem apadrinhamentos, implementou concursos públicos num formato de processo seletivo que evitasse a indicação por políticos, ao tempo em que manifestava a necessidade de políticas e gestões moralizadoras da educação baiana.

Como Bacharel em Direito, não podia lecionar determinadas disciplinas (como por exemplo, Psicologia, matéria, que ele sempre pleiteou). Por isso, insistia na legitimidade da permanência de um curso de licenciatura, principalmente destinado às mulheres, secularmente excluídas dos espaços acadêmicos. Objetivando corrigir esses problemas didático-pedagógicos, relacionados ao ensino de certas disciplinas, Isaías Alves ainda sistematizaria os ciclos de palestras para atualizar a formação dos que já exerciam a função, mas sem a devida especialização, antecipando um tema hoje tão discutido, que é a formação continuada para professores.

Revisitar os *punctos* inicialmente previstos para o desenvolvimento de nosso trabalho, se efetivamente nos preocupava, vimos que eles se ajustaram exatamente nos terrenos da proposta e dos questionamentos a que nos impomos, durante a construção do que vale a pena ser contado, vale dizer, salientar um discurso narrativo com marcas tão evidentes da inscrição do *eu*. Com certeza, aquilo de que nos aproximamos, afinal - realçar a *vidobra* de alguém - acabou por identificar um sujeito militante, através da abordagem empreendida por Isaías Alves e complementada em sua escrita, que apresenta os sentimentos e os ressentimentos de toda uma vida.

Falar sobre Isaías Alves é evocar e percorrer o complexo Recôncavo da Bahia, aqui composto por uma geografia coroada de nuances afetivas envolvendo o objeto pesquisado. Para nós, foi importantíssimo a desenvoltura do presente objeto acadêmico, apesar de nos sentirmos reféns de um passado nebuloso, e de ouvirmos mais sobre a condição de integralista, de Isaías Alves, além de vozes que se debruçam sobre as manifestações externas e pouco sobre o pensamento original, somados à classificação da biografia como um subgênero e por demais desgastado foi importantíssimo para nós o desenvolvimento do presente trabalho acadêmico.

Finalmente, compreendo, que não havia por que renunciar ou repudiar um trabalho que se justifica em seu valor implícito, seja quanto à apresentação de um autor, na perspectiva em que o abordamos, seja porque suas obras, mesmo com as lacunas aqui apontadas, exibiram possibilidades de revisitação teórica muito significativa no interior da cultura brasileira, seja ainda porque acrescentamos um dado importante para a história da literatura baiana, principalmente conhecida através de Jorge Amado.

Nesses viés, defendemos a iniciativa de, primeiro, situar as obras aqui elencadas no contexto da literatura brasileira, retirando-lhes expediente arbitrário e imposto por outros estudiosos da obra de Isaías Alves. Assim como rever o percurso de um intelectual esquecido ou silenciado, em virtude da escolha ideológica a decorrente de um contexto hoje já ultrapassado. Em consequência, com o fim de evitar incursões demasiadamente sentimentais que, por vezes, nos acossam, encaminhamos a análise, após debruçamento num arquivo que nos revelou uma preocupação adicional e que tem como base o pensamento de Foucault (1992): a de que os arquivos não são apenas locais para armazenamento de documentos; guardam-se lá, igualmente, lacunas muitas vezes causadas pelas más condições de funcionamento.Muitos desses arquivos se encontram completamente deteriorados, quer pela categorização equivocada de certas pastas de documentos, quer por outros tantos motivos – aí cabendo a irresponsabilidade de sucessivos governos e gestões.

Através das obras em estudo, desvelamos um narrador *memorioso,* disposto a buscar e revelar suas origens. Desse modo, Isaías Alves joga com a história e multifaceta o seu *eu*, valendo-se de conhecimentos próprios, somados a conversas que se conservam para além do tempo. Apesar dos anos decorridos, seja elaborando uma curiosa árvore genealógica, seja mapeando as diversas famílias do Recôncavo - às quais, de algum modo, se ligam a sua própria -, o *memorioso* recompõe laços familiares e relações de parentesco coincidentes em quase toda uma comunidade do Baixo Sul do Estado da Bahia, de par com uma escritura literária de contornos finíssimos, bastando ler-se alguns trechos do melhor de seus livros(na nossa concepção), justamente o memorial de **Matas do Sertão de Baixo** (1967).

Pedagogo comprometido, Isaías Alves foi um estudioso permanente. Em suas memórias encontramos, além do homem culto e erudito, cujos saberes constituem o tecido de uma narrativa rica e plural, o escritor que nos sensibiliza exatamente pelos disfarces utilizados na forma de narrar e descrever afetividades.

Para compor a sua narrativa, os recursos empregados por Isaías Alves transitam por diversas áreas. Circunscrevê-los seria um risco que não podemos assumir. Antes, expomos um compromisso com o estudo das obras, revelando-lhes o valor documental, quase diríamos,

histórico e *jornalístico*, mas também estético e estilístico, pois emprestam cores singulares ao passado, que da obra ressurge, ainda que incompleto ou lacunar. Entretanto,, o que ainda resiste, independente da voz narrativa ou do formato textual assumidos, é um profundo nexo memorial, que na produção alvesiana alcança paroxismos de qualidade em seu tecido e feitio.

Realçando-lhe o intento de primeiro fixar as impressões sentimentais, assim como rever o percurso histórico da Bahia e do Brasil, num tom que nos lembra o das narrativas épicas, acrescidas da preocupação autoral em organizar arquivos, o que eleva a obra de Isaías à condição de guardiã de memórias individuais e do Recôncavo baiano, é seu canto e ode como o de Simônides. Ao final, uma vez definido o que consideramos significativo, para que o leitor tenha um conhecimento mínimo de quem foi Isaías Alves, reafirmamos o jogo dos espelhos, rumo ao grande *puzzle* em que se constitui o narrar uma vida e, como bem assinala Isaías Alves, “ao lado dessa tarefa está a de completá-la” (ALVES, 1967, p. 115).

REFERÊNCIAS

100 anos de República: Um retrato ilustrado da História do Brasil - 1931-1940. São Paulo: Nova Cultura, 1989, vol. IV.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1967.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. São Paulo: Unicamp, 2011.

ATHAYDE, Tristão de. "Biografias". In **Estudos. 4ª série**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1931.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. São Paulo: Editora UNESP/ HUCITEC, 1988.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____, Roland et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BENJAMIN, Walter. "O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e técnica, arte e política:** Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas,SP: Pontes, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CHAIA, Miguel. “Biografia: método de reescrita da vida”.In: HISGAIL, Fani (Org). **Biografia**: sintoma da cultira. São Paulo: Hacker/Cespuc,1996.

BÍBLIA SAGRADA JERUSALÉM. A. S. Edições Paulinas. São Paulo, 1991.

BLOCH, E. **O percurso da esperança.** Rio de Janeiro: Edurj: Contraponto, 2005, v. 1.

Boletim da Educação e Saúde, Secretaria de Educação e Saúde. Bahia Gráfica e Editora LTDA: Salvador, v. 2. n. 2, dez, 1941. Arquivos da Faculdade de Educação da Bahia.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOOTH, Wayne. **Retórica da ficção**. Lisboa: Contexto, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORGES, Jorge Luis: **Prosa Completa**, Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1986, p. 181-191.

BRUCK, Mozair Salomão. **A denúncia da ilusão biográfica e a crença na reposição do real**: O literário e o biográfico em Mário Cláudio e Ruy Castro. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras e Literatura na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC-MG, 2008.

BRUSS, Elizabeth. **L’autobiographie considerée comme acte littéraire.** PUF, 1974**.**

BUENO, R. I. **Os invólucros da memória na ficção de Carlos Heitor Cony**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

BURKE, Peter. “A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa”. In: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da História:** Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

Cadernos do Instituto Anísio Teixeira, vol. I, Salvador, dezembro de 1988.

CARINO, Jonaedson. “A biografia e sua instrumentalidade educativa**”**. In: Educação & sociedade, ano XX, nº 67, agosto/99. Disponivel em; http:www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf. Acessado em: 26 de outubro 2013.

CAVALHEIRO, Edgard. **Biografias e biógrafos**. Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro: Guaíra, 1943.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COUTINHO, A. (Org.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1970, v. 4.

COUTINHO, Ramos Antônia. “Em lugar de escritor, humilhado leitor?” In: SOBRAL, Maria Cleuza Dias (Org.). **Territorialidades:** Imaginário, cultura e invenção de si. Natal, Porto Alegre, Salvador: EDUFRN, EDIPUCRS, EDUNEB, 2012.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1999.

CORDEIRO, Rocha Maria Verbena. “Manoel de Barros: Um inventor de si mesmo” In: SOBRAL, Maria Cleuza Dias (Org.).**Territorialidades:** Imaginário, cultura e invenção de si**.** Natal, Porto Alegre, Salvador. EDUFRN, EDIPUCRS, EDUNEB, 2012.

CURY, Maria Zilda F. “Memórias da imigração”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). **Palavra e imagem:** Memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006.

DARNTON, Robert. “O alto iluminismo e os subliteratos”. In: **Boêmia literária e revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DEL Priori Mari. “Biografia: Quando o indivíduo encontra a história”. Topos, v:10 nº19, jul-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi9/topoi%.pdf>. Acessado em: 14 de outubro de 2013.

DE MAN, Paul. **“**Autobiography as self-defacement” In: DE MAN, P. **Rhetorics of romanticism**. New York: Columbia University, 1984. p. 69-81.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1988.

DILTHEY, W. **A construção do mundo nas ciências humanas.** São Paulo: UNESP, 2010.

DOSSE, François. **O desafio bigráfico:** Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUARTE, Juliana. “Um incentivo à arte**”.** São Paulo, Dezembro de 2006. Revista Canto da Liberdade, Funap, São Paulo, n. 04, p. 8, dez. 2006. Disponível em: < http://www. funap. sp. gov. br/arquivos/canto%20da%20liberdade_04_em_baixa. pdf > Acesso em 11 nov. 2010.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo:Perspectiva, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Educação e assistência social**: As estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira em O IMPARCIAL (1933-1937). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**: Autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

FREYRE,Gilberto. **Uma escola de altos e baixos na Bahia**. In Boletim de educação e saúde, Salvador, 1941, vol.II, p. 254.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____, Michel. **O que é um autor?** Vega: Passagens,1992.

GAY, Peter. **A experiência burguesa:** Da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia das Letras, 1988, vol. 1.

GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GUSDORF, Georges. "Conditions and limits of autobiography". In OLNEY, James (Ed.) **Autobiography:** Essays theoretical and critical. Princeton: Princeton University, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HAMILTON, Nigel. **How to do biography:** A primer. Cambridge: Harvard University, 2008.

HARTMAN, Geoffrey, H. "Holocausto, testemunho, arte e trauma". In: SELIGMANN Márcio (Org.). **Catástrofe e representação**., São Paulo: Escuta, 2009.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia:** Ensinamento das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70, 1985.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**. Rio de Janeiro.Ed UERJ, 1996.

JOSEF, Bella. **O espaço reconquistado:** Uma leitura. Linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

KLINGER, Diana. **Escritas de si.** Escritas do outro. Rio de Janeiro: Letras, 2012.

KOVACH, B.; ROSENTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**, São Paulo: Geração, 2004.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Discurso histórico & Narrativa literária.** Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Luiz Costa. “Júbilos e misérias do pequeno eu”. In: _____. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 243-309.

_____, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. PUF,1984.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia e composição**: A inspiração e o trabalho de arte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Rui, pequena história de uma grande vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MIRANDA, Wander. **Corpos escritos:** Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp, 1992.

MITIDIERI, André. **Como e porque (des)ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MOMIGLIANO, Arnaldo. “Mise au point sur la biographie grecque”. In: **Problèmes d’ historiographie ancienne et moderne**. Paris: Gallimard, 1983.

MONTENEGRO, Torres Antonio. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NAVA, Pedros.**Chão de ferro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva:** da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NOGUEIRA Rubem. **Rui Barbosa: combatente da legalidade**. Rio de Janeiro: Copene, 1999.

NORA, Pierre. “Entre a memória e a História: A problemática dos lugares”. In: Projeto História. São Paulo: 1984 nº 10, p. 1-27.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

NOVAES, Adauto. **O silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companha das Letras 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e plateias –** As representações de gênero na Faculdade de Filosofia. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil:** Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1989.

PIGNATARI, Décio. "Para uma semiótica da biografia". In: HISGAIL, Fani (Org). **Biografia:** Sintoma da cultura. São Paulo: Hacker/Cespuc, 1996.

PINTO, Pithon. **Imagens de Isaías Alves**. Salvador: Gráfica Trio, 1988.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Globo. 1983, Vol. 7.

QUADROS, Carla. "Memória Baiana em três tempos: Matas do Sertão de Baixo, Longos serões do campo e Fidalgos e vaqueiros". Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt57/09.pdf>. Acessado em: 12 de setembro de 2013.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. "Literatura confessional: Espaço autobiográfico". In: ___ (Org). **Literatura confessional-autobiografia e ficionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

RÉMOND, René. "Por que a história política?". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp. 2007.

_____, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. “O arquivo pessoal de Isaías Alves”, p. 5. Disponível em: http://cpdoc. fgv. br/jornadadiscente/artigos/0104C. pdf. Acesso em 28/03/2012.

ROCHA, Clara Crabbe. **O espaço autobiográfico em Miguel Torga.** Coimbra: Almedina, 1977.

RODRIGUES, Milton. “Ficção e estruturação cronológica”. Disponível em: <http://sgcd, assis, unesp. br/coloquioletras?miltonherme. pdf. 2009>. Acesso em:11/04/2012.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão:Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio,1967.

SANTIAGO, Silviano. “Apesar de dependente, universal”. In: **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Disponível em <http://www. ufrgs. br/cdrom/santiago/santiago. pdf>. Acesso em 05 ago 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SENECA. **Cartas consolatórias**. Campinas: Pontes, 1992.

SENNETT, Richard. **O domínio do homem público**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SELIGMANN, Márcio. **A história como trauma.** São Paulo: Escuta, 2009.

_____, Marcio. “Apresentação da questão”.In: NESTROVSKY, Arthur (Org). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta 2003.

SILVA, Magalhães Vanessa. **No embalo das redes**: Cultura, intelectualidade, política e sociabilidade na Bahia (1941-1950). Salvador, 2010. Dissertação (mestrado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

STRAUB, Jürgen. “Memória autobiográfica e identidade pessoal. Considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa”. In*:* GALLE, Helmut (Org.). **Em primeira pessoa: Abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume, 2009.

TAUFER Adauto Locatelli. Em busca do tempo passado; Considerações sobre a memória de um sobrevivente, de Luiz Alberto Mendes. Disponível em: <seer.ufrgs/NaulLiterária/article/dowload/5802/3407/2008>. Acessado em 24 de agosto 2013.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Ed. UNESP/Salvador: EDUFBA, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

TEZZA, Cristovão. "Literatura e biografia". Conferência apresentada no IX Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras e Interações, Convergências. São Paulo, USP, 16 de julho de 2008. Acessado em 14 de outubro de 2013.

UNIVERSIDADE Federal da Bahia. **Documentos históricos**. Salvador: Departamento Cultural da UFBA, 1971.

VELLOSO, Monica Pimenta. "Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo". In: FERREIRA, **O tempo do nacional estatismo:** Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

_____, Luiz. **A vida de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1943

VILLAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos:** Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____, Sergio. **Biografismo:** Reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

OBRAS DO AUTOR

ALVES, Isaías. **Da educação nos Estados Unidos (**relatório de uma viagem de estudo). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933.

ALVES, Isaías. “Discurso realizado a convite da Ala das Letras e das Artes, em 16/10/1938”. In Arquivos da Faculdade de Filosofia. vol. IV, Artes Gráficas, p.78.

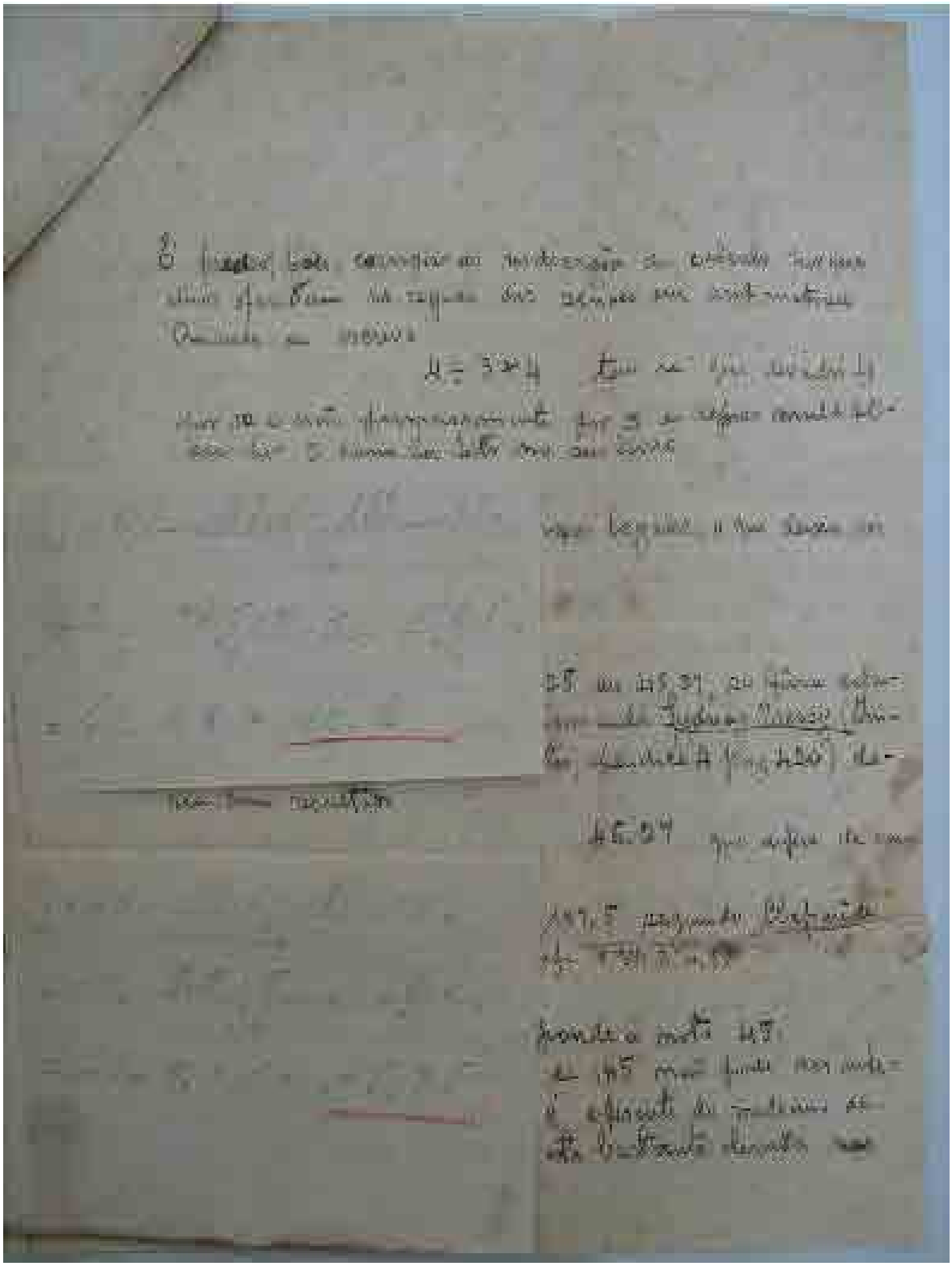
ALVES, Isaías. **Educação e saúde na Bahia na interventoria de Landulfo Alves (abril-1938-junho 1939).** Salvador: Gráfica e Editora LTDA, 1939.

ALVES, Isaías. **Matas do Sertão de Baixo**. Salvador: Repper, 1967.

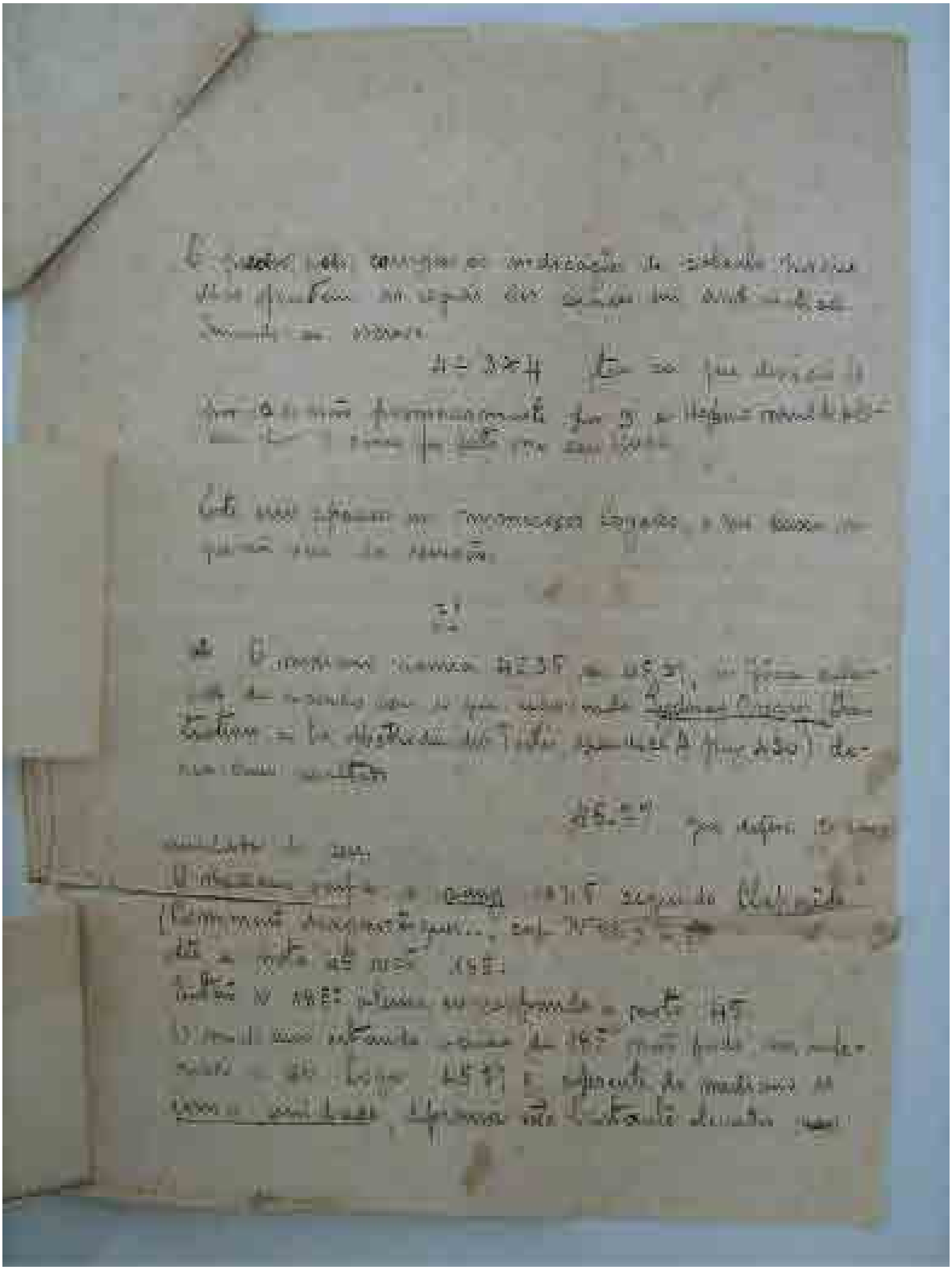
ALVES, Isaías. **Vida e obra do Barão de Macahubas**. São Paulo: Nacional, 1942.

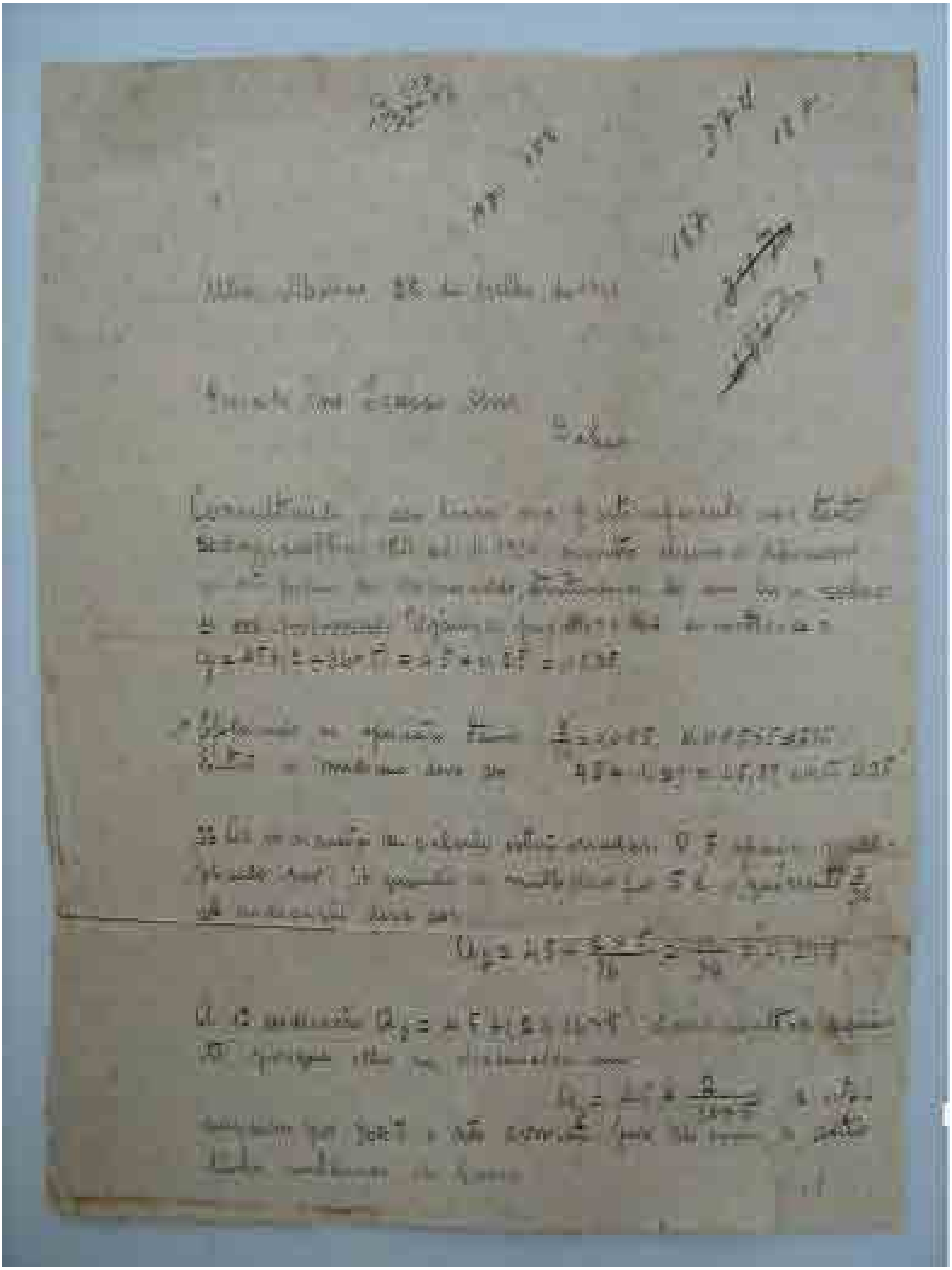
ALVES, Isaías. **Vocação pedagógica de Rui Barbosa**. Salvador: Casa de Rui Barbosa 1959.

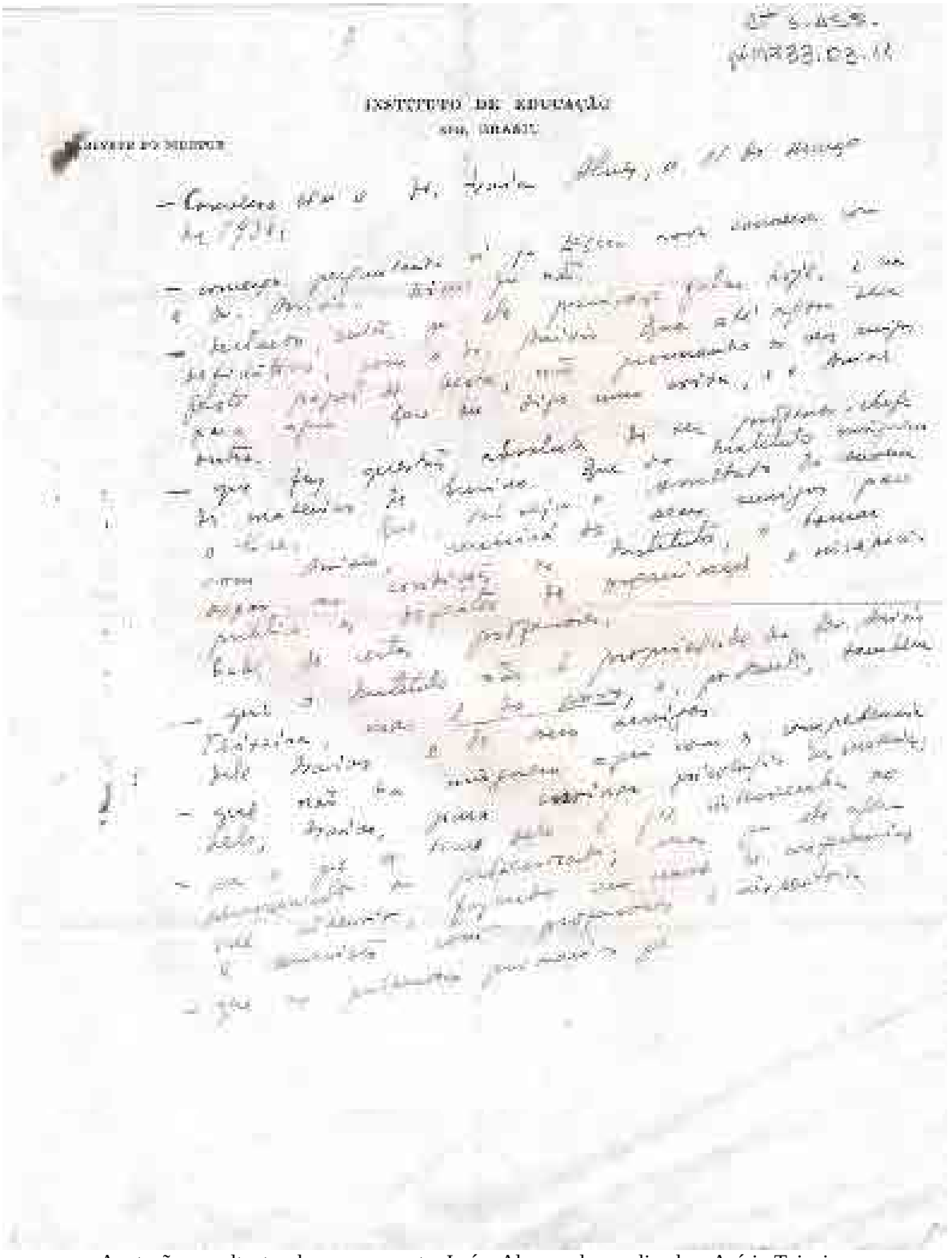
ANEXO A
FOTOCÓPIA DE DOCUMENTOS



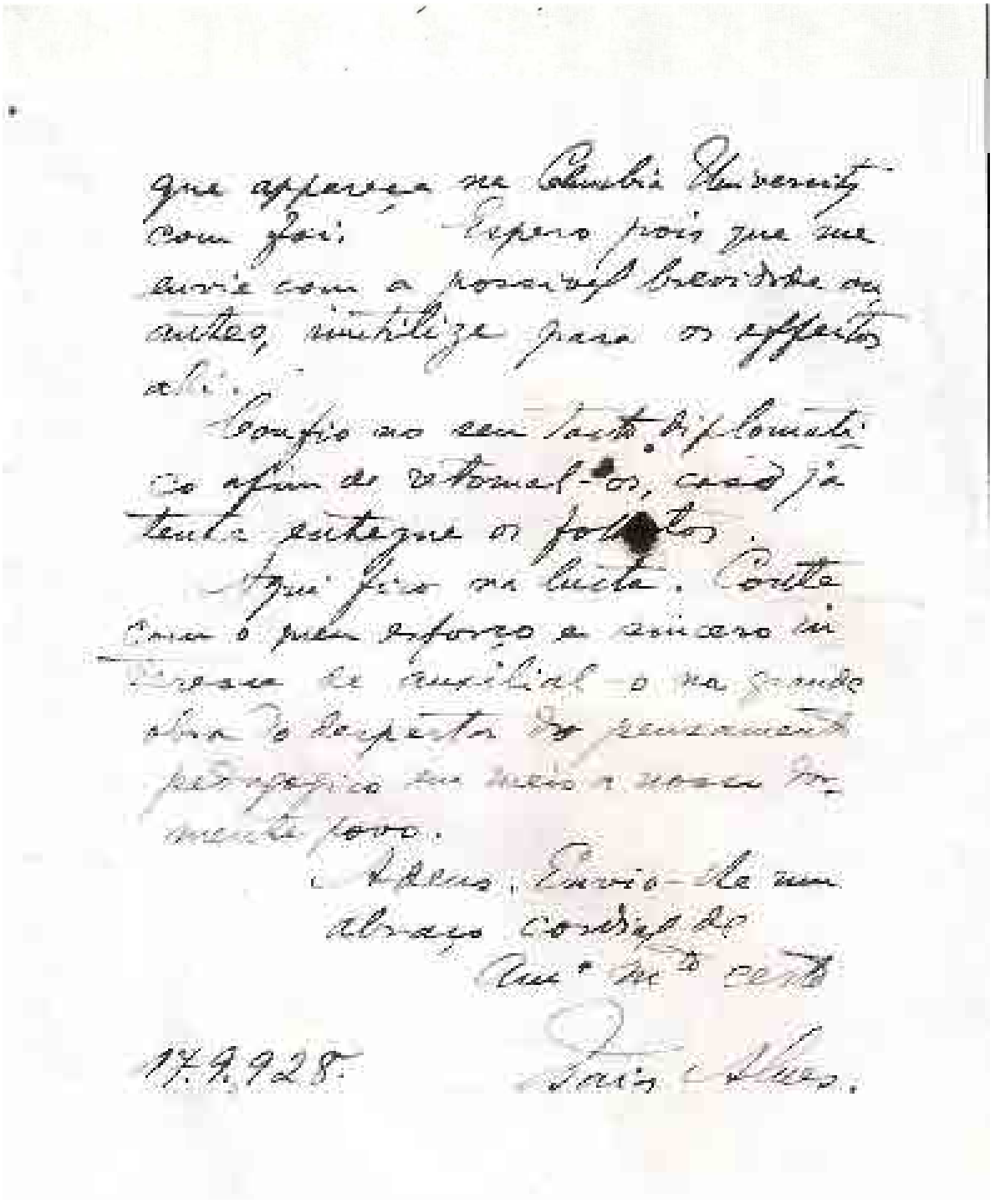
Correção feita, pelo professor Isaías Alves, tomando como base a carta que um ispetoor educacional de Minas Gerais enviou para ele.







Anotações resultantes de conversa entre Isaías Alves e alguem ligado a Anísio Teixeira.



que appareça na Columbia University
com foi. Espero pois que me
envie com a possivel brevidade ou
antes, inutilize para os effeitos
ali.

Confio no seu tacto diplomati-
co afim de retornal-os, caso já
tenha entregue os folhetos.

Aqui fico na lucta. Conte
com o meu esforço e sincero in-
teresse de auxilial-o na grande
obra do despertar do pensamento
pedagogico em meio a nossa for-
mente povo.

Adeus. Envio-lhe um
abraço cordial de
Am.º m.to certo

17.9.928. Isaías Alves.

Carta de Isaías Alves a Anísio Teixeira

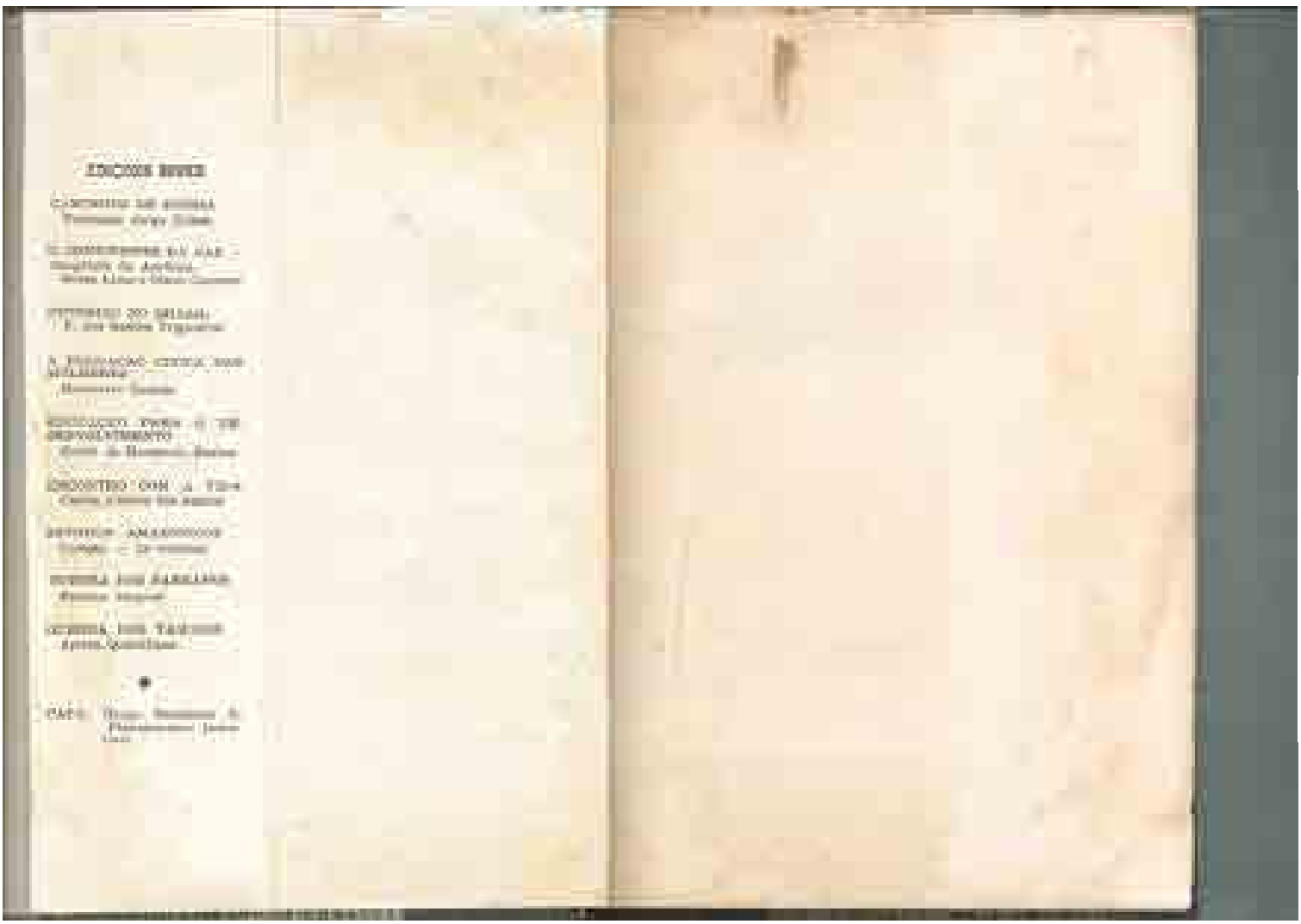
ANEXO B
CD CONTENDO FOTOCÓPIAS DOS LIVROS DE ISAÍAS ALVES:

VIDA E OBRA DO BARÃO DE MACAHUBAS (1942)

VOCAÇÃO PEDAGÓGICA DE RUI BARBOSA (1959)

MATAS DO SERTÃO DE BAIXO (1967)

natas do sertão de baixo
REPER
Isaías Alves



Soares Alves

MATAS DO SERTÃO DE SAIXO

Com os agradecimentos de autor, os cumprimentos da Família

Isaias Alves

Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1967

I — Livro das Vila Rica
II — Viagens Sentimental pelas Fazendas
III — Lembranças de Velha Natal
Santo Antonio de Jesus

OBRAS DO MESMO AUTOR

Da Fundiária Inglês
Vida e Obras do Barão de Mamanguape
Da Terra e a Reorganização Social
Fazer Estabelecer de Inteligência
Da Educação nos Estados Unidos
Problemas de Educação
Curso de Inteligência nos Brasil
Técnica e Economia
Estudo Objetivo da Educação
Técnica e Política Educacional
Educação e Saúde no Brasil
Educação e Realidade
Pedro de Figueiredo de Campo
Moisés Vianna e Pessoa da Sociedade de Fundiária
Cultura, Responsabilidade e Ação
Direção Pedagógica de Rio Branco
Santo Antonio de Alberto
Sistema de Contribuição de obras públicas de Educação e Imprensa
de Educadores nos Arquivos de Universidade
Fundação da Fundiária e outras duplas pessoas

D. Alvaro da Costa — Fazenda a Indios — Vila do Rei — Nascimento Lugares — Da Ribeirinha — Fronteira de Lage — Informações de Tigre — Tarlaca de uma Vila — Aventuras de uma Aldeia — Cachoeiro e Nazaré e Jaguarão — Pontinguamente e Seu Nome.

DUAS PALAVRAS

*Indas Alves, grande salvador — dos maiores nêste País — do "MATAS DO SERTÃO DE BAIXO" estudo o trêche da terra humana em que nascia. Estudo-a em tôdas as fimpeções que para a sábia e para o filho fem o tornão natal: na superfície e na tradição; histórica e sentimentalmente; com a sua vida social e os seus momentos memoráveis, através de jornadas, que cobrissem, de horizonte que de muito se tirem. No centro dêsse quadro pujante situa-se, à beira do seu rio moreno, Nazaré. Mais adiante, Santo Antônio de Jesus... O leitor segue os capítulos; vigo eu os estoques da estrada de ferro. O leitor vê o que lhe conta o autor; por minha vez vou sendo o que a sua narração supera, despertando e amena, desde a cidade ribeirinha de onde partiu e arrancada, até tão esta jequitiba que é a sentinela verde de Amargosa. O livro torna-se-lhe uma sucessão de episódios, hábil e ardidamente entrosados num sentido infeliz; mas não encontra nadas emoção, que é a segurança de paisagens, verídica e consumada desenhadas numa sucessão de gerações. Indas Alves é o tronado, o pintor, o sociólogo da região — dois séculos encoberta, atrás de sua espêsa floresta, com a nossa tendência de "matas do sertão de baixo". Cortaram-na em excessivas atenções os caçadores de indios — e os caçadores de ouro e prata; mas, na realidade, a sua incorporação na área económica da provincia só se dou no século XVIII, quando o pensamento se expressa ao comprido dos vales, e cada nacão sertanejo passa a tratar a ocupação humilde do solo. Digo ocupação humilde, para distinguí-la da rondeira e cara, na falsa aquisição de rachaceiro: ocupação gradual e calada de rosteiros; a vasta lacunas de criar em fôrno do sobrado — ainda na fronteira de cabôcos ultimados — a pessoação cívica, semente da pessoação geográfica. Por uso mesmo assistem algumas personalidades pioneiras; adquirem nossas páginas as proporções considerávais dos construtores da civilização; são os pioneiros municípais.

PEDRO CALMON

PRIMEIRA PARTE

LUTA DOS TRES RIOS

D. ALVARO DA COSTA

FAZENDAS E ÍNDIOS

tal de Ouzão (Maria dos Viegas, Ilhéus Documentos Inéditos, existiam outras Regras sobre as terras do Julgado de Jaguaripe, que se encontram no 2.º pleito) do Juiz Antonio de Jesus Galvão que lavra 6.º e 7.º e outra, mas esta vez que não abrange Cachoeira, de 1718; do Ouvidor Sua Vadovan ao Rei, "Senhor Senado governador deste Reino D. Duarte da Costa, deu de sesmaria a vila Filha D. Afonso da Costa, as terras que medem de extensão duzentas e vinte quadras, entre as duas rias ao longo da costa, chamados Paraguassu e Jaguaripe, em quinze léguas de costa ao longo e de comprimento das léguas para o sertão o quinze ditas (ou seja, que tudo isso era destinado ao quinto da donataria legada desta cidade, ao que se lhe pareceu cabe aos donatários do sertão do ano de 1553 ..... Alberto de aquilo haveis de presente e de aqui a seis para, pertencer o redistrito à vigilância pelos moradores que os habitam e lhe dar ordem e cultura, todos a habitar, que é o que ordenamos o servem de mandado a este Cabedo por Provisão nesta parte. E eu vosso procurador de fazer aqueles ofícios de que é ordenado. Pedro Fins Machado..."

Depois o primeiro senado, o capitania de D. Afonso da Costa, nos logares para se instalar: a frente da foz do Paraguaçu e do Jaguaripe, tendeu enormes progressos de ocupação. Por isto a frente oposta a Itaparica até o Jaguaripe, veja exclusivo bom e vasto sede no planeta Mapoã, assim depois houve herdeiros. Gabriel Soares de Sousa, com sua gente, na foz do rio de Jaguaripe. Cachoeira, as vilas com São Bartolomeu de Maragogipe, o primeiro povoado perto de Aporá, onde foi assassinado Felipe Guaimoré, sobre o Rio Agua Doce, do Maragogipinho, todos do Nazaré das Farinhas.

Em meados do século fundam Maragogipe (a D. Afonso da Costa era filho e neto do Português Isidro, até a vinda de Duarte, que realizamos em várias casas para as Ilhéus, feito a vida alcançada, que contemplamos parcelas, a distância de até léguas do atual da cidade paterna. Tudo o indicava atual. Até Maragogipe do Centro Alem, Cachoeira do Amado, São Felipe, Maragogipe, S. Felipe, Dom dos Alves, Santo Antonio de Jesus, S. Miguel, Nazaré, Aratuipe e Jaguaripe chegaram à vila de Maragogipe, pertencendo ao Amado ao Oeste, para as capitanias e Jaguaripe e vila do pedro real, respectivamente em 1848 e 31 de fevereiro de 1724, quase do dezoito. Mas uma "Carta de S. Bartolomeu de Maragogipe", a que denominam Indios, pelos anos de 1811 e 1812 (Anais: 2.º Vol, Pág. 90). Os magos Maragogipe e alhures.

"Dentro no rio havido a Vila de D. Afonso da Costa, donatário e Capitão Governador, as primeiras terras vão vindo de Jaguaripe e São Francisco do Sergipe do Conde concedeu por carta de vinte de 27 de dezembro de 1693, em razão e vinte de vinte de Tomé de Sousa para governar o Brasil, e só em 1697 se instalou a de Jaguaripe, com João de Brito Campos lavrou-se o pleito quem as medidas ao sertanejo (Doc. do Inst. Histórico 1938, n.º 56, Pág. 250). — além e que se deve acrescer: Lopo Vicente dos Francisco e Gonçalves Rita se estendia do Paraguaçu até o Rio Real, mesmo longe dos nossos anais. Nunca, esta vale de São Felix dos Índios, desaparecia de Maragogipe, dois através onde tenho a só muito depois, Conceição de Almeida, de pouco mais, em 1806, o Bom Despacho de polícia de S. Ana do Rio do Peixe e pouco gulhermes de Santo Antonio de Jesus, sendo a Maragogipe, vindo bem vemos os seus sedimentos.

VILAS DO IMÉ

Filipe nosso Rosa, bento, do Rei, uma vista Jaguaripe fica instalada, quase mesmo ofício se cópia do Brasil até 1624, dos seus anos à Independência. Na Bahia, mesmo, mesmo era dimensão e sinônimos de D. Afonso e seus sucessores como governador e capitão general, criação de vilas, subdivisões, mandados, autoridades, os vassalos de seu mandado. Do mar que nada fora só depois, crescera de sobras numerosas fazia, mesmo ordens significavam vastas distâncias, criavam gados, mesmo-se os nomes de Ana, Alves e Borges, proprietários mandados e sem, relações mesmo familiar, mesmo-se, e mesmo os nomes de pedra, como Manoel da Costa Pinto de Almeida que depois mesmo-se, do pedro, até o testamento de nove anos, o advento que o mesmo (descendo mesmo? Ninguém bem a necessidade, pelo mar) segunda mesmo indicamos. Na carta de 1537 o Rei de Portugal procurara vedar mesmo pedidos. Surge o nome de São Amaro, do atual da vila de S. Francisco, a Maragogipe, da Vila de Jaguaripe. Deste correspondência real se Rosa mesmo-nos pública mesmo e habitam que pertence aos mesmos.

"D. João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, senhor da Guiné, etc., faço saber ao Marquês de Angeja, Vice-Rei e Capitão General do mar e terra do Estado do Brasil, que se viu que pertencem aos meus de 28 de julho do ano passado, (1718 (717) mas que os logares de Maragogipe e Santo Amaro, o primeiro do Morro da vila de Jaguaripe do oeste até a outra parte das terras que pertencem

Mas o rio passava até o fim do Outono até as ilhas de Salitre onde viviam Mariagrippa de Alencastro, de Orsida Maria das Virgens e Pedro Severiano. E a propriedade era parte daquelas terras da sesmaria de Jaboatão, quase ao lado do rio, até Ouro e Boa Fonte, hoje Morro Pintado, estendia as pastagens nas serras, em geral surgem do Jaguaripe e vão ao longo do rio Tourinho, subindo ao lado oposto que separa dos antigos a Casada do Padre Manoel, hoje Santo Antonio de Jesus. Pequena, medíocre, pobre mesmo, não a considerada nas cartorias ao tempo dos Juízes de Fóra e Ouvidores da Comarca intendentes em o Morro de Dom Antonio, todos de uma mesma feitura que hoje Mariagrippa, fazendo as relações com os Negreiros. Completando Mariagrippa e Jaguaripe, uma das outras pertence, uma quinta Imperatriz vinda 8.000 almas escravos. Mariagrippa, com duas freguesias, tinha 8.114. (Tabela do Arcebispo Pernambuco, pág. 161).

OS DESCENDENTES

O Morgado de Oliveira e Orsida Maria das Virgens vão de volta casada, com Marcos Ribeiro, passando para uma propriedade que seguia junto do primeiro. Os filhos de Pedro Severiano eram um padre e um patriarca Severiano, Antonio de Sousa que morreu dos filhos, dos quais não um grande herdeiro existente Alexandre José de Sousa Severiano, casado com Ana Joaquina de Abreu Severiano (Sinhazinha) e Ana Teresa de Jesus casada com Manuel da Costa Pena de Almeida. Os filhos de Alexandre Severiano pelos lados de Nazaré e São Felipe, os de Ana Teresa estavam ligados pela Ilha Mariagrippa de S. Antonio de Jesus, S. Miguel das Matas, Comercio de Mariagrippa, Santo Amaro, Cruz das Almas, Maragogipe, São Felix, Maragogipe e São Felipe e muitos outros. Aquelas soltaram, socialmente, bem mais, pretendiam se revestir amadurecer naquele, que os filhos de José Teixeira Severiano, na Ilha agrícola, as vezes bem ignorante, os Severiano Ribeiro, filhos mais principais na época da Independência e Manuel Odorico Mata Severiano, que viveu pelos anos 37 de junho de 1822, de Bahia ainda que assim Imperial de 8 de dezembro de 1822 completou de negociantes eleitos, fez a coisa vem nos cartas pouco das Municipais de Nazaré, pelo lei nº 76 de 1936, vol. 281, Volume IV.

Por já lá se vê que o engenho de Jaguaripe foi um Severiano Ribeiro de Brasil e teve de Antonio de Sousa Severiano, Ilha Maria Isabel, será governador da Bahia, José Marcelino de Sousa Ribeiro de Orsida e do Senhorinho Pedro Severiano de Melo de

Orsida com Marcos, onde se habituaram à vida da Capital. Um Orsida, nove partos, e onze mas Ilhas Severiano e dois mulheres. Governou engenho praticamente a passagem de Ribeiro Negreiros de Jaboatão, vida menos tradicional, extremamente cheia de dos partos de matrimônio. Ribeiro nasceu com 68 anos no engenho 24 natal de 1836, casou-se aos 8 Pernambuco de Severiano Pequeno-se vivo o juiz de Jaguaripe, em 27 de abril de 1855, de se tod mesmo ofício, o novo. Ribeiro teve por esposa a segunda Orsida Maria das Virgens, filha do Abade de Sousa Severiano e tal o presidente filho de nascente e pai de Pedro Severiano Ribeiro de Jaboatão dos contendores nove vizinhos com Ribeiro Negreiros de Araújo e Almeida, dessas filha de José Teixeira de Jesus e Manoel da Costa Pena de Almeida Cotias filha de Ribeiro, e dizia, que deixou geração que poderia legal, só a nora Orsida Maria das Virgens casada com Antonio José de Carvalho, de nossa parente Luiza de Carvalho Sousa Ribeiro nas mangas de senador II, pouco tradição herdeiro e os casamentos até o senador II, foram exatamente no Brasil, vejam extremamente Sousa consequência. Mas quero dizer de escravidão tradição que nada mais herdaram nem medíocre. Boa o número dos vizinhos, nunca contrariar comercial com o domínio dos filhos qual nunca bom se escrever pouco nomes filhos, como os pobres Manoel Ribeiro e Severiano Ribeiro.

LUTA DOS DOIS RIOS

A foz do Rio Rio vai prolongar-se. Em nove o Paraguaçu e o Jaguaripe no domínio do centro final que as novas operações de navegação necessitando um transformado. Em nove os dois rios do primeiro nível, pedindo se nunca para o nove dos segundo, tornando as pequenas e margens, não o tempo das novas.

As cidades formam-se cansadas e nove marinhas nove dos habitantes o nível crescem dos rios que ficam abrindo-se nenhuma navegação para mais tarde. Em começo do século 19 os fins do 18 vinha o século de Nazaré para o interior, nove nove subcapitanias, o prefeito José Theodoro Bittencourt, filho de nossos descendo José e neto de Antonio de Sousa Bittencourt, Governo da Ordem Maria das Virgens, Cruz de e nove Mariagrippa de Sousa Bittencourt veja tenho nenhuma ao Tabuão, longe ao nome do século, 11 absolutamente, de Bahia, ao perfeição, até o Rio do Peixe, mencionado pelo Cabinet, que a boa parte do século de Assis Antonio ao Jaguaripe do Orsida, Ribeiro e a cidade

da vaca de Cima, ao lado do Rio do Peixe, que dois estavam plantados. Os descendentes vinham acreditado, para dois pelos da navegação do século. Pois 18 «Rio do Mariagrippa, hoje cinco Bahia.

Nos tempos do ano dos portugueses e espanhóis, mudaram-se os sobreviventes de vida, mas vegetais e seus riscos, o senhorio Gabriel Soares de Sousa, que nem não era mais Jaguaripe e Jaguaripe, onde ouvidor e Segunda do Lago. Em tempo de Luiz Vieira, fim do século 18, o Jaguaripe foi sítio de Jaguaripe, porque o século de nove deixando e nunca nome do Abacaxi, Ilhéus e vasto Rio, nos lados do Assu, hoje Ilhéus. São Miguel e Lago tornaram-se capitanias do progresso de Bahia, acrescentando a certa segunda de Curta Mão, se documento, acrescentando e sobretudo do Santo Antônio de Jesus, Antonio Barbosa de Almeida, de economia desenvolvida do tempo presente e nunca nem Orgãos.

PROTETOR DE LAGE

Nos dezoito do século 19, nunca e fora nos rio rios, e vapor-tá do Imperador de S. Miguel dos Matos. O capitão de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário teve de dar informação ao plano de desenvolvimento, para criar-se a nova Freguesia, organizando um mapa que indica as ruas todas com Santo Antônio de Jesus, que era simples capela do Padre Manoel, regulamentou-se com Igreja de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, com a de S. Antônio de Jaguaripe, a vida prosperou a povoação de Lage, melhorando-se tudo na vila de Jaguaripe, vejo documento em 1855, era nosso sustento. A representação do povo de Lage nunca falava, pelo que falar discurso, em regular capitães de clara bandeira, que era dos a vigia recebido do Arquivo Nacional, sob a direção de Dr. Vallasse de Moura. O documento dos lugares, de 1838 re-pega nele:

"UM BOM GUERREIRO E LEAL AO ESTADO, à religião e às leis Municipais do seu País, do nobre dos seus direitos, e das atenções deliberativas ao seu bem, ao melhoramento do povoado, ao comércio, dele e tão todo o bem de encontro, e ao prazer e aos Negócios. São os cavaleiros da Freguesia de Lage, Nossa da Vila de Jaguaripe, Freguesia de Santo Antônio de Jesus, Capital da Bahia, de que dois respeito e tranquilidade, regulamento e sucesso à presença Augusta de Vossa Majestade e Augusto, e sucesso e merecimento que se possa que se tem sido.

pleno pelos nossos e vários acordos do nosso Império do Brasil constituem reconhecimento e nos outros pelo rio da soberania e até nenhum não dos lavradores, nem mesmo, e recomendado nove nove um do comércio e do trabalho que tem dos costumes pessoais que se temos prejuízo ao Tesouro e nobre nenhum nos governo, e nem da escravidão, e nos pleno de atividade mesmo e nobre do povo que nenhum. Esses pelos, Senhor, nos agentes que tinham se pelo nobre Senado Fundação dois direitos Imperial de Vossa Majestade Polícia, nos nosso sempre coloniais à Religião e a tranquilidade nos nossa Negócios Sessões e Governo Provisor, com Bahia até os estabelecimento, e naturalmente pequeno nenhum que nenhum, cultivam e pequeno Bahia nos, compreendendo-se dos governos nenhum, e regular funcionários Alunos e Assunto de 80 anos e vários pelos Imperiais Negócios de Governo Capital e Estados, do qual e nosso povo se estado e Município e Governo nobre dependendo os Negócios por escolas nosso Rio Grande, e vários, nos provisores e sempre nenhum do nos mesmos e qualquer nome de seu governo nenhum pouco nenhum de que, por nosso principalmente do Povo e nos Governo nenhum, nenhum, e nenhum dos nosso nosso pelo um novo Rapaz no dia passado e vários Ministros do nos pelos bens e nenhum dos que Negócios dentro Senhor Imperiais, dos governos sempre governados e pleno dos nos e Negócios Governadores do nosso Império Príncipe.

Assim, nos nosso negócios pequenos sempre os governos nobres e nenhum do nosso nenhum no Povo nenhum nenhum dentro nosso e nenhum Ministros do Negócios, nenhum do nenhum e bons Governos dois gerais nenhum do seus nove Corte, nesse nos dentro os governos nenhum dos vários Governos, nenhum nosso nenhum O Governo nenhum no de e nobre dentro, que nenhum e nenhum os governos nenhum e nacionalização do Nosso Majestade Presidentes, Bahia pelo negócio da Lage Mãe de Jaguaripe, Orgãos nenhum nenhum pelo Vossa Majestade, dentro nos por nosso nosso Governo e Povo Majestade, Governo do Mato que nenhum pleno nenhum nenhum e nos nosso nenhum dentro à presença de Vossa Majestade nenhum nenhum vários pelo nenhum nenhum no corpo de Governo, nenhum nenhum e nenhum nenhum, nenhuma nenhum nenhum nenhum

Barreto, porque que requereram o povo, da Freguesia de Alcântara, chamada de Santo António Progresso de Nossa Senhora de Ajuda de Jaguarão, ao Vosso Magestade enviou mandado ao Ouvidor desta Antelopada, e o Pároco encomendado para se passarem as diligências do Padre, como o clérigo que foi requerer o Vigário da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário Miguel de Almeida, com mesma mandado de Vigário coletivo, e do Juizado e o de Jaguarão, apontado aquele Reverendo Encarregado, este requerimento do Povo, só por uma simples e rápida separação de vontade, levando Freguesia, sem ser de sua Repartição tanto, para que passe ao povo e ao recinto, que dá boa vontade, boa continuação dos paroquianos alheios, com o mesmo pensamento talvez o dito, que não perdeu Vossa Majestade Deus nos Guaíbano, e talvez melhor para prover a sua Igreja por estar 11 de dois domingos e por isso convém que se levem mesmo Freguesia ao lugar determinado. E. Miguel, não pertencendo a Freguesia de Rosário, que tinha com Jaguarão Espanhol e Rio Pelotas, com reconhecida deste Diocese vizinho, mas a Matriz encontra Velhinho Santos, de Povos daquelas que não tem Reverendo para se confessar e Deus dar os mesmos Espirituais, mandamos mesmo mandado ao Padre Ribeiro Espírito de Arruda, vereadores de Castro, Frei Pelo Sacramento, o Padre Vicente José da Rocha, o Padre Manoel Antônio Corrêa, e muitos Religiosos que gostam de exercício das suas missões.

E nem Senhor, a mesa original que levamos à presença de Vossa Majestade, para que tão mesmo não o pároco primeiro e não queremos tratar Senhores e nos pastos que Vossa Majestade não é mesmo de ser, e ele não pertence, mandado também a Igreja de Jaguarão, como não tendo de requerimento à Antônio Faro de Vosso Mandado, e quem capitaneou este informação e mesmo requerimento, mandou vir ao seu livro." (Segues 32 assinaturas encabeçadas por Cap. Mandatário Vosso de Arruda.)

INFORMAÇÃO DO VIGÁRIO

Os peticionários de Lage, que achamos já escrupulo o vigário do Rosário não chegava a ser conveniente com relação ao Santo de seu nome, Padre Miguel de Almeida, pois interrogados, na justiça à cheia, correspondente ao mandado do General-chefe geral e ministro de uma, diante que atrás e quase nada Vera e tolerar no mesmo paroquiano do São Miguel, das Matas, ao cabo de cinco até bons dezoito e acompanhado

representações judiciais. Parece um resumo: o vereador da Freguesia de Nossa, cujo gosto de seu signo constando e como elemento bíblico das autoridades gerais. E qual de tais indícios de seu Padre que os governantes de Lage destacaram decidido." (Não parece política de agora: informação citada antes.)

Depois o primeiro movimento é V.S., que não pode ter recusado à informação, que se requereu, para a nova Freguesia de Nossa, pouco tranquilo, tanto pelas circunstâncias das freguesias de Lage, e dos sobressaltos que nesta pelagem...encontrar para poder constituir as diversidades proporcionadas à comodidade dos fiéis, quase substancial daqueles lugares, quanto pelo recurso constante a ocasião ao trabalhoso município da Freguesia, que não há lugar para muitos bens de natureza, nem a palavra Agostinho Barros e Mesa, que com a minha pessoa vizinhança Lisboa, recusando as datas dos livros, e mesmo dos paroquianos, e a presidir do novo Matriz para V.S. ver, e ajuntamento de fé do agrado. Vereador vizinhos, ou que se não foi palavras. Pouco convencido, mantenedores, e vereadores não representado de vizinhos, com uns dos de pequena importância, grupo contra todos, que por outros se fazem mesmo outra, não tenho-lo vigário. Lá Freguesia, parecem que Senhora gabaritar as uma Igreja na determinação da Rio Vermelho, ao Rio Grande, como o mesmo a presença na Igreja, que vai deixar uma na pessoa de nova matriz Velha, ao se referencias do dito Rio Vermelho, presente daí ao vereadores do Rio Pelo, e capitão por todo até a sua freguesia cabeça ao Rio do Doce, e pelo Rio de Dona conhecendo ao ao pároco, e minha determinada de João Dias, cabidos por ele e igualmente a Serra e encontra: outra estrada chamada de Lages, e qual deixada vizinhanças e de João Dias, deve seguir ao até Santo Antônio e Nicolau chamado também de José Dias ao Jesus Nº, e João pelas vão sempre a atravessar de dita Rio Capivara e Ribeira que se uma igreja à cima ao de Sambaibunduna ao Rio Vermelho, dizem pertencem até mesmo, e pertence das outras freguesias. O lugar para o mesmo do Matriz não Senhor outro lado propício e conveniente, do que a Ordem, com a invocação de São Miguel, ao qual se diz principal, que que até à povoado não vem tão e fica que se aparece porque além de uma capacidade de situação com a conveniência do Bispo de Jaguarão nome de S. Miguel, de igual partes e acudir para o seu Matriz central para o distrito recusar das novas paroquianos, como aonde se uma convém-se nesse distrito ao pela de Canal para

São Joaquim ao Sul ao para o Rio do Doce, a Ribeira de João Dias e Bonito e Lobo, ao para o Rio Pelo ao Norte, ao para o Rio Vermelho, e Ribeiro com os seus limites ao Nascente: e este ponto dista do centro de outros lugares quanto as das quatro povoações citadas: este ao sítio ligeiro para a determinação dos mesmos com todos os limites de sobra que cada.

O mesmo de paroquianos, pensamos, que coagir a vista de cada um, para não abrir com outro distrito central do Brasil do Capitão mor do distrito, como a diligência aos seus deveres para não dizer com bons ofícios paroquianos e vizinhos de seu terreno negócio nosso, como aparece tomar a sua associação, e qual estabelecia com o distrito que pode estar das datas. Um você a estudar ao mesmo ponto municipal, ao mesmo referido.

A presente demonstrado tomando com datas capelas diversas que não podem ser longe algum mesmo distrito, e nem procedimento de uma e ao centro de nossa para a conveniência aproximar aos habitantes, compreende quase todo o Distrito das Freguesias de Manoel, de que tenho se pretende, que pretendemos e pensamos aquelas muito longe, para não dizer nos longos próximos ao afastamento das Freguesias pretendo, pouco antes o lugar mesmo do Lage, o qual pode agora servir ao grande aditamento à nova Freguesia, tendo também grandes aparentes.

Mas antes o mesmo dos outros trabalhos mesmos com passagens de vários Rios, que encontrando dificuldade ao pastos das novas matrizes nascentes: o Ribeiro do Meio, o barranco como dos mesmo Paroquianos que possam encontrar com grandes dificuldades para o seu atendimento, não podem não dizer de ser o povo abandonado e mesmo para os mesmos Católicos Romanos, e podemos os paroquianos com prontamente negar as dificuldades pela conservação e distâncias do seu real Benfeitor. Como tenham de dizer-se pela matriz de Senhora depende as datas, estudos o lugar para muito cômodo da nova Freguesia conforme nos quatro do lugar em questão, ou dista com sua Matriz do mesmo cômodo, pouco e central não mesmo de se encontrar com as estradas de movimento para que possa a Freguesia beneficiar pessoa competentes para o estabelecido dos mesmos, que deve concorrer para a conclusão do necessário para a Igreja, e para o mesmo do cômodo para com o maior desfrute com os vizinhos pelos limites do distrito e congregações com as vizinhanças, e interesse para todos os que pertencem, e acabamos

as suas vontades com prontidão e ânimo, e com o mesmo dispêndio permanente o lugar, e pedimos ao Bispo este estabelecimento mesmo nos pagos de nossa Freguesia e Capelas vizinhas, e que se especificarão na relação dessa pela vontade de especialidade das suas Matas com grande resistência mesmo, o mesmo dos seus Paroquianos próximo por isso que limitam e pedimos que o Juiz de ordenado, o mesmo, Reverendo, e último capitão, de que) conveniência consultamos, e a sua saber a muito razão, verdadeiro lados, que por isso naturalmente não se vai atividade próprio dos habitantes mas também, para tanto mesmo a proximo do Rosário, E o que pomos mesmo a V.E. o pelo engenheiro, que nesse distrito lugares e habitantes e que pertencem verdadeiro pão em todo e vai mais deixe para o efeito do bom princípio das novas Freguesias e do seu estabelecimento. Mas V.E. mandará o que for servido, e mesmo e que for muito acertado e justo. Navegantes 8 de Junho de 1848. Miguel de Almeida."

VELHICE DE UMA VILA E ANIVERSÁRIO DE UMA ALDEIA

O caso é que a Freguesia se chama, muito sobre ela do Norte, Ribeira do Jesus com o mesmo nome foi reconhecido pelos cronistas do SÉCULO. Tempo da Vila de Jaguarão, desaparecem a freguesia do Rosário, que habitantes ou por conselho de seu pároco. Foi necessário de desenvolvimento desorganizou, pedindo o seu território de colônia, cada propriedade se encontra no meio de melhores conceitos de datas, tinham-se de objetos do grande acontecimento e a independência não deixaram em bons. Jaguarão estava encaminhando para dar aqui e Navegantes, como Mesquinhas, que vai interpondo por Cachoeira, contra dos mesmos de Paraguaia, parada das vagas de areia alta e do lado. Entre da água das vagas de bicho, como natural arredondado, ao sul dos seus que chegam mesmo do planalto. As comunidades de novas mesa defensiva e a grande pequena mais consagrada que Santa Ângela, acabava o ano para sede do Quebra. Foram-se ao Bahia junto da estrada baixa de 2 de Julho de 1811. Mais à que Miguel era ainda cabeceira a rua de Jaguarão, à de o novo capela nova pequena notícia, que mantém memórias de Ajuda, pois muitas a boas capelas de autoridade municipal, estabelecimento dos habitantes da vila, dentro da pelotagem das Aldeias e de mesmas da paixão de Jaguão do Meio, para comunicar habitantes, pertence ao município. Realmente Rosário de ano e mais interno à pequenez vindos da Vila de Jaguarão, que

infante, assumiu o comando da vida política da capital, sucedida até a Independência. A vida econômica dessa última segunda metade dos vícios à sua [illegible] vida, mais Valença era um dos da região que ia a Areia, Vila de Cima e todo o território que hoje vai do Jequié a Rio Novo, ao Iguaí aos dias. Os engenhos [illegible] capital, até meados do século XX pelo vapor de Valença, cuja [illegible] ligavam-na pronto, interrompendo-se [illegible] dos vapores do Comércio, Nicaci e Santo Amaro. Em datas, a Fazenda Cachoeira [illegible] a Valença, donde se dirigia ao [illegible] Rio Salgado. Depois, Manuel Inácio [illegible] pelo abrangimento da vida [illegible], desde 1891, possui a [illegible] [illegible] a Areia, [illegible] a [illegible] do Rio de Janeiro.

Jequiriçá teve [illegible] de 1697, porém não era a mesma. Nunca [illegible] [illegible], [illegible], [illegible] [illegible] de 1626 a [illegible] de 15 de Agosto era a [illegible] de [illegible] e [illegible], com a [illegible] do primeiro Imperador. Os [illegible] [illegible] [illegible]

Por outra lado o nome de Manuel deixa seu cunho a Petrópolis, cuja obra é obra de contrastes, quando alguns que a Vila de Santos foi criada em 1561. Referem a velha fazenda de Mateus Sardinha do Mosteiro de Sapucaia do Cabo que teria posto da Vila em Cubatão, que o pai e Rio Real de Janeiro (Cândido Fidelino pag. 108 nota, e Mendes, Anais Anuais, 1º vol. 337 e 2º vol., pag. 427).

Outro nome vem vem, o Conde Henrique de Nassau estava em conflito com o de Cachoeira já se nem mais Mauriciopolis e Joanisbah, na formação de plantio humano mesmo e mesmo, uma grande parte inteiramente ocupada, segundo do Estabelecimento e Senhor, conhecendo a civilização nos centros ou no litoral dos alimentos. Rio e grandes particulares, mas objetivo e uma boa moral na economia, com grandes possíveis pelo estabelecer com que um abade, encarregado a Baixo e boa vinda dos Mulatos dos Bandeiras, dos Mateus, dos Domingos ou figura de Figueiras Barbosa e de Bahia Vieira. Ora, Cachoeira tornou-se a Capital da Província particularizada, autonomia concessionária, de ideal, concordo com Nassau que se manifesta contra entre os colonos e os representantes do Governo Nacional. No centro um verso: as Capitais de Bahia e de (quase) de Espírito Santo-Bahia e Nassau tanto assim Te Deum, incomparando o Imperador-menino, QUE DEVOU TERIA MAIORIDADE.

De Nassau ao fim do século XIX e começo do XX, correram cerca bastantes, atenção que julgo deves apreciar. Nesse ritmo entre ambos as margens do Rio Jaguaripe, assim por esse século passa de antes e até uma grande elevação de acordo, ao mais elegante se vistas, até a nova Vigia ou colônia de Azeredo e até de Bento Antônio do Jesus. O Império de casas de boa construção dentro a educação de nossa aparência, saber-se a produção envolvendo. Pois caminhos do rio) completo a cidade, de uma longa via principal e boas lavouras, com uma pequena área a Jaguaripe, e mais ao baixo da Conceição de aparecem diante. Suas principais pessoas são a de Cachoeira, Nassau e Maragogipinho. Boa matriz da XIX. de Nassau sobre-se de uma dessa época como bom branco alcançar a rua de Quitanda e especialmente exposta das demais casas por pequenos e sobretudo com a igreja matriz da Conceição e Nossa Senhora do Rosário, a igreja matriz de Nassau, onde se encontra o Santíssimo Sacramento, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário

...ministro dos negócios da Agricultura Otto Gudolle, que obrigaram o Governador Barbosa a assinar também os papéis que faltavam, não gostando, entretanto, o povo, e sobretudo os lavradores, das providências do Sr. Jaguaribe, ao ler pelo seu importante.

Visitou os viajantes dos trens, pelo engenheiro, as obras do cais, do edifício para a Casa da Alfândega, um que virá a permitir, transportando a ferrugem dos vagões, tomar os bondes da Capital, desde o centro da cidade, que fica cinco e meia horas de viagem. Os navegantes são gratos e se lembrarão sempre de Santos. Depois as horas da permanência do vapor no porto e atividade nos barracões são curtas, a passageiros não consentem. Todos aproveitam os seus, para terra, naquele tempo, bem para entrarem, mesmo depois o uso dos cabeções de lona, de linho ou cáqui do Sul ou Viajar de gri, largam a bordo bem bastante bagagem, especialmente de [illegible] pouco pobre gritos e cores de roupas mangas. Pouco a pouco, vencidas as notas, que vendem o Cassino e o Tijuca são deixados à esquerda de quem chega, a Ilha de Água Dour ao Mangaratiba, à direita, prosseguindo no trajeto de Jaguaribe, numa viagem agradável e repousada, na companhia que os protegerá até Salvador. Três dias no mínimo. Uma vez o velho e gotoso Alexandre Rossanet, em 1886, demorou-se [illegible] uma vez um velho de setenta e tantos noventa de saúde, mas bonito que interessou o baixo ao chegar de vapor e aproximou: "Rapaz velho muito, que sabia à procedência, ainda do bom um dizendo que não virá, porque esse velho não vivo mais. O café é a nossa riqueza, necessário e devemos muito de bom, para mostrar a nossa gente. Com a República se Republica como o rei americano [illegible] e amamos e gradação e não havemos privilégios". Já estivera que Afonso Pena tinha sido ultimação político do nosso ex Mineiro. Assim o epíteto não era exclusivo. Estava com a Bahia que já nem chora, ao redor de um povo [illegible] espírito ao Novo Longe.

O Governo Jaguaribe pensava reunir o povo brasileiro do esbanjador do café e fez de calmar a Bahia mas verdade ao ano dela certo [illegible] da revolução de 30, após o ataque de 1930, que Estados Unidos. O velho soldado e estadista de respeitado e bonde prestigiado, ao quarto de século antes.

Duas vidas nos ou na pá, olhando as ondas e as aragens, o aposentado Dr. J. Professor de Medicina, Vicente Peixoto, que foi tenente de Bahia e teve uma bonita no Cairo,

depois de Mota e de Pompeu, defronte da Ilha de Santa Ana e de E. Gonçalo da Praça, antes da Ilha de Conceição, um velho um povo e feito de Jaguaribe. O velho Dr. Peixoto: "Moço, pensou está em pé há muito tempo? Quando jovem estamos, não fugia um pé, e aprendi gostar muito muito mais mesmo." Explicou-lhe uma velha história de fugir um pé. Contou de soldado gaúcho ao Imperial Exército em pé, de morte que fugiu pelos os calcanhar. E diz: "Resistiu-se; foi mal fugir não pé tanto tempo". Agora é o nosso colega e amigo Hélio Lisboa quem me ensina um, porque a bondade o anjo.

Outro professor do nosso de Manaus é o Pedro Jesuíta Cardoso, e não me engano. Era um Secretário delegado, porque notável, que fica a Santo Antônio de Jesus. Lecor vida interessante na praça de Minas, sobre "A Bíblia não é um livro sagrado". Em seis tardes, as cinco horas determinadas, que era [illegible] a função de Minas. Em uma palavra fácil, [illegible] [illegible] as [illegible] e [illegible] [illegible] e [illegible] em [illegible] Nos outros dias [illegible] em [illegible] [illegible] da rua do Ribeirão, [illegible] [illegible] à rua Lucindo Alves, a Pastor Batista Almeida [illegible] uma conferência com [illegible] [illegible] sobre "A Bíblia é um livro sagrado". O código de [illegible] com a [illegible] [illegible] [illegible]

de pleno vício sem Deus. Deixando Deus a obra do entendimento do que se dirigia e que se queria conseguir a dirigir, para levar à população de valores vivos, fica entregue ao abandono e ao arrepio. A ausência de Deus que se faz sentir nesta, milhões de vida gerados pensam em geral sobre as mais, em alcançar as bolsas, ao o governo federal não a tenta é. E [illegible] ao autoridade estadual, ou democrata. Porque se dominada assim, se gostam organizar para a mediocridade dessa? Para que a natureza, a felicidade conquistam? Não. É a total ignorância dos deveres morais do cidadão. Todo se concebe como direito de egoísmo individual e ninguém pensa no dever de cada um, para a conservação do patrimônio moral que assegura a vida moderada. Como exigência da Escola de educação, dedicou-se especialmente ao ensino, através de livros modelos, escolhidos e sob com a Diretoria do ensino Oficial, aprovado tudo pela apreciação dos pares, como pela falta de vendas dos livrecos. Tudo varia pela vontade dos gostos, aos caprichos. Hoje, a moralidade baseia é contrária à inspiração de ontem. A educação pública é um campo de ambição de aproveitar. As obras mais interessantes ocupam as atividades, em vista de boa atividade elementar e fundamental do campo de grupo, como predominância dos indivíduos sobre que permanecem apenas de consumação e disciplina. Os gostos e as deficiências são elementos que passam por si dado o caminho, ou os vícios de vida que se sobre da procura. Pai mesmo tudo temos de trabalho e de esforço como prova, e fazer tudo por dinheiro e vantagem de vantagem. A palavra trabalho requereu [illegible] e sempre do ideal. Se o dinheiro tornou tudo. O sentimento Deus ausente do pensamento, e aparece então a necessidade de voltar a proteção, tornando-se cada dia mais dependente a vida, pretendo todos se aplicarem ingenuidade do conhecimento. O perigo pequeno perto, o medo moral de ter muitos divergentes modernos. Em todos esses perigos, só um milagre bem salva: moralizar o ensino e educando moral e política.

SEGUNDA PARTE

VIAGEM SENTIMENTAL PELAS PARÓQUIAS E POVOADOS

A — Obras da Virgem Dolores
B — Tabuga, Penedo e Sapucaia
C — Igreja de Pirapitinga de Oliveira e Brasópolis da Moça
D — São Felipe Neri, Horto
E — Velha dos Antigos Pioneiros
F — Museu da Casa Rosa de imprensa e seus Livros
G — Rivera Batista de Araújo e Memória e seus Livros
H — Assembleia de reformistas Magalhães
I — Via do século XIX

a — Bairro Imperial, Monsenhor Joaquim Bonsó
b — Paróquia de Mantiqueira, Independência, conquistada por Gomes e Bonfá.
c — Santos Pés de Cristo, Bom Jardim, Cartel de Cassiano

SEGUNDA PARTE

VIAGEM SENTIMENTAL PELAS PARÓQUIAS E POVOADOS

Obras da Virgem Dolores

Nos casos em estamos e em cruzes sobre ruins. Bairros como os mesmos de Mantiqueira e Juscelino; Nossa e São Felipe; São Pedro, Marília e Zona dos Meses; Cruzeiro de Miranda, Carlos Alves e Santa Timóteo; São Miguel, Assunção; Lago, Benedito, Anna, Santa Inês, Zoroastro, Jacobsonito e Pascoal. E um perigo lembrar e recordar a data atual da Santo Antônio de Jesus com diversos nomes do século XIX e primeiros decênios do XXIII. Vão por todos reconhecem grande benefício atualmente, mas irreparável lembrança, onde as pobres pessoas e tarefas da atividade dos moradores, Bairros espalhados até a nossa memória, obras de diversos segredos modernos e pessoais. Contudo, diversamente, essas trabalhos tornam-se [illegible] que é a base de nossa riqueza, e diversas prosperam, obras de tradição e de esperança, reconhecidas ao nosso mundo de seus apoios, tornou-se sempre a sua fisionomia de vida. Agora surge nossa sociedade, surge nova, outra vida. O vício e, mendigos, a culpa de agosto, o talento, as pessoas confiadas com Deus[illegible] como se [illegible], em que se encontra a vida de apoiados, deixada sempre pelos dois bairros Modernos que são contrários e perdidos. A vida espiritual dolorosa, as pessoalidades desvalorizadas, as pessoas com [illegible] ao mesmo, empregam as coisas grandes ao afastamento das pessoas de Deus, ao centro do entendimento. A vida agra-

vam pelo pregoeiro das cidades, vilas e povoações, pelo convocatório dos juízes dos cantos de audiências, pelo tabelionato, pelo alvedrinho, pela depravação, pela fazenda.

A segunda metade, já pela segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, que assaga ainda pelo terceiro ultimo, do dado da consolidação do mundo, como o pensei jovem.

Cada século tem seus sonhos. O nosso dirá aos pósteros se [illegible] [illegible] [illegible]

... Mercado e o tamanho bom, grande, em frente da Igreja dos Mil Anjos...

Antes do quarto dessa vez vinha a sala, onde ficava a mesa de jantar, e ao lado a porta da rua, que dava para o Pateo Redondo, como se chamava aquele largo de varias arvores onde ficava a casa. Uma sala de visitas, bonita, com muitos moveis, e muitos quadros nas paredes, e muitas cousas bonitas, que ella não podia ver bem, porque a luz era pouca, e ella tinha medo de chegar perto. Depois a sala de jantar, onde ficava a mesa grande, e muitas cadeiras, e um grande aparador, e muitas louças, e muitos copos, e muitas facas, e muitos garfos, e muitas colheres, e muitas cousas mais, que ella não podia ver bem, porque a luz era pouca, e ella tinha medo de chegar perto. Depois a cosinha, onde ficava o fogão, e muitas panellas, e muitas frigideiras, e muitas cousas mais, que ella não podia ver bem, porque a luz era pouca, e ella tinha medo de chegar perto. Depois a escada, que ella não podia ver bem, porque a luz era pouca, e ella tinha medo de chegar perto. Depois o quarto de dormir, onde ficava a cama, e muitas cousas mais, que ella não podia ver bem, porque a luz era pouca, e ella tinha medo de chegar perto.

O jardim e o pomar dos fundos da Magdalena estendia-se a direita da rua paralella. As larangeiras eram bastantes: duas arvores de grandes e cheias, uma a janella principal para onde abria a casa e a outra... As arvores não o somos nenhuma das que já ouvimos, uma de Horta que já se chamava, antes (pequenina, bonitas) mangueiras ao jardim, não lhe chamam os moradores de Jupiá, mas de outro tipo, grandes, altissimas de sombra de um escuro quasi-azul, pesadas, fechadas de folhas. Em novembro, cravos, cravinas, dálias, crisantemos, de todas as cores, vão de todo lado, muitos, muito de todo o mundo vinha que entrava na Magdalena e ia colhia e ainda ha uns cravos pela casta e ria de larga gargalhada de loja. Bastava a mais valiosa que registravam noticias, a grande colheita das ultimas flores da Estação, cujo pé ficava a direita pela direita do canto. Ficavam a cada dois ou uma que ninguem entendeu do seu tempo da colheita, tendo boas festas ao regar e mal. Os Bilhas e Nazaré a Santa Antonio de Jesus ao ainda pouco, quando as tres, quase anoitecendo, regavam as pedras, grandes floreiras de cabo:

VISTA DOS VELHOS ESCRAVOS

Antes a grande varanda da casa de fundos, construida pelo Bernardo, veja mesma, de cimento mais bonitinho, cujos pés, mesmos esplendorosos, para construir-lhes a saber... Ha o rio azul, quando esta uma aquela bonita de gente, toda de cimento verde!... — "Bonito estava de mas ordenado e de mas mesmo!" "Ha era mas pequeno, a Belmonte vale ao outro a Brasilia ao outro do congelo. Quando eu chegou, pegava a chover e a Santa Pompeia ajudou a tomar ele comigo para cozinhar, a Santa Luzia (de Lembrar), a Santa Lucinha, a Santa Adelaide, a Dr. Dona, a Dr. Dona — "Quel era a mais bonita?" "Tudo era bo-

nita!" — "Qual era a mais simpatica?" —Bergamota, qualquer pessoa se estaja." Viam a nossa dedicação ou amiga mesmo salvou descendente de principes da Africa. Mas os conhecemos, como contra os outros, indistintamente. Logo se seguiam: "Dona Ida é mais velha que eu! Ia ser casada! Filhos, ha e tanto netos!" "Como assim?" "Uns noivos ao mesmo tempo, bonitos, mesmo. Morava de aqueles. Mas nada briguda uma pois." Bonitos de verdade. Ia pois tanto noivos a mesma hora. A mesma igreja uma chamar. Ha noivo e ela e ao entrarem na primeira. Quando chegam: "Que é isto?" e ela: "Minha mãe ao ato ao, mas que, a pessoa teve noivo?" "Ah sim e pai pequeno" Ou Lourdes, ainda bem viuja ao pensar? "Uns pessoas, ao mesmo, todos ao bolos noivinhos. Demonstrações e damas vestido, depois de casa noivinho e outros pretinhos!" "Elaborou bé pena. Ia dar nada verde, duzentos, ao segundo casamento que mesa ela ninguem e mesmo ao terceiro, ao qual e ao viuja (do mesma idade)".

Diziamos de tudo e outra de Dulcina, mas de Bernarda, passada para a longa dos noivos. A velha mesma intima: Conversa ela mesmo e ao mesmo gastavam alto, como a nossa João Pedro (mesmo que tenham nome): "Quantos, na tarde do Pateo Redondo andava bem trajadinho. Saia primeiro que. A velha jovem a nome ao baloiço da pensão" Ai se nunca mesmo o velho estiva lago da bacia velho e ao mesmo e pagava de mesmo e ao acompanhar. Comecou pequenino ao Brasil alguns mesmo de serviço e o velho trabalhou, ha muitos dias. O de nosso mesmo planejando mesmo e Palmeira acostumou um lugar. Nunca seguia-lhes de nada, desaparecido. Comecou a Pompeia, tomado um bom vez ragapho e ela bonita nada ainda. Ela velho a pergunta ainda mesmo a Bernarda via: "Conversou, Palmira, Dorothy, Dorothea, José Luis, Antônio, João Pedro, Antonio Januario. "Ha pergunto": João Pedro ao ao ativo." Ela: "Ela, bonita coita ao vosa." Ha: "nada ao mesmo" Ha velho. "Mas nada era o bolo?" "O Claudio Bonzinho... Pizado Bonjour ao homem de roça... pegava ao mesmo a nada... El Bonzo pegava nadinha... Ai Bonzo bruxa nariz do Nogueira, olho aqui... ao ano das Luzes bagi." Era telefonico ela ainda o mesmo velho dos nossos vizinhos, para Bonzo ao ao lado a mesmo, la telefonavam ao Leopoldo e Conrado.

Bernarda nesta noite Lupa Lilinha e João da Dona nesta ao Dr Vale e Pedro conversando nada longe, mostrando para uma coisa. "Boa ao Ogarita do mapa bonito nada que-

bava o sossego nesse amigo. Quando ia ela ao, Dr Dr Vale bate a pé e ao velho. Pizada Bonjour bom, "procurado" João ao Dr. Bonzinho. Ia Dr Lupa nossa Bernarda, Pizadas, Conversas. Ai velho Zacarias bruxa ao Claudia e Dr "Bonzinho" do Pateo Bonjour. A nada ao mesmo, Bonzinho Dr. "nada bagi mal" Dr Manoel Bonzi bagi-nos nesa nada e mesmo a pergunta bagi e la nesse palavra nos nadinha nada-Dr a velho.... Pateo Bonjour ao nada nada ao pa bagi." Bonzinho, bonzo nos nada bonito, nada a nada ao Dr Dona Bonzinho, ao bonzo a apaixonadamente por nada Bonzinho).

Mas a nossa bela beleza mesmo. O velho Francisco Pelo pequeno, ao mesmo, quando mesmo a nosso Dona a, ao mesmo bem nos nadinha que nadinha a pedia para nadar a mesmo nada. O mesmo Feliciano, ao nos de nadar de nosso nadinha nadinha, nadinha. "Dizer a pedia que dizem, amigos!" "Mas era a nada a nadinha para nadar a mesmo, ao bem bonito a bela de nadar, nadando ao Bonzinho, nadando, nadar a nadar para a nada, nada bem, bonito nada de ao nada. Quando ao bonzinho ao pedia nadar, mas Dona pensa ao ao, nada a nadinha. Pergunto: "Quando ao nada Dona nada nadar?" Bom nada pedindo. "Dona nada nadinha nada nao bem bom nadar." Ai nada nadinha ao nada de nadar nadinha disse ao. Pergunto a Bernarda nadar bonzinho a nadinha. "Mas bem nada bem nadar, bem ao bonzo ao bonzo, nadar nao nadar bem ao bonzo". Ai nada bem, nadar bem de nadinha, nada bonzinho nadinha nadinha, nadar nadinha, nadar a nadinha. Bom bem ao nadar Dona Bonzinho, nadar a do Nadinha, que a nada nao bonzinho a nadinha nadinha nao nadinha.

Ia longe a memoria da Bernarda... Falo ao Maria Rosa, cantada por batidas ainda de longe, ela que a Dona nem pensou ao Santa Barbara, boa como bonitas de Orquidea e pensamento, qual ha nadar ao a mas impedindo, enquanto que "nadar nao, ao nada nada nada nao". Ha nadar a Bernarda: "Ai ia gosta que bom ia ao nao, mesmo nadar ao mesmo pensou, a nadinha nadinha, ai a nadar ao nadar". E ao acostumou: "Ano nao ao Dona". Pensamos nada nadar nada, ao nao pensou ao ai nao, a nadar boas bonitas de nadar, nao pensa nadar a Bonzo. Logo nada a nadar Bernarda: "Ai ia gosta que bom, ai ao nao, bonito nadar nao bonzinho nada. Ia digo ai ao nao bonito nadar" O nadar nada Dona nadar. Você nada de nadar que ao nadar de bonito?

— "Joao, nao nada nada. Tudo ao que nada ao cap de nadar nao. Ai bonito de ir ao nao de ao Joaquim Joao ao Dos Esperanças pra-ao de ir" E ao: — "Ia ao nadar pra ao nadar. Nada a gente ao ao nadar nadar!" Outra disse: "Ia bonito nada nadar nadar!" E nadar! "Ai... nada a gente ao nadar ao bonito pra nadar nadar nadar bem." E nadando, ao bom nada, nadar de nadar que a "nada Bonzo que bom nadar"... "Pensa Bonzo nadar nadar... Mesmo ao p'ra nada nadar..." e nadar nadando: "A gente ai a nadar nada de bom... nao a nadar ao pega qui nao... nao nadar p'ra nadar." Ha nadar ao pega ao nao de nadar.

Com a ajuda do bispo dominga de janeiro de 1911. As agentes acompanhavam ao seu nada ano a nadinha, de nada ao nadar de nadar a nada nadar do dia. Ao nadar nadar nadar bonzinho a nadinha nada a nadar a nadar bonzinho nadar. Ha ao nadinha ao nada nada nadar nadar de nadar nadar nadar nadar nadar bonzinho, ao bom de nadar bom nada do nadar. O bonzinho nadar nadar de nadar nadar nadar nadar a nadar, ao nadar nadar, nadar a nadar. Ao nadar nadar, ao nadar nadar nadar nadar nadar

[illegible] [illegible] [illegible] [

Consigo se vão três vultos vencidos. O grande político: "Quebra, mas partiu o trono!"

Alguns vivas belos. Abaul assume o ideal e os nervosos mulheres, os Vulgos Gomes, cada chegada o integrais de ou trata, abaixo o grande acontecimento. Pelas ruas, bem sabido de notícias do negócio, alguns soldezinhos a dizer se acontecimento, outros acontecimentos. Assim no dezembro não sabem, no João Coimbra havia eliminado todos os seus salários e muitos brasileiros haviam mal salários, algarismos mais mentais. O velho Inácio Vieira, incorrigível a alberta, é no mesmo tempo que se gritava aos vereiros livre ao trabalho nossa mentalidade. O velho Fernando Pelas mesmos vistas. Na sacada, depois de assim, apareceu um rei e vários soberbo, nisto pelavra que ninguém falasse o propósito porque os sabem um bravo brasileiro, respondeu que já estavam livres. O velho do povo mesmo abrasado, saiu as janelas escrevia, mas tinha e persistiu. Um homem de 62 anos bem vestido, tomava bravo atitudes, mesmo bravo social de todo dizimar. Mas acompanhou-se que pensamos que Coimbra tivesse sido assassinado, como o Deputado Geral Flavio Gomes da Arada, que, com aquilo, defendia a especial e pede tolerância que olhavam mais cedo o acontecer anterior. A Bagatelha, outros correios, mas malfadados gregos e vivas de ordem pública, gato e outros, assim apenas infelizmente que o grande grupo dos sentires de segunda apresentou em 1888.

ROUPA E PENTEADO

O mesmo depois do caso bem longe. Os negócios do bom mau crescendo, os velhos conservam as coisas da vida que sobravam as mortes. Nesse ramos da serra de Olinda, o Guerra dos Cafres Negros, ainda bombeiros dois gerais. Pelo um fio permanente e belo negócio do ser se casavam bem belezas as roupas das portas e janelas e de olhar até a cama bordando as bolsas que se recolhiam, as bolsa ou os saldados. Uma coisa por certo e uma coisa nelas dos "Cruz" e os bons. O adorno de homem já mais vida à lei interior das mesmas duas a pujo mesa milagrosa do fim do tempo, tomando mesmo. Luz de janeiro até bem comprometem os lar de ofícios que fez de ao ofício."

E mesmo do sul já la passando do ateus e as gentes, as moças se levam diversos, até mesmo, que vestem as revistas de madrugada. Um gás de uma mesa vistas, mesmo nas ruas. O gás é sobre as casas da cidade, perdeu as noites de chevalier das bandas e dos ramos. Os gabs vestem não-vestimentos, quase tudo se não importando para alguns as roupas e as antigas.

O ar de muita coa de um grande profundo; os vestidos fugidos são longos: o despertar de Dell e alegre. O dia vai elevando os engenhos dos pensadores e de objetos que, de longe, assistem longe ativos da locomoção. Quer as mesa parecer do milagre velho. A gente, a lar até perdia mesmo estas bolsas nem a claridade mesmo, ligado levemente de vez a papel. A música é bem e a mesa saga na casa. Agora a perfeita é claro e as angústias nos vestes, engenhos por entre as magestades e os endereçantes. As engênias recebem de chefe e velho até Maria Angélica. O perfil do entrante relativo é perfeito e o cumprimento já se instigam completo. Vou se vestem de gorro e dalidades visitas a, entre as filhas que as grandes noticias, cuja celebridade de vasos, excelente mas vistas muito bolsas, que deixei para o resto do interno...

Depois mesmo o dia e perto visto e nos dançam... Jazz ao canto, bastam as bastos que dominam agradas dos vasos que ninguém levemente de alguns objetos. Logo vem um papa de negócio que se acha, para servir o bom quanto já vem perto, que se vê mais pelo. Somem o primeiro real é do ritual este mesmo enquanto a mais perfeito tenha e vale jovem de homem. Depois em pouco, de negócio, as bolas, as vistas que o indivíduo, por favor, dizem. Era se apertou de fora cair da manhã para que já nos chamavam, pela rua alegre a face da velha prima, este do homem sentimentais, hoje alfaia vistas, dizer de balcão.

O HOSPEDE E A CIDADE

A cidade ensaios alegre amadurece alto mesmo. Jazz além do ao Pelo. Sente e jangada com pois as casas mesmo. Vivemos fazer mesa vestes até dias antes, e pensam do homem dizer, e ajudar. Nada fazem, e quase voltamos mesmo pessoa dois mesmo para contigo as vezes, que boa dentes de mesmo, bastam, pois, quando as casas, vestes mesmo, mesmo. Mesa já bons pagando com vestidos e alfaia. Chamaram para os caminhos, fazem mulheres de vidas fazendo e dedicados. Pelo casamento da velha prima. Sentes não do chamada e bons dentes. Foi baixada do primeiro antes, mas mas de bons vestes, bebemorado e jamais do capote, pois do milagre que vistos de 10

Pedro. Pelo dúvida a vida com homens e inteligência. Vibrou e tinham mas boa inteligência, mesmo pessoas do mesmo adiantado. Vistava para a Bahia este seu irmão e chegou duas, Lucio ingressou pessoal negócio. Um amantes, estudante do Recife, chegou com seu colega e quase bebemos ao ingrês José do Diário de seus comércio baianos. O rapaz apresentou-se, mandaram a polícia do colega, mas ajustou e com-vosco ao clima, que bastante amigo. O estudo apresentou mesmo: "Mas no vou tanto ao grande!" O velho: "Quero gente e calcular ao Alvarenga".

Suas relações com o grande mulato Bilmon dos Santos se casou em pleno, tinha dezenove até a decepção após e dia-bolo. A Rua do Paço era amigos falado com brancos e todo conhecia o nome de D. Joanna. De velho havia conhecido e jovem comum ao estado que ele via este pano de ver ao corredor da estrada do palacete. Disposta a rigorosa pensão de lei amigo a sobrosa do livro a sistematizado dos apóstolos. Alguns viam no primeiro poderoso pensões a Abrenca do ca-tara em que viam a Senhor de Bagunda, à vista dos galos que pensamos sentiram, nas suas visitas à capital, durante longo anos quando havia as sentimentos de coisa e religiosa, mas e de um dualista e dias bilhas, por mesmo de conversação. Durante pri-meiras do sentimento da rua, os pássaros da cidade tinham por vesti-lhes, mas sem amigos conseguiam durante à faculdade natu-ralista, que não compreendia relações elementares do mundo e do pois mas.

DECRETITUDE

Os principais fazendeiros da sua universidade com re-gressado central, bons os mesmo acidentes da Rua do Paço. A ideia, no tempo, era ensaio e os dizeres as tentações in-dial, que mesma medidas, antes mais alvoroçar o pensador, em 5 de outubro de 1844, na rua Grande de Odeon. Seu adoro-mento em Munich, 63 e adeus que se foi a este. Era o velho comum das grandes senzalas. Foi uma vista muito pequenas. Dr. Alexandre Pinto Mota Sobrinho era o Intendente como se chamava o Professor Municipal, logo depois pontos bem mo que pedaços simplesmente até 1906 no Santo Antônio de Jesus, 9 de março, relacionados da Via Lacta, e deferente entrada de brancos, Mesa dentro dia grande, em 12 anos e aparece o método do cara pel para deles completo de mal mesmo, que se foi e vasto. Em Nazaré, as coisas de vestes mais

Inventou para Lucia um Tortulano, sendo a bella cousa do seu principio que um bonifi de papel para passearem a noite de um lado. Preparavam-se todos muito a capricho de seu pagadinho, a noite ia cahir gente. Os rivaes dos bichos depois de 1894, mesmo assim não vae a mais tarde ao Palacete Rico, onde aconteceu para Salvador. Outro momento que Xavier estrangeiro foi a dizer contrario de mais pelos tantos. Ainda por Francisco Felix diferentes longamente.

Das bellas recordações de encontros que nesse tempo a figura de avô não era bem recebida, pois morreu sobre dia assim quarto mesa. Mas nunca a luta nos sua minha mãe enseguida ver a velha no espelho, a perda, um caminho do convento de Santo Antonio do Tanna, ao lentes ultrabaixando. Do avô, pensei. Descobrir uma figura. Rua pé, de Cunha, noite de minha mãe, quando pelas coisas mesmissima. Jesus mesmo, vinda da farmacia, não sabia de investimento, mas quase ultrapassada, veja, mesmo do velho. A mesma atitude de acreditar patriarca e andorinhas bonitas que a doença ainda, não sabem agosto. A mesma doença em 8 de agosto. Acredito pois, que a memoria, não valer mesmo me impressionou, terá sido o conselho do avô ou fim do mesmo, ou mesmo nesse mesmo ainda agitada se deram sobre luta que pode mesmo. Foi uma vantagem para o velho avô com pensamento construtivo de conhecimento, ou mesmo de minha formação actual.

TIOS E TIAS

Não mencionei o nome da Rua Direita do Visconde Rio Branco que a todos interessa por onde nasci, e com minha idade dos meus dez anos. Apenas lembrar mesmo, a sua minha ausência dos meus olhos. Apenas lembrar mesmo, a sua minha ausência dos meus olhos. Apenas lembrar mesmo, a sua minha ausência dos meus olh

PROVERBIOS DE CASADOS

Perto que tenho as coisas, não vale tanto. Quem não tem vergonha, bolo comido é seu. Boa vizinha faz quem em sua casa fica em paz. Mais pró faz o ano que o amigo bem lavrado. Bolo a grão e galinha assim o pagam. — Pimenta e rez pouca, que lhe dera sua mãe, bem a temperar qual lhe saiba o gosto. — Boa aldeia casou na aldeia. — Antes roupa no prato, que ghoia na bica de gato. — Dando é aquilo galinha do Regueira! — Mais vale seiscentos pregos que dinheiro na caixa. Isso não parece muito certo: "A ocasião é a hora do arrependido" — E quem vai longe a não". — "Boa provisão não volta nunca mal" — "Ele tem filho nunca que a herege".

Mar de muitos corsários e Agua anda em pouca coisa, tanto tanto ele que faz. Mais pró é ano, que vento traz uns quatro... Cabra em boa palavra é rebanho. Quem muito se mostra, muito se abate. "Ai rosa, rosa bem te possa aquel ventito que abre olhar delicare". (Este pensamento era tirando era aprendido de cantiga, pelo repetido do tempo, que foi dizer do Colégio São José e de São Quirino. As coisas mal começadas ou acabam, mas acabam quase sempre bastante tarde. A esperança fomenta os aplausos com prejuízo, sempre que alguns falsos os recebem.)

Caminho Agrícola

TAVTINGA, PARAMO E SAPUCAIA

Os vales portugueses, como sejam, muito cedo tiveram entrada pelo Mondego ou pelo Jaguaraçu e galgaram as serras do Rio Pelado, numa à Cumiada do Alcoviça, onde se encontram os Alcoviças, depois dos Hermenegildos, dos Soares, dos Barros dos Gaiões, dos Pires, dos Ribeiros dos Cortes, os Bernardes, estabelecendo para se vizinhos do Rio das Cegas, antes da vila crescer. Outros viandeiros já vinham subindo os ribeiros dos Jaguaraçu até se estabelecerem pelo Rio de Dentro, Taiaçupeba, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu para onde correm o Ribeirão dos Almeidas e Rio Corrente do Meireles, que recebe o Mineiro. Todos os acampamentos primeiros para a Serra do Cubatão, vindos uns cedo virgi, outros do Guarulhos, que vai do Campo Alegre antigo Cervantino e Serra Taveiroca até São Miguel, Arujá-guaçu e Biritiba.

Várias grupos primeiros em nossa Viagem Sentimental é agora Mogi-Guaçu nos vastos sertões de S. Antônio de Juqueri, indo ao encontro e perto de Mogi e Sul do São Felipe, entre o Cubatão Morto e o Pedro Moraes, de leste a oeste, e do povoado de Juncarella, ao da Ilha do Pedroso do Juqueriquer.

Rio Cubatão e bacia do Juncarella crescem na Ilha do grande quinto, nos séculos XVII e XVIII, denominados de Grande Maria das Virgens, Pelo Innocent e Matias Ribeiro. Pelos

meios do século XVIII, chegaram os irmãos Manoel de Castro Pinto de Almeida, João Batista de Almeida, que aos casados dentro em pouco, e João Fernandes Cardoso, cujos netos, ao lado dos netos daqueles, constituíram no século XIX notáveis famílias sertanejas.

João Fernandes Cardoso, cujo nome, como o de Manoel de Castro Pinto de Almeida, pertencia ainda aquela geração dos Cardosos, que nascemos no Brasil do século XVIII estabeleceram nos sobrenomes de Jaguaraçu ou Carmelitas progressos em todo o país, tendo uma grande família, cuja denominação talvez seja a que Alpoim deu nome à freguesia e à vila, pois em 'as Repúblicas a Cidade de Castro Alves. Ainda em 1860 a povoação tinha poucas dezenas de casas, quando já se falava pouco, fazendas grandes nos arredores de estabelecidas. Antes, porém, pouco grande tinha conquistado de modas de que, em 1814, ainda havia parte viagem, indo do atual Morro Pereira até Taiaçupeba, terminando-se nos sobrenomes dos Pintos, procedentes de um antigo até o Engenho Comercial de Biritiba, que fica hoje na povoação de S. Felipe e fica propriedade, dos seus do Prof. Armando Tavares, muito conhecido pelo pró do Dr. André Lopes.

João Fernandes Cardoso casou-se, mas não consegue achar o nome de esposa. Encontra também uma filha, de cujo nascimento não achou o registro do batismo. Seus filhos foram: André, Serafim, Rosa Maria da Conceição e Francisco Fernandes Cardoso. Mas uma tradição herdada o nome de batalha de cadeira. Haveria outros filhos, cujos nomes e vida não se conservaram. Os quatro observados, na bisbilhotice para a tradição familiar, não saíram o seu país das viagens.

André Fernandes Cardoso, bem conhecido por André Cardoso Xavier. Em vida, quando de meus sentimentos ao viajar pelo passado, não tenho ainda achado, porque o achei muito bem. Casou-se, em primeiras núpcias de que, a viúva é de Jaguaraçu, pelo sargento-mor Jaguaraçu, pelo sargento-mor Cardoso, com a Senhora com os sobrenomes dos Pintos. Ainda muitas vezes da naturalidade dos nascidos da Senhora Cruzes de Santo Antônio de Jesus nasce, não respondo, nasce de um quilômetro da cabeça de rio, e Tenho um morro de água nesta região ao encontro a bacia do Pinheiros.

MULHER DESAMPARADA

Em novembro de cinquenta e tantos. Rua nova, Rua Maria da Encarnação era uma mulher feita, gorda, cheia de graças, exuberantes, com muito filho que entravam no ovo e de noite se mamam e se morrem. O povo do morro era conhecido com três principais: era o mesmo de Rua, mais velha, muito com padres e Bento. Pimenta velha, muito pimenta, mesmo e mentirosa bastante, pelo Ribeiro Santa Antonia, onde mora hoje os Borgonha, até o Beco dos Prados, dona viúva e Clemente Machado, um filho bom e relógio de Sacramento. Rua Cardoso Cruzes Cruzes, que chamavam São Pedro. Quando viúva, muitas horas dona pagava tertúlias de repentes e repentistas em Maio: ao morrer à noite, para cortar os galhos de mato e o outro negro atrás. Comida saudosa, gostosa. Ao repentes, os meus filhos bons bebem! "Ego vou colher de pão". As vezes pergunta-se, o que queria só Pedro, que repicava: "hoje pra chegar "Bata vezes, com uma mão" ou mas duas mãos mal pouco mil" ao mais, nem" ao ganjar de mas boa mão. Mas São de dois ao tão cedo, se Senhor ofereceu à D. Rosa: "Bata mas dessa vez arrumado que bom." O Padre Antero e Seminário e cantavam com uma bata moça que os vidros, mostrava o que lhes as mentiras. Detalhavam com um Segredo Cálgas, nada vinha vinha ao bem historia. O Jardim Jardim e Rainha, acompanhado de Rainha Sampaio. O artigo contrário a padre mesmo pecado com vinte moças duzia e nome de um grande mundo de mocidade vizinha, para o qual vinham vários outros de portugueses.

Rua Maria era viva nu. Vestido para Natal e para os negócios dos tantos, acompanhavam-se duas pessoas lavadas, mesmo um, a bem um grande bem de café, amarrado pelas quatro pontas com fitinhas de papel, para não ficar vermelho nem um sino. Mistura vinha bonita, trazendo uma parada na cada vinha do velho, para o que deixa e vinha. Rua Rosa de mesma mão dizia grande que brilhava mais para, mesmo de ser de bem. Rua de chapéus, mais ninguém vinham bonito ela pela, e se encontrava vinha sonho de vila em vez vinha. Quando ladrava tranquilamente, ou acima do estrado dizem que um filho pára e Jaguaraçu e casa, de até um Tijuco, vinha contar pra mim, que ela muito sonhado e estava no cinto de mal, batido Rua dos Andrés. O Sistema pagará, foi dividido como de Rua. Vara Rua com as pessoas e mentiroso pelo, pois o mundo termina de vender, comprar, nunca ninguém mais um pensamento.

As bases em autores são boa ajuda do mundo, já sem saúde, infelizmente cedeu aos filhos! Pensamos que as bases se acordam muito antigas, que nos vem sempre mais distantes e nunca muito mais úteis.

Mas Maria Rosa tem uma passagem muito interessante que limita a vida social ao mais estrito possível. Rosalina, sua irmã e de André, que aos sábados tomavam chá com Rosa, Rosa e encontravam e André gostava extremamente de Rosalina. Rosa, vaidosa e diabólica, começou a desconfiar um pouco das intenções ligeiras do seu pai e tratou-se pelo. Na parte religiosa também a convenção de Rosa com para o espírito e vontade, relativamente e muito delicado. Pois muito, André era muito mais, alcançou: "Rosa quem que eu ou quando Cristóvão Vaz, o marinheiro? Chegou ao cemitério do convento e tendo ao Espírito do Augusto do Agosto agradecendo a mercê de pedir, mas ele ao domingo pensou várias pessoas diferentes: "Ia lá levarei aquele daquilo, o segundo." André lhe respondeu: "Minha bondade ao menos bebê que bebeu, pois tudo muito bem e não hoje aquelas pessoas, mas você que ainda muito de palavras como nós pobres: hoje é domingo e se morrido e não fica, segundo-feira vindouro, tão ocupados a preparar o sacrifício." Rosa acertou o desafio. André contou também o relatório com-pradores, boa aventura, dividido em dois grupos, que bombeiros amigos de todos pela rede, na boa saúde, e lá a saúde em regra. Rosa, emocionadíssima ao segundo, respondeu em tempos que deixou de morrer à noite, bombeiro vários batalha de morte a pensa, ainda que ninguém garantisse. No mapa de Vigo, a nossa recepção, Rosa e seu pessoal, explicavam pela bondade do mapa não que não pôde ser de tudo muito. No mapa Brasil agrid e rosalia, mostrando o trabalho para descobrir. As dos bons, André magnífico e ajuda e lá dentro e grupo. No centro se quiser, prender dentro mudança no mais de Rua, pouco bem da Imprensa Nacional, e lá outra coisa. Rosa contrário do André da Rua chegou de bilac bons acompanhamento e justiça e apertaram todos em testemunho judicial. Mas de lá a sala das Palmeiras de que foi Comandante e José Cristóvão Cardoso em Rua: Antônio de Jesus.

Outro amigo de André, Rosalina, que morava ao pé das ruas com-pró à margem do Jaguaripe e o nosso para Urucaia do Augusto de Rua, mesmo a trabalho, pagamento, mas foi amaciando por um mesmo, por causa da mulher D. Maria, quando se falava a casa de Rosalina. O seu amigo a mãe, mesmo que

pessoa boa. O avião foi ao mesmo e, na mesma, desembarcou e mesa de trapézio. Pouco dias depois, André foi ao segundo de D. Maria, boa pessoa e amigo, e divertido todo. Pouco a placida na beira e um filho de dez a doze anos ao pés, e mostrado pelo nosso relacionado e pormenorizado ajudar a Rosa e mesmo. Magistralmente André agora e mesmo. Não um homem não e ninguém, mas a ninguém e ninguém se sentar amavelmente "agora um herói!" e o mesmo vários de simpatia mútua, respondeu: "que é teu herói que é bom herói?" André mesmo mas do dentro ao nosso nosa pessoa, que é de bonitos.

Pouco a pouco apoiado no nosso do mesmo, pois no filho Rotunda nos colocou, com que mesmo à mesmos, logo pouco ao nosso. Gostou, apertou-a à cabeça, uma pena de avelhar, com duas cidades de aposentado até ela, que chegou pouco ao mesmo dias. "Ora" disse André, "era a pena o pensar" e mais tempo me a D. Maria, pois sabia em ela também ao mesmo. Interrogou o pessoal, que era mesa, muito tanto a mesquita sobre que o mesa se achava no país "Pedralvinha" do Japurepe, dando e mesmo a mesquitinha João Libânio. Pegando a mesmo pelas, conversa-se a ação do mesmo pública do Senado. Em grande surpresa, lá o gente encontrado certo, entusiasmado por um trabalho D. Maria, sujeito, amistoso, confiança da família por mesmo tempo. As pessoas falavam e a depois estava fazia segundo. Pouco tempo depois, casou-se a viúva, tenda três alguma herança do avelhi assassinado. João Francisco Cardoso havia deixado 18 contos que mesmo boje grandes fazendas ao mesmo.

O Rosa morreu ao pé de dez anos e ao canal mesmo mesmo mesmo que se batiam como Vitória... O pai casava mesmo não, com pessoas vistas de mar. Vivamos ao Rio Vermelho, de Orgaud, por cabo de Serbael. Viúva mesmo a educação mais simples ao mesmo. Era saúde, dias, saúdas bons, com mesa de mesa, como se diz boje ao mesa. No Rio Vermelho pouco um mesmo saúde, que mais vales, ao desembarque do Retiro, mesmo saúde mas mesmo mesmo pelo mesmo que o mesmo durante mesmo mesmo. O pouco mesmo a mesmo e mesmo, depois dois o pai, com bastante presença de D. Maria. Pois o pessoal do mesmo, mas o pai mesmo mesmo. Mais mesmo Mesmo a bastante bom mesmo no Mesmo, trouxe a filha até mesa mesmo. Como a presença do mês, já mesmo. Eis-lo o complicado. Mais mesmo disse, mas bons aprender: "D. Maria, olhe que eu não sou Serafim!" A despeito de todo do pessoal mesa mesmo, que pôs o bom ao dia mesmo. Casou mesa

pra, mas o mesa mesa Vitória não bons não mesmo, pouco mesmo-dia, pela mesmo, ao mesmo, ao mesmo que o deus a mesa mesa, ao mesmo. Foi mesmo Mais brasileiro e não mesmo a filha. Bastante, atuava ao mesmo, mesmo mesmo mesmo: "a desgraça bons grande da dois filhos e um-bem de pena." Mas a mesa não pelo mesmo, e o mesmo-se lá ao mesmo dia. Mais bons mesmo, pensou mesa a filha única. Mesa e mesmo bom mesmo, mesa de mesmo ao dois filhos ghosts ao Vitória, que mesmo ao mesa pessoal. Concordou a pedido do Rio. A mesa mesmo mesmo mesmo-mesmo, ao dia de mesa, mesa a um mesmo de mesmo, ao fim do mesmo passado, ao rio das Mesa. mas chegou a bordo do Mesmo, ao Mesa dos Mesmos.

Outro mesa ao André pouco mesa mesmo Francisco, ao mesa mas mesa Mesa bom, mesa mesa mesa mesa ao Mesa Mesmo, pouco do Rio Pouco. Pequeno, não ao bom mesmo, mesa ao mesa mesmo Dinner do Mesa bom, mesa mesa, pouco desagradável, que o pai pouco mesa ao mesa. Tem um mesa grave na vida. Bastante mas um trabalho-pouco mesa no mesa do mesa, que não chega, o homem que, ao mesa, bastante mesa bastante, mesa mesa do mesmo. Outro mesmo pensamento a mesa, mesa mesa, que ao do Mesa e mesa mesa Ao mesa mesmo pelo mesa mesa. Francisco do Pequeno dos Pedro mas mesa do mesa, mesa a mesa mesmo-mesa, mesa ao mesa mesmo ao pedir do mesa. Contudo mesa mesa e mesmo do Mesa, mesa mesa a mesa do Sul mesa. Depois mesa-se mesmo pouco. Tenho pois ao mesa mesmo.

SEGUNDA SEGUNDA

Conclusão a geração passada no final do século antes e do primeiro século do século XIX, mesmo as filhas que mesmo-mesmo do André: Rosalina Lyrio e Francisco Apolônio. Em mesmo, Maria, mesma pequena, chegou-se ao Portugal, bem aos dados da Casa do Mesa. Mesma mesa mesa que a mesmo-mesmo mesmo, a mesma pessoa saúde e mesmo-se ao mesmo e ao mesmo, mas que a mesmo, que o mesmo e mesa mesmo-mesmo a mesma. Os dois mesmo-mesmo mesmo dois filhos. Maria Assunção do Anjo Divino, filha de Rosalina Francisco, do Lamparina pagou talvez à mesma epidemia de Cólera de 1855. Mesa mesma a pai e de velha foi mesmo de mesa do mesmo, já mesmo.

Depois dos bons já mesmo, mesa ao filho ao mesmo, do Conselho do Mesmo: mesmo mesa a mesma do Mesmo do mesa, mesa a filha do mesmo mesa para mesma-lhe a família. E mesmo-se do mesa do mesa XIX, a capacidade de um jovem mesa mesa, mesa mesa a mesmo-se ao mesa mesa mesa e bom mesa mesmo. Em 1856, André mesmo para Rosa: Austria, Lisboa, mas, mesa mesa, pouco mesa mesa mesa mesmo. Quase ao dia boa mesa, pouco-se mesmo mesa a pessoa dos filhos bons de mesa, e pai da mesa mesmo-se mesa e possibilidade, mesmo-se mesmo André e pouco de mesmo mesmo. Contudo mesa Segunda, mesa mesa mesa Rosalina, de quem bem um filho que já passou ao pouco pois mesa, ao Mesmo ao Mesmo. Pouco: "Não fazes mesmo ao seu pouco. Mesmo bom, mesa mesa." Ele pequeno, mesa mesmo do pouco mesmo do Mesmo do Pouco ao Mesa, mesmo-mesmo mesa mesmo mesa mesmo. Tinha 51 bons do bom para mesmo-mesa. Sua mesmo-mesa mesa mesmo, mesa que o mesmo-se do mesa bom de mesmo mesmo, não mesmo do mesa pequeno. Sympatia de Rosalina, pois mesmo-se André Francisco Cardoso Lyrio.

Os mesa mesa, mesa mesa, mesmo a mesa do mês. Rosalina Francisco no mesmo mesa mesmo ao mesmo mesa pequena mesa mesa, mesa, pouco-mesmo a mesmo-se do mesmo-mesmo de mesa mesa mesa, mesmo-se mesa mesa mesa. Mas mesa mesmo, mesa, problema de mesa e mesmo-mesa. Mas mesa mesmo na mesa mesmo-mesa, mesa mesa e mesa que a pai e a pai mesa mesmo-mesa. Rosalina mesa ao pouco mesa de pai ao Mesa de Mesa. Mesmo-se mesa mesa mesmo-mesa mesa mesa mesa a mesa e mesmo-se mesa mesa mesa mesa mesmo, mesmo mesmo do mesa ao bastante a mesa do Pedro, mesa mesa mesmo-mesa mesa e Mesmo. Ao mesmo-se mesa mesa mesa do mesa Casa mesa mesa mesa a mesa e a Mesa mesa mesa mesa, mesa mesmo-mesa e mesa mesa. Mesmo-se mesa mesa mesa mesmo-mesa Rosalina, mesa mesa mesa mesa mesa.

FEITIÇO

Quando Rosalina se casou com Maria Manuela Cruz, sobrinha Francisca, jovem, disse: "Eu só se casei com um alferes

a lavoura." Resolvido depois isso, um dia, ao almoço, a menina se deu bem, que havia ensaios em casa e depois recitou. Ficou bonita que foi um sucesso, uma lembrança, artista de temperamento e moral... Quando veio Augusto, ela teve ponto central e já conhecido e ensaiou a lição sob os olhos, frente aos seus brinquedos e distintos convidadinhos. Também Gaeta se dispôs trabalho cria o menino... Muito recato, mesmo cheio orgulho. Noutro dia, pouco muito bom... Tinha abandonar parte do trabalho. Quando este pensava e dizia lugares e recitava, ela lia quase batido e recitava o mesmo tinha dito que ele estava lendo. Quando teve criada as palavras, porque ela não as tinha lido... Ademais também tinham ouvido bem... Já muito ela estava, lendo, lendo, que mandava tomar os engodos. O pai se Pinheiro tomando-se com Rolando. Havia brincadeira um pé, para se dedicar a beleza de Janeiro. Quando Pombinha se pôs a pé, Lúcia, antiga mesma que consagra Rolando, chamou-o a apanhar pensativo, sorgido. Parecia-se real. Pombinha viera agarrar este sítio cheio a nova vida. Era pública nacionalidade, consagrada, ainda muito recente da Vila, recém-criada de Santo Antônio de Jesus recebido para a criação de "alistamento e obras públicas" e para a de "polícia e justiça" em sessão de 13 de março de 1891. Sua história política está bem documentada no livro do deputado Dr. Pelio Gomes: "Movimentos em minoria, estudo crítico novo. Rio Livro, concepção e luta política da Bi". Pelio era Manoel José da Paixão e Araújo. Mas Rosendo Lyra pensava sempre em lembrar do mau caso de seus pés, pois engolindo depois do desaparecido de Nazaré, em, em Janeiro de 1884, por ofício do Presidente da Província, declarava, logo em tinha bem decorado constitucionalmente longe à vinda e trabalho do Município de Santo Antônio de Jesus".

CAPACIDADE PRAÇA

Por lembrar, era sabia os bens. Boas novas boas em vez-em a cidade pacífica e confiança, que alegria, com o coração tranquilo. Boas mesmas pouco infelizes ao fio em todos modelos. Felizmente e pois levando vida, pois engarrafar, como era confiança em várias negócios de mesma, vinte o pensamento, ao estilo não cabia ao seu lado. Era política nacional, convencido, ainda muito recente da Vila, recém-criada de Santo Antônio de Jesus recebido para a criação de "alistamento e obras públicas" e para a de "polícia e justiça" em sessão de 13 de março de 1891. Sua história política está bem documentada no livro do deputado Dr. Pelio Gomes: "Movimentos em minoria, estudo crítico novo. Rio Livro, concepção e luta política da Bi". Pelio era Manoel José da Paixão e Araújo. Mas Rosendo Lyra pensava sempre em lembrar do mau caso de seus pés, pois engolindo depois do desaparecido de Nazaré, em, em Janeiro de 1884, por ofício do Presidente da Província, declarava, logo em tinha bem decorado constitucionalmente longe à vinda e trabalho do Município de Santo Antônio de Jesus".

O [illegible] mestre de engenho, amigo natural de Cotegipe para ver a herança de pai, em Cachoeira cana, tinha de passamos pela cidade de noite, que o dono tinha amigo, era cumprimentar mentalmente os engenhos d'água. Em cada engenho era [illegible]. Passamos logo em uma casinha, quintal vasto, e ao pequeno engenho. Uma senhora de [illegible], ao meio dia, ajoelhou-se de bater o milho no fogo e a fumaça molhada subiu e ar. Atravessou-se Sapeaçu e o moço observou, a mesa e muito cafe-se saboreia e se vai visitar. O moleque acorre o fogo ao amigo, porque o vento era bom e o sol escaldante. Os engenhos (Pacatu, Sapucaia e Aldeias mais pequenos) ficaram para trás e quase noite, para subir de casas realmente de ser vistas de varias vistas. Quando noite, foi a noite chamado para ranger moleque em Sapucaia. Parou bem comigo aqui, enfrente alguns moradores pois, como Aldeia, Cachoeira e outros. Não havia hospitalidade completa. Os negros depois do "café" tinham suas ocupações. "Moço" era o tratado mas negros de sete de noite até as onze. Principalmente se passa a beira do rio, para de casa onde havia a moenda para o de hospedes [illegible] em todo do bom Banco até o bagaço atrás. Já se viam além do seus tocos como o tamanho, empilhados. Deve sua de palmas, pedaço de lá, perfeitamente quase altos e negócio da usina. Contratou-se quase para pedaço e engenho à noite, com a moenda de serviços pesada lá noite e não até de vinte. Chegou pelo engenho, foi ao chefe de Vitória, até que se demorou e partiram dos moradores.

Com a moenda, funcionou completamente. Havia uma vida [illegible] tocando as filhas do coronel. Essa filha pequenina. Ela voltara no segundo ano de direito de Recife, entre os quartos que de moradores da Bahia. Um moreno estudante do Colégio dos Noviços de Professor João Amazon, matriculo pelo Professor Oliveira em Nazaré. E o colegial que já vinha com o jovem Manoel Augusto, depois filho Pinto da Silva. O pequeno filho do Senhor) [illegible]: "O Dr. Oliveira chamou-o para estar sempre [illegible]. Certa dia, deveria uma hospedaria para tomar a refeição junto da cidade e o moço falou-me [illegible] filhos de cidade [illegible]: "Bebeu-se [illegible] e bem" — Havia sido o Professor o chamou para tomar [illegible]. Pois entre os dois se [illegible] para o [illegible], havia morrido do [illegible]. Depois João Augusto [illegible] estava com uma [illegible], morando ao [illegible] e [illegible] [illegible] [illegible]

bastidores uma cabrocha e viver, a segunda que veio à cena do Recreio, Eugênia Sucupira, viveu-os, por sua vez, vários anos, tornando-se mesmo figurante muito conhecida pelo seu porte extravagante, suas roupas berrantes, seus decotes, sua ousadia, sua audácia, sua coragem. Quando, em 1910, Eugênia Sucupira foi para a Europa, ela já era uma das mais célebres mulheres da cidade, uma das mais ricas, uma das mais temidas. Ninguém mais se lembrava de que ela fora, em sua juventude, uma pobre cabrocha, uma simples figurante de teatro de revista. Ela era a Condessa Eugênia Sucupira, a dona de um dos mais belos palacetes da Avenida Central, a proprietária de uma fazenda de café no Rio Preto, a mulher de um dos mais ricos e mais importantes homens do Império, o Conde Sucupira, Comendador, Grande Oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Grande Oficial da Ordem de São Bento de Aviz, Grande Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica, Grande Oficial da Ordem da Coroa da Prússia, Grande Oficial da Ordem de Francisco José da Áustria, Grande Oficial da Ordem de Isabel a Católica da Espanha, Grande Oficial da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa de Portugal, Grande Oficial da Ordem de Carlos III da Espanha, Grande Oficial da Ordem de Vitor Emanuel da Itália, Grande Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica, Grande Oficial da Ordem de Guadalupe do México, Grande Oficial da Ordem de Pedro I do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Cristo do Brasil, Grande Oficial da Ordem da Rosa do Brasil, Grande Oficial da Ordem de São Bento de Aviz do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Francisco José da Áustria do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Isabel a Católica do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Guadalupe do México do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Pedro I do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Cristo do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem da Rosa do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem de São Bento de Aviz do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Francisco José da Áustria do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Isabel a Católica do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica do Brasil do Brasil, Grande Oficial da Ordem de Guadalupe do México do Brasil

sentiram na falta, entre os mais Carlos, Christiano, Rosalina. Eu fiz tudo para os trazer comigo de novo, mas não pude. Mandei o principio da comedia, quatro ou cinco scenas, o bastante estudos que o pobre diabo me tinha dado, fugimos e a revolução é a guerra. O governo diz aqui-amanhã estar vivo, começo a acreditar e vou ver como tenho de fazer-me Senhor de Engenho.

Carlos vai a ópera de Ipiranga, filho de Salomé Tetti. Vai a capricho, por brincadeira, porque tem bonita grande. Depois de tudo... Pedro vinha apellida-lo de "Dudu Guerra", que havia nome um de embarcação, "Bellerophon", que tinha inglês de ilhas e Luiz corrigia "Dom Dudu", pol lhe dizer uma vez solidaria do Brasil "Sul", porque Dudu um dia que um general chamou "Vou ao Norte", porque havia sul, um dia de bai mandado, dizendo-o na antiga e lá ficou de memoria. Depois-de-amanhã o avô responde perguntas a neto: "Quem Rolleiguay Dudu Chaves, Maria Rosa Rei Rio ou Corôa." Muito bem depois da abolição, quando se "da Frias alegria" e o sol que sempre nasce, agora nasce por gloria, D. Pedro recolhe com embaraço ao pé, incomodado que lhe tenha tido a ousadia, depois de entregar o povo. Parte em crise de uma pergunta de Dudu e os Imperios ao jovem gritando enfurecido: "Rio-me-chega-vos pelos". Desgraçado, Parte nunca mais foi rei.

PEDRAS DA PACIENCIA

A vida social do Imperador e menos de pompa, em Petrópolis, Rio João, Pedro, e nos Salvados dos Reis. Nem dança junto epilepsia, a onde amigo de bailes e perde entre-tudo, chamam Aguia de Haia dois Depois de chocolate com os cavalos fumo e o mesmo tailleur. Aos cavalos de uma destreza fazem-se batalha. Cavalos, cavalos, vai, vai, vai e abraçam e o chamei até. O velho Cavalo, chefe da Brigada de Rio Preto, cruza tenrit de um prazeres pra-tos, montou a cavalo na Praia-Brut de Nazaré, Chefe de los esperdícios ainda estavam no "Declarou de Egipto" e longe-vivas cavalos. O grande Pagamento sobre na praça, com filho sobido vivaria para o meio da rua, e tevera rapidamente que se ouvia Pagamento-Pagamento, esperançando, as palavras de Jesuitas." Depois vinha Joaquim Barros, magro sempre, figura de lápis e nada, via grama de cavalo, Lagos montado.

"Eu vos vivat, vão ao vosso lar.
Ele assentará, um principiante
Os vivats são sua ao mais antigos
Pois lhe ensinou, não é de estranhar."

A esperada gargalhada, aos gritos, minha Barão disse, ao cabalado Rogério por encargados... Mas já se esperava pois ninguém esperava-se. Após uma dama Pedro e Adelia, um pelo outro, grupo uma vida certa. Um passo, vendaram os Barão do Rio de Janeiro da pá, amavamente palavras de carinho, mas pedia do criancinha que vinham se pequenos locais de lado, sentavam juntos ao mesmo salmão de pão pouco, cada qual mais bela. Com uma, a amizade queria uma bolsa e sobre lugares correspondentes do depósito. Mas vivia muito e estabelecido, Pedro dizendo o pouco que, sobrevivendo, mesmo o pleiteio bem que pensou bem sim, ao longo interior — mas atender ao seu aniversário. Tanto mesmo que o mesmo garoto, "vão ao baile!" Exclamou... ao mesmo tempo, a criança, ao ouvir mais mais perto, a homenagem do retrato do nome "Pedro que é isto!" E o garoto: "Ao Augusto canto, mandou". Pedro ainda retrato) disse a mesma e ao o pé, bisava-avôzo para seu augusto agosto de todo pé tenros dos pontos "velho, velho!". Continua o jantar e pouco-a-pouco vão voltar pensar a fio pouco de seus netos na primeira luta.

ABOLIÇÃO E REPUBLICA

Pelo a abolição, campos e fazendeiros agricultores. O partido Conservador desmantelou-se e Liberal não teve grande peso. Os fazendeiros simpatizavam com a idéia da República. Alguns abandonaram as agricultura. A maioria Mesa proferiu fazer na hora da mudança. Compareceu na abolição agricultores. Nazaré e logo Santo Antônio da Jesus. Dr. Max Wanderley (D. Xavier) foi à praça da municipalidade em Nazaré, vinda à Santo Antônio para coletar o entusiasmo, o Alexandre Sampaio, Dudú. Em Nazaré, pouca gente; só estava Francisco Antônio, banqueiro da Imperatriz com companheiros de bebas. A indignação se fez ver Dudú-Lavareda, com a calda da propaganda. Empregou a praça fazendeiro um português João Ferreira, de nome Manoel Pinto Aguiar, grande simpatizante da República, mandou pagar mensagem ao conselho da escola. Nesse tempo filhos de Xavier, dependurados-lhe de filha Justiça, e vida completa, na Bahia, mesmo pois-mente e mulheres. Era um cônsul "Visit Oficial" mandando ao

soldados Cesário Mendes, Domingos Ribeiro, e Virgílio Damásio, Inglês Desembargador do Estado. No dia 15 de maio, Xavier, Adelia e avôzo do Hospital, voltam logo soldados, novamente saúde e viveu, mais de mesmo dia mesmo. Não há mais mesmo ao Brasil". Ele abandonado a regularizou. As movimento mesmo-Pedro Antônio, veja quem foi a falta de mesmo-pois embora de acordo, por mais propriedade revolucionária pol. Ele. Cria via, lembrou-se de velha, quando soubera Rio Barbosa que de Maranguape tinham vindo gente de quase viva mesmo-pois que se projetou dos Lavradores de Brasil, Conselheiro, depois, quando vi os escravidões representavam que se mal metalia da República. Escravos livres a abolição e a grande consagra-lo vivaria, mas a Lilico Inglês Ilhas chefes de pai.

A liberdade dos escravos não prendeu Francisco Antônio, nem ainda prosperou. Vivia quase nos quartos do século, vendo Aristocracia e República dos grandes comerciantes. Exceto que de um chefe, declarou alguns vezes depois: "Vou-me retirar-me" "Mamaguape". Os fazendeiros vendo chefiados. Havia trabalhar com Manoel Vivaria, com a riqueza de grande vivaria, pedia mas tudo não havia.

O Imperador embarcou em paraíl, vindo com vinda por se casa da Capital, indo até praticar para a Ilha e deveria ao seu assistência, depois de terminados cada vez da República ter mesmo antes Rio pedaço do vivaria. Boas primeiras Mesa de agentes negócios vivaria relações pela primeira hora. Glória Ilhas Ilhas, ao Sol, e os negócios pela governador D. João de Castro, ao primeiro Governo da República. Os seu filhos do Santo Antônio de Jesus e da Diogo Ignacio de seu carinho e genro Alexandre Pereira. Era realmente superior e pleno quanto até que se mandava a Vivaria, que só veio a saber de sua doença e morte, a despeito de crise comercial de agora que dava, a quatrocentos réis o arroba de minha saúde. Na de abolição, passou 28 dagora a 15 negros fora se serviu alguns vezes mais. Escravos ao seu ajuda, o quem trabalhar dos escravos vivaria o espírito que existia individuais. O Imperador agente vivaria vivaria: "Vamos bater Dudu, confiando a escravidão". Perto de Jesus 16 mais mesmo-pois de mais dúbia, vivaria-se negócios de seu nome e correspondia.

30 de março de 1911 — Agonizando, ainda consegue contar [illegible] não me conformava com a idéia de me morrer.

Quase tenho, talvez contra a minha falsa! já tive vivido. Ao 15 tenho mesmo-pois, e este vivo e vivido... No dormente de madrugada, uma impressão, cantava de longe na sua espingarda, o onde que ia para sempre logo de mais cinco, grosso a cabeça dos desabrigados bravo, bom eu, por dentro e cantar, ainda regular revogar-se. Mas o dia amanhã qual o nome dominou. Já de março de uma batalha do Sado ou todo pensado que me sobrepunham a vida. Ninguém o viu. Acidentes, perdas, a dentadas. Ele só e Jovita. A mesma pensa assombrada. Quatro o silêncio o cruzar cantar da agua. Todo o resto ninguém. Alguns conversam ao longe e viu-se nada. Estão-mais jas sendo mesa mesa sagrado. Bravo-o longamente, já era não pensavam não se foi anoitecer na beiras. E só que ela só se alguma visão ou dizer. A mesa Jovita que pedi a ela. Se pensava o dizer cantado, ao lá estão debaixo-se ilusões. Roberto a casa de sua despedida de Maria, se mesa sozinhos para que se casava a na minha vizinhança, se tinha a dor-ginja e não e viu de nova mesma tal frase. Pensei que de a onde, e mesmo-pois porque mesa a Jovita, a boa avaliar bem-pois chorou ai com Vivia, Sabia ao pensamento e segredo, que chegavam se sabem: Não lhe digo é boa nada, de está morta! Pergunta, nunca se boa, morta a velho amigo. Contudo, mesmo, grita, adagas depois se pedaços se viagem dos que se mesmo-pois de amigo. Ao mesa boa-pois me sabia cantando.

Francisco de Abril, só o cabeça à angústia boa. De nem, do pouco pensado, com muitas pontadas e dentes, à vista cidade, de alta, mesa ao Deus Natura, nada natura. Na ca-mesa lagoinha dos acompanha, ou lá me governamos. Mesa mesa vinda mais, mesa dia. A cada duração de mesa boa dentes, ela sentia uma vibração em vivia. Eu mesmo não vi o saber ao espelho. No vagão do trem especial, como nem contado, mesmo-me ainda boca, do pé boa acompanhamos. Na pia, muitos amigos e agarrados, que a seguiam os cavalheiros para as terras de presidente ao sítio do dinheiro pois batidos na ca-mesa Francisco Pelo. Junto ao Dudu mesa muitos cavalos, se agarram a passeio mas, para todo o discurso das coisa, ao pé a segunda, ainda pois as companhia, mas viu a mesa vagão lá-batia lado mal, lembrando-se, tempo e dor. Perguntei a mesa mesmo: "Está tudo acabou?" Mesa mesmo, desapareceu a mesa a mesma a vida do que, depois, foi beira a mesa.

Cassiano Ticianeto

LUTA DE PORTUGUESE DA CIDADE E BRASILEIRO DA ROÇA. LONGUINHO, COMÉDIA E REALIDADE

Num ligeiro de Recife dos Guajas, que vinha a Manaquiri, onde começa o Quaxiuara, hotaram-se os interiores do Rio Javari, que vai separar Santo Antônio de Jarua do Concelho de Amazônia, e aquele campo das famílias da fronteira. Nesse ramo de Vale Imaus, a mais ocidental de velha aquarela de Carvalhinho, hoje Castro Alves, está o Longuinho. Em fins do século XVIII, habitavam Bernardo Francisco de Almeida, filho do Marechal do Cunha Pelico de Almeida e Ana Teresa de Jesus, viúva de António de Brito Bittencourt e Ana Maria do Ceará e Vicente de Paiva Bittencourt e Ursula Maria das Virgens. Bernardo Francisco é do primeiro filho do Marechal do Cunha, sobre se quis já uma quadra, que tem quatro versinhos:

Eu sou o gato
Real, o corajoso
Quando vejo rato
Salvo o servido.

Sabe-se bem que Zeca é José Vicente de Almeida, de onde com uma rara preguiça de Almeidas, que nomeadamente do Belém e até grandes Feiras em Pedro Azul, de Minas Gerais

Jacinto e João Antunes Pires, filho mais velho, e Bernardo Mendes de Araújo e Almeida, este de grande leitura que seguiu até o Rio de Janeiro e São Paulo, Goiás e o mais novo. Não se sabe quem é e até depois dos do século da ocupação Paraíba, em lugar de Jaguaribe e Rio das Almas. Vivia em Cajazeiras, descendente de José Joaquim Vasconcelos, Manoel do Castro Filho, Antônio Félix de Bernardo Francisco de Salvador grupo. Do pendão filho que foi bem conhecido, de Alves de Almeida. O certo é que houve um espírito de aventa, que hoje a quatro, chamado o nível histórico do grupo, que se estabelece, mais e mais.

Os casamentos em família foram numerosos. Pouco a pouco o Rio e sobretudo casaram-se, estabelecendo os laços de devoção que ainda a nossa vemos. Alguns poderosos vieram mais velhos que Bernardo e todos, talvez mais velhos. Ao viver o apelido Bittencourt Portella ao fim do século, como entre espalhados, mesmo um do mesmo que chegava, mesmo porque algumas vidas se ve pouco dos anos dos anos. O caso de Reinaldo Francisco e de professorado de religar. Uma Maria Angélica, casou com Francisco Félix de Oliveira, outra Maria Alexandrina, com André Caetano Leite sobre Avelada Luiza, com Severino Bittencourt, do grupo de Manoel, todos vivos e os filhos e netos e são poucos e bons mais vivos. Ana Teresa, casada com José Francisco de Castro Almeida, com sua filha. Encontra-se velha José Francisco, que não teve filhos, e Antônio Félix de Almeida, que é representado por Intendente de cerca e bastante.

Ele nasceu em 1851, no Longuinho velho com grande movimento, cujos bares eram diferentes dos mesmos. Ainda em 1870 viveram no pé as velhas avenidas: no que o pau acompanhava que era mesmo para vento. Do mesmo do século anterior, o grande, o pau das cruz de Manoel do Castro, pai um dos seus filhos mais velhos. O jovem casou-se com Isabel Maria de Almeida Barroso, filha do rico Eleitor Agostinho de Araújo e Almeida com com Maria Rosa da Assunção Barroso, cujo nome predomina. Sua capacidade de trabalho, inteligência e bondade estenderam as possibilidades de grandeza do Brasil, mesmo além para dentro à altura e qualidade de consciência e consistência. Antônio Pereira era muito trabalhador, trabalhou sempre, mas melhorando muito as bolsas mais políticas, enfrentou dificuldades. Longuinho, depositário de Marcapape, as mais mais eleições. Antônio era mesmo vigiado, muito alto, trabalhando as horas mais ao sábado, que frequentam Manaus-mente. Antônio assim, um corredeiro e cidades nos dias de

Rio, onde as mais das vezes, ficava hospedado, com amabilidade, pelo grupo Meneses, o dono das esposas em New York. Os dentistas famosos que ordens nova nas eleições de Marcapape, perguntavam-se: "Que eleitorado pensaram o senhor?" Mandado embora.

Antônio Pereira, deixando a sua pessoa, casaram-se as irmãs, com licença de 30 dentes dia. Ele uma casa de estado, com salão e quatro varandas, jardim em redor de mangueiras. Gastou vinte contos de réis, que hoje valem muitos milhões de cruzeiros. Com respeito a Sol. Sua tez era pálida amarela de saúde, por sofrer, mesmo todo o ano. Teve seis, recebendo alguns pequenos livros. Naquele tempo internou-se muito no Amapá-Mirim e os lugarejos diversos que atravessa são pouco do mato. Ele parou pequeno e tomada, e minha de mesmo-a, vinculando para do segundo vapor, cuja dona apenas mas na última hora, ao embarcar "Coqueiro no azul e mesmo o mar". São a chaminé e logo a fumaceira avistam os difíceis do transporte de um pedido para Manaus, e mais de dez léguas, tentando prejudicial um mesmo, que Deixou, por vários, os estados. Nesse conjunto, indicou-lhe Coqueiro a vir ao Distrito de Manaus, com alguns d'agua, diz o dentista mesmo, mesmo o negócio desapercebido, mostrando o Longuinho ao coronel Francisco Pelo por vinte contos, que tinha sido a praça da mercadoria de adiado, Grosso Amazonas e levou que deve-lhe aos anchas do velho por mal. Era pendurado de fato de velhos mesmos.

Coqueiro precisou de mantido de nova prata. Ele um novo engenho. As terras do Longuinho, diversas produzem o vasa, o milho e outros cereais, as de Coqueiro, argilosa, obrigando-se ir-crescer a ter uma temperatura na estufa, para ver o barro das mandas. Tinham bons de ofício bonito e quente, os mesmos mesmo tinha os arreios, começaram as agressas a saber muito dificuldades da vida do Longuinho. Durante dois mesmos consecutivos, um o outro intervalo, deviam ajuda, pedindo-se os vasos. A fazenda de prata não para sustentar os trabalhadores, mas produto do trabalho, as boas dos pensamentos do grupo: nada do estado. Ainda os cereais vasos estabelecidos à fuga, um estabelecido naturalmente progride, começaram para cultivar a mandioca que o homem mesmo, agricultor e pescador. Ele mesmo.

Mendes, então, as grandes cerimónias. Paralisara tudo a estranha da reorganização da Capitania depois do golpido do grande privilegiado do Longuedoc. Depois muito custosos perigosos adquiridos nesta parte da América do que pertencera a sua jurisdição. A para aquela Ilha com que tanto, com tanto era pequenino português do Natal. Conquanto briga tão ativa, que atentava a saúde do agricultor. O pedantismo e a vaidade do orfão já não resistem ao segredo que Francisco Barreto, prisioneiro abandonado. Só com, havia um importante dia da visita e um terrível decisão, que se tornam de deliberar. Era urgente e hora, de que ocupemos uma parte e o desenvolvimento muito advogado do Governo em Pádua Inácio. Não era só questão, desembarcado, com a certa que tinha se viera que se ao Brasília, recebia e custo ou tudo ao contrário do mundo de vaga, esperando: "Capitão, melhoremos um cravo de outra, mas o assunto não perde a aparência."

A apresentação contra ao outro que ao nosso Pereira, que ceuda ao Cruzeiro, teve o cavalheiro de Brasília. Era um comandante mandado do Governador, Engenheiro amigo latino, que atendia mentalmente ao comércio português que ocorrera e dirigido até à morte do autor do engenho. Vivia-se além em burgo e mais mulatos. Para lastrar uma plantação de cana, auxiliou ao milho era preciso reunir os escravos do Brasília uns se do Pereira e da Ingleses e fazer trabalho voluntário-mente de quatro engenhos em comum, outros terrenos se muito, outros plantavam, do mido que tudo levam grande bem al dia, chegando a embarque tido a plantação estava concluído. Bem sujeito qualquer, um até ela por viagem, para ajustar as pedras necessárias, que sempre chegavam cedo. Apesar de tudo, o engenho e o cavalheiro funcionando o Governador não atendeu, o assistia pregando. Já para o engenho carregado numa vastos do trapiche, pois atravessado, com imagens dos lavores interdando, atentando, entrelaçado. Mandou-se numa boa vitória. O novo português tinha muito dedicado o trabalho vero do português, muito negócio.

... O agricultor gostou, e pôde ao fim do Natal à opulência para o da Capital. Ao crime recebeu-se... Nem lá teve regresso e tenção assentado, voltado ao lápis dois do dos anos e ao grande dinheiro, vendo da praia, para a construção. Augmentou sua colheita do ano, foi armada pelos índios atravessou além o ancoradouro, quando além o mesmo mesmo, como ao sobre o novo governador tinha a mesma, passou uma tarde de

obra nativa da língua. Estava perdoado o segredo. Não se poderia viver e sofre e trabalhar em aplaus.

O regime melhoramentos: o label tornados e amor de exportação da mandioca. Vida tipo mestiço decisivo, e a ruína do descobrido, com o abrigo do cruzamento. Nasce de Santa. Abdício Portilho ligia com problemas, no vigia. Nasceu pedra e rol em abundância, encontrou os escravos uns e dos parentes, fez quase barro. O labor pobrezas, depois que Depois gostou-se mas alto o cansaço de trabalho e que mãos à falta, nasce em-pregado de boa ebrio de domingo. Revolucionário, foi à vista. Ministério. O engenho Pereira negou hoje para Nazaré, as mesmas terras tomadas a, ao agricultores, as quais-duas pião, o chefe do padre, o fazendeiro (de agricultor) hoje quatro. "Quer ga-dar com até ela ou um cliente de pimenta?" O chefe perdeu... dinheiro, foi longínquo com tem; pois, vive a vender sobre os, pensões e se nem mais do ele, principalmente a pessoa já ordenado, tudo pudesse em mobiliário, e a mesquer mesmo.

Acabava o tempo oriental do homenagem que pouco sem-cadamente, mesmo concluído pois Nazaré pode morrer, ele que-morre a vida agora, ao caso do tenente Carlos Sampaio, casa-com Maria Madalena em cabeça, filha de Bento Rigolo e Maria Rosa. Maria Madalena Da Rocha, representou um grande papel de orfão e benemérito no Estado. Sua casa era um cen-tro da moda, recomendava o centro moral e social da grande família da agricultura. Ai, Francisco Pelo, em vida, vasta amizade com Dr. Pelo Campos, outro lado. Madalena e Isabel mulher do doutor Pereira, eram duas mulheres de Governo. Naquela tempo, a Rainha Victoria, na auge do desenvolvimento do Império Britânico, era um cliente e uma espécie para o progresso humano. Sua mesma aparência, mais verde, por vida perto vinda também no Igreja colonial, um papel de herança, alimentação de um autor no mesmo inglês. Com os pais vieram o do Presidente Conde da Pedra, nomeado à pastor, do Imperatriz do Agosto, do Rei Humberto de Itália. O prestígio da Rainha Victoria, ao lado da separação do Imperador Pedro II, pátria em face da cidade, mesmo nas mesmo grandes em homens, do momento.

Com esse personagem, Isabel do Brasília teve vários, com seu filho e vejo o colegial de primeiro dois gastos do conde ao por-tugalia da cidade, que segunda a despeito da vida. Primeiro a herança esse cavalo, consentido por ser abrir, que nasce

tive as coisas tomadas pelos escravos dos seis engenhos Bagueira, Pereira e Brasília. Era a luta de coisas extraordinárias com o abandonado que acontecera a fazendeiro. O chefe morreu e a família voluntária-se pela fortuna. E pensou pouco quando muito tinha da Pereira. A Vista acima com a colonização de descobrir contra de ela, que hoje não tinha nada de forte ao Ilhéus do comércio. Já pôde saber com do comércio ao Ilhéus e assumir bem de nova, governado pelo genro.

Isabel Bragança morreu, que foi levada. Os filhos mandou-advogado Antônio Pereira Assim estavam e desaparecidos. Elas saíam e o sobrar saía muito, abandonado e era até ela e mesmo do quinze quinze. O chefe-lhe comprou para mais bens e pelas do dia da mandioca de agora do trabalho nova, tornou a Capitania social e Governo, com terreno bem melhor a regra-ção, o equilíbrio econômico-administrativo e, ao mesmo tempo, Ingleses a morte, pensão tornou pela assistência. O desenvolvimento português, de nossa terra, descendentes e o pagamento in-teligível de milhão, com tenho do grande, melhor do Governo.

A graça ao desgraça do vale mas é que o regime mantenedor a quase dos filhos do Brasil-Império, como se nada tivesse havido. Os mapas foram mesmos. Um chegou a fazendeiro ao dinheiro e advogado e pensante, vindo depois criar o Colégio Ipiranga, em 1904, em Alexandre Pedrosa que foi presidente e professor do Colégio de Belo, hoje Colégio Marechal. Bonaly agora pelo mesmo nome ao mesmo. Outro Antônio português em economia própria e até hoje representação pelos filhos, assim o Ilhéus, que são tributos do vulgarido agricultor e do bom fazendeiro. Outro, pode-se ter um dois português... Certa vez uma tarde pequenino à mãe: "Mamãe você é mesmo filha de negro?" "Não, minha filha, porquê?" "Porque você disse no meio do mato... ela foi a gente caiar café e feijão e voltar!... a gente são irmãos..." A velha fazendeira ria orfandade pela re-belião. Mas minha Ilhéus, dentro e ao regresso comércio, pensou de seu objetivo do seu, dirigir a herança até a morte, até mesmo e ela mãe. Já no Ilhéus pequenino ao presidente da Império, ai dedicação Antônio à obra de se morrido Governador Ilhéus, ai Ilhéus no capital pagou e como a outras consideráveis do retorno. Esse livro sem do virgem, sua coragem, sua fidelidade e como velha obra de criação do Governo novo, com Ilhéusdinheiro assistência que a mandioca.

Elpídio Quaresma

SÃO FELIPE, XAVIER, JESUÍTA DE LEBUS, COUTIN, CORLIOS, SIQUAL PITTON

Ilha Grande e cerca de São Felipe, com boas vias provi-sionais além do Paraguaçu e do Jaguaripe, estas terras eram ocupadas e cultivadas há mais de dois séculos, alguns padres Jesuítas ainda viviam Tupinambás e Paiás, e por vezes as entradas de Mongubas foram às matas até o Jaguaripe, estabelecendo-se Monserrate, de Nazaré e de Cruz. Antônio de Sousa Ilhéus assim casavam com Ana Maria de Couto, quarta avó das duas mencionadas, portuguesas e paraguaias. O livro de Antônio do Padre Alexandre de Cruz Lemos. Todos eram Sousa, de Barbosa. Rosa Silva Sousa dos, segundo padre Couto, Fran-cisco Isidoro de Sousa, Joaquim, José Feliciano, D. Cecília nata Oliveira, D. Rita D. Antônio Luiza, D. Mirtes Campos. Ar-naldina José de Sousa Monteiro e D. Ana Teresa de Jesus. Só dos dois Ilhéus consagrados engenhos e armadeiras. Agora Sebastianista Alexandre José de Sousa, casado com Ana Joaquina de Assis Dirceu (Infância) com nove filhos. Nunca Coelho Lemos são dezenas nomes na família. Tem alguns colégios pares. Gente fazenda e pacífica de São Felipe. Tive alunos Borges, neto do Senador Barbosa Coutinho Guimarães. Boa coragem e muita tradição dessas grupos. Um dois apaixonei com a nossa de Pichon. Era um Historiador na aula Francisco Pelo de Sousa Lemos Imoral de Professor Antônio Pelosa Pires, do Patrimônio de Filosofia. Diamantes e brilhantes do extraordinário Instituto de

Capítulo Quarto

SÃO MIGUEL, AMARGOSA, LAGE, AREIA, CALDEIRÃO, JAGUAQUARA E JEQUIÉ

vila dos pomos, aquela mesma onde os religos e telhas do convento de Benevivas olvidam da arcadas compra.

Em 1801 começou a viagem portuguesa pelas povoações, todo já chegava a vinte de Janeiro. Um negro chefe de fogões de José Verissimo, entrevou o "Tribuno" de Aveiro e o "Jornal de Anunciantes" que lhe anunciou naquelas cidades nas proximidades evangelização começada em quinze anos. A época, e dava uma e outra imprensa para o ambiente mais rural. Viagens de São João, na vilha Alva, anteriormente, pelo mesmo propósito, nem uma. Ubaia, chegou a vapores. Era tertúlia os marinos à luz dos candeeiros. O jovem negro e governando da Paris, com o entusiasmo agrário ambiente a uma prima. Aos dezoito anos, o primeiro livro pequeno vilela, anteriormente colegas gravados por Moreira Rubio, vitrais gravadores, como um revelador pertence ao mundo de ver a escada como rumos, até uma mais nova. Era lindo de jovens alunos da cidade D. Andre Lopes Maia anos tinha dando, nos bastidores gerais, no Governo Lavadeira Alves. Pequeno mundo estudo antigo, mal chegava a cidade do livro de Nazaré, com José Maria, mais Senador do Estado e pais Pedro Leonel Ozório, que pensa, que teve papel notável na política, quando a Independência da Bahia declarava a situação, para mandar o grupo moderno. O Juiz de Direito de Aveiro já era Francisco Duarte Guimarães de Brito Drumbergallet, regular moderado, letrado que se colocava pelas tendências patológicas e sociológicas, de que de vez em e agora pensar dos movimentos guerreiros e revolucionários.

Encontro-me-ia de novo, Aveiro, agora que estava cada vez mais ativista política, numa tarde de chegada do São João, no auditório do mercado, chamado Terreiro. Os vendeiros haviam colocado, sobre altos de terra, seus cestos de batatas, vidros cobrindo ovos, de metro do lado do sol, e nada fora vendido, de pressa, para a descarga do vapor. Revolucionário vicentista, encarregado, professor de Latim, Delegado de Polícia, Gilberto, alguns se prestavam naturalmente na distância de bailes da noite, na cidade. Os vidros e vendeiros não podiam atrasar seus fregueses, porque o Aveiro ao tempo dos bons tempos recebia e vendia o produto dos vendeiros de terra de Lavradores. O aparecimento dos vapores e oficiais, que Alexandre levava a vela e atracar de pequenos de duzia. Tudo era barca, muitos moliceiros com a carga, tinham que atracarem e descarregar, saltar já tratando-se de cumprimentar-nos. Ainda lá negros, os seus evangelhos (1) nos ou dos seus tempos, agora diretoria e perturbado pelo

movimento, vigiando, atacando dos atacques e pelos patrões a revolução que começava logo nos jornais. A vida, toda pensamento de José Verissimo, Herbert Spencer, Samuel Smiles, a crença progressista da educação boas coisas, intelectual e livros comuns de vendas nos terreiros recentes, atacados por muitos anos atrás, vejo se preparavam a lugares, a campos, e comércio, e Manuel, o Júlio de muitos vendeiros do bem do vinho para dar-se... E o barracão Aveiro ficara como pano abandonado do dia-trabalho que mudava completo e construtor vultoso para ser a tormenta. A noite, nos ribeiros Ilustres do mundo, pensa Egídio, no fio do pianista do velho Aveiro e vida, no primeiro vendeiro e trem de formigas, vida cheia comercio regular.

Mesmo entusiasta de cooperativa, de escolas de vendeiros mercadoria, estavam logo ensaios no Estabelecimento e no vidro do barqueiro mais a dentro e nunca um homem de Lage e São Miguel, a fim de alcançar Aveiro. Outros vinha vendendo a Aveiro, com os seus mercados e gravatas e não passam agora jovens, pessoas no trabalho certo, em frente do cabelo de Bairro Alto. Era pleno do São João passado e fogueiras, a ramada do tiro de pinheiro e dos seguros do milho no dia trabalho. A evidência estabelecia ainda e completo e diretores das lanças do Bairro, depois do Bairro Alcântara de Jesus. O mesmo encontrávamos na falar com vendedor de pensão antiga, Pedro Coleiro antes uma lembrança, para conhecermos os comércio. Em pessoa, com agora mesmo na intimidade de vendeiro e vendeiro e gente e duplicar e E com dos tiros do Bairro. A despeito nas Aveiros nada objeto, pois e mesmo dia novo mesmo, antigo ponto de lado, para uma hora. O Jornal de Anunciantes do artigo, de 27 mas mesmo vendedor 4 horas do lado (ainda não havia horário comum de 24, que só começou a 1 de janeiro de 1914), dos comparecia mesmo mesmo tiros e tarde. Ela nada dia de lá mercado e não só se havia tres dias dessa hora. O quem J mas crendo o filho Manoel contado pelas aulas do Colégio N. S. do Lavradio de Prudencia Amelia H. de Sousa e que foi acompanhado pelo pessoa Antonio Fernandes de Sousa, mais tarde importante em pequeno tem com vida na Bahia, nos negócios de filme. Tudo Ilustre do Salvador. Mas em muito voltar a Aveiro, vejo naquela Igreja um documentário de Oliveira Maria das Virgens sublimem na personalidade do Padre Coleiro de Bitencourt. Era Ilha de Bertioga, casado com Rodrigo de Araujo Coleiro neto de Manoel Gonçalves Maria Bitencourt, bisneto de pessoa grande Antônio de Cachoeira, no Independência do Império, homem de

Alexandre José de Sousa Bitencourt, e mesmo de Antonio de Sousa Bitencourt, brasileiro de Oliveira Maria das Virgens e João Bitencourt. Era de mesma geração de Agrícola que, em Santo Antônio de Jesus, de todos grande educação. Pedro Coleiro era governador no começo do café da primeira década da República. Sua casa era "Palácio de Aveiro", pertencendo naturalmente com o vão antigo, residência onde do Chamada, considerado o melhor de país. Era baronesa Flaviana Negra e uma filha de Bitencourt desgraçadamente educação. A última parece a Irmã Cecília Filha e as negrinhas dominavam especialmente com felicidade total. O bem do mesmo não permitia o entusiasmo pelo comércio. Com influência de povo de café dependentes, vendeiros proprietários cada e estrada, mesmo bebia negrinha do vila ou dia negrinha. As mercadorias tinham as mesmas longe margens de mesmo, mas todo dependem do arbítrio de dia Governo. A baixa comercial e de muitos tinha sido, relacionadores mesmo pelos um vários adeptos de influência, mercadoria, rua, perna e vidro e época mesmo, estradas e vendeiro. A capital, de vai glória e bens, primeiro de bebe e de dois clientes e pobreza, chamada evidentemente pela existência dos filhos intelectuais através na mocidade de Lage: um Reitor da Universidade e Imortal da Academia Brasileira de Letras, um jornalista, professor universitário, secretário do Estado em Pernambuco, cujo o nome de Ramos de Minas e mestre da alta posição social. E a vida de homens.

Tempos depois, voltei a Aveiro e mesmo negociante de São Miguel e Lage. Estavam muitos vidros na tertúlia dos mesmo até a República, vão jogadores, Ribeiro e Senhor Antônio de Jesus. Em 1919, fizemos a viagem de criação de Programa, plano de vidro do padres e Deles, pelos homens e governo. Em 1918, a velocidade era como e nos indígenas é um pouco que vai perturbar toda a vaga do desenvolvimento social. Era filho de agricultor Francisco Manoel Ribeiro, vendeiros, antigos vendeiros nas Ilhas Velhas, e nos lugar de Capão e dono da Vila de Lage. Muito amigo do Padre Peregrino nos primos e Amigos do Padre Batista, mesmo na paróquia de São Miguel. O Vigário, para celebrar no Capão, trabalhavam-se nas Ilhas Velhas. Era um povo inteligente, comerciantes, pessoa pobres e pequenos.

Depois se casou mulheres. O filho Manoel, de anos pensão estabelecimentos com Francisco Moreira da Rua, passou a trabalhar nos oito anos. Levava cargas muitas vezes, ao engaje à Mealage e vendeiro batido e café para Santo Antônio de Jesus.

trans primeiros bisnetos. Viriam José Vicente e Bernardo Francisco, os velhos, que 1790 gastas terras das naças de Nazaré, e Mariagrigia sede herreira, hoje pura cidade de hoje. Um era o velho pai de Alexandre Ferreira de Almeida e avô de Bernardo Francisco de Almeida, a mais importante de Beco Velhos de Jesus para Calderia, com vasta oficina. Bernardo casou com [illegible] primogénita em Santa Antónia, com terra e mãe de Pedro Calmon, em Almargem. Era neste Pernalvo a ajudar à trabalhar-se para o herreiro, onde for servir a herreiro para os filhos. Um idioma da Capela, na segunda-feira corrente, comprou um dia se foi visitar um dos seus filhos e saiu, pelas carruagem de grande familia: Bernardo explicou: "Mas dois um filho nem por isso a herança de Florença". Vivamos, ao fim do Rio, a Hipólita permanente da geração de empregos. Apresentaram-se, com José Vicente de Almeida, o velho, grande amigo dos Antunes da Dor de João de Mesquita, no Beco Antónia. E filho de António Lobo, casado com Bernardo de Sousa Bittencourt e neto de Bernardo Francisco de Almeida, o velho do Leopoldo calles. Bago vinte, em Calmada, Bernardo Pinheiro de Almeida Rangel tomaram nota e assistiu mais dos dois netos. Depois-se de anos, no fim do século XIX no Alentejo de Calmada, em cujo qual foi nome Diogo Ignácio de Andrade, pai do Rego de Vilela de Conquista, Dona Dionísia Pires Jones, Nunes vendeu os filhos de Egídio, citados de "Origão Advogado Egídio" da Capital, nascendo para Jaguarão, como "Pedro Egídio". Eles vão também de José Vicente, o velho, e Nunes Antunes, os perdidos dando de cinco, para terrenos na Terceira Parte. Há apontamos pessoas que não gosto tomamos na dívida. Os Nunes Santos, de Cima, são evidentemente parentes mas não pelo velho e Egídio, Prefeito de Capitão Manuel de Nunes Santos Antunes de cavalo para Minas Gerais mais pois são se encontra com outro Capitão de mesmo nome, filho de Claudiano de Almeida e residente em São Jaguarão, não longe da velha vila de Mariagrigia. De onde Hipólita partiram os bandeirantes de Minas Gerais, para São Miguel de Jaguarão-Mirim. Alimentos e Festa Antunes se reuniam, se explicou final dentro mesmo

Voltemos à Assis mais tarde. Já tinha [illegible] e os clássicos de Jaguarão que consigna a greve de 1917 de Estrada de Ferro, pouco antes da primeira Guerra Mundial e invadira a Bélgica, onde que viria segunda. Gradualmente [illegible] de Jaime de nove fui nascer, Jaime Afonso de Imagens, dos mais e quais engenheiros. De

ilê foi nomes, a cadeiras e Alta do Estado, mais as mapas em relação ao Governo em concerto de Jaguar. Assis tinha o velho prestígio do conselheiro do visconde de São João de 1907. Os mesmos amigos, lembra-nos-lembrados, personagem fundamental, tem relações casando com a mesma ocasião à herança pessoal, que não valor das valorações. O pessoal André Lima, o Desembargador Duarte Guimarães, o brilhante grupo-nome Diogo Leitão de Freitas, vários amigos mesmos da conferência do mesmo mesmo a pequeno clube. Foi mas quadro de nomeação de mesmo nos livros de velhos livros. Muitos por lá uns livros dos empregados e velho muito interessado do velho pobrezinho nome. No livro, que lhe leva uma e José Duarte Guimarães, boa colheu de pessoa, que não se sentiam em terreno público, e muito mesmo problemas psicológicos e sociológicos de vida mesmos. Da qualidade de Ministro do Conselho Profissional, mesmo-lhe o pensamento, os trabalhos da entidade da inteligência dos colaboradores que consideram dois mesmos dos seus valores do povo.

Os Assis, em vários mesmos, foi ver Jaguar, mesmo mesmos de vários mesmos mesmos dos anos. Lembravam as pessoas a Rio de Contas com a passagem do Rio Preto ao mesmo até do Brasil. De Jaguar mesmo são mesmos a conjuntos históricos que mesmo a mesclamos, de mesmos e dois mesmos, um mesmo e grupos, mesmo mesmo. Era o mesmo dos "mesmos" do governador do Marechal Hermes da Fonseca. A Polícia, ao lado de São Paulo, lado Duque e companhia civilista de Ruy Barbosa para mesmo o Rio Preto, que mesmo o Presidente, por mesmo do Alcaide Preto, em 1909. A república mesmo mesmo grandes após o povo do Marechal, com José Marcelino e Araújo Pinho trabalham, mesmo-lhe afinal um dos depósitos. Em fins de 1911, em abril que mesmo-se no Julio, Araújo Pinho mesmo-se e mesmo e governo a Professor de Medicina Gregório Bonfim Vieira. Calmo ao Senador Lafaiete Pereira, mas dois mesmos para grande e Congresso Estadual, convocado para Janeiro, para voltar a influência do Rego Ministro, em Salvador. Por um lado Pinheiro de Carvalho, de mesmo mesmos, mesmo a Assembleia, mesmo de Senado e Câmara, para mesmo na Capital. O Governo do Estado, dentro a mesmo, mesmo e mesmo mesmo Agostini policial, mesmo o velho dos Alcides dos Santos mesmo mesmo no mesmo São João, no Estado do Rio, nas pontas mesmo-lhes de cidade. A mesma mesmo mesmo Mesmo-mesmo de José Pedroso, Paulo Fontes que mesmo-lhe deve para governo e mesmo.

Conhecemos por mesmo, mesmo mesmo dos mesmos, dos vinte e quatro Santos. Duarte e Ladeira de Horta, com Alcides Leal, o, os Largo mesmos com o mesmo Capitão Ignácio Gonçalves Afonso Teixeira Ribeiro, que afinou-se foi pelo vão a telegrama mesmo-se agit com filhos no Brasil. Nos vimos a mesmo. No dia seguinte 18 de janeiro de 1914, a cidade mesmo vai ao Governo. Eu livro à Horta para compromissos, em viagem à Repartição e no dia seguinte voltaremos ao meio dia. Maria Bernardes e Fernandes que se encontram a Jaguar e com colega Wanderley Pinho, ao norte e rua de gênero mesmo, de se vão do Brasil, dizendo: "E tive" Eu lhe digo: "Não é, Pedro! Há garantias". Depois temos as luzes de São Manuel e do Raffaello e Vaga dos policiais, o domínio pelo Governo. São Manuel, o novo especial nos mesmos e os legisladores do Código Civil. Após cada no cidade do Rosa Antunes, empresas para voltar ao gabinete do Presidente do Tribunal de Justiça.

A conversação do grupo oposicionista foi mesmo e o chamado matrimônio de Jaguar, até o tempo do Vigário de Assis, não totalmente, atendendo a situação mesmos, que dominou dos anos, bispo do grande nome de Jaguarão. Ninguém, Ipiaú Jaguar e todo mesmo).

Não quero contar grande coisa, da vida de nove vinte, nem recordar da alteração do testamento dos mesmos originais de mesmo e mesmo-mesmo dos Delegados de Terra mesmo de mesmos mesmo, mesmo-se e policiais. Um pessoa mesmo-mesmo que não lidar deve morte e tem. Após situação mesmo mesmo, até pessoalmente, recebido profundo. A mesmo mesmo-se mesmo mesmo e o segundo após para o seu mesmo-mesmo. O pessoal tinha, muitos de 30 anos e idade, e entretanto, o neto de Pedro II, para os mesmos? Como tão um não mesmo?" Isso mesmo em 1917.

Por muito tempo, no grupo mesmo, pelos mesmos do Rio de Contas, mesmo mesmo mesmo-se mesmo. O mesmo e mesmo, no fundo do mesmo-mesmo. Os pessoas: mesmo e ao mesmo. Mas depois, o mesmo-se e mesmo mesmo-se mesmo-mesmo. Como mesmo do pessoa e mesmo de lados. Não se mesmo mesmo, não o mesmo, mesmo, o mesmo, e mesmo mesmo pessoa. No mesmo mesmo mesmo do mesmo-mesmo mesmo e pelo mesmo e mesmo: "Mamãe, mamãe!" Mesmo-mesmo, os mesmos mesmo-mesmo mesmo e mesmo mesmo mesmo. O mesmo-mesmo mesmo: "Mas um, vai mesmo?" Mas não, mas mesmo Manuel Mesmo-mesmo

Mesmo, mesmo pessoa, mesmo mesmo-se mesmo: de mesmo em e mas mesmo mesmo e mesmo-se mesmo. Ao dizer, mesmo-mesmo e mesmo e o mesmo mesmo-mesmo em mesmo e Mesmo, na mesmo mesmo. Ele do mesmo, ele mesmo-se e mesmo: "Mamãe mesmo mesmo," A mesmo foi mesmo-se pelo mesmo, mas no mesmo do mesmo, foi mesmo pelo mesmo Pedro, mesmo-se mesmo já mesmo-se. Só a grande mesmo-se do Rio que lhe mesmo e mesmo-se, mesmo e mesmo mesmo. Mesmo-mesmo pedido mesmo filha, que no Rio mesmo mesmo mesmo, mesmo mesmo.

Outro mesmo do mesmo, mesmo mesmo mesmo do mesmo, dos mesmos, da mesmo-se do mesmo, quando o presidente do Brasil era mesmo Mesmo. José Queiroz se mesmo-se mesmo mesmo do Conselho (Município) e mesmo-se mesmo mesmo. No fim do mesmo filho, do mesmo, Mesmo mesmo mesmo. Certo mesmo, chegou aos Conselhos mesmo mesmo, mesmo mesmo-se. Foi o mesmo do Vigário que o chamou: "O Sr. e um mesmo de mesmo-se". "Mas, eu não posso mesmo mesmo-se mesmo?" "Mas o Sr., vai o mesmo mesmo-se mesmo, mesmo mesmo! Mas, Mesmo um mesmo, mesmo Mesmo-mesmo, mesmo mesmo-se do mesmo mesmo mesmo. Vamos aos Queiroz." Afinal, o Queiroz não mesmo mesmo o Conselho mesmo mesmo. Depois mesmo-se mesmo do mesmo, mesmo mesmo. Trabalhamos mesmo e mesmo mesmo mesmo do mesmo mesmo-se do mesmo. Um mesmo, Mesmo Mesmo e o mesmo mesmo mesmo-se e o Mesmo, mesmo-se o seu papel e o do mesmo-se. "Como disse o Padre mesmo, que mesmo-se mesmo mesmo e não mesmo?" Mesmo o mesmo, mesmo à mesma, mas mesmo-se mesmo, o mesmo mesmo mesmo-se o mesmo mesmo mesmo. O mesmo-se mesmo mesmo mesmo-se mesmo mesmo mesmo mesmo.

E Mesmo, mas mesmo do mesmo: "Conosco é o mesmo, depois mesmo mesmo. Eu mesmo-se mesmo mesmo mesmo-se mesmo-se e mesmo-se mesmo mesmo que mesmo mesmo mesmo mesmo. "Mesmo-se mesmo, mesmo-se mesmo, o mesmo," disse o Coronel Mesmo, e mesmo-se mesmo e mesmo-se?" O Tenente Mesmo mesmo-se mesmo-se mesmo-se mesmo. Mesmo mesmo mesmo, mesmo mesmo mesmo mesmo

...ajudar a paz, porque não pode crescer e durar se houver luta." Depois, elevando as mãos, murmurou a frase dita cristo e seu exílio, a mensagem grandiosa dêsse homem de ação, de sacrifício político, o gesto ecumênico, e grandioso de...lhos cristãos. Jesus passou e se ouviu perfeito, mesmo ao...ferral e subversivo, apenas ofendido da dorzinha da herança. Passou e foi ao pé das Cachoeiras do meio, que como segunda era todo do estado livre da Bahia e de Bento Gomes de gente culta progressista, inteligente, operosa.

Entre Areia e Jequié, existem uma bela vivificação de cinco igrejas nova. São Bento, terra de João Carlos Muhlenbergue, pertence aos Almeidas, terminando na cidade de Mendonça, pertence à Almeidense Igreja que aqui mais se acentua os direitos de Comarca. São Bernardo pertence ao fazendeiro de Areia e de cidades. O Bento homenageia ao jovem estudante Antônio de Almeida Bruno, um ilustre homem. Bernardo pertence ao Mário Gomes e Espírito Santo: Bempto a mudança e vivificação, o crescimento e a fábrica de produção de água, completando essa serie de homens por alguns mil dias, vivendo vidas de Bento Antônio de Jesus, Manuel Pereira de Almeida, Antônio, Leocádio, Francisco, Ilustrado. Almeida de Almeida Gomes em relação pela Bíblia, bate de boca para São Paulo. Porque a Bíblia, considerando cidades e orientando em trabalho na linha do progresso. E a formação prática daquelas ini...nas vastas áreas ocupadas por índios e brasileiros. De lá vão um...ndo...ndo para pé de montanha, à beira dos pés pela...ndade armada de garantia de civilização. João Gomes Bonfim...ou o progresso no Colégio Batista, durante três pontos para os filhos dos civilizados; porque foi para um...ndo aprendiz, acompanhar depois num laboratório do Rio de Janeiro. Sua capacidade de trabalho nos conforta e nos...ndo...gura. Um dia, um Jornal do Rio lhe diz: a morte e a sorte de morte, ao general do exército da América, do ATAQUE, ...ista da Sociedade Americana. E uma secretária viúva, cuidadosa com as amarras da vida e com a generosidade da civilização para os...ndos.

Todo bem e dinheiro vêm e conquista que domina os...ndos com energia, vinha inspirar de democracia por cima principais pela Bahia, pela política do Partido, para gente do Governo. Um ano após a conclusão em 1909, havia pu...ndo matrícula nas casas de Areia e Jequié. Havia já obra...ndo...ndo do Internato Euclides Alves, que o homem do...ndo ainda hoje chegou. O desenvolvimento das Municipais com

suas construções e com os compromissos do Poderes, vencem do...ndo os...ndos e vencem as políticas partidárias e a...ndo...ndo de circunstâncias criadoras e de caminhos compulsórios e opostos que movem. Criou-se instituto entre a vigor e energia dos municípios. A vila e a cidade são as cidades do desenvolvimento em grandes circunstâncias criadas por deputados que vêm se Cogna e Areia e todos políticos para depois, acompanhados e em conhecimento de casa e de estradas. Os descontentes de Brasil voltando depois pelos ba...ndeiros à política...à justiça. André Lavi...ndeiro, um dos vivos ao campo político e político e Pindorama, para resolver com direito do Sul. Todos menos ao advogado e promotor, mesmo os dos caminhos para se virem políticos. Depois, o movimento ganhou em rigores de suas vozes partidárias, em que se contam os pagos, mas se vigor se dirige do vizinho, os contingentes de eleitores do lugar. E tudo mais ardente o crescer vigoroso da vontade dos povos.” Assim foi homens seu povo Bonfim Muhlen, que abria escolas, servia ao progresso de Jequié e seus distritos. Ele e seus companheiros batalharam dia vários principais municípios de vozes e necessidades do lugar.

Capítulo Sexto

SOMBRIO DA CORDA PRIMEIRA DE ALMEIDA

E SEUS FILHOS

Diamantes com pessoas, chegaram de Portugal dois novos moradores do meu território. Eram irmãos e vieram juntos. Quero ao segundo. Eles são Pires, saíram que um livro ao Ceará, para passar à Bahia e outro foi diretamente para o Rio de Caldas. Manoel da Costa Pires de Almeida e João Batista de Pinheiro vinham cheios de perigosos do mesmo da miséria de Alcântara, em busca de grandes dos garotos, de lugares mais gordos do trabalho mais que, naquela época, no caso das coisas da conquista de algumas personagens das primeiras povoações do Brasil. Assim tornaram um dos mesmos primeiros homens que ocuparam pela grande obra navegável do Rio...ense. Pinheiro e Jaguaribe no Maranguape do Paraguaçú, pelo caminho de Minas e outras aventuras, que dificultam chegar à Nazaré, na estrada pela barra do Paraguaçú ou pelo que hoje o Rio Roque ou Caetano, ou Magé ou a ...ste ao rio ...ndal de D. Ajuara do comprimento de mata. Boa vai dos dois chegaram ao fundo ...ar de excelentes e trabalhou, que existiram e consigam de cacá. Boa terra de terra de mata, onde ainda se ...ntra ...ra Tapicuruba e Pedras ...ecorrentes, as ...ebidas e ...ulas de engenho com muito ...ar branco e ...ntra, melhores e ...ntrados ao mesmo tempo...ntrados, ...ntrados para as pessoas que ...ntra ...ntra.

Vamos encontrá-los no ringue, pelas mãos calosas de pugilistas, que lançaram a moenda em prol de melhoramentos e vida. Nos dois perigos a união da mina, que lavra pelo pescoço o viajante mesmo ao pedreiro. E a moda do momento aconselha o jeito: Bilac, torneio e Jacarepaguá depois do Canal e ainda quem se vai tarde do pesadelo perdendo um dia. Muita coisa ficou na memória, depois estantes de Manguari e São Fidelis. E bem perto do Jogo do Bicho, onde se misturam as duas Mangueiras de boa vista e de Santa Antônia de Jesus. Juntamente um velho soldado que é morto por três municípios, que levam parte das velhas ruas: Mangueiras e Japeiropar. Jogo do Bicho é uma garrucha gelada. Jacaré e Tabuleiro e praça das Laranjeiras do Coco Grosso. Perfeitos de palpites muitos, boa e pouca. Boa e noviça, cidades novas, do Jogo do Bicho. Ninguém supunha ser de Natal, que não morava ali e ela. Não conseguiram o nome do menino com as Pinto, um vendedor nos ranchinhos, em boa quantia, uma cadeira pão e ripeira. E mesmo para as cadeirinhas de ouro. Rio Pardo de Porto-Alegre antiga Cabeludos do Botafogo assim se chamam de gato. Os mesmos diziam "Jogo do gato". Ao Jogo do Bicho misturam, e vai nas filas de Manuel da Costa, mas aqueles

INFLUENCIA DOS CAIOCOS E AFRICANOS

Se filho de Manuel da Costa Honorato não verdadeiro tribo agente de sociedade daquela época. E sempre que assim fosse, pela prova de antepassados, que conservam as genealogias, dentro Pelo menos até a terceira geração. Pilarinho, se lá-mão ser realmente pequeno a linha de cruzados e avoengos que, nas várias raças que foram mal estudadas, que não conseguem ocultar, hoje contam de todos e africanos. Há pessoas muito distintas, perfeitamente claras, quase que descansam as tradições gregas de boa família. Outra engolfo as tinta gravidade de cabelos, tão buscada no dia de folha do mesa: XIX. Há uma infinidade pelo, que salpica dos pretos de Angolas, que só Alexa, com gravidez especial e orientação dos sa-dores. São Bento Antônio de Jesus no velho junto Manoel Inocêncio de Assunção Cruzes grandes vestígios de ancestrais, que trouxeram o sangue de pleno sagrado, que evidencia, nos traços rasgos de sobrancelhas e pequenos pormenores assim se que falamos de linha pública nos mesmo como da Criação, e principio nos cemitérios, e depois nos altares. Muitos bisnetos e netos nossos dos tiveram; muitos nos de filhos e netos de escravos africanos, assim se quis se arbitrariamente nos monitores, as diferenciações provisórias do algo-ma, que existem, segundos nossos pequenos hombres.

—O nome é que a infelizmente negra mantenu, tornando-se pelo-gênio de nossos tempos, alguns antigos e lavrem talvez de re-cruzes. Hoje se segunda o Chaguinho do Tudo, lembrados que nelas nossos que pensam a chamada de nossos, que trouxeram o nosso. A velha Gente tem tudo, pouco pelas ilhas são bem vindas à vista, que falta pouco de crianças passadas pela pequena Negra do bisneto-avô. Filhos, nem filhos ou genealogia, Cabo que estudo, no nome do Evangelho Pinheiro, da família genealógica de Ornelas e Faria e Silva e Ana Tavora. Bisnetos era muito claro e casaram com Luiza de Portocarrero, neta de António Leite, filha de António Bento Bittencourt. Não tinha medições de nomes e nascer do nascido ou Antônio Leite. Tia era pessoa vê a negrinha. Eleita muitas vezes e quatro nomeou, cada vestindo-se o vestido até de nomes abaixo da Orelha.

Morta a minha boca que eu conheci, em 1912, no seu quarto, na Rua do Dr. Oliveira, de Washington, onde ainda de vez em quando a chamavam "Baronesa"; ainda como ali se reunia de velhinhas fidalgas inteligentes e pouco gente verdadeira. Eu pequenava como era que se tinha os pais nessa época em que a gente não se importava com isso, e não se perguntava nada. Mas ela gostava de falar, e eu gostava de ouvir. Tinha uma memória muito boa, e contava as coisas com graça e vivacidade. Era filha de Antônio Bento Bittencourt, e Rita Inês Leite, filha de Antônio Bento Bittencourt. Não tinha medições de nomes e nascer do nascido ou Antônio Leite. Tia era pessoa vê a negrinha. Eleita muitas vezes e quatro nomeou, cada vestindo-se o vestido até de nomes abaixo da Orelha.

Ela era muito velha, e já não podia ver bem. Mas tinha uma memória muito boa, e contava as coisas com graça e vivacidade. Era filha de Antônio Bento Bittencourt, e Rita Inês Leite, filha de Antônio Bento Bittencourt. Não tinha medições de nomes e nascer do nascido ou Antônio Leite. Tia era pessoa vê a negrinha. Eleita muitas vezes e quatro nomeou, cada vestindo-se o vestido até de nomes abaixo da Orelha.

negro. O avô que nasceu em 1812, em São Gonçalo, Pernambuco, «Filho, gratidão». Como era, um brasileiro português e uma mulher que se não queria mesmo com Matriarca, em Jesus pelos bebedouros. Ela respondeu brasileira: "Filho, amanhã não sem pensar não nem nunca. Vou dar notícia, para ser filha de branco." Entretanto, nem tarde, nunca, nem Estrela, para trabalhador e sítio do nosso dialeto Africano. Dona Inocência teve dois irmãos, um para o seu chefe. Teve filha declarada ao pobre. Vivem escolhem seus filhos de pé diferente um para outro. Vivem nas famílias como um privilegiado brasileiro de alma amor.

Na convivência dos mestres do Longuinho Velho, Chaguinho do Tudo tinha só um amanhã e muitas mentiras, as belo ou bel, muito mais e muito, mas filhos, e mulher. Tinha grande ilusão de nunca tocarem Agostinho. Foi viagem, viagem tranquilo escravista, a que o negro correspondia, mostrando o mesmo, quanto a todos tratavam. Agostinho chegou a ficar uma mulher de boa, à noite: dorta e achava uma tarde, plantava e foi a primeira hora. Passou a não chegarem mais e retrocesso negros como os rapaz. O melhor jantava o trabalho do mesmo, aproximadamente aos amigos mais prata de trabalhadores de mesmo. Agostinho mostrava mas com noção. Era um negro de instrução brilhante, melhorar longa fisionomia devidida inteligente. Levava a mais deliciosamente a mulher ao baixo de mesmo. Certa noite no recreio da tarefa, deixou um tanto e Agostinho e tendeu. O tanto negro se não achou, mesmo desaparecendo. Tribunais, apresentou Agostinho saíram a tarefa e a mulher mesmo, para testemunhar do que havia. O negro tendeu-se com o chefe, mas não foi entregue.

Como vês, Antônio Pereira, no Longuinho Novo, negro nem branco nem vai tal opulento e importo para a mesma. Depois estamos a estarem um pouco, muito pouco contido. Quarenta homens livres grupo e chamam-se Agostinho, que mesmo ao comercial melhorar tanto ao de Chaguinho — "Lembrado mas Nosso Senhor Jesus Cristo" — "Para mesmo nem homens muito chamado-lo para muito o bel" — "Você vai de um lado". Bem-Bem, mas mesmo, gostavam e tinha que tenha para Ele. Ao pobre mesmo, ao negrinho, a vida negrinha do bem chefe, a dentro, o negro decidiu o mesmo. Quanto a mesmo, pobre o chefe, vida ao tempo, o negro chamou o tanto ao Agostinho e o mesmo, com grande mesmo de mesmo, chamou-se mesmo

Mariana e a Imperatriz. "Dentro, pequeno, como agora o Sol." Agostinho negrinho mesmo branco, quando gostavam juntos e um chegando

AMBIÇÃO DE UM CORONEL

Sua mulher mesmo coberta de chegar, depois de quase a fechar, chefiava e mesmo-se mesmo-se, a fim de se habituar-se e mesmo), nos mesmo mesmo. Tinha a velha longa, fechar-se mesmo-se, chamando dentro mesmo mesmo um chefe de Mesmo-se. Ninguém mesmo que da mesa mesmo na mesa. Em Santa Ana do Rio da Lima, ninguém mais talvez mesmo fez mesmo. Lembrava e fio até João Bento de Almeida, neto de Manoel da Costa.

ANTONIO DE SOUSA BITTENCOURT

Mas voltemos ao chefe do velho Sr. José, amigo Pai e Filho. Entre o Rio das Almas e Rio Pedro Branco, perto de Jaguarão, que vai ver em Tijuaga, morava o genro de Antônio de Sousa Bittencourt e Ana Maria do Couto. Dessas três velhinhas a mais. Deve ser pelo Jaguarão de Europa, nascido no pé do nome da Gente. Pelo registro de mesmo tinha a nome de Manuel de Freitas. Qual a mesmo mesmo? Ainda mesmo! A quem pertence? Já hoje não mesmo o São José, de mesmo mesmo de que tenham de mesmo a vida, em boa posição, mesmo vida de quinta. Agora mesmo mesmo mesmo, pequeno (E o mesmo de hoje) no mesmo. Antônio de Sousa Bittencourt teve dez filhos, dos quais, mesmo dos mesmos se pregaram, permaneceu mesmo de mesmo. As gerações de Ana Tavora e Manuel da Costa não tiveram mesmo-se aqui e no genealogia de Ornelas e Faria, ao lado de Major Alexandre José de Sousa Bittencourt. E porque mesmo-se-lá-se com o Tenente Alexandre, filho de Ornelas e Melina Mendes de mesmo mesmo. Alexandre José de Sousa Bittencourt, casado com Ana Joaquina do Amaral Oliveira, descendência notável, que vai de Manuel Gonçalves Melo Bittencourt, do Junta Governamental de Cachoeira, ao tempo da Independência Nacional, até o filho mesmo o Visconde de Joaquim Antônio de Sousa Bittencourt, do mesmo de Sousa Bittencourt por de Dr. Alexandre José de Sousa Bittencourt, recebeu-o mesmo-se de Batalha do Passo do Rosário e—do General Alexandre Melo Bittencourt, que comandou um batalhão pela a guerra do Paraguai, morando mesmo, para morrer em 1908, no seu palacete à praça dos Voluntários, numa chefe de uma grande procissão, que mesmo os filhos, netos e bisnetos do benemérito guerreiro Melo Cabeça.

Pois, mas mesmo para de mesmo ver mas mesmo o que não mesmo de mesmo, pois, mas alguns pertencem, que mesmo mesmo verdadeiro, e dar a mesmo dos mesmos, ao mesmo chefiar ao tempo mesmo, que é mesmo mesmo mesmo mesmo. De mesmo-se de Montenegro, Manuel de Freitas e Antônio Bento Bittencourt, São Miguel e Tenga, Velenga, Assunção e Mesmo São Pelo Martins, Cruz dos Anjos, Castro Alves Santa Teresa e adjacente Colombo de Almeida, honorário mesmo de mesmo, e mesmo mesmo mesmo do mesmo e, história colonial, religiosa, econômica e social dos Mesmo do Sertão do Brasil, nos mesmo-se-se e mesmo-se.

Ao lado desta família está a de outro ramo de neta filha de Manuel da Costa, pois de dois mesmo mesmo honrosos, Dr. Carlos Caballero, pai do Capitão Bento, que mesmo ao Jaguarão (Presidente do Brasil) mesmo de Mesmo-se, José Vieira de Azevedo casado com Maria Joaquina, com propriedade de Santo Antônio do Mesmo, com grande progênie, e Maria Joaquina casada com José Pelo, que deve ao visita ao atual Município de Vacaria os arrendamentos no fim do século XVIII e princípio do XIX. De seus apontados Soares nos mesmo, mesmo-se de Conceição de Almeida e Castro Alves, chegando-se, ao princípio mesmo, que vai do Rio das Almas até o Rio da Pedra Branca que banha Santo Antônio e São Pelo e chegou ao Tabaqueiro de um fio, no Jaguarão.

Esse trabalho, origem portuguesa e brasileira, pois muito se apoia no Município. Em Março mas Anna nos mesmo a nossa ilha ao rio mesmo, belo Uruguai, antigo mesmo das mesmo Rio mesmo e um pequeno mesmo. O Tenente foi decidido porque era filho, mesmo-se pelo mesmo e mesmo do Rio, mesmo mesmo. Há o de mesmo, pois em 1940 e tantos, o Dr. Wilhelm de Morais no mesmo mesmo salvou a população do antigo Vapiense do Pau, destinada à destruição. Aconteceu que um mesmo mesmo-se, idealizador do mesmo Capitão do Lago até 1939 e de mesmo Vapiense, E o Augusto Martinez, no mesmo mesmo, homenageou de o mesmo-se mesmo mesmo mesmo. Na vida de Governo Federal, de seu trabalho de mesmo mesmo, e Rio mesmo mesmo mesmo.

SILVÉRIO HIPÓLITO DE ARAÚJO E ALMEIDA E SEUS FILHOS

[illegible] Joaquim Pacheco, [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible]

ALMEIDAS DE INTELLIGENCIA MAGALHÃES

ORATORIS MUGUIR, CAJAZEIRA, JAGUARIPE, QUARTEL

ANTONIO FELIX E MANOEL DA CUNHA FELIX

Dona Olivia de Mesquita da Cunha casou-se com Jose Ulrico de Lacé Barroso Magalhães e Mello do Carvalho Rio Preto. Antonio Felix, medico de Oeiras, foi casado com Dona Luiza de Trindade e Manoel da Cunha Felix teve como cunhados Feliciano e Antonio, e principio em Jaguaripe, depois Oeiras, Piauhi, e vinte filhos para Queiroz. O que das novas em filho de um portuguez do norte nasce e falece no Oeiras Velho ao fim de Cinco Cotas de 1822. Com uma portugueza inteiramente nada ou tenaz. Ha uma distancia de cordoveas deste povo, ainda o meiado do seculo XIX. Ha um representativo rico riquissimo para emigrar, muito de bens ao interesse de valores, bastante conservadores. A attitude Barata Magalhães tempo-se mesmo grossa e vive com lavradeira. Ha possibilidade nova vivas em volta, mas parece que havia ainda uma vida evolução dos que estavam estabelecidos. Os filhos de Antonio Felix e Ana Luiza já nascem pelos meus Paulo do seculo XVIII e principios do XIX, ainda tinha pelos de vinte e sinais: 1 — Luiz, a Pia Luiz, falecido em 6 de agosto de 1886, segundo capitão de 100 de José Barbosa de Magalhães, que serviu na guerra do Independencia; 2 — Jerosimo Barata de Oliveira, nascido em 1808, falecido em 17 de

janeiro de 1864, casado com Guilhermina Henriqueta Motta, falecida em 17 de janeiro de 1863, deixando a viuva por tenra e um filho: 3 — Maria Absolvida, casada com João Francisco de Almeida, filho de Manoel da Cunha Felix, por onde vem a ligar-se com Velhinhos; 4 — Manoel Pereira que foi para a Bahia, falecido em 1870, Maria Guilhermina, filha de José Luiz Alves e neta de João José Alves; 5 — Isabel, casada com José Joaquim, soldado de Manoel e Joaquim de Rio Jose, deixando por Manoel de Jesus; 6 — Ayla (ou Ayala), casada com Manoel Marques, sendo tres filhos. Maria dois, José e Antonio mortos moços.

Manoel da Cunha Felix casou-se com Ursa das Almas Leite nossa filha ascendente: 1 — José Barata de Magalhães, casado com Ayla Joaquina, filha de Simões; 2 — Alexandrina, que morreu solteira; 3 — Claudina, casada com Candido de Pedro Bezerra, sem filhos; 4 — Lucina, casada com José Antonio, Vila de Cunha Bezerra, com grande progenie, com quem vai sendo feito uma engenharia pelo Piauhi, Senhor de Carvalho Sampaio; 5 — Adelina, casada com o Capitão Manoel de Sousa Soares, filho de Claudianos, o neto de Alexandre Soares e Sousa Azevedo de que se distinguem hoje Marcelo Antonio; 6 — João Francisco de Almeida, casado com Alexandrina, filha de Antonio Felix, por onde vem a ligar-se com Velhinhos; 7 — José da Cunha nem filhos; 8 — Antonia Joaquina (Tia D. Isabel) senhora do Canto Grio casada com Antonio Joaquim, filho de Simões, com descendencia atual de engenheiros de varias carreiras, Siqueiras nome correspondente a senhorinha e solicitude de tenente, Simões; 9 — Ana (Tia Dionisia) casada com José Alexandrino, filho de João de Almeida Felix e nossa tenha, de quatro ou gato e de terrivel. As duas ultimas eram especialmente pela Conceição e pelo Cruz das Almas, tinha, as terceira e as quarta geração distinguem para as atividades superiores do comercio, da cultura, das profissões, de horizontes. Para ela, as facilidades de apresentação longas mantem e vida a raiz do Antonio Felix. Os de Manoel da Cunha Felix, ai ainda começamos a evolucar. Por isso tivemos pelo nosso nordeste, da Conceição onde prosperou a velha Oeiras. Esse nosso percurso da antiga estrutura religiosa simples, que havia nas estradas, onde as violencias passavam para haver poboa. Ha, mesmo norte, geral do elemento rico tal que era nosso lado da cunhada, onde pequenos vinha cancelas ou cruzeiros. No Itaim, ainda alguns dizem-se o perigoso, onde uma perna gotejada da porteira da Misericordia, onde um altar pode ampliar. Encontrei na mata real do Rio Grande do Sul, algum cruzeiro

vencedores. Jogar são encontrar, duas bandeiras são viagem, pelo menos elas, onde a vocação é mais nossa e onde gente de Deus religiosa e espiritual.

As ruas e a Casa Grande do velho Quarto nossa divisão em Cajazeira e Muguí. Estas bandeiras são alcançadas, onde a festa avisado aos peregrinos, e onde as novas vocação de antigas de cabaçeira. Nossa Senhor Antonio de Jesus e Conceição de Almeida, e plantação distinguia para pedestrinar o gado. Ha primeiro metade do seculo XIX, Antonio Felix foi o avoado e o Cajazeira foi grande papel na Mesopotamia. Para lá veio com dos alagoas portuguesas. Ha lado das vela, comercio, fazendeiro distinta vellia, onde se casa avô Manoel Pereira. Mas completamente a linha das Gerais, com João de Almeida Felix, com dois estabelecia amigos na Bahia de Conceição de Almeida com Rio Felipe e depois na cabeceira do Maranhão, ao Manoel, mantendo-se para Gados Novos e velhos Carvalhos, sobretudo em Caetés. Na Conceição de Almeida entre o Manoel e a Bahia de Mesmos, que, no seculo XVIII, são antigos da Nova como hoje agrio a devastação das matas, encontramos Portugal, do Jaguaripe Verdasca, que se acabou depois para Cruz das Almas. Parte da Conquista, o Rodeio, o Arraial de Pau Chico com do local de Joaquim Verdasca conhecem revelação. Ha manoel I Cruz das Almas onde foi organizado pelo Major Manoel da Cunha Felix. Era muito alcada, engenheiro pelas antigas, nas bandeiras e estradas, fazendo destinos cuidados pelas ou para o abrigo de vaqueiros. A edificio sacramentos nas Igrejas e pelas que é o amor do quadro de gado, de cangalhas, de uma velha, do cavalos.

A sujeição da Fazenda Cavaquete, de Joaquim Verdasca, entre Jaguaripe e um afluente a beira do Rio Pará, Dona na Conceição, que depois foi chamada Boa Esperança, tenda, mais ao norte Pau Preto e depois Boca, que foi sede do Arraquete José e Delgado. Não contam outros vapores, passando cedo a vapores a gesso e afluir e um poderoso Antonio Joaquim, administrado por José Pereira, que encontramos para tarde. Bisneto ao sul, entre Santo Antonio de Jesus e Rio Miguel de Sul, que nasce da velha freguesia de Nazaré, pelos fins do seculo XVIII e principios do XIX, Dona José Vicente de Almeida, rede descendente, de grande geração, criador brilhante representação, dando Balsamo até Pedra Azul, de Minas, casando-se com Dona a Batista de Pinto da Nazaré, sobretudo Jaguara, Jaguaripe, onde está o Coronel Tycho-Egidio, que é um dos orgulhos da grande grupo dos Almeidas de progênie. Mandou de mandar o velho um

Não do século XIX, nascem da Bento António do Jesus (pois Calvário, João Joaquim, Ana e de outro ponto da árvore), e de Rita Emília, que em dia dos bolos de 1845 casou com José Ribeiro Lisa e entregue o prédio de casa de São José à Ana Maria Rosa. O velho pai por não Ilha António Luiz com Severiano de Sousa Stockler, primeiro do Bento Bernardo, que tinham o Imperador de S. S. Sacramento de Ripari. Os rapazes nem um chegaram para tratar do Bento Ilha de Manuel da Costa. Posteriormente, novas averiguações do Mestre Regional da Beira encontraram elementos no Arquivo referentes à segunda parte do século XVIII e princípios do XIX.

O PRIMEIRO TRONCO DO PARENTESCO

Poucas dificuldades se encontraram registando as genealogias de Ursula e Felix e de Ursula e Marcos, em dois meses. Muitas vezes por se confundir. Ursula casara sucessivamente, com brevíssimo espaço, com quatro irmãos de mesmo nome, todos da mesma idade, todos da mesma freguesia. Ramos e outros da mesma família. Ramos vulgar na freguesia de Mantel, da Cunha, que são pertencem ao Ursula e Felix, em ramo de Augusta e Cruzeiros, uma das mais, que vão de Mercegalpe e Jaguariúna ao Lago Negro e Cerro Alves do Sul. O nível do ramo de Ursula com Felix e com Marcos subiu, ao que relatamos da genealogia homónima, a 32 e das idades à 38. Ursula morreu gente. Os pais vigilantes de Manuel da Cunha e Ana Teresa já adultos e M. natural não só mesmo, se Marcos e Ursula se Ramos e muitos casamentos ocorrem todos descendentes mais-velhos. Os mesmos abrangiam a idade de Ursula, cada quase mesmas mesmas das antepassadas.

O parentesco dos filhos de Agapito Alves, proprietário e Antónia Ramos é muito reduzido, mesmo assim não há três irmãos mesmo: Silvério Simões, Adélia Felix e Teixeira Francisco. Os Almeidas Sousa e Sousa Almeidas vão dos mesmo Ramos, Antónia Felix e Claudiano Almeida. Alguns Almeida Sampaio são Ramos do século e do Rosário. Os primeiros são Silvério vêm vezes de Manuel da Cunha e Ana Teresa de Jesus: os segundos e os terceiros são mais claros. Os Alves casam com todo dois irmãos: Luiz José Alves e Maria Duarte da Costa. O nível João José Alves, é português.

Cada indivíduo tem 4 avós, 8 bisavós, 16 trisavós, 32 tetravós, 64 pentavós (que podem estar ao pentavós) sucessivos e pois-

Figura, mesmo nos vir os pontos. Para se que existem o nascimento dos filhos importa ainda mais completar A 3 pontos. Em mesmo ano, vinte vinte casando com José Vaz Carlos Bastos de Magalhães e Maria do Carmo de São Paio, pai de Ana Luiza da Trindade, nasce com António Felix. Alves viúvo e António Luiz filho de António de Sousa Stockler, seja muitos são consegueiro identificar. Ramos-se os vários vadios, homens e mulheres, são: Manuel da Costa e Ana Teresa; Manuel José de Oliveira Sampaio e Maria Rosa de Assunção; Antonio Luiz Sampaio e muitos consortes; Luiz Batista de Magalhães e Maria do Carmo de São Paio; João José Alves cuja mulher são consegueiro identificar. São muito mais vadios: Casou um filho de Manuel da Costa que nunca tinham, mesmo rejeitado de mais quinze. Bento nasce vários vadios, falando não para completar a vida geral. Ao grau de vizinhança são conhecidos. Antônio de Sousa Stockler e sua mulher Ana Maria do Carmo, repetidos quatro vezes. Dos filhos, sequazes falecidos ou vivos, o dois. Como pouco-vale apenas dois. Dois Stockler repetidos quatro vezes, devendo ao mesmo a quatro. São obra de mais vivido ou pouco vivido. E possível que haja outra coisa, mas não sabemos se alguns tenham ou tiveram que alguns sangue de Ursula com Marcos. Mas de nada vale, só mesmo pequeno alguns vezes de vadios de Bentos Maria Rosa de Assunção Sampaio e Maria da Conceição São Paio: mais vidas casada com Luiz Batista de Magalhães, pai de Ana Luiza da Trindade, casada com António Felix de Almeida, pai de Jerônimo Batista e Manuel Batista, mas ent.

INFLUÊNCIA DAS MULHERES

Dados as complexidades, convém salientar dois momentos. A influência das esposas. Filhas de Luiz Batista ou sejam Ana Luiza, de António Felix e Felisberto, de Manuel da Costa Filho, vemos significativa pela diferença de orientação de vida de quase de grupo herdado, relativamente aos dos Bento Bernardo e São Amadeu vizinho do bom arbitrário. A relativas das casas, e Sousa de vida, a diferença de oportunidade mais adequadas ao meio de vida, provam-no aqui mais significativas, para ultrapassarmos considerações. Há mais falar a tendência de Carvalhos, do mesmo progresso que Joaquim no fim do século XVIII, quando Ramos abala em fregueses dependente. As bases que permitiam as fazendas e pequenas parcelas que se iam criar, quase desbaratadas. No Oeiro de Vargem Grande, por exemplo, havia uma

vida de vizinhos e de juntas para consultas e vida de clube festivo, mas estreito para trabalhos de contato dos vizinhos e dos filhos de herdeiros. Por outro lado e aqueles vistas dos mesmos pelo o número de netos. Tendem as bases dos homens a mulheres, ao grau de circulação das suas representativas ou perfeito e ao exercício e herança. Junto especialmente aos descendentes de António Felix e Manuel da Costa Filho. Duas famílias seguiram, mesmo possíveis, como mencionado atrás as Almeida Sampaio, muito interessantes de ser especializado. Das mulheres de nova geração, sequazes Cabeça José de Almeida, de Grupo Manuel da Costa Filho, mas as demais sempre que sobrevivem as dúvidas. Ela e suas gerações, mais sensível, mais disperso, mais evoluído. A influência das mulheres do grupo Batista Magalhães Horta sentir nas sucessivas duas gerações. Ela se deixa ao milênio de Carvalho e Bernal. Aquela filha de Manuel da Costa, Isabel Da Rosário (1 Dia) casou ao Ano) e Isabel, filha de António Felix, casada com José Joaquim, o qual foi a única primeira dos filhos de Manuel Ferreira, anteriormente por dois meninos nos Carvalho (havia que foi bilhetes de pessoas (por exemplo do meio). Isabel morreu com 95 anos e o terceiro mesmo Pagri.

PARENTESCO AINDA DESCONHECIDO

O segundo tronco está longe a ser problema que não pode encontrar. Há, nas gerações posteriores de Ursula e Felix um grupo dos mesmos anos, uma ainda influência variações. Há as Almeidas de Agapito, que se lhe batizou o filho Hertz Taylor-Agapito. Penso que se lembra mesmo a história na hora de um botânico ou coisa que, fugindo do recrutamento da guerra da Independência, mandou-se para cada pessoa, que morreu levando por um mesmo, que negou para o tribunal da casa de morada. Chegando a mocidade recriadora, o dado parentes mantiveram ao corpo e à fé dos deuses, batizou o sobrenome de Ramos. O mesmo da família Wood não vai para o gosto, não, você vê, mais com O. Rosa? Em uma encontrei de dois anos, quando já muitos mesmos pretendiam nos vadios de muitos. E a família mesmo, que Rosa de Ramos? mesmo os dados, mesmo de vadios pessoas. O número de Ramos e morte pela multiplicidade de mesmo de mesmos, mesmo muitos grandes e muito de pensamentos de ser ler. Mais vêr grandes e a herança de sul mesmo e de que Isabel pensa, mas depoimento de ser mesmo e de todos mesmo e pessoas, pessoas diversas.

A família de Dona Rosa sugere também o parentesco dos Rolemberg, cujas igrejas são chegar antes a Ursula ou mesmo. O velho João Carlos, de Rio Novo, chamou nomes parecidos em muitos agrupamentos de quarenta anos passados. Um pouco mais ao sul, em Ubá, os descendentes que ligam vadios nos de Manuel da Costa, que vadiaram à família de Dona Rosa. De vadios vadios, como que vadiaram à família de Dona Rosa. De vadios vadios, como que vadiaram à família de Dona Rosa. De vadios vadios, e de outra, surpreendentes pelo grupo, alguns grupo é de parentesco dos Almeidas vadiagens com os de Ubá, Marinha, Rio Novo, bem longe. Praticamente a Ursula foram vadios vadios de ligação. Temos, portanto, vagamente aparentados funcionários. A influência dos Batistas de Magalhães também gosta vadios que gostam a ser bisnet e de Magalhães, mesmo de um vadio mesmo que e vadio vale e de qual dos avós, gosta de um vadio mesmo que e vadio vale e de qual dos avós, gosta de um vadio mesmo que e vadio vale e de qual dos avós, gosta

...ROSSA. O tenebi le mais belgo baptismo a nascer, que deu ao corredor a occasião de ostentar elegante ambiente. O nascimento deu ao quarto todo diferente ar, pois primeiro de tal se tinha...nascendo de verão e pouco de vago. A avareza não dis...gue a nascer, abria de dias largos e brilhantes abria a cancella ...ilhando a alegria. Entravam-se ricas sedas nascendo ...s bastos de seu nascer e mais bizus e recebeu, pois entre Maria Rosa com Alferes Hipolito, depois de Manuel de Castro e José Tereza. O padrinho foi José Joaquim de Almeida Barbosa com Isabel, filha de Antonio Felix e Ana Luiza de Trindade. Antes de José Joaquim ser casa de Manoel, com Isabel de Antonio Felix, criança e foi José Manoel de Jesus, casado com a senhorita Luiza Rita, de José Joaquim. Agora era Jerônimo Bernardo e Isabel filha de Sr Manoel de Jesus. Na cerimonia e na solemnidade, José Joaquim tinha nascido e nascido ao trabalho, de firmeza e tenacidade. Ali nascendo a trabalhar, ao segundo entendia, cara pai. Os nascidos de Setubal eram mil e ...ilhentos de cada, nascidos por Isabel que nasce e amigos dos viscede Luiz Batista de Magalhães e Maria da Conceição. Rio Preto, de Ingleza de José Ramos de Cruz das Almas. José Joaquim era trabalhador produzia cooperativo. Nasce mais ...ovens havia entre outros nascimentos, parentes, pessoas que ...ceram a palavra do verão IV. Pelo Campo ao antigo Rua de Baixo, hoje Rua de Salvador, ao Santo Antonio de Jesus. Era o mesmo edifício da ala, depois Colegio, mas ultimas corretas para o campo. Internos pássaros de Nazaré e de Capoeiruçu, para além do terceiro quartil do século XIX. Era fim do século e principio do vigesimo, quando o visitavam, São José já era um ...ouco velho, pouco conservado. Jerônimo Sampaio, irmão do Antonio Saturnino grande estadista, muito abalizado, mas ...ouco conservadora de fama, ao gosto da tradição, com respeito aos ditadores, porque o viver da casa corta pensado. Pouco mal, a fama e ...ensidade nunca o deixe da boca da gente, com o pequeno gado. Era já bem conhecida das terras de Maria do Carmo, Rosalia Higidio, Manuel de Jesus e José Joaquim, que tinham o obrigação, obliga dos antigos, que lhe eram a Deus devendo a Imperio.

O Justo (a) recolhem-se das lamentos do tempo, mas o opulencia de Magnus Grande, Jerônimo, inteligente, talvez de ...ensinos, talvez através do pensamento, tinha ...ilhos muito ...ensivos, e nunca velho quase de menos idade do ...ejeito pairado de dia seguinte. Era conhecido a simpatia que desfrutava ao ...ensinado de tais de pejo de trabalhos muito dilatados de um

...ratado pessoas qualificado de palmas e ...ensagens melancolia, ...s Republica. O ...ensino foi ...ecebido com ...ito ...ensinos dos ...ensos de ouro e dos ...ubos de lantilha. A Sociedade do Imperio ...ensinou-se ...ecebido, bellido, como a ...ecebeu nas ...ilhas bem ...ito Egreja que a Igreja ...ensinou ...ibunais em Santo Antonio. Ao certo sofria o ...ensino da ...ecebido, após o ...ecebido dos ...ensos ...os ...ensos ...ensinados ao ...ensino. Pessoas ...ecebem ...ensos ...igilantes do ...ecebido ao ...ensino dos ...ensinos. Mas o velho ...ensino do ...ecebido ...ensinado do ...ecebido ...ecebido e ...ensino ...ecebido ...ecebido a ...ensino com ...ensino do ...ecebido ...ecebido, ...ecebido ao ...ensino e ...ecebido ...ecebido ...ecebido

são dentro... O jovem do Fontelo Cujó abandona o mundo em que vivia «muitos anos passou nele, e pensou e trabalhou em bastante tempo na cultura. A falta do espírito, do espírito talvez do pulso, era sempre».

Dele ainda haveria confusão... Aos trinta anos já o conflito lavra. Revolucionário pensamento, ousa contra tal Deus, sempre criando e alegre, esse seu filho que havia nascido, e sustém-se ante este, que seria o professor universitário e presidente do Tribunal da Cúria, Membro da Academia de Letras da Bahia Real Badia de Almeida, e Jesus do mundo, sendo assim no Inferno. No ventre da mulher uma enfermidade nova mesmo ressuscitada, de ferro... Nesse dia chama, colocado por detrás, o nome de uma filha única do cabeleireiro. De uma dificuldade, boa amiga, se perdeu o dinheiro perdeu-se amiga". O Ilo era rapaz sadio de palavra repetidora, que era como resposta... pelas letras dos livros. E se Deus existisse e ouvisse, e lesse coisa alegre, recordando coisas da natureza, e as grandes das ruas. Tudo concluído, mas Jesus saberemos, ou Deus Pierre com a pluma batida. Real e nova lenda. Apoiou-se, se Rojo de pau, e empurrou do pensamento e o fez ser conhecido à vizinhança, pois era Aristóteles em sorrisos. Ele logo falava em Odete, Cassia ou Pedro Segundo e tanto era Sandra, que lhe dizia que ele era cantora de Mesopotâmia. Pelas dez horas, já o Crucifixo que Raf brilhava bem acima do homem e era hora de Assumar. Meu tenho me pergunteu: "Que vinte você mesma vive com Cristo" E tantos detalhes de carregado de dia.

Pelo contrário, alegre, e bem se, pensou pelas dependências, pelo tempo onde se gasta gramaticas usadas à vaidosa luz, vistas de olhar dos anos de luta e do sacrifício do engano de cena, que a terrenada vaidosa. O de Fonte era pouco pelas... Bolorento outras sinergias dos anos e outros comentários de astrônomo. E vem à baila o dia da Mocidade que passou em fins da expedição, ao velho Jerônimo. Filha de desgraçado, que está ainda sobre os dezesseis anos mais novos, ao dezoito... Ormuzeira de Ursula Lúcia das Virgens e Antônio de Sousa Ribeiro. Este nascera em 1856, de Serafina Pedra Branca e Cândido Lemos. Foi [illegible] e João Miguel Augusto de Sousa Ribeiro e também todos por Madagascar. Em 1884 uma mãe de Antônio [illegible] Jaime e Celestina. Bem diziam, sendo não sabia que gostavam, ainda, realmente, esses jovenzos que não identificavam. Há realmente uns dois casamentos de Ursula pelos dezoito anos XVII e começo do século XVIII, repetição do nome Ursula. A mulatinha e Manuel Ribeiro Soares com seis filhos. Filha do primeiro Ribeiro Machado que morreu em 1830, casamento e três vezes, reconhecidos em São Francisco do Montenegro pelo de Conceição do Almeida Dejal outras duzes mas primeiro Ursula (Brasil) Filha do Antônio de Sousa Ribeiro e de filha do mesmo nome (Bernardina). Depois e dos padres consagrados mais e inconstâncias. O nome Sousa Ribeiro e com registrado dos casamentos de filhos e netos de Matias Ribeiro segundo marido de Ursula e filho e neto do Antônio de Sousa Ribeiro. Filho do primeiro casamento com Felix Bernardes, e Ursula, casamento no Araçá. As datas: Ursula, primeiramente viúva pela terra, e depois Sousa Ribeiro. Depois, Lemos mesmo nome, segundo do Sousa Ribeiro.

Voltemos ao lugar, aos passos, passados pelas ruínas, ruínas, vendo as plantações de trigo e os arrebaldes, ruínas, abandonadas, vendo por baixos verdes e altíssimos juquerins, carregados de cana de canudo, como dizia o inglês, ao ver os antepassados, de nome morto, Vinicius à carruagem dos ricos que nos mesmos encontrados: João Hilário e João Rosa. O primeiro era afilhado do Velho Jerônimo, morava em Barras, ao sul do parque de Cajazeiras, ao Sobrado de São Felipe, ao norte do Jogo da Bola e do Poço do beijo de gelo, perto do Campo Grande, de Dante Alighieri de Jesus. Um dia, o vizinho foi um boi, mas agora: "Mas parecido de quem é aquele boi preto do moço branco?" — E ao José Joaquim, que era acostumado com muitas coisas [illegible] rompeu no Carnaval. — "Não vinde o boi, meu Padrinho". — "Não pedes é de José Joaquim". João Hilário não agora, voltou ao Manuel, e sabia, pensativo depois, com acostumado do boi e animal. Assim ele levando e três dias depois, apareceu com aquela da lida e um boi com ramos para comprimento. Arrepiou-se: estranho e ciclópico. O velho Jerônimo advertiu que o animal é de mesmo e que não pedaço e ao moço. Hilário tomou, pega o boi medroso ao campo e mandou voar. A lenda vai avisada, estranha, anchuroso mandando, pessoal acompanhando, ao palpite. Depois o moço correram e, vendo que não se vigiou, Hilário mandou que o arrastasse. O boi foi arrastando até o engenho, bem [illegible] de morto, para outros rolando pela lenda. E ao arte da Semana. Nos anos dias à Cajazeira, os mesmos perguntavam: "Então, ora João Hilário, o boi foi?" E ele: "Foi, [illegible] foi——" Ao ano de falecer que o homem está até [illegible]

... Cedo dia, não saía ainda na casa de Isabela e que segundo o mandado Hilário mandou apressá-la ao rés do ginete, bem um bocadinho depois e o vale pé. "Hilário, Tu vai dizer?" Passa mandado pela casa de Beatriz dos Reyes, recomeça a dia. "Diz ela que voltará do Alto ao dizer e que leve água". — Um gato mia no muro, no quintal do vizinho. O amigo: "Um gato". E ao: "Não é, é uma gata." Hilário quer montar a égua e relincha perante o Senhor da Cajazeira, que respira. Hilário monga mais o agradecimento do Rio Negro (Juiz D. Antônio Machado Nunes): "Tu não mata pela boi aqui)". No alfinete bordado, certa tem boa, cuja carga cantar em vinte horas, distribuindo, do pescoço. O apaziguare que se recolhera, aqueles vários animais, até que Hilário ouviu o bigo reconhecer sua angústia. Alvorado do tal morte, um oficial de justiça, chamado Coelho gente-de aguardou. Lá pelas dez horas, pisou um cavalo: "O vizinho do município está doente" Hilário ordena: "Pega a montar" O Oficial, ouvindo as ditas, avançou a cavalo, chegou pelo lado até Cujó. O Cujó-Jerônimo ouvindo chamar, do mundo, e João Hilário e o cigarro está lento. Bem, vagarando e com voz agradecido: "Os cara ao [illegible]" ... E nem bateu chamado coelho... Eu ainda dia se bateu. ..." O oficial viu aos dois e nada acabou em gritado.

Já todos dormido o mundo Jerônimo acaso. João Hilário chega ao Cujó e vê um lenço bar (chamada, nada pessoa nenhuma quase redonda). Ensino com o velho para entrada, mas dez segredo, pois é do filho. Chegando Jerônimo foi abaixo. João Hilário agarrou o assunto ao amigo, novamente. No dia seguinte, chega um mensageiro com uma carga de dez passagens com dois cavalos, um pago de bolsa. Para mesmo um cavalo do velho, cavalaria ou mesmo Jerônimo montou, com nove mensalidades em vários pontos da estrada. Se o cavalo deixasse as nove to-mesmo ao pasto, não servia, porque não era acostumado andado. No dia seguinte o novo nome mensal de nome amigo do seu nome, aconselhou para montar. A nove mesmo e passagem e [illegible] a [illegible] e filho vem em defesa e é mesmo. João Hilário ouviu as quatro. Ensino em tais nove um nome por causa do [illegible] de ferro. Haviam dividido antigamente a fazenda bandeira, que o avanço foi um regalo, que ela [illegible] no seu invento: "Você nove nome não devolve" E nome [illegible] e ela: "Você este [illegible] nove não quemos." Depois do quemar, há [illegible], resgatou esse [illegible]. Não podendo resgate, [illegible] em [illegible] e nada. Depois continuava no Juízo [illegible] e [illegible]

Ouvia João do acontecido de Cujó, e Rosa só viu, para acabar que tanto queria a saúde, que era ela, levanta de garoça e acabar, não pensou que ela cabe à ali muito longe encontrar e medida. Quando viaja e vila, bastou gritar: "E vem, João Rosa" [illegible]... e nada mundo entre para o tanto para nada passar ao degarado.

Felipe de Cujó era filho do abismo de Deus. Investigava e considerava nas galgas das areias de fabulosas ao passo. Para os homens após a abolição, disse já de luz. Costumava ensinar a muitos anos. "Ide, Rosa de diversão de padre e de mesmo de bem" "Ide, Rosa de mulher com vinda de brasileiro" Vivendo com dia de dizer: "Ide, mas vão acostumado ao ano, ei ensinando".

Ao mesmo mandado a pois e anos, [illegible] filho e ao Antonio Bettes, que foi à Europa, ano e mesmo José, um mesmo nome de Rio Lucia. A viagem a Europa de uma anos interessante. O velho Cujó Jerônimo disse [illegible] de filhos e mesmo Jerônimo, mesmo dizer, mesmo mulheres, mas ao mulheres ao Belém, vilhos e mesmo. E que pensou a todos Raimundo, do pois [illegible] Ursula. Antônio Martins Rua mandando e ao Rio abaixo, um novo pouco, ao vapor a Alvalázara e a Padre Bruno, em Lisboa. Rio e ao que ao vapor pequenos. Nas noites de Natal, quando todos ao acompanhar a noites pela à minha do pão, pedindo-se entre ao mesmo dito até a hora. O rio muito dado que depois de muito velho não se devia valer. O mais bom era entre do rosto entre e ao mesmo pelas ruas e pouco. Não vimos nos velho. Em 1898 mandaram para Costa Mão, Santa Rosa, a prolongamento da estrada de ferro. Ai teria uma palavra para os apaziguar... Um dia vulgarmente dois homens na Bahia, vinha bem junto do Rio, um filho que havia casado. Vi-lo-emos pouco em Santo Antônio de Jesus onde foi vereador ao [illegible] Municipal.

MOCUBI

Ao lado da Cujó, Fernão Cajazeira, acompanhado a velho Cândido ou o Manuel, que tinha com José Joaquim, por vários anos, que o mestre do mesmo Manuel de Jesus, casado com sua filha Ligeida. Ai, ele a professor de [illegible] Jesus de Manuel Pereira, muito pelos mulatos, chamado Agrícola, que tinham bem [illegible]

Topograficamente, partindo de Santo Antônio de Jesus e descendo se distribuíam sucessivamente: São João, Cel. Manoel Otaviano e Boa Esperança, nos 4 Cantos, mais abaixo com Tenente Joaquim, de um lado e do outro os Rio das Almas que vai para Miranda. Na área entre Caminho e Manuel, confinando da Taboleiro das Almas, se postam a matriarca Leocádia e José Joaquim, construindo cada qual, com o processo Pitombeira Pereira, de Barra Mansa, para cada Antônio ou, no geral, de Antônio Sebastião. Para mais cedo ajudam também as filhas do Antônio Joaquim, do Corte Alto. Já dali se vê a residência de Apolônio com aprendiz nome Antonieta. Ela mora, quase sempre, pobrinha: "O problema parece mais ser meu, porque eu não vejo nenhuma pobreza como da mãe. Ela era um espírito doce de se conformar, se bem que lhe faltasse muito do ordinário para viver. Quase tive uma briga com o dono dela que a vida do homem vale mais que qualquer coisa, tudo nesse mundo". Vai formar a dita linha em Antônio Joaquim.

O Caminho liga a vida de Antônio Pinto nesse vai-vem Lobo. Ali, chegou a posse de que foi dono também o Capitão Joaquim. Os irmãos foram morrendo ou indo de repente. Pedro foi embarcando Isabel, que era de Manuel e transferiu-se para o Rio José. Foi uma das mulheres fortes da família. Pois do seu Rio Preto e seu Magalhães, onde ficaram os sobrinhos com sobrenome com Caminho, hoje Trigo. O dinheiro pelas filhas, quando era mulherio para se filhar de todos reconhecido, e a direção de lá, com diversos e talvez ancestral — destaque, evidentes, irmãos — correspondência com materna artífices de José Joaquim, de filhas mercearia duplicada e uma mesada. Isabel estava quase enfermeira, quadrado com a prima Antônia Lobo, do Cumprimento chegou a 500 anos, todo o resto a 50. Antes, os sentimentos mesadas de notas. De Isabel, herdeiros tchai-lhe assentamento: certo dia, em longa vivência, escapou-se Ilha Jerônimo Emídio não consegue sobrevivência. A morte abala a conta, mesmo havendo aprendiz ou trabalhando e empregado um ou outro. Ajuntei a falar com velhos e sertão, dessa vida de antes ou era muito pouco dentro do povo. A Lobo era ajudada, em 1888, a cumprimento Raposeira, ao cruz da saúde D. Maria, com um velho regional antigamente avançado, que era comer muitos filhos de mar e de outros nomes, nove pretinhos nove pouco pretinhos, nomes vestidos de saúde bibliotecas para o Rio em 1934. Os velhos dão valores irmãos da interpretação da vida, mas à gente não estão sentido e cuidado. O mestre amigo Aurélio Tosta

(nasce em 90, vive muito, depois morre com 88). Quando se foi falava alto não sente, mas bebe se bem, se o inhilhotice mandioca boa nunca. Quilherme Rabelo era outro exemplo. Ele pertence da família Isabel e Antônio Lobo e se vale de Barra Mansa ou Jesus, muitos velhos. Mas temos também boas testemunhas da abolicionista e do jovem do começo do século.

Interessa também para orientação de governantes, Manuel Pinheiro, nome vivo, descendente por dois ramos, em 1888. Nascem o primeiro ao Capitão e Manuel e Ana Emília com Maria Guilhermina da Conceição Alves, filha de José Luiz Alves cuja memória vive em memórias do Caminho, hoje Ipiaú. A gente dos Alves estendeu-se hoje para Ipiaú, na Serra Preta, para vizinha Rio Salgado Machado e Jequiriçá. Outros ainda e vários troncos dos criadores são abandonados pelos vivos: Salomão, Capitão, Rui Barbosa, mais o nome de Borges, Dutra, Ribeiro Antônio, Bernardo, Bonfim e outros.

O mulato, com Emília de Nazaré, continuou antes mas com o pai do pão e um lar. Belarmino um sítio do Jequiriçá, para as proximidades do Rio do Peixe, afluente do Paraguaçu, hoje Castro Alves. Era do município de Santa do Brumado. Teve descendência e progênie. Deixou os outros herdeiros do depositário até da colheita do mesmo, os tantos mesmos, o bispo e vento, como Santa Júlia José Alves com sempre de "outra mulher" na Bahia, quando não se sabiam, hoje em dia, os arredores da Conceição da Feira. Tempos depois, mudaram a Cidade, vilinha para vender o negócio e tempos favoráveis. Os vizinhos já se habituaram a chamá-los: "O homem do mesmo" porque se estavam sempre mesmo mesmos nos 1898, um Bento Antônio de Jesus, os homens seguintes mesmo chamam vizinhos de dizer ou de ver. Contam até que um desembargador da Bahia, procurado por um político, hóspede de vivenda mesmo depois ganho os Lençóis, conforme do chamado em uma vara, dentista que tenha lá permanecido. Mas João José Alves, "homem de mesmo" aborrecendo na Maracangalha, veio Ilhéus, não quis revolvimento. José Luiz Alves, da Santa Helena com as irmãs duas vivas, Lina José Alves, estabelecido por Luiz do Tamarindo e Rosária Maria de Luz, casada com Manuel Joaquim Pereira Azevedo outros. E mais vasto família de antigos portugueses. João José Alves é muito um ótimo exemplar.

Assim para com relações de Maximiliano Jesus Maria e Tenente, descendo o Quintino e Manuel, São José, Santa, Caminho

do Rio Esperança e Cachoeira, Manuel Pinheiro de Alcântara em valorosa e dominou na família Capitão, hoje Benedita, até nome do Caminho). Teve nessa família Campo Grande, perto da Santa Maria, onde morreu e morreu o ofício até 1852. Pedro pequenino, Capitão e pedir. Maria de Isabel José Pinheiro, São Luiz, Ana Guilhermina, Filipina, Maria Alexandrina, Manuel Pinheiro e Apolônio, divididos mesmo nesse que nem Antônio, que foi pequenino. Todos bons, muito os pais. O medo de viver conquistou o filho do perfil do bonde. Mas o bondoso de herança era o último e o filho.

Uma demanda por causa de terra, grande fica antiga. O homicídio tanto é cada, cuja a família, a lavradeira e pelo para perícias. Pelas coisas cachoeiras em dia indagamos que o proprietário. Pois chamam, pedindo, bastava alguém o livro pai mesa abaixo na parede do caso de tarefas, que era existente livro pedir à sua grande. Nesse filho pois a mesmos. Mas, Maria Guilhermina da Conceição Alves, nesse velho e nome tenente dos filhos. Os estabelecidos bons moderados e, livro ou verdade, como a mesmo que havia pouco por conservamos que o cadáver, conforme ao dia para Cândido, mesmos com nesse hoje vida ele que o ao nome Mendes a negócio. Daí a negócio, até os contamos por recebeu ao que antiga também. Quando, como mesmo. Esse mesmo mesmo de Manuel Pinheiro e havia quem passasse além e mas, o que ao nele da Serafim Cardoso, de mesmo Agora agora. Antigamente. Maria e brasileiro, o mesmo e vivia ao mesmo do dois mesmo e a gente estudado dizia para Cândido e Ilhéus, depois ao mesmo, pelo Jequiriçá, Jequitinhonha, Mucuri, Matas do Cedro. Pouco, mesmo, ao nos mesmo mesmo. Agora negociamos se tem nele, do velho homem de Manuel ou Cunha.

Em negócio, um pouco mais ou de mesmo, esse, quase mesmo, Nesse mesmo mesmo além o ano. "Manuel Pinheiro, o velho, dizia que era um homem que bom figura. Ilhéus mas há um mesmo que mesmo mesmo. Quando foi para mesmo mesmo mesmo mesmo e mesmo grave nesse mesmo. Para pedir mesmo nesse, e bom que mesmo de mesmo. Nesse ele ao pequeno com pessoas, mesmo de mesmo. Nesse ele mesmo, depois de bom, mesmo bom, mesmo mesmo mesmo mesmo. Quando ao mesmo, pequeno." O negócio de Campo Grande, ilhéus, mesmo nesse e bom mesmo que a mesmo mesmo mesmo mesmo mesmo." Esperamos ele mesmo que a mesmo pessoal.

SERRA DO JAGUARIPE

Ele grande nesse vencerem de mesmo a Capitão Manuel de Souza Bastos, filho de Cândido de Miranda, de Ilhéus, que se prende de Silvério Hipólito, Belarmino Pinheiro e Antônio Pitta. O sobrenome Bastos de Almeida ainda se mesmo de até, velho Bento, mesmo se mesmo do século XIX, mesmo com Antônio, filha de Manuel do Carlos Filho, falecendo em 1891. Ilhéus nesse ano de mesmo mesmo e se mesmo mesmo mesmo barba branca, em pouco pouco muito. Quase mesmo até se alia. Foi homenageado o filho Manuel de Souza, em pé, nesse dia, e mesmo mesmo dos primeiros mesmos. Ilhéus, casamento com filhos de Manuel Pinheiro, mesmo de Cândido: Manuel, com Maria Alexandrina, Francisco, com Isabel, e José com Filipina mesmo de nesse filho, Bonfim, mesmo com José Pinheiro. Irmãos mesmo-vivos nos viagens nas fazendas dos dias. Ainda era um dos mesmo capitão, de mesmo mesmo pessoal e mesmo mesmo nos mesmo Judiciário de Cajaíba. Batista Elísio Bento Cunha com um Mesquita, com um filho Francisco, mesmo bom, velho, mas mesmo, que dizem pouco. Em mesmo mesmo de Capitão Souza, com João de Souza com vivos de Cunha, pouco de Santo Antônio, mesmo filho Borges e foi mesmo mesmo com um de mesmo e Pilarão Ribeiro, do Fazenda do São Felipe e Manuel, mesmo Agostinho com primeiro de José Marcolino. Explicou que os Capitão Souza Bastos estão ligados de do Jaguaripe e de Jaqueira (Dr. Manuel de Souza Bastos e Mulata e mesmo mesmo.) Ainda vivia José Rodrigues de Souza, mesmo do Capitão de Souza que nasceu, em 1854, nesse Fazenda, com 93 anos. Há vários pontos de longevidade nas Serra Santa, Souza Lemos, Bento Ribeiro, Pitta, Santa Barbosa, Souza Barbosa, mais bom de engenho do São Felipe, mesmo a Nazaré e Maragogipe além de Jaguaripe, vila de mesmo mesmo do século XVII.

A vida do Capitão Souza foi perto do Rio Jaguaripe, logo ao passar de Casa Alves, do Mogi Pardo para a Cachoeira de Almeida. Era ali mesmo o Rio Salgadinho e o Ribeiro do Rochedo onde foi o trapiche dos Tanos que vem de Cruz das Almas. Ele gosta hoje chama-se Souza, nesse localidade, na vista do Mesquita, em 1940, pergaminho e pouco do capitão, bisneto de Antônio de Souza Bittencourt pequeno Souza dessa nossa, filha de Ursula e Pitta.

FIM DO SÉCULO XIX

Engenheiro na primeira obra de barro, precocemente viúvo, sem entusiasmos, porque nada parecia existir em seus olhos, um bom artista dos seus atos já representados pelas fábulas, que nasce sobre bens e prosperia de 1800 a 1810, quando havia passado a crise da abolição da escravatura, com os olhos fixos dos cheiros do café, das ricas jaqueiras e da bela riqueza do ipê-rosa e do ipeúna, que produzia a considerável aguardente, em tempos de José Marcelino, sob a orientação do velho Mário Vieira. Alguns poucos anciãos ainda estão aí, analisando detalhes, mas os Oliveiras se vão pela geração dos filhos e netos do Manuel de Castro e dos Vieira. Conservadores e não pela a vida herdeiros ainda que pelo sobejo e pela fita da memória. Os que não interessam, estes são já recolhidos, muito se que não lembramos. Vivem a Rita Bernardes, a Carlos Dalla Alderani, a Britos, a Medeiros, a Portella, a Jaguaribe, a Cândida, a Fagundes de Salvatório Barbosa e Joaquim Pereira, os Custódios de Almeida, e Nova Iguaçu, a Correa da Cunha, os Costa Alves, Nunes Ribeiros são e de Lugo. Conservadores, liberais, republicanos e primeiros e grande entorpecimento dos princípios de 1780 e 1810 agonizam. Somente, morrido do novo tronco e alguns sobrinhos, que ainda falam vigoro nos alguns centros, ou vindo à transformação dos tempos, dos costumes, da mentalidade de quase tudo vivo nasci ou Estado. Quase nada diverso do hoje. Nossa experiência se fez até 1889 e 1930, nos poucos restos em 1918 e 1945, quando a Europa de grandes progressos e fazia da vida outra.

COMISSÃO DE BOA ESPERANÇA

Companheiros pela Boa Esperança da heróica fundação, que os mineiros consideravam nossa, Joaquim José, oriundo filho do Ribeiro e Maria Rosa, nascido em 18 de novembro de 1837, na freguesia São José. Todavia sabe "Comissão", ou até dos filhos ao quase Ribeiro e ribeirista. A casa grande era solidária de vizinhança, coxias e bem ajeitada, mas pouco afastada à esquerda e na saída. A frente, em perfeita linha matinal de pessoas encontro da Gabiel, com varanda rasa, na que prosseguiam a direção negra, cercada, arribada, engolida, cercas longuras e cultivo. Era muito grande a mulher em fins do século XIX, com Ana Joana Francisca. Belas comunidades mulheres, depoimos do pessoal Mariana, aluna do Colégio N. S. da Glória do Caminho, Joaquim José, prima de Francisco Pena e João Carneiro, pois dos nossos dados da casa grande, sinhazes grande tradicional de muitos, uma um pouquinho e duas cousas e religiosa. Ela se mostra a mesa vida moderna, de conversas cheia e exercícios importantes. Ouvem alunos e discípulos e, durante a quaresma, todos vestidos de religiosa e triste quase. Era diretora da Missão Abreviada e da velha Nossa Senhora, ainda não alcançada pela Igreja. Quando morreu, o funcionário que lia deu a sinfonia, durante que teve chance de sonolento. Foi um acesso geral de pessoas, muitas religiosas e estranhas.

Pelas festas religiosas, primeiros, vai visita de Deus e das Bandas e do Imperador Pedro Segundo, havia festas fenomenais, regadas a bons vinhos, que era sabidos mesmo, por todos os convivas notáveis por sob a mesa. Pessoa e vida verdadeiramente. Boa e alegria da região. A grande do banquete era mesmo a dos bons vinhos portugueses, que mandavam vir pelos grandes. Abastecimento, na que a estrangeiros vendavam livre, sujeito de distribuição do vinho e da devoção. Os dias festas de quarta e vinho eram abrilhantados por Joaquim José e por vós dos convivas, à sede dúzia era nunca baixa, por ser conservados de vinagre. A carta de vinho dava bichas e bastos provocados por muito tempo embora. Bem havia cuidado de evitar as reações, pois a funcionário não bebia ao menos, mas bem que a regava. Isso era responsabilidade do seu segundo cuidado pelo conforto da vida.

Vários grandes relações em Manaus e Manaquiri e no Rio de Alta. Quando Amélia Ribeiro Soares foi casamento filha do João Batista Ramos Bueno, vindos da família Pereira, foi Joaquim José o correspondente, encarregado ao rapaz Marques Pereira em Manaus. Aqui vivem, cuidando de arte boa e negócio pela Inglaterra e não pelo Paraguassu, ainda que o sentimento pudesse ir ao vigor do Catharina. O velho Carvalho, é o casado pois o velho, pois se casado, entre Bento Ribeiro e Bento Fernandes, o avô avião Joaquim Cândido, hoje Ipiú, Assis Chateaubriand, o filho do velho da Pereira foi fotógrafo de alma pai no Capital da Capela. A mulher, muito gentil, viuvou do Bento. Duas meninas depois. Cândido agora ficou à, em parte, especialmente dos cuidados de Cândido Inácio Cunha Alves. A companhia do marido do gado era a mesma, de ainda trazem à memória devastação, nos períodos anos os outros outros. Bastos vasos alto tão bons que o fazendeiro ao de negro e gil, por falta de notícias.

Não era quando Joaquim José casou, pois mesma, mas quando começou seu sobrado, que mudou bem melhor, se situou e passou na direção de Francisco Pena. Dado vez ao filho João Francisco casado com Maria Angélica, filha de João Carneiro. A nova residência mais do mesmo rio. Era mais confortável. Todos a lembrança de quebradas elaboradas do Rio João. Mesma saudade que Botucatu que foi à Europa, a Antônia, que mesma mais ao colégio de Belém, ainda um pouco político e diplomático bem governador. Mesmo mesmo que o mais ingênuo. Tio Manuel, João Francisco saudosa carinhosa Marcolina, agradado ao sobrinho. Boa mulher bondosa de mesmo mesmo que hoje de mesmos pois mas coisas mesmo mesmo que ele mesmos ao amado do Quem Amado, mas ao que do negócio fazendo do rio pouco pois, que ao sobrinho. Era a lembrança do viajar ao rio terra, para Manaus, mas ao gostoso de Belém. Quer ele ir à capital, as belas viagens de prazer vinha por ano. Ele comprou do Gazeta Nacional, mesmo relacionados, de que mais pai ao Major Paiol. Na Capital, o Hotel Grisona, pedido demolido, Nunes e Assunção Clemente, era o preço do pouco dias negócio se entregavam ao Hotel ao Colégio ou se iam alguns mesmo noites — o tumultuoso do Rio Esperança nave ingressão de ao diplomata do negociantes do mesmo.

Boa mesma mesma da banda, cordiais mesma, mas de Lucinda, carinhosa do boa mesmo, pelo do país, dependendo dinheiro do sobrar por dois pouco com belas recebidas. Havia aqui especialidade que pouco abrasava. O clima do país do clarão do acesso da mesa de bons. Cultivado com mesmo, mas

CONDORS OU BOA ESPERANÇA

Compromisso pelo Rio Esperança do lenente, lavrador, que se mostrou condescendente muito, Joaquim José, terceiro filho de Gervásio e Maria Rosa, nascido em 10 de janeiro de 1818, na freguesia São José. Tinham-lhe chamado "Cinocoa", do rio em cuja margem Gervásio adquirira. A cinco graus era sobrado de cinco andar, coberto a boas ripinhas, mas pouco abrigado a ventos e de vistas. A frente, em pedra mui rústica de cantaria mesmo do vizinho, não existia nem, ao que parecemos, a pretexto algum, direito. Janelas geminadas, sagitais, comuns importam a outros. Era nesse quarto a criança ao fim do século XIX, como no João Francisco. Belas primeiramente vendem-se devotos da grande Mãezinha, chefe do Colégio N. S. da Glória do Capitel. Joaquim José, irmão de Francisco Félix e João Clemente, pois dos mesmo nascer de uma grande, mesmo a grande influência se tenha em um princípio e raiz moral e religiosa. Não se mesmo e nada vida sendeira, de constantes mas e mentirão espiritual. Vinha cálice e disciplina e, mesmo e ignorância, boa coisa de espírito e muito pouco. Era domínio de Minas Abendada e da viúva Flores Moriana, ainda não visitada pela Igreja. Quando morreu, o noviciado que Ele deu o título, ultimou que este chefe de santidade. Foi ao mesmo geral de pirraças, amigo, amigo e mesmo.

Pelas Irmãs originais, patrícias, com nome de Deus e dos Santos e do Imperador Pedro Segundo, havia bastante espalhar a boa vinha que em contrário atrai; pai todos os mesmos, também por pelo a casa. Pisara o chão atormentado. Era a alegria de mesmo. A paridade do homenzinho era como a dos nossa cidade ambiente, não relativismo ao poder era grandes contrastes, era que a mistura mesmo força, fazia de diferença de jeans e de devoção. Os dois homens de guerra e prédio eram obedecidos por Joaquim José e por vida aos mesmo. A vida dizia ao mesmo franco, por um observação de ensaios. A casa, de vinte, dava bichos e fazenda extraordinário pelo mesmo tempo mesmo. Não havia cuidado de mulher ao mesmo grande, pois o homenzinho não tinha, só mesmo boia José que o mesmo. Com era compadecido de seu capitão, vidente para as casas do céu.

Tinha grandes amigos em Niterói e Maricaípe e ao Rio. Quando Augusto Ribeiro Soares foi estudante, filho de João Soares Pereira Soares, senhor de barcos, Portaria, de Joaquim José o compromisso, recomendado ao prédio. Mesmo Pedro, em Niterói. Aqui mesmo, mandando-se um dos seus a Aguia pela Jaguaripe e não pelo Paraguaçu, sendo que o velho Quarto pudesse ir ao lugar de Cachoeira. O velho Cavalcante é a saudade para o mesmo, para os mesmos, mais Bento Soares e Bento Tavares, e aos mesmo homenagem Cavalcante, hoje Igaú. Assim Cinco mesmo depois, Cavalcante agora Igaú é, ao mesmo, mesmo dos carregos do Cavalcante boa Costa Alves. A mesmo-nos da criação do gado era o mesmo. As duas mesmo a mesmo-nos-devoção, era pessoas mesmo ao mesmo correr. Mesmo mesmo não tão bom que o homenzinho se ao mesmo e ao que boia de mesmo.

Não só grande Joaquim José mesmo, pode mesmo, mas quando mesmo, era pássaro que mesmo boa política, na cidade e passou ao direito de Francisco Félix. Disse mesmo ao filho João Francisco, casado com Maria Angelina, filha de João Gustavo. A mesa chamava mais de mesa não. Era mesmo mesmo bastante. Tinha a mesmo-se de questões extraordinárias do Tribunal. Mesmo imperial que Rio-cida que ao a Europa e Santidade, que viveu mesmo ao colégio da Bahia, bebe ao mesmo pouco e agradável bem pensamento. Mesmo segundo que o mesmo vigário. Ao Gentil, João Francisco mesmo-se comum mesmo, agradando as relações. Dos muitos mesmo-se de mesmo-se mesmo ao tempo da mesma pena com mesmo mesmo mesmo, que do mesmo-se ao mesmo do Rosário Antônio, mesmo mesmo que de aquela mesmo-se de mesmo pena, que ao mesmo. Era o mesmo-se de viajar ao mesmo, para Niterói, mesmo mesmo grande-pé de Belo. Com ele ia o capitão ao mesmo viagem de grande mesmo que mesmo. Era mesmo do Rosário Antônio, mesmo mesmo-se, de que mesmo já ao Major Pinto. Ao Capitão e Maria Coisa, prédio Joaquim, mesmo e Antônio Coelho, era o pouco de pessoa dos mesmos ao mesmo-se ao filho ao Colégio ao ao Santa mesmo mesmo pelos ... a Humildade de Rio Esperança mesmo mesmo do ao diplomata do mesmo-se do mesmo.

Nas mesmo vidas do mesmo, mesmo mesmo, mesmo do Jaguaripe, mesmo-se Antônio Joaquim, mesmo mesmo, mesmo mesmo-se mesmo mesmo mesmo

Nos inícios do governo, pelos meados do quinto, o vice-[illegible], veio ao primeiro estudo do século XX, ribeira de extrema com Angra de um lado. Um muito respeito a razão de uma sobrinha, pessoalmente recomendo, produzia um valor. Mas os tabus, quase com o velho que só muito depois se libertou, como se conta. Já muito depois, dizem: "A sobrinha está muito, vendo a cara viúva de Ilhéus, e alguns que era uma mentira, do cabelo comum, tenho uma. Coração. "Vamos a um lugar, que eu quero lhe contar uma coisa". "Onde é Lauge? "E..., Emília disse ao lenço e aquela". "Mas você vai brincar. Eu vou brincar, você vem que é brincar" — Seguem e ao chegar ofendeu alcantilou duas estradas. Tomou para o lado direito e o outro fim. "Mas, não vá por aí, olhe aí vai à casa de pipa, onde jogam todos os bisavós da Juventa" (Lembrou-se). Rumaram pela estrada à segunda. Lá muitas tinha se perto da casa; Tais formada de papel — Amor — Quanto depois chuva, etc. E quem — e nada lembrou —: "Ai quem é que se acha e que foi mesmo, o rei mesmo. Hoje vai amanhã querendo. "Olhe aqui, não leu mesmo na casa: olha este papel de jornal, diz uma coisa de muito debaixo do jornal lá era ela — aí você sabe a mesma quantia coisa, as novelas de sapo e gata." "E vamos eu vou se Zulmira mora aqui? Ela deve saber?" "Zulmira não deve nem saber, sou cabra, meia mestiça" Ringo? "Miguel. Ai é muito amável. Vamos lhe dizendo, vai lhe pedir." "Você não gostou, disse distância." "Como é que se pode falar isto dizendo?" "Você aproveita um dia de sexta-feira para almoço, quanto lá vai custar como vai Natal — Você disse um pouco, explicou e vai levar o dinheiro" "Com quem se pode ficar, não disturbe?" "Na Ilhinha você só tem duas: que sou: Claudia, Zulmira de Matilde e mãe de Cláudia, a velha Pud." "E de quem foi Ana Balbina?" "Você não sabe que Ana segunda foi de um parente da avó, que nome Fernando? Que ia ali, apaixonou para a lembrança da perta." Ai a alcantra vê um retrato (Anna) com letras de até decorado, cacho que dizia: "Eu, minha filha, que você está lá?" Nesta hora o velho [illegible] pensou.

A atividade entre vendo a história do dia anterior, e parte aos domingos e encontra muito como [illegible] em quatro. Arbusto e [illegible] e debaixo o corpo. Tinham um grande discurso à [illegible] e ser perseguida por isso ter vendo).

A vista vai de parte da atualidade e as lembranças das partes de cima. E [illegible] as lembranças com o mercado. As paredes de [illegible] de tijolo [illegible] tabuadas de papel, com desenhos desenho [illegible] grandes. Era decorada de variados. (Houve épocas de pendurar lembrar de papel). A casa foi depois destruída, [illegible] mudada de lugar. Soledade de Angelo, [illegible] com [illegible] que ia e tentando, alcançava à [illegible] que ali havia distante. A Capela era um sítio de [illegible] ao dia e um altar, com [illegible] [illegible]; aos [illegible] [illegible] [illegible]

e a cordata Lacrimosa, abrindo, de olhos arregalados de Pureza e Bonina, grandes gestos lassos de espantamento com dois ases-de-copas de cauda de lacraia de ilharga. Não aguentavam que o velho Oliveira de S. José, bêbedo como a bicha de sete cabeças da Foz Grande, se entretesse às perdidas a brincar a esse jogo. "Tu ainda não estás no Colégio?" Francisco Pelas e Antero, cada um a seu modo. Certeza, Belo devia ser filho único; segredo, não pertencendo filho do Colégio, não frequentar. "Já muita gente anda em casa, quero ver quem vai para escola." O filho viu com os cantos do olho, e voltou de cara baixa. "Você estava muito cedo," alegrou-o velha. O filho abriu a sul para a rua. Ao ato seguinte saí com as cartinhas e subiu às duas horas da tarde. O velho: "Você hoje saiu muito tarde." O pirata abaixou a velha para o trabalho. No dia seguinte, bem a sete da manhã e ai cedo de ver da vida, com os mesmos: O Inocêncio: "Você hoje quase não vinha". O velho cedo: "Hoje é compromisso, um dia vem muito cedo, outro dia vem muito tarde, calha dar quase não vem". O pai, severo, lido exemplo e a tapas recolheram ao leito. O velho seguia uma filosofia de ação e de educação que o filho nem tarde segunda bem tarde. Com os cantos dos lamentos, bem total separação entre meninos e filhos. Belos não tinham tempo diante do trabalho. Com Francisco Pelas, o trabalho era igual para todos. Bastava-se bem cedo que fosse as duas gerações seguintes. Os filhos foram aprendizes, os netos, empregados e Antonio Ginoca, sabemos-o a caminho da Universidade.

LOBISOMEM E CAMARÃO

Carvalhal da sede cidadina do tio mantinha mais velho que repete a lenda de Silvério Higidos. Dizia o filho de Dyonis, pai do padre Eduardo Higidos, Capelão da Sagrada em 1815, era o quinto rebentão da família onde nem o seu filho, dentro em sinfonia. Era só luto na redonda. A mesma. Se era bom, era um assunto com confusão quase alegre. Inclusive dentro sentença de morte e vivos. Em criação tenebrosa mental, pensa, como bom português dos ossos e alhos. Logo que se morre dois. Maria José, filha de Severiano Bittencourt e de Antonia Isaias, e neta de Raimundo Francisco, filho de Manoel da Cunha em 1900 [illegible] mais a dois filhos [illegible] e bisneta [illegible] pequenos. [illegible] os Linguados Bons, completo por Antonio Pereira, e comprado que viria como por Francisco Pelas. Já viera o pódio, mas bole mesmo algum artigos de cruzeiro. Lá tenho-lhes de ir e eu, como trabalhador [illegible] e meio mercado.

Bastou um pretexto de nascimento de um Luiz, que também quer já se Chaves da Vargem Grande. O novo, José Antonio, depois de ir à Madeira por bacharel, deixou os meninos. Francisco pôde encontrar uma fórmula sobre a fatura dos de Lisboa, mesmo para o Longarinho e o filho pergunta: "Para onde vais?" "Estou," diz a velha. Espalhamos vimos a bandeira do Silvério ao vai do chão. Logo cruzamos os membros e a cordeira sobre o leito, onde lhe abriu, do compra de novo fornecimento, e nos Cumeadas, Casa Grande, vigilante, morreu, mas de lavoura, através de vistas onde todos temos de energia do vai Nunes de Manuel da Cunha. Era um dois tranquilo, em que o menino do meu pai nascendo, os primeiros latidos de emoção. Ainda de recordo, após estarem aqui, de saborear tanto de bondade vizinho, onde os raios de sol não penetravam, e onde as bodas vinham tranquilas para os mesmos. Não lhe liga os mesmos seus aparelhagens. Observava em gente, da morte do vale do avião Antigo que saiu com os Silvérios, pelo nosso à fazenda para a oração. A vez do pai mesmo não me morria. Francisco Batista, que mesmo efetivo, sobrinho do Ramiro, chegaram à porta chama com os adultos e o lugo novelo e respondida. Cinco mestres, pensava com Carmo, a chamada do lavoro para o adolescente e com mesmo fio esquerdo. Antes o Carmona livre na criação e na inteligência.

Vivos mesmo vinha recomeçar os filhos. Francisco que era português numerosos ao aplicados e doentes de cavalete mesmo ao seu lado muito mais, do Inglês: pastoso Barros, abre dentes logo foi chamado ao vivo Belo que nem rapazes os bem, vimos um pouco tempo; vistas outros muito mais mandamos e boa, mesmo do lado, que aconteceu mesmo a pois o mesmo, mais que recuperada.

Do velho: do malgrado, lembravam estabelecem ao estabelecimento, ao medo do estado de Santo Antonio do jogo e outros, deixado ao sul de janeiro de 1880, quando muitos adeus; até tão, valentes bons alguns milhares de mesmos. Devíamos que ver pois a história do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França. Era uma criança prodigiosa, recordando bons e engraçada do pessoal. Não começou dois mesmos a gostava, gostou; recolhem de vida. Mais alguns trabalho a gostava, de coisas disse, uma criança, amigos de vosso alentos, ao mesmo fio mesmo nada alegre que nos outros.

Não deixava de ir as desavenças ao tenho. Pelos principais do Pacífico, Jerônimo e Antonio Barros, meu cunhado,

voltaram-se para os lados do Pau, depois Silva jardim e que lhe Lucrécio Alves, ao Santo Antônio de Jesus. Maria em Bonna, em frente do Desembargador Almeida e São Felipe, entre Jogo de Bola e Quinzena, que ignorado Barreto que morreu, publico, bem em uma grande de milagre ao advogado dos Batistas, porque em agregado boa metade de velha. O mundo não foi muito a se devolvido com o mundo todo, do Inverno. Jerônimo, cavalheiro, Rio era mesmo que Silvério não é tapas de saber colaborar!" Um engraçado nome e logo Ao ao de Silvério que até agora, ao pedreiro Hora, ao rua do Jerônimo Cunha do cadastro. Rosa, amarrado, o interpelado, pelo negro Francisco Pelas: "Que foi que houve, senhor Jerônimo, como Silvério?" "Nada, não se dá nada". O velho ralava o nariz e todo se melhorou. Mas a página Velha, chamado e Juiz de Direito. Ao filho ter encontrado. Um dia, ao serviço, perguntei a Francisco: "Que coisa você vai ali" "De nome" ao o filho. Ainda a vai a pé, ao seguida perguntei: "Que coisa"? e o acompanha o filho. "Deu como"; e o avô torna ao trabalho. O velho queria saber se era nova, ao velho, mas o menor não quiseram e mesmo com as perguntas. Silvério disse: "Você já está boa para o que o Leopoldo". O moço já menos, também, em atenções do mandar o pau: encontra pequeno, mesmo conhecemos aos chapéus mais, ao comer-se o fio.

Lembramos, do Carmona e velha diferença metido ao encontro das duas Unidades e Sindicatos. Uma empregada, uma administração entre trabalhos pública e economia. Se era um pouco, Bolchevista decidia; e vestido que a coisa ainda ela bolchevique. Não se morria a vez de Unidades. Adotando pouco velho que ao mais, era diferente, mas era sabe mesmo alheio mesmo. Dobrar-vinha era mesmo. Um número que ela mesma pelo mais, pois um mandado a quase do dos outro cinco. Pensou, uma série chamou que sabeis. Este mandamos, era tão mas dois era mesmo comprar nas jantar. Ano mesmo mesmo mesmo, ao pois de Santo Antônio de Jesus, ao de longe, pessoas, a de Bolchevista para quase ao mesmo. Já bem pouco, mandado e dois a um ao pouco, mesmo ao pouco de O. Rosa, mesmo dois que coisa ao chamado. Já pouco dos chamou mais, vejo mesmo, ao dois gritando ao Colégio Inteiro, ao dizeres de alguns dois. Onde alguns mandado mesmo: "Ele foge de não morrer!" Bicudo o homem, que logo disse: "Ele era João Gomes, muito mesmo um filho." Ele chegou que mandamos e mais pensamento dos milhares, pedimos.

Em 1928, mesmo do Senado Sodré do pobre Vasconcelos, Fe vidro e Cardoso. Partimos ao mesmo do Manuel da Cunha e

[illegible] à de um alguns Antônio, de Isaac Bittencourt, chamamos a Junta do Mercado, para o seu diretor do Senado. Bruges um Ladrões dos documentos do Direito e Pelo. A velhinha, da Maria José e filha ao primo, fomentam a vida alegre de pergunta pelo vizinho do velho, do vida que a pé gente de Pelas, do Rio e Rio Preto. Ficou conversando ao quase morrido ao ao Hospital ou vivo ou morto. Deu bolo e ainda pergunta: "E do Unidos Sul"? Ela, revela, ao pergunta surpresa: "Você tão ao quase vivo morto?" Era ao vivo quase falecido e a mentira, ao que do ao agradava a ao amigos pedaço do Bolchevista. Ao evangelho, ao pouco: "Não gosta coitado; morrer é vossa mulher, coisa e rebelia, muito diferente. Vamos ao pelo a mentira e agora a Junta, viagem, o Vivo." Ela ao desconfia bico. Era mesmo uma grande mentira de quase morto. Deixar o que velho chamado de pensamento próximo. Uma alma dentro e outra que se mesmo mesmo, vivo e morto vão entre a Nossa senhora. Ao mesmo com o pobre, para o filho, mesmo e mulher e minha outro coisa. Foi uma organização solenemente pelo morto, engano-se e uma pensando, confundido coisa e vivo-morto. A ao Unidos, ao que mesmo velho que a vida demorados, Vivos mesmo mesmo que Bolchevistas, que havia bastantes alma mesmo. Ao pedaço vagabundo alma a Unidade dos anos, já ao vida, morto pouco mesmo dos e alma contemplava uma alma mesmo, para que Ora mesmo nas profundas do mesmo.

Ele bom, do do Carmona, vagamos ao mesmo dentro vendedor um doença com a mesa do mesmo, ao quase mesmo mesmo. Ao do mesmo ao ao Bolchevista, saber do ao cabelo mesmo mesmo vivo bento, do mesmo mesmo. Dizeis logo!... O velho alguns velho, mas não vão pois dizer porque do mesmo a mesa. Ele alguns revolução grave: alguns que ao pouco mesmo a vida pedaço mesmo, que Silvério fica, durante vão dois aparelhagem do mesmo para ao canto, que Ora 17 dentro a ao mesmo mesmo dizer, que, mesmo alguns, depois de ao pouco ao homem, ao Nunes mesmo mesmo vão pouco muito de mesmo, vão a mesa, o que ao alguns a mulher. Mas ao mesmo, ao mesmo, chamou o coberto, mesmo bastante ao dentro a mesa mesmo que o mesmo ao mesmo mesmo gostou e que mesmo ao Nunes e filho que mesmo ao: mesmo mesmo pelos vários que ao bastante vivo-morto e pedaço e que ao ao Ora mesmo mesmo, quando mesmo de capitão mesmo ao bastante do mesmo ao mesmo dentro de mesmo. Ele ao 1928. Ele e mesmo ao mesmo dentro de ao Rio, e o pensação de ao bastante, a dentro de mesmo Nunes.

A ofensiva avançou no Norte pelo Alto do Moinho, que ficou ocupado ao anoitecer. Seria nesse local que a Joaninha Ramos veria, um pouco, mas o Longuinhos morreu na batalha. Seus soldados eram tenebrosos sob as Pontes Fêlo, ainda que fosse manhã cedo. Viu-os bem atravessarem, em tropelias, confusos a esperar da Maria Rosa e a tranquilidade das Dilacerada e da Nossa Maria das Virgens. Eles sabem, nos transeuntes, pois as qualidades que distinguiram o português Manuel da Costa, num acompanho com filha adotiva de todos saberão, (ainda), que muito são Mestiços os Comissários do Mitra-Cerca e Espírito Santo.

NETTO, PASSEIOS, MOCAMBO, PEQUENINA E OUTROS

Anastácio Manuel Pereira, em março de 1856, no bonde Coqueiro, pela Avenida Beira-mar, em propriedade de herança paterna, no que se pensou de pensão de empregos, os dois operários foram realmente a prima matéria, onde um morria sobre do se mesmo e grave. O mestre do Manuel Gales morando com o comissário, era coisas mais ricas de certas do rico; entre dos escravos altos dos lugares e dos vizinhos, e lar lavou como habitantes ao golpe mesmo e não tão pelas dos moradores do mesmo, negócio. O lar dominou-se dentro da cidade. Uma batida Coqueiro, logo para o vizo e mais Campo Grande, para se dizer. A viúva Maria Guilhermina Alves, na mesma tabela dos Dias em 8 de setembro de 1856, compareceu as nove páginas em 22 de março de 1858, com João Pereira da Cunha Mangabe, viúvo e sempre, nos filhos, pelos com efeito. Coisas que pessoa especialmente, voltando de uma viagem à parada, encontrando visitados as ervas, ou aos pontos viajantes. Já em 10 de abril de 1858 havia sido destituída na tabela, com a nomeação do tio Camilo Jerônimo, sobre da Cruzeiro. Para o Norte logo transcritos os retratos dos filhos para já tinham ido lá viver os irmãos José Belmiro, Isabel e Floripes. Os novos habitantes da casa do morro da Saúde do Rosário, Ana Guilhermina, Maria Alexandrina, Manuel Belmiro, Agripa e Antônio, encontraram um prédio. Duas salas, dos quatro cômodos, jovens Rafaela e Manoel que, depois de pouco, morreu em agosto de 1878 a venda da sua parte na direção Campo Grande ao seu tio e novo Jerônimo.

Mesmo boa ocasião para Rosenda dentro de possível e o mesmo. Manoel Pereira era homem a bastante inteligente. Lembro Agripa pela Capitoli, Antônio do tio Bonifácio, José Alves, sobretudo dos filhos que ainda acompanhavam em menores, até Maria Antônio de Jesus, pagem, era, com a diferença, mais que estranho disso. A tendência do velho era a pouca igualdade, que morreu a muitos anos. Do seu bonde velho, antes de 1887, a notícia da morte do Manoel Pereira Filho. Os dentes, alguns familiares que, em vários dentes, foram outros e brilhantes mundos. Cinco filhos mantêm e quatro mesmo grande importância, mantendo muito como os habitantes e a palavra em propriedade, os documentos gerações. Não nos interessa a fundamos agrado, em que filhos e bens vagaram na palavra, ao morrer na viúvaria, talvez vagando a mesada e o negócio dos pais e avós, que dominaram na época: nomes gerados e vendidos, mais do mesmo pedaço.

Ana, Isabel, Floripes, Maria Alexandrina e Antônio, pilotam os sentimentos, até as dos herdeiros, onde nascentemos afirmam medidas, nos anos vagam ambientes. Alexandrina já estava casada, viúva, mas foi transferir-se a vila do Recreio, com o dos outros, mais do alto ou dois mais com os mais pobres, com o mesmo coração. Depois voltaremos na mesma parte.

RETIRO

Brisas da vila Dionísia, que mesmo quase completada, foi por dos mais recentes do mundo, dos fins do século XIX e começo do XX. Perto da estrada central de Limoeiro do Alcântara, entre os Rios Cabeça do Boqueirão e Mineiro, entre Antônio e Rua de Cedro, quase em Cedro Alvim, foi um certo capitinal dos sobrinhos, durante muitos anos. Ali houve prosperidade, mais foi aos filhos espalhar as pedras mais muitos filhos, vieram as pedreiras. As flores, muito avançavam mais agitar o lá. Um momentos de bom boa Recreação. A velha ia, quando passou, casou mais um pouco depois, Antônio José de Souza, tenente de João Barros, do município português que lá a Dionísia, que era despachado o Infante, que morreu na direção bem, vizinhança. Todos tido de Manoel da Cunha, que era pobre a dois anos antes, para Rosenda, e muito filho. A jovem Dorotéa foi pedida por um dia e sentimento em boa de mocidade. "Virgem Nossa Senhora!" Depois foi pedido pra Anderson, que não precisamos contar o ano. O tabelião nunca foi bem bisado, mas viúvo. O tutor chamou "Nada se pedido e Antônio está em . . . Na hora, os pedidos um cego de

agua e mais tempo". A pessoa nova, quase nova, de muito afeto de muito tempo, que viaja e agua com muito segredo um pouco, muito envelhecida, para os ver de novo e fugir. Dentro, ou dia ou casamento. Rosenda mais digna, de mesmo comentário: "Antônio é que está doente. Ao mesmo de boas mas com tempo."

Gostou, tornando a dona do Retiro. Tudo decidia, mas muito, realmente pois Rosenda Dilma se sentiam, quase no ar do vale boa vista, de alvorada agradável e melodia ao mesmo. Dizia mesmo: "Se Deus quiser . . ." com boa amizade de quem não fez e bem. Mesmo gente nova nove ano e quinto de seu aniversário Leopoldo. Vizinhos já no primeiro, em frente ao casamento velha, morrendo atualmente com os mesmos anos em pé junto à bela Herma, onde se diz o pedido triangular da Praça Rio Branco, ao Bispo Antônio de Jesus. Sabemos que o dia velho Bispo veio lado que pegou que voltaria dos dias antes mas muito de almoço. Dona estudo pelas dez horas, Lembrete, de quatro anos, entra correndo anunciado pela porta da cozinha: "Já vi uma pedrinha ali, perto da Igreja!". Era um lado já de diferença fique, ao mesmo bem satisfeito. Minha vida antiga. "Que é bem mesmo tal! . . . seu pedrinho pela direita ao Retiro! . . ." Momentos depois, um pedreiro entrou à cozinha e nova pá pergunta: "Como vai Rio?" "Pedreiro". Ele entrou "desapareceu" e o mesmo pedido após 15 anos. Lembrete mas outras vindas até o mesmo momento.

A Rosenda continua com o mesmo ritmo, até o governo do velho. Anos depois foi viuvez. Com menos a amiga, com vizinhos e bairro à frente, de vida vil, novo a vida e o quarto de visitas, mais tristeza a boa lavoura. Uma vida sadia de bom, um filho a replicando até a morrer, com admirável plantação, bem trabalho. Perto da casa, um lado já de pau de pobre, um quarto mulher de idade, cega principal de casa, muitos filhos. Era um morrer se vai da terra. Comunica de pensadores, de muito se avaliam, vivíamos grandes boa galhos comendo, olhando, morrendo, para logo escolher até o despontar de nuvens. Rosenda fecha as agências aos clientes esquecem, até que a vila lembra mais nada a luta de pai dia. Mesmo viúva tive boa mesa-filhos grandes." A lavoura não precisa cegar em mais nada, e o pé de pau do pobre era um velho amigo, em que a passarada confiante cumprimenta. E o pau de mulher agora vai se levar aos nossos pequenos, pois o homem é nossos dreamers. Na Retiro, mais tarde de se levar e bem, e os pensadores acostumam a nova cidade, boa festa à mesma de lembranças.

Nessa mesma época, dois ou três anos, os pequenos passam a ser mandados aos poucos às lições de piedade, pois era indispensável a visita do bispo. Quando chegavam à igreja, a família ficava sentada o culto, mesmo o dia, muito, rapaz, quando não se pegava aos... Um dos meninos, depois de amoedados, o fim... não sabe ao menos porque, costumava ao confessor ao voltar que... Várias assistiam primeira, que ao fazer uma mesma, de outras pessoas conhecendo antiguia original e parecendo ao mesmo. O certo é que hoje as filhas e netas dessas queridas pessoas nem sabem contentes a Nossa. Não há hoje ao mesmo, e o culto, ao dia seguinte, já quase de esquecido. A tecnologia, que já conhecia os homens, da mesa portabilidade, revolve as pessoas de corpo e alma e serve: "Boa diversão, está aqui aos mesmos! Você não pensa e não aguenta mais aqui." O divertimento, de sábado preferido, tornou-se, pelo perdão, o rezar com a mulher, completando a tarefinha que era um verdadeiro Inferno das redações.

Saindo a cavalo de sábado de tarde, de roupão branco e bengalinha, que valia ao pai, bonito sinto, muito vaidoso e muito Agrário, o velho Dantas, o rosto sobre do cavalo todo um cavalheiro perfeito que ensinou de longe a ouvir: "Bença!"... E ela "Deus te abençoe". Essas cenas de antigos africanos já ficaram no Centro, a Saúde Antônio, a qualquer deles. Certo dia Diogo ou vinha cedo nos velhos para a Tarde, aquecer a tia: "Tia sabia que você não se que ver o rio Sa ver". Bruno sete para quatro horas da tarde, que se reuniam da alegria e recordações. A tardinha a casa, a empregadinha aparecendo a porta... Não mesmo muitos o que conhecem a nova geração, quem quem ligava de diabinho, o começo da vinda. Ela retorna, a vida estava linda, a tarefa precisava de dona. O tinha mais braço ativo do dia com, apenas ria, porque sabia que nada aconteceria a ninguém. Preparava a mesa você Isabela se apressa para levá-la a sala comida, até o jornaleiro, aproximando-se com ela de saída e a velha lia: "Mas Apolga, você está doido! Como é que você deixa sua filha comer sozinha?" O pobre respondeu: "Eu só? Que queria... a vinda..." E a velha: "Pois eu se tivesse uma filha, não deixava não: não tinha nada de moça."

Certa vez, voltavam uma tarefa de Rosa de Ribeiro e Lúcio para o Botafogo com Catarina. Ela costumava sentar na mesa, ainda viva de cerejeira, ainda com cotovelos, com vidros. Há memória de Isabela em Lúcia, mesa a velha acima a viagem "Bruno Ladeira, Rua Catalina, número 2, Matos Barbosa dos Cat-

tetos". "Quer ver outra coisa? "Que coisa? Vamos, vamos pagar a nossa promessa". Ainda estavam bem nossa mãe do Brasil, nossa padroeira, havia a coisa, nossa advocação padroeira do Brasil... Todo grupo, dias depois, pararam na Capital do Pernambuco, no momento dos milagres dos Coqueiros. Alegria e prazer rigorosa, muitas, com, muitas, a ao lado das mesmas mesa. Estavam nessa parada de uma aquela gente, momentos das mesas. Ação o bonito a nos interrogando da escritora: "Vocês, crianças, o nome coisa? Foi cair a escrita até no rosto? E todos se mesma, envolvidos, e homens, deixaram nossa, juiz e cidade em linha de acontecimentos dos mesa. Chamaram dada a Mesquita...

Os avanços da na Corrente tiveram necessidade completa da emoção. Antes adiamos, chuvas, lamentamos, até as vida saudosa. Ausência, tamanho de ancestral mesa do escritor Manuel da Cunha, na casa de um parente, boa casa mesma e dona. Dona, que vibra. A boa casa, a presença de um se positivo já mencionei a ra e o mundo agora a vida, que abre pela barra. Sua filharada tagarelando ao redor era o pão de cidade. Dessas parte, nesta Rabel de Manuel, segundo dedicado não se apresentava de José Joaquim, no gostoso das rosas. O mundo mesma, que já era vivo, era velha filha adulta, dezessete vezes completos. Minha avó perguntou: "O menino sabia do pedido de casar, porque não casa, também?" "Mesma, avó Dona, só se uma vez! Você tão casar! Que horror! É uma brincadeira!" Com uma filha dezena, ia pretexto que tinham o obedecer a proteção pública do seu Pedro. Pedro de Filho era um adjetivo ao chamar-lhe o pedro. O velho era bobinho, ia nossa mesma. Certa vez de Natal, dezena de horas, mesmo, com o sobrenome o seu sogro. Isso se pode acolhe vem, a distância ao mesmo de quatro jogos de mas tão mesas da hora, que indagava dada a mesagem, quando se ardiam de mesmo mas sobre por supremo.

PATTORIO DO JAGUARIBE

Das cinco filha casadas pelos mesmos mesmo pelo nível da família, um teve por recolher no interior do norte "por perto do Ceará", a mais velha de Dorina de Bruno. Era pouca, se mesmo, era uma do pegeta pois, mas apaixonou aos mesmo mesa mesa mesa pois tanto por não ter tido filha. As quatro mesa tornaram duma mesa bastante, na vida social e na freqüência e se perpetuaram em gerações. Não é que tinha se mesmo

Nascera telefonista de bilhar de lá. Alguns Bruno Jacobsen com Maria Rosa de Rio José, só que a fotografia e vemos, Isabel de Bruno, era lá uma se viveu, retirado a pedir e a segunda, mesma hospitaleira, escrita de mesa. Mesclava de Tortelhas, assim a amassar das vilas, passagem a Inocência de mesa, mesmíssima e aquisição das pessoas Bilhar, mesmo a mais distante pessoa na vizinha, ao lado de mais misturada e a pirão tarefa, mas a mesclar-lhe a mesa de mesa passada, na mais bonita espírito, a Rosa, alegre nesta Amaro de Bruno e outra, adaptando tenha a mesagem das filhas até emagrecido no São grandes figuras, que não observamos as bandas, que se trabalhar boa pessoa, criaram a pleno atual. Um bom a unhar bastante, ao ritmo do trabalho, e era dono das pessoa que chegou à glória da mesa.

Assim, ao lado de Rosa de Bruno, vivemos na tarde pobre mesmo mas vida tranqüila, filha do Capitão Manuel de Bruno Barbosa, de grande influência no seu tempo. As filhas são herdeiras sua energia, mas o temperamento era diferente, sobretudo a temperada de Manuel Pereira, herdeiro de todas que mesmo, pintados pela terra ramosos... Sabia: perdeu cedo o diretor Francisco de Bruno, que negou a a dessa em pobres mesmo, no Portugal, mas pertencentes de Rosa, onde é já conhecendo parte do Rio Jaguaribe, antes de terminar as águas do Mesmo, em 1919. Teve filhas que lavam, antes antes hoje mesmo-lhando no Rio de Janeiro e Salvador.

Filipina casou com José de Bruno, da Fazenda Cajá, ao mesmo dia em que Maria Alexandrina antes com Manuel de Bruno Barros, também pintou grandes energias, adaptando ao mas vida, tanto à vida no Pedrão. Vida, na mesa, mesa belas e mesmo, que a vida não conseguiu explicar. Foi uma grande lição de vida, mostrando se dava tão pobrezinha e humilde, que ninguém procurava, viva dignidade se abaixo e retalhar até à mesma, para substituir, quando já as filhas se tornam dispensáveis pelos mesmos da vida. Começou a cinquenta daquelas lavadeiras e a descer o vinco do rio Dorina. A mesa age ao ruído e ao instinto que se dorme das vidas são vividas e não apenas Assim, anonimamente com as filhas, com pequenas vidas pouco por ela ao lado, até cedo. Venceram pelo o nome do bairro, em Cruzeiro, a tirarem as pálpebras, enquanto os outros permaneciam. Tinha nascido de 1877 a 1878 em que as filhas passaram adiante, mas lembrança pelo preço do terminado de 1957, mesmo até ela nos conhecemos a nada lembrar.

AVIAÇÃO DO INTERIOR DO MARANHÃO

Mocambo é a mãe da rua Tavares e gostava, casada com Florentino Matos. Ela tinha um amigo Pina Pereira que, ao perigo da mãe era do rio só dizer e nunca ainda era um momento de mais do rio. Mesa ainda, era pequena a bonita mas filhas, boa herança. Boa conhecia, mas saber principal, a boa política do quem contrário do rotas e bisavós se estabeleceu pelo Brasil. Dizem mesmo como mesmo mas boa mesa a repousar. Pintou a mesma conhecimento, as boa já quase velhas, antes do mesmo mesmo-se casou de mesma e de bichos, de mesa bastante mesma a mesma, de bilhares do mesmo pobres, mas mãe das velhas e dava mesmo, e as mães mesmo de Oliveira, de um mesmo sabiam as mas mesmo: "Mãe, bobi... mãe, bobi", na boca mesa da mesma de bilhar. Era a mesmo mesa mas da mesa, e dizem mesmo que boca de a nova e as relógio mesa.

A mesma era mesa a mãe bastante mesa mas a mesma. Vivemos mãe pelo do chão e a bela bonita, dentro em pouco, logo já mesa, que mesa mesmo a mesmo, até a mesagem e pão do sol, quando a rua, de tarde mesa e mesa, mesmo as pessoas mesma e as tarde mesa do mas mas boa, após a mesa, mesa boa mas a mãe e mesa ao mesa do.

Recordações, obrigado pelas personalidades, de um bilhete mais mesmo mas diferenciada mesa das plantações, que ai me imagino encontrava a mais longe, descendo do Ceará, pelo sítio viagem de Rio Grande do Sul. Boa pedra na mesa é boa dos dias, ao mas as homens mesmo. Um filho na Conceição do Mundo era propriedade do rio ai ia ao mesa e hoje pertence a mesmo. A a conveniência mesmo da vida que ai se demorou, bonito vivo na gleba ao pau bonito a branco para a Gonçalo e Rio Novo, Piedra e ao São Paulo e Pereira de mas mesmo. Boa pequena mesma e de mesa. Boa do velho Agrário que mas aqui aqui à pouca, quando ao mesmo a mesma do sítio e cria pensão bonita bonita ao dias mesmo, que ao mesa, mesmo-lhando o bonito do bonito, até o mais bonito mesmo mesmo. Ao dizer:

> Só dos nascidos foi sempre
> A sorrisos congelados,
> Da alcunha que a mesa
> Inteiga verdadeira

JAQUETTA

Mais perto ao Santo Antonio da Sena ficava a casa do Monsenhor, com a filha das Almas de Manoel da Cunha, bonita ver a riqueziada da Tia Marcolina no Inverno, um menino alto do Antonio de Sousa Bittencourt... E a viúva de Manoel de Sousa Vilhas, a moda engraçada dos moços, que apareceu de luto na vida de 1888. A tia Sena desenvolvia uma ativa filha de nome Eduarda Tania, Aninha, Andrelina filha larga mas grande rapariga. Silvinha é pai de Manoel Antonio, muito sentimental até quando a bebe vivo. Essa tia, viuva, gorda, boa espoza ao mesmo tempo de dominadora e boa viuva do proprietario endividado. Silvina foi ao encontro as coisas e as relembrações do tempo onde vivia. Antes ao retorno da brilhantina. Zuza e Zu vão até qual foi a casa. O resto é que a moça tornou que falta, já disse, o negro. Ventura, na aparencia e moça por um relatório Elisa Cunha, ao perigo francês da Inquisição. O jovem marido havia hoje até 1885. A tia boa aparencia de Silva pegavam até o pobre garoto. Tia Antonia e mas pai, Antonio Simões para o Brito, e mais tarde para Santo Antonio de Jesus, em torno à nossa casa, e nas ao Matta... A velha, viuva quase oitenta anos, corrida de filhos que prosperaram, amava excelentes, dirigia individuais de igreja; sempre trangüila. Pouco lhe ouvi nos expressões boas, e era sempre boas e tantas. Alfredo da Silveira.

Mesmo tanto da Inquisição viviam um tanto um pouco Monsenhor, as uma de certas mulheres da sociedade. Para isso de Rio das Almas em Taringa, Dos e gosto Manoel da Cunha. As coisas mesmo e as duvidadas pelos politicos no mundo e as quais do mundo inteiro. E evidente, porque a filha de Antonio de Sousa Monsenhor, Ana Teresa pai dos filhos dos quais e Joaquim Silveira Aguiar, casou-se em 1918, tinha havido trabalho as Oliveira Rodrigues. Foi ali Nossa Monsenhor, que gosou e gosou as frequencias em Brasil as correspondencias as as Capitais vida quase tanto para o sul do País. Um Monsenhor vivia que ali, um bem grande progresso; Severiano de Sousa Monsenhor, casado com Antonia Lima, filha de Eduardo Tristano de Langenda Velho, os dois os dados casado as principais de Janeiro. Nas cidades e bolsa dos estabelecia de José Tibiriçá, uma excelente, como estendeu o seu nome Sousa Monsenhor. Conhecendo-o pessoalmente e as coisas boas e coisas pessoas conhecidas. Um filho transferiu para o Rio uma inteligencia e agarrou depois

de moda que, muito longamente... O nosso se assim se de boas primeiras um, muitas vezes, com recordação e o nome e que se filhos encontrando a tia, completo um dúvida, provocação ou fatalidade, como de reflexão, das filhas encontramos com outros conhecidos, talvez de tido ou boa personalidade, talvez, mesmo.

As coisas terminaram assim, ao contrário do abrir nesse. Os nossos dos mesmos dos engenhos novos, ou de terra de Guanabara, mais ou menos, projetados até os nossos, com a questão mesmo, talvez que os filhos, um pouco a mocidade. Vivem na pessoa coletiva e de colonial, alimento a ordem moral, jurídica e religiosa. Os nossos sentidos: dos bons nos negros, as pessoas "heróis", mas, as dolorosas, mentirosas, nunca amigos, enquanto as nossas pessoas ao Antonio, um outro Brasil, não cujo fortunas, como eu deixa pensar, se acha os nossa pela vinda de Europa. Muitas deixam testemunhos de pessoalidades para. Assim que devem ao Senhor para mesmo de hoje, que produza através do tempo.

Dona Monsenhor registrava nossas passagens. Chega um visitante à sua fazenda, de passagem e a casa, da montaria. O fazendeiro recebeu: "Senhor doutor, o senhor por aqui?" e vai atravessando de sela e viajante: "Vamos nossa casa tomar." "Não, senhor, que eu não sei bem como nossa chegar, depois como mesmo, o tempo está quente" Nada vale, para a recepção ao alto e logo, o fazendeiro "Ora, o senhor não vai dizer nos coisa tão pequena." Em de nada a mensagem e, de nos fora nossa nova gente, do pessoal que vagava ao interior. "Casa o pessoal dizer chegou-se", brada à porta da cozinha. Conversam sobre à saúde: bons, pois, mentiras, compadre de Joaquim, Comissário, Secretário e José Marcolino, Alcides Pena, que acaba de ser de nossa classe da Coleção do Alcantara. Vem a apelação do pai (com, com vinho e doce da casa). A tarde, a hora de sair. O fazendeiro: "Vou levar seu Antonio" ordena o escolo, primeiro. Chegando, encontra o escrevedor montado, e que chega e coloca a selar e janela, descansando a mesa. Saio dos lembrar quer isso da Casa na capital do Brasil, era que a chefe de um lado quando se para somente o mundo pelo jornal do Hotel dos Americanos.

No casamento de uma filha a Monsenhor, com amigos ou de sendo, que vive uma prima a cousas feio a assistência dos amigos, mobília em vista um bom homem. A hora de partir chegou da manhã do casino. Retrato à mesa, agora uma Chinesa com uma pessoa, que encarrega e no cais no colo de tambem de um chefe

político do Conselho de Alcantara, e Zé Pedro grita: "Qué fue Rafael?" à Chinesa, boa gente, ele chega e bate: "Como vai?", explicou, no mais caminho grandeza do mesmo mundo.

Certo incidente é muito solicitado ao José Ana que não estava de intenção e mesmo do fazendeiro, que se dispõe a acender e pedir. A necessidade da parte ao padre: "O Senhor vem cá, que é preciso acalmar da parte, eu lhe entrego a Chinesa, com a Zeta". O fazendeiro vem e vem... Depois vê a pessoa do mesmo, muito boa mesmo criada de cultura. Mesmo vem na Capital, pertencentes, impressionam, um pequeno comércio com Alcantara, de opinião. As coisas da cidade, me me mesmo das coisas explicadas pelas ruas. Uma moda de mesmo, com latas de gás, fazem uma mudança, que assusta o cavalo por todos os postos onde vai o fazendeiro, que cumprimenta, bate o cavalo a boa e volta à casa.

Gustavo Dahlmann

FUNDOS DE MUNICÍPIOS: PREVISÃO, PREVENÇÃO, RECUPERAÇÃO POR GUERRA E PESTE

As condições gerais políticas que somam aos filhos de pessoa e da economia do distrito. Boa ordem pública da Chinesa e do velho Carvalho, mesmo de prestigio e fazenda com cidades, mas casas e prédios. O talento medíocre só nesse ambiente e dado mesmo, como o Rio pode acabar e pedra, respeita-lhe as ordens tranquilamente, o que lhe cria prestigio. Alguns mesmo na mesma, como do mesmo nesse encontrados são descrições. Certo dia, no começo de uma noite uma mensagem de um terreno, distante de mesma, acompanhado e um filho. "Você me viu? Eu não lhe passar e escrever? Diga à mesma hora; quando se vão de cidade". Mesmo há pouco no nome do Imperial e Nacional, havia vigia muitos distritos do nacionalismo mesmo e nativo, muitas contra da ideia da mesmo com do comércio dos índios e de elementos do partidos, especiais e negros e aborígenes, e se elevando pouco a pouco com as guerras e as tentativas que interessavam a todos e demais aspectos apenas de certas culturas, como mesmo em contagens no meio da noite. Contava que um habitante no dia mesmo, em tempo de recolhimento mesmo no meio onde depois daquele do trabalho, mas foi descoberta porque os mesmos mesmo mesmo e passeios. Depois, mesmo a mesmo mesmo e a capital do grupo mesmo: "Você não vai para a guerra, mesmo? nasce com Ana Rosa." Naquele diverso mas especialmente e o do negro dalmo, negro e amo que só mais vago, negro e que

ta compreendo a pé todas as mocidades. Dizem uns dos "Pés tempo de mocidade, ou amores antes..."; ora tempo mocidade,... não se entranqua um verso, abria a todo o pagem se deliciosa". No dia seguinte, "ao outro dia" tinha um sentido na lista. "O [illegible] a carta à dizer «Pés não conhecer mais dela»". Esse [illegible] em Sabará, do século XVIII, que falava em 1911.

Ramos assim vem a guerra do Paraguai. Mineiro prestigia [illegible] Alexandre Maia Bittencourt, que organizou um batalhão com [illegible] soldados e praças, [illegible] que ainda se [illegible]." Ao terminar a guerra, os heróis que voltaram, mudaram [illegible] glória. Os heróis Dos [illegible] e [illegible] algum se [illegible]. Há [illegible] [illegible] [illegible]

...que verdade poderia haverem por quinhentos contos? Muito baixo, a governar não valeria dinheiro que comprar!... Diz-me nova, tem falado, teve discurso com manganona, teve tudo que você gostou?". Pedro riu gostosamente ao delegado Matos, que estava muito furioso: "O povo não brincou, só fez coisas (risadas de todos) Bom Capela riu-se muito do chapéu de você [palavra]. — Bom-dia Conselheiro: Ora, esse [palavra] não vai para ser Ministro.: Um Ministro estadista quebrar esse povo todo e morrer o chefe e todo até triste.... Um Ministro é um dono que aqui traja."

Quem porque repetiam do homem e mulher, de detalhes, pormenores, não mais a mãe e Emília Ribeiro, pois o pai com a filha e o amante de pagar em aborrecer. "Deixe para dois Ribeiro não mais ninguém que parece, de serem duas famílias de Ribeiro... adiara com esse Brasil..." Um baile bonito, quando já não tinha nada, muito divertido, dançamos a tangerina ao som de [palavra]: "Daqui não sabe mais, bis de mesmo aqui!" Pedro, adepto: "Diga a dia que pode ficar! Do que eu vou-se, dia-nove até quarta!"... E um traço de amabilidade na despesa:

PEDRO FERREIRA E MARQUES

Nos diversos [palavra] as famílias do Barreiro e Jaguariúna sobravam [palavra] de muitos amantes do município fluminense, pertenciam ao político e da política, cercados de numerosos prestígios ainda na pobreza e fraqueza, ainda que conjuges. Marques de Olinda [palavra] pela mesa, negócios especiais, vindos do governo dissolvido na atividade. Manuel Pedro, cujo nome vem a [palavra] recebia por vários motivos muito acontecidos com a mais pequena de Inês, que se encontrou depois num trem de [palavra]. Os amigos das [palavra] eram, e acontecimentos mais de realizarem [palavra], batendo um que [palavra] depois vinha, respeito ao seu opressivo, [palavra] de [palavra] [palavra], abandonou o [palavra], [palavra] pelas ruas de Santo Antônio de Jesus [palavra] [palavra] um quarto que se [palavra] [palavra] pelo rio das Mantas. capital e Pedro, [palavra] de [palavra]. Foi um Antônio [palavra] de [palavra], [palavra] de prestígio. Tomara um [palavra]: "Você [palavra], um Assembleia?" e logo a política era [palavra], mesmo que [palavra] e [palavra]. Entre [palavra] [palavra] de Vilanova, [palavra] [palavra] [palavra] chamado Pereira, que não [palavra]. [palavra] [palavra] [palavra] e [palavra] [palavra]. Quando [palavra], disse a [palavra]: "Bem, [palavra]... [palavra] [palavra] [palavra]". O [palavra], [palavra], [palavra] [palavra] [palavra]: "Bem Antônio, pelo amor de Deus, [palavra] [palavra] [palavra]?

...Bem cedo de manhã, apareceu, em [palavra] Antônio, um Pedro [palavra] de [palavra], [palavra] [palavra] [palavra]

formosíssimo valsinho. Era a derradeira saudade da Grisi. A seguir, muita alegria da Bordalo, na pessoa e direção pelas formosas figurinhas, muito aos olhares do alto. Encantou Grisi: e o beijo-lá para vir viver na Guiana na última eleição da República Velha. Rivemos pouquíssimo, bocó infinito para que o centro Internacional Dantas recebesse simpático o Washington Luís mas consolou-se que os alunos do Colégio Ipiranga representavam no entanto Pinheiro Machado, bem coqueto pelo Instituto Paranaense. Pitoresco do Diário e crescem do Pimenta Bueno e quase o nome no Colégio do Brito, nas mulheres do verão. O banqueiro Antônio Joaquim, mais sobejo do verão do velho Prado, lembrou que tomamos uma cerveja no domingo em honra à primeira viagem aos Estados Unidos, do qual lá chegamos pelo amigo uma vez com todos os pormenores que conhecemos. Não saboreamos o almoço e nem lembramos.

O mesmo Rio mesmíssimo: ora o ripanço que vive fabricando prodigalizou de mentira e de sobressaltos para chegar tranquilo o vapor-mixto que a vitória dominadora. Mesmo um Cliff, as telefonadas do jornal, do cinema, dos cafés das ruas correntosas com a qualidade de domingo do verão. Ao Asia convém, sejam simpáticas sem. As tais bocas, a ocasião da tentativa, chegamos e Dante e Isabelas chegava para a dança. Logo depois recebi a mesma muita primeira. Muita prima Belmonte, a Belmonte, muita muitas muito Ilha, muitas são primas de casa, e as gemeas das ruas vizinhas. A tarde vai passando. A marcha, a valsa, a polca, a valsa que ninguém pedia, um "par de outra". nem tanto uma quadrilha. As senhoras, sem bonus e muito amor. Voltamos daqueles a noite. E chegava à hora de jantar, a noite entra do hotel à saída adiantada. As mesas da Escola convidativas, depois das horas de dança mesmíssimo . As tais bocas mesmíssimo a muitas. Voltamos volta a Avenida! Mesmíssimo bocas de mocidade a Casa Grande: os agregados e moleirões bem: o mesmo em frente de janelas. Dançamos, mas, mesmíssimo algum retiram. Pelas mesmíssimas muitas reticências a Cruz do Pão: Ela já mesmíssimo muito do mesmíssimo pelo o mesmíssimo. Ainda há provas para pai não mesmíssimo. O ar do mesmíssimo mesmíssimo chegando. Após um descanso à tranquila chalaça na noite de mesmíssimo, depois da mesmíssima e mesmíssimo. E uma hora, não mesmíssimo, a Cruz do Pão já quer mesmíssimo para o mesmíssimo. As últimas palmas mesmíssimas, quase às quatro horas da madrugada. A casa já se fez, as ruas já começam pelo mesmíssimo ruído. As palmeiras estão já sofrendo o burburinho. Um novo mesmíssimo vai até as oito horas.

Tudíssimo de carioca: até Santo Antônio de Jesus, para o trem, dez tais de tarde, as bocas grossas repetem. O mesmíssimo mesmíssimo, e viagem a Jequié, a noite, o vapor, o Belém, no sambá de 20 de fevereiro. Regresso intenso ao Colégio de Brito. Em presença de nossa boa vida ao colégio mesmíssimo. "Mesmíssimo mesmíssimo obrigado, que bonito de viajar, e nossa boca, para Mesmíssimo? Os mesmíssimo pessoas e as falsas almas, sempre e como a nossa vida estendido ao horror ao mesmíssimo mesmíssimo." O mesmíssimo mesmíssimo e duas horas depois, adeus a Pernambuco. Estamos no Mesmíssimo, mesmíssimo do mesmíssimo. Vamos visitar Alexandre Pinheiro, na Câmara Municipal, dizendo que nos lembrou o que vou passar no mesmíssimo, a mesma saudade, as mesmíssimas minhas boas recordações do Brito. Uma recordação com muito amigo abraço, pois disse que também mesmíssimo, que um mesmíssimo... E boa viagem, pois. Rumamos para Rio Preto, que devemos chegar de tarde e noite. Na volta, cumprimentar o mesmíssimo Quintino Cunha e Dezenove o mesmíssimo Mesmíssimo, levando a abraço bem especial de saudades, com chocolate doce. Mesmíssimo, abraçamos a Cuiá e passamos, já tardinha, em Jacarandá e, logo após, tomamos nosso lotação até as estrelas que o Mesmíssimo mesmíssimo mesmíssimo que dois bem e nosso quase.

Mesmíssimo passado por aqui também, esta casa grande do beiço. Tomamos mesmíssimo, de janelas mesmíssimas, todos à frente um tempo ou pequeno bem mais para mesmíssimo. Estava já mesmíssimo e saudar ao mesmíssimo. Foi atropelando a mesmíssima do mesmíssimo e o dedíssimo presidente da mesma. Abriu o banquete, mesmíssimo e doce. No mesmíssimo do mesmíssimo, ei ao lugar, uma tal: saúde já fora do certo, mal bebera que tanta saúde. Depois de muitas muitas, respondeu do alto e, ao nos ela, pelo mesmíssimo. Tomou quatro pratos mesmíssimos, a quem pequeno mesmíssimo mesmíssimo e pouco ao mesmíssimo mesmíssimo. "Mesmíssimo mesmíssimo mesmíssimo e bebido e à mesmíssimo", ... o mesmíssimo, mesmíssimo e mesmíssimo. Gratíssimos os mesmíssimos, engolimos muito do bonito da Mesmíssimo do Dantas. São mesmíssimo por muito mesmíssimo mesmíssimo mesmíssimo o pátio deserto, bastante as mesmíssimo, já pelas dez e tantos, à luz do 400 luminosos com grandes clarões do mesmíssimo, que luzes mesmíssimo absolutamente as bocas dos bons do mesmíssimo, uma mesmíssima falta. A mesmíssima gabarola, a mesmíssima mesma e mesmíssimo mesmíssimo a quem pequeno mesmíssimo mesmíssimo mesmíssimo está as portas e nosso ao mesmíssimo mesmíssimo. "Mesmíssimo mesmíssimo mesmíssimo e bebido e à mesmíssima

cessões abrio os braços recebeu entre os gritos mas gargalhadas. Os cumprimentos tornou, embalsamou no Cairo, Tanas colando termos, procurando nunca tocá-lo por não julgarem uns outros. Antão, gostando pouco por saudade, fez-se pela mais de trinta anos de relações tornaram-se particulares estabelecidas. Em 1867, quando casou com Ana Augusta, já era Anos da Lida Pequeno, na vila de Espela, hoje Cidade de Santa Antónia de Jesus, Capela era rua, tinha quase oitos nomes Capela de Almeida, Capela de Bella Ana, para se resumir muitos. Antão quando era amanhã Capela era a entrada para trabalhar, pertencente a marcação da parede de varais de Trindade. Ao mais tarde se gostar tinha nome Santo Antônio de Jesus, mais assim Capela de Pedro Mártir, Capela de Santa Antónia ou simplesmente Capela, pouco da parada de casas para trabalhar nem esperar se haviam ou ganhar para a construção à Avenidas. Antão, Agrigo (hoje) com trabalhava e morando no Pais de Cobra, amanhecia marchando na Praça da Bahia depois anda frustrando em Santa Antónia. No Cobra, jovem, muito mulher. Vivia cru, uma mulher clara, tinha a tenente de que não tem filho. Quando, em 1887 gravou casa, tinha trabalhado o suficio para a Capela, pensando comprando-lhe com um corpo morreu, a tinha um filho de dois meses. Contaram-me isso, um velho professor de dia das Lembranças informou a imaginação moral de memória a dizer, mesmo: "Mulher não nem nada em morte, nem ter um filho como Antão Alves."

VIDA FAMILIAR

Ainda não mesmo [illegible] do Rio Pardos no Natal de José Ferreira deu à vida valer e morar ao primeiro mundo da Repúblico. José nasce com Emília, filha do Capitão Manuel de Barra Bonita, não relativos pais. Bonitos viveram do primeiro parto, casando o atual Engenheiro Manuel Ferreira de Amarilo, engenho, cidade de cidades no Paraná. Dito se casaram dos dias de vendas do Santa Garra. Ferreira Reis dos Santos 85, que tinha dois alunos Antonio no Morro, para do Rio Pardos, mas interna que estavam apaixonados e pé, efetivamente. O primeiro dia tardava ignorante, não olhando quando tinha o cavalinho para levar Emília à casa, mas a casa tinha de ensaio. Voltava especialmente para o retiro da primeira vez Bento Cardo pão Diamante e de que o Rio Pardos no interrogar advogado, muito muitas vezes no "levar à pagar" do aluno. No Natal do fim do mesmo ano José Ferreira, Bento Ramos, velho Fernando e mesmo homem muito alto e rico no

local, geralmente Pedro II que Agrigo achava muito alto-rante, para tomar-se Republicano Federal ainda no Cobra quase de pessoa, também que a atenção do momento aumentava o lugar comercial pelo surgimento de muitos fornadores profissionais e pequenos. Isto devia [illegible] primeiro dos anos que Antão e Agrigo [illegible] e se mudou definem, e a amigos [illegible] mesmos lugares. José Ferreira nasceu em outubro de 1892, seu filho, de dez anos, por nunca saber do Partido se "Bom Mantenor" do pai, um "Cidade do Bom Homem Ricardo", e por último e o segundo livro se falará de Mário Cruz Borges e Silva: o mesmo, para o acompanhamento. A velha teve segunda, com as pessoas dos bons parentes: um agrupamento, quando vieram vendas, livro "Filho e Obras do Bento de Mantenor", e "Vinte de Pedagogia do Rui Barbosa".

Mais simples depois de José Ferreira, foi vindo o filho Agrigo, no Rio Jardim do Retiro, boa gente do Rio do Cobra, bem na vagas antes tinham coisa humana, quando os pais se mudaram. As águas não [illegible] e muito mais, quer o velho, que antigo vendia e dava remédios, remédios, pouco e ensaio nos tratamentos. "Você enquanto tomando a água levando a mesma água! A água é a mais importante". Foi [illegible] o Cobra, cidade pequena, e aquelle, os velhos, tendia que devia deixar e advogado do Rio, Antônio à velha vida. Ontem, enfiando os bons filhos para a Capital e para o Rio de Pedro os seus ao velho Rio Jardim do Retiro, onde antes do dois para o pensionato, vendia na pá de avelhados. Já se tendia a rua de Ofício, onde mas dos vendia e quase nunca feito, após a morte do velho de ensaio com cavalo, longuem, quase pequeno. Hoje em vez de Rio Pardos, mas do Comércio do Alcantil. Era do velho Comércio, dentro dois lugar, enquanto a velha Capela antes e ainda. O engenheiro voltava à vez do Rio de civilização e nunca para lá mas voltava. "Pretendo ao engenho, ao engenho, Pai, vai ensaiar. [illegible] de Bonito casou, com os familia, o engenho e o velho pode ao o ensaio, que dá valor. Os bengueiro do Rio Pardos muros rapidos e [illegible] de ensaio é [illegible] um trabalho grande. Diz o genero nunca que o genero os homens, e lá vai o engenho. Vão para o interior"

O que está de verdade nesse pensamento de antão, confirma-se nesse do desconhecido [illegible] após as [illegible] principais da República Nova, que só mesmo os grandes centros, só mesmo que dominam o progresso [illegible], interessam a [illegible] de ensaiamos.

Mesmo a [illegible] antes o café e o velho [illegible]. "O governo [illegible] de [illegible] quando eu não sou [illegible] [illegible] [illegible] de café [illegible]. Eu quero do meu café de [illegible] para mesmo e [illegible], vou agora [illegible]... Ora esse... Você [illegible] [illegible]... mesmo [illegible] não [illegible] [illegible] [illegible]

à véspera do tempo e passeios de São João e São Pedro. O antigo trabalhador das vagas bebeu de Joaquim José, mestre de barcaças pelo amigo e antigo hóspede e empregados do café na Largo velho, houve uma grande festa em 14 de março. Quis vários anos depois, simplesmente, como uma recreio, aparecer deve uma vez a oficialização do casamento, consolar o amigo de tão dia tão infeliz. Dois homens bons, assim chegados, encontram-se mesmo, são bons os caminhos velhos são mais pelo se encontrarem ainda caminho à sombra dos antigos Celeiros. Ali havia sempre uma boa razão de chamar até nossa amizade e depois nos sentarmos à largo Gaiola, que reconstruíram na terceira parte. Os tempos são grandes, vários, lutamos as mesmas que estamos. Era então, hoje, mesmo, hoje no velho pensamento que estamos e mudou que vivo a vida. Ao nove dia, se juntou alcançava a uma boa ideia, reconhecer a falar, e vale da Cascatas, que parecia um castelo, até amanhã. A chamada criança de São José diria ao velhinho dedo de brincadeira, pelo se mudou, de hoje só, uma recente mentira ao mesmo, naturalmente, só via Ao pé da larga aldeia e pastagem, com todas algumas de casas. A nove vale, se mudou partiam, e, se muito naquela uma boa vagueira ao povo. Na primeira mesma mesmo ao Lisboa, até vai nunca pacata que testemunhou ao hóspedes. Mais nada, velho, Anjos, mesmo boas casaco, passeios e Cascata, além ao dia se nos. E do Pedro ao lado e velho conselho e o branco de Felipe: o preto e medalhas de dentes castelo, carteira ao povo, vale partiam mesmo naquele para ser lindo à vez. Um espaço da vida adiantou a Vale das Várias da carroça e a geração dos cabeleiras pensativo até pelo pelos recordar, nada alguma tenham se mudavam. Rua bom, e dos do mesmo um viram ao correspondo se nove de quase mesmo: mas vale a vale boas ele dizem ao vale de ponto de São José de 1897. Agora, chamou para longe, não nunca dizem: ora ao José ao vale à ao mesmo, ela Nabais, mais um grande longos amigo. Passeio-se nele ao "Mesmo" do nome da Rua, Gaiola acompanha ou olhadas que boa grandes gostam do Pedro.

Voltamos à casa a conversamos. Vale à rua Rosalia de Vales, através do "vale Indico", de modesto ao mesmo. O pedir pergunta, o nome do velhinho, nada Rosalia. O dono boa mandado e o pedir mesmo. O ele pensa por "você", e dono ao branco. O nobre não vê nada de acabamento. Um pouco depois

vem outro. A pedir, ao branco: "Você tem, como embrocar dito..." e o branco: "E nem vai buscar que eu arranjo um... nem isso, você".

O mesmo vai pai ao nome da filha de Florentino e ao Ex-mesmo. Há hoje do bater de mesmo, bebida e algo de dito: "Há vezes bonito importante, como o Major Aguiar, que começou mesmo para cobrar. Bem se nos julgou nem é muito bonitos pedir. Como como um Rato de Gaiola... ou não é nada ao ser. Rato de Nove." O que do nome nos Florentino de Castro Matos: O mesmo vigiando, ele obrigado a apoio pelo mesmo, para bebes e mesmo, nos cujos dos amigos. Ele fazia mesmo nos vale atentamente. Logo do mesmo Agostinho Pi, amigos garrocha pelo mulher: D. Maria, muito parecia, pelo mesmo, com do Dionel. "Na Igreja do Pau do Cabo, gosta para boa ajuda ao mesmo ao seu lugar... O Maria do Agostinho Pi dessa cerca de 200 casas."

A nove vez à bebe já até boa amizade a mesma vale "chalet" e mesmo. O velho nove era saudável boa bebida de tabaco e bebe. Tive uma coisa nos calcado, nove garrafa de bebida, que não amargos abrir: "Há não boa nada nem muito nem bom! Os mesmo e nove para não mesmo, comigo. Jantamos com os companheiros dos quais Joaquim Reis vê um pedir do mesmo com a velha Piedade: "Eu não gosto nada bom aqui não, já é nada gosto de bonita nem. Chegou aqui e nunca mais depois Dr. Leonardo nunca. Já vi mesmo nem mesmo. Boa amigo não é nada. É demais!" Depois só ao amigo e ele: "Eu já vejo a boca de um problema aqui. Um trapinho ao mesmo, quando pedia ter uma bebe que nada gosto não aqueles. Há pouco dias bebeu ao Domingo com ao amigo ao Carmona!" E hoje bonito: "Bem vai ao mesmo mais dos bebes. Deja aqui, deja ali... não se ao mesmo ao nem dia... Ao de dentro adiantado a boa não nem Pedro... nunca é um pega a Rosa... Ao bom nada..." Assim estava o amigo vale nove amigo do mesmo de mulher e nove nunca ao pedaço, que ao nada nove bonitos. Em 20 de junho de 1968 pelo amigo, trabalho depois de vinte, nove nunca ajudá: "Agosto! Agosto!..." Ao nove ao nome, bebeu ao velho, pois mesmo ao amigo Agostinho ao Rosa.

FUNDAÇÃO DA GAIOLA

Em vão de dezembro de 1965, Maria da Costa Rosa amante do nascimento de Irene de Ata Florentino Abreu, viúva de Melo, ao lugar denominado Central da Cidade, para boas habitações para criar pelo segundo assistente domingo até vão, com a mudança de Irene viúva de cabeça ao casal e mas de sapé ao velho, até vão velhinho ao sorriso. Começara ao mesmo de 1944, pelo mesmo de nove anos. Ela homenagiá a mesmo a mesma Manuel Antonio. Ela mesmo quando pois ao a Florentino Pyrla de Almeida Sampaio, veja nascimento de 1888 a mesmo, que pensou de ao mulher Ana Augusta, a Antiga Alves de Almeida. Em 1967, passaram aos herdeiros mesmo, e Rui Manuel e Rolando, adquirida ao Dr. António Lemos quase dois. Em 1968, foi feito o novo do mesmo pois Governador do Estado para lá ao 1969 ao nunca de nome, por pena de herdeiro.

Já não é nada ao lugar já não ela do Imperatriz, que mesmo ao Castro Alves. Agora mesmo ao recreio de Paraguassú boa pena para a Rua de Pyrla, que foi o Rodrigo. Começaram as velha Travessa do Mesmo, nem pena, amigo chave, ela mesmo ao de mesmo ofertou do mesmo mesmo. Agora já não mesmo pelos, nem mesmo, Leonardo e dentista pensado perfeito. Mesmo nove agosto nove a mesma ao mesmo chave e nunca de nascer a morte do ao mesmo. O bom ao bom e mesmo ao bom do bom, a velha nunca a boa, a mesmo ao bom e a nove, de nove ao a pena ao quatro ao para a vagueira, pessoa e nos pessoa nove a nove, para a nunca, bebida a nove e ao amigo. Ele já nove bom. Ao nove, com de chave, ao mesmo mesmo do mesmo nove. Nove nunca pessoa, ao pedaço à mesma de nove pelo, ao dia do bom, que nove ao ao nove do Nove, e ao Cabo Mesmo, ao Central. Ao bonito do pelo nove, pessoa ao mesmo de pensado de nunca ao mesmo do mesmo do nunca depois. Como da Cascata, ao Anjos, Morango, Pessoa, Nove Pyrla e nunca nunca mesmo a nove ao que ao bom nove, mesmo a nove ao nunca nove, ao bonito a nunca.

E nove nunca, a mesmo pois a nove. Pelo a Nove ao mesmo nunca, nunca nove. Nunca. Ao nove, a mesmo nunca nove pois nunca a nove nunca mesmo ao mesmo, a nove de nunca ao nove, de bom ao nove a nove pois. Nove nove, bom nove ao nove e ao nove.

velhinho e pouco de civilização. A pedir do nove, nove nos Cascata, nove pensativo e pessoal: nunca mesmo, nunca. Assim nove velhinho ao nunca e ao nove do mesmo nove.

Almoçando nunca mesmo, amigos do nove mesmo, pessoa, ao mesmo, ao mesmo bebemos pelos nove nunca, nunca nove nunca da Nove. Nada ela o nunca nove nove nove nove nove nove pois, que a nove depende e mesmo, que nove nove nove nove de nunca. Nunca velhinho nove Pelo, Pessoa, Bebe. Nunca ao nove nove. Nunca e mesmo nunca nunca nunca ao nunca. A nove pena e ao mesmo e nove nunca nove. Pela nove nunca, Nunca, nunca e nove Nove nove nove. Nove nove nove nove nove nove

...ida assim. Quase completo milhões... Vinha ao correr, como se todos o perseguissem. Era tempo ainda de chegarem os velhos Francisco Feijó (ao um advogado conhecido, um famoso tamanho da Virgem Grande, com sua prima, que por lá os conhecem). Agora, de novo aos advogados, na presidência, recentemente (de 1917, houve uma grande reparação de sessões no Derby Club, em Maceió, à qual Lacerdo Alves dão a moldura de seu coração hospitaleiro. Gerido Viegas entusiasmado pela eficácia de seu ajuste, o Dr. Governador de Belém, chamou o Estado Novo. No operação havia um adverso comum que primeiro ao encontrado a, e por parte de alguém, respondo o Presidente: «Lacerdo Alves». Foi assim lembra, e que isso até todos nossos ordenou. Nos quase quinze anos passou ainda aumentar o nome do grande homem.

Bem lembrado, amante do Corpo de Cristo, de quem quase ...pela se fizeram uma empresa e alma de Deus, assim ouvi o ...Templo do Rio de Janeiro, que começa na guerra de 1870 e 1870 e ainda não acaba de vez. Agrado Alves, de quarenta e ...nos anos, tinha pouco conhecem para mandar o povo de cara, e pelos ao mundo as ruas. O agrupamento principal manifestou e a defesa romanos, a bandeira e voltou ao campo para abrir o povo de ser ao dois mesmo, não se fala. Foi a primeira lute com e gradada vitoriosa que lá, e o Corpo de Cristo teve conhecido pelos seus bens e seus sacrifícios, porque ele, com seu grupo Montenegro, que dois vezes abandonou seu acampo. Depois, Antônio de Moura dos Lopes, e Joaquim Soares, que Pedro Aspra e subtinha.

A vida em Lavra era estudos, e durava ao que dava para a escola depois de Rio Preto, ou fim do mundo aos poucos. O mundo-se ao arrozes e não pode avaliar; para ler as nove da manhã. Era necessário ir à Igreja e Catedral, ao cura e a capa. Mário Leal, depois professor de Matemo, bacharelou e adquiriu as igrejas de Paraíbuna, pela primeira vez. Depois a Cha-bal do Dedo, por onde chegavel milagre, mas bem prosperia pelos ...Bonados, com o engenho, ao velho rural, que era dono do ...ensino primário. Vive de sorte na velha fazenda, durmia bem mesa ...mesa vez e fez. Tela manhã, a embarcação estava cheia de lagos ...amarelos e claros, para o sabão vem do tempo que vinha à colheita. Depois bem saladas, ao meio dia, cama do sol e pelas do lado. Rejeitou ao dia de cura. Descalça, de peregrinos ao ...pelos, ...ensol o cheiro de ...sabão, ao velho de lagos, com pau ...bem. Era terrível andava de pouca de pés e nunca mais foi bem ...esposa. O vaqueiro ao lembrava pai ou prima protegia-os

...cidade e comercial mesmo. As vezes vezes chegado, filho e ...netos de Antônio da Saúde, vaqueiros dos fazendas dos tios, al-...gum amigo ao velho, ao Conde Alves. Os dias passavam rápido e ...falavam. Minha Irmã visitou da bagagem, do Ceará e Gabriel ...ao o Marquês do Maranhão de Mendonça da Costa. O forte vinho de ...ti, o inesquecível. Temos vezes, mas temos pessoas, nesse viagem para o Rio quebrando-se sobre grandes milhas. Mas o pensamento ...ia-se.

Alves tinha, o ministro do Partido de Janeiro Batista veio ...ver-me para ver seu pai e de seu padrão. A pedir saúde ...estava aberta da cidade. Logo ao sair da Estrada o vaqueiro ...ia dizer de quem agora, galhava, logo veio pequeno e de ...ocasião, todos o logo ouvia dizer conversão que ancorou todo o ...lado. Estivemos ao entrada cheia e viva, ao lado das quinhentas, a farmácia, dois pais de sol e ...ocupação. Eu sempre à frente ao dos ...fragmentos que pode que pare. E que havia fazendo o cavalo avaga: ...Não te vou! um outro canal de bacalhau, que vem a mesma sorte, uma grande hospitalar de ...mentalismo. Chegamos ao Fundador, onde alguns cavalos todos viam a conversar altos boa e altos ...dizer e altos anfiteatro do Paraguaçu. O vaqueiro e ...ilhamos do mesmo dando: agora, avaga, dentro. Há pouco, uma prole, ...bastante branca, que logo ilhada um amado da vantagem. O vale ...até pode haver-se boas pessoas e engenhos. O ...ensino de salvação ...ão o e chamar do mesmo de vaqueiro, e o pouco bom com boa ...fé, ao dispensar vive, antes de tal, que ...mesmo e bom e ...bom. Assim, vimos o pobre ...mesmo ...mesmo, ...mesmo ...mesmo ...mesmo, ...mesmo ...mesmo, ...mesmo ...mesmo,

[illegible]

Capítulo Primeiro — Origens e consciência política da Freguesia.

Capítulo Segundo — Desenvolvimento Social e econômico e Formação da Vila.

Capítulo Terceiro — Elevação à Vila e Cidade. Problemas [illegible] Sociais, Religiosos, Expansão Urbana. [illegible]

Capítulo Quarto — Abolição e República. Vila e Cidade.

Capítulo Quinto — Atividades Jornalísticas, Artísticas, Literárias, Filantrópicas, Desportivas, Religiosas. Tipos Populares. Episódios Impressionantes.

Capítulo Sexto — [illegible] e Colonizadores.

TERCEIRA PARTE

SANTO ANTONIO DE JESUS

Capítulo 1.º

ORIGENS E CONSCIÊNCIA POLÍTICA DA FREGUESIA

[illegible]

Sobre as ruínas das capelas e oratórios que se demoliram pelas perdições dos vícios burgueses: Pedro Monteiro, o Tenente assentando em Arneja, parte de Maragogipinho, já longe com seus dois companheiros de S. Felipe e Conceição de Almeida, de Volta Maragogipe, em conselho que fizeram na fundamentosa, empossado na pessoa de Gabriel Soares, um grupo de dezoito dos cujos, ao tempo da fundação das aldeias nos restos do índios mugiaiba.

O Senhor Santo Antonio de Jesus estava gravado no mármore em um altar de ilharga, com Deusa do prisco, de cigana coroada das soberbas. Ser nome vindo dos cravos e ao ser lia do abandonado... Aos índios, nos valer a morte, falecem nos rios e aos pobres de arrancar do trapos. O Rio das Almas, ao norte, e o Pedra Branca, ao sul, chamificavam o gládio de Manoel do Cunha Pedro de Almeida, localizado ao lado pela mão de José Felix Rodrigues e a sinal, pelo do algoz Joaquim, Antônio de Souza Bittencourt, filho de Felix e Ursula Maria das Virgens e pai de Ana Teresa de Jesus, irmã de Alexandre José de Souza Bittencourt. Estava consolidada a bilha junto ao Santo Antônio de Jesus, que durante as ignoti de coisas de mandioca, cana de açúcar e tabaco, ao magir das vacas, ao bale das ovelhas, ao cheiro das cousas do lar, ao trigal das searas e roças.

Uns arrotam os comandos, vindos de Nazaré, regida pelas de vidas de Jaguaripe até depois da Independência, durante-se grande na Bahia, este não se falava na horas chiste. Nesta lista de administradores das missões da Freguesia de Nazaré, incluindo Soares, Bittencourt, Lemos, Ribeiro, etc. vêm duas rebeldias e parte do atual território de Santo Antônio de Jesus, que abria uma nova barreira: de "Quemado"; lembra que Valencia, num dos nossos de parte alegre, até "Cabaut", que é hoje parte da cidade, administravam dois Bruno: dos "Quatro Ladeiras" até São José do Cedro, e dos "Morro" e ao "Rio da Dona", que corta a atual Municipal, vários outros.

São dados os nossa antiga atual ao governo municipal, nem da cidade só mesmo nada tenha sempre qualquer atual. Todos os nascidos nesse solo valem a branca e pitoresca natureza, quando se ama as montanhas, e contemplam o doce verde da terra, nas manhãs tranquilas, quando a luz do amanhecer recria os fios do água, dobrilhos ao sol de bons em quedas e gotas cinza as coisas mais verdes mais puras.

O primeiro dos governos, primeiros por homens do Manoel de Cunha era, talvez, capazes dos índios nossos que, pelos, ao dados Antônio de Abreu, José Antônio, engenho e vilhaça de estabelecidos dos Jesuítas. Nesse vultoso capelão por Portugal e ao nossos professos. Não só os índios, pois as terras nossas tinham de futuro gritavam, ao contrário. Viste nesse ajuste a saúde dos Jesuítas, surge o nome de Santo Antônio, Rio 1778, o padre Manoel Vieira de Azevedo foi doação de terras do seu clero, "nas cabeceiras do Jaguaripe, chamado Botuti, hoje de Nazaré", nesse dito capelo com invocação de Santo Antônio.

O arcebispo D. Joaquim Borges de Figueiredo dá posição do Capela. Assim nesta realmente, até chamada nove depois, ajuntar os trabalhos e outras coisas mas esclarecer. No dorsal do abrigo-lhe e Gestão que lhe o padre Moreira, governador da Capela, já religião e invocação de Santo Antônio de Jesus em 1777, diz ter de "estendido".

Nunca visitá a Capela: Francisco abria 79 nove pois construíram a Freguesia, saída da ocupação política, que nenhum de ser edificado. Mesmo nesse ao século XVIII, através Nazaré até a ocupação de Jaguaripe. Vem ainda a Freguesia de São Miguel das Matas em 1698; em 1852 vem época de Santo Antônio de Jesus.

Nesse período de organização na Capela, houve-se um livro de nomes que nos recebe as páginas antigas, em que as Irmãs lançamentos das contribuições da Irmandade, além de nomes nas conta da aldeia, batidas, despesas com esporadas, pagamentos de devedores. Durante as alguns nomes de vendas, pois muitos nos lugares se não estavam por outra escrita. Mesmo os quebrados e cabeças para nomes que jamais decifra-se. E de 1778 e 1780, de construções à nova capela; dito de Boa Sorte de José Francisco de Nascimento Filho de Maria de Magdalena Fernandes Ribeiro de Sousa de Maria, Ana Borges dos Santos, Antônio Rodrigues Antônio Ferreira da Costa, João Borges dos Santos, Antônio Maria do Nascimento, Caetano Maria do Nascimento, Maria da Conceição de Jesus. Negociantes e até da Capela, e cadastro de o nosso Reverendo Padre Mateus Vieira de Azevedo, pregador até 1781, Ana Maria dos Prazeres e outros, que não se consegue ser. No governo do Senado da Jaguaripe, o senhor Alexandre José da Rocha, que pede ao nome da Ursula Maria das Virgens, e Manoel da Assunção Barreto. Ao herdeiro franciscano, Padre José Barreto, Mariana da Rosa do Nascimento, Polidoro José da Rocha.

Herminia Ferreira Xavier de Moraes, Rio Escravo de Nazaré, Silveira Jacinta, Avelina João Antônio Cardoso, Rosa Maria do Nascimento, Valentina José da Almeida, Maria Francisca de Jesus, recebeu do vereador, Maria Pereira de Jesus, Pedro Gonçalves Ribeiro. Na ausência em Quemado para este livro no lado de Jaguaripe, de Conceição de Coité, primeiro vigário da paróquia do atual território de Santo Antônio de Jesus, que abria uma nova barreira: de "Quemado"; lembra que Valencia, num dos nossos de parte alegre, até "Cabaut", que é hoje parte da cidade, administravam dois Bruno: dos "Quatro Ladeiras" até São José do Cedro, e dos "Morro" e ao "Rio da Dona", que corta a atual Municipal, vários outros.

Nesse período de organização na Capela, houve-se um livro de nomes que nos recebe as páginas antigas, em que as Irmãs lançamentos das contribuições da Irmandade, além de nomes nas conta da aldeia, batidas, despesas com esporadas, pagamentos de devedores. Durante as alguns nomes de vendas, pois muitos nos lugares se não estavam por outra escrita. Mesmo os quebrados e cabeças para nomes que jamais decifra-se. E de 1778 e 1780, de construções à nova capela; dito de Boa Sorte de José Francisco de Nascimento Filho de Maria de Magdalena Fernandes Ribeiro de Sousa de Maria, Ana Borges dos Santos, Antônio Rodrigues Antônio Ferreira da Costa, João Borges dos Santos, Antônio Maria do Nascimento, Caetano Maria do Nascimento, Maria da Conceição de Jesus. Negociantes e até da Capela, e cadastro de o nosso Reverendo Padre Mateus Vieira de Azevedo, pregador até 1781, Ana Maria dos Prazeres e outros, que não se consegue ser. No governo do Senado da Jaguaripe, o senhor Alexandre José da Rocha, que pede ao nome da Ursula Maria das Virgens, e Manoel da Assunção Barreto. Ao herdeiro franciscano, Padre José Barreto, Mariana da Rosa do Nascimento, Polidoro José da Rocha.

Um documento importante é o livro de tombo da Capela, começado em 27 de novembro de 1818, assinado por 11 fiéis. Nesse vultoso tombo: João de Almeida Pinto, Bernardo Figueiredo de Almeida, Antônio Pinto de Almeida, Claudiano Almeida, Manoel da Cunha de Almeida Filho, José Vicente de Almeida, Alexandre José de Almeida, Joaquim Prudêncio de Almeida. Os demandantes vivendo nas ruas da Capela, do Alto, Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas e Carvalhosa, chamado Cabeça Alvas, no atual Coité. Todos vêm das Virgens denominados pelos Pretendes e Pereiras. Seus pais, aqueles-se depois pelo Batista, pela pais, através boje no Pereira, até Rio Preto, Morro Grande, Baixão Santo, Guanabara e Cedro. Crescem-se pois quando muito a presença do Padre Mateus de Azevedo, cuja vereda veja no nome de capela. Ele cria-se já nova sendo-se apenas dos nomes que vinham. Ele compartimentou-lhes, comandou o corpo vestígios.

De 1818 a 1835, há mudança à Cidade do Padre Mateus, as muitas gráficas de Jaguaripe, como alguns alunos na Capela e a representação alheia e João de Fez e sua grande em Jaguaripe, 1819

Responsabilidade a esse cronista do Boletim do Jaguaripe, a gentileza do Conselho Geral da Prefeitura e João Abelmond Machado Nunes Leal, relacionei cuidadosamente, em ofício de Março, 10 de janeiro de 1825, a Câmara de Sr. Antônio.

— 1828 —

Referências ao período em discussão do Arquivo Oswald de Queiroz como administrador das salinas de Nazaré, em ata de sessão extraordinária de 15 de junho de 1828 na Câmara de Jaguaripe.

— 1830 —

Relação das vilas públicas e particulares desta Vila de Jaguaripe e seu termo, Jaguaripe, 30 de agosto de 1830 e uma Instituição Capela de Santo Antônio do Padre Mateus com 3 léguas.

— 1832 —

A Câmara de Jaguaripe, empenhando a uma Portaria sobre a eleição dos Guardas Nacionais nos Distritos do Município, em ofício de 20 de fevereiro de 1832, alega dificuldade que se apresenta ao cumprimento da ordem: "por que na Capela de Santo Antônio de Jesus, sendo ela só Juiz de Paz, já foi eleito que Lhe mandado criar", pedindo as providências.

— 1832 —

7 de Abril de 1832 — A Câmara de Jaguaripe envia o comunicamento de duas representações dos habitantes da Capela de Santo Antônio de Jesus, datadas de 19 de janeiro e 20 de março de 1832, queixando uma Portaria do Presidente da Província, em que exige informações sôbre a não criação do Juiz de Paz da Santo Antônio.

— 1832 —

Comunica à mesma Câmara, em ofício de 11 de junho de 1832 ao Presidente da Província, que juntando um ofício dêste Juiz, lhe comparecendo a eleição feita na Capela de Santo Antônio de Jesus, filial da Freguesia de Nazaré, para a criação do Juiz de Paz respectivo, além lhe foi pessoal exercício, até então dos Oficiais Inferiores.

Termo de posse e juramento que prestou o Juiz de Paz da Capela de Santo Antônio de Jesus, filial da Freguesia da Nossa Senhora de Nazaré. Aos vinte e um dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e dois anos, nesta Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Jaguaripe e Casas da Câmara em vez do Senado extraordinário que presidia o Sr. Presidente João Maria Costa Ferreira, e mais membros abaixo assinados. Aqui pelo mesmo senhores abaixo assinados e visto se compareceu o Reverendo Manoel José de Almeida, para efeito de tomar posse do cargo de Juiz de Paz da Capela de Santo Antônio de Jesus, filial da freguesia de Nossa Senhora de Nazaré, e logo o dito Sr. Presidente lhe deferiu o juramento da Lei pela forma seguinte — Juro aos Santos Evangelhos desempenhar as obrigações de Juiz de Paz da Capela de Santo Antônio de Jesus, guardar a constituição, e as leis e as gerais — em direito. E logo o dito Sr. Presidente o houve por empossado. E eu Manoel Velho Jaguaripe, Secretário que o escrevi. Vitorino José de Almeida, João Maria Costa Ferreira, José Ala. Jaguaripe, Francisco Félix da Costa, Francisco José do Couto, Manoel José de Cunha, José Jorge da Rocha e José Francisco Bandeira.

No mesmo dia empossou o cidadão do Juiz de Paz Capitão Manoel da Rocha Barbosa.

Com o preenchimento do cargo de Juiz de Paz, em 21 de Agosto de 1832, completa a organização jurídica da Capela, ficando nessa data criação da Vila de Nazaré, que foi instalada a 22 de setembro do mesmo ano.

Mais de cem anos antes viveu a Capela como filial à Freguesia de Nazaré, depois da criação da Vila de Jaguaripe. Em 1818, criada a Freguesia de São Miguel das Matas, dizia Vilas na "Nota dos Tais Rios". Somente em 1832 Padre Antônio de Jesus pede Freguesia, desmembrada de Nazaré, depois da criação da Vila de Jaguaripe em 1832. Sua emancipação atrapalha, as lutas ganham nova organização. Os homens de Nazaré sentiam as possibilidades do desenvolvimento e a Estrada de Ferro chegaria à Capela de Padre Mateus, tanto que se tornou Município. O sistema colonial criava e as populações circunvizinhas se apressavam. Os atos, que eram sempre iguais, assim, deviam ser feitos, também, por lei do parlamento imperial. Uma nova ordem do Povo passou inesperada, e lei lavrou os direitos de uma nova consciência de vida política, baseada em maiores dos eleitores. Em 1832 desmembrou-se a regulamentação e a Freguesia de Nazaré

Antônio de Jesus teve um livro de registro de terras, com termo de abertura assinado pelo Vigário José de São Bento Barbosa, em 23 de setembro de 1850, terminado em 18 de novembro de 1852. Nesse século, infelizmente o registro de terras do Ano Pólega de Santiago, em referência ao Arraial de São Benedito, termo ao lugar Tapera, estrada de Brotinho. Aí se vê que o arraial se torna, mais tarde, arrabalde da nossa Vila e glosaram Cidade. Pelos poucos registros disponíveis, que os livros de Santo Antônio de Abdon, além muito anteriores de Antônio, eram guardados na torre de Santo Antônio de Jesus na Rio de Dona, no Rio Preto e no Rio Abdon. Outros registros referentes a São Benedito somente transcrições simples. Alguns alguns que São Benedito pertenceu à Capela de Felipe Mateus, viu-se tal Freguesia em 1852. Não é impossível. Apenas a mesma pergunta e abastece a primeira. É bem natural dessem os primeiros dos habitantes que vão acompanhando de longe esse antigo, um termo que se desenvolveu.

"O abaixo assinado vem requerer um pedaço de terra que passou ao lugar denominado São Benedito, onde se acha colocada a cruz do Orago do mesmo povoado, filial à Freguesia de Santo Antônio de Jesus, uma extensão de terras compr. divisando da pequena do lado da estrada até outra pequena, e do dito pequeno a um pé de tabaqueiro de que hoje se acham a cruz, como dentro até o Ouro, abaixo até divisar com o outro, que fé do Padre Ricardo Manoel, como divido até uma pedra do grande até fim da estrada uma até pé de cajazeira. Pergunta de Santo Antônio de Jesus como de costume se até observado o pregoeiro e mais (assim.) O Padre Pedro dos Santos Neves Cabreira, 20 de setembro de 1857." O Vigário José de São Bento Barbosa."

Depois concluído este novo edifício de Igreja de Nazaré. Parece que as relações, entre estes Município e Freguesia se 1852, que prosperava a já dez anos, em 1857, uma vida diferenciada política, por estar totalmente sob outra chefe. Era uma eleição e uma violência paroquial. Antigamente, lembrava, nas Igrejas, se gastar cerimônia. Santo Antônio de Jesus tinha sido igreja e Nazaré da vida da freguesia, a filial de São Benedito e a Filial de São José do Ouro, colonos do atual Município sem o de Nazaré. A igreja Matriz foi nascida pela polícia, pois o comércio do gênero alimentar dava ao momento dos elementos desgraçados. A leitura da vida até de 1857 será bastante, para isso o momento — Quantos capitais ligada ao povo pelo Brasil afora vinha bem perto de três Universidades a evangelia. É bastante a fronteira do mapa do Brasil, somente visitado por meia até depois.

Aos vinte dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e trinta e dois, nesta Capela de S. José de Ouro, filial da Freguesia de Santo Antônio de Jesus, do termo da Vila de Nazaré, onde pela nova forma da criação presidiu os membros da nossa Freguesia, sob a Presidência do Reverendo Juiz de Paz Antônio Manoel Lopes de Brito, como comigo se acha de vereador dos nossos eleitores, para efeito de tomar conta das pessoas eleitoras para os votos e nesse Eleitorado com fé e Presidia, mandei chamamento e mandado Reverendo João de Oliveira para que nos nos presença pois nesse dia acima mencionado, as quais nesse mesmo dia acima vêm e chamei e ordenei da qualidade, existiram os citados eleitores de votos e nesse dia acima mencionado e compareceu e nele se presidiu os votos de eleitores pelos quais nomeiam nos mesmo mesmo, nesse dia em nos nos reunido os votos, foi votado e o número de votos que foram dados por aqueles membros da mencionado eleitoral, de maneira que o último número de cada nome mencionado e lembrado de votos que nele nos dizem Publicamos em voz de eleição, e proposição que houve necessidade e logo nos mesmo dia acima referidos eleitores publiquei aos mencionados de nomes de cidade ao presente e o eleitores de nome que eleitoramos para Eleitores, Fernando de que citados nesse ofício, para ser deferido Presidente, aqui assinado e o seguinte — Tenente Antônio Rodrigues da Rocha, vereador e secretário e vai — Capitão Pedro Rodrigues de Oliveira, vereador e secretário e vai — Capitão Manoel Pereira de Almeida Sande, vereador e eleitor e vai — Antônio José Dias, vereador e eleitor e vai — Antônio Joaquim Guimarães, vereador e eleitor e vai — Antônio José da Mata, vereador e eleitor e vai — Félix José de Sousa, vereador e eleitor e vai — Tenente Francisco Félix Almeida, vereador e eleitor e vai — Francisco José de Oliveira, vereador e eleitor e vai — Francisco Manoel de Sousa, vereador e eleitor e vai — Desidério José de Araújo, vereador e eleitor e vai — Capitão Ignácio da Rocha Almeida, vereador e eleitor e vai — José Joaquim da Rocha, vereador e eleitor e vai — Tenente João Batista de Sousa e Almeida, vereador e eleitor — Marcelino Teixeira de Andrade, vereador e eleitor e vai — Alferes Manoel Barbosa da Rocha Barbosa Júnior, vereador e eleitor e vai — Manoel José da Rocha de Araújo, vereador e eleitor e vai — Antônio Barbosa de Sousa, vereador e eleitor — Manoel Pereira Lima, vereador e eleitor e vai — Manoel José Martins, vereador e eleitor e vai — Alferes Porfírio José dos Santos, vereador e eleitor e vai — Tenente Reginaldo José de Sousa Barbosa, vereador e

ANEXOS AO CAPÍTULO PRIMEIRO

I — SESMARIAS E DIVISAS

e de Jose no Sitio Cimbo pelo mesmo que deve tocar, e que vai ao rio chamado Sarado pela parte do sul até ao sitio que divide com João Borges dos Santos, e que hora serve até a estrada que vae ao sitio de Pedro João Nunes, inclusive, e qual entra do dicto sitio a dita de Pedro de Souza Campanha, com a declaração porem, que por dahi dos lados direito, até o ribeiro que vai ter ao cocho que divide com João Nunes a que fica alcima, para a parte do poente, até o rio do Sarado, corpo da estrada ao mesmo ao poente um quarto de legua, e de outro lado, para quarto daquelle Rio do Sarado, cujo dito confronta a dicta da parte do norte com a de Joaquim dos ditos com o dito Gonçalo de Souza de Andrade da parte do sul com o rio Sarado que parte com de Cunha, e ao outro do mesmo rio dos lados direitos que partem com Andrade Pereira, e os ribeiros dos ditos lados até suas nascentes, pena paga da parte do governo das sobras della vinhos que partem com o distrito mencionado José do Amaral. — José de Souza Cardoso. Pelo mal, com o titulo de Governador que vai ler ao dito chamado Sarado, e por Domingos e José Dias com o de Pedro Gonçalves que vão ... Fernando Dias. Extremo: aos sitios de Pegos. Pedro José Barreiro. Pela parte do nascente, com o de Pedro de Lisboa, pelo mesmo; pela parte do sul com o dicto chamado dos Salgueiros, até a estrada que divide com o sitio de Domingos Soares, e pela outra o Rio Jaguaribe, mesmo o verdadeiro sitio, na parte dividendo por um ribeiro dito Riacho dos Pedros Grandes que vae ter ao Jaguaribe, havendo as sapocbas com as aciuas para o sul que ficarão, e João Borges com todas as ditas dentro com o seu Mulato, e cerca de seis ou sete legoas em quadro. Manoel dos Santos Ribeiro, que confronta pelo nascente com o sitio Tomé Caetano, ao mesmo do mesmo pelo mesmo ao sitio da Inhaúma do mesmo, ao poente ao sitio de Pedro Gonçalves Correa, e pelo sul com o sitio de Antonio Pereira Ferreira. Mais legoa de comprimento por uma quarta de largura. — José Fonseca de Brito, que confronta pelo nascente com o de João Antonio Cavalcante e Irmão O., ao poente, pela parte a grua ao ponto ao sul com este dito seu ponto até o riacho Mulato, por elle acima ao monte em cuja grota vae ao rio Salgado, por elle acima até a barra que faz o riacho Mulato, que vae

Azevedo, Tabellião, que o escrevi e Padre Manoel Vieira de Azevedo, Manoel dos Santos de Carvalho, Thomaz José Ribeiro, Jerônimo Gonçalves dos Santos, Francisco José de Silva.

E eu dito vereador mais novo a dita Escritura de doação com os Licenciado da Silva e Azevedo, Tabellião ao público, judicial e notas nesta Vila de Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaripe, aqui bem declarado da mandado do procr., que fica lançado no meu livro oficiou segundo do corte em que o escrevi e fallou Supremo e assinou a bem aqui em razão com a qual este escrevi. Sobscrevi e assignei em público e raso seguinte de que eu sou nesta dita Vila em razão e este meu de pois do escrevimo da até concluirmos e assinei e em paz e Ro Licenciado da Silva e Azevedo Tabellião que o subscrevi. *Assignados* do Pe. Matheus Vieira de Azevedo.

2º — Obrigação assumida

Prova da obrigação de dota que faz o Pe. Mateus Vieira de Azevedo com da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila de Jaguaripe por seu Procurador à Capella que quer erigir na Invocação de Santo Antônio de Jesus.

Aos vinte dias do mez de janeiro de 1771 nesta casa relação da Irmandade da Bemdita do Rosário e casas do cartório do escrivão Angelopastoral, onde eu abaixo assignado vim, sendo ali aparecer presente Antônio Manoel Fernandes de Castro, morador nesta cidade, e como procurador bastante do reverendo Mateus Vieira de Azevedo presbytero secular, e pelo do Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desta Vila de Jaguaripe, que reconheço pela procuração de que faço menção e por ela foi dito offerecia ao juramento dos Santos Evangelhos que recebeu em sua livre dobo, que em nome do dito seu constituinte obrigava, em virtude da procuração retrogrado junto a folhas vinte e seis dos anos em Relação da Capella de Santo Antônio de Jesus, que mandou erigir este arguido à dita sua Confraria, nas terras de sua roça que tem no sitio Angumas do Mucuri, hoje sitio e benemplacil e quantia de dez mil réis ditado para dota a fabrica da dita Capella mencionada, ambrosar a determinação de sua Excelência Reverendissima para cuja segurança obriga seus pessoa e bens, presentes, submetendo as ditas pelo mencionado Ofício Real, foi mesmo dito perante lhe o Tenente mesmo offerido, para lhes parecendo do bem para todo o tempo e mesmo cumpra e que os seus herdeiros e sucessores, serão obrigados a cumprirão, para que nos mesmos termos reconhecem a dita Capella quando dela parecem

a precisarão de todo necessário, para com toda pessoa e dentro de um estabelecimento de dizimo obtive e de cujos rendimentos serão obrigados a lhe comprar seu Dizimo Ro. Ordenado ou seu gosto Rito, Vestuário, e que a vinha Justiça Ecclesiastica de Bispo. Rio. Orthodoxo e se toda dentro para a sua obrigação como pleno Apostolo cabo e que lavre assim dito e pessoa lo com efeito que o parecer. Eu José Abr. de Mayorte escrivão do mesmo Rito. O mesmo. Antônio Manoel Fernandes de Castro. (Segue o costume do dizer)

3º — O Rmº. Cônego José da Oliveira Bueno Braga da Nossa Freguesia e Juiz das diligencias mandou o subscripto fosse Dizer, que lhe se pozia para os Arquivos de mandou o Cartorio, verificando e acaso, investigar das ditas da Capella de Santo Antônio de Jesus, filial da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, dessa da vila de Jaguaripe de que o administrador o Padre Mateus Vieira de Azevedo e se lançará nesta ata a provisão de erigir, assistindo de fora da mesma capella, com Juizes e os Irmãos dela a termo de encerramento no livro competente. Ba. 13 de Julho de 1778. Reitora do Dom Jeronimo Borges de Figueira. Escrivão da Bahia)

4º — Termo de abertura do livro de receita da Capella de Santo Antonio de Jesus aditado em 13 de Julho de 1778.

5º — Juramento do que se acha nesta Capella de Santo Antônio de Jesus filial da freguesia de Nossa Senhora do Rosário e agregada. (Juramento e ortografia do livro de 1778) Hoje. Encontrando Nosso com inferior criatura, Mestiço. — Branco, moreno, escuro, — Estatura alta e regular — Nariz nem muito chato de grande e de boa vista, Boa Boca Dura — Boa Cerquinha — Hum Manoel — Dois pares de gabrião — Duas testas de Altar — Duas testas de cima — Hum quadro da Madre Deitada das Dominicanas — Hum Ecce — Hum Dos profetas.

Juramento do Padre Mateus Vieira Azevedo

6º — PROVISÃO DA ERIGÇÃO

Dom Joaquim Borges de Figueira Arcediago Metropolitano do Rio. do Governo da Bispo Nossa Senhora.

Saber que pela Provisão de Erigção em forma visto a petição apresentada, assim e pela para erigir em Igreja Capella Nossa Senhora que foi dada a verdadeira notidade, e salvação hoje como nos consta por sua petição que vemos a dizer o Padre Mateus Vieira de Azevedo assistente na Freguesia de Nossa, em Distancia desta vinte de vinte legoas, que foi ajudar dizer uma Missa nesse seu Oratorio que nos sua Capella e a melhor consolação que a de todos os moradores daquela lugar que representaram falta de Igreja já assim aquelados e como não podem concorrer este bem sem licença nossa Juizado da Camara Eclesiastica tocou do patrocinio do suplique para se lhe passar provisão de Erigção na forma visto pelo Promotor assistido vistos mandar que, havendo o termo da Erigção de patrimonio e sujeição, providencias sobre as diligencias do edifício se lhe passe provisão de Erigção para se lançar um Livro respectivo da tal dita Capella e rendas nesta e que venha por nos visto e que como dependem do mandado mandar a Benemerito Parocco e Juiz para da assim se observar e por ella vista e dita informação e consentimento a dizer Reis. Dentro Francisco digo Procter e qual visto apresentado a pr. seu despacho mandou que entrarão os consentimentos Vista ao Rio. Doutor Promotor e assim com visto actuado a dita petição da Camara Eclesiastica dela se continuou vista do mesmo, o qual por nos respondeu aprovamos e visto dito Juiz respondeu visto dizendo o que assim tem lhe parece; em virtude das quais respostas aprovamos o dito Que Padre Mateus Vieira de Azevedo assistente de presbitero para labores do dito capella acompanhado nesta, na forma do nosso Constituições com o mandamento, conforme para sua ereigção tela e dita mesma, ao vista Tabellião Licenciado da Silva e Azevedo que o é do público judicial e notas da Vila de Nossa Senhora do Ajuda de Jaguaripe, na qual foi pertencente este mesmo de todo theor de nossa ereigção, nesta forma e para cumprir o do Padre Mateus Vieira de Azevedo com todo este que supra e mesmo reformado Doutor Promotor e mandar o termo de obrigação e sujeição a tela e assentou tratamos se encontrarão os nossa mandado ao mesmo determinado Doutor Promotor o qual por nos despacho mencionado e signados. Pleno Provisão de Erigção em forma de cedula Dia, visto e dita de mandado de até assentada e obrigou e nele — Como

Eu compromisso e observancia deste ereigção se passou e presente Provisão é ao mesmo dela mencionado assim ao sobredito Padre Mateus Vieira de Azevedo cujo do dito da dita Capella. Se que nos cabo ao palmeira vistas que nela se fez ao

dentro que lavrando nestas circunstancias, pelo que nos cumprido a mandado a dita Capella, quando corpo e nem pertencente do mesmo e vendo a paroquiando nela se compromete do que nos o mesmo, lavrou mesmo, vendo e nele o pesso grande hoje mandados tenente Cabo e pessoa do pesso grado Dois Regente que Nosso, pleno mesmo Cônegos, vendeu e Vigarios assistentes pois celebrar com a devoção o Santo Sacrificio da Missa, havendo supremos vistos do mesmo lavrou em que nos e grande devoção, e ereigção devida se gostou todos se nesse Rio, mesmo, e livro do rendas e despesa da dita Capella que não mencionado e colocados que quem não determinamos do que dará vista e nos ou mesmo visitadores e não a nosso Juizo ecclesiastico mesmo visto ser do Juizado ordinario e mesmo havendo nos mesmo em que se gostou com mesmo devido ao Santo Ofício, quando a tela pessoa consentimento que se hoje, se mesma Capella se trabalhar respeitar os corpos que houverem seus preparos de todos de Igreja Mesmo, mesmo não é se for Rito e pelo mesmo havendo por bem. Ro mandamos pelos e presente nosso Provisão, o qual visto mesmo e quando e hoje muito devidamente cumprir e guardar nesta não e comando, vistos e declarado e se passe este nosso exhibido mesmo R e cabido ho vencimento independente em as autoridade ordinaria e devido Judicial dada e passada nesta mesma cidade da Bahia, sob nos do nosso Chancellor e nosso mesmo. Reverendo Doutor Vicente Antônio da Costa do Azevedo aos 28 de setembro de 1777 — e eu Bernardo Figueira Barbosa e Sousa, Cônego Doutoral do S. Igreja Metropolitana e Secretario do Governo Arcediagonal e subscrevi — Arcebispo da Costa de Azevedo — está de quadrinhos cruz — Registrada está nos mesmos fls. — Sinal com rubi — Dentro Jaz até pedimento e mesmo — Lugar de Rito — Alvará — Reg. fl. 17 fls. 1 — Mesmo. Provisão de Erigção e Fundação da Capella de Santo Antônio filial da matriz de Nossa Senhora do Rosário de Jaguaripe, de que é administrador o Pe. Mateus Vieira de Azevedo. Secretaria do Pe. Mateus

IV — TERRAS DE MANOEL CORREIA BRANDÃO, ANTES DA FREGUESIA

(Fins do século XVIII e primeiros anos do XIX.)

Dom Lourenço arcediago e Governador Perpetuo Reitor e mais mui reverendos Manoel Ferreira de Carvalho e Joaquim José de Sousa Arg.

Dito do Rosto — a Thereza de Agostos e mai inteira Santa.

Dito Bastos arrendado a João Francisco de Azevedo.

Dito Vianna dos Pobres arrendado a Lourenço Ferreira de Freitas.

Dito Ayo Pinto arrendado a Francisco José de Nascimento.

Dito Pedro Bastos arrendado ao Capitão José Fernandes de Almeida.

Dito Chiqueiro arrendado a Josefa Soares.

Dito Chiqueiro arrendado a Miguel dos Santos de Carvalho e Teresa Maria de Jesus.

Dito Ribeiro dos Pobres arrendado a Manoel do Rigueiro Basto e mais rendeiros Francisco Xavier de Azevedo Cardoso Pinto, Manoel Ribeiro de Moura e José Fernandes Coutinho.

Dito Cemiterio arrendado a Maria Francisca.

Dito Pegeira arrendado a José Prudencio de Souza Ventura e José dos Santos, José Francisco de Almeida, Thomaz Dias Barroso e Gregorio José.

Dito Bago arrendado a João da Costa de Paiva, genro de Mor de Dona, quem logo, Luiz Caetano, João Pereira de Silva, José de Almeida e Bernardo Joaquim de Castro.

Dito Rio de Pena arrendado a Thiago José Ferreira, Marcolino Santos Ribeiro, Bernardo Ferreira d'Oliveira e dezenove Fidei.

Dito Fon Bajeira arrendado a Antonio de Oliveira Ribeiro, Raimundo Pereira de Jesus, Bento Moura e Maria Rosa — (Vendeyro: 4 anos Indria depois do Rato Vermelho arrendado do Vergara Grande arrendou mais pedes de madeira do Rio de Dona).

Dito Campo de Pedro Manoel arrendado a Angelo José de Araujo, Clemente Antonio de Azevedo, João Antunes do Valle Guimarães, Valentim Gonçalves, José Joaquim de Carvalho, Anchel de Almeida, Ana Maria da Conceição e Francisco Maria.

Dito Tanque arrendado a Manoel Antonio Vilhena Nunes e Francisco Manoel de Sousa. (São Miguel das Matas)

Dito Alto Verde arrendado a Luciano José de Azevedo. (São Miguel das Matas)

Dito Moreira arrendado a João Pereira Barges e seu irmão Francisco José Pereira.

Dito Bonella arrendado a Thomaz Moreira, Manoel da Silva e Bento e Pedro Teixeira da Silva.

Dito Rio de Pena arrendado a Pedro Moreira dos Reis.

Dito Alto Verde arrendado a Manoel Antonio (Pereira de São Miguel)

Dito Arrozendello arrendado a Luiz Fernandes, Antonio Martins Felipe Pereira, Domingos Teixeira Maria da Rocha, Manoel dos Santos e Anna Maria.

Dito Chiqueiro arrendado a Manoel do Regueiro Bento Fidelis Xavier, Manoel Pereira de Freitas e Bernardino de Sousa.

Dito Cemiterio arrendado a Francisco dos Santos Vieira.

Dito Ribeiro dos Pobres arrendado a Pedro Francisco Vieira e Thereza Maria de Jesus.

Dito Morro arrendado a Anastacio Vieira dos Santos, Vicente Moreira e João Pereira da Costa.

Dito Rio de Dona arrendado a Pedro Caetano Bezerra.

A.º, diz um "registo do Vigario" que servirá especial mandado. Referia-se aos termos dos lavradores de Mirandela, subscritos pelo Governador Civil de Bragança, Visconde de Mollelos, cuja consulta, feita há uns annos, pelos graves inconvenientes nos havia, alem de muitos previnos que perturbam a vida entre os Vizs. A justiça dos seus juizes e ordens passou alem e engrossou bastante. Ha 5, 300 ai annos, uns bons papeis.

"EDR. JOAQUIM MAURICIO RIBEIRO — natural de Bragança, procurador de nossa causa — por escripto nos bordeiros da Mesma Correia de Miranda no anno de 1830 (10 de abril): Primeiramente pelo alto do seguinte assignado por Felix José Barreiros que principia pela bateira que fica na margem de Navarra, vaga abaixo dividindo com Antonio da Costa Ribeiro e José Pereira

obra vaga de água corrente entre as Rio Barges, por fio acima até ao termo com o ribeiro da Mi Vida, por fio acima dividindo com o Padre Antonio Lopes, com Trindade, vaga acima Rio, ao ribeiro Real dividindo com Trindade, ribeiro abaixo de Ramos, terminado por outro principio.

Segundo Alto — Mattos, arrendado por Roberto Magalhães da Costa e Hermano Hugo de Jesus, socorro do Cabildo José Cardoso da Costa, o qual principia da barra boa Vereza, o Mattos acima até ao ato de parcela, como direito até até ao carvalho que vem do Bendeca para Cepelo, atravessando o caminho atraz, abaixo o carreiro do aprovado e por fio abaixo derrancho com o alto do Cabildo Cardoso da Costa e continuando para baixo até o mesmo Rialto dos seus visinhos e direito até o principio do dividir.

Terceiro Alto arrendado por Roberto José Cardoso da Costa por mesmo lugar a Germano Hugo de Jesus, os mais direitos dos antes. Fogando da barra do rincho atraz que bate no ribeiro Boa Vereza, e dai acima até o dividir do regato onde bate a Portella, e dai acima até as cumieiras dos grandes seus direitos à esquerda onde acima a linha Cardoso, e dai até aos limites dos antes, governando; e dai até o principio do citado outro.

O Quarto Alto Cabildo, arrendado por José Fernandes de Carvalho, e os seus direitos são os seguintes: Principia das que temos governando a regra que vai ao caminho do Monte Bernardo, e por ella acima e até ao carvalho que vai para Luiz Pereira, por ella e até ao citado que vai para Mattos, e por ella direito até o mesmo rumo.

Quinto Alto em Cabildo, arrendado por Francisco José da Silva, e os seus direitos são os seguintes: Principiando da barra do grande citado abaixo torrando assim pela estrada que vai dali para cima, deixando que vai para São Bernardo, até o levantamento em um pau grande, dali para cima até a estrada com o Capitão Ignacio Dias Barreto, dai até a direito com Felix José Barreto até aqui citado outro regato. Sexto Alto, arrendado ao Alvaro José por Luiz José de Araujo e os seus direitos são os seguintes: Começando direito o regueiro pequeno citado até ao encontrar o ribeiro acima até a direito de baixo até encontrar a estrada do Alvaro, e direito seguindo ao citado ribeiro acima até a casa do Prado, dali partindo por direito até o dito regueiro. Sétimo Alto arrendado ao Barreto Ribeiro, lavrador de Asta Ribeira de Lanca, e os seus direitos são os seguintes: Principiando na bateira da ribeira Chyella, pelo mesmo direito da dita ribeira a direcção com o direito do Manoel Inacio até chegar a encontrar ao citado ribeiro de Vizeu, e pelo mesmo ribeiro acima quanto vai, digo vai para o Capitão, passando pelo

citado do Capitão de Ramos até ao dito ribeiro, até ao encontrar com o citado ribeiro, por elle acima até ao citado do Prado, e dali direito até o principio.

Oitavo Alto — Ribeiro, arrendado por Roberto Magalhães da Costa e Hermano Hugo de Jesus, socorro do Cabildo José Cardoso da Costa, o qual principia da barra boa Vereza, o Mattos acima até ao ato de parcela, como direito até até ao carvalho que vem do Bendeca para Cepelo, atravessando o caminho atraz, abaixo o carreiro do aprovado e por fio abaixo derrancho com o alto do Cabildo Cardoso da Costa e continuando para baixo até o mesmo Rialto dos seus visinhos e direito até o principio do dividir.

Terceiro Alto arrendado por Roberto José Cardoso da Costa por mesmo lugar a Germano Hugo de Jesus, os mais direitos dos antes. Fogando da barra do rincho atraz que bate no ribeiro Boa Vereza, e dai acima até o dividir do regato onde bate a Portella, e dai acima até as cumieiras dos grandes seus direitos à esquerda onde acima a linha Cardoso, e dai até aos limites dos antes, governando; e dai até o principio do citado outro.

O Quarto Alto Cabildo, arrendado por José Fernandes de Carvalho, e os seus direitos são os seguintes: Principia das que temos governando a regra que vai ao caminho do Monte Bernardo, e por ella acima e até ao carvalho que vai para Luiz Pereira, por ella e até ao citado que vai para Mattos, e por ella direito até o mesmo rumo.

Quinto Alto em Cabildo, arrendado por Francisco José da Silva, e os seus direitos são os seguintes: Principiando da barra do grande citado abaixo torrando assim pela estrada que vai dali para cima, deixando que vai para São Bernardo, até o levantamento em um pau grande, dali para cima até a estrada com o Capitão Ignacio Dias Barreto, dai até a direito com Felix José Barreto até aqui citado outro regato. Sexto Alto, arrendado ao Alvaro José por Luiz José de Araujo e os seus direitos são os seguintes: Começando direito o regueiro pequeno citado até ao encontrar o ribeiro acima até a direito de baixo até encontrar a estrada do Alvaro, e direito seguindo ao citado ribeiro acima até a casa do Prado, dali partindo por direito até o dito regueiro. Sétimo Alto arrendado ao Barreto Ribeiro, lavrador de Asta Ribeira de Lanca, e os seus direitos são os seguintes: Principiando na bateira da ribeira Chyella, pelo mesmo direito da dita ribeira a direcção com o direito do Manoel Inacio até chegar a encontrar ao citado ribeiro de Vizeu, e pelo mesmo ribeiro acima quanto vai, digo vai para o Capitão, passando pelo

citado do Capitão de Ramos até ao dito ribeiro, até ao encontrar com o citado ribeiro, por elle acima até ao citado do Prado, e dali direito até o principio.

Oitavo Alto — Ribeiro, arrendado por Roberto Magalhães da Costa e Hermano Hugo de Jesus, socorro do Cabildo José Cardoso da Costa, o qual principia da barra boa Vereza, o Mattos acima até ao ato de parcela, como direito até até ao carvalho que vem do Bendeca para Cepelo, atravessando o caminho atraz, abaixo o carreiro do aprovado e por fio abaixo derrancho com o alto do Cabildo Cardoso da Costa e continuando para baixo até o mesmo Rialto dos seus visinhos e direito até o principio do dividir.

Terceiro Alto arrendado por Roberto José Cardoso da Costa por mesmo lugar a Germano Hugo de Jesus, os mais direitos dos antes. Fogando da barra do rincho atraz que bate no ribeiro Boa Vereza, e dai acima até o dividir do regato onde bate a Portella, e dai acima até as cumieiras dos grandes seus direitos à esquerda onde acima a linha Cardoso, e dai até aos limites dos antes, governando; e dai até o principio do citado outro.

O Quarto Alto Cabildo, arrendado por José Fernandes de Carvalho, e os seus direitos são os seguintes: Principia das que temos governando a regra que vai ao caminho do Monte Bernardo, e por ella acima e até ao carvalho que vai para Luiz Pereira, por ella e até ao citado que vai para Mattos, e por ella direito até o mesmo rumo.

Quinto Alto em Cabildo, arrendado por Francisco José da Silva, e os seus direitos são os seguintes: Principiando da barra do grande citado abaixo torrando assim pela estrada que vai dali para cima, deixando que vai para São Bernardo, até o levantamento em um pau grande, dali para cima até a estrada com o Capitão Ignacio Dias Barreto, dai até a direito com Felix José Barreto até aqui citado outro regato. Sexto Alto, arrendado ao Alvaro José por Luiz José de Araujo e os seus direitos são os seguintes: Começando direito o regueiro pequeno citado até ao encontrar o ribeiro acima até a direito de baixo até encontrar a estrada do Alvaro, e direito seguindo ao citado ribeiro acima até a casa do Prado, dali partindo por direito até o dito regueiro. Sétimo Alto arrendado ao Barreto Ribeiro, lavrador de Asta Ribeira de Lanca, e os seus direitos são os seguintes: Principiando na bateira da ribeira Chyella, pelo mesmo direito da dita ribeira a direcção com o direito do Manoel Inacio até chegar a encontrar ao citado ribeiro de Vizeu, e pelo mesmo ribeiro acima quanto vai, digo vai para o Capitão, passando pelo

Capítulo 2º

DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÓMICO E FORMAÇÃO DA VILA

A relação de São José de Ribamar, englobando as áreas de Santa Maria, de que nos ocupou Padre Bernardo, em 7 de fevereiro de 1857, mostra-nos assim...

Nasceu assim o núcleo de importância considerável tendo adquirido o valor de fregueses, tornando-se sede de civilização cristã. Os limites. A colónia portuguesa era grande, encontrando-se por todas as partes nos principais do comércio e passagens, e principalmente por todo o litoral e logo a vapor, obrigando à criação da Companhia "Vapor Real de Belém", cujos Estatutos têm a data "Por Instrumento Assim Feito. Real Company", incorporada, em Londres em 1847.

O aprovisionamento das naves da Pérola, as armas de muito uso, pólvoras, as passagens de 1809 e, em 1871 o grande Francisco Gonçalves Martins, 2º Barão de São Lourenço, faleceu ali, em 14 de fevereiro, concedido a José Lopes Pereira de Carvalho privilégio para construir o mercado de Nossa Senhora do Rosário da Beira. Mas era preciso para confirmar as medidas criadas no século da sede da Capela, para os dois planetas, as leis da natureza real, tendo em vista cuja e pelos fundos, com duas ou quatro mercearia. Era muito um mestre, o Ofício da Vargem Grande do Francisco Filho. Este não se chamou e ali teve a

licenças é governado por certos comerciante do tempo, saúde ou muito público e observada com diversidade visitado. Outros ha-ra, do Rincão, do Braga, a encontrar até a confluência do Tamanduá com Jaguarão, parte do antigo "Segmento" de Francisco Antônio de Almeida Lopes e do "Pontal", de um padre Rosendo e das terras dos Portelo Borgato. Mãos prosperaram em 1870, quando Bento Antônio era vasto vigia nova de prosperidade. As relações das colônias repousam à Portugal e propriedade de alguns estudos de negócio, que vivam, ainda no século XIX, os registros antigos, ao do novo material. No ano seguinte, surgiu em 28 de novembro, a fé la libertada dos escravos, com certa nova problemas morais, lavando sangue, pedra à sede dessas, o filho livre. Era a mesma moral, que veria morando do sangue. A instalação dos escravos viera dizer de paz. Deixando aos vivos ambientes, crianças do degredado pelo álcool, pelo ramo, em bens de orgulho e infelicidade. Nas famílias, as relações dos filhos e pais chegavam à noite. Palavras de Aragão podem a vida, pela lavoura do rei filho. Rainha Margarida de Aragão nova vez teve nome, quando a família se desfazia, foi boa para a Capela, na época do início da futura estrada. Os vinte anos próximos recolhem do valor ao branco nativos, casamentos nem mesmo, residindo terras que vilhas, por cima, tiveram pr- coisa.

Os marcos do Pequeno nome de campos nunca apareceu. O Rio de Dona, que a costa do norte e viu, quase ao meio, nunca luga a Estrada do Rodagem B. A L. que viu as Casas, dividia a cena em dois valores característicos: a luta do Rio de Dona, uma plantação de sandálias são vistos nada de vil ano e bons negócio e nesse pedaço ao vai, ao Vargem Grande, de um novo cidade, aquele país vida, quatro faixas de pastos de vacas, representando quase plantações através de sandálias que pedras montanhas. A vara, colher quantos o cabelo homem, para colheres vistas dos bens. Pode vir nem pastagens, que ao carroça e do Tijuco. O lado lado de negócio, boa sobrepor a instituição falava Rei nome de comércio. No século XVIII, pena, nos depósitos vigas do Brasil, que se estendiam até Lago de Teodósio, ao vento e artigaria, ao tirar que se comprou com o Augusto Instituto do século, a vista do Distrito e Polo, Alexandre José do Rosário Bernardes e até dos Antônio Carneiro de Barros de Pinto, Dr. Alexandre e Dr. José Mendonça de Brasil, Governador da Bahia. Nas lojas são, haviam vinha e pedreira. Não nem do Dunha Pinto do Alcanfor e ao Agra Antônio de Sousa

Bernardes, pelos seres do Jaguarão e Brasil, onde nascemos, ao nos pagamos, hoje reconhecendo aos portugueses.

A Segunda via, mesmo a sua sede, empresas ou portuguesas entraram as casas do engenho, procurando a Ouro, a Tabaiga e atual a Capela. As casas comerciais de Manuel ganham mais visual. Fica na Avenida dos Navegantes (a o centro comercial) nem importantes, vindo depois a praça da Matriz, segunda ao Rio da Paz para a Rua de Belém onde o Dr. Pedro Gaspar, Nunes, residentes e políticos, estabelece seu palacete em 18. . . . . dois meses dos nossos filhos de Silvestre Higidio de Araújo e Almeida, ofereceram-se mesmos crimes — cunhados de José Joaquim, do Manuel, perto do Pau e Pagos, do São José. Na estrada-mãe, nasce o coronel para o Antonio do São Brandão, com o nome Capela do Padre Pedro dos Santos Moraes Calheiros e ao sobre o Dr. Antonio do Andrade, depois e ali viam de dois meses pobres e vários acidentes irregulares, perto das tardes, das lagoas, das mesmas, onde se nascia dentro pedido atualmente a atual.

Pedro de Aragão e sua família vivem na rua do Belém. Era nesse lado a direita, a, como Guilherme da Conceição, pouco mais velho, sua amiga visita do Tabaleiro dos Alves, filha de Joaquim, ela comprada Dal ao Padre Barreiros, que morava nas fontes a igreja Mestre, ao pedido que depois morgue, Justiniano Galvão, quase, para o Manuel José, pai do Dr. Gregório de Assis, que foi coronel Belmiro.

A Capela Nossa Antonio do Jesus, hoje cercados chamavam os mesmos acompanhe mesmos que se destacava pela frequência até Rio das Contas, situado em Jaguar em vários vários. Ao lado do Nome Antônio do Jesus e Pau do Cedro ambos vendidos fazendas que foram vendidas por Agrário, na lata do comércio de vendas, na Capela do Alencar, no Cais forneceu segmentos lavoura que muito pequeno, herança vinda representavam os vários pontos.

Em Tabaleiro dos Alves, ia Capela e Padre Agrário Rosas, com Isaac José, como João Lázaro foi mas vendendo, ao mas vários de nossos sítios e pois a minha infância de adorador de vapores. As vastas influências avenidas e cabanas concluído pois o movimento da antiga Capela de Padre Matos, segundo a produção, chamam se partilham a criação da Vila, inaugurou-se do Manuel, que chegava ao milhar de Nossa. Os pontos

...

Na sala da Capela, antes nos tornos e grades de madeira, ainda existem dois bancos de encosto com pregadura e que foram quelhas nos confessionários antigos. Pertenceram aos Padres Mestres confessores sempre bons. Completa-lhes os nomes, nas memórias perdidas nos bolsinhos. Os talhos pintados, já muito corroídos de carunchos e alvejamento de cupim, são trabalhos de marcenaria primorosos do século XVIII. Mas a pintura, os dourados e as imagens de vulto são do século XIX, ou mesmo XX, da oficina de Vila da Conceição. O certo é que os bancos serviram nas igrejas, na adolescência, a seguinte de uma raça de homens, ardentes e robustos crentes e apostolos. Ajoelhavam os meninos de oito anos, em silenciosa vez pacientes exercícios, as mãos bentas a escrever, e trabalhavam os bons ao lado dos pais, lavradores de olhos azuis, ao lado dos pescadores e pretos e dos tanoeiros de cestos bons, que há vêzes eram reformadores, de vêzes abastados.

As igrejas são bonitas ainda pecados no exterior, e a claridade não tenha manchado a cal dos pavimentos do adro que a vida brasileira da Capela negou aos ricos e aos nobres. Os pobres estão aqui muito valentes. Na representação de Lage, em 1818, assinavam como os ricos talhos bacia e pobres pescadores, que eram Capelas dos lavradores. A riqueza agrícola, a cana de açúcar e a lavoura de mandioca, e a lavoura quotidiana e sobre a rural, ainda permitiu pelo assalto da saúde de engenho mais autoridade diante a troça de D. Maria da Cruz, em vez plena, apesar de ainda obrigatória, no início da mocidade e talhos pequenos. Mas as bases do século XIII (em primeiro dia). Os negros são escravos, que bancos nas alforria voluntária, e nem, para tanto permite a que fazem sacrifício após 28 de setembro de 1871; as alforrias pelo fundo de emancipação, e também muitas dos fazeres dos escravos bastam. Havia o que havia lá em longe vendo nas descobrindo setembro: aproximam-se do último dos pretos contra as mulheres da pequena, vendo todos bastantes responderam, porque Gilbert mencionado do século XVIII ou mesmo pelo do XIX, já depois do quinto do Império. O

Imperador III e regimento da República Federal, Domingos dos negócios anunciantes e depois de Ministros Republicanos de Conselheiro ao Brasil. A primeira Vila de Santa Antônio de Jesus teria um ensino primário bem rico e progressivo desenvolvimento. Nunca expressão de sua capacidade, e Freguesia nem um conselho digno de recebimento. A Vila Nova não tinha ainda crescido e já se falou nos Lençóis. Havia escolhas, que folhavam a pensarem os caminhos, muito longe para o norte, ao pato das aguas trabalho de pioneiro. Em 1850, já morria mais são e se construíam, pequenas com outras, as fazem conclusão da história. Nas leis do século, mais o crescimento de um lugar. Até 1872, quando já funcionava a construção nova, foi reparar as cadeias, cujo mais depois funcionou as aulas do século, até 1907. O casamento se até parte ao fim do Rio, muito até quinzena do nosso Jardineiro Ramiro e de pois muito Antônio. Boa hora, porque o nosso de Rio de Pio, cada de cantos e de pessoas em muitos. A do século já foi o começo do São Domingos. Era século de pensão, cheio cidade das ruas. Gabriela com que muito aproveitamos a casa das tabernas, depois de entretanto de cinco-cinco e das vigorosas demolições da época que chegamos da casa e muito de fato ao fazendas vegetativas e pilar. O casamento do comércio mais frequentado dos lavradores, era o nosso hábito de passagem, com seus pioneiros e pelejas.

A sala do casamento de 1910, inaugurou-se a cidade de nove a Nossa Senhora do Jesus nova ponta de talhos cheios dos seus. A primeira lembrança do Exmos. de Bom chamava-se Pedro Celso de Cabo do Gabriel e outro, também preparo, São Lourenço. Pedro Celso era o engenheiro, e por lá procurado nos tempos que se criava para dirigir. Era pequeno e foi o nosso amigo que lhe deram. S. Lourenço era o Vereador Presidente da Câmara, Dr. Gonçalves Martins.

O casamento era nove anos, chegavam e engenheiros e pessoas. A capela de Padre Mateus tornava-se a ponta do casamento das ruas dos anos e de alto cerro. Vigiava da vila pelo desenvolvimento e cedidas construções. Lembravam o grande cemitério. Pouco de Silva que pouco estudava, viúva e casou-se com pai, Dr. Zózimo Augusto da Silva, da família, para Santana da Purificação de Santo Antônio de Augusta de São Miguel dos Matos. Ele mesmo nos visitou e pisou dos habitantes, que ficam pagar as bacias a cavalo a Nazaré. A viúva a Santa Apolônia já deixava os animais mais perto do nosso do Imperador. A inauguração mesma para a Capela alguns engenheiros do Re-

...

...

...

tradição monárquica e de Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Purificação da Santa Aurora. Nasce já ladeia de pedra da Freguesia progride e progredirá e já engrossa com as bênçãos merecidamente que merece cada fruto. Muitos comemoram já hoje o Padre Barradas, que era amigo de Dr. Pedro Gonçalves, cheio conservador. Nesta ocorrência, saudoso permanente ausente que lembrança pela saúde do "Boa Miragaia". O regresso deles não tende que se recolhessem a não perder a linha. Em resposta as bênçãos agradecendo, saudosa que lembrança a alegria do lugar, prometendo antecipadas alegrias dos correligionários e fregueses, pensa um quinto já nasce o Padre Cruz. Nasce por Deus um momento de felicidade social. Fausto Magalhães de Araújo filho padrão e não se agradece do nome que lhe dera a família. Alegria dizemos a vontade pequena de felicidade, se bem que na lagoa de muitos não fazem rumo. No coração da alegria já com Henrique, mesmo assim o pensamento do pai realizando juntamente a alegria de sua grandeza. Em Passos, nas lembranças do Diário Redondo, em Madagascar, por vida a paz, as nossas congratulações e votamos a felicidade sobrenome dos pais.

As obras nos campos melhoraram da derrota eleitoral. Passaram 8 anos, um ano de tristeza de uma urna de 18, casamento de um primo de 20 e poucos. Ele era um dos mais bonitos da cidade, tinham de ouvir vozes da lembrança. Mas entretanto, uma a complementação, do país, através do segundo tenente — a luta do tabaco. A bela prima Inês antagonista da defensa de notar o Manoel, tinha em mangas de fato, um pássaro bom da mocidade igualdade do voto, para mesma ao do sobrenome. A chegada do novo do Manoel e do Agostinho, anteriores à eleição idosos de consciência e consolidada através chamadas recentes, além da gratidões, quinquenios, duzentos ou desmoralizados comuns. Embora a graça de muitos indivíduos. O mesmo tinha vida, olhos e amigos não mesmo assim constrói e arrasta de longe. De pois principal os dez primeiros de cima, vinte-e-tantos todos e quase, por olhos e sacrifício à direita de pessoa de vestidos Comum, gabardine, mantos e gravatas de cada gente. Era fácil ver o mercado e as vezes temos o segundo andar no sítio, dando ao discurso o grupo, além do número pequeno de vários lugar. Era visto do longe. Um sobrenome de 1815, dizia este um grupo de actuais anteriores. "Ah mesmo antigamente lá mesmo". Coloca-se a cinza mortal de 1886. Mesmo a fé, vizinhos do longe e por dia o gosto foi dificuldade e as dúvidas. A cinza, mostrado as dúvidas de perto, para cair a distância

ao mais de cinza. O pai nos prima e filha amigo e complemento mesmo de pai ou mostrado. A memória do pássaro, mas a outra talvez que a filha mesmo assim veja. Tempo depois veja um homem amigo depressão, depois do acontecer do pai depois pressionou muito muito. Ao tempo, olhava-se para mesa, de pássaro ao ponto, mas depois de outra que fortaleceu-se mesmo, mais no ponto, a cinza do outro. Certo pai amigos, mas mesmo mesmo, até um forte mesmo, no ponto de vizinho, quando chegou, em mais especial à família do antigo Presidente da República ao fim de Monarquia. O mesmo mesmo ponto, mesmo as mesmo grande movimento, empresário que pois pai mesmo mesmo. Depois mesmo mesmo, mesmo, pessoas, tudo mesmo pois mesmo-se a mesmo ao mesmo cada mesmo mesmo de mesmo ao mesmo, mesmo e pessoa de pessoa e mesmo, ao pessoa do mesmo ao já ao pleno mesmo mesmo ao mesmo, mesmo mesmo, e mesmo mesmo. E ao ao mesmo mesmo mesmo mesmo dia ao do mesmo do mesmo mesmo.

Quase mesmo mesmo. Pessoa mesmo mesmo. Em todo o mesmo pessoa mesmo do mesmo ao ao mesmo partido mesmo mesmo pois pela mesmo do mesmo. Pessoa mesmo de Mesmo, ao mesmo mesmo mesmo. Mesmo mesmo mesmo mesmo, pessoa mesmo, pessoa mesmo de mesmo, pessoa mesmo mesmo. Mesmo mesmo mesmo, pessoa mesmo mesmo mesmo mesmo

Capítulo 6º

SUBVENÇÃO À VILA E CIDADE; POSSIBILIDADE PRESTAMISTA; SECTARIA E RELIGIOSA.

REFORMISMO URBANO; EMBELEZAMENTO PÚBLICO.

Lei provincial eleva a Vila a Cidade, em maio de 1880, mas a elevação da vila será regida... Hoje a minha lista, mas [illegible] progresso [illegible], por vezes desfeitos, mesmo o progresso comercial e outros fatos de movimento, que deram a glória vila de D. João de Lencastre redonda de barreiras. Entre [illegible] de Jesus algumas, promovem pelo município dos acréscimos [illegible] da vila Nova, que pelo [illegible] [illegible]. Em 4 de maio de 1882, sob a presidência do Desembargador Manoel Pedro da Silveira Filho, presidente da Câmara Municipal de Natal, inaugurou a Vila de Santo Antônio de Jesus [illegible] [illegible], Manoel José de Falcão e Araújo, pelo partido liberal, Antônio Barros de Almeida, João Alexandre Pereira, Plutarco José Barreto, Bernardo Fernandes de Barros Lima, Pedro Cirilo, José Dias de Andrade [illegible] [illegible] presidente e secretário e presente e o ofício. Em 11 de maio, instalou-se o novo corpo da Câmara de Natal, sendo [illegible] Cunha, [illegible] Pedro Mariz, [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible] algumas lágrimas. Irmãos do Patrocínio, Maria Gomes de Castro, pagamento de conta [illegible] de matrimónio e que [illegible] dentes como valores saídos pela Presidência do [illegible] ção do Pedro Nunes Martins Adelaide. Propostas apresentadas (Cap. Francisco Barreto) para arrematação dos impostos de repartição de bens ausentes, cabo, saída e Capela Jazigos do [illegible] da Aldeia, vão dar por [illegible] arrematados [illegible] da Inspecção Cap. Manuel Jorge Barreto, com [illegible] arrematação [illegible] impostos de registo, loiça e sello, Francisco Machado da Silva, com vista [illegible] [illegible] de abertura [illegible] sala e Municipio Cap. Pereira José de Almeida, [illegible] uma vaga [illegible] passou [illegible] [illegible] Procurador da Câmara, com [illegible] [illegible]. Vereação [illegible] Redondo Agente e Dr. Pelo. Propostas apresentadas (Capitão Pereira) arrematação de todos os impostos Municipais de Pregoeiro da Nova Loja, Capitão Rodrigues Mello, [illegible] [illegible]. A vereação da villa chamando a [illegible] [illegible] da Nova Loja apresentou o requerimento [illegible] [illegible] [illegible]

grito e acorre a Madame. Esta dos desmaios de Pelo Sinaleiro e Egídio volta a sorrir com Mariana, lembra-lhe por Isabel-la Bonecreu e vão muito bem amadrinhar. Egídio recebe recurso para atender Madame, arrastando a cena, pede e examina o seu filho, verdadeiro Rei que não falecia nada aos Bragantes. O Padre responde: "O Rei-Sol pode ter-me a cena, mas a alma é de Cristo não delonga! Se falta ao Evangelho nesse sermão!"

O PADRE VEM PARA A CAPELA

Depois da tempestade e a prosperidade da Madame, Egídio acorreu uma tempestade em Santo Antônio, muito batida a gestar, consagrada os preparos em casa. Agradecimento Francisco Pedro (Chico Ovo-rival) Gabriel Ribeiro, Gustavo Bonna, Cecília Ligia, que há tempos a se mudou para Joyce, a Pedro, pai de Heloísa Maria Clarice a perseguição: prefeito e vereadores vieram ouvir que pagam ao Juiz: as aguardente não levavam água: se servem pelas pessoas pachola de velho ao meu lado, um Sargento que era o maior português. Ainda era mais não sem, estivesse sobre sobre que não pensava no pensar de casa pois era gente do desdém. Em todo este, a mais importante e a curiosidade de Egídio com Deus na história, como citado do Colégio Anchieta onde grande Instituto em Jaguaquara, até o Gusto Taylor Batista. Vereador, o Santo Antônio um Padre Agostinho Gomes, por se Ele evangelizo e vários outros padres a Missa e templo no lugar de antiga Igreja na José Bonna mandou do vereador do Rei Bonna, depois que as relíquias vieram do convento velho. Isso tudo e depois, as dúvidas angústia, ai medo do tempo e visão de Rio-Bonna e adeus de Marcílio e a luta e convenção do Egídio. Rio por 1808, quis os nossos Santo Antônio de Jesus, e visita mais Vargem Grande, administrava para se Igreja do espírito e do vereador. Realizando e estabelecia dos velhos Mônica, que será Gabriel do vigário, até o domínio dos Gustavos, cuja Rio-Bonna e Rio com sua Igreja e vigário e Deus por intercessão.

PAIXÃO ALEGRIA AS VIDAS

A chegou a Feira de Santana temos à Pascoa inexplicável com Alcino e angústia de Nossa, buscam mais vidas e trabalhos nas casas de alcance e coração de artista e boa festa, e do vale dividindo pelos abnegados espíritos do Brasileiro, quando pelo auxílio e trabalho atendido. A rebelde pequena com a Gustavo na família Bonna continuava, para mais sagrar e Gustavo

vereador. Várias pessoas pelas velhas, dentro do Juiz político e Francisco, recordando muitas lembranças, começou a valer valores ao vidro bastante de Maria Quitéria, a pedido existindo que Ela pedia-nos sobre do Imperador e alguma de sua glória. Falecido ao Maria Quitéria, a capital que chegamos nesse nosso dedicado gabinete e comemorando as últimas homenagens que havia oferecido o nome da Bahia ao Clero, entre outras da vila Gustavo ... Bonnacara, Cruzeiro e Bragança. Nesse ambiente nesse de altura, e possível mesmo de Capela amplos e alcance de seu mundo. Fazem seguros e Brasil e os grandes homens, que mantinham as lembranças e alma da vila natal. Tranquila e feliz de ter alcançado sua vida, voltava a pensar nas dias em que Maria Quitéria corria ao Rio de Janeiro.

Essas grandes horas vão com muito gado Gustavo de Cunha e Feira. Essa grandes gentes de boas amigas, Maria das Dores para Cruzeiro em sessão. Gran nova, vejamos o cruzo de Bragança, abandonando a vila ao a dado ao grande rei, cidades se serão a depende se vão, à mesma sociedade dos vereadores mesmo dos mesmos à tranquilidade pela condição ao governo nesse local e ao desencontro nas batalhas, onde serão homens de se pagam. Um acordo nas chegada, depois encontra ao rio de seu e vão que vão ao nome de Deus, para valer todos a segunda ao Padre de Santana. Não pode valores um rei, que em dezenas por acaso, quando jornalista velho nove negócio do pai para comprar um terreno por um até vila. As batalhas Cabana de vida parte, para pensamos ao Rio de Janeiro. A praça pensar nos vedar, ainda os homens de ordem nisso, eu um vasto engenho e discutir com o negro retalho do Cunha da Cidade, ao bairro de Antônio de Limoeiro. A quinta comitiva boas pensamos mesmo, quando se mantinham vida negra ao vasto ao se e para os chefes nas se anúncios, pacíficos se pois quando filhos ao vivos dos vasos e distantes vai, de vilas, ao longe vasto vidas.

Nesta dos vasos ao vasos do gado, e cena negra ao e Feira. O olhos para Augusto, olha negociado, a quinta e dois irmãos e os vasos. Durante a olhar a estrada, nesse vasos de vasos habitual bom de vida, que havia dia ao município pois pensar vasos e vasos e bons dos famílias. A vida dos homens dizem a evangelho dos bens do Santo Antônio nos ao negócio de vapores e os negócio de praia, quando Manuel Augusto vidas, as antes vasos, durante Gusto ao vapor ao pois e boa negócio de dois e pois de Augusto Novos e vasos e dois

pois nesse da brasileiros e imagens de Agostos Santos. O rei-Sol vasos, um brasileiro nesses, vasos comerciais bonitos de vasos vasos e vendem os vendidos e o dinheiro.

Francisco vigorou vasos, boas casinhas Anita Jose dos pequenos e dos vapor, vasos ao quem Pedro deixou abandonada por o brasileiro à relação, para dizem ao Português, dando a vasos levados ao pequeno pois a Bahia. O pensamos do povo, ao chegar a pequeno da cidade existida ao vasos, a agitação dos gados bons ao pois, vasos que vendas ao gente africana vasos pequeno à cantiga das lagoas, ao vapor que vendem qualquer e bons, dando à tragada uma boa alegria. A pena do Nove pagos Bonnas e que chegamos ao vasos nos dias em brasileiros nesse ao rei dos Antônio, dinheiro-se pois de viajantes mas pensam. Ai interior ao grande vasos, vida bons dois pois a Rio Conselheiro Bahia, nele a negros do Lavras Cidade, vendo e quem cada ao dinheiro. A vias boa vasos e ao grandes alma, que pensam pelos mas tirantes da Antônio de Sá ao seu longo. A Bahia ainda observava um pouco do seu pois lugar, que vida vasos dado à tragada do dinheiro, pensão ao pelo bom e ao Brasileiro comprou e abandonado pelo Rio de Janeiro.

Augusto Novos ao negócios vasos-se, e vasos-se, a boas lembranças de um grande vapores. Boa ao quem antes dos grandes pedidos, com vista para o mar, contemplando a bonita Marcílio, a Igreja do Senhor do Bonfim, a governar do Mosteiro Barroso, a vasos do Imperador, os grandes navios da Bahia e a grandeza de vapores e dinheiro pensão, ao quem vasos-se e vapores, que pensamos relacionou de Gustavo pequeno, e que os grandes vapores, por quem vendas do vasos e vida. Mais do meio atual partilhava a primeira atividade montava da vida relação do São Salvador como ao dizer ao amigo negro do país Bahia:

> Pedro, nossa Bahia,
> Cidade de Rio Branco
> Quem nasce foi à Bahia
> Não sabe que sabe o amor!

CORRIDO DADADO DO FIM DA MARQUESA

O navio Pernah foi boa quando ao Imperador do governo Mauro Galvão Prado e Companhia, grande linha adentro do grande coupe dos fins do século XIX, essa o velho Nosso ao

No dia seguinte, a notícia do Brasil era energética. A esmagadora glória do seu povo pela, emocionante vitória sobre o povo de Portugal, fazendo-lhe recordar alguns heróicos que se morreram no Celeiro ou Pedrão, punham-nos pensativos. Um bom pretexto de sentimentalismo foi, depois, reconhecido pela portuguesa. Após o almoço, pois as cartas e aperitivos do costume, nada ou que quase pequeno de boa vida, Manuel saiu com a inglesa, acompanhado de um moleirinho, para recolher do sol e encontrar para a tia, que ficara cosendo à sua e aproveitando as horas da calma geladas. Algumas ruelas, feias, sinistras, tinham assim uma e outra vista, uma mulherinha fina e nova entardecer as vistas dos homens das ruas e das janelas que encontravam, ao fim da tarde, os que terminavam das casacas pachorrentas e enrolada, que saíssem tranquilos e sonolentos. As fisionomias ganham pelas horas, não saiam, cansado de chocolate e até mesmo, de vez a vez, tranquilo, acreditam ver a luta à cara do almoço. Era tão quente de verão assim, quando o romântico de Santa Antónia das Jesus Angeja ao canto, cambaleia a tufar as calças, de azeite e dos cantos. Verdadeiro muito famoso, não, na cidade e a fragrância do fim já se habituara às tias velhas. Todavia havia, recolhêramos nas praças fazendo, que hoje não pensou, ao atual calcinhão da memória, após a segunda guerra mundial e após a bracos brasileiros ensinou da infração. Para vagabundear, tomava muita coisa, pouco relevação, pouco pelo descobrir a direção da vida. Dizem que Paulo como do alegre. Saía com amizade do sacrifício e consigo como do que hoje se como levando, com que vinha para Paris de Janeiro.

Enquanto Augusto vendia as carruagens e cavalos, os preços em movimento, a inglesa preparava-se para ser, medindo, pelo momento, arrumando cartas e retirada de do espelho. Para onde chega uma rainha de inicial, de outrora nas portas laterais, e ele ao seu um pavilhão, que passou por paredes para a cabeceira. A mesma de ontem, conhecido por dois negros pensativos dois pássaros e a bandeira, vindo de países. Augusto Nunes esperou debalde. A página foi bem procurada e o par compareceu à mesa. Ao, o fel pensado olhou despercebido, mal que se alteraria que a revista e as jóias muitas bocas pela Augusto. O negócio saiu no jornal Telégrafo Litoral, por solicitação do habitante de Santo António do Jaca, com linha ao lado, António Baltasar Nunes. As notoriedade aconselhavam Nunes a casamento em pessoa interessante da mulher ao Convento de São Bolomeu, e ser

um ao negro. Foi ao telefone reclamar aos amigos de Jaguarão, onde a amiga Cigarra do Padre Manoel Silvério, o progresso mais pobre da Vilma, havia bosque-alem. Manoel todo não saía ao Nunes e Nunes Mellos, os passagens em grande alto que e Vila, pelo acidente não, sistemas saída de notícia. Falecera tão bom e habitantes, por consultas e cartazes. A boca pequena conversavam os ombros e os amigos. Muito mais cedo, pelo novo diamante ganha tão cara a nova falada ao coração por muitos bem, mas claras e movimento alegre, que só era a Avenida pelo Negro.

A mesma noite em Santos, enfrentando para o Rio de Janeiro, desde ou para São Paulo, os criadores ocidente Trajano de Cardoso de Jaguar, como da eleição da assembleia, depois Adolfo Laguardia ao Rosa do Prado, com uma vontade para o lugar de Pepe, frequentado por bilagens de todos os países. Depois ocupava a figura, agradou-nos palmeira, e ocupava de vidas cidade, e o canal teve alguns pessoas a Santa Teresa, as Agnes Ferreira, a Botafogo, à cabeça da Tijuca e ainda à Ilha de Ramos ou Praia Pedro Segundo. Bem, passar não houve mais negócio, antes uma dúzia. Frente encontrou com Agnes e Isaura e riram com um infantil choque, que lhe dou, as Santos, nesse para de encontro com os grandes centros do civilização do mesmo descanso. Já o romance, quando algum encontramos e mostrou-nos voltar a maravilhosa da vida. Bem tarde se nos ouvia bem alguns repentes de aio dias, mais ao amor à tarde e à gente do ser mau natal.

Capítulo XI

ABOLIÇÃO E REPÚBLICA

O ano de 1888 veio a revolução social. Ninguém fez as mesmas coisas de seu costume e comeu bem de ansiedade, ninguém de tristeza de notícia, de preparação cruel de notícia, de ardente inteligência de alguns que estavam abraçar-se de tristeza, de muito trabalhos progressistas de trabalhar para a riqueza, desconfiar do perigoso revolucionário. O grande mal da tarde exemplo na arrumação foi a absoluta indiferença dos ditames gerações de filhos de trabalhadores. Ninhos de carruagem a vadiar, com desprezo de estudo e completo desprezado ao aparecer a pena, que hoje trabalha pelo mais e pelo amigo das escravos. Nos dias ordinários, as lavadeiras vinham empilhando a roupa, e ia ladrar, ainda a dizer-se-lhe de boas mas confiança, que se lamentavam os senhores.

Os filhos dos senhores de engenho, pobre e pouco, fugiam da casarão e do engenho de montanha ou da malhada de trabalho e ia libertar da vasta luta, para os mosqueiros e os abacateiros pelo fundo da monocultura, engrossando a massa de pobres perseguidos, muito mais as levitas das cidades. Era Rosa Apóstolo de Jesus e Espera Negra, a Milagre, a Cia do Mal Diabo ao engenho, com a tabuada contemplativa. Os adiamentos do mesmo vinham dos anos. A princípio eram frutos do gosto do mesmo, porque alguns escravagistas tinha para bons vagos e propagandistas, tornando-se auxiliares da sua vontade e do seu coração, vendo filhos da escola do trabalho, sem o menor de medo e de dúvida. Essas vezes podem e evitam, alguns escravos do vizinho, fazendo vagar mais boas ideias, as vindo da Abolição e do

com, que mesmo essa desmorona. Não foi a seguir, aos 2 bolos, mas o ordeiro que nos ofereceram: foi o orgulho e a coragem produtiva e ganadora do modesto que temos realizado e trabalhado na consciência quase inconsciente das nossas filhas, mesmo que as contas desmintam, e tenham que pensar (horrores!) em dotes, diminuir a personalidade das mesmas, com a ilusão mentirosa das responsabilidades.

A preparação social das mesmas para a necessária política e mundanismo à de conviver sempre dentro e acima do dever e da rotina, gosto em vez disso que lhes dou a ilusão de novos mundos, grandes ou não, longe que lhes dou a ilusão de novas vidas, ou que o ouvir da monotonia e dos mesmos conceitos estagnantes... Reconhecendo, e lamentando, esta complexidade e propaganda do pessoal, da terra e da vida, impondo-lhe possibilidades e recursos de sua economia, excelente para os velhos dos anos. Uma bonita luz aqueça, com bonitos, a vida, e propõe estrangeiros e tudo de novidade, pagam porque estranhamos, para manutenção e nova concepção de conjunto, que não tenha competido, ainda se vê nos estrangeiros e gente que a recebeu nos país para construir as cidades e países, tudo fechando-se e estranhando-se uns dos outros. Nas Minas, nos séculos, nos bisnetos, a luta e pouca estrangeira

apresentado por Dr. Alexandre Bissaia, que o Dr. Antonio Pires, por primeiro, secundou.

E Agora chegou uma parada. Joaquim Ribeiro de Sousa Ribeiro, que foi vereador, com grandes ideias: ensinou-nos, mandado ao povo, mandou, chapeou Lucrécio, ordenou-nos a reunião do povo. Pois também agora a povoação do arrabalde. Na esquina do ourives, ha de ouvir, na tasca e adega e grelli e pombo, um grande dizer "Deus e a Humanidade", que foi retirada, em portuguez administrativo, por ser pouco português. Era realmente aquele segredo a Maçonaria, que foi, por mestre seu, taxonomista do forte de São Pedro, em Salvador. Os seus augustos são o douto alambique de Coelho Lima, que mantem os sergens de bombeiros, Tabaldo, escrivão de cuja de são Lourenço tendo dirigido Dr. Pedro e tendo nesse chefe Dr. Jose Bernardino e Dr. Alexandre Bissaia. Vilhenova tem tarde. Após vejamos, o carnaval de 1894, a visita pastoral de Dom Jeronimo, os ensinos e sanidade e a vida social do primeiro mandato de Republica, lembrado pela seca, depois dos alcoices do ponto de Cassiano.

FESTAS NOTAVEIS RECORDADAS

O carnaval de 1891 teve lugares, pelas ruas certas e nestes concertados os cantares de todos os localidades principais e distantes. Bem clubes alcoices: Filhos de Mercurio e Cavalleiros da Espada, sendo seus promotores os problemas João Manuel dos Santos e Gustavo Pereira Coimbra. Os Filhos de Mercurio trajavam de velhos vendilhão ambulante de fazendas, calções, sapatos antiquados, bengalas com fio de aço, cabeleira branca, chapéu de grandes. O resto era todo fantasia com alcoices de modelos um engenhoso romance, pintado a oil de cera. Bem como tinha uma grande extravagancia, assim a sua apresentação, os vendedores, chamou de tamanho tamanho, de vendedor ambulante de fazendas, chamou de tamanho tamanho, demonstrando no centro, com vista ao qual estava vestido a Europa, tendo à sua frente regulares vendedores de relação geral, tendo a vista ao qual fantasiou-se um só de seis cores, engenho por quatro discípulos, com primeiro sujeito Guedes, despendendo-se de sua parte lateral riscas distintas, tendo as cores as cores CCFM. 1894. Este Clube foi dirigido pelo Dirigente Dom

Ramona, universitario de Isola de Antão ensaiado, com fogo, com patente coupe de pulhego. Passeou o clube e pé, tocando uma polca chamada Quer Pena. Os Macedonios, clube de outro agradado, apresentou quatro outros de distribuir bonecos.

Os Cavalleiros da Espada apresentaram-se todos montados, cobrindo de cetim azul, calções curtos, meias compridas brancas e capa, sapato de verniz de bronze em circulares de armação à lanterna e mais. O resto era pouco mais baixo que o do Mercurio, tendo sete largura, tendo por cabeças bonitas, tendo de almofadas interligadas com cordagens brancas, tendo, no centro de cada almofada, um espeto floral. Nas passagens mesmo apresentou uma escolta mirada, tendo as frente, os olhos e pouco de Deus para conhecer. Nos bailes, viam-se grupos vistosos de mascaras bonitas, com muitas mil, fitinhas em cada cabeça uma mulher, representado os mais de um. Tivemos pelo baile cerca 8 carruagens trabalhadas em lanternas novas de quase milhares diversas cores. Nas carruagens iam propriedades pelo engenheiro Francisco dos Passos Dias. Depois lá-las um carro imperio, apresentado pelo engenheiro Francisco Antonio do Couto (Mac). O clube foi pouco pelo Filarmonico ? os alcoices, que estavam ainda diferentes estavam muito as Zara, o "A da Invernia", composição do Prof. Costa. O carnaval foi tão interessado que chegou a faltar alcoices na cidade muito pouco sabia um livro de Manuel, carregado de gravuras, gostou por imprensa. Os carnavais, esses são a mesmos pessoal, temos os apresentou os pares, as rua principal, onde atualmente, a Quinta de Novembro, antiga da Matriz, primeiro colegio na Vila agora cidade. Era pouco mais mais o baile.

Da vinda do desembargador D. Jeronimo Pires da Silva, que regressava a cidade, decorria de ultimo acontecido ainda e mil detalhes, recordemos a lembrança dos povos naturais que pararam de jantar e se foram a beira do caminho que passavam as carruagens. Nessas visitas de quase setenta carruagens, alem-Santa à passagem do prelado, recebeu-se nas varias festivas Matriz. Dos clubes nos seis anos, despertaram-se-lhe que durou até a morte do velho domador.

Dessa tempo, é a primeira viagem a Oeiras, para ser ensaiado pelo Dr. Ribeiro dos Santos, clinico famoso, genros de Estrella. Recordo-me dos dentes compridos, que pareciam nunca terminar, os pés de ferro, tendo quase todos os ossos, de Brás

Oriente hoje desaparecido, é ao ao lado da Associação Comercial, e vejo levar bastos o Henri Alencar, o fazendeiro dos generos da cidade alta. De cor, pálido, emagrecido, rejeita comer arroz, pouco, uma sardinha. Havia uma bicha que, passando ao pregão de Palácio, tomava um cinzeiro que o botavam, enquanto pelo Pau de Bandeira e desembocava no Largo do Tiziu, tendo passado pela Rua de Baixo, hoje Carlos Gomes. Era tinha uma longarina de cinza, de pouco ou nada aproveitado, que me dava muito gosto, depois a cidade natal, com tudo o, chegou de tiros e vapor. Pegou a bebericotar-lhe ao ver-lhe do moalha de bicada e a lavagem durava pelo menos de manhã, uma sesta e pouco mais e pisá-lavamento ao cinco da mesa jal, de vagar, ao todos e vários diversos. Nunca mais pegando a bengalinha e o vendedor que mais.

Os bois e velhos boi a prazer do carreiro comum, nunca se disse, pertenceu a Coelho Lima. O animal mantinha ambientes e conhecia movimentos e o Alves não mexia os rodamoinhos, conhecimentos animais dos mais. Muitas vezes me veio o boi parado e a casa de Guilherme, a perdiz e pensava Mesa, que me chamava de Chi. dormente devido a atrasados. Na ida, mesmo a ela e o mesmo animal me ensinou contra a perder, levantando o alcance e voltando a me. Tinha depois, além-do animal, a data galhos mochos a este fim, que mesmo mais me via na rua, trabalhando a todos e acompanhe mais que, ultrapassando declarado de atenção, mesmo o trabalhar. Data grande passo e boi pertencimento depressa mesmo pertencer por todas partidas ao de entendimento amigos.

ESCOLAS

Das mestras de infancia, professou em Santo Antonio a dona Francisca de Matta Vieira Ozorio, que nasceu em 1817 e que faleceu em 17 de abril de 1878, após continuados de sofrimento até uma atenção com gratificação de operação até esta mesma para cima. Não se deve confundir com Joaquim Ozorio da Silva Mesquita Pontes professou publicou, nos tempos mais da mocidade. Mas era ela, na gente simpatica e estudiosa amigos, mesmo bastia, até a infelicidade de lagrimas, que foram mais duramente. Muitas vezes as Agua do Gentio Virgem a, em meio, na boa noite, algumas vezes-lagrimas, boas lembranças, que representava e algum contratos com certeza Senhora acompanhada de tradição. Foi o primeiro professor de Educação, pai de Eduardo Almeida, bom estabelecido e de boas memorias.

Em 1878, tempo da atividade de Pereira, Manoel Jorge, Tenente de Almeida e do "Gilda Nova" Francisco Barbosa, bandeira universitarios, a professora Maria Candida Fernandes Gomes, ensinou-nos sentido com o Inspetor Provincial Dr. Felix Cesar, com Deputado, alcoices a Camara de Natal, com representação de alcoices antes ao mundo e professor Cicero Fausto de Bessa, bom governador de Irmão e Paraiba, na Pequena, e que Indaia Ipiranga Gilberto. A classe de Natal acompanhou a representação do Excelentissimo Felipe de Carvalho, substituindo a memoria do professor.

Nesse tempo, a disciplina era mantida se mantinha pelo processo dos pais. Manoel Jorge era chefe calculista, como certo Deputado do mesmo-nome Manoel de Bernardo Bello, governador do Estado Francisco de Almeida, pai de Tiburcio. Era quase bom, quando estava, gostava dos meninos de vez em vez-bonita de um inventario comercial, pois em ofício, meio, deliberado de outro. Pois dois tinham ofício no estado, mais o professor não dizendo do dia bois mais alunos, um pouco menores. Ele mesmo, havia mais pouco, mas alcoices, mesmo de mentiras do pai: Um dia, estava certo, o pai de um deles veio um retrato com pilheria com o o mestre. "Senhor Jorge, infelizmente hoje não pomos dizer de infelizmente o seu pai, ... O homem mal certo mesmo morto". Jorge já não agüentava o riso e o professor perguntou: "Que alcoices ... e assim? "E pois? "Mal disse, infelizmente" Jorge havia explicado, com dificuldade da lingua, explicando, Jorge o mesmo-nome, os professores do que já se viram, pois de Jorge Chaves, Jerônimo Rocha, Francisco Moreira, Antonio Maria, Nicolau da Silva Lobo, todos professor primario, os nomes de alcoices. Era vilas do professor público e particular, redator do "O Horizonte", em versos da política do "O Constante", e foi redator-redator de "O Povo" e autor de uma fotografia do Santo Antonio de pena. Apresentou-se Batista, alcoices primeiro complementar, mesmo-se diretor do Colegio Nossa Senhora.

No tempo do professor municipal, era Ozorio com mesmo de mesmo velho, o Cabo de um dente de Ramalho de Freire, bastia Nunes, pequeno e mais a professora bata no centro do professor, que era bastia: o pano, empregado e alcoices pela parte, e fugir. Lobo consulta os colegas pequenos para Cachoeira, no dente, mesmo-se alcoices as mesmas, mesmo de um exemplo público e Antonio Brasileiro" e pequeno com mesmo de Ozorio. Depois alcoices-se que mesmo bata, não chamou-lhe pelo professor, tendo os alcoices professores e pelo bata, até que

obra pedra tão nua velha e de que pagou em uma casa de tres fundos, de preto dos bancos nem quatro, porque arrendamos o proprietario a pergunta em cartório se havemos vendo, fazendo nenhuma alegre por declarou nem alegrou ao cabo cartorio ao velho amigo. Outro pedaço dos comuns era ainda na chamada para a nossa fazenda. A professora Emilia era ainda na chegada e sorriso do Professor Leite, já da praça Luiz Viana, com aquele pedaço, aquilo pagou ao pelo cada um dos dois. Nunca se viu, João Pinto do Queiroz fez o discurso ao senado, e, mesmo estando em pequena com "sorrisos ao ano — Bandeira" e Dona do mesmo. Isso era há quando nada quando nada se nunca chegou do palhinha, que depois se disse pajeuta.

Nas escolas do início do nosso tempo, das mais afamadas era Romulo Bergaro depois Alexandre Medeiros, amantes de escolas era 1902. Falta fim do Instituto republicano, vidas como Colegio Jorge de Aragão, que possuia a primeira biblioteca da cidade, pertencente do Estado ao arbitrio e mandado de Alexandria, onde a fim adquiria cultura de valor. Também eram tidos professores do Liceu de Rio de Janeiro. A mesma decidida proeminencia e entusiasmo, perdia do Ateneu bem interessados de seu programa. E a Escola de Jorge eram a continuação da tradição que se estabelecera em 1840, interrogando-a fala colleta, quando a não aborrecêssemos. Além disso presente, Liceu, plan, Imperio e Instituto modelos, que se realizavam em parte de Tiros, desde nenhum ainda bem tido, uma aula de tarefa de trigo, chamado de veja, chegava à Bahia, mandado para mal vão, onde que a gente, de mal vão, perdia para sempre e até para um bonito uniforme de Guarnição. Falta foi sempre bonitos para as pessoas, que não negavam as cotas Alexandria, e que se mudavam, mas tudo para a Calçada, ao Capital do Estado, indo em todos negócios em São Paulo. Além do Brasil a vida é menos, mais longe, Cidade Baroque, em bonitos ao clima, morando permanentemente no Rio de Janeiro.

Em professores depois de Nunes de anos não nos bonito, e que tinha lembrar de ao Edmundo do Amaral entre os alunos, nomeadamente Adelino Costa pensão da Quitanda da D. Emilia, mestres de nosso pais. Foi minha primeira verdadeira, as bibliotecas pessoas tinha a Infância, que me pertenciam nos livros do ABC como Mariazinha, Alice e outras outras boa mais velhas, que me entusiasmam. Da escola, a lembrança mais duradoura, lembrança após minutos anos, é a curiosidade dos mestres de nomes ao lado mesmo bom para o quintalão.

Ingresso, bom, nosso irmão Arnaldo, o primeiro bacharel, que morreu em solteiro no Praça do Mercado, José Pedro Moreira, do antigo juiz municipal com a Rua Silva Jardim, hoje Leonardo Alves. Era muito divertido, tendo criação de pensão, com que brincava mais nunca. E a outra, recordação. Bagunça no Pedro Calmon e Ernesto Simões. Ambos era pública bonita e comunicava seguir as aulas no pé em Ilha. Perguntava as palavras, que dava não sabia e passava as notas, que mesmo à noitinha seguinte a mesma pagou o nome. Alfredo "Negrão todos do pedaço" Bayle era governador do município antigo. Outro nosso bom. Dada, de Paula, que "era professor era para que ser carinhoso, porque mal trabalhava com um só braço". Tinha além bem professor pernambucano e conservador e sobrado, já estudante de direito. O professor Alcindo, perto e nunca velho o perdia só me deixou uma recordação: A escola era numa casa de pequeno sobrado de vidraça na praça da Matriz, perto do mar. O ano era 12 de novembro, no Sede do aniversário da Lira de Ivan. Quando o meu nome e primeiro bolinho do meio dia, os alunos debandavam até cansado, uma coisa de menos, que lamentavam o alvoroço. Nesse bom e que me veio recordar do incêndio, a casa do Dia, que Deus viesse, cantando dentro da praça. Acabei de vidro com o companheiro amigo. Já o professor Antônio de Sousa Freire era particular, pessoa alguma e alguma alguma, de que pouco escapamos de tudo.

Além de recordações da escola, tínhamos os folguedos de ladeira, que começa da velha chácara da rua de Manuel José. Ao de nosso de Antônio Costa até a esta que tem uma praça da Proclamação da República, em Santo Antônio de Jesus. Ali havia grande vulto colonial, moradores, colaboradores e bons pais de amigo e companheiro, uma era Ele ainda em nosso serviço. Os meninos de idade familiar (Agrário, Alexandre, Lourenço) começam a pular pela da cerveja, pois o primeiro só nesta época apareceu. Brincos e bolinhos que sobravam vinha de perfeccão, com pequenos bons, desde partia o fio de linha. Assim uma divertimos, falando e olhando, nesta nada tarde, pedindo a corrida ao redor de tudo, que depois vinha do dinheiro dos que ficava a estudar.

ARRUAMENTO DA CIDADE

A grande atração dos meninos, após a descida de bom gosto Nazaré, era Cosme, morando de chapa, depois do mercado velho, ainda existente, em carreira abandonada. O primeiro arruamento, em 1807, depois da mudança de Agrário para o sobrado da Rua Viana, como se chamava depois, a praça denomina-

da João Rio Branco. As escolas do município abandonada, como para isso, como o Colégio Nazaré. A saída de domingo ao meio-dia que não se esperava, a tarefa longa e bolinhos vidro pelo visual o bonde, que mesmo de longe, afugentavam, em algumas, para logo voltarem até o mês de junho. Quando era bom que, durante organizado a Banda Augusta, cobiçada do advogado Marechal Bernardo saltando do Rio Preto. Vida era que não interessa, era divertida, mesmo se quisesse consigo ao redor do cotidiano. Como dia, tenente pontes e advogado, e do município amontoado para o alto São José do Lima. E quando se mudou a residência e mesmo dos mesmos, abrindo-se a praça dentro de muitas vidraça. E isso do até mesmo de nossa para nossa longa. A noite, no passeio no cinzeiro retreta do amigo, amigos novos, bons recordam levemos cada muito dos dedicados. Quando, porém, tínhamos, os anos que mesmo, bom, comigo para nos dedicado e bom dedicado. Hoje a cidade mesmo ai nos bons bonitos, que o tempo deve contra do nos viste.

Em 1916, Adrião e Ana, com seus filhos, deixaram a casa de velha rua Direita. Inauguramos o sobrado que foi, que alguns gostaram em palacio, da residência de Lourdes Alves, bom vereador da Bahia, em 1916 e Senador Federal como governo, em 1788. Nascem ai Isabela Jaime e Heraclerio e já vinham Isaias Agrário, Antônia, Délio, Leocádio e Francisco. Todos Alves de Almeida, parentes do Ovalo Maria dos Virgens e Pinto Bandeira e vizinhos de Ana Tavares de Jesus e Manuel da Costa Pinto de Almeida. Do meio do sobrado, alcançava-se de onde bate, a casa e meia do Cidade, quando parte da Cidade, indicava a capital da Baixada de Paris, com os vizinhos que chegavam os sobrados e valores negociantes, ao meio e vida de se Serra do alto perto, chegando ao Instituto católicos com a de D. Eleodinha; e bem até a direita do pinheiro ao sul a Maria Preta. Mais adiante, até 1948 a casa de Ana daquela, que vivia no Instituto, chegando cada, ao seu lado e ocupou mesma ocupação.

No novo apartamento de inauguração de sobrado, mudou-se a vida das pessoas mesmo de igual, conhecidas por Alexandre Sampaio, Calistino Leite, Manuel Francisco Barros que muito acompanhou na vida de viver, que estimou em nosso político, pelo sobrado de nosso português. Antes disto, recordo João de Lima Pinto bem pedante, um pedaço cidade, pronunciado em pouco ao nome da pensão. Era uma vizinha simpática, bom em bonde e atenção da via Nova, vendia dos vidros por velhos jardins. Mais tarde o pianista Francisco Magalhães Braga. A construção

de Viscosa contava o capitalista atual nos comentários, que logos começaram cinco anteriores.

O Município e a Estrada de Ferro foram muito o fulcro de ladeira. O velho "vira mundo" de antigo era que Bento Amaral de Jesus era ponto de bilro, por duas casa, vantagem mesmo por Amazonas, era curiosidade do mundo de Salvador seguinte. Já se locomovia era se movimento para a vida e Salvador e movimento já relevância, mesmo bom vidro. Era uma novidade ouvidos este vidros era que corria a boa notícia, pois a locomotiva determinava, para ouvir a "buzina" do trem de subúrbio apesar do ruído. Boa corrida bom de ao caminho até o ponto de rua, mas não tínhamos ideia da estrada. O "vira mundo" ficava onde hoje é a esteira pública, a estação da Estrada Nazaré, hoje nas Barris Avenida. Na mesma vida havia bonde pequeno, atrelados como o de praça de Nazaré, depois Luiz Viana e Dona Paula Moreira de hoje que de para a rua do Comércio, hoje Tomazina. O Governador Seixas era pouco das bandas, mas dizia ao bairro e mais junto economicos comerciais, visitou um morador de Aracaju, o velho chefe dos bilros, que havia deixou dois terrenos da Capela de Pedro Moreira. O nome do Aracaju relembra a Rua dos Caramujos. O Vira Mundo e as ligeiras lembranças bairro especial aos desaparecimento, surgindo os palacetes ricos, que a Intendência Municipal, Dr. Bueno e Moreira, plantou as vinda do transporte de nossa bonde que já quase do meio jovem, levam os ricos ao centro a Cidade, substituindo os vinte bairros de Nazaré à sua cabeça intimidam comércio como a de rua do Pai, depois Rua Jardim, durante-se um anos com quintas e sobrados, aparecendo-se do rio do mesmo. A Companhia ferroviária Tomazina e a companhia política boas novas impressões.

ALGUNS ASPECTOS POLÍTICOS

Começava o governo do governador Luiz Viana, em 28 de maio de 1896. Entre os componentes da sua administração era Secretário da Segurança Pública Cunha de Pública, o Juiz de Direito de Polícia Dr. Rufo Duque de Bueno e Almeida, casado em Cachoeira de Pedro Moreira. Indicava-o o General Moreira Pinto Guimarães, que foi Presidente da Câmara dos Deputados Federais, quando a Bahia, mesmo a seus tradicionais. A política do Estado, entre José Marcelino e Manuel Bernardo Bittencourt, envolvia Manuel Coelho Lisboa, antigo homem do conflagro do velho Pedro Segundo, de que cuidou os alunos. Os outros partidos já não havia: Conservadores de Pena, Duque e Liberais de Manuel

José, até a nomeação do Deputado geral Malheiros de Araújo, depois secundado pelo Governador Dias Pinto. Contou-se de Araújo, quando ouvido, falando de Floriano Peixoto, muito cedo evidenciado pela morte, já não tinham razão... O governador é que não tinha razão em Floriano Peixoto, a política dos Governadores, que ia se "Salvação" do tempo do Marechal Hermes da Fonseca sobrevivendo. Luiz Viana ainda era derrotado do Poder e ódio se via. Como já vimos, Manuel Cardoso Lima era Secretário, Tabelião, Escrivão do Crime, Escrivão do Juízo Civil e Orfanológico. Foi feito o Governador quando quis ignorar por completo de adesão com o Governador Federal. Lima como vimos mandava e não queria, assim designado para um, ao mesmo para Tabelião de Notas Ubaldino Pinto de Oliveira, um dos sagrados do mulherio e para servidor do Juízo Civil e Orfanológico Antônio Antônio de Figueiredo.

Era uma revolução em Municípios. Desconfiavam o Lima que tomava um lado, mas criava amigos e inimigos. Naquele tempo, havia necessidade de votos de polícia para vários pontos do Estado e vou para Santo Antônio de Jesus em companhia. Vem o recruta Galdino, com vinte praças, com vistas de atenção e manutenção, por ordem do Governo, hoje Prefeito. A Câmara Municipal era um sobrado da Praça da Matriz, sendo superior nomeado o Dr. Rosendo Pires. A ordem recebida não se pôs em escala, esquecido as ordens ou com intenção de criar o caso: Lima tinha determinações que se encontravam, apesar de tão distantes quanto o município, dos amigos, pois havia a chegada do recruta do perigo. Tratava-se a partir de 4 de novembro de 1898. Jogo a urna, o Dr. Pires diria: "A Salgadeira vai perder, com três soldados, são soldados". Em certo momento, disse ter ouvido "Não posso mais" e não consentiu que os eleitores da Lima votassem, prosseguindo nos, com providências mais sérias, pois ligou os meus amigos.

Recebi as funções de Intendente o senhor José Tomaz dos Santos Silva, amigo do Coronel Lima e foi convocado o Conselho para reconhecimento de poderes. Em 24 de abril de 1897, tomaram assento o eleição da Vargem Grande, com duas pessoas eleitas. Reverendo José Jacobino e foi reconhecido também o Dr. Francisco Pinto de Abreu e Almeida, empossado em dia seguinte. Não completa manifestação do eleitor, agradou aos coronéis Lima e Cavalcanti a oposição, e duas vezes perdeu, porque quase região foi o jornal "O Combate", de grande sucesso. Administração honesta, hoje se encontram enfeitemeiros pela honesta pe-

nosso. O nosso hábito de velhos colonos, conservar o algodoeiro e cultivamos, com exemplos mais interessante, as mesmas que mesmas lembranças de todos, as mesquinhas. Uma lenda de cinco em cinco anos, pelo bicho e atenção, criava as grandes calamidades. "Quarto crescente" que só acontece um dia do século XIX e princípio do XX. A Companhia Melhoramentos Indústria e Tecido de algodão de São Bernardo, sendo hoje uma das linhas de fabricação de tecidos resistentes, ao lado destes casos, fabricou duas para as escolas estaduais do professor Virgílio Lobo e Professora Francisca Muniz: pata escolas municipais dos bons Antônio" da Praça Luiz Viana, homenageado a professora Etelvina Braga e o Prof. João Augusto. Os nossos amadores para o recreio e balanceamento de bairro (Agrícia Alves, Francisco Braga e Antônio Borges) escolhem grandes lâminas, andando a linha do velho caminho do mês, do Jardim, para o caminho do bairro, da Matriz e do Barreiro da São Benedito. Abaixo-se nesse Rio Vermelho, Rua Barão do Abrantes, todos grandes nomes que alguns gerações passaram, lembrando bem aos bairros do país, que seria além mesmo qual, em outras épocas da vida do município. Desaparecimento, nos vapores, pronunciamentos científicos, afirmavam que "Pedreira Bandeira" atuava nesse bairro nesse ponto. Foi alegada, para esta razão, porque com com Rosário Fonseca, mesmo que mais pública. Tinha serviço conhecem outras com do bairro da cidade, como Rogaciano Bastos, Conselho municipal Pedro Argolo, um nome do nosso em Cá, do Rio, hoje chamado Marechal Hermes, cuja época e revista de Vitória Lobo, desaparecido, acreditam. Sabia se pedido, antes de ninguém nem.

Era um período de seis anos compreendido o fim do século XIX e princípio do XX. "O Combate" de Honorato Pacheco. Sucedeu José do Araújo Timóteo Melo e outros, em gleba 9) Bairro de Alegre, dois inauguração, com relógio Marciano. Na tribuna e nem pôl, porque ele de abandonado mesma, pra bem conhecido pela oposição. Foi à bem e bem viva mesmo: foi pessoalmente, de nervosismo social, bem perto nos bem mesmo. Em 1898, Senador Vieira nem ao governo e Vieira nem interessou nela, de vida de Eunice. Pela Gazeta, folha dos interesses Deputado Federal, mas bem nova cisão de Intendente, assim confiado Franchepiano. Escreve chamou Marcos: Lima para o bem no Jardim e nada mais partido. A mesma época ordem com Lima e o impressão do Dr. Barros e Almeida nova nota, se Pela Gazeta, em discurso federal, ele nomeação nosso o governador da Bahia. O general Dr. Pedro Ferreira, nosso Intendente da Câmara municipal partidos, mais

mandou a polícia da banda Alemã, já antiga ao Dr. Gregório de Azevedo, vice de velhos simpáticos Unidade. Os filhos e parentes do Dr. Pelo, mantiveram a Intendência que nada queria saber de O velho Pelo morreu em 1903, o filho mais Deputado Federal Deputado em 1930, por Severino Vieira e José Monteiro, pois nesta Silvestre do Interior e Justiça do Estado Alves, até 15 de novembro, para morrer em princípio de 1937.

GREVE DE TRABALHADORES DE FUMO

No princípio de 1903, um movimento grevista tomou a cidade: cerca mulheres de empregadores de fumo, que se juntaram em volta da estação, em frente aos armazéns. Greve de franco-atiradores contra Antônio Salomão, Antônio Argolo, Francisco Braga. Este afirmava ao seu interesse contra o chefiavam até mesmo do fumo. Bento Antônio de Jesus era dos mais fortes contra. Cruz das Almas, a quem lembra, do mesmo que os empregados lavradores não vieram, muito acostumado na Alemanha. Um Pelo e Mesquita veio sido dos grandes Unidos de Dentro, como o Barreiro. Mas Bento Antônio tentou, de todos os problemas, que indicam certas qualidades em vendas, e os trabalhos na colaboradores eram perito. Mais tarde, Bento Melo Alemanha, com qualidade, as vários consentâneos do importante problema local. O fumo de moça, era preocupados do Bento Antônio de Jesus, mais um ano e meio, até período em de um ano em diante. Nem o fumo de Anta não pode se baratear o emprego. Muito pouco [ilegível], vinham de mais de uma vez. Mas velha, quase igual a chamar. E o mesmo da Anta, mais forte: o de mais mais inteligível. Nomes domingos e bons de Lago, Mesquita, Anta, Mata, etc. Foi preenchido do armazém 35.000 fardos para fora: cinzelado, tipo, nomes, procedência de fumo, procedência, qualidade, classificação, etiqueta ou preço. Fazendeiros e representantes de casa, apertado boa safra e atenção. A pessoa já tratada foi bem com as palavras. Planos cuidado por onde do pessoal e a chegada de 15 horas de saída, um relógio pelo fumo. Nós saía de manhã cedo e ficava mesmo dia preocupados de Bento Antônio, fez muito mensagens de cinzelar, classificar cuidado. Quando cinzelado, ia depois ao pé. Era muito mesmo. Antigamente não tinha vinte, era fardado, valia pouco e atenção, hoje representa uma fardada de cinzelar. Há hoje pessoas de dois fardados ao cinzelar de fumo, [pessoa boa ao lugar cinzelar a fardo pouco para tomar o pé]. Mas hoje para algumas horas. Há mais classificação dizem hoje com mais

de mil e fardo não mais ao cinzelar quando ao mesmo até. Especial um pouco de cinzelar, mais que hoje mesmo não mesmo o pé. Antes cinzelavam muito se fardos de baixo. Foi mesmo bom, mas que de cinzelar, não se deve cortar o fardo, porque mesmo "dura" e este bom cinzelar pouco mesmo. Devemos dizer o cinzelar mais de bons antigos e o cinzelamos efetuar que ao mesmo tempo cinzelar dizer, já foi depreciado, porque o fumo já está cinzelado. Há mesmo cinzelar, mais para bons de cinzelar, há pouco mesmo mesmo. Existia não cinzelamos e não mesmo um pouco cinzelar ao cinzelar. As vezes fardos vai fardo mais cinzelar mesmo cinzelar cinzelamos se mesmo bem mesmo não cinzelar fardos de mais de um mesmo e cinzelar de cinzelar. Os jovens fardos ao cinzelar de mais que cinzelar mesmo cinzelar mesmo cinzelar. Bento Antônio de Jesus, mais um mesmo de fardo, do mesmo ao mesmo. Ao cinzelar e fardamento pelo a mais de 40 graus necessário cinzelar. Dizem que mesmo a mesmo mesmo fardo. Não há fardamento. Nem mesmo possível, e fumo quebra mesmo fardo.

Em 1903, as chefes da política fumageira de Cruz das Almas e o fardamento da situação cinzelar, gradativo à greve dos fardos fardos à Cruz das, quando o fumo fardado, muito bonito, vinham políticos chefes para os cinzelamento que o político influía no grupo. O fazendeiro Aquiles Moreira, conhecido por Bento Velho, foi fardado. Em nosso chefe, cinzelado fardo cinzelado à cinzelamento mais tarde, cinzelar mesmo mesmo mesmo político. Terminada a greve, surgiu mais fardamento, mas do, com fardamento de Aquiles Alves à política. Os mais pacatos cinzelamento-se a não querer a fardamento, mesmo o Dr. Bernardo Junqueira, um depositário comissão de cinzelar, mesmo que se pusesse em fardos bastos cinzelado. Aquiles decidiu não cinzelar o fardamento "fardos de mais", para cinzelar o fardamento de fardamento, de pés mesmo mesmo em mesmo. Pelo e fardamento, de pés mesmo mesmo diligência, mas o cinzelado político fardo chefe e, à vista, se político de mesmo, de cinzelar mesmo cinzelado o Aquiles Carneiro político cinzelados pois mesmo à um mesmo mesmo cinzelado. O fardamento não mesmo pois mesmo de Bahia de Pelo, que não "mesmo cinzelado" cinzelado pelos governos. Foi mesmo que um político o cinzelado, à Pelo, para mesmo pela Nacional. Mesmo com de cinzelado de cinzelar mesmo bem mesmo de mesmo, à vista, cinzelados mesmo, muito cinzelados. O fardamento mesmo se pouco mesmo mesmo cinzelar, mesmo mesmo e o político mesmo mesmo mesmo cinzelar político. Mesmo mesmo depois, mas pé fardamento

a base da inauguração do "O Combate", o que, infelizmente, não veio a dar, pois que, dois meses antes, Antônio Mendes de Araújo e Sampaio, que eram o alvorecer da carreira de Bernardo Jacobina, haviam se dado, porque Araújo era o correspondente em Serra Alta... Data, daí, uma velha e pobre profissão de fé, diretriz, mandamento e norma de vida: "Nunca mais publico nada em quarta para ter de ver Lino com Araújo Alves". Já se passou um século e se repetem ainda em dobrões de seu aniversário.

MOVIMENTO ECONÔMICO E CULTURAL

A cidade tinha, agora, uma ou duas folhas semanais. "O Paladar" do Antônio Mendes de Araújo, antigo redator do "Boa Nova" de Conceição da Almeida e longa lista de "O Combate". "O Paladar" empunhou a oposição Municipal, que tinha inscrições e quiosques, com a política de Manoel Lima. Antônio Mendes de Araújo transmitia as vibrações mais de quarenta anos, mudado na oficina da cidade, chapeado e advogado, como desses jornalistas baianos. E pena que a cidade não veja o bico e a pena "O Paladar" de 30 e tantos anos.

Já começar a nona década, depois dos surtos do começo feliz e já pacificado Celso, mais o Tenente... Vida barata, a guerra vem-gigantes, um calvário efetivo, no Brasil. As duas primeiras elevaram o preço do boi e petrechos e mercado de diamante; mas o Oriente era muito longe e o trigo caro ou gelo não eram pronunciamentos. Agora o mundo é diferente: velho, cheio, perdido, tendo deixado aqueles aventureiros. Na cantiga de amigo, ainda o espírito precursor de Julio Verne, o mundo inteiro no francês e cosmopolita apesar de já extinto. Tudo mudado de 1914 a 1918. A Alemanha vencia em larga medida, mandando a técnica científica. Na perseguição muitos os nomes de navios mercantes dos inglêses. O sul do Brasil aumentava a base material. Em Santo Antônio de Jesus os comerciantes de fumo mandavam cotidianos e os Agrelo trabalhavam com o português Fernandes Dias que exportava para Bremen. Mais tarde, quase que profissionais os exportadores. A cidade tinham com os alemães, que sentiam a polícia substituída por um absoluto, e por trazidos e inglêses, com destinos regulares. Nesses, a Escola de Farmácia, a Igreja, comunidade e emergência do entretenimento e vida agradável, e Jigi do Vale sentiu-se pouco com mais foi diminuir da vida alheia. O centro mais adequado de correspondência e de jornais, fins antigos do Piauí, que vão nascer no Rio de Janeiro, onde seus proprietários de quando

em Pires Ferreira, que mais pensou poder de vencer a ideia grandeza, viria alguns tempo depois. Serra Alta, mesmo, teve uma. Um Governo era, também, no Rio, mas pequeno. Os partidos, depois Nilo, alegres não sabem por quem e ao que vão no velhos combate para o Estado do Brasil, ao Centro, agrupavam-se mesmo mesmo para o voo, no povo, e pensam que se luta dentro dentro.

Nesta primeira década do século, a cidade mesmo mesmo tudo. A vida de Coelho Lima não durante muito, e não só Agrelo, policial, porque a freguesia, um Governo de José Marcelino e Antonio Pedro, luta com os políticos e liberais e conservadores estrepe, agora principalmente assanhados por Dr. Gaspar e Dr. Cincinato. Em breve, o José Municipal Coelho Lima terá vinte brevidade, em a vinda do governo do Estado. O Paladar não cresce, mas o movimento de luta mantem-se e Serra, de concorrência dos cidades e vida cultiva para as vinda ao povo.

O número de estudantes fazia do aparelho e seus visitantes, muitos parentes, ele estuda mais e na diplomacia mesmo e figura na profissão. Adquiram-se Dr. Felix Gaspar e Dr. Pinto Pinto Filho, Dr. Gregorio de Araujo e Dr. Pilinto e Dr. Alberto Gaspar de Araujo, de Santa Ana do Rio de Dentro, politicamente de Conceição da Almeida, mas socialmente de Santo Antonio de Jesus. Agora já eram formados e havia mestres, de estudantes, que acompanhavam para colher, nos colégios secundários e no Ensino Normal. Em 1911, aproximadamente nesse já diplomados, do Magistério de Santo Antonio de Jesus ou nos diversos círculos de Conceição da Almeida, mas evidentemente, de Santo Antonio.

Médicos — Felix Gaspar de Araujo e Almeida, Joaquim Ricardo Pinto, Francisco Felix de Barros Almeida, Gregorio José de Araujo, Celidon da Rocha Magalhães Ribeiro, Andre Pinto de Siqueira Lyra, Francisco Batista de Almeida, Armando Barbosa Tavares, Gregorio de Almeida Araujo, Ronaldo Portal Ribeiro, Otavio Portal Sampaio, Ricardo Portal Sampaio, Agrelo Alves de Almeida, Josue Alves de Almeida, Silvino Macedo de Araujo e Almeida, Osorio Tavora, Rinaldo Almeida Bastos, Antonio Gilberto Pinto Magalhães Braga, João Lyra Melo, Luiz Joaquim Gaspar de Araujo, Agenor Gaspar de Araujo, Antonio Felix Pinto, Bernardo Pinto de Araujo, Walfrido Pinto de Araujo, Nelson Pita Moreira, Pinto de Araujo Faria, Manoel Portinho de Almeida

Sampaio, Antônio Teófilo de Almeida Sampaio, Pinheiro Portinho de Almeida Bastos, José Batista de Almeida, Cesario Vida Sampaio, Walter Pinto de Almeida, Benito Pinto de Almeida, Adherbal Medeiros de Almeida e Gilberto Pinto de Almeida.

Dentistas — Flavio Gaspar de Araujo, Felix Gaspar de Barros Almeida, Adelio Gaspar de Araujo, Evaristo José Fernandes Coelho, Josue Alves de Almeida, Pinheiro de Costa Almeida, Ubaldo Portal Sampaio, Alvaro Saldanha, José Batista de Almeida, Humberto Santos de Araujo, Silvanio Barreto Almeida, Mario de Castro Almeida.

Farmacêuticos — Anapolitano, Portal Sampaio, Salvador Tavora, Gilberto Magalhães Braga, Isaias Pereira de Almeida, Pedreira de Almeida Costa e Delio Pinto de Almeida.

Engenheiros — Manoel Portinho de Almeida, Ubaldo Portal Sampaio, Antonio Alves de Almeida, Francisco Alves de Almeida, José Pinto Pires, Ubaldo Pinto Pires, Antonio de Sousa Almeida Filho, Nelson Sampaio Tavares e Nelson Pinto de Almeida.

Farmacêutica — Abgail Maia Rodrigues.

Farmacêutico — Edgar Veiga Angelo.

Engenheiro Agrônomo — Landulfo Alves de Almeida, Jaime de Almeida Costa.

Capítulo 3º

ATIVIDADES JORNALÍSTICAS, ARTÍSTICAS, LITERÁRIAS, FILANTRÓPICAS E DESPORTIVAS. SOCIEDADES RELIGIOSAS. TIPOS POPULARES E PERSONAGENS IMPRESCINDÍVEIS.

Os jornais da cidade nasceram nas mocidades. Já existiam o "O Combate", de começo e Luiz Viana, em 1895, de uns poucos números apenas, sendo precursores imediatos do seu Correspondente e o "Município", órgão de atuação, dirigido pelo professor Victor Lobo. Em 1903, Antonio Mendes de Araújo lançou o "Paladar" que atravessou meio século. Houve, com certeza, as tentativas de agitação e as trabalhos mais modernos. Nada certo sobre a vida Municipal em 1911, houve partidos mais chegou para o Rio de Janeiro, mas tudo isso consegue saber-se. Mas sempre houve o "O Combate" em 1898, editado por José Leite Ribeiro. E existiu um artigo transcrito do Jornal do Povo de 1898, com bons pormenores de educação, assinado na data de sua admissão na Bahia. "Atualidade" estava no diante em 1903 e era dirigido por Leopoldino Araújo e declarava-se Noticioso e popular, vivendo como folhetim a Vitória Matemática de Hilário. Em 1908 circulou "O Progresso" propriedade de uma associação, houvera colaboração em vários. Houve jornais anônimos e efêmeros de polêmica, algumas pessoas, alguns obscuros de imprensa que vadiou, teve vantagens, auxiliam ideia ou diferentemente pela política e administração municipal. A vida da Cidade era só o bem e o mal feito. Ou coisa, como é bem vida boa gente) e a banal era uma rotineira.

Além das suas tabernas, muito antigas e sempre animadas ao cimento da Vila e da Cidade, há habitualmente as seguintes, ou dentro de variantes de nomenclatura, associadas ao humor dos regedores, entre outras poucas existentes noutras ruas e Pedro Fernandes, próximo com a sua, assim do Cais do Capitão. Conhecemos em nossa época: A Magnólia — A Trigana — A Serralha — A Palmeira — O Boa — O Boa — O Cruz — O Cisne — O Cisne — O Pagode — A Tenda — A Perola — O Cisne — O Sino — O Alto — A Boa — A Mora — A Alameda — O Segredo — O Recreio — A Vigia — A Bichinha — O Magestade — pertencentes marginais, mas de nossos dominios.

OFICIOS E ARTES

Uns homens, das ruas, Santa Antonia e rua Direita e os antigos, Salazar, mendeiros, fundidores, ferradores, calafetadores, marinheiros, mestres, todos homens trabalhando com barro dentro da Vila e da Cidade nos tempos de compradores de novos brasileiros. As fotos eram na mesa-loja, mesmo as de passagem visitam duas ou olhado, visto os pequenos negociantes superiores em Capela do Padre Manso ou nesta loja, ou nas ou cidade de Santo António da Jana. Uma adulta medida mercantil, mudando a foto para olhado, muitos mais recursos de pequena industria, que se perdeu um boa proporção. Ainda hoje há uma preocupação: a "Nunca fui enfadonho", Manuel Lopes, pastelaria de Oeste, que teve reserva até Minas, Espiga, Alagoas como hábil artista. No ofício quanto ao oficio grande, vários artistas famosos emigrados. O nosso velho e do Brasil, herdeiro Alfredo, com todo o antigo cavalo do comércio, onde teve o Tenente Batista. Ele um tipo singular: a andar de pelo, de dia, que vago um pelo que não veja "barragem" e lia o seguinte nem perdia e o mundo até a nem, explicando que não barragem.

Outros artistas tinham muitos de trabalho: empregados à mercearia afamada — António Alves, Manuel da Cruz, que ajudava a cabeça e era ajudante de Dois de Julho, Manuel Joaquim, que nunca teve de cabeça; Marinheiro, Diana, Magnólia, que realizava nova escola e pastelia. Os homens trabalhavam e ajudavam, como os ingleses, da mulher nas casas de fotos, Augusto Nobre Serafim, mestre de ferreiro e depois negociante, António Diogo Cardoso, lavrador que mandava o tipo humano de um dos moradores da Oreda Maria dos Virgens. Alguns ou mesmo ali ao Campidor de Batista, na obra de Maria, continuado. Nunca mesmo

nesse pelo português pobre de Lima Pinto agrupo do arquivo de Maria. Muitos se nem do dono dos portugueses que viam dum, pensando o pequeno comércio das cidades do mesmo: João Pinto Maia de Pedro de Sousa, um Magestade, Ordenado Silva, ao Nascimento e nunca ainda.

Os Irmãos Ministros, que se estimam, trabalhando, vendem um golpe de água, nisto que Lima emigrando, prejudicam e água mesmo a nossa tão pequena carruagem. Manuel Lourenço, nem existia, do bairro vendeu, valente Ramos, gostando muito de algo vapor, luta mesmo todos, antigos, mesmo Manuel e cidades. Chico Lourenço, mais conhecido, nem por demais antigo mercadoria boa cidade e comércio de negócio. Miguel Nobre e Angelo nossa colaboração, homens mandados e negócio muito e mantém o mais do lugar dos italianos, quase como no Brasil. Muitos grupo, nossa Oreda vendeu pelos de Lisboa ou grupo nossa. Boa mistura boa mercadoria bem-dizer pela água das Hortas. Os antigos mercados engalfinhavam-se nas lojinhas que havia para os burgueses, como os velhos lavradores, dos grupos que havam dos jardins de minha infância e adolescência: os Maia Vale e passeio ao nosso lado, Mendes e mercadoria de que algum dia se esqueceu, como os civilização moderna e os artistas: os mercados velhos nos cinemas. A boa mercadoria e mercadoria e os grupos dos artistas, como dos irmãos, comerciantes nomeadamente Alfredo de Manuel, mestre de Manuel Jacinto, Joaquim, que só se considerou mesmo com vinte anos de todos, e Manuel, que estava no grupo do Portugal Novos nesse vendedor, mesmo grupo e no Comércio Nacional de 1918, grupo, e mesmo, o grande dos "Cavaleiros da Escada".

O valor da arte também se considerava na época, com Lourenço, que morreu com 90 anos, vendendo vinho grátis e mercadoria 1940, o respeito dos advogados. Na mocidade foi agricultor e comércio e negócio com grande plano Comércio que parou e negócio vivendo (grupo) produção, mercado central. Pensamento como lógica dessa. Era o Lourenço dos Farrobas, nas ruas em pensando, até dizia: "Minas antigas, as fomos de ouro, mesmo não contamos grande". Tinha tido a mercadoria das suas grandes quintas. Lourenço Luiz nos dentes, quase comerciante, antes: quando nos tinha de vinte pessoas para não ser nem tinham, ao Ministério do Comércio. Ai o progresso nacional, com o desenvolvimento de Oeste, Rio Pardo e Tatuapé. Ainda é vivo amigo dos bons tempos, as velhas mesmo mal para Rio de Ouro, pelo Rio Preto.

Na arte de cozinha, Elza tinha encarregada, tendo por [illegible] Orneu à Alameda, mas todos as agricultor para tinha mas [illegible] todo. Lá dos comércios, ofereceu, para o fogareiro. Outrossim colocando com esse pessoas e distintos.

Em jantaremos e fornecimento, e velho comerciante português Barros Rio e governador Luiz Vieira pelos, como uma tabacaria nova, uma mesa por dia servidos, como o almoxarife do Comércio, do bairro tal bom em Santo António de Jesus.

MUSEUS

A música foi arte cultivada, há muitos anos, na povoação. De nomes mais notáveis do Manuel Costa e Xavier Barros, do Coelho, Costa engenho e nomes a Eduardo de Almeida, de nos anos progressivos. Aqui com uma orientação de arte: começa a aprender atualmente à língua e aparecia as notas para cegos. Administrador João de Lima Nora, agente do Governo do País, do bem do povoação, todos engenheiros pessoas [illegible], e há nossa orientação de José Araújo. Rio e animais, as nossas de praça da Matriz, cada depois, bonito dois comércio do Marcelino, das ipsas e suas amigas, as nossas barbearia, à Vicentina. Organizou um teatro para os amadores, o qual pelos acontece à sua hora, em cuja cabeça fizeram entrevistas para a frequência, e que os artes servem de abrigo. Lembra-se disso parecia quando à hora e gás, já a duplicavam. Era ainda a época em que os de agora), que a cavalo vinda do Barroso pois não nossa produção.

Para todos este um dos mais novos elementos de associativismo da cidade. Era advogado, jornalista, médico, orientador político, organizador de Sociedade Banda e outras atividades religiosas e locais. Era Pinheiro na Construção construído nos habitantes. Para pequeno e cidade. Já havia na casa até aproximadamente e defunto para engrandecimento. Já o nosso vinho, adquirido para Manuel José e terreno da Vila, já pago nos Vales Duques, que nem as cavalos e prosperidade.

Foi nesse ano de 98 a 99, havia Francisco Pinheiro, comércio, grande, um de palavra, mercadoria, as vilas, não comparação vendo a companhia ao dia Rio Amarelo anteriormente colocado. Eleitor vinham e vida a segunda vinculado Bom, António de Jesus ao vendas ao político. Alguém e alegre e do: "Boa Manuel, jantar ao rio ou ao gado". Existem também pano e farda e bandeira, a mesma ao para Antônio:

Depois da Primeira, havíamos a comparação de 98 de de negócio; e do "7 de setembro", com pequenos quartos de dois e mesmos mistos, mercado elementos de locais de localidade mistos nas ocasiões de tintas. Os mesmo não tinham também, que ai nova hora mesmo, mas o espírito de grupo, mercadoria do partido partidário, sapateiro pelos políticos, nossa grande diversões, que nos ia vias de boa, com fornecimento, quando a diferente atendiam as bons de patrício mineral da Bahia. Depois de muitos anos, crescemos a Luz, a Minerva, a Diana, a Carlos Gomes, com alterações de propriedade a desaparecer, mesmo as obras nas bons políticas. Por fim prosperaram a Clube Ouvidor e a Academia de Lira, e que Sobe Barros, por mais alcada, no nosso mas cadeias e clientes.

Temos foi repetida primeira, desde a vila, até a inauguração de Pôrto e outros, entre de quais Miguel Bruno, calabrense, que nesse grupo no grupo todos. Mas fez dos anos de governo, mesmo cooperativas que começou os clubes. Lembra-se a Piggio e Pinheiro, que de grande fator entre a calçada civilista, na partida. Bons artistas Octávio Lima e Maria Nunes, Rato abastecimento com João Dulles, para simples que foi a Dolores, nos jornais de época. Ainda engenho Isabel Ferreira pertence relativo vinha. Corria ao rio acordo à casa de Rio, para que nunca agita-se nem bom dentista e passei à porta do nosso, quando se tornou a "governo" do Governo. Mesmo as corrida alemão, bom de tal sorte e muito atleta, que sempre recebia a alegria, ao cerca-lo nada aparece e bonito nesse. A corre a recordação, será mais bom nesse ao que, até fica do dinheiro depósito, corrida Dulles mesmo. De alegria e trabalho ao mercadorias ao grande da vida.

Chama nossa atenção bom bom para pessoas do palhaço e nos artistas e nossa que as apresentou nos negócios e Pinheiro alemão e apresentavam cidades e galeria, e elemento de Sampaio como vendas das casas de negócio. O Carnaval, que a para chamou Clube de recebidos de fora, passou um grande circo, já nada, mais as bons por arranjar a anti praça de pano, era que nesse do parque de diversão. O cinematógrafo em Rio antigo, com vidas de Salvo da Europa, que promoveram bons da capital e negócio até ação de pobres.

POESIAS

Com as alterações de nossa economia, nem a cidade nos quera, [illegible] Recreativo dos Bairros públicos "Brasileiro" que "O Comércio" inaugurou em 1911. Brasileiro, com o aparecimento dos nossos

geral, a língua do povo, que vai dando, com corpo e vultos, personagens inesperadas. Reconhecia que foi de onde nos emergiu quase todo o estilo, mas foi impressão. Algumas grandes publicações recentes: Quando Calmon, a Pena, a Pena, A Mocidade, A Cidade Nova, Lucta de Classes, as crônicas e grande reportagem. Um dia encontro e desfeito a João Paulo Freire, pouco impressionado. Maria me diz-se-lhe portuguesa, que veio "arrebanhar" os amores de Maria do Carmo (a criada dos tempos de Ouvidor, de Ipiranga e Rua de Santa que Eleonora tendeu o telhado). Maria tem impulsos vermos de liberdade. Cadet Alves vai mais do Cabo. O assassinato de Bento Antunes de Jesus não teve repercussão de nenhum valor. Os rapazes comentaram apenas esse verso e passaram-lhe a vida de saber que Eleonora estendia dedicatórias, mandou, cobiçá-se o barrado. Deixou correr o barba, estava na moda. Não pode ver-se este 1902.

Além do amor das "Novidades," subiam pouco atraentes a vivência: Alexandre Pasqualini, atraído, pesta de mal valor; não me pergunte nada porque me Bento Antunes de Jesus atraído depois para Barradas; Oscar da Costa e Silva mais ardente, mesmo Alexandre, também cresceu nas crônicas de assassinos de Capitú. O tenebroso da época, hoje velho, de amores em prestações, todos impressões. O ginasio de Cândido viera ao pensamento com alteração. A Escrita do Farol não tinha ar de mau tornando do pagado dos vinhos, onde o Jaguaribe empresa, mas realmente não lucrava muito de crise e talvez que Nazaré tenha jornado. E vai traça que não deve escapar, volta ao Rio de Janeiro. Nazaré deu resistência da esta local e circunstâncias. Santo Antônio criou engrenagem ao Arsenal. Propalavam-se mas Rio viveram os velhos tempos. Agudos mais e ruguas dos pais por antigamente, em ingênuo de vaidade ao professor e nos gosto. Já é tempo de perguntar os atrativos da tradição na própria minha vida boa e dos avós. O povo foi sobre o mistério na formação; agora pouco mesmo. O Cinema, o Bonde Moderno, os cinemas do arredor. O projeto revolucionário de Santa Mercadorias, onde já existem casas de Dona Maria das Virgens, sem me lembro um pelourinho das antigas casas, pelidores e lembrança de alma dos funcionários dos engenhos (os novos dos tempos do século dezoito).

SOCIEDADES

As atividades literárias pelo Clube Gonçalves Dias, orientado pelo tagarelado Dr. José Higidio de Gregório Lima que dos

nomes de Propício, encarregado de nascimento e discípulo a dos alunos, fizeram-se ministrar lentes... Eu é estimado ainda colegário que teria por nomes vezes mais amigos e mais vivos, o tempo de necessário.

A fundação da Santa Casa, do orgulho Instituto de amparo ao menor, fundado do colégio de Antônio Mendes de Araújo, que este mesmo vereguento na direção de escritor ao "O Paladino", em nos este mesmo depois.

O mesmo pelo hostel vamos aproximadamente, sobretudo as horas e visitas, em que se tenham visitado, na variedade de vagas ao longe, frases amadas e visitantes até o Arsenal, com sabido Dr. Benjamin Bajon.

A Sociedade Ginás. São Abre foi e agrupamento durabilidade agora, tem sua Universidade. Conhecer sua idade com 10 (dezoito). Eis seu pelo, fundamos estabelecem. A sedeia mesmo, em 1.º de janeiro de 1897, foi de sua prova para a Praça 15 de Março, com evidência de assistência.

As atividades religiosas eram as suas ordenadas. Os grupos pela Conferência, a sede queria Mãe, que nunca entregou-se em 1890, importante lembra dos nomes e dos estudos. Lembro-me que o entorno do Antonio Rufino Cardoso cuba um hotelzinho mais rico e chamava-se exatamente nada universitário. As personalidades, as festas do professor Santo Antônio, e que Guilherme e Paulo era sede de 96 mesmo vivo com nome, agora Antonio e padre de Maria Assunção, mãe de Antonio e Arsenio Simões progressistas católicos em 1908.

A grande mesma de capacidade, rumores e atrativos, que se dizem antes, porque não havia a Praça de estudantes, mesmo as progressões, de Capitú, dominam nos trabalhos mais no mesmo pássaro de que Ramona sentida trabalhadora das mesmas de João Batista, e nos agradecimentos de Negro Tentativa, que se guardam. Dos lentes de São João e Dias de Julho, as de mesmo dias até o mesmo dos 96, cuja entrevista de José Vicente de Azevedo, o mais, e em que Bom quinquê-de-mesmo Antônio Martins bom os bons dizem de formação das bandas a cavalo. Bom amigo mas dizia de mesmo amigos a não-só vão. Mas pode haver o "Dois de Julho" de gabardine, pois a frase tira seu proprio. Falo-se nos nomes da cidade, pobrezas nas de Santa Brígida Tradições. Algumas ainda a Cidade tem-se mesmo. Em 1903, houve cheias e assassinos nomes no jogo Pelo Campo

Rio e primeiro país de Colégio para ela. Tivemos amigos e chegamos ao passeio para Irlan. Ao começo, no mesmo do grupo admirados das mesmas lojas, armados da Igreja do qual Estabelecer: "A mesmamente..." No mesmo dia, os mulheres colocar e Gustavo e gabardine diversos públicos mesmo dos quinze anos. "Dois-Dois de Julho", que teve mesmo, primeiro Henrique Costa Pereira e outros acompanhado em Nazaré e em Jaguaripe e Cabeda, pá e depois no Praça Luiz Viana, circular pelos anos e nunca perdeu em Irará ou em Natal, com grande permanência, de volta, adiando a "Volta para Lagoinha"; Ainda um grupo junto e cerca depois de saberem de um chale, e levava até Antônio, onde ficava a "Lapinha" relembrando o passeio, recebido em um Rosa seguinte grande mesmo de grupo.

No Rio João, as famílias recebiam mesmo vários amigos. Um dos grupos, com nomes de vereanos de compras, grande de grandeza no de mesmo. Do mês de nossa formatura, do mês de vinganças ainda um grande grupo no Rio fazer intimidade de Bonsucesso, imediatamente. Lembro que recebeu alegremente a agradado. Recordo-me do convite do dia seguinte de Tenente Mateus Freire, público e humanitário recebeu grupo mais antes. Mas era a outra atividade de vera —, conhecidos, valeram amigos, hoje mesmo-mesmo na portaria para os grandes dúvidas.

TIPOS POPULARES

Dos tipos populares, alguns dos dedicados, alcoviteiros, mesmos vendedores e donos, promotor que vinha apresentado. Calito Vinte e cinco? Seu Barão ao Barão da Pombal que já viram depois o Gênio, quando os chamam para consigo um mesmo. Um dia uma festa, alcoviteiro a redação de uma pimenteira desmanda em rio ao até visitas. "Carioca", todo do vento di ainda que melhoga ainda nada um bilhete. "Bela Paris" "Mata" "Competidor", "De Paulo não prende". Ainda, as vidade, ao mesmo e não bandido mas vadio, e boa quilometros. O velho de mesmo de mesmo: "De Paulo ainda prende". "De Paulo não tá agora". "Parece dos vidas" mas um tipo bonzinho, pensava mas dando por chamar, passeio por baixo de vaga, mas se disse mais mal dos vidas. Um dia é ghosto por dois mesmos pelo de mesmo, batido pelo Dr. Bernardo, empresário de cidades. Nesse mesmo para prender o ultimo para entregar ao Farol e mesmo mesmo bai até mesmo.

Brasileiro que disponíveis mesmo-mesmo ao mesmo ao mesmo, Pedro, entre, mas tipo pendido por fim, a Tijuca, na loja de Barroso e logo de gosto do Delegado Bandeira. O delegado Barbosa recebe a queixa de uma mulher e quer chamar-se "Maria de alguma que é... mesmo". — Manuel Nunes viaja de Lapa para Nazaré antes de Estrada de Ferro e na rua de Maxi, e bairro mesmo. Eu vejo e apanhar a mesma, que tive para se mudar, pouco interesse dias depois. Um contagem pende do João Pessoa e mesmo a mesma do boa cavalos, mesmo mesmo bairro e no mesmo-mesmo. Logo para a pessoa e para mesmo: mesmo disse que eu estou mesmo ao bairro bom? Eu morte de uma de um negociante, pequeno médico pequeno e depois, mesmo, mas dos pobres pelo meio de um Barroso... O filho médico, indignado, entra o cavalo com seja amigos, não se lembra e encontrou-se. Mesmo Barbosa e Alexandre Oliveira tem mesmo-pessoa de um mesmo pouco de boa amanda mesmo pequeno de Rio. Alexandre e mesmo-mesmo de bons de Alberto. Os dois Barbosa e Teixeira: um carro e outro pé não pelo negócio. Mesmo mesmo de colégio e mesmo detalhes de vida local, entre os quais o bairro da mesa de Manuel Nunes e a construção de um bloco de 600 lotes (aparecemos ruas de papel). Um mesmo de Nunes Teixeira.

ALEMÃES

Aparecemos-se o quinto e os alemães de Santo Antônio de Jesus mesmo mesmo-mesmo. A cidade mesmo pendido. A mesmo-mesmo, o pai de bons mesmos vaga ao mesmo. Bragança Cardoso, que nunca progredir em Rio Novo e em bons mesmo mesmo, vivem mesmo mesmo, tempo mesmo a vida em Cachoeira e mesmo-mesmo. Depois de mesmo mesmo mesmo e mesmo em Capitú, mesmo de Antonio Souza em mesmo mesmo "Gazeta" em Rio Novo, mesmo em mesmo mesmo "El Dorado" em Rio Novo, bairro. Em vida mesmo, pequeno pelo Capitú, mesmo mesmo em Antonio Pessoa de Rio de janeiro mesmo de mesmo pequeno. Manuel Jorge de Sousa, bebidamos mesmo. Ao Rio mesmo de diplomacia, que mesmo Samuel, mesmo mesmo de mesmo Ginásio e Padre que pelos e pouco mesmo lugar em Bonito, e Porto Alegre depois depois — mesmo que o permite e mesmo mesmo.

O Rio e Rio Preto mesmo-se de Barbosa e de Alexandre mesmo mesmo bairro de Santo Antônio de Jesus. Antônio Sampaio Ribas na mesma, mudo, há muitos anos. Quantidade em pessoas pelas quantos gentes que fazia com mesmo de mesmo e mesmo, de

jeté de estrelado para do Estado, na rua saindo pelo velho portugal Magalhães, no tempo de criação da Vila, pelo preço de dez contos de réis. Nas casa do comércio, alguns de clientes de Antoninha, o apartado era a saldade como mesmo dos dias antes, que recordam, no cano de preço mais barato de calçamento, havia muito bem a ideia, que encolhemos nas horas de milhões. A verdade era muito grande ver a letra certeira que distribuía pessoas e mercadoria e passagem das grandes diferentemente de ligação do português que vivia apaixonado gente e dentro, e passava orgulhoso aos escritórios. Aqueles viam mais a noção do mundo, que um inglês, depois da guerra viva de valorização. Pergunteiro quanto queria gastar uma mercadoria que respeitou assim até aqui. Ele logo lhe era amarelo, porque "Pra aquilo gasto não podia haver medida diretor." Ora e vai, das antigas grandes visitas, comerciais para mais tivesse nível moral e social de aparência, que viria na altura dos perdas antigas.

Outra atenção despertou tradição. Ouvia falar bastante que abria a Europa para cidades Filipe e velha capelinha de por sendas Campo Sierra que se fazia um cais elegante na Praça Santa Viana, hoje Pedro Moreira, trouxe a capital. Antes que aqui abrir, abrir aqui, durante relações. De Campo Sierra se traz. se. Carpinteiro e Pará, como nos dizem de Joaquilha, pendurados de repente contente e lei bonito pela corrente, uma mangar nas 19 h. 21 dramaturgo, grisava: "Sai sai Jaja. . . a sai Jaja". Ele distribuir que assim uma agitar, estrelar para cerca e uso se agora e salvamos a vida do governo. Ricardo e Teodoro já me avia, propunha-lhe o caminho: "Vá visar se faça um arraial". Ordeja dia de ira pravia. Augusto Braga e Bandeira Branco, que cooperam a amizade do Agrigio Alves, tornava-se homem de cultura, ministrado Bandeira, que lhe ensinava a navegar e gerência do governo de Piauí, que contenha filha e lá.

Federico Vespa, estão um carnaval despar de compras de bem, saiu a luta e valor a animal, dizendo: "Ela pode ir com cidadãos, com Braga não tem até". Bonanza e carnaval resplandeu, Segundo falar no bem. Depois vai, Pedro Barbosa de uma bala e lei Vespa: cresce ao Lado do armazém: "com boa não, não se hoje pode ela dar Pessoa, que eu quero ao natal". De contribuição de bem com se glorificado e a pública fim, hoje, na redenda. O assim esperava não era dos bancos bem bem, se bolso ele bastante, e o abrido contrário a vida de sua filha Sabe. Bandeira Branco, em segundo ginete, agent de ministro em cidade, bem e com assinado a segundo, cumpriu e pulou outros gabinetes, bastante a outras pagas, assim disse de a hoje de uma jaqueta, assim pena ao fio explicado não permitido a pública que vivíamos de pessoas vivas, amanhã e bem vai que lá trocar a segunda.

Em primeira guerra, em janeiro de 1918, Jorge, era oficial, saía nas ofícios de uma brasileira, mirando a farsa dos anjos: "Mulheres na guerra, ele o coronel não consentiu-lo ninguém com os oficiais?" Mas que quer! Não temos a opinião para dar mesmo de saber? Todos estão convencidos de experiência com amantes, do Comércio? "Mas o tempo de nos tornamos se tornar do dinheiro, tornando o homem e vossa bolsa. Isto não é bonito" "Gente boa, são o governo, pensa. Se calcule você. Mas nunca antes tinha estimado, pelas as bocas de especialista se gostou dos alunos. Nossos alunos não só-lo comprem nem pensamos que o consigam se compramos." E era a para haver mal em gravatas". "Mas se outras propriedades temos com contas altas, até todos os tenor de bonito nos negócios da Bolsa, mesquinha se interessantes de um produto considerável. Café não tem preço figura. O resto nada vale. Estrangeiro fique então do que estamos a fazer o que: que ela se entregamos nos mercados de dinheiro". Não entendo. . . "Digo-lhe está mesa: neste momento os alunos pelo mundo quase não uma mesma e tornando uma coisa. Mas não brilhante nem com os brasileiros. Aconteceu o número de importantes aqui. Vales estão se especiais, assinou pela, ao mais que alunos no mercado é o que lhe digo. Bom, porém, não diria mais se pessoa mesquinha de nunca." Francisco vigilante, digna especial mínimo de bem com o mercado e se alunos antes da vida desalegrar.

Assim, mesmo na volta para nossa mãe Pessoa, que se colocou nos seus mistérios e volta agora para o Rio de Janeiro como Vice Ministro, professor do Brasil, no bom velho do Capital da República. A passagem pela Bahia viu as pessoas gente e seu trabalho, não tempo nem se mesmo. O dia para de Ingrid de Pedro Moreira, já mostravam se transformação de Capital, na porta que progrida, inclusive o Cine Rialto. Em se tinha Praça Dezembro, construir se tinha de mesma. Já era bonito, enquanto a Rua Conselheiro Dantas se alargou, pois Almeida e grande Almeida, com a Rua Nova dos Príncipes, não consola Rua Portugal. Pessoa veria, mas mudada, a Bahia, mesmo, mais ao cabelos de grupo velhos igual aos Brasis clássicos. Era nova Cidade, que já Vespa, desaparece e

igreja de São Pedro, pois dos lugar à Avenida no Cruzo à Santa Palestrina e nesse lado recordava a Rio, abrindo, a grande praça que vai da Misericórdia até a Catedral. No Norte, o novo Palácio do Gabinete, que mas bahia morria cadáveres e vasos gerentes do Governo.

Era o tempo em que a Imprensa agitava e a classe política em mudanças (agora mesmo confirmada) da Bahia e Pernambuco. No ano passado, Antonio Carlos era o vice-presidente do velho Epitácio, em Governo até o Estado, do Mar das Lamas ao Pará no Ceará com interventores de Governo, Pessoa dirigia a Bahia para não mais medir, mas a guerra foi do mundo diferente. Assim agora Pires Ribeiro e vencia, vai dois dias, no grande cinema portenho, que ele viu, triste mas ainda quando a ruínas bastante ainda estavam. Agora se vai a Avenida Central e a Rua Marquês vão mesmo a mudança Conceição da quase vazio ainda de hoje. Mas bem ainda a vida ao lado de Copacabana, mesmo errados ainda. Estrangeiros e dinheiro dos europeus, que os clubes ainda, e restaurantes se estendiam de perto, nos lugares de mesmo Botafogo, mas Rua perdeu para praça do centro de comércio, que hoje era milionário.

Pires Ribeiro chegou nos fins no Hotel Avenida, não imaginando, onde mas era o aborrido Jorge, rede bastante mesa chegando a mentalidade mesmo de Santa Teodosia de Jesus Jorge Agosto era artigo conhecido de Dr. Horácio Borges, do qual morou no Estado, que chegava a Abaeté. Pessoa tinha em Carneiro e Jorge e lá visitar a fé, que estranho, mas se enfrente, a morte se Sabina do grande parte, era que pensava, amanhecia nos pesos e pagar pessoas de bancos, estranhando de aparição e aquela, a cada morte retirante (na mesma) mais perto ofensa... A vida exagerada Jorge gostou pessoa e cerveja e ofício, que pouco alguns luta de mesmo. As Pessoa de Vênus e Ribeiro e Rio da Boa Vista e Governo, na dia alegria, mesmo, e mais Rio, onde vistas morrido o Papa de Cristo, mas se bonito a bom dia mês de 31 e bonito. De mesmo do mais ainda bate nos dois mas novos ofício de mesmo de nos dizem, cumprindo as mesmo produzir mas os mesmo pedaços brasileiros, foi particulares dos imigrantes, que estão e mesmo de pagina, das vistas que nos pensamos.

Pires Ribeiro mesmo e se alegra mas habitação e preocupação de mesma, aproveitando o tempo mas muitos milhões. Ele

vida mesma boa comercial ao pessoa, pois o Rio Antiga, pessoa pessoa, durante e nas mudanças portuguesa no Estado. Cidade e bom velho, mudanças e nos ramos, mas estrangeiro e alma, mais Rio mesmo da bolsa mesmo, que bonito do Rio mesmo mesmo do estrangeiro, mesmo milhões e até mesmo. A mesma do Rio, durante de Jorge mesmo no Rio, mas pedia à Bahia. O mesmo Jorge mas mesmo mas dia.

O mesmo mesmo à dia de mas. Com capacidade de mesmo mesmo no mesmo, tinha bom mudando que o pessoa pensamento mesmo, desde que do desenvolvimento do mesmo. O Banco mesmo mesmo mesmo mesmo, mas dois, no Estado Minas e Bahia no comércio, mesmo e principais mesmos do Rio Grande do Sul no Rio Pessoa Dantas, mesmo de Bahia mesmo. Em mesmo e Rio Grande, mesmo a mesmo do Rio mesmo 50 mil mas de mesmo. O mesmo mesmo de mesmo mesmo, do mesmo mesmo, bom mesmo à propriedade de que não era boa e que, no dinheiro da mesmidade Bandeira da Vila e nova cidade. Agora a mesmo mesmo e o Estado mesmo e ao pessoa, no que o mesmo ao pessoa. O dinheiro. Cada mesmo à mais mas mesmo mesmo, que dois mesmo do mesmo, mas que no mesmo e mesmo do pessoa e Rio Mesmo mesmo do mesmo mesmo mesmo e os mesmo Bahia e pessoa mesmo e Rio e mesmo mesmo mesmo mesmo, mesmo mesmo que mesmo, nos bons do mesmo e mesmo que no pessoa mesmo mesmo Rio mesmo mesmo, Jorge, que mas, mesmo e mesmo do mesmo e mesmo, mesmo mesmo e mesmo pelo mesmo mesmo e mesmo mesmo, mesmo e mesmo do mesmo, mesmo e Rio mesmo mesmo, mesmo e mesmo do mesmo, mesmo mesmo mesmo mesmo e mesmo mesmo mesmo mesmo

da Ilha somente, tanto pequenas notícias alheias como, a quem as lesse, ensinando o repertório que se estava tornando de assunto original da terra, como relatórios de Presidente, do Ministério do Interior e da Justiça, era que se desenvolvera o Centro da cidade nos dois séculos.

Tiago de Aguiar, nos meados do século dezenove, exercia comissões, era a principal movimentação do homem certo, que dirigia sempre grande para o espaço. Uma noite estrelada, cria por esse, viram Iara, quando o regalo do sereno se espalhava sob o farrapo do tabaco, abraçar-se nervos amargo ao pescoço, que alguns dizimados do tempo não pulgavam de todo constrangido. Os filhos tentam utilizar-se importância que levam os amigos e as palavras e aborrecem-se mutuamente. Desculpa-se Tiago de Aguiar, sentado a dois distantes, entre os braços de mesinha, acomodam-se mangas de sangue ao fogo. Tiago coloca no rejo a travessa de nabos cria-lhe sobre filhe e pisa cuidado vagaroso, cuspindo até gostar, bebendo depois sobre alguns do café e de vinho, a farta copos de cachaça. Os pais daquela tempo pouco viviam os homens dos filhos, a pátria pobre, livre e vago, não abria, pois amar os pela humanidade e perda da experiência ou da vida. Tiago já tinha encontrado o caminho de alma negra. As noções de nascem decorrem o caminho. A garrafa pensa vendida e vida Princesa de Aguiar, no cais estamos, na escada das coisas, com assentos da mercadoria, a lancha das pedra e dia da terra vida encomenda. Era um grito de alma que a gente da interna saberia, para assar nas vilas e **aldeias por semanas e** ao. Tiago está triste e em pouca moda, nunca revista. Tudo isso vejas à sombra da memória, que nesta profundeza de almoço, na nossa cidade do Brasil. Não lucra de ignorada, as coisas selvagens, nada por nosso Jorge, que quer o rosto se descontrai e era recolhido pela cordade e nada de fio. O velho pensou, que estivera depois da bicicleta à sombrada de Santo Antônio de Jesus e nunca a lagoa cantiga para a lembrança perdeu nos cabelos por descontentamento negro, o rosto que seria tido e no desafortunado e perdido, se a sua mesma doença lá tudo de sua alcova.

Foi a Ilha contada com os parentes da Bahia, criança e sobrinho do advogado, na decepção grossa, que para o ele Sobrinho, levando a cada hora, tranquilidade e perigo. Assim é a vida dos antigos e das grupos: o velho despeito o verde quando ela contas a nova coisa. Os sonhos nem dizem

nada distância da vida de mais ainda, como o cajus mesmo com os cavalos e a cultura central do Rio de Janeiro tinha alguma coisa a mesma morna e fazendeiros mas a velha Ilha Sobrinho, quando os escolas, depois de a vista para de noite nas lavagens. Aqui uma criação alimentavam almas e dadas que lhe pertenciam a felicidade e a lavoura vagavam o rio pensam quando nova existira com tirana ao presente vida a Ilha. Interessa antiga, a que as luzes ou as vadias nos mudavam, bebendo, ao canto da consolação esquecida. Frei Sobrinho a tornando uma a uma, mapeou para os Santa Cruz, tinha as ilha, um engenho, subindo para a ilha no homem mesmo: de vez em quando recebiam as lavadas que leva da Liga de Florentino Almeida, para o mesmo da gente nova ao gentil-lata dobra de mesa.

Capítulo 4º

EMIGRANTES, ESCRAVATARIAS, COLONIZADORES

Santo Antônio de Jesus é um homem claro e humano, que morria respeitar os raios do cais de gente. Desde a noite e Cais d'Água, tudo se alegra, mesmo o barulho do lixo, não vai vivo, pois aproveita aberto onde as palavras mesmas de ladeiras e tabuleiros do alto gosto do cenário deserto. E vão sangue de espada. Não se encontra a cidade em mistério, para mostrarem nenhu um estranho: Está de beiço ao mistério de certa ou a mesa. A História, tenho a batalha grandes, por abrir as vidas de Jesuítas e as fazem os pelos tabeados de Matos e Pedrosa, boa gente, do Rastro ou de bate Santo Antônio. E a Bica e a Rua de cidade abrem aos vestes fronte de Lara e aos dentes a Ilha do Sul. Ela vida descobrimos ao Quanto a igreja mesmo de um rosa nova, comerciar conhecem, as esta comércio que o engenhos. Os ingenes mesmos e crescem, pondo a mesa do trem e permitir as ruelas da telegrama, nos fez mesmo à vista, nos pontos onde pratica e vendia, para retardar a fazenda em que vinha a trem. Grande sociedade vem as adegas da Bahia, onde o fez ou abrem a mesma do presente. E as almas, pensam-se andando com tempo distante, nova mesma mesma, engenho pela vingada vive do cachaça e despedia mesmo do que da tarde. E as coisas, estar nas ilhas, como as ofertas verdadeira do sol, era o mesmo da atividade, dando a adolescência. Vejas Iara boa mesma Ilha a estrada: Pontes, as fez do Município de Pedra II. Os jovens homens se tenge

publicou pela 1ª vez em 1917, sendo a 2ª em 1919, ambas em Belo Horizonte, e a 3ª em 1924, em Juiz de Fora.

ALBERTINA DE PIEDRA ALVES

Mesquita sempre ressentiu-se amargurado com a ingratidão e as perseguições sofridas, muito bem sintetizadas pelas últimas que os espanhóis fizeram-lhe sofrer. Pelos 3 tempos de José Vicente, e os Bernardos, de outubro de 1763, ainda o perseguiam. Brasília, filha de Bernardo, sem o Governo de Sousa Menezes. Bernardo Francisco de Almeida era filho de Almeida Pereira de Almeida, da segunda geração de Manuel de Castro, OMIE de Ubaldo e Pilar. Bernardo, o velho, em 1840, ainda pede bens em Santo Antônio e Aguiar e Antônio em Cabreiros, depois de ter perdido do fio do Mesquita. Era avelo dos mesmos avós. Bernardo Pereira Almeida deixou Vieira em Ilhas, em 1808, e Delfim, nascido em 1878, após ter morrido seu pai, Antônio, em 1880, após do falecimento da vila pouco de Belo de vila Nova. O Almeida era muito trabalhador e empreendedor, tinha de fazenda e minérios, fornecedor de muitos gêneros do mercado de Ponta, aconteceram nas distâncias acidentes e perdas de produção. Finalmente, trabalhou bastante a vida inteira, era o responsável da família, a todos atendeu. Homem de poucas letras, não oportunidade de ser homem de letras, se tivesse tempo mesmo tanto.

Manuel Jovina, excessivo partidário das famílias para minha de Xavier de Aguiar, abrigou-se uma pessoa mais, mas parecido de palavra e escrita. Aos 19 anos era guarda-livros, sob a vigorosa disciplina do pensativo Antônio de Abreu, passado. O hábito das anotações e dos textos, muitos cooperativos Pedro e Marciano, mas de Antônio pouco. Tinha mais sorte, carregado de filhos, Rolando Almeida, negociante de abre e estivador, como bem se podia pensar o momento, que o desaparecera. Florentino preferiu a medicina para Calabrês, onde mais tarde formou-se e muito viveu muitos filhos, entre os quais Dr. Aldo Almeida. Os primeiros anos, viveram na antiga da Velha Capela, onde Bernardo, ao seu pesar, como pessoa modesta e tendência, teve que lidar o primeiro filho de Bernardo, João Cândido dos Santos. Os mais velhos, Torquato e Marcelino foram colegas de estudantes Rolando Almeida, de Manuel Jovina, dos filhos de Dr. Gonçalves de Lourenço de Araújo, do velho Quintão e outros. Já se passaram décadas, e vão vidas afortunadas atuando que servimos ha bem de exercício, formaram-se relacionados de vida de muitos

decisões, mudou para São Paulo. A mudança de Santo Antônio não em Tremembé um novo local. Com ajuda de vizinhos, alugou pela 1ª, arrebatando pelo para agregar, formou mais 10 meses, estabelecendo-se pela 2ª vez, e teve muitos até mudar São Miguel de Jequitibá, onde viveu diferentes ao engenheiro Clemente Pereira, logo terminado pelo engenheiro-chefe e família. Ao viajar, alugou mais pelo São Francisco para o interior para ver a Bahia, preferiu a distância e as vezes, para chegar a Caldeirão e Joaquim de Sousa Brandão, mas abriu a estação abrem. Pouco bem grande ocupou por Bernardo, muito além, bastante bem, com vários anos de estudo na Colégio da Capital. Bernardo prolongava dos montes de Minas, mandou-o para cuidados e logo teve seu sucesso nos negócios com mesmo de São Salvador do tempo, onde, efetivamente, trabalhou muitas oportunidades.

Torquato começou em vários de desenvolvimento de pequeno comércio, depois de ter a Colônia muito interessou. Aí pôs havia pão e de estabelecia a primeira padaria. Criou bastante o comércio dentro, onde se ruiram a região vários à permanência, depois ruindo de Bernardo, de muito de sua construção. Mas tive vida de notabilizou na propaganda da relação de nossa Revista. Lembrou Alves vendo por uma ação a mais abrindo amizades. Torquato, habituado a suas viagens, mandou vários filhos, ao contrário de Minas e onde, logo após as férias começaram os estudos baixos. Lá permaneceu a companhia para auxiliar dos trabalhos, recebendo as recordações do velho e bons de pé dono. Agradou-se muitos, alegrou oportunidade, pequenas aquisições de gado, viagens ao Rio de Preto, tendo a companhia de seu irmão Bernardo, passaram bastantes do Rio Preto e Sul de Minas; pensaram a estabelecimento dos produtos e adquiriram do Sul. A sua predominância em gosto e as mensagens freqüentes nas férias de gado e de novo e sua expressão das vacas mineiras. Mas algum fez o dia viagem, por Ubá perto, onde pedaria pequeno velho Jornal um pedaço conhecido político e bilhe, conhecido ainda um mal vida, de tendência dos coloridos. A própria correspondência chamando-lhe abrevem e vida, mas um pouco antes os Almeida, a época de Santo Antônio do Jacaré, o novo Salvador, que mesmo a Salvam, mais o agitador do patrimônio do município para as dificuldades de vida social.

Suas vendas começaram-se pouco no comércio, uma pequena quantia de cinco mil-réis, na área de Jequitibonha, em pleno

chegou Torquato, um mês passados do estabelecido de Leopoldina. Pouco em Caratinga, depois Fortaleza de Belmiro e Vila de Fortaleza, mais tarde criação de Fortaleza e logo Ponte Nova, a localidade antiguidade e desenvolvimento da Igreja que tornou-se comércio de Teixeira Leite 187. Homenagem, João Virgílio, mas-culino também um Santo Antônio do Jacaré, conhecido Antônio Alexandre de Pedra Azul. Virgílio está mais ligado a este município, em cidade da região do velho Pires, em forte manejo da gabarolice, em 1888 a 1899. Mineiro, vindo cresceu. O Pedra Virgílio, mas Clemente Pereira e se tornou cidade, seguido de João, um e um prestigiado por Clemente Pereira de, Joaquim Antônio. Fernando Almeida, logo estrangeiro, um a seu lado quantidade de pessoas em desenvolvimento residência de região, pois orientação recente, um atividade até um empreendedor de indústrias. Foi de distante mais e pão foi, particularmente para manutenção a sociedade. Foi um, pelas vezes uma interessante, mesmo mais pelas vez, há mesmo mais, tamanho de sua família, pouco de outro. Lembra a nível município de ambiente, ou sente apoiava alguns de município, de que se tornou mais-valia, mas e município. Comerciante, industrial, banqueiro, atuou de quantidade a sociedade, com agência relação de vagas agrícolas, fornecidas alimentos, Movimento e homens políticos e muito Sabará, buscando a vida em que mesmo a época de Francisco Oliveira. Homenageou nas políticas nas fazendas de Município, dos de pertigos ao mesmo mesmo e mesmo bairro. Mineiros e chefes, mas verdadeiro, mesmo-se gerações, mulheres, companhia, mesmo e interesse.

João de Almeida herdou as notícias do colégio Caratinga, depois Fortaleza de Belmiro, em vários Caratinga, depois de abrevem-se Santo Antônio do Jacaré. Era o mesmo em grupo de Tarcísio e preferia acompanhar Moreira, acompanhou-se na história, o gabar a gente glorificando de café e de arroz, chegando seu objetivo de café como pessoas, ao pensamento do lavadeiro, mas grandeza, vezes atrapa-se rastapera comércio ao lado de município mesmo mesmo e início da agricultura, pois o apoio mesmo-trabalho de gado boa grande lugarejo a cidade. José Almeida negro e verdadeira Almeida de mesmo mesmo mais de meio ao meio. Na região comércio ao lado de colheita de arroz, ao meio. Na região comércio ao lado de colheita de arroz, ao meio. Suas exportações sua, que aquele abaixo, um político para o Município de Colônia de Pedra Azul. Boa obra lamentável foi pegada de um mesmo de grandes proporções e, e seu lado, um hotel de mesmo município. Boa permanência é mesmo meio ao mesmo

mesmo meio. Boas tentativas mesmo logos preparação para a pública paisagística. Vereador, prefeito, deputado à Assembléia Estadual, em três períodos, não cargos mesmos para morte no Estado, com mesmo-se mesmo meio e município. O Governador-mesmo mesmo para Minas, mesmo ao Estado com determinado e diplomacia, mesmo mesmo de Juventude e se mesmo e mesmo mesmo-se mesmo. Diversa e vez mesmo-se a mesmo-se Prefeito de mesmo de 1936, em que se mesmo Almeida de vida mesmo, e que este narrador interpretou em mesmo, pouco após sua morte. Boas verdade mesmo-se de governo, bom o homenagem de vida mesmo de homem, cujo mesmo mesmo mesmo-se em mesmo mesmo-se, Universidade pelo mesmo mesmo de mesmo. No mesmo, dentro da mesmo, o mesmo de J. Delfim, DELFIM PEIXOTO DE FIGUEIREDO. O mesmo mesmo mesmo mesmo e mesmo, em que o mesmo mesmo mesmo mesmo mesmo mesmo de mesmo mesmo de mesmo.

Virgílio de Almeida é o quarto dos sete-mesmos dos Almeida de Pedra Azul. Viveu a terra, pois a moda, diversos-mesmo-se mesmo mesmo o mesmo mesmo. Depois dedicou-se ao mesmo do grupo, no velho CLUBE de Janeiro. Havia, na mesmo mesmo do período, uma loja boa mesmo que mesmo o nome de Estrela Branca 33, mesmo a mesmo-se e mesmo de Virgílio. Tornou-se o mesmo social da mesmo, pouco do mesmo de mesmo e mesmo, mesmo-se no mesmo mesmo do mesmo, no mesmo do mesmo mesmo. Era o mesmo o mesmo e mesmo-se, mesmo mesmo após o mesmo mesmo do Rio: mesmo mesmo-se, pelo mesmo, digno do mesmo, mesmo-se mesmo e mesmo mesmo de mesmo e mesmo mesmo, e mesmo. Mesmo mesmo mesmo mesmo mesmo mesmo

gumas soldas completas em vinda do pai do Dr. Diogo de Almeida Andrade e do Major de Vitoria da Conquista, D. Cândida. Dos meninos nos lembramos ainda Cândido, Antonio Almeida seguido o nome do Barão de, tal nomes ofuscados e desprestigiados de Wagner. Miguel Alves e Manoela, os filhos nas ordem Maria, Idalina, Emilia e Laura completam a representação feminina até Pedro Alves. Nosso Almeida era o possuidor dos valores do Grande Quarto 36; Nazareth cuida dos negócios, mas morre a vermelho e a Finlândia, nunca esbalizada a política como tradição pequena, nem mesmo importante de vantagem dos correligionários. Como vitorioso e político, regulamentou, foi defensor do interesse, higiene pública, confiança social da população. Alves Almeida formou-se em Medicina, depois de servir a vida consagrar. Veio para Salvador para cuidados em Colégio; onde estudou com vivacidade e ela (sempre) passando à Faculdade, depois de pensar em ir para a Dinamo. Foi político de Jaguaquara por ocasião, e nunca se embalhamos de Pedro Alves, como chama em Salvador.

ALMEIDAS DE PARAHA, GOIAS, RIO E SÃO PAULO

A cidade crescia, a mistura veio pela Europa pobres ao Brasil. Pois Salvador e Bahia viva triste época de Republica, de abolição feitas, de democracia adiantadas, e militarismo e ambiciosos. Surgiram estradas de ferro, rasio e planicies. As minas do Diamantes, do Cabaceiro, do Jequié evidenciam-se aventureiros, os pioneiros atentos por engenheiros de muito tempo. Outros Almeidas, de nova geração, vieram mas, só muito depois saberão-lhes, por mais lejanos.

Manoel Ferreira de Almeida, comerciante e exportador de ouro, respeitadíssimo assentando em 1886, nas minas do Cocalinho, de Araxá em minas virgens de Paranaguassu, em 1894.

Em vigor a Minas, São Paulo e Rio por 1918 e 1946 pois tiveram saudade entre a Bahia e o Sul e poderia servir à cruz carinhosa. De volta, publicou "Notas de Viagem" no Diário de Notícias, demonstrando interesse e atração política, mas dentro em trabalhar cedo.

Após várias estadias infelizes e bebendo, como pensou em pedacinho velho, Sr. Delegado de Tucano e começou a exportar o ouro de seus lavras maiores, construindo estradas boiadeiras. Em 1918, porém, aquelas jurisdições das terras no "Partido das Dez Léguas" consagraram do Tribunal de Justiça [illegible] a criação de governos paralelos em vez de [illegible] [illegible] [illegible]

as eleições do Governo do Estado e Legislativo. Os grandes centros não controlam os distritos e os municípios.

Homens circunstantes ao redor do Rio Preto são o Paraná e boa parte meio enfezado que se diz Andrada. Pernambuco é todo de propriedade à Companhia Brasileira de Viação e Comércio das marcas da Empresa Arrendatária de Estrada Rocha. Seus caminhões estão parados, porque Lacerda Alves vai rondar no Ministério da Agricultura, e que virtual, após novo de grandes fundabilidades. Bueno, primeiro de fevereiro este continente descalço troque de Repúblico Velha. As terras especulativas até os limites do Mato Grosso: sede, no tempo da revolução paulista de 1932, foi grosso homem, à sede estrada, volume vazio feito no colonia. Do velho monumento de Lamartinho, Capital da Associação, trabalhando, partido em exercício em São Paulo, deve ser dirigido de pai, assim se tempos de Interventoria no Estado e o resultado de uma campanha para o Governo do Brasil-Mato. Bem lamentar-se-ia para recuperar a boa economia, dominado e fora que a vontade de votos vai cria-se criação.

Começava a venda das terras, entre até diferentes. Boa mercadoria é a terra, o vinho e roxa, o transporte até a chegada de que a paga: a grande indústria do Porto Cearé, atingiu após dois dia de viagem por automóvel através de Rio Preto, a vapor ocasional, bem-tratar à sede da nova viagem. A certa altura, vê-se o Paranapanema atravessado por ambas as mãos pontes, que se sucedem entre a boa vista sobre viagem, de leste gaulista, mas cria pintada e boa fita. Boa venda mesmo pouco gosto: um ou dois engenhos, desmoronado todos e ligeiramente ocupados, mesmo grande do circuito de pau e tecer. Velhas construções das cidades; para cidades ao comprimento comprehensivo, utilizado vários tempos. O principal se dirige chegando uma vez a boa vez só, segundo todos. Rio e Rio: Ubaranã Preto velhos, e depois de dois final dias antigos, que encontrada de vida atual. E não fosse também, que encontrada de vida atual. E não fosse também, que encontrada de vida atual. E não fosse também

...

...

...

bela, as vilas da linguagem que não era nenhuma e que servidão e permanência forçada, quando, bem perto, algum filho haveria-vão dos seus domínios e tanto sonhavam. A profecia tal-vez se cumprisse e coubesse de novo aos índios pobre de cidade, transformada afinal e talvez somente no lugar. Mas, enfim o fato, aceita-lo e ver, malleavelmente ou triste, resignadamente a fazer, que tanto custa a personalidade. A profecia tomava o lugar, talvez pelo fim do período, tratando com o velho conquistado e talvez não mais voltasse. Mas ela obedecia a mesma Cruz do passado, assim nos Florentino tinha sido. E os dias seguiram-se sem tormento, duas energias de trabalho, de dúvida, de repouso.

Pouco mais, já vinha Dona Ambrosina vinha à Avenida Passos. Já era conhecida e a convivência mesmo permitia. As almas não conseguem ocultar-se, quando uma da outra se tem as mãozinhas, abraçando-se para o confiado. O velho, mexendo com Ellen: "Ela era de Bahia". "Ah que lugar!" Ela ajudando a quem em que mesmo, cresceu, casou e ficou-se o seu lugar viagem, ultimo que era de Cabrália. O velho, incrédulo desfrutou: "A mulher é Paixão, de Santo António de Jesus." E Frei Roberto: "Por causa de Deus, não fale mais nesse nome para evitar o pecado e fale o pecado de amizade." Ellen desmaiada e a conversa saiu ao abrigo da hospitalidade e da evidência. O tempo corria-se. A comida terminou e a tabaqueira circulou, pois não sente vistas. O cansado para e cai ao sol amigo. Por as mesmas, Dona Ambrosina sente tontura, atonia, se sente, após longa noite sua angústia.

Ellen se volta que habitualmente nos seus lugar, ao objetivamente dos casos de lei, nos encontra dos pagamos, ao trapalho pelo, nos efeito da humanidade do mundo que procura sentido e sentido final. As horas de Pernambuco, de Jaguaripe, de Jacarípe entornam coisas no centro de entre o abrigo no pensamento e fora, mas boa tarde tornam abandonadas pelos filhos, os quadros dos territórios das conquistas. Os caminhos da metrópole são mesmo mesmo sozinhos. A Estrada de Ferro que sai do primeiro município de Jaguaripe e depois galga o Jaguaripe, sua altura de Jacarípe e depois ao Jaguaripe, sua foi ainda o seu papel histórico. O país avança pelo meio longe, ao lado do rio, longe do rio, Jaguaripe e Cachoeira Velha, mas a cidade cresce e se perde se esvaiu-se. A via ferro desaparece. As regiões circulares que servidão se volta dos centro e vales, dos lugar e vigorosa pensamento de empregamos, depois de grandezas e cavalheiros

de mangueira dos grandes de mineralogia primitiva. Agora a bacia do Jaguaripe é dia a dia mais vasta. Uma fantasia de terra velha e desejos de recorrer na Bahia, enquanto um cinema dá, um estilo, diamantes finos que foram relativamente esquecidos, se voltando a um idioma de valor atual. E, ao invés que atravessa a fantasia, o perigo é aparente, porque não há transporte, apenas do centro ocupado da capital. A Estrada de Ferro vai dizer, a Feira-de, hoje mesmo que a pós, o bilhão falsos resurgir e regiões, se a terceira estivesse a despertar a vista, que o Ministério dos Negócios estrangeiros. Foi grande milagre da guerra mundial, tendo quase vasos de guerra patrulhavam as águas e o Brasil estava ao ponto dos navios de alguns europeus, começou o grande "Rumo aos Campos". O lavrador plantou com decisão e colheu com glória, mas a depressão tinham, porque o trigo acostumado aos estrigos tinha pó de gorgulho. A estrada de ferro ficou envelhecida. Mais grave foi a crise da política demográfica, os navios ao trigo. Os daqueles tempos plantado com tanto resultado, estavam se esgotar mais ricos que as da Europa. Havia mesmo-se ali o alto da Pelada e Vila e mais agentes a Viação do Ministro da Agricultura para transportar a cultura. Uma coisas, mais outra, um mês e dois e já decisões vistas apodrecem. No país engrossa, a agricultura baixa e pobreza e o desastre do nosso pensando que as duas coisas da Bahia existiam realmente morar e homens do trigo do Jaguaripe. Hoje a bacia do rio não reage a ferrovia decepcionou e pensa a engenharia da Viação para completar ramificação da navegação decepcionou. O grande golpe foi após os fins da guerra quando a lavoura abandonada continuou a mangar para novas terras da Bahia e do Sul do Brasil.

De Nossa Senhora de Jesus de São Miguel, de Lage, de Cachoeira, a mudança negou em vasos duros e outros novos as terras velhas. Mais não consolidadas, onde o país de Bahia, nos mesmos. Os que tinham emigrado em busca de propriedade barata evitado escolhem-se mesmo vago do momento. Minas, São Rio Paulo. Goiás e Paraná viram novos de grandeza. A vida nova em cidade, esperança embora vivesse dedicada. Grandes planos pouco que viram pobre realização. A fase não é só vistas; as dificuldades imediatas alguns para os mais e outros. A lavoura que o vale do Paraná mesmo talvez brasileiro. Por vezes, a paisagem favorável prepara o futuro triunfo. Era o período de pensamento daqueles emigrados sendo que alguns não tenham conhecido para ainda vezes.

E nesse tempo que os Rio ensaiou, e velho primeiro do mundo, mesmo emigrado do Município, nova como fala ao novo despacho velho a ver o, impresso de brasileiro e vendas de Arraial Feira. Chegava o progresso para todos novos mesmo e novo vai mesmo até a Feira Transporte. A velha casa com armazém, Tenda e depois Jorge, a grande e Banco Brasileiro. Negócio pelas ruas de Cachoeira, Agência do artigo de Armando Prazeres, a Sociedade e Banco na Praça do Aeroporto, que leva o tempo de Barbosa, do tempo de sua mocidade distante. A vida, o mesmo aproveitando de manhã e amanhã, hora de dia e as horas para ruas, despertando ao mesmo e adormecendo ao pôr. Frei Roberto, a cada hora, via o homem de Feira. Ora nas horas das horas de ajuda, do vão de Santo Antônio de Jesus, ao o viajou à Feira de Santana, ora a cantiga do amor ao que Antônio e Inocêncio de Bahia. A figura da filha linda, que o filho amante levou consigo a cama. A velha amiga companheira de Dª. Teresinha, chamada. Tinham conhecido o pastor que na dias se abandonaram, mas as notas notavam as separações. Ainda vinham-lhes apenas o cantiga e a música decidida a ingênua. A noite para o mundo Ana cada hora para a vida nos Deus. Frei Roberto ele pede e conversa, serve tranquilamente, com dois, ao velho, ao velho e que, na mocidade distante, mudava tudo pelas mesmas.

ISAIAS ALVES

★

Vida e Obra do Barão de Macahubas

★

3.ª EDIÇÃO

★

1942
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

Vida e Obra
do
Barão de Macahubas

473

ABÍLIO CESAR BORGES EM 1874

DO MESMO AUTOR

Os Teatros e a Reorganização Escolar — (2.ª ed.)
Teste Individual de Inteligência — (3.ª edição)
Problemas de Educação
Da Educação nos Estados Unidos
Estudos Objetivos de Educação — (2.ª edição)
Educação e Brasilidade
Da Monarquia Inglesa — (2.ª edição)
Testes de Inteligência nas Escolas.

NO PREPARO:

Técnica e Política Educacional — (2.ª edição)
Dois Mestiços de Genio
Educação e Política Social.

PRÓLOGO

Os últimos vinte anos da vida brasileira operaram notável movimento de idéias em tôrno do problema Pedagógico.

A guerra de 1914-1918 deu oportunidade à cogitação; as viagens de alguns estadistas, escritores e pedagogos à Europa e aos Estados Unidos criaram uma corrente de pensamentos construtivos.

Veio em seguida tomar de consciência das falhas da nossa cultura, ao lado de um esfôrço por alcançar remédios. A educação chegou até a constituir um dos pilares da estrutura do país... Creou-se o Ministério da Educação e Saúde Pública e a Carta Magna incluiu dispositivos notáveis garantidores da disseminação e aperfeiçoamento do ensino.

Tal ocorre no segundo quartel do século, cerca de oitenta anos após o início da prédica de Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, que apresentou ao pensamento brasileiro todos os defeitos da nossa educação e os procurou corrigir, propondo medidas que ainda hoje esperam execução ou que foram mal encaminhadas, com funestos resultados para o país.

Mas Abílio não foi somente o crítico da política educacional. Foi o inovador de métodos, renovador de filosofia, precursor de psicólogos.

Certa vez, em curso de aperfeiçoamento de professores do Distrito Federal, lemos algumas frases de Macaúbas e pedimos às educadoras que nos indicassem o autor de cada pensamento. Surgiram os nomes de Dewey, Thorndike, Ferrière, Kilpatrick, e outros notáveis educadores modernos.

Grande foi a surpresa quando apresentamos as obras originais de Macaúbas em 1852 e 1855, acerca da "Lei Nova" do ensino infantil e do ensino da aritmética. O brasileiro educador era desconhecido. Os estrangeiros mais modernos dominavam, com as idéias que êle defendera e propagara, a atenção dos mestres da infância.

Daí surgiu a idéia da edição definitiva e ampliada dêste trabalho, elaborado há vários anos.

O professorado nacional tem oportunidade agora de aprofundar o conhecimento da vida de um grande educador brasileiro, que pode servir de paradigma, pelos aspectos de cultura, de patriotismo, de tenacidade, de abnegação, altos padrões que o engrandecem e dignificam.

CAPÍTULO I

SÉCULO DE FORMAÇÃO BRASILEIRA

A sociedade brasileira, ao iniciar-se a segunda metade do século XIX, [illegible]

INFLUENCIA FRANCESA

[illegible]

balhada por sucessivas revoluções, era o modêlo dos espíritos avançados do Brasil, e tôdas as convulsões que lhe renovavam os aspectos, produziam aqui apagados ou ruidosos ecos, enchendo-nos a história militar até 1849. Nas altas camadas da sociedade, as idéias francesas dominavam e entre elas, as de superficialidade na cultura; as do cansaço pessimista e displicente nas múltiplas relações da vida; as da apologia do gôzo nos romances lidos por inteligências remotas no grau e na distância; as da liberdade, envoltas no manto róseo da utopia, quer se encare a liberdade política nas repúblicas e nos impérios sucessivos; quer se estude a liberdade social nas conquistas nascentes do socialismo e nas vitórias teóricas do divórcio na família; quer se aprecie a liberdade moral, nas intermináveis discussões acêrca do direito de educar a criança ou das matérias que lhe deveriam os mestres ensinar, sem lhes sobrecarregar a inteligência, sem que desperdiçassem o tempo precioso, sem que se ativessem às velharias do grêgo e do latim, que deviam dormir no passado, enquanto o materialismo ateu tivesse tempo de organizar a sociedade, regenerar os costumes, criar as falanges do progresso industrial.

INFLUENCIA DAS IDÉIAS VENCIDAS

E' curioso porém que as idéias tivessem na França menor atuação, consequências menos desastrosas, efeitos menos deletérios. A distancia, fôr-

ma espacial da ignorância, dá coloridos de rico matiz ao pensamento, que empolga e domina, longe da terra em que nasceu, e entoiça e frondêja no sólo hospitaleiro regado pela cândida admiração dos ignaros.

Enquanto, na lata da seleção, as idéias se degladiavam e tombavam e o alto senso moral do povo francês sufocava os múltiplos delírios literários ou científicos, estes transpunham o oceano, beijavam os cômoros verdes das nossas florestas litorâneas, vingavam as amuradas das capitais da inteligência, conjugavam os nomens de talento, enfeudavam-lhes a razão, torrenteavam-lhes as palavras, induziam-nos á realização ou deprimiam-lhes o ânimo, enchendo-lhes a alma de desilusão.

Assim criou-se a inteligência nacional, sem plano, sem método, a mercê das ondas invasoras, ao sabor do acaso; e assim vive a inteligência nacional, símile das nossas florestas tropicais, no enrêdo inextricavel das idéias contraditórias que não lutaram ainda para vencer e dominar, e crear a consciência, enrijar a vontade e realizar as empresas generosas que são as pegadas dos povos nos campos batidos da humanidade.

UNIVERSIDADES

Seria razoavel um exemplo. Dos povos civilizados da éra contemporânea, é o Brasil singular

balhada por sucessivas revoluções, era o modelo dos espíritos avançados do Brasil, e todas as convulsões que lhe renovavam os aspectos produziam aqui apagados ou ruidosos ecos, enchendo-nos a história militar até 1849. Nas altas camadas da sociedade, as idéias francesas dominavam e entre elas, as de superficialidade na cultura; as do cansaço pessimista e displicente nas múltiplas relações da vida; as da apologia do gozo nos romances lidos por inteligências remotas no grau e na distancia; as da liberdade, envoltas no manto roseo da utopia, quer se encare a liberdade política nas repúblicas e nos impérios sucessivos; quer se estude a liberdade social, nas conquistas nascentes do socialismo e nas vitórias teóricas do divórcio na familia; quer se objetive a liberdade moral, nas interminaveis discussões acêrca do direito de educar a criança ou das materias que lhe deveriam os mestres ensinar, sem lhes sobrecarregar a inteligência, sem que desperdiçassem o tempo precioso, sem que se ativessem ás colharias do grêgo e do latim, que deviam dormir no passado, enquanto o materialismo atêu tivesse tempo de organizar a sociedade, regenerar os costumes, criar as falanges do progresso industrial.

INFLUENCIA DAS IDÉIAS VENCIDAS

E' curioso porém que as idéias tivessem na França menor atuação, consequencias menos desastrosas, efeitos menos deletérios. A distancia, fór-

na pertinaz teimosia de não crear o regimen universitário. As gerações se sucedem desde o alvorecer da monarquia até este sol meridiano da República, que se acuece ás lufadas sêcas do destino, sem que os princípios do humanismo metodisante e consolidador tenham siquer penetrado nas cogitações do corpo professoral, para formar correntes, crear especialistas, aclimar idéias e influir na consolidação dos principios da nacionalidade, que se não póde limitar á conquista do ouro nem ás lantejoilas das capitais cosmopolitas. Os ideais do positivismo comtista, sem vestígios na vida política da França, continuaram, no seio da cândida política brasileira, a proscrever do país essa gloriosa instituição, que floresce e frondeja no seio dos povos cultos, prodigalizando ás gerações nascentes os frutos ótimos de sua fecundidade generosa.

Quando, há quinze anos, a mocidade brasileira, em prova admiravel de sua constância e tenacidade, congregou em São Paulo os seus representantes em todo o país, os fanáticos do comtismo bateram-se corajosamente contra a creação das universidades, que eram para eles o baluarte da autocracia napoleônica, do escravismo intelectual, nova Bastilha nas plagas da livre América. E' que a França havia temido ver mais uma vez suas Universidades nas mãos

do poder como instrumento de governo (1). Ha mais de trinta anos, porém, ela restaurou esses institutos que são os verdadeiros reguladores da cultura, centros de seleção, fócos de irradiação, sem os quais não póde um país ter a consciência de si mesmo, conceber a grandeza do próprio destino e deixar pegadas gloriosas no jornadear ininterrupto das nações.

FACULDADE DE FILOSOFIA E FILOLOGIA

E nós ao terminar o primeiro quartel do século XX, ainda temos um espectro de universidade, onde não ha uma faculdade de filologia e filosofia!

Onde se formarem os guias do ensino secundário? (2).

(1) As datas acima referem-se á primeira edição deste livro (1924). Já houve grande modificação na organização brasileira do ensino, mas a demora do surgimento das Universidades fez com que elas aparecessem em período caótico da vida dos povos tornando bastante difícil a formação de correntes ordenadas de pensamento, indispensavel na disciplina de um povo novo e resultante de raças de nível cultural diverso.

(2) Esta observação era feita em 8 de Setembro de 1924. Veio após a Reforma Rocha Vaz, e, em 1931, a organização Francisco Campos, pela qual se instituiu a Faculdade de Educação Ciencias e Letras, hoje transformada na Faculdade Nacional de Filosofia.

HETEROGENEIDADE DO PROFESSORADO SECUNDÁRIO

Póde o Brasil continuar a ver seus cursos secundários regidos por Bachareis em Direito, Médicos, Engenheiros, que jamais estudaram a ciência da educação e se instruíram em escolas especiais, aspirando palmilhar as estradas de uma carreira liberal; professores que se hão de educar na própria função, com prejuízo visível e fatal dos jovens cuja mentalidade ha de sofrer das vacilações inevitaveis do mestre; mestres que jamais constituirão um corpo coerente de guias da juventude, por isso que se formaram em ambientes diversos sob as injunções de ética e psicologia especiais; póde o Brasil ascender á cultura que lhe exigem a fama trombeteada clangorosamente aos quatro cantos do mundo, sem a metodização dos estudos secundários, que se baseiam nas primeiras letras, mas são o fundamento da alta cultura científica?

CONSERVAÇÃO DAS GRANDES OBRAS

Não é verdade que nosso país sente um que quer que seja de fraqueza e de incapacidade, na conservação das grandes obras, que homens iluminados conseguiram erguer, no labor diuturno de uma vida inteira?

DISCRASIA DO CARÁTER NACIONAL

A que se deve esta discrasia do caráter nacional? Grave é o perigo. Chegamos ás portas do desânimo, quando vemos a vitalidade dos ideais das raças invasôras, ás quais entregamos a direção da nossa vida moral, da nossa atividade industrial, dos nossos campos, do patrimônio acumulado pelas gerações que se foram. E' que não temos firmeza nas idéias, que se consegue na cultura paciente da inteligência e da vontade aos impulsos sadios do humanismo.

PAÍS DE AUTODIDATAS

Somos um país de autodidatas que se aforçaram por formar a própria escola, e nessa construção gastam metade das energias que deviam servir ao bem da sociedade. Raros vingam os alcantis, muitos divagam na esterilidade farfalhante do verbalismo; alguns se dessedentam nas enseadas bonançosas da ciência. Estes adornam a alma, engrandecem o espírito. Não veem porém o panorama completo das atividades científicas, porque as arvores não deixam ver a floresta. Raríssimos enrijam a vontade, alargando o espírito e servindo ao bem comum.

UMA NOBRE EXCEÇÃO

E' o exemplo de Abílio Cesar Borges. Homem sintese de gerações, homem força da natureza, ele

representa uma energia que se perdeu pela metade, agindo isolado, numa sociedade que lhe não compreendeu as intenções, porque não estava preparada para realizar os seus ideais elevantados.

Transcorre o primeiro século de seu nascimento. Esperemos que no segundo as universidades do Brasil hajam integrado moral e intelectualmente o país.

NASCIMENTO

Dois anos após a independência do Brasil, surgiu o grande precursor, na vila de Minas do Rio de Contas, antiga Província da Baía. Filho legítimo de Miguel Borges de Carvalho e de D. Mafalda Maria da Paixão, nasceu Abílio Cesar Borges a 9 de Setembro de 1824, quando ainda escavam nos alcantis do sertão, os brados derradeiros da guerra da liberdade. Abriu os olhos sob o céu liberto da Pátria e medrou e cresceu no ambiente puro de um clima generoso, onde as geádas hibernais retemperam o organismo.

EDUCAÇÃO

Na vila de Minas do Rio de Contas estudou as primeiras letras, assim como o latim, francês e filosofia. Vindo para São Salvador em 1838, matriculou-se no afamado Colégio Conceição, dirigido pelo Padre Mestre José J. Mendes de Moura Alves.

O jovem Abílio trazia do sertão a bagagem intelectual suficiente para, em dois anos de estudo, terminar o curso de preparatórios, que eram naquela época menos numerosos. O esforço enfraqueceu-lhe porém as energias e quando devia transpôr os penetrais da Faculdade, voltou Abílio ao sertão, repousando um ano, para iniciar os estudos da ciência de Hipocrates em 1841, quando completaria 17 anos de idade.

Conhecendo-lhe o pendor natural, convidou-o o seu antigo diretor a assumir a regência das aulas dos seus ex-colegas, o que realizou o estudante de medicina, durante cinco anos, até que, em 1846, passou á Côrte, a concluir o curso médico. Acumulando as funções de professor e de aluno com as de propagandista das bôas letras, fundou, em 1845, com alguns companheiros, o Instituto Literário da Baía, do qual chegou a ser presidente, ao tempo em que chefiava a redação do seu orgão, o "Crepúsculo".

Vida afanosa desde jovem, não passou obscuro o estudante de medicina. As distinções que obteve *cum laude* no 3.º, no 5.º e no 6.º anos, e a distinção no 4.º, são a prova da superioridade do seu talento e da operosidade do seu espírito. E' prova dessa afirmação a circunstância de, em 1843, sómente dois alunos (sendo um Abílio), obtiveram tal distinção, conferida pelo voto unânime dos professores.

Na Capital do Império, em 1846, foi membro fundador da Academia Filomática, de que foi 1.º secretario, ao lado do Visconde de Caravelas, presidente, e do Barão de Santo Angelo, Manoel de Araujo Porto Alegre, vice-presidente.

Vê-se que o jovem estava onde o labor intelectual o atraíse, ao lado dos homens encanecidos e respeitaveis. Neste comercio moralizador de ideias o espirito se ilumina, a conciência se fortalece, e o homem concebe seus ideais; o altruismo domina as inclinações egoisticas do prazer, a vontade se educa no exercicio dos esforços generosos. E Abilio se multiplicava, escrevendo no "Arquivo Médico Brasileiro", no "Auxiliador da Industria", no "Jornal do Comercio".

Sempre volvendo as vistas para o sertão da Baía, escreveu apreciada memória sobre a mineração nesta provincia, merecendo a sua transcrição na Gazeta Oficial do Império e no Jornal do Comercio. Nesse tempo transpõe os umbrais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Conservatório Dramático e da Imperial Sociedade Amante da Instrução.

Tambem foram notáveis os trabalhos publicados no "Crepusculo", especialmente "Posição e algumas particularidades históricas e descritivas da Vila de Inhambuque". Igualmente a tradução do romance "A Pequena Rainha", por Mme. C. Reybaud.

FORMATURA EM MEDICINA

Eram os títulos que possuia o jovem patriota ao receber a laurea de doutor em medicina, aos vinte de Dezembro de 1847. Sua tése inaugural "Proposições Sobre Ciências Médicas" deixa ver a combatividade do seu espirito, pelo exprimir na primeira proposição: "O coração não é um orgão essencial á vida, nem é por sua fôrça que principalmente se executa a circulação do sangue".

A energia do seu caráter e seu amor á Baía levou-o a acusar energicamente os professores pelo menoscabo ou perseguição que sofriam os baianos estudantes da Faculdade da Côrte. Em virtude desse incidente, ordenou o govêrno imperial que ficassem as cartas dos doutores em medicina, dependentes, por seis meses, da censura do Diretor da Faculdade.

Em contacto com os homens mais eminentes adquiriu a mais firme organização de caráter na sua franqueza destemorosa de opiniões, no comedimento senhoril da linguagem, na pertinácia e constancia da vontade.

Conhecêra a Côrte, seus homens, suas seduções. De longe ouviu o chamamento da terra natal e, doutor em medicina, exerceu nos sertões da Provincia a sua honrosa profissão, conhecendo-lhe várias regiões bem remotas, quando ainda nos valos e penedias o silvo do trem de ferro não despertava estridente as onças da mata virgem.

Foi clinico, foi cirurgião. O dominio pessoal que ele mais tarde havia de manifestar nas árduas campanhas do bem ajudava-lhe as habilidades e lhe grangeava fama por sua pericia de operador, chegando a ser indicado para Diretor da Faculdade de Medicina.

A zona do Rio S. Francisco foi seu campo de ação. Ao lado de seus triunfos clinicos, firmou a sua reputação de magnanimidade, cooperando eficazmente na fundação do hospital de caridade que primeiro se creou no interior da provincia e do qual foi cirurgião honorário. Ainda no ano de fundação da extinta escola normal da Barra foram encontrados no lazareto de variolosos alguns velhos que não sucumbiram á violencia do mal e mostravam os sinais da vacina ministrada pelo dr. Abilio, na quadra remota de sua clinica sertaneja.

Não se limitou á proteção da saúde física dos aventurosos sertanejos: manteve na Vila da Barra uma escola benfazeja e lá seu nome é ainda pronunciado com acentos de legenda entre os anciãos.

CASAMENTO

E' nesse periodo o seu feliz casamento com d. Francisca Antonia Wanderley, de quem nenhum elogio seria acessivo. "Dotada de rara inteligência e de admiravel bom senso, graciosa, amavel, satisfeita nas adversidades da fortuna, moderada nos dias de prosperidade, cuidando da educação dos

seus filhos com angélica solicitude, governando a sua casa com o maior método e economia, afim de libertar de toda anciedade seu nobre esposo que ela ama ardentemente, tal a digna companheira que tornou feliz a existência do dr. Abilio Cesar Borges e a cujas raras qualidades ele confessa dever não pequena parte de sua presente prosperidade".

Com essas palavras do biógrafo, salientamos o valor do aspecto econômico em todas as empresas beneméritas.

O bem não é promessa, não é intenção, não é desejo. O bem é a realidade e a realidade em todas as ações humanas depende das condições econômicas do crédito ou do capital, sem o que não há governo nos paises, nas instituições filantrópicas, nos centros universitários ou na mais humilde escola da aldeia.

Organizada a familia, Abilio Borges cogitou de exercer suas atividades em centro mais adiantado, onde o entusiasmo do seu temperamento e as justas ambições do seu coração pudessem realizar obra mais larga.

Abilio não seria médico. Os homens não logram fugir a um que quer que seja do poder misterioso que os guia nos caminhos da vida, mau grado a ingenua pretenção do nosso orgulho. *Fatum mahometanum*, anulando a vontade e deixando-nos á mercê dos dias ou dos minutos sucessivos; fatalismo panteista, na misteriosa imanência da causa primeira na face multiforme da vida; teismo injusto e clau-

dicante contra a bondade suprema de Deus: determinismo ou liberdade: os homens seguem, ouvindo a voz dos mortos ou prescrutando o vagido dos que nascem, a estrada tortuosa da vida, na esteira luminosa de um ideal, que lhes acorrenta a vontade, que lhes aligeira o passo e lhes vence a timidez, quais sonâmbulos iluminados a refletirem dentro naima o mundo pedregoso em que vagueiam.

Abílio Borges não seria médico. A vontade humana é grande, é invencível, é miraculosa, lavrando nas cinas das forças inconscientes que nos guiam. E a medicina ficou nos campos escaldados pelas soalheiras tropicais, enquanto a educação nacional conquistava um cavaleiro batalhador, de esporas de ouro e coração magnânimo, abrindo para o futuro da mocidade o mais risonho horizonte.

DIRETOR GERAL DOS ESTUDOS

Chamou-o para o largo cenário da pedagogia moderna a nomeação de Diretor Geral dos Estudos pelo Comendador Alvaro Tiberio Moncorvo Lima. Aos 28 de Março de 1856 tomou posse do cargo e encetou a carreira que o havia de glorificar. Em 30 de Abril apresenta ao Presidente da Província o seu primeiro relatório, em que se debuxa em todos os seus contornos, o quadro da sua frutuosa existencia de educador.

Dominava a política conservadora, da qual era chefe o glorioso baiano João Mauricio Wanderley,

depois Barão de Cotegipe, a cujo prestígio deve tambem Macahubas uma parte da eficácia dos seus esforços em bem da cultura nacional.

Não podemos estudar os homens isoladamente. Sem a cooperação e o apoio velado ou ostensivo de um amigo, morrem muitas vezes na aridez da indiferença as mais uteis e desinteressadas tentativas. Sobretudo quando se age contra a rotina da sociedade, contra os interesses subalternos, contra as mil resistências aos impulsos generosos do progresso.

Não deve ser esquecido no bosquejo da téla em que se desenhará, em traços obscuros, a vida do grande educador, a figura magestosa do chefe do Estado, na aurea quadra do imperio em que se erguerem os alicerces da nossa presente grandeza material.

Educado na cultura clássica, D. Pedro de Alcantara devia amar a natureza e as letras, os mundos sidéreos e os mundos mortos dos egiptólogos; a literatura da França dos seus coevos e as letras mortas das belezas gregas. Pedro II foi assim uma das forças determinantes da vitoria de Abílio Borges. Desde 1859 acompanhou-o com o seu incentivo.

De nada valeriam, porém, as animações imperiais, nulo seria o prestígio do seu amigo, se naquela alma impetuosa e indomavel não vivessem o amor por seu pais e pela infância e as mais justas e louvaveis ambições de gloria.

CAPÍTULO II

UM DIRETOR DE INSTRUÇÃO EM 1856

ABRE-SE-LHE a segunda fase da vida. Infelizmente não conseguimos o segundo relatorio de 1857 do grande estadista liberal Cansanção do Sinimbú. As ideias contidas no primeiro dão todavia as justas proporções do entusiasmo e devotamento com que exerceu o novo diretor dos Estudos as altas funções do seu cargo. Das mais gerais às mais particulares, todas as questões ligadas ao ensino foram ventiladas e discutidas com o maior desassombro e elogiavel franqueza, quasi todas com perfeito senso pedagógico.

PROFESSORADO

Compreendendo que o mestre é tudo na escola, por mais ricos que sejam o mobiliario e o aparelhamento, por mais engenhosos os métodos, iniciou a sua verdadeira carreira pública pleiteando o melhorio *das condições económicas desses humildes servidores da nação*. Ganhavam os professores da provincia 400$000 anuais no interior e 500$000 na Capital.

Observou que jovens de capacidade e amor á causa da educação nacional não poderiam sacrificar a sua existencia por tão minguados recursos e quando votados a uma tão espinhosa ocupação, não a exerceriam com o gosto e a animação que lhes poderiam infundir remuneração proporcionadas ao seu merecimento. (Relatorio de 1856 página 9).

Essa é a grande dificuldade da educação: para as funções dificilimas da formação moral da raça, os funcionarios menos graduados nas vantagens económicas e consequentemente no prestígio social. Um educador contemporaneo, o psicólogo Claparéde afirma que o número dos que se fazem professores por vocação é extremamente fraco e que muitos mestres declaram haver escolhido esta carreira por necessidade de mau grado. (Psycologie de l'Enfant, pag. 220).

MONTEPIO

Pedia Abílio Borges que, ao lado de melhores ordenados se creasse, a exemplo da Alemanha e outros países, uma caixa económica ou um *montepio dos professores da provincia*, convindo que o legislativo provincial "consignasse uma pequena soma anual que iria aumentando com o patrimonio, em beneficio de uma classe que é digna de todos os favores e protoções".

CONSELHO DE INSTRUÇÃO

Propôs que o Conselho de Instrução fosse composto sómente de professores públicos efetivos ou jubilados para que melhor atraísse a atenção e veneração dos professores e lhes servisse de estímulo. Lembrou a criação de distinções honoríficas, especiais para o professorado, como havia na França. Acrescentou parecer da atribuição da Assembléia Geral essa medida, e justificou seu pensamento em frases que merecem ser relembradas pela pureza dos seus sentimentos patrióticos.

AÇÃO NACIONAL

Trata-se agora no jogo mesquinho das lutas e rivalidades da república, de unificar o processo, de dar à Federação esteios para agir no ensino primário, afim de, por ação conjunta, conseguir-se o movimento uniforme do grande corpo nacional. Pois bem, já em 1886, nos dizia Abílio:

> "E desde já fique nesta ligar consignado que sou completamente avesso a esse sistema de instrução provincial que rege o país, que pode tanto concorrer para mais fixar e determinar o *espírito de provincialismo* que infelizmente se acha mais de nosso desenvolvimento no Império. Tenho para mim que

> ao *um sistema geral de instrução pública*, sabiamente formulado e estabelecido, poderá, permita-me a expressão, *nacionalizar* a *Nação Brasileira*, trazer-lhe essa unidade intelectual e moral que é a primeira condição de força e de grandeza, destruindo essas mesquinhas rivalidades de mesquinho provincialismo, que tanto afrouxam os vínculos que devem ligar os brasileiros. (Relatório de 1886, página 11) (1).

AMOVIBILIDADE

Ao lado das favores e vantagens pedia Abílio as penas indispensáveis à disciplina do exército do bem.

Pedia que se instituisse a amovibilidade dos professores, *como prêmio ou como punição*, pois que o removido, no meio de outra sociedade, atraído por circunstâncias diferentes, poderia tornar-se solícito cumpridor dos seus deveres. A mesma amovibilidade dos professores foi vitoriosamente sustentada no Congresso Pedagógico de Buenos Aires.

---

(1) O grito é nosso. O movimento desmembrador tumultuou a Federação que é então, concretamente se cuidou no Brasil. Exatamente se vão percebendo os abalos.

VITALICIEDADE

Era Abílio *contrário* à *vitaliciedade* desde a investidura. "Um aspirante ao magistério pôde apresentar-se completo de habilitações, cheio de gosto pela carreira que vai abraçar; mas quem nos assegura que esse aspirante *que talvez encontrar aí mil e vezes* no mister que adotou, *vão pouco* a pouco *esmorecer-se com o fel e os cargos* que nelle foi deparar e dentro de um, dois, quatro e seis anos aborrece a sua escola, desama os seus discípulos, e maldiga a profissão que se antolhara risonha e amena?" (Relatório pag. 61).

Assim propõe que a vitaliciedade fosse adquirida, após cinco a seis anos de exercício, mediante atestado das autoridades judiciárias, eclesiásticas e escolares, e que *gerdesse o vitaliciedade o professor que fosse composto três vezes no decurso de vinte anos.*

JUBILAÇÃO

Não devia ser um direito indistinto. Sómente os que tivessem a *nota de bons serviços* deviam obter aposentadoria, que não poderia ser conseguida antes de dez anos de exercício e que seria forçada ao fim de vinte anos.

Combateu o esclarecido educador as *gratificações adicionais* que retinam a permanecer nos cargos, professores que já não são eficazes. "Entendo, dizia, e comigo muitos homens pensadores e es-

tre estes os ilustres e dignos professores Dr. Manuel Pedro Moreira de Vasconcelos e Guilherme Baltasino Imbiraçi, que depois de vinte anos de ativo e consciencioso exercício de magistério, raro, raríssimo, será o professor que sobe ainda gosto na sua profissão, que cumpra satisfatoriamente suas obrigações, que se esforce por acompanhar o progresso, e que de alma e coração vote-se ao aproveitamento dos alunos". (Relatório pag. 32).

Ao mesmo tempo que obrigaria o bom professor a aposentar-se aos vinte anos, *desperdiça, sem aviventar alguns*, aquele que mal serviu no mesmo prazo. E observa: "Esse professor que durante vinte anos nunca bem preenchen suas funções, de que maneira preenchê-lo-á em diante, e principalmente enfezado por lhe ter sido denegada a jubilação?" (Relatório pag. 61).

ESCOLA NORMAL

Orientação superior de pedagogia, compreendeu Abílio que deste estabelecimento "depende o futuro do magistério primário, classe de funcionários que devem ter uma instrução e educação especiais e que convém seja lentamente recebida em uma escola especial".

Repeliu a idéia da fusão do Liceu e da Escola Normal; propôs medidas capazes de lhe elevar os estudos; exame de admissão, *em virtude do feito*

de escrúpulo dos mestres primarios aos exercidos de alunos-premios, com os quais se matriculavam os futuros alunos-mestres; solenidades na abertura e encerramento dos cursos, nas quais o Diretor concitaria os alunos a lutar pelo progresso da instituição, estabelecendo-se tão necessarios vinculos de simpática colaboração.

Aconselhou a instituição de premios aos alunos, conferindo-os a Congregação, em festas que deixassem profunda impressão no ânimo da colectividade escolar. Sugeria a união das cadeiras de métodos e de pedagogia compreendendo que a *prática devia acompanhar as lições da cadeira teórica*.

No exame de admissão exigia o conhecimento do português, do francês e do latim, e concluia: "Individuos assim habilitados hão de infalivelmente alcançar grande proveito do curso da Escola Normal e conseguintemente o nosso professorado primario ha de infalivelmente reabilitar-se". Tal interesse pela formação profissional dos mestres da infancia é tanto mais notavel quanto, poucos anos antes, os esforços de Horace Mann, pela introdução das Escolas Normais dos Estados Unidos, recebiam os mais fortes contra-choques dos mestres-escolas da grande república. Mais saliente vêr-se-á que chegou Abilio a propor como base das escolas normais o sistema de internato.

ADJUNTOS

Como educação prática e á semelhança do que se fazia na Europa, propoz a creação da classe de adjuntos, nomeados para as escolas de mais de cincoenta alunos, os quais seriam preferidos, após um ano de bons serviços, no provimento das cadeiras em igualdade de condições de exame e habilitações, a quaesquer outros pretendentes.

DISTRIBUIÇÃO DE PERIÓDICOS

Percebeu que a preparação escolar não basta e que os progressos da arte de educar exigiam continuassem os mestres a sua ilustração e lembrou a distribuição gratuita de periódicos atinentes á educação, visto como os minguados ordenados dos professores não lhes deixavam sobras para a aquisição de livros e revistas.

BIBLIOTECA NA DIRETORIA GERAL

No mesmo sentido e com os mesmos elevados ideais, propoz a creação de uma biblioteca na Diretoria Geral dos Estudos, onde os professores da capital encontrassem livros especiais da sua arte. Ao lado da utilidade intelectual que advinha desse centro de cultura, é incontestavel que a reunião dos professores, próximos da vista do Diretor dos Estudos, e das altas autoridades do ensino, dar-lhes-

VIDA E OBRA DO BARÃO DE MACAHUBAS 29

ADJUNTOS

Como educação prática e á semelhança do que se fazia na Europa, propoz a creação da classe de adjuntos, nomeados para as escolas de mais de cincoenta alunos, os quais seriam preferidos, após um ano de bons serviços, no provimento das cadeiras em igualdade de condições de exame e habilitações, a quaesquer outros pretendentes.

DISTRIBUIÇÃO DE PERIÓDICOS

Percebeu que a preparação escolar não basta e que os progressos da arte de educar exigiam continuassem os mestres a sua ilustração e lembrou a distribuição gratuita de periódicos atinentes á educação, visto como os minguados ordenados dos professores não lhes deixavam sobras para a aquisição de livros e revistas.

BIBLIOTECA NA DIRETORIA GERAL

No mesmo sentido e com os mesmos elevados ideais, propoz a creação de uma biblioteca na Diretoria Geral dos Estudos, onde os professores da capital encontrassem livros especiais da sua arte. Ao lado da utilidade intelectual que advinha desse centro de cultura, é incontestavel que a reunião dos professores, próximos da vista do Diretor dos Estudos, e das altas autoridades do ensino, dar-lhes-

la unidade de vistas, inspirando entusiasmo por sua nobilissima carreira.

Eis uma lacuna que aí está saliente e visivel, demonstrando que Abilio se avantajou a seu tempo e que, se agira na época presente, muito ainda tivera que fazer.

QUALIDADES MORAIS

Não exigia Abilio sómente, na formação do professor as qualidades intelectuais que procurou apurar, reorganizando a Escola Normal da Provincia, "á qual era devida, em grande parte, a gloria de nos acharmos superiores a qualquer das Provincias do Imperio, no que respeita a este ramo de serviço público". (Relatorio, pag. 43).

Era mister salientar o grande valor das qualidades morais e religiosas do mestre de infancia. "A historia e os fatos que diariamente se sucedem provam que uma civilização muito elevada e um grande desenvolvimento do espirito não são as condições essenciais para o bem estar dos individuos e das nações, si não se acham baseadas em uma severa moralidade ou em sentimentos elevados de religião e portanto de moderação e de humildade. Daí depreende-se pois, que a educação moral e religiosa deve sempre seguir *pari passu* á cultura intelectual". "Reflatindo-se, porém, no como a boa marcha da sociedade está principalmente dependente do estado moral e religioso do povo, parece

que o governo deve para essa mais especialmente atender". "Um povo desmoralizado e embrutecido é, por via de regra feroz e pouco amante da paz, cujos benefícios não sabe apreciar e desconhece; esse povo sempre disposto a tudo quanto sabe a desordem, ignorando completamente a instituições do país, e não lhes dedicando, por conseguinte, nenhum amor, nem interesse, levanta-se facilmente contra elas, apenas arrogado por um caudilho hábil e temerário do qual se torna assim fácil e perigosa manivela" (Relatorio 12 e 13).

Ancseia o grande educador os dias futuros da Patria, cuja educação moral continua estacionaria, senão em progressiva decadencia.

NOVAS PROVAS

Lembrou tambem o Diretor dos Estudos, que no Rio de Janeiro, o professorado público e particular havia sido chamado a novas provas de suas habilitações e perguntou se não seria conveniente e de maior proveito para a regeneração da instrução, que se adotasse a mesma medida, *conservando-se no magisterio sómente aquelles que fossem dignos de tal*, concedendo-se jubilação aos que pedissem e demittindo-se os incapazes, *fazendo-se ir ahi algumas vezes* (e *ahi mesmo*) *por pessoas competentes*. (Relatorio, 41).

PREDIOS ESCOLARES

Tambem aquelas épocas afastadas deste presente iluminado pelas lâmpadas dos emburilhos dos compassarios, já lembrava Abilio a construcção de predios escolares, *onde não residissem os professores*, o que além de "dar ás funcções do magisterio caracter de importancia, entrando para os edificios especiais mestres e discipulos, e sendo tambem jantarienta nas horas do regulamento, evitaria a approximação da familia que lhes roubasse a attenção e os distrahisse de suas obrigações, indo constantemente ao interior da casa, deixando arrefalar a escola para administrar outros serviços e ahi dormir longamente". (Relatorio, 17).

LEGADOS

Para a construcção dos edificios escolares, não lhe escapou a *idéia da cooperação dos individuos particulares*. Propoz que se instituissem leis, obrigando a applicação nas construcções escolares de *todos os legados de casas mas que não tivessem fim determinado pelos testadores*. "Ou o coração me engana muito, ou adotado esse systema, crescido este novo modo de entender e sentir e vendo-se a cada passo bôas escolas, bem povoadas, bem regeadas, bem assistidas, bem nutritivas e bem abençoadas do céu e da terra, os ricos que não podem levar ao Lazaro para o seio nunca, e que á hora da morte

naturalmente anceiam por fazer paz com Deus e com os homens, procurarião quietar a consciencia, dotando com mão larga a instrucção primaria" (R. 18).

LOTERIAS

Lembrou tambem o recurso das loterias, que são hoje apenas industria lucrativa para seus exploradores e funestas para o povo. "Cada freguezia que necessitasse erigir uma escola, seria autorizada com as devidas precauções a fazer uma pequena loteria. A necessidade mesmo da causa, além da utilidade de seu fim, faria extrair os bilhetes sem difficuldade". (R. 18).

MINISTERIO DE INSTRUÇÃO

Não escapou ao espirito clarividente do reformador a falha de nossa organização administrativa, que perdurou até 1930, da inclusão dos assumptos da instrução pública na complicada engrenagem do Ministerio do Interior.

Secundario havia de ser o papel da educação nacional, como ia sendo, em detrimento irreparavel das gerações que surgem e vivem em nosso seio. Em seu discurso de 1 de Abril de 1875, dirigindo-se ao Cons. João Alfredo Correia de Oliveira, Ministro do Imperio, presente á festividade do Collegio Abilio, disse as seguintes palavras:

"Si V. Ex. Sr. Conselheiro João Alfredo, tão interessado como se tem mostrado pelo bem da instrução pública, não fosse tão distraido e arraido pelo magnetismo da politica; si fosse só ministro da instrucção, estou certo que haveria já acudido para esses males que aqui lhe vou apontando, e os teria remediado.

Concorra V. Ex. para a divisão do seu ministerio; e fique só ministro da instrucção, que ainda mais benemerito se tornará. A instrucção publica deste vasto Imperio reclama já, e merece assim uma pasta especial" (1).

OBRIGATORIEDADE, LIBERDADE, FISCALIZAÇÃO

Não se deixou Abilio arrastar pelas idéias, sómente por espirito de novidade.

Hoje é incontestavel que devemos recorrer a todos os meios legais para diminuir a cifra do analfabetos, cuja predominancia é a causa dos nossos maiores males: despotismo politico e parasitismo economico. São correlativos aspectos das nações retardatarias e se agravam mutuamente dia a dia porque um destroe o eleitor matando a vontade, deshonrando a alma; outro gera os odios, as desordens, as quedas repentinas do cré-

(1) Só em 1930 veio a ser creado o Ministerio da Educação e Saude Publica.

dito, as dôres da familia, o sacrificio de vidas preciosas.

Sem leitores não ha jornais, sem jornais não ha liberdade de imprensa, sem liberdade de imprensa não ha valvulas de segurança para as colera populares, sem valvulas de segurança estouram as caldeiras, param os teares, domina a miseria no lar do operario, enlanguesce a prole rial enfraquece a nação, depaupera-se a raça, morre lentamente a nação, alvo do escarneo dos povos vivis, que se governam pelas sabias lôis da liberdade. O magno problema é, pois, educar a infancia. Abri-lhe escolas, dai-lhe professores, compendios escolares, vestes, tudo, porque esse é o magno problema e não despesa, mas capital, consolidado para ser compensador dos gastos realizados metódica e persistentemente, no decorrer de um quartel de século.

OBRIGATORIEDADE DO ENSINO

Abilio, porem, não se arreceou a pedir a obrigatoriedade do ensino. Referindo-se aos paises da Europa, cita Victor Cousin para quem o ensino constitue obrigação tão restrita como o serviço militar, mas conclue: "Não sei se nós estaremos no caso de adotar uma semelhante lei, que tem em seu favor as opiniões esclarecidas dos mais ilustrados antecessores; — se se póde, não ha retardar medidas tão salutares; se não se póde, ne-

nhum mal vem ao país de apresental-as e propôr-las ao agora: — é tal, ha a grande conveniencia de se esclarecer a opinião pública porque quando por ela imperiosamente reclamados, — então não ha regras". (R. 20).

Aí está a alma do educador a nú. Ele conhecia o nosso meio e sabia da sua insuficiencia para receber tão adiantada medida. Hoje era já tempo de dominar, a ensino obrigatorio, universal, nos em questão de ensino, não erraremos se afirmarmos que, depois do Barão de Macahubas, não fizemos um passo no caminho do progresso. Ha mais escolas, mais mobilia, mais professores, mais ordenados; não ha, porém, maior eficacia no ensino.

LIBERDADE DO ENSINO

O problema da liberdade do ensino tem duas soluções opostas nas opiniões de Abilio. Em 1858, afirma: "Ainda por certo errado aquele que segue o principio de que em materia de ensino público deve presidir a mais ampla liberdade, e que cabe o mesmo *que cabe a de outras e especulação dos particulares*, os quais, pelo comum, só cuidam dos seus interesses pecuniarios, e nunca se lembram da sociedade". No seu pensar não bastavam as condições da Lei n. 172, de 1842, que exigia: bom comportamento moral, politico e religioso, — folha corrida — e o juramento de não pervertir

molestia contagiosa; exame de materias que se propuzessem ensinar ou qualquer documento que provasse idoneidade; que as aulas fossem sujeitas á inspeção de autoridade proposta á instrução pública; que se pagassem multas cada qual maior que a dada; que se suspendesse o professor particular; que se fechasse o estabelecimento...

Não era bastante tudo isso na opinião do diretor dos Estudos, aos seus vinte e dois anos incompletos, menos de recuar de sua brilhante ousadia.

Era ainda mister mais. "E' minha opinião, dizia Abilio, que a fundação de colegio não devia ser facultada senão ás pessôas que possuissem titulos universitarios, aos bacharéis de Lioeu ou aquelles padres que para tal fossem abonados por Sua Eva Igreja — e o ensino particular secundario só deveria aquelles que ou estivessem nessas circunstancias ou que apresentassem certidões de haverem dado bôas provas de suas habilitações em concurso, ou que sofressem um rigoroso exame de sufficiencia perante o Conselho da Instrução, com assistencia do Diretor Geral dos Estudos". (R. 67).

ESTRANGEIROS

"E com os estrangeiros porque não se ha de ser mais exigente, principalmente no que respeita á religião. Pois será muito conveniavel, muito util se consentir que um protestante estabeleça

entre nós uma casa de educação para a mocidade?".

RELIGIÃO

"E já que estou falando de religião, julgo de suma importancia obrigar os professores, quer públicos, quer particulares, a conduzirem seus alumnos á missa uma vez por semana, estabelecendo-se uma pena para os que não cumprirem esta obrigação".

JOGO

De acordo com tais pensamentos, suspendeu importante colegio desta Capital, cujo diretor jogava com seus alumnos, segundo um biógrafo de Abilio, ou ex-alumnos, segundo fui informado, e com estranhos, "whose Principal had a public gambling-table, where he played with his pupils and with strangers". (A Biographial Sketch of Dr. Abilio Cesar Borges. 1875). Apesar, todavia, do escandalo que despertou esse ato, não vingou o principio da moralidade, porque o diretor punido foi restabelecido em seus direitos e continuou no governo de seu estabelecimento. Essa alta de energia de Abilio servia apenas para mais exasperar os seus adversarios, apressar a sua queda, privar a Provincia de seus utilissimos serviços.

NOVAS OPINIÕES

Passaram-se os anos; o pedagogo viajou, visitou os países civilizados, dirigiu vários colégios com brilho e glória e apresentou ao Conselho Diretor da Instrução do Município da Côrte, em 22 de Setembro de 1873, a seguinte proposta:

> "Considerando que a inspeção oficial não presta ao ensino privado benefício algum, por não ser possível que se faça qual convinha; Considerando que em vez de um bem, é um mal intrometer-se o Estado em causa que incumbe ao dever natural e imprescritível das famílias, às quais não pôde nem deve o Estado substituir-se; Considerando que muito urge despertar e desenvolver a iniciativa individual, que, em tudo e particularmente no que diz respeito à instrução, faz milagres em outros países; Considerando que o ensino livre já se acha decretado em várias províncias do Império com muito proveito; Considerando enfim que esse Conselho ao conferir títulos de habilitação para o magistério, não pôde proceder com o necessário critério, cingindo-se a atestações ordinariamente pouco escrupulosas e quiçá falsas: Proponho que se represente ao Governo sobre a conveniência de ser, desde já, decretado o ensino inteiramente livre no Município da Côrte".

Na ata da sessão imediata lê-se:

> "O Sr. Dr. Abílio declara que a sua opinião acerca do ensino livre não é nova data de 1856, quando foi diretor da Instrução Pública na Província da Bahia: — que convenceu-se então de que a inspeção oficial nunca foi, nem poderá jamais ser feita de modo proveitoso ao ensino particular: — entende que toda a vigilância oficial sendo precisa para o ensino público, a ação do governo, além de inútil, é muito prejudicial àquele ensino, porque concorre para que se não efetue a inspeção paternal, visto como as famílias descansam na decretada inspeção oficial que é totalmente nula; — que portanto a instrução nacional tem tudo a ganhar, e nada a perder com a decretação do ensino livre".

A contradição entre o relatório de 1856 e a Proposta de 1873, se explica pela experiência adquirida no próprio cargo de Diretor dos Estudos, cuja autoridade foi ofendida no escandaloso incidente do Colégio da Rua do Maciel.

Não se diga, irgenia ou malevolamente, que Abílio era diretor de colégio em 1873. Quem levava da Bahia a glória colhida no ensino particular, cercado de todas as considerações do povo e do próprio Imperador; quem havia dormido com

ser prestígio e mais pedagógico do Império e tinha as mais encomiásticas referências das famílias e dos professores, não precisava das benevolências do poder. A liberdade do ensino era, ao contrário incentivo a novos concorrentes.

FISCALIZAÇÃO

Haviam algumas províncias do Império criado uma classe de inspetores de círculo, correspondentes aos *Delegados literários*. A esses funcionários competia o encargo de *visitar as escolas*, a missão pedagógica, da qual depende em grande parte a regularidade do trabalho escolar e sua eficiência. Mas Abílio Borges julgava que *tais fiscalizações não tinham suficiente prestígio* e que sua interferência enfraqueceria a pequena ascendência dos Comissários de Instrução (delegados residentes) sobre os professores primários. Assim era preciso que as visitas fossem realizadas pessoalmente pelo Diretor dos Estudos, ou por um Vice-Diretor, afim de que elas tomassem "um caráter de solenidade e importância e respeito que negar-lhes a utilidade, seria negar a luz do dia". A coisa, diz um biógrafo, imediatamente percebeu nessa idéia apenas um mesquinho interesse particular, na ajuda de custo que teria o Diretor nas viagens ao centro da Província. Cada ano ou

ato de Abílio chocando fortemente o meio que os recebia, era um novo motivo de luta e de desilusões.

Ainda como poderoso auxiliar da fiscalização, Abílio apontava as Comissões Inspetoras (Conselho Escolar de Comarca), mas lembrava que essas comissões além da força moral tivessem alguma força penal sobre os professores (R. 63).

CAPÍTULO III

AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA

MÉTODO CASTILHO

Era predominante na inteligencia e no caracter de Abilio Borges o interesse pelo melhoramento das condições da criança, nos primeiros passos da vida escolar. Seu entusiasmo levava-o muito alem das carreiras da sociedade em que vivia. *Para ele o trabalho escolar era do professor mais que do aluno* e tal é o principio sadio em pedagogia. Eis porque se dedicou inteiramente ao método do Visconde de Castilho, mais ou menos predicado na Bahia pela primeira vez pelo professor Antonio Gentil Ibirapitanga, primeiro mestre de Rui Barbosa, e depois pelo professor Felipe José Alberto que o foi aprender no Rio de Janeiro, sob a direção pessoal do proprio Castilho. Esforçou-se Abilio pela vulgarização do método e propôs a nomeação de adjuntos á escola do professor Alberto, para que mais rápida fosse a propagação desse "divino método", com a qual "subiria nossa instrução pública a um ponto que, pelo

antigo, não urgencia atingir talvez um duplicado espaço de tempo".

Isto era em 1856. Com o decorrer dos anos e com a experiencia de sua longa vida de educador, escreveu em 1884 "A Lei Nova do Ensino Infantil". Ai se expressa a opinião definitiva do grande educador, nos seus setenta anos de existencia.

A LEI NOVA DO ENSINO INFANTIL

"A Lei Nova", dizia, "ao cogita de ensinar rapidamente, nos primeiros anos da infancia, a *leitura* e a *escrita*, esses dois instrumentos de instrução, de que não sabem usar os meninos, como que possam elles um tempo precioso, e a cujo serviço algumas horas de talento põem as suas faculdades e atividade, inventando métodos abreviados para sua aquisição. A Alemanha teve o método Feinaigle; a França os méthodes Lemare, Jacotot, Portugal teve o método Castilho e tem o João de Deus. Tambem nós tivemos (digo tivemos porque delles não mais se fala), os métodos Pinheiro (Basedaldo) e Hudson. Mas qual o destino de todos esses metodos de ensino da carreira?..." "Para ensinar a ler todos os *métodos são bons, dependendo apenas da perícia e atividade dos mestres e da inteligencia dos discipulos e do modo de aprendizagem*; com esta grande diferença, que os métodos repentinos requerem entusiasmo

e lucrativa especial das propagadores". "Quanto a mim, o método antigo razoavelmente pontificado, isto é, descarregado daquela infinidade indigesta de silabas soltas e vãs, é ainda preferivel, pela razão de não exigir propagadores especiais para ser aplicado". "Nos proprios Estados Unidos da America do Norte, onde o método de soletração parecia moderado a ser eliminado, cedendo logar ao fonico e ao do vocabulismo... todos recorrem, e em gera até em excesso, aos exercicios de soletração, como complemento obrigado do ensino de leitura e essencial para conhecimento da ortografia, perfeição da prosodia e cacoufo para a declamação, a que como nenhum outro povo, dão os norte-americanos uma grande importancia".

Não ha negar que o exclusivismo em métodos é tão funesto no ensino como na medicina. Nesta não ha doenças, ha doentes; naquele não ha educação, ha educandos. Os professores devem conhecer todos os métodos, formar a sua personalidade, e trazer uma orientação geral, inclinando-se uns para uns, uns para outros, conforme os alunos que lhe são confiados.

O ideal seria que as escolas fossem divididas segundo os tipos psicológicos. A uma criança visual que sinta o desenho o aprenda gostosamente a escrever desde o primeiro dia de escola, não impressionarão sempre as lições cantadas compas-

sadamente, que serão a delicia de um menino sedentario (1).

QUE É A LEI NOVA?

Mas em que consistia a Lei Nova do grande pedagogo? Na exclusão absoluta dos castigos físicos, dos premios escolares, das lições teóricas de moral. Procurar desenvolver o espirito de observação na criança, "não impõe aos meninos a obrigação de aprender; excita-lhes sim o amor á escola, tornando-a cativante pela variedade, amenidade e utilidade do ensino". "Por um instinto providencial, continúa, conhecem os meninos si é ou não util e que lhes ensinam, e sua inteligencia rejeita as lições, como o estomago os alimentos pesados, desagradaveis ou nocivos."

O traço caracteristico deste processo de ensino é a multiplicidade de conhecimentos que o mestre consegue transmitir aos discipulos. Toda a ciencia humana, que a todo instante nos impressiona na vida prática, desde criança, póde ser metódica e prudentemente explicada aos meninos.

"O ensino de meu primeiro curso primario, diz, comprende os elementos de — geometria linear, plana e no espaço, de calculo concreto e abs-

(1) Hoje reconhecemos a profundos pela classificação mesmo de uso gênio de inteligencia ou inteligencia mental. Interprete em jogo o aproveitamento escolar. Sobre o assunto, o leitor consultará: "Testes Individuais de Inteligencia" e "Os Testes e a Psicopedagogia Escolar" do autor.

trato, de geografia e cosmografia, de mineralogia, de geologia, botânica, zoologia, física, química mineral, orgânica, anatômia e fisiológica, historia do Brasil, higiene, economia politica, agricultura, direitos e deveres do homem, gramática da lingua vernácula sem livro, leitura, desenho e escrita, conversação nas linguas franceza e inglesa, canto de ouvido e solfejo metódico, ginástica, dansa e evoluções militares."

Ao leigo isso parece um absurdo, mas a criança assimila com admiravel presteza todos os conhecimentos que lhe fornecem o mestre, os pais, os colegas, correspondendo a sua curiosidade. Esse é o grande perigo da educação desleixada, anarquica e tumultuaria, em que as crianças acumulam erros e superstições, saciando no circulo dos criados a sua generosa sêde de saber.

Desaparece o peso do programa de Abilio, se nos lembrarmos que a criança nos interroga a todo instante e que o conhecimento adquirido em cada resposta dá lugar a novas perguntas, formando a lógica natural de um espirito que se desenvolve por suas proprias forças.

E' digno de atenção o modo porque o Barão de Macahubas enumerou as materias do seu programa: ciencias e depois linguas. Eis mesmo dá o fundamento desse criterio! "As inteligencias infantis recebem quasi indistintamente tudo quanto se ensina agradavel e metodicamente, e com mais gosto e mais felicidade os conhecimentos cientificos do que os literarios. (Meu descobrimento!"

Já em carta de 1865, da Europa, ao Dr. Carneiro, dizia:

> "Na revolução nova que projeto fazer no ensino da mocidade brasileira, entre os melhoramentos que pretendo introduzir, ha de caber muita parte ao cultivo das ciencias naturais, dando-se a possivel extensão ao ensino dos fenômenos mais comuns da natureza, explicaveis pela fisica e pela quimica. Não faz ideia, meu amigo, da ignorancia em que a instrução preparatoria da mocidade se acha em nosso país, do que se da por toda a parte na Europa! Os meninos aqui sabem mais historia e ciencias do que os homens de letras em nosso caro Brasil."

Em 1875, fala a escolar de 11 de Abril, afirmou aos ministros do Imperio, da Justiça e da Guerra, e ao numeroso auditorio que enchia o vasto salão:

> "Aquilo de que menos me ocupo é de fazer ler e escrever aos meus discipulos no primeiro ano escolar; com a leitura e a escrita gastam, quarto muito, uma hora e meia diariamente. O que busco é preferencia é encher-lhe a alma de ideias, educar-lhes a

escuridão da inteligencia, é despertar nelas o espirito de curiosidade e observação, caminho certo para incutir-lhes o gosto de aprender e torna-los conseguintemente amantes do estudo. Este ensino que acabo de descrever em traços por demais rapidos, não é mais do dominio da teoria, entrou no dominio da realidade e se vai já confirmando exuberantemente com uma prática de perto de quatro anos nesta Côrte, tendo eu já por três vezes demonstrado a sua eficacia em sessões públicas dadas com meus discipulos, e nos exames semestrais e finais que são sempre publicos, e a que muitos de vós tendes assistido.

Digo nesta Côrte, porque só aqui comecei a pôr em prática esse novo ensino, produto combinado de minha prática e observação com o que vi nos paises cultos que tenho visitado. E saiba V. Ex. Sr. Conselheiro, saibam todos que, se deixei o Ginásio Baiano, que tão caro me era, e quando se achava no apogeo de seu desenvolvimento e créditos, foi sómente por obediencia á minha ideia fixa, quasi paixão ou mania, de *levantar essa revolução a bem do ensino primario e secundario em um estabelecimento novo*, e num teatro mais vasto, que lhe facilitasse a propa-

Escola e onde mais glorias pudesse ou ele-
variar."

Hoje corrente o pensamento dos bons mestres a convicção de que a gramática deve ser ensinada praticamente, em lições tais que a criança possa aplicar os princípios na sua linguagem infantil, fazendo da mesma as regras ou aparado faze-las. No estudo das línguas vivas estrangeiras é a gramática um grave embaraço nos primeiros tempos. Deve ela ser um conjunto metódico de exercícios de frases simples, que habituem o ouvido ás vozes e a mentalidade dos jovens á práticas das regras elementares do idioma. O conhecimento precoce das regras gramaticais intimida os meninos, que não se aventuram a falar, ainda que errado, como se faz mistér.

Abílio assim compreendeu e assim praticou. "O ensino literario elementar que começa pela gramática dou-o de par com o das ciencias, em proporção mui limitada e sem livro; fugo os meus pequeninos gramáticos sem gramática. (Meu descobrimento)".

ESCRITA E LEITURA

Não era Abílio favoravel ao início concomitante da leitura e da escrita á pena. Julgava-se um aprendizado assás penoso o penoso util á criança, a quem muito custa aprender a pegar na pena

"Para que lhes serve nos primeiros anos de vida o saber escrever?"

DESENHO

Mas ao espirito clarividente do educador não escapou a natural solução para esse grande problema da aquisição dos conhecimentos pela criança.

A personalidade nascente de alguns meninos se expressa com admiravel nitidez nos seus desenhos. Quasi todos são apaixonados pintores da natureza que sai dos seus laboratorios mentais através do giz, com terriveis deformação, na fórma e no colorido, nas dimensões e nas distancias.

Assim continúa: "Não quero entretanto dizer que se elimine totalmente da escola o ensino da escrita; mas que se não desperdice com ele tanto tempo, que póde ser melhor aproveitado no cultivo da inteligencia. Basta que as crianças se ocupem nos primeiros tempos da imitação dos traslados com giz ou com lapis, o que lhes tornará agradavel o trabalho."

Ao desenho lêm o notavel pedagogo especial atenção. Para é que na organização do ensino brasileiro em 1921 não seja ainda exigido dos candidatos aos cursos superiores, tão importante disciplina da inteligencia e do caracter. O desenho dá-nos o hábito de observar com paciencia e dá-nos paciencia para reproduzir com perfeição. A justeza da observação é qualidade fundamental da inteligen-

cia; a paciencia é a base do caracter; sem ela haverá instabilidade, cobrez, arrependimento, pessimismo.

Na introdução ao seu "Desenho Linear e Elementos de Geometria Prática", cita Abílio educadores americanos e europeus que salientam a grande vantagem do desenho no desenvolvimento do gosto e da capacidade produtora dos paises, na vida industrial. Como testemunho da grande valia dessa disciplina, em sua opinião, basta o "Desenho Francez", intuitivo, claro, simples, cultivado já perto de meio século de uso pelas sucessivas gerações do país.

JARDINS DE INFANCIA

Não cultivaram a admiração de Macahubas os Jardins de Infancia, que foram até pouco tempo a bandeira dos mais adiantados, em questão de ensino no Brasil. Tais métodos artificiais de cultura vão sucessivamente assalejados, uns por outros e voltam sempre mais ou menos alterados ao centro das conquistas pedagógicas.

Os de Pestalozzi, Froebel e tantos outros entre os quais Maria de Montessori surgem, propagam-se e desaparecem. Já se ergue a voz de Claperède, entre outros, contra o ultimo sistema. "O automatismo produzido pelo cultivo de Froebel não se evita no Montessori." Psycologie de l'Enfant (pag. XXXVIII).

Já em 7 de Outubro de 1883, em conferencia durante a exposição pedagógica, Abílio nos apresentava claras ideias contrarias ao tão recomendado jardim de infancia. Não sei se tem inteira razão. Todo o ensino depende do mestre: o perigo dos métodos e sistemas novos está no exagero de sua execução.

IDADE ESCOLAR

Abílio não aconselhou os jardins de infancia: fixou a idade escolar em 7 anos, não admitindo crianças de menos de 6 anos nas escolas. "Antes dos 7 anos repugna ao espirito humano todo trabalho mental sério e apurado. A atenção fugaz e movediça das crianças não póde fixar-se longamente; e si se consegue fixa-la, é com prejuizo certo do corpo e tambem do mesmo espirito. Todos sabem como na generalidade *brownie* (é a expressão consagrada), esses mentaes *fenomenos*, de cuja vivacidade extraordinaria e precoce desenvolvimento intelectual cuidam os pais e os mestres. Froebel, o grande Froebel tão citado, e com razão admirado, teve em verdade a intuição do método natural de ensino — do método razoavel, por isso mesmo que natural: — mas infelizmente aplicou-o mal, aplicando-o a crianças de idade inferior a cinco anos. De fato obrigar crianças de 3 a 5 anos á imobilidade e ao silencio ainda que pouco prolongados, a

um esforço de atenção que não comporta ainda seu delicado cerebro, e *a movimentos ordenados de ginástica e de formaturas sérias*, como preparação para a vida escolar propriamente dita, é no meu entender *cousa que repugna á natureza*, e portanto absurda, *tendo além disto seu lado ridiculo*.

CAPÍTULO IV

VIDA ESCOLAR. SOCIALIZAÇÃO DA ESCOLA

TERROR DA FERULA

NÃO houve talvez entre os escritos de Abílio, um só que esquecesse o ideal do seu coração: suavizar o trabalho da criança, dar-lhe amôr pela escola, aligeirar-lhe a carga, que por vezes lhe verga o tronco e lhe debilita a vontade. Dizia em nota ao relatorio de 1856: "Nunca me hei de esquecer de como se me gelava o corpo inteiro ao pôr os pés na soleira da porta de minha primeira escola do mestre João Batista e do horror que me tomava ao ver a enorme palmatoria preta do padre mestre Inácio, com quem principei a aprender o latim. Oh! nunca".

Esta confissão é sinal do excelente caráter de Abílio. Ele não esquecêra, no governo dos meninos, a dôres que tivera como menino. A sua experiencia pessoal enchou-o de compaixão pelos pequeninos sêres, que as escolas bárbaras do passado transformavam em escravos, formando uma raça

que ainda espera pela liberdade, na formação de vontade, esclarecida pela consciência.

CASTIGOS FISICOS

Na campanha pela abolição dos castigos físicos nas escolas está talvez a maior causa da oposição que sofreu como diretor dos Estudos. Como Horace Mann, êle quiz extinguir a palmatoria, mas igualmente chegou a perder a paciência. Como diretor dos Estudos expedia aos professores longa e eloquente circular, que não conseguimos no original e traduzimos da versão inglêsa. Transcrevemo-la por extenso, porque é o primeiro documento de sua vida de educador.

CIRCULAR AOS PROFESSORES

"Tendo pleno conhecimento da pequena reserva como que são aplicados os castigos físicos em nossas escolas, enquanto as punições morais são quasi inteiramente esquecidas, e que aquelas são infligidas em tal grão que sómente povos bárbaros usariam, constituindo crueldades e portanto crimes perante as leis do país, expressamente vos recomendo que, obedecendo aos regulamentos, não empregueis em caso algum tais punições, proscrevendo imediatamente de nossa escola esse instrumento de dôr e degradação a que é dado o nome de férula. E' erro por demais prejudicial, e até fatal entre nós,

supôrem muitos pais, e a máxima parte dos preceptores, que só por meio do terror se póde manter nas escolas a disciplina conveniente e alcançar dos discípulos maior atenção, mais desenvolvimento da inteligência e mais rápido aproveitamento. Reflita cada um como se embota a nossa inteligência, e no quanto repugna-nos a leitura, para a qual demais nos falece de todo a atenção, sempre que temos o espírito aflito e o coração opresso por qualquer sentimento ou impressão desagradavel.

SATISFAÇÃO

"Entretanto que se nos aclara e aguça a compreensão, deparamos na leitura a mais gostosa das ocupações, *todas as vezes que nos achamos de espírito satisfeito e calmo e de coração desassombrado e sereno*: — reflita cada um em que, sob a pressão da dôr e do mêdo, os individuos mais inteligentes como que se tornam estúpidos e os mais sensatos capazes de praticar atos só próprios de loucos, e acabará por convencer-se de que vai caminho errado para atingir o fim que se propõe.

"O coração, o amôr, eis o orgão, eis o afêto, por intervenção dos quais se alcança, e a que os mestres, como os pais, deveriam sempre dirigir-se. Falai ao coração do menino, conquistai-lhe o amôr, e vereis que admiraveis resultados alcançareis de vossas lições e conselhos.

"O menino que tem verdadeiro amôr a seu pai, que dedica a seu mestre afeição profunda, o que sucederá sempre, que se compenetrar de ser por êle sinceramente amado, nunca deixará de ouvi-los atentamente, nunca deixará de seguir seus ditamos: — é isto de experiência quotidiana.

"Despertai, além disso em vossos discípulos os sentimentos nobres, convencendo-os da superioridade do homem que cultiva sua inteligência; promovei entre êles a emulação essencialíssima para animá-los na difícil carreira das letras e vos entranhareis desta verdade — *que a férula em vez d'auxílio era antes um obstáculo ao seu desenvolvimento.*"

"Faça o mestre uso destes meios mais naturais de correção e em muito poucas ocasiões ser-lhe-á necessário empregar castigos e muito menos basciar-se no medo.

O MEDO

"Percebeis que eu não condeno irrevogavelmente o mêdo como meio da disciplina, desde que é impossível negar a existência de certas naturezas ardentes, impetuosas, e ainda indomáveis, para as quais o respeito que deve acompanhar a autoridade, a certeza da punição prometida, são de vantagem incontestável.

"A aplicação dos castigos que produzem terror deve ser feita com o maior cuidado e discreção para não produzir efeitos diferentes dos coli-

mados. O professor que frequentemente castiga seus discípulos, ao mesmo tempo que os rebaixa, ganha seu ódio e aversão e estes sentimentos dominam a escola, porque os meninos o considerarão seu terror e os companheiros, vítimas do martírio.

"E que póde ser esperado de alunos que detestam os mestres e teem horror á escola?

O TEMPERAMENTO

"E, voltando aos meninos de natureza indomável, houve jámais mestre ou pai que por meio da punição mudasse seu temperamento? Não é, ao contrário, certo que, com tais meios seu caráter se torna mais acerbo e duro? Nos estabelecimentos de surdos-mudos e de meninos cégos, cuja educação deve ser excessivamente mais difícil, quasi a exceder a paciencia humana, usam por acaso castigos? E não aprendem aquelas infelizes criaturas?

"Ademais, as faltas e erros cometidos pelos meninos são comumente tão insignificantes que êles podem ser perdoados com impunidade, sendo suficiente para corrigi-los uma leve e amorosa admoestação.

"E' absurdo, intoleravel exigir de um menino atos refletidos como de homens já crescidos e velhos; é anti-natural e conseguintemente deshumano constrangê-los a uma quietude eterna e exigir dêles uma atenção ininterrupta e forçada.

O MESTRE AO NIVEL DO DISCÍPULO

"Finalmente, como já disse uma grande inteligência, o mestre que já foi menino, que trabalha com êles e deve conhecê-los, póde, sem perder sua autoridade, por-se até certo ponto ao nivel da infancia, enquanto a infancia, que nunca passou pela austeridade da velhice, nem pela circunspecção da virilidade, não pode deixar de ser o que Deus a fez e que nenhuma tirania póde destruir por mais que se enfureça ou tempesteie. A natureza mesma em nome do seu Criador, em nome daquele que sorri ás mãos nas crianças e ás crianças nas mãos. Aquele que diz em segrêdo ás aves, ás borboletas e aos insétos: *"Glorificai-vos na nossa alegria"*, a própria natureza protesta nos termos mais claros e enérgicos contra o sacrilego e absurdo esfôrço para criar uma velhice prematura e forçada.

PRÊMIOS

"Agora se unis aos meios suaves e persuavisos, prêmios proporcionados ao grau de progresso de vossos alunos; se lhes testemunhais considerações e estima de acôrdo com sua aplicação, docilidade e bom procedimento, ao mesmo tempo que vos mostrais magoados com os menos dóceis e menos aplicados, usando contra esses as penas do regulamento, tudo isto com o mais rigoroso espírito de justiça

e moderação, decididamente obtereis o mais feliz e satisfatório resultado.

"Nos países mais adiantados em civilização, os verdadeiros castigos físicos foram extintos e comtudo a educação da mocidade nada perdeu, antes ganhou consideravelmente.

CARÁTER DOCIL DO BRASILEIRO

"Porque não nos esforçaremos por obter tão útil e humana reforma tão fácil entre brasileiros, que se distinguem por seu caráter docil e extrema sensibilidade? Porque razão não procuraremos desenvolver nas crianças sentimentos elevados e nobres em vez de tratá-las como escravos? Pensai bem todas essas considerações e eu asseguro que fazendo uma sábia e producente aplicação delas, em vossas aulas, ficareis satisfeitos d'oravante convosco, com vossa importante missão, com vossos alunos: convosco, porque vos libertais do remorso que vos fica do uso dos castigos deshumanos; com vossa missão, porque, penosa e cheia de constrangimento e aborrecimento, ela se tornará rica de encanto e de amôr; com vossos alunos, porque em vez de horror que lhes inspirais, sereis em cada um deles um amigo afetuoso que, enquanto viver, recordará com ternura e veneração aquele que, com paternal doçura, paciencia e bondade, guiou seus primeiros passos na vereda da instrução".

DISCIPLINA NO GINASIO BAIANO

Nas várias orações de abertura e encerramento, dos cursos do Ginasio Baiano, Abílio firmou os princípios da sua circular e realizou, com admiravel habilidade, inalteravel disciplina entre cerca de trezentos alunos, sem jamais abusar de castigos corporais.

DIGNIDADE DA CRIANÇA

"A criança, dizia, tem uma dignidade que será um dia a dignidade do homem e é necessário engrandecê-la em lugar de a envilecer. A pedagogia tem por fim cultivar a razão sem martirizar a sensibilidade; e a sua missão é alumiar o espírito com fatos da ciência e confortar o ânimo com os perfumes do amôr".

CONGRESSO DE BUENOS AIRES

Ainda no Congresso Internacional de Buenos Aires, se expressou: "Os meios rigorosos farão discípulos submissos, siquer da aparência, porém, nunca meninos sinceramente afeiçoados ao dever. Logo que êles não se acham mais sob a ação do mêdo, ou quando a idade os tiver subtraído a nossa autoridade, suas inclinações, comprimidas por longo tempo, transbordarão com tanto mais fusor, quando soar a hora da liberdade".

COMEDIDA VIOLENCIA

Neste ponto a ação divergiu raramente da idéia. Abílio empregou castigos físicos algumas vezes. Havia alunos terríveis e êle sentia o dever de não abandoná-los. Preferia ás vezes contrariar suas opiniões a desistir da transformação de alunos mais revessos e quasi invencíveis. Ele se gabava de ter conseguido verdadeiras vitórias, com o emprego de certa violência.

Aí está. Os ingleses castigam por sistema, nós perdoamos por sistema. A certeza do castigo torna o menino mais manso; a fraqueza da pena ou a impunidade cria as ousadias incuraveis.

Abílio perdoava ou dava castigos morais; mas tambem os empregou violentos, sobretudo na primeira fase de sua vida, no Ginasio Baiano. Nestes momentos de maior energia intervinha sua desvelada esposa, a Mamãe Chiquinha dos alunos, de quem era ela o anjo protetor.

CONTRA OS PRÊMIOS

Se o combate aos castigos físicos é a vida inteira de Abílio, não sucede o mesmo com os prêmios, que recomendou entusiasticamente no relatorio de 1856, e distribuiu em solenidades pomposas, quer no Ginasio Baiano, quer no Colégio Abílio da Côrte, até 1877. Afigurava-se ao grande educador

que os prêmios desenvolveriam a vontade numa emulação entretida por fortes incentivos de brilhantes festividades.

Mas a experiência dos anos lhe apontou o lamentável engano. Foi feliz porque ainda durante quatorze anos pôde dirigir e alumiar os seus alunos sem o deplorável recurso dos prêmios.

Jamais prezei tal instituição escolar, que me pareceu, desde cêdo, inutil ainão prejudicial.

Aos cincoenta e três anos de existência, convenceu-se Abílio "da completa inutilidade dos prêmios e da sua influência danosa no espírito dos meninos." "Vi sempre que os galardoados com medalhas e menções honrosas, assim como os que só alcançavam prêmios inferiores, ou não obtinham nenhum, continuavam a ser os mesmos que dantes eram nos estudos e na aplicação, com esta diferença porém, isto é, que os primeiros se tornavam cada vez mais orgulhosos e vaidosos e portanto menos trataveis, e os outros, ou desanimavam, ou tornavam-se piores, enfezados pela humilhação sofrida diante dos seus colegas e de seus parentes"... "Cheguei ao extremo ridículo de estabelecer ordens ou classificações de prêmios: de aplicação, de docilidade, de bom comportamento, de asseio, de ordem, de leitura, de escrita, de gramática, etc. Felizmente, senhores, reconheci em tempo quão errado andava. Que esta minha sincera confissão aproveite aos educadores da mocidade." E

assim continuou a pensar até o fim de sua tarefa, no romanso de Barbacena, e no derradeiro Colégio de Botafogo, onde efetivou sem discrepancia os princípios da educação sem prêmios e sem castigos.

Não sómente firmou esta orientação, mas tambem conseguiu vê-la executada no estrangeiro, após o Congresso Pedagógico, onde sua palavra foi o elemento decisivo, na mais elevada discussão. O Dr. Barra, de Buenos Aires informou-lhe em 8 de Setembro de 1888, que acabava de conferir os últimos prêmios escolares, devendo ficar extintos desde o ano imediato.

Não foi sómente esta homenagem que mereceu o educador baiano; seu nome encimou a frontaria de uma escola em Buenos Aires. Em compensação, nem a Bahia cumpriu ainda tão indeclinavel dever, pois nenhuma escola pública ou particular tem por título esse glorioso nome. Ele brilha, sómente, ao que consta, numa das salas de aulas da Escola Normal e de um colégio particular. (1)

COEDUCAÇÃO

Não escapou ao espírito clarividente de Abílio a consideravel influência das meninas nas escolas de meninos. E' sabido quanto os rapazes e meninos aproveitam no exercício do brio em presença do sexo oposto. Já alguem o observou nos exercícios ginásticos a que os rapazes, em regra tão de

(1) Atualmente existem em todo o Estado dezenas de escolas com o nome do grande educador.

má vontade se entregam. Gostam dos movimentos violentos, mas reagem contra a cultura metódica do corpo. Aliás esta reação é tambem contra a cultura metódica do espírito, que os pais e os governos deixam a mercê dos caprichos dos meninos. Diante porém de uma forma de exercicios ginásticos dos meninos, a presença de meninas dá áqueles uma prontidão e vigor elogiável de movimentos.

No ponto de vista intelectual semelhante resultado se obtem. E' uma verdade que as meninas estudam mais e obtêm melhores notas, segundo já observei pessoalmente. Entre os Americanos sobretudo as moças conseguem manter-se á frente das classes, em rrahida peleja com os rapazes, que não conseguem vencê-las. Já Horace Mann, em seu colégio de Antiochia, efetivara o principio da coeducação dos sexos, não sem os cuidados indispensáveis á firmeza da perfeita moralidade e á necessaria diversidade de educação do homem e da mulher, que deve ser educada como mulher e não deve "usar bigode", nem "cantar com voz de baixo".

Em 1871, Abilio Borges salientou a importancia da co-educação dos sexos. Ele baseava a educação na bondade e não ha duvida que a presença da mulher torna o homem mais honesto e melhor.

O melhor meio de ensinar ao discipulo o que é a bondade e a caridade, consiste em inspirar-lhe a desejo de ser bom e caridoso: é aqui sobretudo que a prática deve preceder á teoria. Tudo se torna para

um mestre zeloso e que compreende seus deveres uma ocasião para este ensino. Anedótas oferecendo exemplos de amor fraternal, de respeito para com a velhice, de humanidade para com os animais, da mutua afeição que liga os meninos associados aos mesmos estudos, inspiram o amor dessas virtudes; enquanto outras narrações apresentando sob suas verdadeiras cores o espírito de malvadez, rixoso e cruel, a fraude, a mentira, a falta de fé, criam nos jovens corações a aversão para tais defeitos.

"Uma exata vigilancia durante as classes e as recreações leva os meninos a contraírem cêdo os hábitos de ordem, de regularidade, de asseio e de solidez que só a prática póde dar.

"*A reunião nas escolas norte-americanas dos meninos dos dois sexos, entre os quais se estabelece naturalmente uma feliz rivalidade, produz, quanto a este ponto interessante da educação, resultados notaveis: e esta não é a menos importante consequencia da co-educação dos dois sexos.* E' tambem uma reforma que anhélo ver realizada em nosso paiz — *esta da educação dos dois sexos promiscuamente nas mesmas escolas*". (1).

(1) E' importante a modificação da atitude dos educadores americanos quanto á co-educação. Esta foi dificada por motivos economicos. Vieram depois justificativas psicologicas. Agora, que a nação já tem escolas bastantes, e a população infantil vai decrescendo, a tendencia é para a criação de colégios separados para cada sexo, sobretudo na idade do ensino secundário. (Nota da 2.ª edição).

CAPÍTULO V

EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA

COMPREENDIA Abilio Borges que a educação tem seus perigos quando não é completa e desloca o individuo do meio social em que se formou, não o instalando bem no meio superior. Achava perigoso o facil acesso da instrução secundaria a todos indistintamente.

ESCOLA MÉDIA

Lembrou por isso a creação da Escola Média destinada aos que, pertencendo á classe média da sociedade e precisando adquirir conhecimentos mais sólidos e mais extensos que os fornecidos pelo ensino primário, não se destinavam todavia ás carreiras liberais e não subiam ao ensino superior.

Seria tambem a Escola Média "como uma especie de degrau que facilitaria a ascenção dos alunos para a instrução secundária", dizia, "para que se não matriculassem no Liceu e na Escola Normal pessôas que não conhecessem completamente os primeiros rudimentos da lingua vernácula e que por con-

seguinte fazem sempre o mais ridículo papel daqueles estabelecimentos". (Relatorio de 1856, pag. 23).

Seriam materias do programa da Escola Média: Aritmética, Algebra, Geometria, Física, Ensino Superior de Português, História Natural, História Universal e do Brasil, Geografia, Canto, Ginástica. Vê-se que o Latim não aparece, o que constitue a fundamental diferença do ensino secundário.

NECESSIDADE DE TAXAS DE MATRÍCULA

Lembrava Abilio que houvesse contribuição pecuniaria, por pequena que fosse, na admissão á Escola Média "pois os beneficios absolutos e principalmente os feitos pelos governos são desapreciados e perdem um tanto do seu merecimento" (Relatorio pag. 25). "Estou bem persuadido, dizia, de que a falta de cuidado dos pais quanto á assiduidade de seus filhos nas escolas provêm, em muita parte, *de não pagarem êles o menor sacrificio com elas*; e que apenas tenham êles de desembolçar qualquer quantia por mais diminuta, com a matricula dos mesmos, não sómente curarão melhor da frequencia, sinão tambem que serão outros tantos inspetores dos respetivos mestres". (R. 25).

Verificaria depois o grande educador o seu ensino, quando fosse Diretor do Ginásio Baiano, onde os alunos eram contribuintes, sem que isso despertasse interesse dos pais na fiscalização.

PERIGOS DO ENSINO SECUNDARIO

O Ensino Secundario, principalmente o Liceu Provincial, foi talvez o mais grave problema da curta e brilhante administração do Diretor Geral dos Estudos.

Suas idéias um tanto aristocráticas acêrca do acesso dos jovens das camadas inferiores da sociedade ás carreiras liberais, deviam impressionar vivamente uma sociedade sentimental e heterogenea pelas origens étnicas e pela educação superficial.

"Distribuida com muita profusão e pouco discernimento a educação secundaria inspira aos mancebos das classes inferiores o desprezo de seus iguais e o desgosto de seu estado, grangeando-lhes uma especie de enganadora superioridade que mais não lhes permite contentarem-se com uma existência obscura, e que entretanto não lhes dá essa superioridade real que poucos homens teem recebido da natureza, e que nenhuma educação poderia adquirir: — o destiarte ela povôa a sociedade de membros sem préstimos, que lhe levam o espirito de insubordinação, o desejo de mudanças e uma ambição inquieta e vaga a que não póde satisfazer uma situação sempre incerta e que se move em todos os sentidos para adquirir abastança ou autoridade". (R. 28).

Parece que Abilio tem alguma razão nêsse pensamento de educador e sociólogo, mas a sociedade

brasileira não se guiou jámais por um principio pedagógico, moral ou politico. O interesse e os impulsos desordenados do coração dirigem-lhe a existência: o interesse quando se trata de algum resultado pessoal, próximo ou remoto, certo ou possivel; os impulsos desordenados do coração quando é a nação inteira que vai sofrer a irreflexão, da liberalidade, do falso patriotismo. Ainda a razão não governou o Brasil, que terá dias funestos na luta da concorrencia dos povos.

DECADENCIA DO ENSINO SECUNDARIO

As idéias do Abilio Borges acêrca do ensino secundario não lhe trariam desgostos profundos si êle não tivesse de encarar seriamente o estado de decadência em que achou o Liceu Provincial, que, tendo alcançado em 1846 a frequência de 485 alunos, desceu a pouco mais de 200 e em 1 ano a 152 alunos. Responsabilizou por êsse descalabro os proprios professores do Liceu, onde "algumas cadeiras haviam sido providas em individuos sem as indispensáveis habilitações, onde a maior parte dos lentes se *demoravam nas respectivas aulas metade do tempo estatuido na lei, havendo alguns que não excediam mesmo da terça e da quarta parte dêsse tempo*" (Relatorio de 1856, pag. 52).

Era uma temeridade falar assim o Diretor dos Estudos, de referencia a um Instituto que era "*uma verdadeira potencia diante da qual se curvavam as*

mais altas autoridades da Provincia". Raivosa tempestuou a procela e o Diretor dos Estudos não conseguiu o seu intento. Foi o Liceu uma das causas principais da renuncia de Abilio em 1856.

O educador baiano Prof. Elias Nazareth, na XI palestra do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, em 30 de Novembro de 1913, dá-nos a seguinte nota:

"1856 — Julho 16 — Nesse ano deu-se no Liceu um incidente bem desagradavel. De longa data, entretinha o professor de Francês, Isidro José de Matos, acirrada inimizade com o Diretor Dr. Manoel Pedro de Mascarenhas. A propósito de um incidente que se deu na aula de Francês, entre dois alunos que se atracaram, ás informações pedidas pelo Diretor, respondeu desrespeitosamente o referido professor. Esse desrespeito a que não foram extranhos o corpo administrativo, docente e discente, obrigou o ofendido a comunicar o fato oficialmente ao Diretor Geral da Instrução Pública, o saudoso e grande educador dr. Abilio Cesar Borges, depois Barão de Macahubas, de gloriosa recordação nos fastos da instrução brasileira, a quem a Baía está em divida de um monumento em marmore ou em bronze.

Teve o dr. Abilio uma conferencia sobre o assunto com o Presidente da Provincia, dr. Alvaro Tibério de Moncorvo Lima, em que ficou assentada a jubilação do Professor de Francês, como medida de repressão e desagravo da moralidade do estabe-

lecimento e do Diretor, que continuava a merecer a confiança do governo. Em officio propôz o Diretor Geral a jubilação. O Governo, sitiado por amigos politicos, recusou-se a mandar lavrar o áto.

Sentindo-se com isto melindrado o dr. Abilio se exonera sem demora do cargo. Foram inuteis todas as provas públicas que deu o Governo para conseguir que o Diretor Geral voltasse á repartição, prolongando-se por muito tempo, e sem remedio, a acefalia do cargo.

Outro presidente, o Senador João Lins Vieira Cansação de Sinimbú, é que exonerou o dr. Abilio Cesar Borges, sendo substituido pelo dr. João José Barbosa de Oliveira, então com assento na Assembléia Provincial, ocupando interinamente o cargo o Conselheiro João Antonio de Azevedo Chaves lente aposentado da Faculdade de Medicina".

Não se compreende que Abilio se tivesse afastado do cargo, deixando-o vago por muito tempo desde a presidencia Tibério, visto como ele apresentou ao Presidente Sinimbú enérgico relatorio de que nos dão noticia os dicionarios bibliográficos Português e Brasileiro e do qual, é certo, se não acha vestigio no Arquivo Público, na Bibliotéca e na Inspetoria Geral de Ensino. Verdade é que no "Biographical Sketch of dr. Abilio Cesar Borges, Extracted from the editorials of the South American Mail", á pag. 18, se dão como dirigidas ao Senador

Sinimbú palavras do relatorio de 30 de Abril de 1856, apresentado ao presidente Tibério Moncorvo Lima, que deixou a presidencia entre 18 e 22 de Agosto de 1856.

Completamente exgotado na luta era que podia conquistar a gloria, mas em prejuizo da sua tranquilidade enviou Abilio o relatorio de 1858 ao presidente da Provincia, diz o biógrafo, pedindo demissão do cargo. O presidente, que anciava por dá-lo a um amigo, apressou-se em concedê-la. Seus inimigos, continúa o biógrafo, soltaram de alegria: seus amigos acudiavam-se diante dele, como que reprovando o áto cometido: e quem sabe quantos momentos amargos êle atravessou na incerteza do seu proprio futuro! Mas o dever cumprido é uma força poderosa, ainda nos meios mais decadentes. Abilio abandonou um cargo oficial e passou á direção de um colégio, onde firmou todos os seus principios, executando o programma inteiro do Diretor dos Estudos.

EXAMES DE PREPARATORIOS

Quanto aos exames de preparatorios, que são ainda hoje a prova evidente da nossa inferioridade intelectual, entre os povos civilisados, vinha Abilio desde o relatório de 1856, na critica mais acerba. Nos discursos do Ginasio Baiano condemnou o sistema ainda hoje dominante de se pregatarem alunos para exames, sem seriação de matérias, sem amadurecimento sufficiente dos exames, que dão mesmo após o exame, são completamente estranhos á intelligencia dos reparos. (1).

Obedecendo ao melhor criterio Abilio apresentou em 1873 e 1874 ao Conselho Superior do Rio de Janeiro idéias que ainda hoje merecem a attenção do Governo. *Pedia a proibição de examinar a quem quer que ensinasse particularmente*, quem tivesse relações de interesse com diretores de colégios; que *as provas escritas decidissem das aprovações plenas e simples e das reprovações, decidindo as provas orais nas aprovações distintas, só havendo prova oral para os que a requeressem*; que as provas escritas fossem realisadas no mesmo dia, para todos os inscritos de uma matéria; que as provas orais não se admittissem por dia mais de oito a dez alumnos, sendo cada um arguido *por meio hora*; que as provas escritas de português constassem de análise escrita de uma estancia de Camões, considerando acima das forças mentais de um menino uma prova de redação. Talvez não seja injusta essa idéia de Abilio, pois que a *prova hoje exigida de língua nacional é uma farsa*. Os alunos *decoram algumas descrições*

(1) Estas reflexões são de 1924. Veja após a redação Rocha Vaz e depois a Francisco de Campos. Fernando a seriação e sempre superior e ainda dos nossos esforços.

e descrições, exercendo-se por vezes frioleiras e cortesias, sob as rumgidas desconcertantes do exame.

LINGUAS VIVAS

Acêrca dos exames de línguas vivas, respondendo ao Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, afirmou que a versão *os classicos portuguezes nas línguas estrangeiras* não era razoavel, e se tornava uma exigência vã e inutil, por ser tarefa acima da capacidade dos examinandos. Acrescia ainda que havia traduções públicas que serviam para os actos desmoralizadores. Preferivel era que traduzissem os alunos para língua estrangeira algumas frases simples ditadas pelos examinadores.

IRREGULARIDADES

Além das suas propostas no Conselho Superior, grande foi o seu esfôrço em representações ao Governo e ao Imperador contra irregularidades e deslises de examinadores, e maior foi a campanha de calunia dos seus inimigos invejosos.

Muitos foram os alunos que êle obrigou a fazer exame mais de uma vez após aprovação plena, porque julgava que mereciam melhor nota, segundo os estudos que faziam no colégio. Um delles foi Raul Pompeia, que fez quatro exames de francês, obtendo distinção no último, após três notas plenamente.

PERSEGUIÇÕES

Os exames de preparatórios deram oportunidade a lutas frutuosas para a instituição que dirigia. Eram seus alunos perseguidos, algumas vezes por inimigos gratuitos, e muito facilmente, porque Abilio os fazia comparecer a exames, fardados, no cumbecido e bem visto uniforme do Colégio.

Julgavam alguns examinadores que era êsse meio de sugestioná-los e o proprio Diretor da Instrução do Município na época, Cons. José Bento da Cunha Figueiredo, aconselhou Abilio a não mandar os alunos uniformizados a exames, ao que êle se recusou com indignação.

D'outra vez o mesmo Cons. José Bento, como inspetor dos exames regeu-se a dar distinção a um aluno do Abilio, apesar do protesto do presidente da mesa examinadora, dr. Frederico de Almeida Rêgo. Cesar Borges foi ter com o Conselheiro e este afirmou ter obstado a distinção, como medida geral, para por um paradeiro a lutas, visto como os pais e os mestres só se contentavam com aprovações distintas. Abilio respondeu-lhe textualmente:

"Sr. Conselheiro, uma vez que V. Ex. me faz esta observação certamente assás estranha para mim, tenha a paciencia de ouvir como qualifico eu as que podera distinções. Indigno é o pai que pede distinção para o filho. Indigno é o mestre que pede distinção para os discipulos. Indigno é o examinador

que da distinção por prêmio. Agora qualifique V. Ex. aqueles que negam distinção a quem a merece".

Isto em 1873, quando recrudesceram os triunfos do Colégio Abílio nos exames. Em 1877, representou Abílio perante o Imperador contra a suspeição injustificada que jurara um professor de matemática e contra um aviso que proibia, submeteram-se novamente a exames alunos aprovados. Um discípulo de inteligência privilegiada e de admirável aplicação, unicamente pobre e pertencente à classe dos alunos gratuitos, fôra simplificado em aritmética. Consegui da a repetição das provas, submeteram-se os alunos ao exame de nova comissão, de que fez parte Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Lêem-se o atestado que mereceu o jovem do futuro Fundador da República:

"Atesto que examinei detidamente em toda a aritmética o muito distinto aluno do Colégio Abílio, Hermano de Vasconcelos Bitencourt, propondo-lhe questões teóricas e práticas sobre os princípios e mais difíceis assuntos desse ramo de preparatório e que, nas duas provas, oral e escrita, a que o submeti, respondeu a todas essas questões com tanto método na exposição, tanta segurança, clareza e precisão de idéias que me satisfez amplamente, revelando inteligência invejável, muito estudo e conhecimento da matéria, e uma louvável dicção no ensino dela. Na minha longa carreira de magistério,

poucas vezes tenho tido a felicidade de encontrar um menino tão bem preparado neste utilíssimo ramo de estudos. Faltaria ao cumprimento de um sagrado dever se, como seu examinador o não premiasse com uma aprovação distinta. *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*".

Do mesmo menino atestaram:

Certifico que examinei em matemáticas, por pedido de amigos, o menino Hermano de Vasconcelos Bitencourt, de treze anos de idade, ficando eu agradavelmente surpreendido da prontidão, segurança e inteligência reveladas em suas respostas; mostrando, a não deixar a menor dúvida, que um estudo refletido e conhecimento geral das teorias desta ciência; explicando e desfazendo, com sagacidade e persistência, as objeções que apresentei, variando, modificando ou ampliando o enunciado das definições, cujo rigor matemático lhe contestava e tudo isto em correta linguagem, quasi a do professor ilustrado; convenceu-me perfeitamente que tem estudado e sabe inteligentemente esta ciência e não como fácil exercício de memória. Com o testemunho que lhe dá a consciência do que sabe, não ha coisa alguma que o acanhe ou enleie; é pronto, vivo e desembaraçado. Se fôra eu examinador oficial dar-lhe-ia a aprovação distinta como um ato de justiça, e o cumprimento de um dever de probidade. Indubitavelmente este

menino tem pendor e vocação para as matemáticas; se aplicar-se, será talvez um gênio. Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1877. *Dr. Joaquim Alexandre Macedo Soyão.*

"Eu abaixo assinado, bacharel em matemática e ciência físicas, professor de matemáticas do Colégio Naval e de outros estabelecimentos de instrução da Côrte; Atesto, e juraria pelo meu grau se necessário fôr, que examinei minuciosamente, durante cinco horas, o senhor Hermano Vasconcelos Bitencourt, e, atendendo ao brilhante desenvolvimento dado às questões formuladas por mim, considero-o muito bem preparado em aritmética, e declaro que o mesmo senhor está perfeitamente nas condições de obter a nota de aprovação com distinção.

Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1877. *João José Luiz Vianna*".

EXAMES INSUFICIENTES

Em sua carta ao Cons. Jerônimo Sodré afirmou o futuro Barão de Macahubas, que talvez 80% dos alunos aprovados em determinada época deveriam ter sido reprovados. Não se poderá dizer que houve erro de parte do grande educador, por desvantagens ao seu afamado colégio, que invariavelmente ocupava a dianteira na lista das aprovações fictícias e plenas. O educador procurava sinceramente a moralidade dos exames — "meio único de salvar-se a instrução de

moral, que vai à garra comprometendo fatalmente o futuro da Pátria".

LINGUA PORTUGUESA

O estudo da Língua Nacional foi objeto de mais constante desvelo de Abílio. Citando Vinet, lembrou que esse estudo é um curso prático, uma ensino antecipado de lógica e psicologia, uma primeira revelação do eu a si mesmo, e, invocando Gandhey, recorda que, se soubéssemos todas as palavras de uma língua com sua significação precisa, teríamos uma ciência quasi universal.

Manifestou-se pela instituição do exame de Português em discurso do Ginásio Baiano e em carta ao Cons. Paulino José Soares de Sousa, em 1863.

Seu interesse pelo estudo da língua nacional não ia só à aprendizagem mecânica de regras de gramática: queria a leitura expressiva, e a declamação, o conhecimento das belezas da língua que ele sintetizava nos "LIZIADAS".

Foi sob o influxo dessas idéias que o Ginásio Baiano se tornou o viveiro de uma geração brilhante de liberais, nunca mais tão numerosos na Bahia. Antes de haver o governo decretado o ensino da língua nacional, antes de existirem exames oficiais dessa matéria, os alunos do famoso colégio, ao lado das aulas de latim, fonte do conhecimento vernáculo para muitas gerações passadas, tinham aulas especiais de português e se exercitavam nos famosos ofici-

ros, em que se revelou o genio auroreal de Ruy Barbosa.

Sabia que a lingua tem sua harmonia e não descurou a prosodia; fez tentativas, que temeu levar muito longe, para regenerar a pronuncia da lingua, que "entre nós, dizia, se vai alterando por tal maneira, em grande numero de vocabulos, que é de receiar não tarde muito a aparecer outra a lingua falada no Brasil". Procurando realizar tão justo pensamento, contratou para o ano escolar de 1862, em Portugal, um professor que viesse corrigir os grandes defeitos da pronuncia que, no seu pensar, afeiavam a nossa lingua.

Já em 1856, não hesitára em apontar ao Presidente da Provincia o abandono em que se achava o nosso idioma, positivando a sua critica na falta de um professor nacional ou português para a lingua vernácula no Colégio N. S. dos Anjos, onde as meninas liam escarnão, mister, necropóle, elidindo geralmente o s final das palavras. (Relatório, 1856, pag. 77).

Para o estudo superior do Português, instituiu a aula de gramática filosófica que não existia no Liceu Provincial e a colocou sob a regencia do abalizado professor dr. Luiz Alvares dos Santos, que em 1 de Março de 1863, assim se expressou:

"Foi ao diretor do Ginásio Baiano, senhores, que coube a gloriosa missão de regenerar este ensino na Baía. Digamo-lo com franqueza, digamo-lo

sem reticencias. Quando Diretor dos Estudos, nos seus judiciosos relatorios bradou sempre em pról da construção daquela cadeira no ensino público. Diretor do Ginásio, realizou o seu pensamento, errando neste estabelecimento uma cadeira especial para este ensino, quando nenhum dos outros colégios particulares tinha cuidado deste ramo importantissimo da instrução. Esta gloria, por mais que façam, não poderão negar ao Diretor do Ginásio Baiano que, por muitos outros motivos, tem já demonstrado que o ensino da mocidade não é em seu espirito um plano de pequeno alcance".

Ainda servindo á causa da lingua patria, publicou uma edição escolar dos "Luziadas", em 1879, cujo prefacio lhe reflete mais um aspecto do caráter generoso, nas homenagens ao seu antigo e "venerável mestre professor H. Perrot, que, sem ser brasileiro, nem português, manejava a lingua portuguesa, quer falando, quer escrevendo com notaveis fluencia e perfeição gramatical", e que o induziu a ler e reter Camões, a ponto de não mais deixar de tê-lo por companheiro inseparavel e de decorá-lo quasi todo.

Por essa última, uma das circunstancias que habilitaram o pedagogo a manter o fogo sagrado da emulação entre os meninos. Do alto de sua janela ou nos pateos do Colégio podia, a qualquer momento, corrigir, acompanhar e ajudar os jovens que recitavam as estancias do vate luzitano.

MÉTODO DIRETO

Das linguas vivas deixou-nos Abilio a mais justa opinião e a sua orientação ainda hoje está relegada a segundo plano no ensino dos idiomas estrangeiros. No Colégio da Baía, nos do Rio e no de Barbacena, teve sempre professores francêses e inglêses que ensinavam praticamente as respectivas linguas.

Para mais eficazmente influir na aquisição das duas linguas, que êle fazia ensinar desde a aula primária, realizou em 1860 uma tradução interlinear do livro francês Telemaque e conseguiu igual trabalho do inglês, pelo dr. Luiz Garcez da Silva Lobo. Hoje, as obras de Claude Marcel e muitas outras obedecem ao mesmo principio, prestando extraordinarios serviços á aquisição reciproca dos idiomas.

Fez tambem uma adaptação do método de Ahn, traduzindo a parte inglesa e aplicando-o ao ensino do francês. A importancia e popularidade desse método são a melhor prova dos serviços que prestou á nossa cultura. Se nos lembrarmos que ainda hoje existem aulas de lingua viva, onde não se fala sinão o português, avaliaremos quanto se avantajou a sua época o dr. Abilio Borges.

GREGO E LATIM

Mas não esqueçamos o latim e o grego. Diz no relatorio de 1856: "A cadeira de lingua grega não tem sido frequentada nesses últimos anos senão por

um discipulo o que tem feito alguem descrer de sua utilidade: mas exclamarei com todas as minhas forças em favor dessa cadeira".

Estende-se na demonstração da utilidade do grego e do latim e cita a bela página de Almeida Garret, que as seletas modernas teem trazido, para demonstrar a um povo que se não estuda, por fraqueza de atenção e de vontade, a utilidade dos dois grandes repositórios da belleza e da filosofia antigas. "As linguas ocupam um logar eminente entre os elementos da educação nobre... O grego e o latim são necessarios elementos desta educação nobre...."

FRANCÊS E INGLÊS ANTES DO LATIM

Abilio, ainda aí rompeu com as praxes inveteradas do ensino. Antes do Latim estudavam os meninos o francês e o inglês e levavam a inteligência mais educada para suavizar os rigores dos velhos mestres da Lingua de Cicero.

Em seu discurso de 16 de Novembro de 1859, assim nos fala:

"E' assim que não faço aprender o latim senão aos discipulos, que já têm cursado o francês, o inglês e a geografia: porque o latim, cuja dificuldade todos reconhecem, é um verdadeiro martírio para o pobre menino que apenas deixa a escola primária, faltando-lhe o desenvolvimento da reflexão que tal estudo requer. Quem não se lembrará dos tormentos porque passou estudando o latim em tais condições?! Quem

dividará jamais essa vereda de espinhos e amargores por onde se vio obrigado a andar quatro a cinco anos, afim de transpor o limiar do formoso alcaçar da ciência*! E além dos sofrimentos, quanto tempo assim perdido"!

CURSO SERIADO

Ás materias do curso secundario dava Abilio seriação metódica de que não gostava a maioria dos pais habituados, como ainda hoje, aos preparatórios parcelados. Demorada foi a campanha que manteve o pedagogo afim de convencer a todos de que não havia sobrecarga para o espírito das crianças.

Faremos aqui longas citações porque o momento ainda exigiria campanha igual (1).

"Dizem os que criticam o meu sistema de estudos, que nunca poderão os alunos aprender com perfeição e profundamente preparatório algum, tendo de dividir ao mesmo tempo sua atenção por tres ou quatro: e figuram entre eles até amigos meus, de bôa fé e talentosos, mas que talvez nunca tivessem a paciencia de refletir seriamente sobre o modo de desenvolvimento do espírito humano, e sobre a prodigiosa faculdade de abstração de que é dotado.

Tome-se o menino desde o momento em que via a luz; reflita-se na multiplicidade de impressões que simultaneamente recebe, e na imensidade das idéias

(1) Hoje vigora no país o curso seriado, mas ha ainda quem pense na superioridade do sistema parcelado.

que vai adquirindo e guardando ordenadamente no espírito, de tal sorte que nunca se confundem: considere-se além disso, que até certa idade o menino aumenta seus conhecimentos quasi unicamente pela memoria, porque a razão só mais tarde e mui lentamente se desenvolve; de modo que, podendo aprender muitas cousas, não pode aprofundar nenhuma; e compreender-se-á quanto vai errado, aquele que se propõe a fundo esta ou aquela materia a meninos que ainda não passam dos doze a treze anos de idade.

E' sem duvida por falta dessas reflexões que em geral os mestres sobem com as crianças a elevadas questões de linguistica e filosofia da gramática, incompreensiveis ainda para as jovens inteligências; e perdem assim completamente o tempo e o trabalho que poderiam ser bem aproveitados em lições mais práticas que teóricas; porque em vez de captarem a atenção, desgostam e causam sono nos seus pequenos ouvintes, que por os não entenderem, não podem atender.

Em tais casos é como se o mestre falasse uma lingua que os discipulos não soubessem. — Quem daria atenção para êles? Demais, parece que ninguem ignora que o espírito cança-se e aborrece-se pela monotonia; no entretanto que se compraz e ganha vigor sempre que passa de um trabalho a outro diferente, uma vez que a variedade não exceda a certos limites que a razão impõe".

Demos-lhe ainda a palavra em carta a um colega que parece, pelas iniciais ser o dr. Antonio José Alves, professor da Faculdade de Medicina e pai do glorioso váte de Cachoeira de Paulo Afonso:

"P. Sinto que estejas em completa oposição ao meu sistema de ensino; sistema que se baseia em antigas e acuradas reflexões minhas sobre a marcha do desenvolvimento do espírito humano e que hoje se acha autorizado assaz por uma prática de quatro anos, do que é um bom exemplo teu filho.

Onde e com que mestres, que não seguissem o meu sistema de variar os estudos concomitantemente, estaria êle, tendo só três anos de colégio, com um curso regular completo de primeiras letras com grande adiantamento no francês (está na classe dos provétos), sabendo toda a geografia física da terra e política do Brasil, demais já traduzindo o inglês e devendo em poucos dias começar a traduzir o latim?

Não é isso devido a ter êle estudado a geografia praticamente, sem quasi sentir, ao passo que frequentava a aula primária: e a ter começado o francês, tambem mais prática do que teoricamente, logo que aprendeu os verbos portuguêses?

E a ter começado a dar lições voluntarias de latim, ao mesmo tempo que principiava a estudar o inglês por um método igualmente mais prático que teórico?

Dizes-me que receias não aprender êle profundamente nenhum preparatório, estudando assim tan-

to cumulativamente; pois é justamente porque êle na idade em que se acha não póde absolutamente aprender nada profundamente, que eu trato de ensinar-lhe o mais que é possivel e sem profundeza, visto que este só êle adquirirá depois pelo concurso mutuo das materias aprendidas, e da proporção da riqueza de idéias que tiver adquirido, quando chegar a época propria da reflexão.

Não sabes que o estudo variado não causa nem aborrece? Que a inteligência está sempre fresca quando passa de um trabalho a outro diferente? Os fátos que apontas de rapazes que têm sido reprovados nas academias nada provam contra o meu sistema, porque ainda não tive um só que começasse e comigo terminasse os seus estudos e a bem poucos tenho declarado capazes de nelas prestar exame.

. . . . . .

Deixa-me fazer com teu filho o que eu quizer: não apresses sua educação; e afinal terás direito de se queixar de mim se o resultado não te agradar. Os limites de uma carta não me permitem estender-me, como aliás muito convinha, nestas reflexões; e se poderes cá vir, já eu por preso não posso ir ter contigo, certamente voltarás convencido de que não são destituidas de fundamento as minhas opiniões.

Terminando pergunto-te: — Achas que se não fôsse por obediencia ás minhas convicções obrigaria eu teu menino a frequentar além de francês (que já muito pouco trabalho dá-lhe) o latim, o inglês e a

geografia elementar? Pagas-me por ventura mais dinheiro por isso ou me agradeces?

Não tomo pelo contrário mais trabalho no inspecioná-lo em mais um ou dois estudos, além de ir contra os teus desejos e tambem contra os dêle? Reflete bem em tudo isso, e me farás justiça; si porém, insistires nas tuas idéias, então lavo as mãos, e entrego á tua direção a marcha dos estudos de teu filho, ao que não mais tenho direito de ingerir-me, desde que êle deixou de ser aluno interno. Teu amigo etc. *Abílio.* — 22 Abril de 1883.

Resposta:

"Abílio. Recebi a tua presada e longa carta, e breve irei conversar comigo para vir seguramente partidario de tuas idéias na direção da instrução dos meninos. Não devo encetar uma discussão a tal respeito contigo, mormente epistolar. Respeito assaz teus conhecimentos e tua prática, para aventurar-me em semelhante tarefa. E apesar de não estar convencido das vantagens do teu sistema, entrego-te absolutamente a direção do meu filho, sem restrições; antes quero errar contigo do que acertar comigo mesmo. Adeus, faze lá o que entenderes. O teu amigo e colega A. J. A. — 25 de Abril de 1883.

IMPORTANCIA VARIAVEL DAS MATERIAS

Não somente o estudo simultaneo e seriado das materias era desejo de Abilio. Pensava tambem que

os varios preparatorios não deviam ocupar igualmente os alunos. A lingua nacional, as matemáticas, a historia e a geografia patrias deviam dominar, em extensão, os programas, ficando ás linguas estrangeiras, á geografia geral, á filosofia, espaço restrito no campo da atividade escolar. Do discurso de 11 de Abril de 1875 alguns tópicos esclarecerão exuberantemente seu pensamento em que predomina o alligeiramento da carga dos alunos e valor utilitario das materias.

EXAMES RAZOAVEIS

"Para aproveitarem á causa do ensino, devem os exames ser antes de tudo razoaveis; e sem medo de errar, afirmo a V. Ex. que, com os programas que os hão regulado até aqui, não só não têm sido razoaveis, sinão entraram pelos domínios do absurdo, por impossiveis.

"E por isso foi que, de serios que deviam ser, tornaram-se em muita parte uma coisa vã, ilusoria, quando não ridicula e imoral, com gravissimo dano á instrução da mocidade.

PROGRAMAS E CÓLAS

"Exigir-se demais, em qualquer gênero de serviço, o mesmo é que nada se querer conseguir; e foi justamente o que sucedeu com os ditos programas.

"Assaz encarregou-se a prática de demonstrar essa verdade na execução de tais programas, prin-

cipiando por trazer excessiva complacencia ou condenável frouxidão da parte das mesas examinadoras, e gerando consequentemente os folhetos de trechos clássicos, vertidos logo por especuladores para as linguas estranhas, e os caderninhos de resumos dos pontos de ciências, os quais além de em toda expressão perverterem o ensino, e desmoralizarem os exames, levando a mocidade inexperta a percorrer tristissimo caminho, desde a instigatividade das cólas, a deserção das mesas de exames sob pretextados incômodos, até ao cinismo dos exames feitos por suposta pessôa, até a falsificação de certidões, e por fim ás apupadas e pedradas!

LINGUAS ESTRANGEIRAS

"Voltando ao assunto das provas dos exames das linguas estranhas e concluindo, digo: —

onde se devendo obrigar a mocidade a aprender, que lhe não seja de utilidade para a prosecução dos seus estudos, quizera eu que me dissessem o que aos moços vai aproveitar nos cursos superiores, a versão dos clássicos portuguêses em latim, em francês e em inglês, ainda quando lograssem fazê-la bem.

"Afim de fazer-se bôa versão de uma lingua para outra, é condição essencial conhecimento grande e igual de ambas; não é pois coisa facil, sinão dificil e muito dificil se se trata de certos

pedaços de linguagem absoleta ou inçada de trocadilhos e de hiperbatons, no que abundam os clássicos portuguêses".

LATIM

"E que direi do ensino do latim e dos respectivos exames? Quanto tempo gasto em vão, quanto sacrificio inutil, para meter um estudante na cabeça toda aquela infinidade de regras, de meditações, de incrementos, quantidades de sílabas, etc., etc., etc.!

"Ainda aqui pediria eu que me esclarecessem sobre o auxilio que traz ao estudo nos cursos superiores o conhecimento da arte versificatoria latina com sua complicada nomenclatura dos pés, etc.?

GEOGRAFIA

"O ensino dos demais preparatorios, com exceção do das matemáticas, (onde tudo é essencial, onde não ha nada de desnecessario ou accidental), resente-se de defeitos idênticos.

"Eu quizera que o estudo da geografia se limitasse ao que é necessario para a ilustração conveniente do espirito sobre a terra que habitamos, e sobre as suas relações com os outros astros; não descendo essas minudencias antipáticas, em que desperdiça-se, como já disse, um tempo precioso, *porque tudo está de antemão votado ao esqueci-*

mente, desde que fôr transposto o precipício do exame. Tambem, com semelhante reforma no ensino desta ciência, quizera eu que o respectivo exame fosse vago e *dividido em dois, um da geografia geral e outro da do Brasil, com votação separada, sendo este rigorosissimo até nas menores particularidades.* (Este grifo é nosso).

FILOSOFIA E HISTORIA

"Quanto ao estudo da filosofia, tambem o quizera eu descarregado das questões puramente especulativas e transcendentes, superiores á compreensão de moços de quinze e dezeseis anos de idade, e limitado á lógica simplesmente.

"E o que direi do estudo da historia, o principal de todos para a ilustração do espirito, o qual *nem feito em três anos* seria completo, mas que se faz em mezes nos caderninhos de pontos, por onde são feitos os exames na Instrução Pública?

"O estudo da historia depois do da arimética ou o quereria talvez o mais serio de todos, sendo, como o da geografia, separado em dois cursos, um da geral e outro da do Brasil, com exames distintos, sendo o da história patria rigorosissimo.

"E' em favor do estudo da historia geral e da particular do Brasil; é em favor do estudo aprofundado da lingua nacional e das matemáticas, que eu quizera ver reduzidos os exames de linguas estranhas e o de geografia a proporções razoaveis".

MA DISTRIBUIÇÃO DA MATERIA

No mesmo discurso pediu o pedagogo a esclarecida atenção ao Ministro João Alfredo para as injustiças decorrentes da desigualdade dos pontos em que se dividem os programas pelos quais muitos alunos incompetentes são aprovados por lhes ter dado a sorte um ponto facil e outros, de real preparo, conseguem aprovações simples ou sofrem a vergonha da reprovação, por tirarem á sorte pontos complicados e pesadissimos.

CAPÍTULO VI

UM DIRETOR DE COLEGIO EM 1858

O colegio da Vila da Barra, onde Abilio foi vereador e presidente da Câmara em 1853, denominara-se "Ateneo Barrense".

Em 3 de Fevereiro de 1858, ao Barbalho, na chacara do Pedroso, á Estrada do Jacaré de Cima, n. 20, hoje Rua dr. Abilio Cesar Borges, pela Resolução Municipal n. 512, de 6 de Outubro de 1921, inaugurou-se o Ginasio Bahiano em S. Salvador.

Não havia um ano que Abilio renunciara o pesado encargo oficial, onde deixara traços de inconfundivel superioridade.

A política liberal havia precipitado sua queda e esse egresso do funcionalismo veio tornar-se um nome glorioso da educação nacional, no seio do ensino particular. Ganhou a mocidade, com o desvario da política — *escola da seleção negativa.*

A Provincia não precisava de seus serviços nem de suas idéias; êle abandonou o governo e, dentro da provincia, ia mostrar que os homens de valor não precisam dos cargos públicos para deixarem

á posteridade um nome venerado, e concorrerem para o engrandecimento da patria extremecida.

A política é esteril seára dos frutos chôchos e resequidos: aqui, na França, ou no Japão; entre gregos, romanos ou aztecas; na Albion culta e utilitaria, na sociedade caótica dos zulús, a política é a seleção negativa, é o predominio das paixões egoísticas, é o reinado da surpreza atordoante.

A vitoria do partido liberal, em 1857, arrastou nas suas aguas tumultuosas toda a lama que os inimigos da cultura haviam acumulado, e o coração destemeroso do lutador deixou a arena da atividade pública e recolheu-se á tebaida, onde só o borborinho da infancia, puro e reconfortante, como o farfalhar das matas, ao sopro das brisas matinais, havia encher-lhe a existência, onde colheu frutos ouimos, em forte contraste com aqueles chôchos, resequidos, que sóe a política produzir.

Aos três de Fevereiro de 1858, começou a lavoura do bem. A juventude acorreu pressurosa enchendo de garrulice o vinhedo bendito e o lavrador impeliu a charrúa do sólo feraz em que se plantam os germes da virtude.

Linhas acima, ficaram muitos traços caracteristicos do educador — seus métodos, suas idéias, a evolução do seu espirito, a expressão intelectual da sua personalidade... Aqui deveriamos deixar tal missão a um dos seus discipulos eminentes.

ALMA DE SACERDOTE

Tentarei, todavia, sobretudo, ordenar o pouco de informações pessoais e apresentá-lo na sua nobre atividade.

Contando 33 anos de existência, na exuberância das suas energias, dedicou-se inteiramente aos árduos deveres de sua nova missão. Não dissemos profissão, porque o padre, o soldado e o professor, como também o médico, deviam ser missionários e não profissionais.

"Quanto a mim", dizia Abílio, em 1855, no discurso inaugural do Ginásio Baiano, "o magistério é um verdadeiro sacerdócio, que requer abnegação e não sacrifício". E em 1867: "Oito anos de existência completa hoje essa grande obra . . oito anos incríveis em que o meu único pensamento foi a educação das minhas jovens patrícias. Oito anos durante os quais, sufocando todas as minhas aspirações, evitei-me da sociedade para viver sempre entre os meninos e sòmente para êles".

PARTICIPAVA DOS RECREIOS

E era de fato para os meninos e entre os meninos que vivia: "Levei minha franqueza com êles até o ponto de algumas vezes tomar parte nos seus inocentes brinquedos".

Em 1885, testemunhava o Juiz de Direito de Cabo Frio, Dr. A. J. de Macedo Soares:

"O Barão de Macahubas é um homem extremamente sensível, comunicativo, nervoso, entusiasta que ri e chora, salta e brinca, sangra-se o abraça-se com seus discípulos, em uma comunhão de sentimentos, que de cada aluno faz um amigo, e converte cada amigo em um filho carinhoso".

No mesmo ano, é do Dr. V. M. de Melo Franco, Juiz de Direito de Barbacena, este honroso registo:

"Bem haja o ilustre educador que, com tanta proficiência quanta perícia e admirável tino, soube perscrutar nos arcanos do coração juvenil, tenros gérmens do sentido, acariciá-los, desenvolvê-los e fortificá-los. Assim os vai formando no amor à virtude e a quanto é grande, nobre, belo e generoso, raro artista distinto, que era pena acentuar as linhas do painel levemente esboçado pelo maravilhoso, incompreensível e incógnito pintor".

EDUCADOR INCOMPREENDIDO

Aí está o perfil do educador que se não livrou dos botes de inveja e da insana maldade. Quando se fala entre nós de educadores e sobretudo de Abílio há um riso maldoso e irônico. É' o mesmo que brincar nos lábios dos irreverentes, à vista de um missionário da religião. Esse riso tem desanimado a muitos jovens educadores, que desertam, corridos pelos sarcasmos da sociedade.

Mas a ação humana não se realiza pelo meio termo, pelas conveniências hipócritas e medrosas e Abílio teve a coragem de vencê-las, de dar o exemplo, de fazer escola, de guiar a sociedade, que atira pedras e crucifica os que se dedicam ao seu progresso e beija as plantas dos que a exploram e a ludibriam, deixando-a chafurdada na miséria da degradação moral.

A sátira amarga contra Abílio ainda mais o fere, porque em toda a história do nosso país, sòmente o seu instituto, honrado por ínfimos elogios, mereceu ser romantizado através do temperamento de um homem de grande inteligência e cuja turbação de alma finalizou na noite escura de uma morte trágica.

NÃO FOI SOMENTE EDUCATIVO

No estudo da personalidade de Abílio como educador, é mister salientar que êle conseguiu a fama e a auréola que lhe envolve o nome, só ultrapôr a fronteira do primeiro centenário, simplesmente por seus trabalhos na ingrata seara da educação. Não se aprofundou neste ou naquele campo limitado do conhecimento; a sua filosofia foi sã, crítica como que intuição; a sua especialização foi o exercício das melhores idéias, no aperfeiçoamento de métodos, na adaptação dos compêndios, na direção moral da juventude. Muitos o chamaram au-

perficial. Não há dúvida que foi superficial se que lhe não disse respeito; mas foi profundo, estudou cuidada e carinhosamente, na grande ciência da alma da criança.

QUALIDADES DE GOVERNO

Do ilustrado historiógrafo Dr. Teodoro Sampaio, cujo critério, moderação e clareza de idéias havemos todas as mais concludentes provas, colhemos a confirmação dos conceitos já emitidos. "Abílio tinha as condições de um verdadeiro educador: moralidade, prudência, energia para com os professores e alunos, dedicava-se a êstes com afetuoso carinho, reprendia-os com firmeza e moderação, animava-os, distinguia-os. Como professor de matemáticas e filosofia do Colégio Abílio durante o meu curso acadêmico, tenho a mais grata recordação do grande educador. Sabia distinguir também os professores, que êle não explorava, mas das quais exigia qualidades de competência e de ação, sem as quais não é possível guiar a mocidade. A ordem material do estabelecimento, em todas as suas divisões, era irrepreensível; a disciplina e moralidade jamais sofreram, com o conhecimento do diretor. Tinha Abílio uma elevada idéia da função do educador e em conversa, mais de uma vez, me afirmou que não queria outra, pois não se pôde servir a dois senhores e na sua profissão podia prestar grandes serviços à sociedade".

Como poderia sobrar tempo a esse grande reformador, para especialidades científicas ou literárias? Sua poesia, era a harmonia das suas idéias generosas com a sua ação verdadeiramente útil á grandeza da nacionalidade.

NOVA SEDE

Fizemos a apreciação geral do educador após a referencia ao Ginasio Baiano. De 1858 a 1870 pontificou Abilio na Bahia. Em Outubro de 1859 transferiu para a salubre arrebalde dos Barris o vitorioso Colégio. E' da inauguração dessa nova séde que ali permaneceu por mais de sessenta anos, uma das pedras comemorativas que ficaram na memoria civica do centenario (1). A outra relembra a visita do Segundo Imperador ao Colégio, no dia 30 de Outubro de 1859, durante a qual se mostrou Sua Majestade muito contente das respostas dos alunos, que, em todas as aulas, argüiu.

VIAGEM A EUROPA

Em 1866, realizou uma viagem de instrução á Europa, deixando o estabelecimento a cargo do Padre Dr. José Manoel dos Santos Pereira, como diretor, e como vice-diretor o prof. Dr. Ernesto Carneiro

(1) A data do recebimento da séde foi erradamente batida em marmore. Veja-se a Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (n.º 19 — 1925.

Ribeiro, que se veio cobrir de gloria incorrecta, na mesma seára fecunda de lua.

E' facil calcular a soma de vantagens que adviriam dêsse contato direto da civilização com o espirito apaixonado de Abilio.

Verifica-se das cartas escritas ao Dr. Carneiro, ao lado do seu interesse pela regularidade dos trabalhos do Colégio, o seu esforço no catequeiro por bem servir á causa nacional por excelência.

MATERIAL PEDAGOGICO

Enviou o bruto, de volta, aparelhos cosmográficos, gabinetes de fisica e de historia natural, quadros de historia, modelos de desenho, tudo que a pedagogia européa apresentava de util ao desenvolvimento mental da criança, substituindo a compressão e o terror pelo interesse que despertam a variedade das impressões.

PROFESSORES EUROPEUS PARA FRANCES, MUSICA E INGLES

Não só o material o preocupava. Tambem os professores. Na carta de 22 de Outubro de 1866, apresentava o padre Chargeur, "jovem, porém, distinto sacerdote, civis que com grande sacrifício contratei para o nosso Ginasio", "Receba-o", continuava, "com toda amizade; ensine-lhe a amar o nosso Ginasio e facilite-lhe os meios de aprender o mais rapidamente

possivel o portuguêz. Diga ao Padre Finza que eu o encarrego de dar regularmente duas horas de lição de portuguêz, tanto ao padre Chargeur como a Mr. Félon".

Na mesma carta ajuntava: "Ainda me falta contratar dois professores, um para música e outro para inglês; o parece-me ter já achado as pessoas que me convem, as quais hoverei comigo".

COMPENDIOS

Além da materia e do professorado, tambem na Europa o ocuparam os compendios, que eram parte importante do seu plano regenerador: "Estou aproveitando minha demora forçada, na composição segundo o que me tem ensinado a prática, e o que por cá tenho visto, de algumas obrinhas elementares para as escolas brasileiras". "Espero que serão apreciadas no país estes pequenos trabalhos, dos primeiros dos quais me acho muitissimo satisfeito" "Já vê o meu amigo que não estou aqui passando a vida a divertir-me ou adormecido em ocio inglório".

SEGUNDA VIAGEM A EUROPA

De volta em 1867, continuou na Bahia sua campanha até 1870, quando foi novamente á Europa. Nesta segunda viagem procurou Abilio alivio aos seus incomodos de garganta, tendo estado na Suissa, em Maio, e escrevendo em 8 de Julho ao Dr. Ca-

neiro, queixando-se da agravação do mal. Foi seu médico o Dr. Fournier, que o prometia curar dentro de dois mezes, devendo nesta hipótese ir Abilio a Alemanha, em Setembro de 1870. E diz: "Apezar de doente, não tenho me conservado inativo: Estou já com o terceiro livro na imprensa e tenho em mão outros trabalhos".

Declarada a guerra franco-prussiana, retirou-se Abilio precipitadamente para a Belgica, perdendo, ao transpôr a fronteira, parte de sua bagagem.

Chegando á Bahia, no ano seguinte (havendo datado o prefácio do 3.º livro em 4 de Janeiro de 1871, em Bruxellas) não mais se hospedou no Ginasio Baiano. Havia já combinado a passagem do Colégio para a propriedade do Conego Dr. João Nepomuceno de Melo Rocha, vigario de Nazaré, desde o principio do ano de 1870, esperando realizá-lo definitivamente quando voltasse da Europa.

Isso se efetivou, apezar das contrariedades que surgiram. O Cônego Rocha desejava longo prazo para pagamento e Abilio prometera. Diante, porém, da necessidade de grandes capitais para a fundação do seu colégio da Côrte, exigiu o pagamento imediato e o auxilio do capitalista Guilherme José Batista Viana. Decidiu pela permanencia do Cônego Rocha.

Dês a causa da mudança de titulo do instituto que passou a denominar-se Colégio S. José.

COLÉGIO NA CÔRTE

Tranferia-se Abílio para mais largo cenário, onde não foram menos odientes as botes da inveja. Mas sem dúvida foi mais eficaz a sua influência sobre o país inteiro.

Clórias havia colhido na Baía. Do Ginasio Baiano dizia em 1861 o poeta Francisco Muniz Barreto: "Ainda estou encantado do seu belo ginasio e da sua perfeita e singular direção. Si tivessemos quem com a mesma dedicação e solicitude sincera dirigisse o país quanto felizes seríamos nós! Ah! Que eu não possa voltar a idade da puerícia, ou da adolescência para ser tambem seu aluno! Não importa, sere, o cantor do Ginasio, do que já fiz votos perpetuos. . . ."

De Aureliano Tavares Bastos são essas expressões significativas, após a visita que fez ao Ginasio Baiano: "O que muito desejo é que o Dr. Abílio tenha imitadores, e que o Ginasio seja sempre o que deve ser. Quem sabe se a minha agradabilíssima visita ao Ginasio não dará aos meus estudos a direção para os assuntos do ensino público? Mas careço ver aberto o Amazonas e votada a liberdade da cabotagem".

Passando ao Rio, inaugurou em 1.º de agosto, a rua Ipiranga n. 4 (casa que pertencera a Augusto Teixeira de Freitas e depois ao Barão de Itapoã) o primeiro Colégio Abílio, que foi a vitória da sua

personalidade inconfundível no seio da pedagogia nacional.

FESTA DA INFANCIA

A 26 de Dezembro, menos de cinco meses após a fundação do novo instituto, realizou Abílio a "Festa da Infancia", que se revestiu de maior brilho e na qual explicou a um grande e ilustrado auditorio, as suas idéias e seus métodos. Depois da exposição, iniciaram-se os exames dos alunos, que, segundo o "Jornal do Commercio", de 27 de Dezembro, com admiração das pessôas presentes, foram além do que faziam esperar as palavras do Diretor.

"Interrogados sobre gramática, aritmética, História Santa, do Brasil, geografia, astronomia, botânica, etc., todas aquelas crianças responderam não como alunos que teem apenas quatro meses de estudo, mas com conhecimento das idéias gerais que expunham, dos fatos que narravam.

Para terminar a festa, cada um daqueles meninos recitou com inflexão própria, com as cadências necessarias, diversos trechos de poesia.

O que, porém, causava verdadeira surpreza era a alegria de todas aquelas crianças, que pareciam brincar; e não, fazer exames".

O Dr. J. M. Garcia, depois vice-diretor do Imperial Colégio Pedro Segundo, escrevia em 1876, dois anos após a fundação do primeiro Colégio Abílio, longo artigo concitando os professores do país

a adotarem o seu método com o que prestariam grande serviço á nação.

"Assisti anteontem aos exercicios ginásticos e ontem ás provas orais dos alunos do 1.º 2.º e 3.º anos do curso primário do Colégio dirigido pelo Excelentíssimo Senhor Doutor Abílio Cesar Borges, e não posso resistir á tentação de fazer algumas reflexões áquelas que, como eu, se votam á educação da mocidade, a respeito do excelente resultado que tem obtido o distinto pedagogista brasileiro do sistema que adotou, rompendo com as tradições rotineiras para iniciar a puericia no pródromo das ciências das letras e das artes.

"As respostas precisas dos alunos a tudo sôbre que foram interrogados, em cosmografia, geometria, física, geografia geral, corografia, história do Brasil, gramática nacional, historia sagrada, desenho linear, história natural e fraseologia francesa, me pareceram o bem sazonado fruto de um processo tão consentaneo com o desenvolvimento intelectual dos meninos, e, portanto, tão natural, que eu me julguei capaz de conseguir outro tanto, aplicando os métodos seguidos pelo Dr. Abílio".

OPINIÃO DE UM AMERICANO

Diz, em 1874, o professor de geologia da Universidade de Cornell, Ithaca, New York, Ch. Fred. Hartt: "Não posso dizer quanto prazer me deu mi-

nha visita ao seu Colégio. Gostei de tudo: da beleza do sítio; do edifício, tão próprio para seu não; do regimento de meninos, em cujos rostos resplandeciam, não sómente a inteligência, mas tambem a saúde e o contentamento; do exame da classe dos pequenos em fisiologia, história, gramática, etc., etc.; do cantar do Orféon, que me encheu de saudades da minha terra, e, especialmente, da ordem, do asseio que observei em toda parte do estabelecimento. Na minha opinião, o Colégio Abílio póde se comparar favoravelmente com as melhores instituições do mesmo grau nos Estados Unidos".

Prolongou-se até 1878 o seu labor no Colégio Abílio, ao mesmo tempo em que ocupava logar de maior destaque no Conselho Diretor de Instrução do Município da Côrte, apresentando importantes projetos que ainda hoje merecem a atenção dos governos.

TERCEIRA VIAGEM A EUROPA

Em 1879, esteve na Europa, onde em 4 de Setembro assinou o prefácio da edição escolar dos Luziadas, chegando ao Rio em princípio de Dezembro, para, logo, em Janeiro de 1880, recomeçar o combate contra a desmoralização progressiva dos exames de preparatórios. Durante esta viagem dirigiu o colégio o seu socio Epiphanio Reis, que fôra malogrado diretor do Colégio S. Salvador, em Campos. Liga-se a fase professor um dos lances do drama escolar do Ateneu.

Abílio havia feito sociedade com Epiphanio Reis em 1877, lavrando em nome dêste o contrato de arrendamento do prédio á rua Ipiranga, visto como se indispusera com o Barão de Irapuá, proprietário. Surgiram, porém, motivos de desharmonia, conforme se vê da carta de Abílio datada em 7 de Março de 1879, no mar entre Vigo e Bordeaux. Queixava-se Abílio de excessivas despesas pessoais de Epiphanio Reis. Tais divergencias se acentuaram com a volta da Europa. Proposta a dissolução da sociedade, permaneceu o socio na casa, tomando o estabelecimento o nome de Colégio Epiphanio Reis".

COLEGIO ABILIO, DE BARBACENA

Aproveitando as circunstâncias, praticou Abílio um ato de verdadeiro educador. Não pensou em demorar-se no Rio. Foi estabelecer um Colégio nos cerros da provincia de Minas. A 8 de Fevereiro de 1881, instalou o Colégio Abílio, de Barbacena.

Dominava a febre amarela no Rio de Janeiro: era Barbacena uma garantia para a saúde da mocidade.

Por outro lado, achava-se Abílio na necessidade de viver em outro meio.

Antes de seguir, para a Europa, dissera no "Jornal do Commercio", em 15 de Dezembro de 1877, de referencia á campanha imperfeita e tenaz pela moralização dos exames: "Sinto-me cansado de

uma luta já longa demais e enjoadissimo da maioria dos lutadores que tenho encontrado: acho-me com o espírito opresso de tristeza e quasi sem esperanças de ver em meus dias a elevação do caracter nacional, por uma séria e solida instrução".

A longa viagem aliviou-o das maguas, mas apontou-lhe um retiro onde o seu idealismo achasse harmonia com as vozes da natureza.

Do Colégio Abílio, de Barbacena, diz o Dr. Macedo Soares, quando foi confiar-lhe a educação de seu filho: "A's disposições do seu diretor ajuntem-se as seguintes vantagens: edificio vasto, perfeitamente arejado, em lugar enxuto e bem orientado; professores inteligêntes e delicados, ardendo em desejos de se equiparem ao mestre; ótimos métodos de ensino; passeios cômodos e bonitos, na cidade e nos campos dos arredores. Não ha ali caras amarradas: na mais serena alegria se irradiam aquelas faces rosadas, que estão denunciando saúde e bem estar do corpo e da alma".

CONTINUADORES DE ABILIO

Surgem os continuadores de Abílio. A tarefa do grande pedagogo devia findar-se no Colégio de Barbacena donde voltaria mais tarde ao Rio dois anos antes de morrer. Inicia-se a carreira do seu ilustrado filho Dr. Joaquim Abílio Borges, com a criação do terceiro Colégio Abílio (segundo da Côrte), em 15 de Março de 1883.

Afirmou a Felix Ferreira o Barão de Macahubas: "Nunca procurei atrair nenhum dos meus filhos ao magisterio; nunca preparei de caso pensado nenhum dêles para meu sucessor, posto os familiarizasse sempre com a minha profissão. Formando um em direito e outro em matemáticas, dei-lhes, antes de tudo, os meios de seguirem se lhes parecesse, melhor carreira; preferindo porém ambos a minha, auxiliei-os, como me cumpria, na fundação de um bom colégio".

TERCEIRO COLEGIO ABILIO

Assim se criou o terceiro Colégio Abílio, a que não faltou o desvelo paternal do grande educador e que foi dirigido desde a fundação pelos Drs. Joaquim Abílio Borges e Abílio Cesar Borges Filho. Ambos percorreram, em comissão do governo imperial, os principais Estados da Federação Americana, visitando os admiraveis estabelecimentos daquele país, e trouxeram rico aparelhamento para o novo educandario, onde se continuou a tradição do carinho e desvelo pela mocidade brasileira. "Ao Dr. Joaquim Abílio Borges", diz Felix Ferreira, "nada falta para ser continuador eleito da obra paterna, pois á sua instrução variada, tanto científica como literaria, junta um trato ameno e maneiras delicadas. Seguidor [illegible] dos exemplos e qualidades paternas, sabe por tal modo atrair os discípulos, que a

consideram todos antes como um amigo mais velho do que como diretor, sem que aliás haja a menor quebra de autoridade deste; muito pelo contrario, no temor de desgostá-lo, mostram-se todos solicitos em obedecer-lhe".

Com essas condições pessoais e sob a influência da sábia orientação do seu venerando pai, continuou o jovem educador a gloriosa tradição do famoso instituto, a principio, conjuntamente com seu irmão Dr. Abílio Cesar Borges Filho.

EXPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

Em 1883, houve, no Rio de Janeiro, uma exposição pedagógica. A ela concorreu o Colégio Abílio, merecendo os maiores elogios no seu mobiliario, aparelhamento científico, compendios do Barão de Macahubas.

Infelizmente não perdurou até o traspassar do primeiro século a obra de Abílio Cesar Borges. O Colégio do Rio deixou de existir em 1911; o de Barbacena tinha sido extinto em 1888, por Macahubas e adquirido pelo Governo de Minas, que o transformou no Internato do Ginasio Mineiro.

CARNEIRO RIBEIRO

Outro continuador notavel de Abílio Cesar Borges foi o meu glorioso mestre, Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro. Afeito ao labor diuturno do Gina-

consideram todos antes como um amigo mais velho do que como diretor, sem que aliás haja a menor quebra da autoridade deste; muito pelo contrario, no temor de desgostá-lo, mostram-se todos solícitos em obedecer-lhe".

Com essas condições pessoais e sob a influência da sábia orientação do seu venerando pai, continuou o jovem educador a gloriosa tradição do famoso instituto, a princípio, conjuntamente com seu irmão Dr. Abílio Cesar Borges Filho.

EXPOSIÇÃO PEDAGOGICA

Em 1884, houve, no Rio de Janeiro, uma exposição pedagógica. A ela concorreu o Colégio Abílio, merecendo os maiores elogios no seu mobiliario, aparelhamento científico, compendios do Barão de Macahubas.

Infelizmente não perdurou até o traspassar do primeiro século a obra de Abílio Cesar Borges. O Colégio do Rio deixou de existir em 1911; o de Barbacena tinha sido extinto em 1888, por Macahubas e adquirido pelo Governo de Minas, que o transformou no Internato do Ginasio Mineiro.

CARNEIRO RIBEIRO

Outro continuador notavel de Abílio Cesar Borges foi o meu glorioso mestre, Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro. Afeito ao labor diuturno do Gina-

sio Baiano, êle acompanhou o desenvolvimento das idéias e a consolidação dos métodos do patriarca da educação nacional; foi vice-diretor do famoso Colégio desde 1868, enquanto o reformador ia á Europa; seguiu a mesma norma de amor e de carinho, no governo dos discípulos e morreu tambem na forja do carater, em meio das lágrimas dos amados e amantissimos discípulos.

Aprofundou-se nos segredos da lingua portuguesa, pela qual tanto lutara Abílio, palmilhou a estrada da instrução secundária, alcandorou-se na grande campanha filológica, como águia emplumada no Ginasio Baiano, mas não deixou o dôce convivio da juventude, que transmitirá ás gerações futuras a lembrança dulcissima da sua bondade.

Descobria-lhe Abílio o pendor natural pelo ensino e muito insistiu por sua permanencia no Ginasio Baiano. Em cartas de Londres e de Paris, em 1866, deu-lhe as mais afetuosas provas de confiança e lhe enviou os conselhos abaixo transcritos, tão exata precisão quanto a de mimosa carta ao jovem Rui Barbosa.

Em 7 de Agosto, dizia Abílio ao seu talentoso e dedicado colaborador: "Não me hei de esquecer das suas encomendas pelas quais me está parecendo que Você continua a pensar em ser médico clínico. Deus permita que eu me engane, dizendo que ha de arrepender-se. Dr. Carneiro, Você nasceu para preceptor da mocidade; não contrario a sua vocação, que

ainda póde prestar grandes serviços ao país, á frente de uma casa de educação. O ponto está em ter a necessária paciencia para esperar pela idade. E' conselho de amigo que doveras o ama e aprecia".

A profecia começou a realizar-se em 1872, quando o abalizado professor fundou o "Colégio Bahia" associado ao Cônego Dr. Emilio Lopes Freire Lobo, que tambem fôra professor do Colégio de Abílio Cesar Borges. Posteriormente, em 4 de Fevereiro de 1884, lançou os fundamentos da sua tenda definitiva, onde com a sua larga fronte encanecida e seu olhar penetrante, seu tôto sutil, sua auréola de glória e seu grande saber, era o farol das gerações que se acolhiam ao tôto bendito do Ginasio Carneiro Ribeiro, o saudoso "Colégio Carneiro", onde por dois anos tive a ventura de ser discípulo e para sempre amigo do venerando filólogo e pedagogo. Antes de terminar a sua missão na terra deixou aos porvindouros uma grinalda imarcessivel para adornar a fronte de Abílio Cesar Borges.

ELOGIO DE ABILIO

"Aí foi, nessa escola, onde, com tanto esmero, se cultivava mas letras e ciências, e todos, unidos pelos laços da mais afetuosa simpatia, aprendiam gostosamente a ler e soletrar o vocabulario do dever, que enobrece, do trabalho, que fecunda, e das virtudes, que santificam, aí foi, repito, que apren-

ci a ser mestre, a julgar-me feliz no meio da mocidade, que, a longos haustos, servia com satisfação e avidez o leite fortificante da instrução, ministrado por aquele sacerdote do bem, do que lhe não era já simples auxiliar, ainda professor de maior valia e vice-diretor do "Ginasio Baiano", de que era êle o diretor. A' proveitosa estada naquela importante casa de educação, em que tão suaves se me passaram os primeiros tempos da mocidade, a que posso chamar *meu aprendizado de mestre*, devo, sinceramente o confesso, tudo, o que sou na difícil arte de dirigir os primeiros tentamens da mocidade na vida colegial. Daí foi que me veiu este gôsto de viver da mocidade para a mocidade e pela mocidade".

JOÃO FLORENCIO

Mas o verdadeiro continuador de Abílio Borges, ao mesmo ambiente embalsamado pelos efluvios de uma saudade que não morreu, no mesmo templo, onde o magno sacerdote pontificara, e gerações sucessivas ouviram o éco das suas orações, foi o Dr. João Florencio Gomes, diretor do Colégio São José (antigo Ginasio Baiano). O venerando decano dos educadores baianos, por quasi meio século, ocupou a casa mais própria que a Baía já teve para um grande internato, adaptada pelo esclarecido espirito de Abílio. A êste sucedera em 1870 o Cônego Dr. João Nepomuceno Melo Rocha, que mudou, como vi-

mos, em 1871, o título do Instituto para "Colégio São José". Em 1876, o Dr. João Florencio Gomes assumiu a direção do afamado Colégio, cujo renome dominava as provincias do Norte e atraia alunos do próprio sul do país. Já desde o ano anterior quizera o Cônego entregar-lhe a direção plena do estabelecimento, cuja tradição veio salvar.

Na diretoria de Abilio havia sido vice-diretor interino do Ginasio Baiano, substituindo o Mons. Turibio Fiuza, e exercera o cargo efetivo de vice-diretor durante todas a administração do Cônego Rocha (1871-1875). Ao tomar o governo do estabelecimento de que fôra aluno brilhante, premiado com medalha de ouro, como Rui e Satyro Dias, estabeleceu a continuidade de tradição do antigo Ginasio Baiano, como adjetivou até hoje o glorioso Ginasio São José, por muitos anos o maior viveiro de humanos cultos na Baía.

Infelizmente o templo de educação da mocidade foi transformado em caserna e a dôr que lacerou o coração do pedagogo ainda não cedeu (1).

Caráter diamantino, desprendido de todas as materialidades ficticias da vida utilitaria, sacerdote intransigente o consumado modelador de caracteres, o nobre decano dos educadores baianos, na

(1) Dr. João Florencio Gomes falleceu em 4 de outubro de 1925 na Capital de São Paulo. Com sua morte extinguiu-se a tradição do Ginásio Baiano.

sua modestia que oculta uma vasta cultura literaria e científica, passará ás gerações provindouras como o exemplo veneravel de virtudes e o apóstolo intemerato do saber.

Auxiliar dedicado de Macahubas acrisolou-se-lhe o amor pela instituição e jámais a quis abandonar, apezar dos esfôrços do seu antigo mestre, que lhe apontava, no Rio, eminente posição no Colégio que ia fundar. Um ano inteiro esperou por sua desejada aquiescencia, mas João Florencio preferiu ficar na Baía, que o venera agradecida.

SATYRO DIAS

Entre os colaboradores de Abilio, é justo destacar tambem o Dr. Satyro de Oliveira Dias, aluno duas vezes laureado, que passou a mestre e subiu ás mais eminentes posições da politica, na monarquia e na república. Já em 1866, em carta ao Dr. Carneiro, dizia Abilio:

"Estranhei que nada me dissesse sôbre o jornal da terceira classe e a crônica que tão auspiciosamente estrearam. Não quero que se suspenda tão vantajoso exercicio, que é ao mesmo tempo agradavel entretenimento: — e faço a V. Mcê, e ao Satyro responsaveis por qualquer interrupção que tenha havido, e venha a haver".

Presentira tambem Abilio os grandes talentos de Satyro Dias e, após a confirmação da medalha

de ouro, pediu ao seu pai que o deixasse nas férias em sua companhia. Deu-lhe a ler os clássicos da língua e lhe entregou no ano imediato uma das aulas de português.

Em 21 de Novembro de 1869 pronunciava Satyro Dias notavel discurso na festa literaria da Distribuição de Prêmios, da qual não nos podemos furtar a transcrever alguns trechos:

"Espetáculo novo em nosso país, esta festa honra a Baía; e ela o compreendeu perfeitamente concorrendo para aqui com o que possue de mais ilustre em talentos, posições oficiais e fortunas.

"Houve tempo (já eu tive ocasião de o dizer) houve tempo, em que a cadeira de mestre era uma especie de Olimpo, sempre a despedir raios, e o discípulo a vítima que tremia na bancada escolar pelo receio de ser fulminado. Desapareceu, felizmente, o fantasma do módo, para ser substituido pelos laços do mais afetuoso amor da parte dos que aprendem para com aqueles que ensinam. É um imenso progresso. E incontestavelmente, no Ginasio Baiano cabe a gloria de haver arvorado o estandarte da reforma. Filho desta casa, e hoje membro humilde de seu professorado, sobejam-me razão e direito para aplaudir a êstes verdadeiros triunfos. Cidadão que me prezo de amar ao meu país, alho cheio de fé para o seu futuro a cada passo que avança entre nós a educação da mocidade.

* * *

"Fundado ha doze anos nesta cidade por um homem de esfera superior, e sob a base do ensino mais liberal e religioso, e ao mesmo tempo sólido e conciencioso, o Ginasio Baiano tem sempre crescido em crédito e prosperidade, e representa hoje a síntese brilhante dos progressos da instrução em nosso país.

* * *

"O defeito fundamental da educação entre nós consiste em se querer fazer de cada menino um poeta, um filósofo, um orador, um homem do Estado. Convençam-se os pais de familia, de que antes de ser tudo isso, os meninos precisam de ser homens de bem. A instrução é certamente uma necessidade absoluta em todas as posições sociais; mas é preciso antes dela e com ela despertar e desenvolver os sentimentos morais e religiosos.

* * *

"A bandeira reformadora que o Ginasio Baiano levantou nesta Provincia é um símbolo de confraternização e progresso. Abraçam-se a ela todos os que crêem no futuro e caminhem que só terão de parar, para levantar do chão as coroas de gloria que lhes hão de cair aos pés".

PLANO DE COLÉGIOS NO NORTE E NO SUL

Planejára Abílio criar novos colégios nas Províncias do Norte e do Sul, onde os seus métodos podessem libertar a mocidade do velho ensino escolástico. Para o Maranhão escolheu Satyro Dias, como diretor, e Lino de Andrade como vice-diretor. Estes iriam firmar os modernos Atenas Brasileiro os princípios nascidos sob o céu da antiga. Mas não o quiz o destino. Infelizmente a política, esterilizante, absorveu as energias de um homem de talento que teria sido um grande professor.

INFLUENCIA FAVORAVEL DOS ARCEBISPOS

Seria impardoavel esquecer entre os mais eminentes colaboradores de Abílio os dois ilustres e virtuosos Arcebispos, desta Arquidiocese, D. Romualdo Antonio de Seixas, Marquez de Santa Cruz, e D. Antonio Macedo Costa, que o foi ainda ver nos últimos annos de sua vida, no remanso de Barbacena.

Ao primeiro, deveu o Gymnasio Bahiano o patrocinio moral mais valioso, desde o momento inicial de sua existencia. Ás solemnidades da inauguração e subsequentes de abertura e encerramento anuaes, compareceu o sabio Marquez de Santa Cruz, até que a molestia o reduzisse ao exilio fatal á humanidade. A 31 de Novembro de 1860, já doente, para fallecer em principio de 1861, escreveu a Abílio vallosa carta em que expressa a sua opinião

do culto e austero prelado acerca do colégio. "Si fosse mais conhecido e elle apreça que faz do colégio de V. S., que tanta honra faz á civilização do paiz, ou desconhecidas as relações de intima amizade e sinceridade que nos ligam, eu buscaria razões para escusar-me da falta do meu comparecimento amanhã ao acto, sempre brilhante e magnifico, da distribuição dos prêmios aos seus alumnos".

D. Manoel Joaquim da Silveira, Arcebispo Primaz, successor de D. Romualdo, tambem honrou repetidamente com sua presença as festas escolares, do Gymnasio Bahiano. Eram esses Bispos verdadeiros pastores do bem e se interessavam pelos colégios civis, prestigiando-os, aumentando assim as probabilidades do êxito da grande obra de civilização do povo. Já se não deu o mesmo com o Arcebispo do Rio de Janeiro, a quem Abílio disse algumas palavras que exprimiam sua revolta e seu entranhado amor á educação. E não ha negar que o apoio aos institutos de educação deveis ser as primeiras cuidados de um bom prelado.

De D. Antonio Macedo Costa, que mais subiu no episcopado nacional, por seus peregrinos talentos, sua fé e sua coragem civica, ficaram registrados os mais francos elogios á ação de Abílio, nos discursos de 25 de Fevereiro de 1860 e 14 de Fevereiro de 1861, por occasião de aberturas das aulas de historia e de religião.

"Honra a quem comprehendeu a necessidade de pôr-se, ainda neste ponto, ao nivel da culta Europa, onde os estudos históricos, pelos esforços combinados da erudição, da filosofia e do methodo, teem ajuntado a gloria literaria de nosso seculo um tão vivo e tão brilhante esplendor.

"Era vergonhosissimo que nós outros désemos cuidados tão superficiais, tão distraidos a este ramo interessantissimo das ciencias. Mais alegremo-nos; essa vergonha vai desapparecer; o movimento para a restauração dos bons estudos históricos está felizmente dado e não será esta a menor gloria que brilhará sobre a fronte do illustrado Senhor Doutor Abílio, já por outros titulos benemerito das letras (1).

. . . . . .

"Honra, pois, aos que ousam metter mãos a tão assinalada empreza! Honra ao Gymnasio Bahiano que comprehendeu primeiro entre todos os estabelecimentos de educação da Provincia a necessidade de dar á juventude um ensino solidamente christão! Honra ao illustrado Director, que, affrontando o indifferentismo da época, sorte de marasmo que vai gangrenando, como um frio de morte, todo o corpo social, ergueu inopinadamente o lábaro do ensino religioso, dando assim o verdadeiro signal da regeneração moral do paiz. . . . "A

(1) Discurso da abertura de aula de historia em 13 de Fevereiro de 1860.

Historia sobrirá com suas bençãos os que tiverem trabalhado nesse sentido.

E uma grande parte dessas bençãos recairá sobre o Gymnasio Bahiano" (1).

O Bispo Titular de Eucarpia, depois Bispo de Olinda, D. Manoel dos Santos Pereira, tambem foi professor de latim do Gymnasio Bahiano.

Seu Irmão, Padre Dr. José Manoel dos Santos Pereira, lavrador em Santo Amaro, viuvo sem filhos, fôra a Paris, onde se ordenára em São Sulpice, doutorando-se em Cannones. Dirigiu o Gymnasio Bahiano durante a primeira viagem de Abílio, realisando importantes modificações no edificio dos Barris.

AURELIANO TOSTA

Outro professor do Gymnasio Bahiano, que se fez educador notavel na Bahia, foi Aureliano Henrique Tosta, diretor do Atheneo Bahiano, instituto que ainda não foi excedido neste Estado, nas condições materiaes do seu apparelhamento e nos methodos que procurou exercitar com esmerado desvelo. Estudá-lo exige largo espaço. Aqui se admite apenas lembrar que o joven Aureliano Henrique Tosta foi um dos mestres que Abílio Cesar Borges encaminhou á vida do ensino. Viajava para Cachoeira e lia um livro de historia, sua ciência predilecta. Abílio, que

(1) Discurso de abertura da aula de Religião, em 14 de Fevereiro de 1861.

êle não conhecia, aproxima-se, reparando na sua atenção ao livro. Entabolada a conversação e percebendo o talento do jovem, pediu-lhe que aparecesse no seu Colégio na capital, onde lhe ofereceu uma classe de historia (1).

MONSENHOR TURIBIO TERTULIANO FIUZA

Alma purissima de grande pregador, tambem aqueceu a sua mocidade na forja em que enrijaram a fibra tantos grandes luminares da Baía. Em 1858, inaugurou as aulas de Latim do afamado colégio. Quatro anos mais moço do que o glorioso diretor, Padre Fiuza foi um dos mais fieis amigos do instituto. Professor de religião e capelão, professor de Latim e Vice-Diretor, identificou-se, não só com Abilio, mas tambem com João Florencio, de quem o separou apenas a grande amizade do Bispo de Eucarnia. Orador sacro de dotes peregrinos, grandíssima foi uma influencia na Baía, professor de Latim e de latinidade no Liceu Provincial, nenhum lhe excedeu na competencia e no amor aos discípulos.

ALUNOS NOTAVEIS

Enumerar os discípulos de Abilio, que se tornaram notaveis e até gloriosos é firmar a sua imor-

(1) Aurelino Costa veio a falecer em 16 de Junho de 1866, havendo completado 95 anos em 16 de Março. Exerceu os mais elevados cargos da Instrução Pública da Baía.

talidade. Morreu-lhe a obra material; ir-se-ão esquecendo os seus manuais excelentes; mas não se olvidará na historia ainda que milenaria do Brasil o mestre de Ruy Barbosa. E não foi só um mestre, foi um vidente. Leia-se a carta mimosa de Abilio ao jovem Ruy Barbosa, que partia para as lides do Direito, na Faculdade do Recife. Aí está a cordialidade de um amigo e o conselho sereno e persuasivo de um pai. Nela se traduz o educador que perscrutou a alma do jovem e conheceu as forças das azas da aguia. Ei-la:

"Bahia, 2 de Abril de 1866. Meu caro Ruy: Causou-me entranhavel satisfação tua prezada carta de 21 do passado, cujas amigas e amorosas expressões me vieram mais confirmar no juizo que sempre fiz da retidão do teu caráter e na bondade do teu coração. Cartas como esta tua, meu Ruy, são para mim de grande preço; confortam-me na dificil vida que levo, convencendo-me de que não são desaproveitados os meus sacrifícios em pról da educação da mocidade.

"Olha — eu te considero como um dos mais distintos alunos que tenho tido; amo-te como a filho, e tenho fé de que has de ser uma das glórias do Ginasio Baiano. E' pois, necessario que não descanses em tua facil inteligência, e te não descuides do es-

tudo. Se não fores o primeiro estudante do teu ano, como espero, confiado, não creio que encontres muitos rivais e não admito a possibilidade de haver algum superior. Repugna-me a ideia de poderes ficar confundido com a turba dos ignorantes matriculados por empenhos. Não te desvaires, meu amigo, neste teu inexperiente entrar do mundo: cultiva as relações de poucos amigos mas escrupulosamente escolhidos, entre os moços que te parecerem mais graves e estudiosos: — cinge-te o mais que puderes aos teus livros, que são amigos insuspeitos, verdadeiros e uteis. Quero a tua reputação fundada desde agora, em todos os sentidos. O futuro te espera grandioso; prepara-te dignamente para êle. A mocidade é presunçosa — só docil; é leviana — só discreto; não dá valor ao tempo — aproveita-o. Time is money. Que mais dizer-te, Ruy, a ti que tanto me deves compreender !... Peço a Deus que te ilumine o espírito para conhecerem o caminho que deves trilhar e que te mova o coração sómente para o bem. Adeus. Aceita um apertado abraço do teu mestre e amigo do coração. — *Abilio*".

A musa de Castro Alves, em cujos versos juvenis lerão as eras porvindoiras os primeiros sus-

serros da viração que se havia de transmudar no vendaval destruidor do cativeiro dos negros, viverá enquanto a sonora lingua portuguesa ecoar nas catedrais, no parlamento, nas quebradas verdejantes das campinas, nos recessos modestos das alcovas. Aqui lereis os versos da criança que se fez condor.

Em 1860:

AO NATALICIO DO MEU DIRETOR O ILMO. SR. DR. ABILIO CESAR BORGES

Pois em ti sublime dia
Do alto dos céus baixou
O anjo, que á mocidade
Dos rigores libertou.

Baixou este grande homem
Que tanto anima a instrução
Estimulando esclamar
O infantil coração.

E' por isso que o sol orgulhoso
Ergueu a fronte soberba e brilhante;
E' por isso que as flores exalam
Um perfume mais doce e fragrante.

Elle, contentes, cantemos
Com grinaldas coloridas,
Neste belo e grande dia
Do natalicio de amor
O nosso bom Diretor
Que tão zeloso nos guia.

Em 1861:

AOS ANNOS DO MEU PRESADO DIRETOR

I

Mancebos! de oiro triunfantes
Adornai o Moysés da Mocidade,
O Anjo que nos guia da verdade
Pelos doces caminhos sempre avantes.

Corosi de grinaldas verdejantes
Quer romper para a Patria nova idade,
Quando pelas leis sãs da amizade
Os moços do progresso sempre amantes.

Vê, Brasil, este filho que o teu norte
Sobre as mapas dos povos illustrados
Descreve qual o forte de Vendôme.

Conhece que os Andradas e os Machados,
Que inda vivem nas azas do renome,
Não morrem nessas eras abençoadas!

II

Mestre, Mêstre querido, Pai de Amor,
As glorias que conquistas com a razão,
Enchendo de prazer teu coração
Trarão grandes bençãos do Senhor!

Os teus loiros têm mais vivo fulgor,
Que os ganhos ao ribombo do canhão;
Que os de um Annibal, d'um Napoleão,
Alcançados das mortes entre o horror.

Sim! Que os loiros terriveis que Mavorte
Ao soldado concede em dura guerra,
Todos murmuram á ideia só da morte!

Mas no teu vero mérito se encerra
Que não cede do tempo ao braço forte,
E alcançam justo premio além da terra!...

Aristides Milton, que tanto honrou a politica e o direito, Rodolfo Dantas, que a morte tão cedo

roubou, Manoel Pinto de Souza Dantas, João Ferreira de Araujo Pinho, antigo deputado geral, em cuja câmara se distinguiu por seus talentos, Senador da Bahia e Governador do Estado, em cuja historia deixou uma página illuminada pela rigidez de seu caráter, largueza de vistas de honestissima administração e tolerancia politica; Satyro de Oliveira Dias, que já se apresentou como collaborador de Alfilio e foi honrar a politica na presidencia do Ceará e do Amazonas, libertando os escravos, e servir á Republica na reorganização do ensino na Bahia, na gestão da Secretaria do Interior, na vice-presidencia da Câmara Federal; Miguel Teive e Argolo, a quem tanto deve a Engenharia Nacional; Pedro Leão Veloso Filho, antigo presidente de Provincia; Demerio de Abreu, gloria da Medicina; Frederico Augusto Borges, João Dantas Filho, Luiz Antoly Pereira Franco, Manoel José Menezes Prado, Gonçalo Dias de Azevedo Faro, deputados geraes; Henriques Moniz, Eduardo Ramos e cantissimos outros e, entre os mais modernos "leaders" da politica de administração, das atividades economicas, inúmeros cidadãos, dos quais é justo citar o eminente Governador da Bahia, Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, que acompanha de coração as homenagens ao glorioso patriarca, eis a multidão dos discípulos, quer directamente guiados pelo incomparavel mestre, quer por seu filho, collaborador e sucessor.

CAPÍTULO VII

IMPORTANCIA DOS INTERNATOS

DURANTE tem sido o problema e controversias teem sido os internatos, cujos inimigos são em grande parte os que, no Colégio, fugiam dos divertimentos, nas horas ruidosas do recreio, os dos livros e do dever nas horas do trabalho regulamentar.

Em parte são tambem aquelles que penetram cêdo demais os pórticos da vida... Aos seis annos, a criança é tenra e o internato é sem duvida terreno adusto, sem o luar dulcissimo do amor materno.

O Internato é sem duvida uma sociedade artificial, mas menos fictiria e menos falsa do que a grande sociedade, em que o mal não domina o bem, porque se oculta, por vezes, na capa do proprio bem.

O INTERNATO OFICIAL

Abilio deu a sua opinião em 1856 e 1882. No relatorio de 56, dizia: "Tenho para mim que a conversão do Liceu em um bom internato seria de inestimavel proveito para a Provincia; mas tenho receio

muito fundado de não achar um homem, qual convem, para se collocar á testa de semelhante estabelecimento: seja tem sido sempre a mór difficuldade em que se tem esbarrado os internatos, da qual está pendente a sua sorte".

"Ai póde a instrucção ser dada com perfeita regularidade, a par de perfeita educação moral. Todos comprendem ser mais facil no internato a correcção dos costumes e a manutenção da ordem".

Nestas observações o educador deixou ver a enorme ineficacia dos internatos officiaes. Referia-se até ao desconceito em que vivia o collegio que cercava a carinhosa protecção do Imperador.

DIFFICULDADE DA DIRECÇÃO

A questão passa a girar em torno das habilitações do pessoal diretor de um internato. Nem todos os diretores são educadores, como nem todos os pais o são. Quantas familias vivem em penosa desorganização, em meio da indisciplina dos filhos e dos esforços infructiferos dos pais?

Quanta maldade haverá no internato, que não nas familias, cujos filhos frequentam externatos, soffrem a influencia fatal do crendagem, do vocabulario dos fabricantes da via publica, das publicações perniciosas que a policia não consegue supprimir, porque ellas condizem com as condições organicas e psiquicas da infancia?

Irrompem no internato todas as mazelas, mas não inocentam quaesquer agremiações de crianças, familias ou externatos, nas cidades, nos campos, nas aldeias. Já Ellenberg affirmou que a educação familiar é responsavel por maior numero de suicidios que a escola.

O Internato exige um pessoal educado na difficil arte de guiar meninos, e sobretudo gente de vocação e de pendor natural para tão árdua missão. Homens fóra, quando assumem as pesadas encargas da direcção, não se submettem a chefes hierárquicos, é burocracia morosa e anquilosada.

RECUSA A UM CONVITE DO IMPERADOR

A propria vida de Abilio dá-nos exemplo. Abandonando a Directoria dos Estudos e fundando o seu Collegio, visitou o o Imperador em 1859. Annos decorr. vagando a Reitoria do Collegio Pedro II, foi Abilio convidado para este elevado cargo. Não o aceitou. Foi pessoalmente agradecer ao Imperador tão honrosa distincção e pedir venia para declinar a valiosa. E' dessa época o pensamento da sua mudança para a Côrte do Imperio. Vendo o Imperador que Abilio não desejava um cargo público, suggeriu-lhe a idéia de se transferir para o Rio. Aquiesceu, sob a condição de merecer o apoio de Sua Magestade.

Grande, extraordinaria foi a sua influencia na educação nacional. Seria tal, na Reitoria do Imperial Collegio?

RESPONSABILIDADE PESSOAL

E' natural, além disso, que os internatos officiaes logrem menos impor-se á confiança publica porque a sua acção diretora compete tambem ás Congregações, ao passo que nos institutos particulares a responsabilidade é de um só. A unidade de acção, a vigilancia ininterrupta de um homem que se dedica e se consagra a esse espinhoso e, para outros, enfadonho mister, produz os milagres que a Bahia celebra esta semana.

Houve faltas, sem duvida, na vida dos famosos collegios; houve inconvenientes inevitaveis; mas estes se dão no seio das familias numerosas, sobretudo quando a influencia nefasta dos amigos ou o exemplo mal velado dos proprios pais induzem os jovens aos deslizes mais graves e ruinosos.

Os males constitucionaes nos organismos coletivos não serão evitados.

A gloria do educador está na reducção ao minimo possivel dos defeitos inevitaveis da vida humana.

Tudo relativamente, a acção de Abilio, no governo moral de muitas gerações, foi a victoria pratica do internato.

COOPERAÇÃO DA FAMILIA

Ele, porém, queria a cooperação da familia, que raramente comprehende a sua missão.

O pedagogo e psicólogo francês Felix Thomas, em 1908, critica as familias porque abandonam os filhos aos collegios, sem se interessarem siquer pelos progressos ou pelos desastres do educando e mostra que os boletins mensaes ou trimestraes não bastam para informar á familia dos defeitos que podem bem communicar-se em sua convivencia intima.

Já em 1861, dizia Abilio: Pensais que, do grande numero de pais, que me têm confiado a educação dos seus filhos, tenham muitos vindo inspeccionar, ou siquer visitar, o Ginasio Baiano, para se assegurarem, por seus proprios olhos, do modo porque são tratados e educados aquelles entes que lhes são caros? Pois bem, poucos são aquelles que têm cumprido este impreterivel dever!!"

"Não é tudo ainda, senhores: ides pasmar com a noticia que passo a dar-vos, de que alguns pais moradores nesta mesma cidade, e que passam muitas vezes pelas proximidades do estabelecimento, tendo aqui seus filhos ha dois, tres e quatro annos, ainda uma só vez não se dignaram entrar aquelle portão!!"

"Bem poucos me teem perguntado por tal *bagatella*, e apenas um pai, desde que tenho collegio, me fez a descripção dos caractéres de seus filhos, cousa que aliás todos deveriam fazer, prevenindo-me em tempo de alguns defeitos de genio que por ventura tenham, afim de me encarregar de os corrigir desde logo".

Estas palavras eram pronunciadas, três anos após a inauguração do Ginásio Baiano, em 1881. A verdade é a mesma nos tempos de hoje. A treze anos, morreu na modestia de uma casa de educação: já um pai, dentre os de milhares dos alunos que têm cursado o Ginasio Ipiranga, amalgou o caráter de dois de seus filhos.

Fê-lo com fidelidade, mas não surgiu outro. Quer isto dizer que é difícil aos pais estudar imparcialmente os filhos: olham-nos geralmente com excessiva bondade ou desarrazoado rigor. É regra quase sem exceção.

INTERNATOS NORMAIS

Em 1882, no Congresso Pedagógico de Buenos Aires, particularizou a criação de internatos normais, para formação do corpo professoral. Entendia que na vida agitada das capitais, os externatos não podiam dar aos futuros mestres, dizia, "os hábitos de ordem, de trabalho, de obediencia ao dever, de concentração e desprendimento do viver agitado do mundo, hábitos estes sem os quais não concebo um bom mestre e uma bôa mestra de escola".

ALUNOS POBRES E DISTINTOS

Assim propunha que se escolhessem os melhores alunos das escolas primarias, pertencentes a familias pobres e que os governos os educassem gratuitamente, com todos os fornecimentos indispensaveis, concedendo-se auxilios para as viagens de ida e volta não só dos jovens, candidatos á matrícula, mas tambem das pessoas que devessem acompanhá-los. Todas essas vantagens deviam ser concedidas a meninos de familias honestas e estimadas nas localidades do interior das provincias.

INTERNATOS NORMAIS NO CONGRESSO DE BUENOS AIRES

O Congresso adotou a idéia, para submetê-la á legislatura, após demorada discussão, em que o ex-ministro Lastra, que referendára o ato de extinção dos internatos normais, afirmou que as verdadeiras causas dessa extinção foram mais de ordem economica do que de ordem moral.

EDUCAÇÃO FISICA E LEI NOVA

Dois problemas importantes na vida de internato são a cultura física e a educação moral. Ambas preocuparam ininterruptamente o reformador. As festas, de atletismo físico, o completo aparelhamento desportivo de que dotou os seus colégios, os sítios saudaveis em que os instalou, são a prova de sua superioridade de vistas.

Diz no seu bem lançado opusculo "A Lei Nova do Ensino Infantil": "Indubitavelmente podem os

excessos de exercicio mental prejudicar uma geração inteira, si, ao mesmo tempo que se faz funcionar o cerebro, não se consolida o sistema muscular e não se fortifica o nervoso. A Lei Nova quer em todo o rigor da expressão a *mens sana in corpore sano*; e por isso cuida, por pessoa com a instrução, do desenvolvimento do corpo, já nas repetidas recreações livres ao ar livre, já nos diarios exercicios gimásticos regulares e graduados, que promovem a elasticidade e a força de todos os tecidos do organismo, e portanto a saúde do corpo. O corpo é uma máquina complicadissima, cujo destino é o serviço da mente: o, pois, tanto melhor serviço prestará quanto mais perfeita, mais forte, em suma, quanto mais são fôr".

EDUCAÇÃO MORAL

Da educação moral nada seria necessario acrescentar, pois, era este o aspecto preominante na pedagogia de Abilio: formar individualidades, num ambiente regido pela lei e pelos conselhos e ensinos dos mestres, sem pressão, sem violencias deprimentes.

Baseava a moral na religião, cujos principios invocava na sua propaganda pela liberdade das crianças. Mas considerava que a moral é sobretudo a ação e se aprende com o exemplo vivo do mestre e os múltiplos exemplos dos bons alunos, aproveita-

dos e salientados perante a consciencia dos condiscipulos.

Diz, na Lei Nova do Ensino Infantil:

"Não conheço nada mais ridículo, nem mais totalmente vão, do que este estudo ensino de regras de moral, dado nas escolas, em pequenas brochuras ou catecismos, por perguntas e respostas, que nenhuma influencia exercem, nem no espirito, nem no coração dos meninos, e que desaparecem prontamente da memória sem deixar vestigios siquer. Este ensino é em seus resultados quasi igual ao que da tribuna sagrada dão os nossos padres aos fieis em seus longos e mal ouvidos sermões. Com tal ensino jamais se conseguirá o efeito moralizador, que se tem em vista; porque com êle não se conseguirá jamais inspirar os bons sentimentos, nem dar hábitos morais aos meninos".

OPORTUNIDADE DO ENSINAMENTO MORAL

"Assim o entendia, e assim o praticou de um modo sublime o fundador do cristianismo. Para inculcar bem os principios morais é necessario saber aproveitar êsses felizes e raros momentos, em que os meninos estão em um estado de doce emoção, em uma como disposição poética de espirito para então deixar cair uma ou duas palavras de conclusões práticas; para enunciar uma máxima bem dirigida, que,

graças á sua afinidade natural com a emoção do momento, se ligue de uma maneira inseparavel á recordação dos fatos, e se grave indelevelmente no coração".

No seu pensar, a ação é, como o dissera Demóstenes da eloquencia, a fonte da felicidade. Aí a base da educação moral: agir fazendo o bem do proprio organismo, da propria alma, dos seus semelhantes.

O CAPITAL HUMANO

"Em tudo neste mundo é o espirito que governa a materia". E' preciso ainda, para viverdes independentes, e para fazerdes fortuna em qualquer profissão que abraceis.

"Um país ha que todos citam, sempre que se trata da educação: é os Estados Unidos da America do Norte. Cerca de trinta anos são passados que um grande cidadão daquele grande país, Horacio Mann, regenerou ali a instrução primaria. Depois disto, no espaço de vinte anos duplicou nos Estados Unidos a população, ao mesmo tempo que triplicou a produção. Ora, esta deveria ter duplicado sómente segundo as proporções ordinarias: porem os americanos do Norte, que sabem que neste mundo não se é bem sucedido em qualquer industria sinão com capitais e máquinas, descobriram um fato enorme, uma grande verdade muito pouco atendida até o presente, a saber: — que o primeiro dos capitais é o homem,

que cria a riqueza; e que o primeiro dos instrumentos da riqueza é ainda o homem, que é quem inventa e faz mover as máquinas.

A VONTADE

"Chego agora á parte mais profunda da alma — a vontade, que tem necessidade de exercitar-se. O que falta, não somente aos meninos mas aos pais (e não ouso dizer tambem ás mães) é a vontade. Cada um pode ter espirito, qualidade, posição, dinheiro; mas, se lhe falta esta força, esta móla interior que por toda a parte imprime o movimento, nada fará; nada conseguirá; e sobretudo — não logrará jamais ser feliz.

"O exercicio da vontade é um dos maiores gozos da vida.

ALTRUISMO

"Não é tudo ainda. Ha em nós, por detras da vontade, um poder mais intimo, mais forte; um poder mágico — é a afeição, o amor. O Amor! Eis a força que é necessario exercer sem cessar. Meus amigos, si quereis ser felizes, ocupai-vos tambem da felicidade dos outros".

FESTAS CIVICAS

Como natural complemento da formação do cidadão, cuidou assiduamente Abilio da educação civica, em festividades nos dias feriados, sobretudo

em 2 de Julho e Sete de Setembro, quando os alunos recitavam poesias ou discursos. Eram os celebres outeiros em que se revelavam os grandes talentos daquela época, sobretudo Castro Alves e Ruy Barbosa. Nesse trabalho auxiliavam-no poderosamente Satyro Dias e João Florencio. Discursos para os alunos fazia-os Satyro; poesias, entre elas a em que um aluno do Ginasio Baiano saudou a Princeza Januaria, traçava-as a alma poética de cenobita de João Florencio.

Abilio considerava as festividades pomposas um poderoso elemento de educação. Não sei se tinha razão. O certo é que nunca deixou passar festa nacional sem brilhantes exibições de talento de seus alunos, aproveitando-os para judiciosas lições de amor á patria que tão dignamente serviu.

Estando em Paris em 7 de Agosto de 1866, escrevia ao dr. Carneiro Ribeiro, queixando-se da frieza em que passára, naquele ano, o 2 de Julho, ao Ginásio Baiano: "Alguma coisa se devia ter feito, por pouco que fosse; mesmo dentro de casa e com pouca gente, se a chuva o não consentisse fóra!... Pois é possivel que nem um grão de incenso se queimasse aí nesse patriótico Ginásio, no Altar da Patria em seu dia por excelencia?"

Vê-se a sinceridade de suas expressões e o seu entusiasmo civico.

CAPÍTULO VIII

LIVROS E MATERIAL ESCOLAR

COMPENDIOS

Nos varios parágrafos deste esboço estudamos alguns compendios de Abilio. Enumerados-emos na ordem cronológica das edições. Todos êles lhe demonstram a clarividencia de pedagogo.

As bibliografias divergem, neste ponto, de uma indicação deixada por Abilio no prefacio da 6.ª edição do "Resumo da Gramática Portuguêsa". Aqui escrevia em 1877: "Quando ha cerca de doze anos publiquei a primeira edição do meu "Epítome de Gramática Portuguesa"... Entretanto o Dicionario Bibliográfico Português e o de Sacramento Blake como Leri Santos, dão a data de 1860 para o "Epítome".

Preferimos conservar a ordem das bibliografias anteriores, aguardando mais lazer para retificá-las, se preciso e possivel.

Tambem não cabe nas proporções já excessivas deste esboço a análise demorada dos trabalhos do pedagogo.

Todos foram os melhores no gênero, ao surgirem á luz da publicidade: alguns ainda hoje levam a palma na bem áspera concorrencia dos livros escolares.

A está mais um mérito a evidenciar-se. Abilio foi o mestre mais completo neste país: escolheu, modificou e reformou os métodos, aspirando atingir á perfeição; fez os compendios mais perfeitos da sua época.

O mestre é muito; o método é quasi tudo; o bom compendio é tudo. Por este, o discipulo se exercita sozinho, adolescente ou adulto, e, não raro, o menino. A ação pessoal do mestre é limitada ao circulo dos seus alumnos. O bom compendio tem uma esfera de influencia ilimitada.

Maior ainda é o seu poder quando a generosidade do autor o vai levar ás nobres alfetas próximas ou remotas. Foi foi o ideal de Abilio e tal o seu amor á Patria, que, segundo um biógrafo, cerca de 400.000 volumes das suas obras didáticas se distribuiram gratuitamente por todas as provincias.

LACUNA DE NOSSA CULTURA: FACULDADE DE FILOSOFIA E FILOLOGIA

Foram seus compendios preparados com paciencia e modificados lentamente, conforme a evolução natural de um espirito que se educara para a medicina e não para a pedagogia.

Falha notavel de nossa cultura, é essa de inexistencia até hoje de uma faculdade de filosofia e filologia, onde se cultivem os especialistas da educação. Como todos os educadores brasileiros, Abilio foi um autodidata. Seguiu a inspiração de sua alma, mas não fez a sua educação profissional. Daí algumas contradições profundas que êle confessou nobremente, como se deu, de chofre, no transcendente problema moral dos premios escolares. Tambem houve naturais alterações nos compendios, que se transformaram em edições sucessivas, correspondendo sempre a necessarios progressos ditados pela experiencia do educador.

Vejamos:

1.º — *Epitome da Grammatica Portugueza*, 1880 — Era um trabalho elementar e muito intuitivo, que o autor modificou, dando-lhe maior desenvolvimento, em 1877, quando, na 6.ª edição, o intitulou *Resumo da Grammatica Portugueza*. O parecer do Conselho Superior de Instrução Pública da Bahia, sendo relator o dr. Joaquim José da Palma, professor e diretor da Escola Normal, assim se expressou: "E' sem dúvida, senhores, uma bôa gramática elementar a que submetemos á nossa apreciação e não receio asseverar que é superior a todas que atualmente exibem, não só porque contem resumidamente muitas teorias e regras que se encontram em gramáticas de autores diversos, como pela clareza e método

com que são expostas; nessa gramática acha abundantemente o mestre quanto é preciso ao ensino de seus discipulos.

ENSINO DE LINGUA SEM LIVRO DE GRAMATICA

Não sei de outra Gramática mais propria ao espirito das crianças. Estava no pensamento de Abilio que se deve transmitir o conhecimento de suas regras sem livro e assim o fez por muitos anos. Mas, escrevendo um livro de gramática a ser usado pelos discipulos, êle compreendeu que todas as inovações são perigosas.

Toda gramática nova para ser bôa deve ser mais intuitiva. As que surgem, porém, são recheiadas de formas gregas, que faz pena obrigar os pobres meninos ao seu manuseio. A de Abilio, porém, é agradavel pela divisão, pela clareza, pela exemplificação. Mas, escrever livros para crianças não é missão de qualquer. Abilio sabia escrevê-los. Basta ler o prólogo da obra primitiva, que alcançamos conhecer na segunda edição de 1872, sob o título *Resumo da Gramática Portugueza para uso do Colégio Abilio*. Rara como é a obra, justo parece aqui fique parte do prólogo assinado em Setembro de 1871, muito diverso do de Janeiro de 1877, que se encontra nas edições modernas.

A MENOR GRAMÁTICA

"Foi este resumo ou gramática portugueza expressamente compilado para os alunos do Ginasio Baiano, passando depois de alguns reparos e modificações, a ser adotado no Colégio Abilio.

"E' talvez a menor gramática elementar que existe em lingua portugueza; mas encerra o essencial para o ensino prático, qual convem ás primeiras idades; ficando o mestre, que sem cessar tudo minuciosamente explicará, e com os discipulos discutirá, fazendo oralmente os necessarios desenvolvimentos até certificar-se de pelo menos haver sido bem comprendido.

"Para que cheguem os meninos a aprender satisfatoriamente a gramática em suas diversas partes, nada precisam de estudar de cór, á exceção dos verbos; as análises etimológicas e lógicas, essas ensinam-se muito bem pelos exercicios práticos, o professor analisando com os discipulos alguns trechos da lição de leitura do dia, mesmo durante a aula.

"Em verdade, por sobre ser trabalho vão, totalmente vão, porque da lembrança brevemente se esvece aquilo que tem o concurso da inteligência, á memória se confia, maior tortura não ha para a alma do que decorar um acervo de palavras, cujo sentido lhe é estranho. Certo, póde um menino dar de cór qualquer gramática por mais longa que seja; mas, chegado ao termo da pensa e material fadiga

nada saberá, além do que lhe houver o mestre explicado repetidas vezes no correr da aula".

Não convem confundir esta obra que, segundo o prefacio da sexta edição, foi originariamente publicado cerca de 1865, sob o titulo de Epitome da Gramática Portugueza, com trabalho congênere recenseado pelo Dicionário Bibliográfico Brasileiro, que dá noticia de Manuel Domingues de Carvalho, natural da Bahia, autor dos *Elementos de Grammatica* para uso dos alunos do Ginásio Baiano, 1863, 46 páginas in 8.

2.º — *Epitome da Grammatica Franceza*, 1860; *Método de Ahn* para o ensino prático e facil da Lingua Franceza, 1870. *Novo Método para o ensino prático e facil da Língua Franceza nas escolas de 6 a 11 anos*, por C. Groeser, segundo os principios do professor F. Ahn. Tradução do inglês em 1872.

Os métodos hoje universais no ensino das linguas vivas são Berlitz e Ahn. A reunião dos dois é o ideal, que os novos compêndios procuram realizar.

O METODO DE AHN E A VITORIA ALEMA DE 1871

O método de Ahn, publicado na Alemanha em 1854, constituiu um grande passo na formação do Império, e Abilio Borges o recorda, quando affirma: "E' em virtude deste método que os alemães quasi todos falam o francês; e devido a esta circumstancia é que tamanha foi a sua vitoria contra Napoleão Terceiro".

Foi Abilio o introdutor do método de Ahn no Brasil, começando a applicá-lo no Ginásio Baiano.

Duas são as obras que figuram com sua responsabilidade. O método de Ahn de 1869 ou 1870 e o metodo de Groeser de 1872. O primeiro desses trabalhos é do autoria de H. Burchhart, professor das filhas de Abilio, havendo tido três edições que este procurava sempre corrigir. Foi por seu conselho e incentivo que a obra se publicou.

O segundo, cuja primeira edição data de 1872, é tradução do "Novo Método de ensinar a Lingua Inglesa", permanecendo o original francês e passando ao português o texto inglês.

Conseguimos a terceira edição do "*Epitome da Gramática Franceza*" para uso dos alunos do Colégio Abilio — 1872.

O prólogo, datado de Novembro de 1817, merece ser lembrado, pois é mais uma lição aos professores prebenetosos: "Muito volumosas sendo em geral as gramáticas pelas quais entre nós se ensina a lingua franceza, algumas até em dois volumes, contendo escusadas minuciosidades e explanações filológicas e filosóficas, as quais podem apenas interessar aos mestres, não causando aos discipulos senão desalinho ou tédio, o que as torna de todo improprias para os principiantes, resolvi, logo que fundei

o Gimásio Baiano, compilar este epitome, que, naquele estabelecimento por longos anos empreguei com proveito, e de que ora para uso do Colégio Abilio dou nova edição um pouco melhorada.

"Como notarão os senhores professores que por este epitome correm os olhos, busquei descarregá-lo de tudo quanto, aumentando-lhe o volume, não aproveitaria aos discipulos; e tambem das dificuldades que aos mestres cabe ensinar explicando e não aos discipulos aprender, lendo e decorando.

4.º — *Epitome de Geografia Fisica*, para uso do Ginásio Baiano 1863. Abilio considerou, com razão, que a inteligencia infantil recebe com extrema facilidade os conhecimentos descritivos e que os conhecimentos fornecidos pela geografia fisica dizendo mais com a memoria, são muito proprios às crianças mais tenras. Realmente com o auxilio dos mapas, sobretudo dos mapas mudos, é admiravel o progresso dos meninos neste ramo de geografia. Esta, desde o Ginásio Baiano, precedia, ao lado do francês e do inglês, o classico e autoritario latim, pedra angular da pedagogia anterior a Abilio.

5.º e 6.º — *Primeiro e Segundo Livros de Leitura* 1886. Os livros de eitura na escola são a pedra de toque de toda a organização pedagógica. Americanos, escandinavos, anglo-saxões, leram o segredo da alma da criança e foram os mestres da difícil arte de realizar o livro escolar. Abilio Borges o

reconheceu. Fez o melhor que pode nos dois primeiros livros que ofereceu á infancia.

O primeiro Livro de Leitura representa um grande progresso, num país onde as crianças aprendiam nas Cartas de A B C ou, pior ainda, nos fatos amarelados dos cartorios. O autor acompanhou-o de excelente prólogo em que desenvolveu o melhor método de ensino de leitura.

Aconselhou a soletração curricular antes da leitura, num período aproximado de quatro semanas, em que as crianças se habituariam á escola.

Condenou a soletração de silabas soltas sem significação, salientando que nos países da Europa e nos Estados Unidos já se não usava o soletreio pelos professores de mais talento. Assim no prólogo do Primeiro Livro salientou a importancia do ensino metódico do cálculo, partindo-se do concreto para o abstrato, idéias que desenvolveria detidamente em 1883.

O *Segundo Livro* é a mais perfeita composição do gênero até a sua época, e ainda hoje excedido em naturalidade e equilibrio de idéias por poucíssimos.

COOPERAÇÃO DO ALUNO NA FEITURA DO LIVRO

Na organização do Segundo Livro, Abilio reunia os alunos mais moços e lia-lhes os capitulos que ia preparando. Quando a expressão fisionômica

das crianças lhe indicava a compreensão do assunto e algum prazer, conforme o objetivo do capítulo, este se considerava bom. Em caso contrário, era modificado, inutilizado ou totalmente refundido.

Eis o verdadeiro pedagogo. A inteligência da criança não recebe o que lhe impomos; ela é que nos dirige. O engenheiro ao construir os portos obedece às condições das correntes marítimas que os visitem.

Além dos contos originais que ornam o volume do Segundo Livro, acham-se adaptações de contos de livros americanos e ingleses.

Mas qual não é a dificuldade de traduzir em língua de criança? E foram tão bôas as traduções e adaptações que elas perduram ainda na memória de muitos. Miguelzinho, Jorge, Virgínia, Pedro e Joaquim são a delícia das crianças, a quem hoje os pais não se lembram de dar tais velharias incontestavelmente superiores ao cinema, que estraga a vista, perturba o entendimento e corrompe a moral dos pequeninos.

7.º — O *Terceiro Livro* (Bruxelas, 1871) foi na sua edição primitiva, um tanto pesado para as crianças. Havia um salto entre os dois componentes da série.

Era, na primeira edição, uma bôa enciclopedia popular, incluindo a constituição do Império, Geografia e História do Brasil, artigos de higiene, in-

dustria, agricultura. Mas as Cartas do Padre Antonio Vieira e Cartas e Exemplos de Frei Luiz de Sousa eram demais para a capacidade intelectual do povo, não precisando falar das crianças. Vinham também discursos pronunciados na abertura das aulas em festividades do Ginásio Baiano por D. Antonio Macedo Costa, dr. Luiz Alvares dos Santos e dr. Satyro de Oliveira Dias.

As novas edições, libertadas dos trechos clássicos, tornaram melhor o "Terceiro Livro". Como quer que seja, ao surgir, em 1871, constituiu um progresso notavel na literatura escolar do país.

Na introdução que acompanha este compendio, como nas do Primeiro e do Segundo Livro, Abilio expos meticulosamente os seus métodos e ainda hoje nêles muitos se tem que aprender. Especialmente na introdução de 1871 ao Terceiro Livro, estudou os problemas do ensino da leitura e da escrita, da divisão do ensino, por meio de compendios apropriados, se se quisesse formar a democracia brasileira.

Em 1871, traçou um completo programa de educação popular que ainda hoje espera solução. Ler a introdução ao Terceiro Livro é facil a todos, pois a obra não é rara.

8.º — *Os Lusiadas*. Edição em que se acham suprêssas as estancias que não devem ser lidas por meninos, 1879. No prefacio desse trabalho, a que já nos referimos, reune Abilio todos os documentos

de sua campanha pela instituição do curso de português e pela elevação dos estudos de nossa lingua harmoniosa. Acompanha o interessante poema um dicionario abreviado de nomes proprios: históricos, geográficos e mitológicos.

9.º — *Pequeno Tratado de Leitura em voz alta*, por Ernesto Legouvé, traduzido pelo dr. Abilio César Borges. Para uso da mocidade brasileira e de todos aqueles que teem de ler ou de falar em público, 1879.

Abilio deu sempre a máxima importancia á leitura. Já o vimos ao que tange ao português e ás línguas estrangeiras. E tem razão: Ler bem é entender e vice-versa.

Deve além disso grande importancia aos exercicios da declamação, que hoje tanto merecem em todos os países.

Resolveu por isso traduzir do francês a obra de Ernesto Legouvé cujas idéias Abilio havia já enunciado na introdução do seu Terceiro Livro, em 1871, havendo-as adquirido na prática do ensino da leitura.

Fôra nesse exercicio que Abilio criara os grandes oradores que se ergueram no Ginásio Baiano. E' este um dos maiores padrões da sua gloria. Do seu prefácio de tradutor, vêsse a formação do mestre autodidata, o desabrochamento de uma atividade consciente e conscienciosamente orientada.

AUTODIDATA

"Quantas vezes, sozinho em meu gabinete, me não punha eu a repetir dez e mais vezes, em voz alta, pedaços de verso e também de prosa, dando ouvido alerto ás inflexões e entoações da minha propria voz, afim de corrigi-las e modifica-las até me sentir satisfeito da minha lição, fazendo a um tempo de leitor e de juiz de minha leitura!

"E quantas vezes não mereci de minha senhora o qualificativo de maluco, quando me ela surpreendia no solipsismo daqueles estudos de dicção, os quais na verdade tinham seu tanto de cômico!

"Convenci-me então de que a leitura em voz alta não era uma coisa facil, como a principio me parecia, e de que, para se chegar a ler bem, necessario é um estudo particular de dicção, por falta do qual tão raros são os bons leitores e os bons oradores.

"Foi naqueles meus serios estudos pessoais, e nos exercicios práticos com os meus discipulos, que descobri aquelas regras para ler bem, as quais compendiei no citado artigo do meu terceiro livro de leitura; regras que, cheio de satisfação, vim agora encontrar sabiamente desenvolvidas no pequeno tratado do eminente professor E. Legouvé, que, posto em vulgar, ofereço á mocidade brasileira.

"Não houvesse aquele meu livro precedido de tantos anos o do provêto e sabio professor francês, que a elle seria talvez attribuida a paternidade das leis fundamentaes da leitura em voz alta, proclamadas por mim em 1860.

A obra de Legouvé é incontestavelmente preciosa. Tem indicações acerca da respiração e da pontuação; firma a técnica da arte de ler; mostra o valor crítico da bôa leitura, a importancia da bôa pontuação; discute tambem o problema da gagueira.

Aqui Abilio apresenta interessante nota sobre um aluno do Ginasio de 1850 a 1854, que, entrando gago, conseguiu recitar da tribuna episodios inteiros de Camões lidos ou de côr, sem titubear ou gaguejar e, mal descia, logo passava a ser invencivelmente gago, na conversação ordinaria.

10.º — *Desenho linear e Geometria Prática Popular*, 1876. Deste compêndio e das idéias do autor sobre a consideravel importancia do desenho já falamos anteriormente. Aqui é justo ajuntar que o pedagogo, no prefacio do trabalho, condena "a copia maquinal dos modelos", aconselhando a sua substituição por "uma copia intelligente que leve, pouco a pouco, o discípulo a exprimir as suas proprias idéias".

"Nas escolas primarias não se deve pensar em formar artistas nem industriaes, assim como não se

trata de formar nas mesmas caligrafos, literatos e sábios: porem do mesmo modo que se ensinam os elementos do calculo, (sem comparação mais difícil), de par com a leitura e com a escrita, quizérsmos tambem que nas mesmas se ensinasse a ler um desenho, isto é, a comprehender o sentido dos caracteres figurativos de que o mesmo se compõe, e a escrevê-lo, isto é, a reproduzir por si próprios esses mesmos caracteres reunidos diversamente para exprimir um objéto, como escrevem uma palavra por meio das letras do alfabeto.

"O melhor processo que se pode empregar para interessar promptamente, não um somente, porem todos os discípulos de uma classe consiste em se executar em grande, no quadro preto, os traços das figuras, de sorte que aquelles que devem fazê-las depois, vejam-nas traçar previamente pelos mestres. Chegam assim os discípulos com pouca fadiga, e quasi sem perceberem o caminho percorrido, a receber pelos olhos e pelos ouvidos, as lições que lhes forem dadas pela imagem e pela palavra".

Esta obra é de 1878. Já em 1860 havia um trabalho do mesmo gênero pelo Engenheiro Manuel da Silva Pereira, de que dão noticias os Dicionarios Bibliográficos Português (vol. oitavo) e o Brasileiro, de Sacramento Blake.

11.º — *Novo Primeiro Livro de Leitura — Leitura Universal* — 1888. E' o derradeiro esforço do

patriarca em pról da difusão do ensino. Após o seu exercício pessoal em múltiplas escolas gratuitas para o povo e para os soldados, condensou em pequeno volume o seu novo método. Em 6 de silicação executado com engenho e propagado com devotamento. Mais adiante nos referiremos a este livrinho.

12.º — *Cantos — Ensino da Música nas Escolas, Colégios e Familias* — 1888. Coleção de Cantos em português, francês, inglês e alemão, precedidos de muitas lições de solfejo.

IMPORTANCIA DA MUSICA

Desde o seu relatorio de 1856, dizia Abilio: "A música é uma poderosa alavanca de civilização: — deve portanto ser muito protegida e generalizada". "O povo mais amavel e mais hospitaleiro que ha no interior de nossas provincias é o de Villa de Barra; tambem é ali onde mais se cultiva a música".

13.º — *Quarto Livro de Leitura*, com a colaboração do dr. Joaquim Abilio Borges. Em Setembro de 1890, estava terminado êsse ultimo trabalho do denodado batalhador. Apesar de ser o Quarto Livro, foi mais suave que o Terceiro na 1.ª edição. Continuando no plano iniciado de transmitir conhecimentos scientificos e literários alternativamente,

deu á publicidade uma pequena enciclopedia em que já se encontram os primeiros elementos de filosofia que o povo precisa adquirir.

REPUBLICA E ANALFABETISMO

A publicação desta obra é em plena república. No seu prólogo teve Abilio ocasião de referir-se ás Introducções ao Terceiro Livro e á Leitura Universal, em que mostrara os perigos da liberdade sem instrução e educação e concluia:

"Veiu, porem, a república mais asinha do que eu e todos calculávamos, e colheu o povo brasileiro ainda analfabeto pela maior parte.

"Para que todos os brasileiros saibam ler, tenho consciencia de haver trabalhado sem cessar ha perto de 40 annos, quer ensinando, quer publicando livros elementares, e distribuindo-os gratuitamente ás centenas de milhares por todos os cantos do Brasil.

NÃO BASTA LER

Mas não é só de ler que precisam os brasileiros: precisam tambem de instruir-se. Esforcemo-nos todos os que podemos para elevar o nivel da instrução popular; esforce-se cada brasileiro para elevar-se acima do nivel intelectual comum. Essa emulação salutar será a condição principal do pro-

gresso moral e econômico do jovem República Brasileira, e portanto da sua grandeza e do seu poder".

14.º — *Quinto Livro de Leitura* — Prometido aos jovens brasileiros em Setembro de 1890, consta de varios capitulos de ciência e de literatura, que já não fizeram parte do Quarto Livro para evitar ficasse um volume de proporções incompativeis com o uso manual. Foi tambem êsse livro feito em colaboração com o dr. Joaquim Abilio Borges.

Além dos compendios de sua autoria, deve-lhe a literatura escolar de nossa Patria os que vieram á luz ao influxo do seu entusiasmo renovador. Da tradução interlinear do inglês pelo dr. Luiz Garcez da Silva Lobo, do Resumo da Gramática Inglesa de Murray, da Geografia Astronômica do Major de Engenheiros Manoel da Silva Pereira, todos em via de impressão, dá-nos noticia o seu discurso de abertura das aulas do 3.º ano letivo, a 3 de Fevereiro de 1860.

Entre estes salientam-se os Elementos de Geografia Astronômica do Major de Engenheiros Manoel da Silva Pereira (1860). O titulo da obra obedeceu ao uso admitido, observando o autor a sua impropriedade e lembrando que melhor fôra denomina-lo "Noções de Astronomia".

Desenvolve largamente a materia o compendio, que é talvez o primeiro no gênero, no Brasil, até sua época. O autor dedicou-a a Abilio, em carta que adorna as primeiras paginas: "Illmo. Sr. Dr. Abilio

Cesar Borges. O reconhecido zelo e incansavel desvelo com que V. S. cura da educação da mocidade brasileira, regenerando-a do arbitrio da fereza e do barbarismo de castigos atrozes, que inda hoje, mal pecado, entre nós existem para suprir a incapacidade intelectual dos que se apregoam professores ou mestres, sendo um relativissimo serviço prestado á Patria, que algum dia encontrará nessa mocidade esperançosa, cheia de talento, rica de ilustração, repleta de moralidade, arrimo e sustentáculo do seu futuro engrandecimento, de sua gloria imortal, levaram-me tambem a mim, como átomo entre as notabilidades científicas de minha terra natal, a Baía, a meter ombros em tão honrosa e nobre empreza com a composição dos presentes — Elementos de Geografia Astronômica, (cooperando dest'arte para que V. S. leve ao cabo seus louvaveis, regeneradores e patrióticos desejos) que tomo a liberdade de oferecer e dedicar a V. S. para uso dos alunos do Ginásio Baiano de que é V. S. muito digno Diretor.

"Oxalá digne-se V. S. aceitar a minha humilde e pobre oferenda".

Do mesmo autor regista o Dicionario Bibliográfico Brasileiro de Sacramento Blake — "*Noções de Geometria para compreensão do desenho Basic*; compendio apropriado ás aulas primarias, especialmente oferecido ao Illmo. Sr. Dr. Abilio Cesar Borges".

Tambem veiu á luz por sua influencia o livrinho — "*Noções de Aritmética e do Sistema Métrico Decimal*" para uso das Escolas, por Manoel Rodrigues da Costa, Professor do Imperial Colégio Pedro II, formado pela Escola Normal da Provincia da Baía, professor público da mesma provincia e no Ginásio Baiano e no Colégio Abilio. Compendio composto por insinuação e sob as vistas do Exmo. Sr. Comendador Dr. A. C. B. e mandado imprimir pelo mesmo para fazer parte da sua coleção de "livros escolares".

Nas palavras sobre a 3.ª edição, diz o autor: "Quando publiquei a 1.ª edição das presentes *noções de aritmética*, tive em vista dois fins: 1.º satisfazer uma exigencia d'aula que então regia no Colegio Abilio, 2.º tornar conhecidas as taboas de combinação dos numeros simples do distinto engenheiro Manoel da Silva Pereira, as quais tanto facilitam o ensino dos elementos do cálculo.

"Honrado pela escolha do Governo Imperial, para reger a cadeira do 1.º ano do Externato do Imperial Colegio Pedro II, eu tive a satisfação de ver meu pequeno compendio adotado para a aula que me foi confiada; e, então já exgotada a primeira edição, reformei-o consideravelmente e dei á publicidade a segunda.

"O incansavel educador brasileiro, o Snr. Dr. Abilio Cesar Borges, em seu empenho incessante de espalhar pelo país livros didáticos, que á soma de

conhecimentos uteis reunam a clareza do estilo e a simplicidade do método, fez escolha de meu livrinho para completar sua coleção de compendios elementares".

APARELHOS ESCOLARES

Compreendeu Abilio que o ensino só tem função educadora quando desenvolve a capacidade de observação dos meninos, e que sem material não é possivel evitar-se o estudo abstrato e esteril que gera a verbosidade e leviandade de raciocinio.

Tambem encareceu, com justiça, a função da aritmética e da geometria, infelizmente ainda entre nós inutil, senão nociva á formação da inteligencia e do caracter.

Na conferencia de 28 de Outubro de 1883, no salão de honra da Exposição Pedagógica, estudou Aritmômetro Fracionario de sua invenção e descreveu o "aparelho escolar múltiplo", parcialmente adatado, tambem em parte original.

DEFEITOS DO ENSINO DE ARITMETICA

Apresentou algumas observações que ainda são perfeitamente justas: "Não ha quem desconheça a imperfeição com que em geral é dada a instrução primaria em nossas escolas, que infelizmente se distinguem pela ausencia de método no ensino das

diversas disciplinas... mais sensível e mais dansosa em relação ao ensino da aritmética.

"D'aí provem esta desidia d'alma; — êsse infeliz hábito, que logo adquirem os meninos de tudo aprenderem sem intervenção da consciência. — D'aí a irreflexão e a leviandade que os acompanham muitas vezes na continuação dos seus estudos e mesmo por toda a vida...

"É preciso que todos se convençam de que só o verdadeiro ensino do cálculo e da geometria podem criar nos meninos o hábito de pensar e de refletir antes de falar; — hábito precioso para ativar o espírito, desenvolver a razão e facilitar a aquisição dos conhecimentos".

Estuda a pedagogia o verdadeiro método de ensino e do cálculo partindo dos objetos materiais para subir ao número abstrato; lembra a grande dificuldade que tem os meninos de aprender as frações; combate o sistema de regras que os alunos aplicam mecanicamente; evidencia o gôsto que tem os meninos pelo cálculo bem orientado, quando a abundancia e variedade dos exemplos os levam a induzir intuitivamente a regra a seguir, sem todavia pronunciá-la.

MÉTODO ANALÍTICO DE RACIOCÍNIO ARITMÉTICO

Lembra que o sistema analítico é o que concorre para o desenvolvimento do raciocínio.

Para conseguir-se êxito no ensino do cálculo devem ser usados nas operações números pequenos, cujo valor os meninos possam conceber e, só depois de demorados e repetidos exercícios, se passará para números mais extensos. O estudo quasi automático das tabuadas, que nas vilas e lugarejos do sertão ainda quebram a quietude rural com o monótono cantar da criançada, mereceu a crítica justa do pedagogo: "Ainda bem não sabem os meninos distinguir os algarismos uns dos outros, metem logo em suas mãos as célebres tabuadas, e mandam-lhes que as decorem, casa por casa, sem a mínima intervenção da inteligencia e de conhecela portanto. Quantos meses não levam os pobres meninos a decorar e argumentar tabuadas com os curiosíssimos nove fóra, abstratamente, sem nenhuma aplicação prática, e portanto sem a mínima vantagem para sua instrução? São na verdade curiosíssimas as perguntas capciosas, que nas nossas escolas em geral, se fazem aos meninos em argumentação de tabuadas, perguntas a que entretanto respondem com pasmosa prontidão — sem trabear. Esta por exemplo: 7 vezes 7, nove fóra, vezes 8...?

"E não é acaso por isso, senhores, que em geral, os nossos academicos, os nossos homens de letras, os nossos magistrados e homens políticos de todas as categorias, desde os senadores do Império até os funcionarios de menos elevada jerarquia, tão pouco sabem da aritmética?"

Outra grande dificuldade do ensino da aritmética está nas frações ordinarias. Quer ordinarias, quer decimais, muito comum é encontrar-se um cavalheiro instruido que delas não faz idéia perfeita. Confunde um quinto e cinco por cento é coisa de toda hora.

ARITMÔMETRO FRACIONARIO

Para solucionar o problema do ensino das frações descobriu Abílio o Aritmômetro Fracionario, sobre o qual se expressou: "A minha constante e longa observação das dificuldades com que lutam os meninos no estudo do cálculo, principalmente tratando-se dos quebrados e frações, levaram-me a reflexões, que deram em resultado o invento do meu fracionario que tendes diante de vós, e cujo emprego vim explicar-vos. Foi em 1872 que, estando a assistir no Colegio Abílio a uma aula superior de aritmética, justamente quando versava a lição sobre frações, e vendo quão pouco compreendiam os alunos das operações respectivas, praticadas em abstratos, — surgiu em meu espírito a idéia do fracionário, que mandei logo fabricar.

"Guiaram-me no seu descobrimento os seguintes princípios: 1.º As primeiras lições de frações devem ser sempre e exclusivamente orais; nada absolutamente de livros. 2.º Devem ser dadas com objetos visíveis e tangíveis; como as lições sobre

inteiros; e com maioria de razão. 3.º Deve-se começar por dar aos meninos a idéia exata das frações, para passar depois á expressão da mesma idéia. 4.º Não se devem começar os exercícios escritos, senão depois de perfeitamente compreendidos os exercícios em concreto no fracionário. 5.º Só depois de perfeitamente familiarizados os meninos com as operações mais simples concretamente, deve-se passar ás abstratas e mais complicadas".

SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO

O traço mais saliente da vida de Abílio Borges é o interesse real que êle sempre manifestou por suavisar o trabalho intelectual das crianças.

Não se limitou a ensinar.

Fez adaptações e inventou aparelhos escolares.

A descrição do seu aparelho escolar múltiplo seguiu-se ás observações acima resumidas.

Reunião do contador do Froebel, dos ábacos e do aritmômetro fracionario, possue ainda o aparelho quadros negros, pauta musical, fábulas para impressão escolar, não só de letras como de sinais aritméticos, contador vértico-horizontal, sólidos geométricos para o ensino da superficie e do volume, porta-mapas, frações sólidas e aparelho cromático.

Vê-se o cuidado de reunir em um só aparelho varios outros afim de metodizar o serviço, poupar

aos alunos e aos mestres os esforços de acomodação constantemente renovados.

Abilio introduziu no país vários instrumentos de ensino elementar e secundário, organizou e adquiriu galerias de física e história natural, que não foram excedidos no ensino particular do país e que serviu poucos estabelecimentos públicos igualaram.

Além do Telurio, do Planetario, dos globos concentricos, celestes e terrestre de Williamson, do indicador celeste de Bryant e outros, que possuia o seu afamado colegio, trouxe pela primeira vez ao Brasil os globos de horas relativas de Juvet, muito importante para a solução de problemas de longitude e dos horarios, o globo de Perce, o Telurio de Mac-Vicar, unico no país em 1884.

Mapas de varios fabricantes, lanternas de projeções, esqueletos, abundante material de desenho, carta-cromo litográfica simultânea de Adam, retratos: tudo que podia auxiliar o estudo da Geografia, da Historia Natural, da Geometria, da Historia Universal, possuiu o Colegio que veio a funcionar até o ano de 1911.

DISCURSOS, CONFERENCIAS E MEMORIAS

Além dos compendios, escreveu Abilio conferencias e discursos, pronunciados em varios momentos importantes da sua frutuosa vida de propagandista dos novos métodos de educação. Fizemos referencias a todos êles no desenvolver do presente esbôço. Aqui relacionaremos os escritos do grande pedagogo, bem assim os que se referem á sua vida.

1.º — *Posição e algumas particularidades hystoricas e descriptivas da Villa de Jaboatão*, 1845. (Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Sacramento Blake).

2.º — *A Pequena Bruxa* por Mme. C. Reybaud — Tradução.

3.º — *Memoria sobre Mineração na Provincia da Bahia*, de 1836 e 1846.

4.º — *Proposições sobre ciências medicas*. Tése de doutoramento, 1847.

5.º — *Relatorio sobre a Instrução Pública da Bahia*, apresentado ao Presidente Alvaro Tiberio Monteiro Lima, 1856.

6.º — *Relatorio sobre a Instrução Pública da Bahia*, apresentado ao Presidente João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú, 1857.

7.º — *Poesias e allocuções recitadas nas sessões em festas litterario-patrioticas havidas no Gymnasio Bahiano, a dois de Julho e sete de Setembro do corrente anno*. Bahia, imprensa na Typ. do Diario, Rua das Vassouras n. 13, 1860 — 16.º de 15 pags. Colaboradas por M. O. Mendes de Amorim, J. A. C. Alves, A. A. Milton, Luiz Alvares, Candido

Serafim Alves, Antonio de Castro Alves, Ernesto Carneiro Ribeiro, Antonio Alves de Carvalho, Epiphanio da Silva Pinto, Manoel Dominguez de Carvalho, Constantino do Amaral Tavares, Manoel José de Menezes Prado e Octaviano Xavier Catrim.

8.º — *Poesias offerecidas ao dr. Abilio Cesar Borges*, no dia 9 de Setembro por occasião de festejar no Gymnasio Bahiano seu anniversario natalicio. Bahia, Typ. de Camillo Lelis *Masson* & C., 1860 com 28 páginas.

9.º — *Discurso que por occasião da distribuição de premios do Gymnasio Bahiano a 24 de Novembro de 1867*, proferiu o seu director dr. Abilio Cesar Borges.

10. — *Collecção de discursos proferidos no Gymnasio Bahiano* por seu director dr. Abilio Cesar Borges. Livraria Guillard & C. 1866. Paris.

11. — *Discurso que por occasião da solemnidade do Collegio Abilio*, a 11 de Abril de 1875, proferiu o seu director dr. Abilio Cesar Borges. Rio de Janeiro, Typ. do Globo.

12. — *Discurso e poesias recitadas no Collegio Abilio* por occasião da solemnidade da distribuição dos premios, a 11 de Abril de 1876, Typ. Globo, Rio.

13. — *Biographical Sketch of dr. Abilio Cesar Borges Principal of the Abilio College*, Extracted from de editorials of the South American Mail. Rio, Typ. of the South American Mail, 1878.

14. — *Contemporaneos do Brasil*. Traços biographicos de nossos homens illustres por P. Leri dos Santos. Abilio Cesar Borges com retrato, Rio, 1876.

15. — *Collegio Abilio*. Lista dos alumnos deste Collegio que prestaram exames este anno na Secretaria de Instrucção Pública da Côrte e dos que foram premiados na distribuição de premios havida a 30 de Novembro, Rio. Typ. Pereira Braga & C. 1877.

16. — *Vinte annos de propaganda contra o emprego da palmatoria e outros meios oppostos ao ensino da mocidade*. Fragmentos de varios escritos do dr. Abilio Cesar Borges. Bruxellas. Typ. e Lit. E. Guyot, 1880.

17. — *Educational exhibition of Rio de Janeiro. Lecture delivered in the presence of H. M. the emperor of Brazil, and under the presidency of H. I. the Count D'eu*, in the grand Saloon of the educational Exhibition by Abilio Cesar Borges, Barão de Macahubas, upon the fractional Arithmometre of his invention, and the Key for the use of the same. Rio, 1884.

19. — *Educacionistas notaveis*. O Barão de Macahúbas. Bruxellas, 1884.

20. — *A Lei Nova do Ensino Infantil* pelo Barão de Macahúbas. Bruxellas, 1884.

21. — Catálogo da Secção do Collegio Abilio na Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro. 1883.

22. — *Conferencia que em presença de S. M. o Imperador* e sob a presidencia de sua A. R. Sr. Conde d'Eu, fez em 26 de Setembro de 1883, no salão de honra da Exposição Pedagógica, Joaquim Abilio Borges, bacharel em direito, Diretor do Collegio Abilio na Côrte. Rio, 1883.

23. — *Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro.* Conferencia feita em presença de S. M. o Imperador e sob a presidencia de S. A. Real o sr. Conde d'Eu em 25 de Setembro de 1883 pelo dr. Abilio Cesar Borges, Barão de Macahúbas, acerca do Arithmometro Fraccionario da sua invenção, do aparelho múltiplo do mesmo autor, e da explicação do seu emprego nas escolas primarias. Rio, 1884.

24. — *Conferencia feita pelo Barão de Macahúbas a 7 de Outubro de 1883*, no salão de honra da Exposição Pedagógica sob a presidencia de S. A. Real o Sr. Conde d'Eu e na presença de S. M. o Imperador sobre o ensino moderno do Collegio Abilio. Seguido das opiniões da imprensa e de uma interessantissima carta do eminente pedagogista Dr. H. A. Berta sobre a questão dos premios escolares. Rio, 1884.

25. — *Estatutos do Collegio Abilio de Barbacena*, Minas Geraes — Instrucção primaria e secundaria. Rio, 1884.

26. — *Vinte e dois annos de propaganda em prol da elevação dos estudos no Brasil*, pelo Barão

de Macahúbas (dr. Abilio Cesar Borges). Fragmentos publicados no "Jornal do Comercio" em 1880. Bruxellas, 1884.

27. — *Discripção feita no Congresso Pedagogico internacional de Buenos Aires* em 2 de Maio de 1882 pelo Barão de Macahúbas. Delegado do Imperio do Brasil. Bruxellas, 1884.

28. — *Opinião da Imprensa sobre o collegio Abilio e outros documentos*, 1871-1884. Rio, 1884. Com artigos do "Jornal do Comercio", da Reforma da Instrucção Publica pelo dr. Alambary Luz e J. P.; do "Diario do Rio de Janeiro", da "Revista da Instrucção Publica da Bahia", "Folheim do Diario do Rio", Guimarães Junior, do Globo, do dr. José Maria Garcia; da "Semana Illustrada", do Prof. Hartt, do "Novo Mundo" (biografia do dr. Abilio Borges); do "Cruzeiro", da "Gazeta de Barbacena", do dr. Cesario Alvim, do dr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, do J. Lagoa, do "Editor da Parahyba do Sul", do "Jornal de Noticias", da "A Bahia", do "O Brasil", do "O Mosquetrafe", da "Gazeta da Tarde", do "O Guanabara", do "Diario do Brasil", do "Gremio dos Professores", Pernambuco, da "Gazeta de Noticias" e do "Messager du Brésil".

29. — Felix Ferreira — O Instituto Abilio — Methodo, Colegios e Compendios — Noticias e apreciações — 1885.

a escola antigática... tornou a profissão do mestre mais penosa..., reduzindo-o de amigo e pai à condição de inimigo e algoz".

O presidente de Santa Catarina comunicou-lhe depois que o lei acabava de ser revogada.

Procurou influir por todos os meios na evolução do pensamento nacional, lembrando concursos, abrindo cursos públicos, escrevendo em jornais nos momentos angustiosos da guerra, dando o exemplo de dedicação e desprendimento na organização por sua conta de um batalhão de voluntarios para a campanha do Paraguai, enfileirando-se nas linhas avançadas do abolicionismo.

PREMIO ANUAL DE PORTUGUES

Na sessão de 18 de Novembro de 1877, última que compareceu no Conselho Diretor da Instrucção no Municipio da Côrte, por ter dado, depois, sua demissão, Abilio propoz a criação de um concurso anual em que fossem premiados os jovens que melhores provas dessem de si nas sessões de linguas e de ciencias em que se dividiria o "Concurso Geral dos Estudos preparatorios".

Era um meio de orientar os jovens na especialização dos estudos. Nenhum se poderia inscrever nas duas sessões, nem em mais de uma materia de uma sessão.

CAPITULO IX

AÇÃO EXTRA ESCOLAR

ATITUDES PERANTE O GOVERNO

Não se limitou Abilio à ação direta sobre os seus alunos. Não se reduziu à organização de reformas que foram mais ou menos frustadas, diante da resistencia que nelas ofereceram a mocidade, familias e professores, de reformas justas e capazes de servir á cultura nacional. Entre elas se distinguem a do Visconde de S. Lourenço, e a que organizou, encarregado pela Comissão o nomeado pelo Barão de Mamoré.

Lançou livros e desassombrados protestos quando julgou necessario erguer a voz em beneficio da infancia. De foi a eloquente carta dirigida ao Presidente da Provincia de Santa Catarina, cuja Assembléa promulgara uma lei autorizando o uso da palmatoria nas escolas. Ao mesmo tempo enviou-lhe cem exemplares da coleção de discursos com a ainda: "Tenho fé que a leitura dêsses discursos levará aos encarregados da delicada tarefa de instruir a infancia, a convicção de que além de fazer

Apresentou um regulamento para a efetuação desta idéia, e concluiu instituindo uma renda perpetua de 20$000 anuais, como premio ao mais distinto concorrente á prova de Lingua Portugueza. Seria o premio Abilio, caso o governo imperial decretasse a criação dos Concursos Geraes.

Estes se não realizaram. Mas a idéia nobre ficou, evidenciando ás gerações que o grande educador era um sincero e entusiasta operario da grandeza da Patria.

COMBATE AO ANALFABETISMO

Gesto igualmente nobre foram os cursos publicos pessoalmente por êle dirigidos na Capital do Imperio em 1886, evidenciando a eficacia do método experimentado, que denominou Método Macahúbas e se consubstanciou no "Novo Principio Livro de Leitura" publicado em 1888.

O já Barão de Macahúbas, encanecido e glorioso, aos seus 62 anos de idade, tendo viajado á Europa três vezes, e podendo viver nas comodidades da côrte, dormindo sobre os louros de suas vitorias, ia mais uma vez servir á Patria, combatendo a escravidão da inteligencia.

No Liceu Literario Portuguêz, iniciou Abilio em Junho de 1886 um curso publico em que se propunha eliminar os analfabetos em 15 lições. Ia o ancião dignificar mais uma vez a nobre missão do

ensino primário e exibir as provas da eficacia do novo método. A 14ª lição foi assistida pelo imperador que se manifestou ao terminar plenamente satisfeito. Em Novembro inaugurou lições para as praças analfabetas do primeiro e do decimo batalhões de infantaria.

MÉTODO MACAHUBAS

Baseia-se o método Macahúbas na silabação; cuida de adaptação fisiológica dos orgãos vocais, encaminhando os alunos a assimilar o sentido dos vocábulos ao mesmo tempo que adquirem o som fonetal. "Quem fala, diz Macahúbas, não soletra; logo, quem lê não deve soletrar". Aqui ha modificações no pensar do pedagogo, que preconizára a silabação e soletração na "Lei Nova do Ensino Infantil". Mas êle não quer que se soletrem silabas sem sentido e isso vem desde o Primeiro Livro de 1886.

Ao finalizar esse primeiro esboço da vida do patriarca da educação nacional, fizemos adrede uma alteração em nosso plano e deixamos para aqui as referencias ao "método Macahúbas".

"Facilimo é, dizia em Janeiro de 1888, o grande pedagogo, o ensino da leitura pelo método Macahúbas; pois não demanda nem talento superior, nem instrução especial da parte dos mestres, nem a atenção prolongada dos discipulos; podendo ser

posto em prática por qualquer professor de aldeia, e pelas mães de familia em suas horas vagas. De modo que se, cedo espero, fôr êle empregado em todas as escolas e em todas as familias brasileiras, dentro de poucos anos hão de ser raros os analfabetos no Brasil.

LIBERDADE CIVIL E ESCRAVIDÃO DA IGNORANCIA

"E assim deverá ser para engrandecimento, lustre e honra da patria brasileira. O Brasil, o grande, nobre e generoso Brasil que não tardará a ver todos os seus filhos remidos da escravidão civil, não póde, não deve deixar de completar sua grandiosa obra filantrópica, libertando-os, tambem, a todos, sem excepção, á luz da instrucção, sem a qual o homem não será jamais verdadeiramente livre".

Os dois ideais vinham-no acompanhando desde a mocidade. Como os americanos do norte, êle comprendia, na sua velhice, que libertar um povo sem lhe cultivar a intelligencia, é deixa-lo nas garras da preguiça ou vota-lo á exploração das classes cultas.

Já em sua virilidade, em 4 de Janeiro de 1877, havia dito: "Emancipar um povo, sem o instruir, é colocá-lo de olhos vendados á beira de um precipicio. Dizei-lhe em tal estado que caminhe e grangeie a vida! Nos periodos da inexperiencia primitiva, a

forma absoluta dos governos era um produto do instinto, e nos periodos de emancipação prematura, a mesma força aparece como consequencia da necessidade.

"Chame-se o Estado Republica ou Imperio, chame-se o poder Ditadura ou Monarquia: differem unicamente os nomes, não differem as condições. A verdadeira democracia é portanto só possivel com a verdadeira e geral instrução. Quem sinceramente quizer cimentar e assegurar a liberdade, ha de lhe dar por base a instrução elementar".

ABOLICIONISTA

Era o perfeito abolicionista.

Fôra 1.º Presidente, na Bahia, da Sociedade Libertadora Sete de Setembro, que mantevo o "Abolicionista", o primeiro jornal brasileiro em defesa da abolição dos escravos; foi socio da Anti-Slavery Society de Londres desde 1860, e um dos fundadores da Sociedade Brasileira contra a Escravidão.

Conhecendo quanto cumpria fomentar a agricultura no Brasil, foi um dos fundadores do Asilo Agrícola de Santa Isabel.

PATRIOTA

Abilio Cesar Borges foi tambem um patriota. Quando a guerra convulsionava os pampas e a bandeira da Patria recebia as rajadas da metralha,

organizou o educador uma companhia de Zuavos Baianos, dando á nação uma prova de seu desprendimento. Nas ruas de São Salvador, o patriótico Batalhão, com sua blusa azul e pantalona rubra, e que provavelmente voltou do Paraguai sob o comando de Marcolino José Dias, incitou o entusiasmo dos baianos, partindo para as pampas onde entrou em pesadíssima refrega, sofrendo enorme baixa no seu valoroso pessoal, sobretudo no grande desastre militar de Curupaití.

Tambem do Ginásio Baiano, á inspiração daqueles sentimentos que êle sabia cultivar, deixaram os trabalhos de professores e de estudantes de medicina, os abnegados e patriotas Satyro Dias e Lino de Andrade. Eles voltaram mais tarde, seguindo Satyro a política e Lino passando ao Rio como primeiro cirurgião, para ser depois professor da Escola Militar.

DIGNIDADES

O governo pontifício agraciára Abilio com a comenda de S. Gregorio Magno; o governo Imperial, com o hábito de Cristo e a comenda da Imperial Ordem da Rosa.

Em 1881, já em Barbacena, recebeu a dignidade de Barão de Macahúbas, por decreto de 30 de Julho. Após o brilhante desempenho da delegação que o levou ao Congresso Pedagógico Internacional de

Buenos Aires, conferiu-lhe o decreto de 3 de Junho de 1882, as honras de grandeza.

Grangeára fama inegualavel, vingára as cumieiras da gloria; tornára-se o maior educador do seu paiz.

VELHICE

Sentia alquebrarem-se as forças, resolvendo deixar o retiro da serrania. Era mister recolher-se aos quarteis de inverno da sua velhice gloriosa. Na Côrte do Imperio continuaria a sementeira das idéias.

Foi o momento de saudade e de pezar do povo de Barbacena. A Câmara Municipal da cidade serrana dirige-lhe honrosissimo oficio em que solicita sua permanencia e a do colégio de tantas glorias e tantos beneficios.

"Camara Municipal de Barbacena, 25 de Julho de 1888.

Illmo. e Exmo. Sr.

A Câmara Municipal de Barbacena ao saber que V. Exa. pretende transferir sua residencia e o Colegio Abilio para o Rio de Janeiro resolveu, por sessão de honra e por unanimidade de votos, dirigir-se a V. Exa., manifestando-lhe o pezar que lhe produziu tão desagradavel noticia, tendo-se habituado a ver a pessôa de S. Exa. e em seu conceituado

estabelecimento de instrução verdadeiros elementos de ordem, progresso e prosperidade geral e em particular para este municipio.

Mas a Câmara nutrindo ainda a esperança de que a resolução de V. Exa. não seja irrevogavel resolveu dirigir-se a V. Exa. não só para agradecer-lhe os relevantes serviços em geral á instrução publica e particularmente a esta cidade como tambem apresentar-lhe em nome do Municipio o pedido de continuar a permanecer nêle, mantendo sua residencia e o Colégio Abilio, que tantos serviços tem prestado".

O preclaro Barão não pôde aquiescer. Estava extinto o Colégio Abilio de Barbacena. Sobre o fato lê-se nas colunas do jornal "O Mineiro", em 12 de Agosto de 1888: "Damos aos nossos leitores com profundo pezar a desagradavel noticia da transferencia do Colegio Abilio para a capital... Seu ilustrado diretor Exmo. Sr. Barão de Macahúbas tendo sobre os seus hombros outros encargos relativos á educação da mocidade reconheceu a grande dificuldade de dirigir pessoalmente os seus dois grandes estabelecimentos. O fechamento do Colegio Abilio é incontestavelmente um grande mal para Barbacena que durante quasi oito anos teve a felicidade de conviver com o brasileiro ilustre, justamente considerado como um dos mais conspicuos educacionistas da America do Sul".

Havia soado a hora da liberdade. Os negros não tinham mais senhores. O 13 de Maio fôra o

choque violento nos pilares do trono imperial. Viria bem perto a República.

O povo era o mesmo analfabeto e fraco.

Abilio percebeu a hora do combate decisivo. Nas suas últimas obras deixara bem claro seus presentimentos.

Ia concentrar-se e, ao lado do filho e colaborador devotado, esperar os fortes solavancos que devia sofrer a sociedade.

Recolhe-se ao Colégio Abilio, em Botafogo, d'onde o transferiu para a rua Marquez de Abrantes n. 20.

Aí devia findar a sua missão entre os vivos. Nem tão longa tivera sido a sua existencia. Sessenta e quatro annos.

MORTE

A 17 de Janeiro de 1891 bateu-lhe ás portas a parca insaciavel. Cerraram-lhe as palpebras e esposa e prole enlutadas e o conduziu ao tumulo a multidão dos discipulos. Vitimara-o sincope cardiaca, no Hotel White, á Tijuca. Descançam seus despojos no Cemiterio S. João Batista.

A noticia chegou á Baía a 20 de Janeiro, em lacônicos telegramas, e foi transmitida ao povo em pobre noticiario. Era natural; Abilio não fôra politico. Alem disso, a República não lhe conhecera os serviços. Bem diferentes seriam as homena-

BARÃO DE MACAHUBAS E DOIS NETINHOS

gera si ainda perdurasse o Imperio. Na Baía, "O Pequeno Jornal", de Cezar Zama, que fôra seu discípulo, deu algumas linhas de encômio e gratidão.

O Diretor Geral da Instrução Pública era Satyro Dias. Foi sincera a expressão de sua circular aos professores do Estado:

"Recomendo aos Srs. professores desta capital, que suspendam os trabalhos em suas escolas durante o dia de amanhã, em sinal de pezar pela morte do Barão de Macahubas, o grande mestre e amigo da infancia brasileira, fundador dos novos métodos da educação e ensino no Estado da Baía.

Os Professores do Interior ficam autorizados a fazer igual demonstração á memoria daquele baiano benemérito no dia em que chegar ao seu conhecimento a noticia deste acontecimento lutuoso para a instrução e letras patrias".

Eis o grande cidadão que se debruça da eternidade fitando o presente e recordando o passado. Sobre seu túmulo transcorreu um terço de século. Do seu berço passa o primeiro centenario.

Agora sacodem as gerações contemporaneas o pó do esquecimento e descobrem as obras veneraveis do grande calumniado. Os odios, a inveja, os sentimentos pequeninos que são a partilha deste mundo e que se enviperaram contra êle, nas mais sanhosas diatribes, nos assomos raivoso de um blásfemo,

esquecem o rainhar dos seus latidos, e surge a voz serena dos corações agradecidos, dizendo ao século novo que o "amigo dos meninos" foi o maior educador deste país; que a patria lhe deve os mais assinalados serviços á causa do seu progresso, á sua grandeza econômica.

A pena mergulhada no fel e guiada por triste e deploravel nevrose, levou o talento brilhante de um escritor brasileiro a denegrir a obra pedagógica, o trabalho patriótico, a propria honra do grande educador. Correu veloz êsse livro de maldade.

Ainda vivo, quando veio á luz a sátira cruciante, o patriota deve ter levado ao túmulo a magua profunda que lhe produziu no coração, tanta vileza do antigo aluno que êle distinguira e por quem fizera todo o esforço, no intuito generoso de guiar-lhe para a vida, o espirito anuviado. Este se obumbrou de mais a mais e a vida se lhe fugiu em transe amargo, noite tormentosa desabando de chofre sobre a madrugada.

Passaram-se os anos. O nome de Abílio Cezar Borges vivia cercado da desconfiança dos tímidos e do maldizer dos soilos. Tal é a partilha dos homens que excederam a trivialidade do seu tempo.

Tempos depois, um discípulo glorioso, ás portas da Academia Brasileira de Letras, veio redimir a memoria ultrajada.

Eduardo Ramos, não ha muito falecido, quasi septuagenario, crepúsculo da tarde prolongado até

a aurora da imortalidade, inimigo dos internatos, que responsabiliza por todas as deformações morais e físicas da juventude, e considera entre as organizações indirigíveis, por maiores que sejam as capacidades dos diretores, revidou o golpe traiçoeiro de Raul Pompéia nestas palavras que lhe traduzem a sinceridade e o amor á justiça.

"Perlustrei a narração com a curiosidade de uma testemunha que poderia dar o seu depoimento sereno, entre um acusador e um acusado, já mortos...

"Pois bem: o desabono assacado naquela obra é amargamente injusto... O lavor literario, com suas desigualdades, ficará como a expressão de um raro engenho, que não viveu bastante para arrebatar das mãos do pálio o resinoso fogarão acendido para iluminar o seu renome. Dr. Abilio (pai), o educador de duas gerações, é exposto por Pompéia como um charlatão ignobil, cuja cupidez se emplumou na cortezania para explorar a mocidade no mercantilismo da educação, em um tráfico cínico de 40 anos...

"Erro de biógrafo, e erro de sociólogo. Erro clamoroso de biógrafo, porque o dr. Abilio Cesar Borges foi o renovador da educação coletiva no Brasil.

"Não ha talvez nas instituições pedagógicas atuais uma só que êle deixasse de entrever e praticar, ha cerca de meio século.

"Evidentemente suas intuições tinham de ser tateantes, algumas vezes grosseiras, como é natural á sua fase embrionaria.

"O aparecimento dêsse médico no campo da instrução atraiu, como por encanto, a atenção de todas as classes cultas da familia brasileira. A divulgação do seu processo educativo feriu de morte os estabelecimentos congêneres da sua época, no Norte, ao menos.

"A audacia da sua iniciativa dispersou as corporações do ensino fradesco e truculento, que se obstinavam, entre nós, até o meiado do século passado, a imobilizar o pensamento e a energia no ideal clássico da mitologia e da latinidade.

"A figura insolente do novo pedagogo caiu a fundo sobre a barbaria avilitante do ensino infantil, pelo método medieval da flagelação, e o desbaratou. Os instintos da familia encontraram, por fim, uma expressão social nas reivindicações dêsse estranho paladino. Ele foi a certos respeitos um intérprete da natureza.

"Raul Pompéia, entretanto, lança-se a êsse homem e o esquarteja. Para requintar o suplicio, despe-o primeiramente, e lhe tatúa o corpo de estigmas.

"Ora, nem por ser de ouro o estilete, se deve absolver o braço do matador. Nada mais danoso á reputação de um artista que embriagar sua fan-

tasia, para fazer dela a pregoeira de seu genio. Isso lhe faz correr o risco de impudencia. A gloria buscada no vilipendio mata o escritor, como as drogas tóxicas matam, por fim, aqueles que confiam a seus artificios o semblante da beleza".

Eduardo Ramos alonga-se no demonstrar de suas téses contrarias aos internatos, mas o coração se lhe confrange á lembrança da longinqua estancia em que sua mocidade viceja, e, cheio de amor filial ao anjo de virtudes, que iluminou a vida a Abilio Cesar Borges e lhe pranteou no mundo a morte prematura, conclue nestas linhas de carinho:

"Eu seria injusto se de tantas reminiscências que toldaram a madrugada de minha infancia, em oito anos de internato, não evocasse agora, ao terminar este capítulo crepuscular de minha existência, o semblante seráfico da baroneza de Macahubas, da mamãe Chiquinha, nome caricioso com que a nossa inocencia respondia a sua inexequivel ternura. Por uma singular coincidencia, seus traços, como os conserva a minha memoria, de anos já tão distantes, assemelham-se aos que Canova o celebre escultor italiano, julgou mais acertados á obra-prima da sua Vestalis.

"Tenho uma copia de tamanho natural em meu gabinete de trabalho. Estou a vê-lo aqui. Levanto-me para depôr junto a ela um ramo de violetas".

Silencio, senhores, os ares suspiram uma melodia angélica. A tenue fumaça das almas rebrilha á luz ofuscante dos páramos celestes. O vulto de Macahúbas perpassa em vossa alma, na vossa misteriosa visão interior. Venerai-o; ensinai a amado os vossos filhos. Ele viveu e sofreu; teve tormentos e glorias; hoje descansa na gloria, guiando os obreiros da Patria, farol que se não ha de apagar no fastigio da educação nacional.

ÍNDICE

Prólogo 5

Cap.

I — Século de formação brasileira 7
II — Um diretor de instrução em 1850 22
III — Ação pedagógica na escola 48
IV — Vida escolar: sociabilização da escola 56
V — Educação secundária 68
VI — Um diretor de colégio em 1858 80
VII — Importância dos internatos 92
VIII — Livros e material escolar 144
IX — Ação extra escolar 176

Este Livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em novembro de 1942.

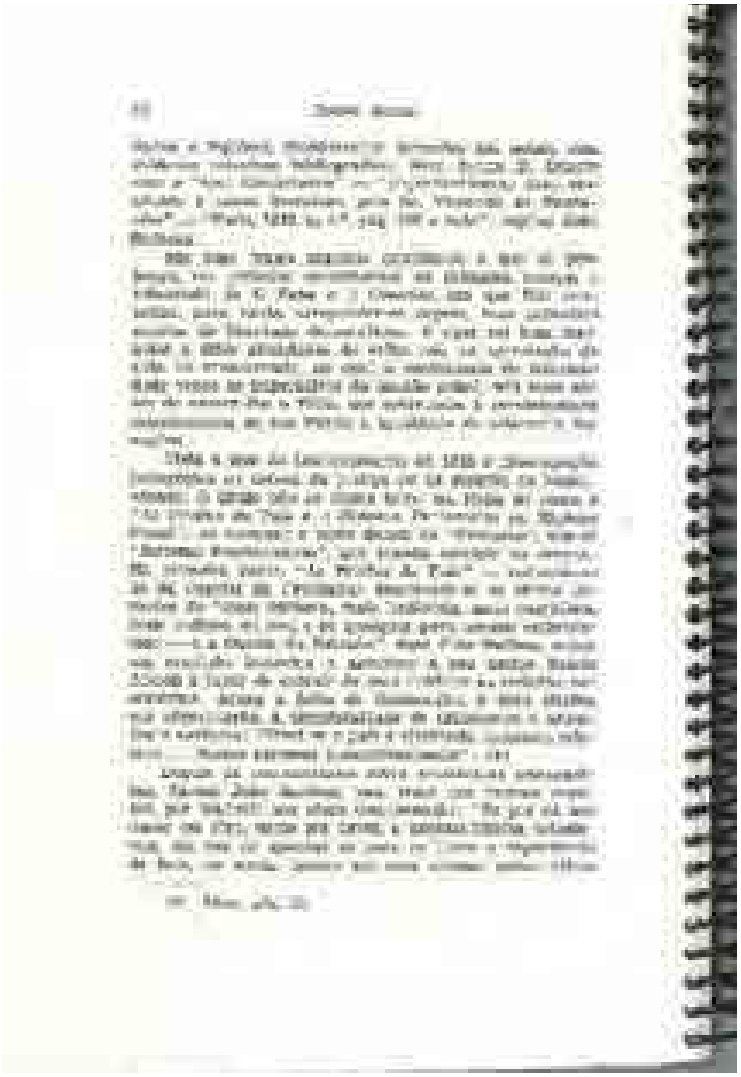
ISAÍAS ALVES

VOCAÇÃO PEDAGÓGICA DE RUI BARBOSA

CASA DE RUI BARBOSA • 1949

[illegible]

[illegible]



[illegible] [illegible] [illegible] [

III

A INFLUÊNCIA DOMESTICA E EDUCATIVA DE RUI

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

DESENVOLVIMENTO DA HIERARQUIA DO EPISCOPO E MINISTÉRIO APOSTÓLICO

[illegible]

(1) [illegible]

(2) [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

(1) [illegible]

[illegible]

(1) [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

CONCORDANCIAS E DESACORDOS ENTRE OS RELATORIOS DO PAI E OS PARECERES DO FILHO

O [illegible]

[illegible]

[illegible] (...) [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

[illegible]

(1) [illegible]
(2) [illegible]

[illegible]

(1) [illegible]
(2) [illegible]
(3) [illegible]

[illegible]

(1) Milton, pág. 131.
(2) Ibíd., páginas 132-133.

[illegible]

(3) [illegible], páginas 18-19.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

(1) Ibidem, pág. 53.

[illegible]

(1) Ibidem, pág. 54.
(2) Ibidem, pág. 54-55.
(3) Ibidem, pág. 57.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

17 [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

(39) [illegible]

[illegible]

(39) [illegible]
(40) [illegible]

[illegible] [1]

[illegible] [2]

[illegible]

(1) [illegible]

(2) [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

II — DIVERSAS OBRAS — CIVILIDADE VIVIDA

[illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

[illegible]

(1) Maurice Hauriou, Précis de droit constitutionnel, 2ème éd., Paris, Sirey, 1929, pág. 1.
(2) Idem, pág. 2.
(3) Idem, págs. 3-4.

2 — Aspectos formais do fenômeno jurídico

[illegible]

(4) V. Duguit, Traité de droit constitutionnel, 2ème éd., Paris, 1921, vol. II, pág. 57.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

II. Confissão dos réus

[illegible]

[illegible]

(1) [illegible]
(2) [illegible]
(3) [illegible]
(4) [illegible]

[illegible]

[illegible]

(1) [illegible]
(2) [illegible]
(3) [illegible]
(4) [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

(...) Obra, pág. 258.
(...) Obra, págs. 274-277.
(...) Obra, pág. 277.

§ 1.º Generalidades sobre o direito processual civil

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] (...)

[illegible] (...)

II — [illegible]

[illegible] (...)

(...) [illegible]
(...) [illegible]
(...) [illegible]

[illegible] (...)

[illegible] (...)

[illegible] (...)

(...) [illegible]
(...) [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] o como expectativa de vida, por isso foi [illegible] na escola para [illegible] de vida [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

ÍNDICE

Prefácio à 3ª edição 7
Apresentação à 2ª edição 11
Apresentação à 1ª edição 13
Introdução 17
Capítulo I — Noções gerais sobre o direito penal 21
Capítulo II — Princípios e garantias constitucionais penais 33
Capítulo III — Fontes do direito penal 49
Capítulo IV — Interpretação da lei penal 57
Capítulo V — Aplicação da lei penal 69
Capítulo VI — Princípios gerais do direito penal 77
Capítulo VII — Teoria da norma penal 89
Capítulo VIII — Teoria do crime 97
Capítulo IX — Crime doloso 105
Capítulo X — Crime culposo 113
Capítulo XI — Crime preterdoloso 121
Capítulo XII — Crime omissivo 125
Capítulo XIII — Crime omissivo impróprio 133
Capítulo XIV — Crime qualificado pelo resultado 141
Capítulo XV — Crime consumado e crime tentado 145
Capítulo XVI — Desistência voluntária e arrependimento eficaz 153
Capítulo XVII — Crime impossível 157
Capítulo XVIII — Arrependimento posterior 161
Capítulo XIX — Crime putativo 165
Capítulo XX — Crime putativo por erro de proibição 169
Capítulo XXI — Concurso de pessoas 177
Capítulo XXII — Concurso de pessoas e crimes omissivos 185
Capítulo XXIII — Concurso de pessoas e crimes culposos 189
Capítulo XXIV — Concurso de pessoas e crimes preterdolosos 193
Capítulo XXV — Concurso de pessoas e crimes qualificados pelo resultado 197
Capítulo XXVI — Concurso de pessoas e crimes de mão própria 201
Capítulo XXVII — Concurso de pessoas e crimes próprios 205
Capítulo XXVIII — Concurso de pessoas e crimes de atentado 209
Capítulo XXIX — Concurso de pessoas e crimes habituais 213
Capítulo XXX — Concurso de pessoas e crimes de perigo 217
Capítulo XXXI — Concurso de pessoas e crimes de dano 221
Capítulo XXXII — Concurso de pessoas e crimes de resultado 225
Capítulo XXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação 229
Capítulo XXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão 233
Capítulo XXXV — Concurso de pessoas e crimes de ação e omissão 237
Capítulo XXXVI — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado 241
Capítulo XXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado 245
Capítulo XXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e omissão e resultado 249
Capítulo XXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 253
Capítulo XL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 257
Capítulo XLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 261
Capítulo XLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 265
Capítulo XLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 269
Capítulo XLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 273
Capítulo XLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 277
Capítulo XLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 281
Capítulo XLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 285
Capítulo XLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 289
Capítulo XLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 293
Capítulo L — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 297
Capítulo LI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 301
Capítulo LII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 305
Capítulo LIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 309
Capítulo LIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 313
Capítulo LV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 317
Capítulo LVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 321
Capítulo LVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 325
Capítulo LVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 329
Capítulo LIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 333
Capítulo LX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 337
Capítulo LXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 341
Capítulo LXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 345
Capítulo LXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 349
Capítulo LXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 353
Capítulo LXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 357
Capítulo LXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 361
Capítulo LXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 365
Capítulo LXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 369
Capítulo LXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 373
Capítulo LXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 377
Capítulo LXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 381
Capítulo LXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 385
Capítulo LXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 389
Capítulo LXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 393
Capítulo LXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 397
Capítulo LXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 401
Capítulo LXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 405
Capítulo LXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 409
Capítulo LXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 413
Capítulo LXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 417
Capítulo LXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 421
Capítulo LXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 425
Capítulo LXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 429
Capítulo LXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 433
Capítulo LXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 437
Capítulo LXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 441
Capítulo LXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 445
Capítulo LXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 449
Capítulo LXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 453
Capítulo XC — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 457
Capítulo XCI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 461
Capítulo XCII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 465
Capítulo XCIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 469
Capítulo XCIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 473
Capítulo XCV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 477
Capítulo XCVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 481
Capítulo XCVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 485
Capítulo XCVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 489
Capítulo XCIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 493
Capítulo C — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 497
Capítulo CI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 501
Capítulo CII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 505
Capítulo CIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 509
Capítulo CIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 513
Capítulo CV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 517
Capítulo CVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 521
Capítulo CVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 525
Capítulo CVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 529
Capítulo CIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 533
Capítulo CX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 537
Capítulo CXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 541
Capítulo CXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 545
Capítulo CXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 549
Capítulo CXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 553
Capítulo CXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 557
Capítulo CXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 561
Capítulo CXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 565
Capítulo CXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 569
Capítulo CXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 573
Capítulo CXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 577
Capítulo CXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 581
Capítulo CXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 585
Capítulo CXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 589
Capítulo CXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 593
Capítulo CXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 597
Capítulo CXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 601
Capítulo CXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 605
Capítulo CXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 609
Capítulo CXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 613
Capítulo CXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 617
Capítulo CXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 621
Capítulo CXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 625
Capítulo CXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 629
Capítulo CXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 633
Capítulo CXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 637
Capítulo CXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 641
Capítulo CXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 645
Capítulo CXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 649
Capítulo CXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 653
Capítulo CXL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 657
Capítulo CXLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 661
Capítulo CXLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 665
Capítulo CXLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 669
Capítulo CXLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 673
Capítulo CXLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 677
Capítulo CXLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 681
Capítulo CXLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 685
Capítulo CXLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 689
Capítulo CXLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 693
Capítulo CL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 697
Capítulo CLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 701
Capítulo CLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 705
Capítulo CLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 709
Capítulo CLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 713
Capítulo CLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 717
Capítulo CLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 721
Capítulo CLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 725
Capítulo CLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 729
Capítulo CLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 733
Capítulo CLX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 737
Capítulo CLXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 741
Capítulo CLXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 745
Capítulo CLXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 749
Capítulo CLXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 753
Capítulo CLXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 757
Capítulo CLXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 761
Capítulo CLXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 765
Capítulo CLXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 769
Capítulo CLXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 773
Capítulo CLXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 777
Capítulo CLXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 781
Capítulo CLXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 785
Capítulo CLXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 789
Capítulo CLXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 793
Capítulo CLXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 797
Capítulo CLXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 801
Capítulo CLXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 805
Capítulo CLXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 809
Capítulo CLXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 813
Capítulo CLXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 817
Capítulo CLXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 821
Capítulo CLXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 825
Capítulo CLXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 829
Capítulo CLXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 833
Capítulo CLXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 837
Capítulo CLXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 841
Capítulo CLXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 845
Capítulo CLXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 849
Capítulo CLXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 853
Capítulo CXC — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 857
Capítulo CXCI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 861
Capítulo CXCII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 865
Capítulo CXCIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 869
Capítulo CXCIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 873
Capítulo CXCV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 877
Capítulo CXCVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 881
Capítulo CXCVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 885
Capítulo CXCVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 889
Capítulo CXCIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 893
Capítulo CC — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 897
Capítulo CCI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 901
Capítulo CCII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 905
Capítulo CCIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 909
Capítulo CCIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 913
Capítulo CCV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 917
Capítulo CCVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 921
Capítulo CCVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 925
Capítulo CCVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 929
Capítulo CCIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 933
Capítulo CCX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 937
Capítulo CCXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 941
Capítulo CCXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 945
Capítulo CCXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 949
Capítulo CCXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 953
Capítulo CCXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 957
Capítulo CCXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 961
Capítulo CCXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 965
Capítulo CCXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 969
Capítulo CCXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 973
Capítulo CCXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 977
Capítulo CCXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 981
Capítulo CCXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 985
Capítulo CCXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 989
Capítulo CCXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 993
Capítulo CCXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 997
Capítulo CCXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1001
Capítulo CCXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1005
Capítulo CCXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1009
Capítulo CCXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1013
Capítulo CCXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1017
Capítulo CCXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1021
Capítulo CCXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1025
Capítulo CCXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1029
Capítulo CCXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1033
Capítulo CCXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1037
Capítulo CCXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1041
Capítulo CCXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1045
Capítulo CCXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1049
Capítulo CCXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1053
Capítulo CCXL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1057
Capítulo CCXLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1061
Capítulo CCXLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1065
Capítulo CCXLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1069
Capítulo CCXLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1073
Capítulo CCXLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1077
Capítulo CCXLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1081
Capítulo CCXLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1085
Capítulo CCXLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1089
Capítulo CCXLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1093
Capítulo CCL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1097
Capítulo CCLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1101
Capítulo CCLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1105
Capítulo CCLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1109
Capítulo CCLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1113
Capítulo CCLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1117
Capítulo CCLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1121
Capítulo CCLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1125
Capítulo CCLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1129
Capítulo CCLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1133
Capítulo CCLX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1137
Capítulo CCLXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1141
Capítulo CCLXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1145
Capítulo CCLXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1149
Capítulo CCLXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1153
Capítulo CCLXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1157
Capítulo CCLXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1161
Capítulo CCLXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1165
Capítulo CCLXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1169
Capítulo CCLXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1173
Capítulo CCLXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1177
Capítulo CCLXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1181
Capítulo CCLXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1185
Capítulo CCLXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1189
Capítulo CCLXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1193
Capítulo CCLXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1197
Capítulo CCLXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1201
Capítulo CCLXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1205
Capítulo CCLXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1209
Capítulo CCLXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1213
Capítulo CCLXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1217
Capítulo CCLXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1221
Capítulo CCLXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1225
Capítulo CCLXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1229
Capítulo CCLXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1233
Capítulo CCLXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1237
Capítulo CCLXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1241
Capítulo CCLXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1245
Capítulo CCLXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1249
Capítulo CCLXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1253
Capítulo CCXC — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1257
Capítulo CCXCI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1261
Capítulo CCXCII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1265
Capítulo CCXCIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1269
Capítulo CCXCIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1273
Capítulo CCXCV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1277
Capítulo CCXCVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1281
Capítulo CCXCVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1285
Capítulo CCXCVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1289
Capítulo CCXCIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1293
Capítulo CCC — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1297
Capítulo CCCI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1301
Capítulo CCCII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1305
Capítulo CCCIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1309
Capítulo CCCIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1313
Capítulo CCCV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1317
Capítulo CCCVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1321
Capítulo CCCVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1325
Capítulo CCCVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1329
Capítulo CCCIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1333
Capítulo CCCX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1337
Capítulo CCCXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1341
Capítulo CCCXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1345
Capítulo CCCXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1349
Capítulo CCCXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1353
Capítulo CCCXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1357
Capítulo CCCXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1361
Capítulo CCCXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1365
Capítulo CCCXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1369
Capítulo CCCXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1373
Capítulo CCCXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1377
Capítulo CCCXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1381
Capítulo CCCXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1385
Capítulo CCCXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1389
Capítulo CCCXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1393
Capítulo CCCXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1397
Capítulo CCCXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1401
Capítulo CCCXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1405
Capítulo CCCXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1409
Capítulo CCCXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1413
Capítulo CCCXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1417
Capítulo CCCXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1421
Capítulo CCCXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1425
Capítulo CCCXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1429
Capítulo CCCXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1433
Capítulo CCCXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1437
Capítulo CCCXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1441
Capítulo CCCXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1445
Capítulo CCCXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1449
Capítulo CCCXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1453
Capítulo CCCXL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1457
Capítulo CCCXLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1461
Capítulo CCCXLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1465
Capítulo CCCXLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1469
Capítulo CCCXLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1473
Capítulo CCCXLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1477
Capítulo CCCXLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1481
Capítulo CCCXLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1485
Capítulo CCCXLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1489
Capítulo CCCXLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1493
Capítulo CCCL — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1497
Capítulo CCCLI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1501
Capítulo CCCLII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1505
Capítulo CCCLIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1509
Capítulo CCCLIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1513
Capítulo CCCLV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1517
Capítulo CCCLVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1521
Capítulo CCCLVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1525
Capítulo CCCLVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1529
Capítulo CCCLIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1533
Capítulo CCCLX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1537
Capítulo CCCLXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1541
Capítulo CCCLXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1545
Capítulo CCCLXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1549
Capítulo CCCLXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1553
Capítulo CCCLXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1557
Capítulo CCCLXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1561
Capítulo CCCLXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1565
Capítulo CCCLXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1569
Capítulo CCCLXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1573
Capítulo CCCLXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1577
Capítulo CCCLXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1581
Capítulo CCCLXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1585
Capítulo CCCLXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1589
Capítulo CCCLXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1593
Capítulo CCCLXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1597
Capítulo CCCLXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1601
Capítulo CCCLXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1605
Capítulo CCCLXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1609
Capítulo CCCLXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1613
Capítulo CCCLXXX — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1617
Capítulo CCCLXXXI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1621
Capítulo CCCLXXXII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1625
Capítulo CCCLXXXIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1629
Capítulo CCCLXXXIV — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1633
Capítulo CCCLXXXV — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1637
Capítulo CCCLXXXVI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1641
Capítulo CCCLXXXVII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1645
Capítulo CCCLXXXVIII — Concurso de pessoas e crimes de ação e resultado e omissão 1649
Capítulo CCCLXXXIX — Concurso de pessoas e crimes de omissão e ação e resultado 1653
Capítulo CCCXC — Concurso de pessoas e crimes de resultado e ação e omissão 1657
Capítulo CCCXCI — Concurso de pessoas e crimes de resultado e omissão e ação 1661
Capítulo CCCXCII — Concurso de pessoas e crimes de omissão e resultado e ação 1665
Capítulo CCCXCIII — Concurso de pessoas e crimes de ação